
3 1761 06233988 2

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

COMISSÃO DOS CENTENÁRIOS DE CEUTA E ALBUQUERQUE

COMEMORAÇÃO

DO

QUINTO CENTENÁRIO

DA

TOMADA DE CEUTA

1.ª SÉRIE — TEXTOS HISTÓRICOS

Anais de Arzila

CRÓNICA INÉDITA DO SÉCULO XVI

POR

BERNARDO RODRIGUES

PUBLICADA POR ORDEM DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
E SOB A DIRECÇÃO

DE

DAVID LOPES
SÓCIO EFECTIVO DA MESMA ACADEMIA

TOMO II

(1525-1535)

SUPLEMENTO

(1536-1550)



ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
Rua do Arco a Jesus, 113
LISBOA

Coimbra — Imprensa da Universidade — 1919

ADVERTÊNCIA

Este segundo tômo dos *Anais de Arzila* devia ter como introdução a história de Arzila durante o domínio português. Feito êsse estudo, vimos que, pela sua extensão, êle engrossaria demasiado o tômo, e decidimos, por isso, publicá-lo em volume à parte. Cumpriremos assim a promessa que fizemos no primeiro tômo, p. XXXIX.

DAVID LOPES

INDICE DE MATÉRIAS

Damos entre parênteses quadrados os anos dos *Anais de Arzila* na ordem cronológica.

LIVRO QUARTO

Da segunda capitania de Dom João Coutinho conde do Redondo

SUPLEMENTO

Arzila de 1535 a 1549

Capitania de Dom Manuel Mascarenhas [Ano de 1539]

[Ano de 15[illegible]]

Capitania de D. Francisco Coutinho, conde do Redondo

APÊNDICE AO SUPLEMENTO

CORRIGENDA

A primeira forma é a errada e a segunda a exacta; o primeiro algarismo indica a página e o segundo a linha respectiva.

Corrija-se:

primeiro	3– 1 das notas	: terceiro
Christo	5–19	: Cristo
Alé Benaix	12–23 (25, 26)	: Alebenaix
Alé Moquique	13–32 (33)	: Alemoquique
Alé Benaix	13–35	: Alebenaix
Benamandux	24– 5	: Benamendux
Alé Barraxe	28–33	: Alebarraxe
vinho	32–12	: vinha
adentro	54–39	: a dentro
;	61– 1	: ,
meio	82–32	: Meio
da	83–12	: de
Thomé	85– 2 (9, 16, 22)	: Tomé
;	86–11	: ,
Viera	90–22	: Vieira
corregada	92– 4	: carregada
tomado	93–15	: tomada
vertudas	102– 9	: vertudes
Alé Barraxe	107–14	: Alebarraxe
romperiamps	122–29	: romperiamos
nossos	125– 4	: nosos
e	125– 6	: o
atalar	128–27	: a talar
capitães	144–29	: nosos
Liões	147–33	: liões
serra	149–11	: terra
Pírez	153– 7	: Pérez
sala	183–19	: sela
fomos	195–19	: fôrão
Barbarroxa	272–10 (20, 24, 31, 35)	: Barba Roxa
Qem	273–19	: Quem
as	275– 1	: asi
1535	277– 2	: 1536
arzila	279– 9	: Arzila
nominação	279–20	: dominação

Abraem	281– 5	: Abrahêm
Abraem	284– 2 (5)	: Abrahêm
Abraem	287– 2	: Abrahêm
Abrahem	288– 3 (6)	: Abrahêm
[dantes][?]	288–38	: [dantes?]
Abraem	291– 4	: Abrahêm
Mazcarenhas	297– 1 (4)	: Mascarenhas
Ehiaque	306– 3	: Ehia que
veneza	311– 3	: Veneza
della	338–16	: de lla
Mrscarenhas	344–18	: Mascarenhas
asy	348–13	: a sy
el-rei	350–15	: el-rei D. João III
servjço	358–21	: servjço
aparecer	370–22	: a parecer
fosse	375– 1	: não fosse
e	375– 2	: o
Escuza	379– 9	: Escura
capitayas	379–16	: capitanyas
1544	379–26	: 1545
;	381–29	: —
pezar	387–27	: pesar
ecrto	393–25	: certo
apezar	397– 4	: a-pesar-
se	397– 5	: *suprima-se*
a ver	411–11	: aver
55	425 (número da folha)	: 54
6	468–23	: 9
da	479–26	: de
e seu filho Xulla alcaide de Mequinez	487–19	: *suprima-se*
calu	488–27	: cala
yça	488–33	: Yça

Além destas correcções, devemos indicar também algumas irregularidades que o texto apresenta, por culpa nossa. Assim, há nele, por vezes, hesitação no emprêgo de certas formas, quer de nomes comuns, quer de nomes proprios: «almogaveria», 16–14, 17–23, 83–11, etc.: «almogavaria», 50–18 (29), 177–26 (30), etc.: «almogavares», 29–9 (32), 30–5, 145–15, etc.; «almogaveres», 151–16, 160–4, 164–8 (10), etc.; «Alé Barraxe», «Alé Benaix», etc., por «Alebarraxe», «Alebenaix», etc. Ainda que umas e outras formas existam no original, nos tinhamo-las uniformizado e adoptado no tomo I «almogaverias» e «almogaveres», bem como «Alebarraxe» e assim deviamos ter procedido nestes casos referidos.

Ha, igualmente, muitas hesitações na nova ortografia e mais especialmente na acentuação.

Todavia, varias formas parecem inexactas, mas estão dêste modo nos codices ou documentos manuscritos, assim: «ponte», 147–37, talvez «ponta»; «este», 153–26, talvez «esta»; «cabo», 186–18, talvez «rabo»; «estreito», 192–24, talvez «esteiro»; «Povos», 194–13, «Povoa», etc.

O documento LXVII devia preceder o LXVI: neste pede-se a el-rei de Portugal socorro contra o xerife e naquele já se manda embaixador negociar êsse socorro.

O documento LXXXIX não deve ser de 29 de Junho, como se vê da sua comparação

com o documento XCVI. Luís de Loureiro foi mandado duas vezes à Andaluzia; a primeira talvez em Fevereiro ou Março, como mostra a narrativa de Andrade, Parte IV, cap. 35; e a segunda em 30 de Junho, aparentemente para prover de gente os lugares de África, mas, de facto, para despejar Arzila.

O documento XCVI, já referido, devia preceder todos os documentos que teem a data de 30 de Junho, visto tratar-se nele de medidas que preparam o abandono de Arzila, que nesses outros se diz como se deve fazer.

A data do documento XCVII não parece exacta; é, talvez, 17 de Agosto, como se depreende do documento seguinte.

O documento C é certamente de Agosto, como se vê do conteúdo; do mesmo modo o CI, comparando-o com a parte final de C.

O documento CIV é de 1549, como mostra o seu conteúdo.

O documento CVIII é de 9 e não de 6 de Junho, como se vê do documento CIX.

Neste lugar, à falta de outro, fazemos os nossos agradecimentos à Imprensa da Universidade. Os *Anais de Arzila* devem muito à solicita competência do sr. Cândido Augusto Nazaré e dos seus colaboradores. Por isso, aqui lhes exprimimos todo o nosso louvor.

ANAIS DE ARZILA

LIVRO TERCEIRO

Da capitania de Antonio da Silveira[1]

CAPITULO I

De como e em que tempo Antonio da Silveira tomou a capitania e governança d'Arzila; e algũas cousas mais com a tomada da molher e filho de Diogo da Silveira

Tanto que o conde Dom João Coutinho foi embarcado com a condesa, sua molher, e filhos e casa pera Portugal, ficando Antonio da Silveira por capitão e governador, não sem algum desgosto que dalguns criados do conde ouve, os quais, não oulhando, nem lhe lembrando ser ele dito capitão primo com irmão da condesa e pedido e requerido polo conde pera em seu lugar ficar, e serem suas mostras de excelente capitão, mostrando ser muito magnifico, nobre, prudente, sufrido, e que sua cavalaria era mais da que a um capitão é necesaria, e, sem quererem exprimentar a muita nobreza e mansidão dele dito capitão e de sua molher, Dona Jenebra, murmurando, soltárão algũas palavras que nos ouvidos dos ditos senhores não soárão bem; e, posto que muito bem se pudera desimular e pasar por elas, deitando mão [delas][2] se ouvérão algum tanto regurosos, especialmente contra Anrique do Rego, almoxarife e pesoa muito honrada e da criação do coudel-mór, tio do dito capitão: tirando-lhe o oficio e tomando-lhe conta, foi causa que se viese pera Portugal, e em casa do conde faleceo. Tãobem por esta causa se veio Caterina Afonso, sogra de Lopo Mêndez de Vasconcelos, e com ela o dito Lopo Mêndez, o qual não tardou muito que não tornou e foi bem recebido dele dito capitão, e lhe tornou seu oficio de almotacel, que nos lugares d'Africa é honrado e de muito proveito; e depois o dito Lopo Mêndez o servio muito bem e lealmente, asi com sua pesoa, como sendo capitão de ũa caravela d'armada, das duas que el-rei, noso senhor, traz[3] no Estreito.

1. Livro primeiro. Da capitania de Antonio da Silveira] *f. em todos os mss.* — 2. [delas] *f.* A. — 3. traz] trazia B N L M.

Pois sendo Antonio da Silveira capitão e estando a vila muito falta de jente, e não aver nela mais que outenta de cavalo, e isto por aver pasado o desbarate e morte de Dom Manoel de Meneses com toda a mais jente da vila, e tãobem virem com o conde os seus e alguns moradores, e neste tempo estava tudo ás escuras, por estarem os portos cerrados e não ir, nem vir ninguem de terra de mouros, e isto polo conde, antes que partise, deitar mão de ũa cafila e a não leixar ir até não se pagarem algũas dividas que se devião, e por isto, ficando o alcaide escandalizado, não queria que ninguem fose, nem viese, o que era em muito perjuizo de nós outros, que, sempre que vem cafilas, os capitães sabem novas e avisos, polas quais mândão fora, ou se guárdão, — pois não avendo nova de nenhũa parte e o capitão desejando muito de saber o que se pasava, mandou tomar ũa lingoa por Artur Rodriguez, o qual foi duas vezes fora sem a poder tomar; e, estando o capitão com este cuidado, lhe trouve Deos um mouro que se veio tornar cristão, o qual não tinha lingoa pera falar, nem ouvidos pera ouvir, e foi logo conhecido que era um mudo que foi cativo de um armeiro e que, ajudando a seu senhor, sabia alimpar e estofar um capacete e ũas armas brancas. O capitão ficou confuso, quando o vio mudo e que nenhũa cousa ouvia, nem falava, mas logo, polos muitos acenos e jeitos que fazia com as mãos e rosto, foi entendido que queria duas cousas, e deu a entender queria ser cristão, fazendo o sinal da cruz e pondo-se de joelhos, asinalando pera a igreja, e, sendo levado a igreja, se fez cristão, confirmando a fé e baptismo os padrinhos. O capitão lhe fez logo dar a tença d'armeiro por estar de vago, e a teve por muitos anos, servindo na vila d'armeiro.

Tãobem por seus acenos deu a entender que não avia ninguem [no campo] [1] e que homens e molheres andavão segando e que fosem trazê-los [2], e que lhe cortasem a cabeça se não fose asi. Com esta tão cerrada nova, o capitão deu licença a Afonso Barriga, pedreiro, e a Estêvão Fernândez, que, por saberem o campo, servião d'almocadens e tinhão já pedido licença pera irem fora, e, indo com dezasete ou dezoito de cavalo, se fôrão lançar na ribeira da outra parte de Benagorfate, e, vendo que os de Zahara andávão largos, saindo tomárão tres mouros e duas mouras, ũa delas com ũa criança, e esta é a molher e filho de Diogo da Silveira; e, posto que Afonso Barriga pudera lançar mão dalgũas vacas, não se quis embaraçar e, com seus mouros e mouras, se veio pera a vila, donde fôrão recebidos do capitão com muito grande contentamento e alegria, por ser esta a primeira cousa que em seu tempo se fez, e ter largas novas do que desejava; e, vendidos estes mouros, Fernão Caldeira comprou a molher e filho de Diogo da Silveira.

1. [no campo] *f.* A. — 2. e que... andávão segando e que fosem trazê-los] sómente... segando e que fosem por eles B N L M.

Com a nova destes mouros, o capitão deu algum proveito á vila, dando-lhe toda aquela semana guardas largas, e indo a monte se trouxe [1] muita carne, mel e cera e outras cousas do campo, e com isto sómente se contentou por alguns dias, até que Deos trouxe Diogo da Silveira em busca de sua molher e filho, com a qual vinda veio toda a filicidade e boa ventura, e com sua vinda começou levantar cabeça, trazendo presas de mouros, mouras e gado, com que a vila tornou em sua prosperidade, crecendo em jente de cavalo e em abastança, como se logo verá começando de sua vinda e grandes feitos e de sua pesoa e calidade, e certo que, ainda que é vivo, se pode sem algũa lijonja louvar: isto podem ver no seguinte capitulo.

CAPITULO II

De como e em que tempo o grande e muito afamado Diogo da Silveira veio buscar e tomar a fé de noso senhor Jesu Cristo e do grande contentamento que o capitão e toda a vila ouve com sua vinda

Dous meses avia que Antonio da Silveira era capitão d'Arzila e a governava, quando o muito afamado e estimado Diogo da Silveira, alumiado pola graça do Espirito Santo, veio buscar e demandar a fé de noso senhor Jesu Christo. Foi causa e principio desta sua vinda a prisão e cativeiro de sua molher e filho, que avia um mês que fora cativa por uns almogavares d'Arzila, de que fora almocadem Afonso Barriga, pedreiro, como no capitulo atrás ei apontado. Pois tomada por Antonio da Silveira a governança e capitania d'Arzila em o primeiro dia de maio, que foi dia dos bem aventurados apostolos Santiago e São Felipe, do ano da salvação do mundo de mil e quinhentos e vinte cinco anos, pois, antes que este mês de maio saise, foi presa e cativa esta molher de Diogo da Silveira com seu filho, que fôrão causa de tanta filicidade e bem aventurança, como Arzila teve, até que, por nosos pecados, foi dada a final sentença que se entregase a quem nunca teve, nem tinha esperança de a aver, com a perdição e destruição de todos nós outros os moradores dela.

Pois antes que o segundo mês pasase e pasados quatro ou cinco dias depois de Sam João, dia de muita calma, que, por não aver que fazer no campo, as atalaias sairão muito tarde, e, chegando Pero Fernândez o Torto á Atalaia Ruiva, vendo junto de si um homem de cavalo, fujio, dando rebate até [a] [2] Atalainha da Atalaia Ruiva; e, posto que o de cavalo o chamava e lhe fez sinal que o esperase, não parou até [a] [2] Atalainha,

1. se trouxe] e se trouxe A; se trazia B N L M. — 2. [a] *f. em todos os mss.*

donde já estávão outros tres ou quatro de cavalo, e, vendo-o vir pola estrada, o esperárão, e, chegando a eles, lhes preguntou que «quem era capitão». Pero Fernândez o Torto lhe respondeu que Antonio da Silveira. O mouro de cavalo lhe dise: «Chegai ao capitão e lhe dizei que o mouro de seu primo, Eitor da Silveira, o vem buscar, e eu vos fico que ele vos dê boas alvixeras e vós pedi-lh'as». Pero Fernândez, quanto o cavalo pode, chegou ao Facho, donde já o capitão estava com todos nós outros, que aviamos saido a repique. Com as novas de Pero Fernândez o capitou folgou muito, parecendo-lhe que era alfaqueque e que se abririão os portos, que muito desejavamos, e, dando a andar, o foi receber á carreira do Almirante, e, chegando ao mouro, ele se deceo e se veio ao capitão, dizendo: «Senhor, muitos dias ha que desejava fazer isto, e oje com catorze de cavalo estivemos em Tendefe e dahi na Atalaia Ruiva e eu por seu almocadem, e desejava de me mesturar com vós outros e os entregar, e eles, sospeitando algũa cousa, não quisérão esperar, e do Zambujeiro me apartei deles e me venho pera vós e quero ser cristão, e espero em Deos que minhas obras sêjão testemunha da vontade que trago». O capitão conhecendo-o, que fora cativo de Eitor da Silveira, seu primo, filho do coudel-mór, o abraçou e o fez cavalgar, e, tratando-o com muito amor e gasalhado, lhe preguntou polas novas da terra, ao que o mouro respondeu que o campo era seguro e que podia dar guarda donde mais proveito fizese. O capitão muito contente o mandou com Fernão Rodríguez Colares e o entregase a Dona Jenebra, molher dele dito capitão, e que mandase todos ir á guarda, e ele se ficou com a guarda até bom pedaço da noute; e, quando foi na vila, achou que Dona Jenebra lhe avia feito muita honra e gasalhado, de que o dito capitão, seu marido, foi muito contente, e, fazendo-lhe muita honra, quis que fose seu ospede, pondo-o á sua mesa e dormindo em sua casa; e sabendo dele sua boa entenção, e como tinha sua molher e filho cativo em poder de Fernão Caldeira, e dando-lh'a a faria cristã, o dito capitão e sua molher fôrão tão ledos que não cabião de prazer, e, fazendo-lhe muitas ofertas, lhe prometeo que logo lhe daria sua molher e filho, e logo os comprou por cento e cincoenta cruzados, os quais cento e cincenta cruzados el-rei, noso senhor, liberalmente mandou pagar ao dito Fernão Caldeira, e fôrão todos tres feitos cristãos com muita honra de Antonio da Silveira e de sua molher, Dona Jenebra, sendo seus padrinhos, e ele tomou o apelido do dito capitão e ela o de sua molher, Dona Jenebra, chamando-se ele Diogo da Silveira, e ela se pôs nome Jenebra de Brito, e o filho Antonio de Brito, e, dentro em sua casa, em ũa torrinha que cai antre as portas da Ribeira e se serve pola ante-camara e recolhimento dele dito capitão e a guarda-roupa, foi apousentado Diogo da Silveira e sua molher, comendo sempre á mesa do dito capitão, e sua molher e filho com a dita senhora Dona Jenebra, fazendo-lhe sempre muita honra, favor e mercê, até que, avendo o dito capitão ũas

casas, que fôrão de Antonio Pimenta, lh'as deu e lhe fez mercê delas, nas quais ele viveo e teve até o despejo da vila.

Era Diogo da Silveira natural de Benagorfate, de ũa das principais aldeas, chamada Çahara, de muito honrados parentes e muito cavaleiros, em que os alcaides muito confiávão: e ao noso despejo era adail d'Alcacere Quebir um seu primo, chamado Almeçure, de grande pesoa e de maior cargo. Foi Diogo da Silveira cativo no ano de mil e quinhentos e dezasete e comprado por Eitor da Silveira, filho do coudel-mór, que em Arzila estava por fronteiro, que, por Diogo da Silveira ser mancebo e muito bem disposto, o quisera trazer a Portugal, mas ele foi logo resgatado por doze quintais de cera, por ele, já neste tempo, ter duas mil e tantas colmeas suas, todas na serra de Benagorfate. É Diogo da Silveira homem de grande corpo e de muito boa e jentil desposição, muito alvo e de poucas carnes, muito bem acostumado e o melhor regrado, asi em sua casa, como fora dela, e homem que falava muito bem e de grandes enxemplos, ditos tanto ao preposito que toda pesoa folgava de o ouvir. Com sua pesoa afeiçoava [1] que todos o amasem [1] e lhe desejasem [1] todo o bem; muito amigo de sua casa, molher e filhos, finalmente, nenhũa cousa lhe falta de homem muito honrado.

Pois tenho contado as calidades e pesoa de Diogo da Silveira e o tempo em que se fez cristão, parece-me razão entrar no grande golfão de seus grandes feitos, socedidos por sua grande e boa fortuna e muita prudencia, ajudando-o noso senhor Deos, pois ha trinta e cinco anos que faz a guerra e está antre nós outros, nunca lhe aconteceo desmancho, nem revés do que ele queria, nem perdeo homem que em sua companhia levase, tendo neste tempo trazido a Arzila e tomado com suas mãos e ardis pasante de setecentos mouros, homens e molheres e creanças, ainda que a guerra, fazendo seu oficio, lhe gastou e consumio a poder de muitas lançadas tres filhos, como muito mais largo se verá polos sucesos que neste tempo pasárão e eu nesta obra entendo escrever, querendo e ajudando-me Deos.

1. afeiçoava... amasem... desejasem] afeiçoa... amem... desêjão B N L M.

CAPITULO III

De como Diogo da Silveira tomou dous mouros da sua terra e do que mais pasou antre Antonio da Silveira e Dom Duarte de Meneses o d'Evora capitão de Tanjere sobre irem fora

Muito poucos dias pasárão, depois que Diogo da Silveira foi crístão com sua molher e filho, que não pedio licença pera ir fora; e, posto que Arzila estava quebrada e nela não avia outenta de cavalo, por não aver dous anos que fora morto Dom Manoel de Meneses, filho de Dom João de Meneses, por alcunha Ladrão, e neto do conde de Cantanhede, capitão d'Arzila, com [casi] [1] toda a jente da vila, como atrás fica apontado, o capitão lh'a deu, e com .... [2] de cavalo se foi a Çahara, donde tomou da sua propria aldea, donde era natural, dous mouros .... [3]; e, vindo á vila, foi muito grande o contentamento que o capitão, Antonio da Silveira, teve, por Diogo da Silveira começar a se umiziar, e tãobem, como a vila estava quebrada e desfavorecida, [muitos] [4] murmurávão e não confiávão nele, e crecia a inveja de verem a honra que o capitão lhe fazia, — pois chegado Diogo da Silveira á vila com estes dous mouros, que fôrão os primeiros que ele tomou, e, feitas polo capitão as preguntas acostumadas, pôs em vontade ir fora; e, por ser necesario mais jente da que em Arzila avia, pera donde Diogo da Silveira o queria levar, logo aquela noute mandou dous de cavalo a Tanjere a chamar a Dom Duarte de Meneses, o d'Evora, capitão da dita cidade, que com ele se viese ajuntar e ambos irem a fazer o feito que Diogo da Silveira lhe dava.

Tanto que Dom Duarte vio as cartas e recado de Antonio da Silveira, mandou logo ao adail e contador, Diogo Mêndez d'Azevedo, que em um navio d'armada, de que era capitão Bastião Coelho, viese a Arzila e tomase enformação de Diogo da Silveira e dos dous mouros, o qual Diogo Mêndez, ao outro dia, por fazer levante, ao meio-dia, chegou a Arzila; e, sabendo Antonio da Silveira como se vinha a enformar da nova e ardil, fez logo embarcar, no mesmo navio de Bastião Coelho, a Diogo da Silveira e aos dous mouros, que Diogo Mêndez os levase a Tanjere, pera que Dom Duarte melhor se informase deles; e, partindo logo Bastião Coelho, por o levante ser muito, depois de andar ás bombardadas com ũa nao, foi surjir a Almadraba, duas legoas de Tanjere, donde logo

1. [casi] *f.* A. — 2. ...] *em branco* A; certos B N L M. — 3. ...] *em branco* A B N; *sem branco* L M. — 4. [muitos] *f.* A.

viérão ter cinco ou seis atalaias, e Diogo Mêndez d'Azevedo, tomando os cavalos ás tres delas, cavalgando ele em um e Diogo da Silveira noutro, e os dous mouros no outro, se fôrão á cidade; e, posto que Dom Duarte de Meneses era capitão percatado, visto a[1] Diogo da Silveira e a nova dos mouros e o requerimento do capitão, Antonio da Silveira, detreminou de vir a Arzila e não pasar da serra do Farrobo ou de Benamares, e mandando logo a Diogo da Silveira e aos mouros [e][2] a[3] Bastião Coelho, que na Almadraba estava, se viesem pera Arzila, e que ele viria por Tagadarte, e que mandasem barcos que os pasasem, e se fez prestes pera logo partir.

Chegando Bastião Coelho a Arzila, que, por fazer levante, não tardou duas oras, e com ele Diogo da Silveira, e dando a nova ao capitão, Antonio da Silveira, como Dom Duarte vinha, e que não queria ir á ponte d'Alcacere, nem á terra dele Diogo da Silveira, sómente ao Farrobo ou a Benamares, Antonio da Silveira não quis e, mandando logo a João Moniz, adail, a Tagadarte, onde já os barcos estávão, lhe mandou que disese a Dom Duarte de Meneses que a nova que tínhão era pera poderem ir correr ao campo d'Alcacere, que se pera o ardil a que era chamado queria ir o pasasem, e senão pera o Farrobo e Benamares não ha[3] necesidade de se ajuntar com a jente de Tanjere, nem de levar mais jente que a sua; e com este recado Dom Duarte não quis pasar, como capitão percatado e prudente. pois de necesidade avia de estar quatro ou cinco noutes fora de sua cidade, e sendo sentido se podia ajuntar muita jente, e, avendo seu conselho, especialmente com o adail Diogo Mêndez d'Azevedo, que pesoa muito honrada e muito cavaleiro era, se tornou; e desta maneira se desfez por então esta ida e ajuntamento, e os ditos capitães ficárão desgostosos por alguns dias.

CAPITULO IV

De como em tempo de Antonio da Silveira capitão d'Arzila foi morto Amelix e se noméão algũas pesoas que á sua morte se achárão

PASANDO estas cousas em Arzila no principio da capitania de Antonio da Silveira, se esteve dous meses sem mandar fora, não leixando d'aver todalas mais semanas e dias rebate e repique, especialmente dados por Amelix, com que tanta opresão e dano dava a Arzila e a Tanjere, levando muitas atalaias e muitos homens de cavalo e de pé, como por esta obra se parece, correndo um dia a Arzila e outro a Tanjere, e

1. a] a maneira de B N L M. — 2. [e] *f.* A; que N L M. — 3. a] como B; com N L M — 3. ha] avia B N L M.

dia de dous e tres rebates, como foi este dia de sua morte, e foi tantas vezes siguido e persiguido do conde e dos capitães de Tanjere e Alcacere Ceguer, armando-lhe com escuitas e espias de pé e de cavalo, e com darem costas ás atalaias e deixarem jente em cilada, sem nunca o poderem aver, antes, indo algũas vezes fujindo e meio perdido, voltava e, matando um e dous e tres de cavalo, se livrava e salvava, como parece quando matou ao Grou e a Luis de Veiros, e outra vez ao pai de Diogo Lobo e de Cristóvão Lobo, e em Tanjere quando cativou a Diogo Pereira, fidalgo e morador em Tanjere, com as quais cousas e cativos que levava era muito nomeado e temido: pois fazendo ele a guerra com muita ousadia e muitos e grandes ardis, se lhe chegou o dia em que finecêrão e acabárão seus feitos e vida, como aqui direi.

Pasados alguns dias, depois que Diogo da Silveira tomou os dous mouros, e chegando o dia do glorioso anjo Sam Miguel do dito ano de mil e quinhentos e vinte e cinco, ficando Diogo da Silveira com quinze de cavalo aparelhando cavalos e alforjes pera ir fora, o capitão foi dar a guarda na aldea de Alecasapo, donde Diogo da Silveira avia d'ir ter com ele e ver os que com ele ião e lhes lançar a benção e os encomendar a Deos, e, mandando descobrir os Barreiros e a Aldea Velha, mandou a Artur Rodriguez, almocadem, que, com dez ou doze de cavalo, lhes dése costas, e ele se foi paseando caminho d'Alecasapo; e, chegando as atalaias á Aldea Velha, lhes saio Amelix com dezoito ou vinte de cavalo e as correo até desta parte dos Codesos, donde Artur Rodriguez as recolheo, e Amelix se tornou pera os Codesos, donde esperou, a ver que fazião as atalaias, donde, vendo o capitão e seu guião recolher-se pera a atalaia dos Caminhos, esperou. Artur Rodriguez, vendo que os mouros não fizérão nada, tornou a mandar tomar os Codesos, e, tornando-lhe a sair Amelix, veio casi a se mesturar com Antão Rodriguez, o qual, estando á fala com ele, se recolheo pera Alecasapo, e Artur Rodriguez, mandando recado ao capitão, como era Amelix, se foi casi de volta trás ele, o qual vendo que Artur Rodriguez o seguia, dizendo palavras desonestas contra o Artur Rodriguez, remeteo com ele, dizendo: «Não te contentas com teres vendido tua lei, senão que ainda me queres persiguir», e, voltando a ele, o trouxe até muito perto do capitão, o qual, vendo tornar os mouros d'Alecasapo e vendo-lhe o cabo, esteve quedo, o que vendo Amelix esteve quedo tãobem[1], e virando Artur Rodriguez foi logo com ele com alguns dos do capitão, que já érão com ele, entre os quais era Dom Jorje de Noronha e Dom João de Sande e outros moradores; e, vendo Amelix jente de capacetes, e que o capitão estava quedo, se recolheo pera o porto d'Alecasapo e o pasou com proposito de voltar sobre ele, como voltou, e, sendo da outra parte e vendo ir pola varzia bem vinte de

1. [tãobem] *f.* A.

cavalo, e que todos ião demandar o porto, esperou na varziota que os nosos entrasem nele e, vendo-os dentro no porto, voltou com entenção que os que achase no caneiro de os alancear e matar, como já avia feito muitas vezes.

É esta ribeira larga, e á saida faz ou fazia um caneiro de mais de um jogo de mancal, cerrado de ũa parte com ũa carriceira e da outra de ũa silveira que o tápão todo. Neste caneiro cuidou Amelix que acharia alguns dos nosos em que se cevase, e, não achando ainda ninguem, ele e dous primos seus mais [1] escorregando os cavalos, que por sua vontade viérão cair polo caneiro abaixo, até dar no largo da ribeira, donde já achárão oito ou dez dos nosos, em que entrávão Dom Jorje de Noronha e Dom João de Sande e outros moradores, em que entrava Jorje Manoel, que pouco avia que saira de cativo, e, vendo-se Amelix antre os nosos, sem fazer mostra de virar o cavalo, chamando por os primos, pôs a lança nos nosos, dos quais fôrão recebidos e derrubados e pasados de muitas lançadas. Não nomeio o primeiro que lhe pôs a lança, pois se achárão [2] tais cavaleiros, fidalgos e moradores, que cada um deles se encontrara com um gigante armado, ou com um Eitor ou Archiles, quanto mais com um mouro desarmado, sem outra cousa mais que ũa adarga e lança. Depois ouve algũas perfias antre Dom Jorje e Dom João, querendo cada um que a sua lança fose a primeira que o pasara e pinchara fora do cavalo, mas, como a confiança que cada um tinha de sua pesoa era pera outros maiores feitos, se contentárão com se acharem á sua morte e em poerem as lanças em o mais afamado homem que em aquele tempo avia em toda a Africa e o que mais dano tinha feito em cristãos; e afirmão que depois da morte d'Arroaz, que ele tomou cargo de almocadem, com sua pesoa e os do Farrobo e Benamares, que podíão ser até vinte de cavalo, cativou e matou pasante de cento de cavalo, asinalando sua pesoa com ser o primeiro que punha a lança e chegava [3] aos que tomava ou matava, e com ter outras muitas nobrezas, fazendo muita honra aos que cativava, sem despojar nenhum, e fazendo-lhes honra e gasalhado em sua casa, antes que os levase a Mulei Abrahem.

E, porque entendo dizer algũa cousa de sua pesoa e feitos e calidade na fim deste capitulo, irei por este feito adiante, contando o que mais socedeo de seus companheiros, os quais, ficando sobre a barranca e vendo dentro da ribeira Amelix e seus primos derrubados e alanceados, e jente armada de couraças e capacetes, e que o capitão vinha já polas lombas abaixo com seu guião a demandar o porto, desemparando a ribeira, se pusérão em fujida, tomando ametade deles pola ribeira acima, com entenção de se embrenharem, como de feito fizérão, e os outros

1. mais] mas A; *f.* B N M. — 2. pois se achárão] pois se achando A; por se acharem B. — 3. chegava] chegar A.

tomando o caminho dos Barreiros e d'Alé Maçus; mas Dom Jorje de Noronha e Dom João de Sande e Artur Rodriguez e Jorje Manoel e os que com eles érão, vendo já o capitão junto consigo, pasárão a ribeira e os segurárão, de maneira que, a poder de muitas lançadas, matárão sete e tomárão um vivo; e, depois de recolhidos d'Almaçus, viérão buscar a ribeira do Freixo, donde os embrenhados, por ser noute, se salvárão, perdendo os cavalos; e, com este grande contentamento e dita, se recolheo o capitão, trazendo um mouro vivo e sete cabeças, em que entrava a de Amelix, que, certo, merecera que lhe fora feita muita honra, que não em poder de rapazes, e asi trouve treze cavalos, em que avia muito bons jinetes. O capitão, Antonio da Silveira, ouve o cavalo de Amelix e o mandou a el-rei, noso senhor, mais pola fama de quem era seu dono que por ser muito fermoso, por ser um cavalo castanho e muito comprido e de pouca tripa, mas, como Amelix era homem pequeno e de poucas carnes e andava desarmado e o cavalo farto, o não sintia e sempre se punha diante de todos seus companheiros. O mouro comprou Dom Jorje de Noronha e o trouxe pera Portugal, mas não tardou muito que lhe não fujio e se tornou pera o Farrobo.

Com esta morte de Amelix ficou Arzila e Tanjere desapresados de tamanho [1] contraste [2], como em Amelix e nos cavaleiros do Farrobo tinhão, porque neste proprio dia de Sam Miguel, em que foi a morte de Amelix, se perdeo em Tanjere outra quadrilha do Farrobo, de que era almocadem Alé Benaix, almocadem muito nomeado, que antes e depois fez muita guerra, e, perdendo a mór parte de sua quadrilha, ficou ele cativo com outros quatro ou cinco de cavalo; e com o cativeiro de Alé Benaix e morte de Amelix, tivérão as atalaias algum sosego por alguns dias, mas, como Alé Benaix foi logo resgatado e o Farrobo se tornou a povoar doutros cavaleiros, a guerra tornou a seu ser, como adiante se dirá.

CAPITULO V

*Da natureza e calidade de Amelix
e brevemente algũa parte de seu grande animo e ousadia e liberalidade
e um dito que Mulei Abrahem por ele dise*

Pois tenho chegado com Amelix ao dia das alabanças e contado sua morte, parece-me bem contar algũa cousa de sua natureza e calidade, e algũa parte sumariamente de seu grande animo e ousadia, e asi de sua liberalidade, que, tendo recebido muitas dadivas d'el-rei e de

1. tamanho] tamatiho A — 2. tamanho contraste] tão terribel adversareo B N L M.

Mulei Abrahem e doutros alcaides, asi em dinheiro como em peças, e asi tendo avido muito proveito de suas partes dos que cativava, tudo gastava em convites e beberetes, chamando e tendo consigo todolos cristãos cativos que podia aver no lugar donde os fazia, e com isto ficou sua casa tão pobre que, depois de sua morte, foi sua molher cativa de Fernão Caldeira e não teve com que sair de cativeiro, até que Mulei Abrahem pagou por ela cento e cincoenta cruzados, mandando resgatá-la, e a levou a Lexacorão, um dia antes que o conde Dom João Coutinho fose ferido, que foi no ano de trinta e dous, como em seu lugar se dirá.

Era Amelix natural da serra do Farrobo. Chamamos-lhe asi por ũa grande farroubeira que no cume desta serra está e por ela é conhecida, que, parecendo a serra do Farrobo mais de vinte legoas ao mar, parece torre ou casa a farroubeira que no cume dela está; e é bom sinal aos navegantes e navios que na boca do Estreito se áchão. Tãobem é chamada dos mouros «Alharrobo», pola mesma farroubeira se chamar asi, mas o seu proprio nome em arabigo é «Jibel Alhabib», que soa «a serra amiga», por chamarem a serra «jibel» e o amigo «alhabib», e ambos estes nomes juntos se châmão «serra amiga». Esta serra do Farrobo está quatro legoas d'Arzila; aparta-a do noso campo ũa grande ribeira que vem de Benarróz e de Benahamede e se mete no rio de Tagadarte; da ũa e da outra parte vão mui excelentes terras, e asi o são todas as ladeiras dela. Vão por esta serra mui espesos soverais e carvalhais e fontes e corregos de muito excelentes agoas, e boas aldeas, em que está Arraihana, da qual, ũa vez que o conde de Borba a tomou, trouve dela noventa e cinco almas, em que entrávão sesenta ou setenta molheres, que em alvura e fermosura se comparávão a rostos celestes, e, com ser muitas vezes tomada e roubada, nunca se pode despovoar. Outra aldea desta serra se chama Aljebila, não foi, nem é menos que Arraihana. Outras muitas aldeas ha nesta serra, e a mais principal é a que châmão do Farrobo, da qual e das outras sairão tantos e tão nomeados cavaleiros e almocadens, dos quais nomearei alguns de meu tempo, antre os quais foi Alé Moquique, que eu não alcancei [1], que, por ser tão nomeado, ficou até [a] [2]gora nome ao porto donde ele morreo o porto d'Alé Moquique, depois deste foi Timão Hurraix, Ostacis Azus, o velho, que em poder de Dom Manoel Mazcarenhas morreo, Arroaz, Alé Benaix, Amelix, de quem vou falando, e outros, como Mafamede Hiunes, Alé Çaidão e Nijar: todos estes morrêrão ás lançadas no campo d'Arzila e de Tanjere e são dinos de memoria, por sua muita cavalaria.

Pois tornando a Amelix, por quem trouve tudo isto, sendo mancebo, começou a andar em companhia destes almocadens e neste oficio foi cativo em Tanjere e trazido a Portugal, donde fujio em um barco; e tor-

1. que eu não alcancei] *f.* L; *nos outros mss. f. todo o capitulo.* — 2. [a] *f.* A L.

nado ao Farrobo, andou sempre com Arroaz e, morto [Arroaz] [1] na praia d'Arzila, pasado de um pelouro d'espingarda, como já apontei, logo ficou por cabeça daquela quadrilha, que Arroaz trazia, com a qual fez a guerra que por este sumario parece, e outras muitas cousas por que tenho pasado, especialmente em Tanjere; e, porque algũas delas são dinas de memoria, porei brevemente algũas delas muito pera notar. Ũa quando cativou a Luis Machado, amo do conde Dom João Coutinho, e a João Fernândez de Borba, pesoas honradas, que, andando o conde a monte nas aldeas, avendo vista dele, se veio por encubertas com nove de cavalo e, andando á sua vista, tanto que Luis Machado e João Fernândez se apartárão trás um porco, logo os apanhou, e asi fez em tempo de [Antonio da Silveira] [2] a João Velho e a outro de cavalo.

Pois em Tanjere lhe acontecêrão muitas sortes, antre as quais foi quando cativou a Diogo Pereira, fidalgo e pesoa principal de Tanjere, o qual, correndo a Tanjere e tomando ũa atalaia, que fora d'Arzila, que avia nome João Mealho, se recolheo caminho da serra da parte d'Alcacere, mas, como se achase o adail .... [3] com alguns de cavalo, o seguirão de modo que lhe fizérão leixar a João Mealho, com algũas lançadas de que logo morreo, e alguns dizem que os nosos o acabárão de matar, cuidando que era mouro, por estar vestido em ũa aljaravia; e vendo-se Amelix persiguido dos nosos, especialmente de Luis Valente, d'Arzila, de quem tenho feito menção, que ali se achou, por morar em Tanjere em aquele tempo, o qual por ter o mais lijeiro e milhor cavalo que em aquele tempo em Arzila avia, nem em Tanjere, o qual ia sempre á fala com Amelix, o qual, indo já demandar o cume de ũa serra, parecendo-lhe que pola serra abaixo serião os nosos mais senhores deles e, não levando mais de oito companheiros e consigo nove, vendo o adail junto consigo, posto que ia armado de couraças e adarga, se veio encontrar com ele e casi estivérão abraçados, e alguns, que com o adail ião, voltárão, fujindo pola serra abaixo; e afirma Luis Valente, que a ũa ilharga ia, que não voltárão mais com Amelix que tres de cavalo, e que os outros tomárão [4] um corrego pera se decerem e, perdendo os cavalos, se embrenharem e salvarem suas pessoas; mas, vendo Amelix que chegava a jente de repique, se apartou do adail e, chamando os companheiros, se pôs no cume da serra, onde esperou um pouco, ou por fazerem outra volta, ou por descansarem os cavalos dos companheiros, e, vendo a Luis Valente em bom cavalo, lhe dise, jurando polas barbas: «Ah cavalhero, por estas barvas que si aquelhos no vinierom tan cerca que ninguno de vos otros bolvera oy a Tanjer!»; e nisto chegou Diogo Pereira, armado, e outro fidalgo, que por sua honra o não nomeio, e, bradando com o adail como

1. [Arroaz] *f.* A. — 2. [Antonio da Silveira] *em branco* A. — 3. ...] *em branco* A; *sem branco* L. — tomárão] tomávão A.

não dava nos mouros, quisera tomar o cume da serra, ainda que Luis Valente lhe dise: «Leixemo-los debruçar e ficar ao sopé», mas Amelix, entendendo-os, voltou com eles e, encontrando-se com Diogo Pereira, fôrão ambos ao chão e, vendo que os que com Diogo Pereira érão, voltárão, fujindo pola serra abaixo, e Luis Valente, que junto com Diogo Pereira estava, lhe dérão ũa lançada á mão tinente polos lombos do cavalo, que, ficando a lança empenada, começou a dar couces com a raiva da morte, de que logo caio morto, mas Amelix, fazendo cavalgar a Diogo Pereira e não o querendo matar, polo conhecer, se tornou a pôr no cume da serra e, sem ser mais seguido dos nosos, se tornou a recolher de seu vagar. Bem parece que algũas vezes a fortuna ajuda aos ousados, que, achando-se Amelix casi perdido com oito de cavalo, por sua ousadia e esforço se salvou e alcançou vitoria.

Outra vez, andando sete de cavalo de Tanjere monteando, vendo-os ele os teve em espia e, vendo-os cansados e carregados de carne, os foi esperar ao porto [por donde avião de pasar pera se virem á cidade [1]], e pondo-se-lhe diante, dizendo: «Apeai-vos se não quereis ser todos mortos», e, vendo-se com as lanças quebradas de montearem, posto que antre eles avia mui estremados cavaleiros, se rendêrão, não sendo os mouros mais que treze de cavalo e os nosos sete, em que entrávão quatro ou cinco comendadores, os quais érão Miguel de Seabra e Fernão de Seabra e seu irmão Eitor de Seabra e Fernão de Pontes e o apontador dos contos e o mazmorreiro, todos estes do abito de noso senhor Jesu Cristo, e outros dous de cavalo, de maneira que desta vez Amelix levou com treze companheiros sete cavaleiros, em que entrávão seis comendadores. Certo que foi feito de muito louvor e de grande dita e muito mór manha, pois os leixou cansar e quebradas as lanças e carregados de carne, em parte onde nenhum se pudese salvar; e rendidos os levou ao Farrobo a sua casa, donde os festejou oito dias, e dahi os levou a Xexuão, donde Mulei Abrahem estava, vestidos e calçados com seus jibões e cavalos, como os avia tomado.

Um dito de Mulei Abrahem, que por ele dise, não é razão que fique por escrever, o qual é que, por esta tão boa presa, alem do que Mulei Abrahem era obrigado a dar a Amelix por cada um cristão, lhe fez muita mercê a ele e a seus companheiros, mas ele, tomando a seus companheiros e aos mais cristãos cativos que pode aver, se pôs a beber, o qual beberete durou tanto até que se acabou o vinho e o dinheiro; e, querendo-se vir pera o Farrobo e achando-se sem vinho e sem dinheiro, por um seu primo, que nesta cidade está feito cristão, que se chama Antonio Anriquez, mandou pedir a Mulei Abrahem mais dinheiro, dizendo que não tinha com que se ir. Mulei Abrahem meio espantado lhe dise: «Que

1. [por donde avião de pasar pera se virem á cidade] *em branco* A.

fez de tantas[1] oncas?» Antonio Anríquez respondeo: «Cide, já são idas, que todas são bebidas, e cada um ouve sua parte». Logo respondeo um dos beneaxus[2], pesoas honradas e parentes do dito Mulei Abrahem: «Amelix é pera gastar quanto dinheiro e vinho ha no Algarve[3]!» A isto respondeo Mulei Abrahem: «Antes é muito pera louvarmos a Deos, pois o fez com a mão aberta e pera que nós, vendo o que ele faz, façamos outro tanto», e, mandando por dinheiro, lhe deu dous punhados, quanto com a mão pode tomar, dizendo-lhe um dos beneaxus: «Não lhe[4] dês até que não estê[5] a cavalo, por que não se detenha». Palavras fôrão estas de Mulei Abrahem conformes a suas obras, pois tantas e tão asinaladas nobrezas se podem dele dizer que se faria grande escretura, o que não sofre esta breve obra, e por tanto leixarei Amelix, pois já é morto e dele dito algũa parte de louvor, e tornarei a Diogo da Silveira e contarei como, vindo de ũa almogaveria e dando-lhe o capitão costas, desbaratárão cem homens de pé e sete de cavalo, sem se salvar nenhum, e foi um dos grandes feitos de nosso tempo.

CAPITULO VI

De como pasou o feito do Alborje em que morrêrão cincoenta mouros e catiyárão corenta e sete todos da terra de Diogo da Silveira e seus parentes e amigos

Muito contentamento ouve o capitão, Antonio da Silveira, com a morte de Amelix, e ouve que Deos lhe fizera muita mercê, por em seu tempo se desfazer um tão manhoso e valente adversairo, como Amelix e sua quadrilha era, e todo um mês deu muito proveito á vila, dando guardas largas e dias de monte, com que se metia na vila muita carne, mel, cera e muita lenha, mandando sempre atalhadores, escuitas, espias, fora, pera que, segurando o campo, se aproveitasem dele sem algum perigo, e com esta boa ordem pasou todo o mês de outubro; mas, sendo chegado o dia de todos os bemaventurados santos, tendo-lhe pedido licença pera ir fora, Diogo da Silveira levou em rol vinte e cinco de cavalo, e mandou a Antonio Freire, criado do conde, que com ele fose e requerese os que com ele estávão no rol, pera que, vendo que Antonio Freire era o primeiro do rol, com milhor vontade quisesem ir; e, com toda esta delijencia, quando viérão a cavalgar, não se pusérão a cavalo mais

1. tantas] quinhentas L. — 2. beneaxus] benaaxuz L. *Ignoramos a significação dêste vocábulo.* — 3. Algarve: *é o Algarve d'alem-mar.* — 4. lhe] lho L. — 5. estê] esthe A; estevez L. *É forma antiga por* esteja.

que dezanove homens, e, vendo o capitão, Antonio da Silveira, que não cavalgávão mais, lhes deitou a benção, dizendo a Antonio Freire: «Os que fáltão tem impedimento por seus cavalos, e eu não tenho vontade de esta vez mandar mais que vinte de cavalo; e portanto vos encomendo que acompanheis e favoreçais a Diogo da Silveira, por que, vendo o que vós fazeis, fáção todos outro tanto, e o que não vos quiser obedecer e seguir vos encomendo que o mandeis caminho da vila», e, dizendo todos que faríão o que Diogo da Silveira e Antonio Freire ordenasem, saírão pola porta da Ribeira e fôrão caminho de Benagorfate e da banda de Çabara.

Junto da aldea estivérão esperando que rompese a alva, dizendo Diogo da Silveira a Antonio Freire e a Diogo Delgado, que oje é veador do conde do Redondo, e a João de Deos: «Eu não ei d'entrar na cilada senão rompendo o dia e portanto tende bom tento, porque daqui á cilada ha um bom pedaço», mas eles, enleados com a escuridão da noute e com a muita agoa que chovia, o fizérão andar, e se foi meter em cilada muito antes de menhã e antes do que era razão e ele quisera; e, sendo já bom pedaço do dia pasado e não tendo visto sair da aldea cousa viva, começárão os nosos a mormurar, dizendo que não era bem estar mais ali, que se saisem, que podião ser sentidos, e que tardarem tanto em sair o gado e jente da aldea era porque se ajuntávão pera os virem buscar, e os mais que nisto perfiávão era Antão Rodriguez e seu jenro Jorje Vaz de Magalhães, que oje vive na India, na cidade de Goa, que, por Antão Rodriguez ser homem velho e usado nas almogaverias e aver andado em companhia de Jorje Vieira e de Gonçalo Vaz e Pero de Meneses, tinha muito conhecimento do campo e da experiencia daquelas entradas e saidas, e, tendo alguns que o ajudávão, insistio muito em que logo se saisem; mas Antonio Freire, mostrando mais constancia do que sua idade e cargo requeria, dise a Antão Rodriguez e a Jorje Vaz, seu jenro: «Nós outros não nos avemos de sair senão quando a Diogo da Silveira lhe parecer, e vós e voso jenro vos podeis ir por este corrego abaixo e nos esperai de maneira que não sejais vistos».

Com estas palavras sosegárão todos e a chuiva começou a estear, e logo Diogo da Silveira, vindo da atalaia, dise: «Já o gado começa a sair» e, por verem ũas vaquinhas junto de si, lhes sairão e as tomárão, que fôrão trinta e sete, as quais érão de um tio de Diogo da Silveira, e com elas se saírão fora da serra; mas, tomado o rebate por toda a serra de Benagorfate e das aldeas dela, fôrão logo com eles alguns de pé e, recrecendo mais jente, se ajuntárão com sete de cavalo e quisérão pegar com os nosos e lhes tirar o gado, mas Diogo da Silveira, fazendo tanjer o gado com quatro de cavalo, com os outros quinze vinha em corpo, casi á fala com eles, os quais, não se contentando de chegarem ao pé da serra, se viérão polo campo após os nosos e, pasando Ulefe e Sinete, chegárão até o Alborje, donde Diogo da Silveira esteve á fala com eles, dizendo-lhes

que doudice era virem tres legoas jente de pé de trás de homens de cavalo, e que estando o capitão no campo nenhum podia escapar. Logo lhe respondeo um seu tio que todos folgaríão de morrer por se vingarem dele, e que maldita fose a terra que o criara e a mãe que o parira, e outras muitas pragas e maldições, como homem magoado, e, fazendo muitos sinais com as adargas e chamando a outros magotes que ficávão em Sinete e polo caminho, que andasem e chegasem e se ajuntasem com eles, pois até [a]li [1] não avia costas não as tinhão dali adiante; mas Diogo da Silveira, vendo estes mouros já no campo e sabendo do capitão que o avia d'esperar, lhe mandou um de cavalo com recado, o qual o achou em Almenara, duas legoas d'Arzila, com a mais jente que na vila avia, que não seriamos outenta de cavalo, e vendo vir um de cavalo, que era Justiniano, atalaia, nos pôs em confusão até chegar, mas, tanto que o capitão teve recado que os mouros vínhão trás Diogo da Silveira, com um troto cerrado começou a caminhar caminho do Alborje, mas logo nos começamos a estender quanto os cavalos podíão, e assi chegamos bem á longa a Diogo da Silveira, o qual ouvindo a grita que levavamos e conhecendo ser o capitão, e outrosi conhecendo que os mouros, que pegado com ele vínhão, que érão cento de pé e sete de cavalo, se retirávão pera se fortalecerem em uns canaveais da aldea do Alborje, com a mais jente de pé, que atrás vinha, voltou logo com eles e foi recebido dos sete de cavalo, pondo-se por amparo e escudo dos de pé com tanta constancia e firmeza que, podendo-se todos sete salvar, fôrão todos sete polo chão a poder de muitas lançadas, e asi outros de pé; mas, vendo já chegar o capitão e que alguns de cavalo érão já com Diogo da Silveira, se recolhêrão a uns pardieiros e canaveais da mesma aldea, mas, como o capitão chegou, logo fôrão rompidas e pasadas de ũa parte á outra, especialmente por Dom Jorje de Noronha e por Dom João de Sande, que, tanto que chegárão, se lançárão dentro dos pardieiros e das canavieiras, aventurando suas pesoas e cavalos, pois fôrão recebidos nas lanças e adargas de mais de cento deles, recebendo algũas lançadas em suas pesoas e cavalos: e, com esta furia com que estes bons fidalgos e bons cavaleiros entrárão e os rompêrão, o feito do Alborje se acabou com a ajuda de muitos moradores honrados, que, não querendo que estes fidalgos lhes fizesem ventaie e como mais destros e costumados em semelhantes casos, metendo-se a cavalo e a pé por dentro dos pardieiros e canavieiras, fizérão que uns ficasem alanceados e outros rendidos e com as mãos cruzadas pedisem a vida, de maneira que dos cento de pé que ao Alborje chegárão com os sete de cavalo não escapou um só, ficando corenta e sete cativos e os outros todos mortos; e, posto que se pudérão alcançar alguns dos magotes, que por os outeiros e caminhos parecíão, o capitão os não quis

1. [a] *f.* A.

mais alargar, por ser já muito tarde e os seus poucos e cansados, e, contentando-se com a mercê que Deos lhe fizera em aquelle dia e fazendo despojar os mortos e recolher os vivos, com muito grande alvoroço falou e recebeo a Diogo da Silveira, que derredor de si tinha muitos parentes e amigos, em especial dous primos, que em lugar de irmãos tinha, um deles o Almesure que, em tempo do alcaide Laroz, foi adail d'Alcacere, e outro seu irmão mais velho[1], que, por ter recebido dele muito e boa irmandade, desejou de lhe dar a liberdade e o leixar livremente ir, e com esta vontade dise a Artur Rodríguez que como faria para aquele seu irmão não ser cativo e o soltar livremente. Artur Rodriguez lhe respondeo que o comprase, porque, com suas partes e as que todos lhe darião, o forraria; e, sendo isto ouvido por João de Deos e Antonio Freire, lhe disérão qua o pedise logo ao capitão, e vendo que se pejava o disérão logo ao capitão, o qual, usando de sua natural vertude e liberalidade, chamando a Diogo da Silveira, perante todos lhe dise: «Tudo isto é voso e se a todos quereis soltar o podeis fazer, que todos seremos contentes, e se alguns o não forem eu lhes pagarei suas partes». Diogo da Silveira e Artur Rodríguez lhe beijárão as mãos, pola mercê e honra que lhe fazia, e, dizendo que não queria mais que aquele seu primo e irmão pera negocear o resgate do outro irmão e primos que [a]hi[2] ficávão, o capitão lhe dise que o levasem á vila e o vestisem de grã. Logo Fernão Caldeira, como sempre acudia ás mortais, asi com sua lança como com a aspereza de sua lingoa, dise ao capitão: «Senhor, já que lhe quereis fazer mercê e boa obra não lh'a façais má, em o poer em sospeita com os mouros, e asi cheio de sangue e com a aljaravia e çapatos com que saio oje de sua casa o leixai ir». A todos pareceo bem o que Fernão Caldeira dise; e, tirando o capitão um barrete vermelho de sua cabeça, lh'o deu, e asi o fez o mesmo Diogo da Silveira e Antonio Freire e Diogo Delgado e Artur Rodríguez e outros muitos, e, beijando os estribos ao capitão, se despedio, acompanhado de barretes e desacompanhado de irmãos e parentes e amigos, e, apartado do capitão, logo foi mesturado com outros mouros, que de vinte e de trinta[3] estávão em magotes, alguns polo campo de Sinete e de Ulefe. O capitão com todos os seus se recolheo á vila, trazendo corenta e sete mouros vivos, dos quais morrêrão tres, por virem muito feridos, e sete cavalos; tãobem ouve alguns feridos dos nosos.

Com grande alegria e contentamento foi o capitão recebido na vila e Diogo da Silveira louvado; e os mouros e cavalos e gado vendido se repartio por todos igualmente, sómente a Diogo da Silveira, que o capitão, por consentimento de todos, lhe deu um dos milhores mouros da presa,

1. velho] venho A. — 2. [a] *f.* A. — 3. que de vinte e de trinta] que em vinte e de trinta L; que de 20 em 20 e 30 em 30 B N; que de 20 em 30 M.

e asi o milhor cavalo, com que ele foi muito contente, e muito mais o foi o capitão com chegar recado que el-rei, noso senhor, mandava pagar a Fernão Caldeira os cento e cincoenta cruzados da molher e filho de Diogo da Silveira.

CAPITULO VII

Como outro mouro cativo se tornou cristão e do que mais pasou até a saida do ano de mil quinhentos e vinte e cinco

Com a morte de Amelix e com este feito do Alborje, andavamos já tão contentes e soberbos que nos parecia que Deos era de nosa parte, e que já podíamos cometer um grande feito; e, vendo os mouros cativos a honra que Diogo da Silveira do capitão e fronteiros e moradores recebia, avendo lhe inveja, causou que um mouro, meu cativo, que fora guarda da ponte d'Alcacere Quebir, e sabia muito bem a ribeira da Ponte, dizendo-me que o disese ao capitão e o que sabia, e, alem de se oferecer que tomaria as guardas, lhe daria ũa aldea, junto d'Alcacere; e, dando eu conta disto ao capitão, foi falar com ele á orta do doutor meu irmão, donde eu falei com ele e levei o meu mouro; e, estando todos tres, e João de Deos por lingoa, o capitão ficou contente do mouro e, deitando mão das promesas que o mouro prometera, logo ordenou de o mandar fora e, tirando-lhe os ferros, lhe deu vinte cinco de cavalo e, entregando-o ao adail, João Moniz, que como capitão e maioral destes almogavares ia, que por ele olhase e o levase a bom recado, se foi á Ponte, donde falsando a ribeira, como homem que a muito bem sabia, tomou dous mouros de pé, que por guardas estávão, e com estas duas guardas se veio á vila, vindo João Moniz e os companheiros muito contentes do mouro e de sua viveza e saber. O capitão foi muito contente do novo almocadem, e dos dous mouros me deu um, o que eu quis escolher, e, por não valer tanto como o meu, o capitão me rogou o tomase e que ele ficava de refazer-me em presas que o mouro fizese até cem cruzados, que por ele me davão de resgate, e, fazendo-o cristão, lhe pôs nome Antonio da Silveira, como a ele dito senhor; o qual não durou na cristandade um ano e, fujindo pera os mouros, me levou ũa moça mourisca, das milhores e mais fermosas que na vila avia, como logo adiante se dirá, de maneira que de sua cristandade eu fui o que mais perda ouve.

Pois sendo este arrenegado e mao cristão favorecido e honrado do capitão, lhe quis dar a aldea d'Algorfa, junto d'Alcacere, e, posto que a empresa era muito verde e ardua, por ser esta aldea d'Algorfa meia legoa alem d'Alcacere, dizia este mao cristão que darião nela á meia noute, e,

por estar em terra chã, depois de roubada, se podíão recolher de noute e vir amanhecer á Ponte, porque o alcaide, ainda que tomase e ouvise o rebate, como de força avia de tomar, por esta aldea estar á vista, não avia de sair até ser menhã, e que a este tempo seriamos á Ponte, e, posto que chegasem a nós, seria á longa e cansados, com que o capitão podia pelejar.

Posto que todas estas razões tínhão muitas contrairas pera as desfazer e confundir, o capitão mandou dar ás trombetas muito contra vontade dos mais ou todos os moradores, e, saindo da vila, fomos muito cedo ao Zambujeiro e, tomando o caminho e estrada d'Alcacere, iamos através de Taurete, quando, como quem acorda de um pesado e profundo sono, vimos o erro que faziamos, em travesarmos aquelas varzias de Taurete tanto de dia, que muito bem podiamos ser vistos de todo o Soveral, que vai d'Alfandux até Alvalate, e asi da outra parte d'Alhadra e Taliconte; e começando a murmurar e dizer que iamos mal e descubertos, de maneira que Bras Fernândez, amo do capitão, que nesta jornada levava a bandeira, por impedimento de Antonio Rodríguez, dise ao capitão: «Senhor, toda esta jente vai descontente, por irmos mal e descubertos; por iso veja vosa mercê como vai e donde nos leva». Antonio da Silveira, como excelente e prudente capitão, fazendo logo parar a bandeira e o fio, fez chamar a Fernão Caldeira e a Pero López, escrivão do almoxarifado, e a Pedro Afonso Homem, e, dizendo-lhes que não olhasem senão ao serviço de Deos e d'el-rei, noso senhor, disesem o que lhes parecia; e, como estes bons e honrados cavaleiros disérão que não era razão irem mais adiante, asi por irem descubertos, como polo ardil e impresa que levávão não ser para um só capitão e com tão pouca jente, porque ao campo d'Alcacere não se sofria ir menos de duas bandeiras e com quinhentas lanças, o capitão muito leve e sem algũa pesadume mandou logo tornar a bandeira e jente, vindo todo o caminho escaramuçando e tão alegre como que trouxera ũa boa cavalgada, com que deu a entender que folgava da tornada, e desta maneira chegamos á vila ainda de dia, tão contentes todos que nos pareceo que aviamos acertado um grande feito.

A esta ida e cavalgada, que tenho apontada, que do caminho nos tornamos, donde o mao cristão, que fora meu cativo, nos levava, tãobem ia por almocadem e autor desta ida um dos dous mouros que ele tomara á Ponte, que Jorje Manoel ouve, que por serem ambos companheiros e amigos se concertárão, dizendo querião dar ambos aquela aldea tanto perigosa e donde se tanto aventurava, pera que sendo desbaratado o capitão eles podesem ter feito ũa notavel façanha, não sendo nenhum deles pera cometer algũa que boa fose sendo da nosa parte, nem sendo da parte contraira, asi por serem de pouco animo e forças, como de muito roins rostos, e pela experiencia que tivemos deles nunca prestarem no tempo que antre nós estivérão, nem depois antre os mouros, donde

muito tempo estivérão: e parece, por estes dous mouros tão inabiles e pera tão pouco, ser verdade o que os homens de pequenos animos cometem muitas vezes grandes feitos, de que ha muitos e mui grandes feitos e exempros de muitos casos que são acontecidos polo mundo, que, por não parecer que homem tão idiota como eu são [1] conto cousa sómente o que vi e ouvi, não trarei somente o de João Vaz o Maio, que sendo um fraco pescador, natural de Tavila e morador em Arzila, por pouca cousa se foi tornar mouro e levou um seu filho e outro filho de um seu vezinho e amigo, e com este começo se encrueleceo de maneira que em quatro meses que viveo, sendo mouro, levou cativos mais de dozentos cristãos, como adiante, Deos querendo, contarei.

Pois tornando a estes dous mouros e almocadens, em que vou falando, tivemos muita sospeita e certeza que iamos vendidos; e, pera ser asi, não era mais necesario fazer outro ajuntamento o alcaide que, tanto que se ouvise o rebate e fogo da aldea, sair com trezentas lanças de cavalo, que d'Alcacere e dalgũas outras aldeas derredor logo se podíão ajuntar e nos sair diante [2]. Esta sospeita teve o capitão, Antonio da Silveira, por já começarem a vir alfaqueques e recados antre ele e o alcaide, e tãobem porque, ao terceiro dia de nosa tornada, nos correo o alcaide d'Alcacere com muita jente, que pasávão de mil de cavalo, e, metendo-nos polas tranqueiras a dentro, até a orta do doutor meu irmão, quis noso senhor Deos que não recebemos dano, sómente nos levárão dous ou tres asnos do pé do Tambalalão, donde nunca mouros chegárão, porque, vindo pola parte da Couraça dez ou doze de cavalo e não vendo quem lh'o estorvase, chegárão á vinha d'Alvaro Velho e, vendo os asnos no chanzinho de Antonio Freire, que ao pé do baluarte do Tambalalão estávão, e, posto que ao pé do baluarte e no muro estava jente de pé com béstas e espingardas, dous de cavalo chegárão e os levárão diante de si, estando alguns em condição de se lançar na cava, o que fizérão se os outros dez ou doze remetêrão a eles; e, posto que do muro e de baixo lhes tirárão com algũas béstas, eles levárão sua presa, que, por ser tão perto, se sintio, e, sem fazerem outro dano, se fôrão, e nós ficamos muito contentes por nos avermos tornado, porque tanta jente não se podia ajuntar senão em quatro ou cinco dias, e, se foramos, era per força acharmo-los á Ponte, por onde aviamos de pasar e aviamos de ser vistos e sentidos dos guardas e atalhadores, que o alcaide sempre diante de si traz, quando ao campo vem: e logo mandou resgatar o mouro de Jorje Manoel, e o meu se foi, como logo se verá, Deos querendo.

1. são] *veja-se tomo I, p. 4, nota.* — 2 iamos vendidos... e nos sair diante] nos levávão vendidos porque depois o capitão e fidalgos e cavaleiros moradores cairão todos na verda le porque como o rebate se dera e fora ouvido saira o alcaide d'Alcacere com trezentos de cavalo que com as aldeas se ajuntárão e nos sair diante B N L M.

CAPITULO VIII

De ũa entrada e cavalgada que o capitão Antonio da Silveira fez entrando com sua bandeira e jente pola boca de Capanes correndo primeiro o alcaide d'Alcacere

Pasado este ano de mil e quinhentos e vinte cinco, primeiro da capitania de Antonio da Silveira, em que Amelix foi morto e nele ser a vinda de Diogo da Silveira, com o qual o capitão e moradores muito contentes érão, tirando noso senhor Deos de noso estorvo um tal adversairo, como Amelix, e trazendo a Diogo da Silveira que, em lugar de Pero de Meneses, parecia muito necesario á vila, mas este contentamento não durou muito, pola pancada que logo o ano seguinte o capitão e a vila ouve, como logo adiante direi.

Pois chegado o dia do bemaventurado Santo Estêvão, um dia depois do nacimento de noso senhor Jesu Cristo, nos correo o alcaide d'Alcacere, saindo das Furnas, e, sem ser visto, chegou até o Laranjal, que, por ser dia santo, não érão fora, e as atalaias estávão ao derredor da vila na torrinha do Mar e na Gorda e em Muliana e no outeiro de Fernão da Silva; e viérão matar dous homens, alem do Facho, um couraceiro e outro armeiro, os quais estando em Muliana com Rui de Melo, fidalgo e novo na terra, tanto que ouvio o rebate veio rijo demandar o Facho, donde eu me achei com Pedro Afonso Homem e Bras Simões; recolhendo [1] ao Rui de Melo e as atalaias, ficárão os dous companheiros alanceados, antes de chegarem ao tabuleiro do Facho; e com este dano e com ũa mula de Lopo Mêndez se recolhêrão, mas cobrou sua mula Lopo Mêndez, que a demandou ás atalaias, por ser homem que sabia muito bem demandar e arrecadar o que lhe parecia que lhe devíão, e tãobem sabia pagar muito mal o que ele devia, como em muitos lugares se fará dele menção, por ser pesoa muito honrada e depois andar por capitão de ũa caravela d'armada, das do Estreito, e depois servir de adail muito honradamente com muitos e bons criados, como em seu lugar e tempo se dirá.

Logo entrado janeiro de mil e quinhentos e vinte seis, alguns almocadens da vila pedindo licença pera ir fora ao capitão, fôrão tomados alguns mouros por eles, com a nova dos quais o capitão deu campo largo, em que a vila ouve muito proveito, trazendo muita carne de monte, mel, cera e lenha; mas, como Artur Rodríguez tomase dous mouros de cavalo,

1. donde eu me achei... recolhendo] donde nos achamos tres e um de nós recolhendo B N L M.

armando lhe e correndo lhe até as tranqueiras d'Arraihana, fôrão alcançados e trazidos á vila, e, feitas as preguntas acostumadas e dando boa nova, que era estar cada um dos alcaides em sua casa, o capitão, Antonio da Silveira, mandou dar ás trombetas e, com bandeira e guião, foi entrar e se foi deitar em Benamandux, á entrada da boca de Benamares, e sendo pasado meio dia, indo um grande pedaço de milhora, corremos o campo tão largos e com tant-afouteza que alguns de cavalo chegárão á boca de Benearroz e de Benahamede, e em um corrego, que vem de Benamaçuar, se lançárão tres ou quatro mouros de pé, vendo se já alcançados de cinco ou seis de cavalo, os quais decendo-se a pé e entrando polo corrego foi Afonso Pinheiro, atalaia, de quem já tenho feita menção, que com Roque Ravenga escapou a nado pelo rio de Tagadarte, — pois chegado Afonso Pinheiro aos mouros e vindo a braços com um outro, com ũa agomia ou punhal o matou tão prestes que, quando os companheiros chegárão, era já tão mal ferido que logo morreo; os companheiros o tirárão e o trouxérão a Benamendux, donde o deixárão mal enterrado, em ũa cova feita com os cotos das lanças e pontas das espadas; e nesta corrida e cavalgada se tomou ũa razoada presa, tomando sete ou oito mouros e pasante de cem cabeças de gado vacum. O capitão veio contente, por ser esta a primeira vez que tirou bandeira fora. Foi esta cavalgada, especialmente o gado, vendido por excesivo preço e nunca visto, valendo um boi cinco mil reais e ũa vaca tres mil reais; e neste ano começamos a fazer algũas lavouras ao derredor da vila, ainda que el-rei de Féz nô-las veio comer dous [1] anos.

Por nacer desta cavalgada tomar Diogo da Silveira um mouro ás portas da vila, o porei aqui. Desta cavalgada se deu um boi á bandeira, como é costume darem sempre ũa joia [2], polo trabalho que leva, o qual boi se deu a Antonio Rodriguez, do conde, por levar a bandeira por seu pai, Artur Rodriguez, que, por ser muito velho, não ia fora, do qual boi entendo de contar que, ficando ũa noute fora da vila e chovendo e fazendo escuro, se veio á porta da vila, donde esteve esperando que algum lião viese ter com ele e matase sua fome nele, mas outrem o tirou dese cuidado, porque, acertando quatro mouros de pé vir ao derredor da vila a buscar algũa cousa que fora ficase, vendo o boi estar á porta, o tomárão e, deitando-lhe ũa corda de palma, que para semelhante cousa trazião, o mais escuso que pudérão, fôrão demandar a praia e, pasando polo pé do baluarte de Santa Cruz, fôrão vistos de Roque de Fárão, que acertou de ser rolda aquele quarto da prima, e como era homem do campo e pervisto, afirmando-se do que era, sem dar rebate, o veio dizer ao capitão, que ainda o achou á mesa, e com ele Diogo da Silveira, e, afirmando-se Roque que tres ou quatro mouros de pé levávão um boi, fez logo o

1. dous] dos A. — 2. joia] joia ou peça L; peça B N M.

capitão que Diogo da Silveira se pusese a cavalo, e asi Roque com outros quatorze ou quinze de cavalo, que logo pudérão ser chamados, os mais do capitão, os lançou fora pola porta da Ribeira, indo Roque diante buscando o rastro, e ao Rio Doce dérão com ele, e, conhecendo Diogo da Silveira que levávão o caminho d'Alecasapo, os siguio, e através do Palhegal dérão com eles, e, remetendo-o Roque, levou um polos cabelos e os outros se salvárão e se apartárão todos tres, de maneira que não fôrão mais vistos, e com o boi e um mouro se tornárão á vila, achando ainda o capitão, que por eles esperava. Deste pequeno feito foi o capitão muito contente, por a Diogo da Silveira lhe socederem as cousas em bem, e, abraçando-o, lhe deu muito louvor, e asi louvou muito a Roque, por não dar rebate, e o seu quinto deu a Diogo da Silveira e a Roque, que o partisem polo meio ambos. Pola menhã toda a vila folgou com o mouro tomado, e mais Antonio Rodríguez com o seu boi, ainda que ele foi um dos que aquela noute fôrão fora, e tãobem era Antonio Rodríguez, veador do conde. O mouro ouve Dom João de Sande e o trouve pera Portugal, donde lhe fujio e tornou pera o Farrobo, donde era. Com a nova deste mouro foi Artur Rodríguez fora com vinte cinco de cavalo, e não fez nada, por estarem a recado, que, tendo nova dos tres mouros, que escapárão, como o capitão tinha lingoa e nova pera entrar, se ajuntárão e armárão com jente de pé; mas não tardou muito que o capitão não tornou a ir fora com sua bandeira e jente, levando-o um mouro a ũa aldea, e pasou desta maneira.

Um mouro a cavalo se veio tornar cristão e, sendo conhecido de Diogo da Silveira e ser criado do alcaide d'Alcacere, o capitão lhe fez muita honra, e, tornado cristão, lhe pusérão nome João da Silveira, e o pôs á sua mesa, antre muitos fidalgos que na vila estávão, e certo que ele, em sua pesoa e conversação, parecia aparelhado pera todo o bem, e, porque adiante direi os abalos e mudanças em que andou jugando com a fé e como acabou, como suas obras merecião, neste lugar sómente direi como nos levou duas vezes fora.

A ũa foi esta, que, levando o capitão com toda sua jente e bandeira pola boca de Benamares dentro, indo ao longo da ribeira junto dos fachos de Mençara, se deixou vir a menhã, de maneira que amanheceo antes que chegasemos á aldea, donde iamos, e, vendo o capitão que não podia fazer cousa que boa fose, por sermos descubertos e ser já menhã, mandou voltar a bandeira e nos tornamos pola faldra de Benamares, e junto com as tranqueiras nos saírão quatro ou cinco de cavalo e obra de cem mouros de pé, os mais adargados, com os quais alguns dos nosos fôrão travar escaramuça, mas eles estivérão ás tranqueiras com tanto concerto e recado que os nosos se tornárão, sem se fazer cousa que pera escrever seja pera o capitão, que no Tojalinho estava muito perto de suas tranqueiras, e, saindo-nos da boca por Benamandux, nos viemos á vila; e porque,

antes que desta aldea, chamada Alinaçar, tornasemos com o dito João da Silveira, em Arzila pasárão muitas cousas e muito grandes, que não é pouco de contar e escrever. deixarei a ida pera seu tempo e irei contando o mais que pasou em Arzila, indo polo istilo que levo a meter-me em um revoltoso labarinto, donde ouvera mester outro que milhor contar e compoer o soubera fazer que eu.

CAPITULO IX

Como el-rei de Féz deceo abaixo e correo a Tanjere e Arzila e correndo do Tojal matou ũa atalaia e catirou outra

NÃO tardou muito que el-rei de Féz com todo seu poder não deceo abaixo, pera correr a Tanjere e Arzila, e, pasando por noso campo sem ser sentido, correo a Tanjere, da qual corrida o capitão, Antonio da Silveira, foi avisado, asi pola artelharia que ouvimos, como por cartas do capitão de Tanjere, Dom Duarte de Meneses,o d'Evora, que logo aquela noute, por um barco que a Arzila veio amanhecer, avisou como lhe correra muita jente, e que era el-rei, com a qual nova o capitão esteve a bom recado, trazendo seu campo recolhido e suas atalaias ao derredor da vila, quanto bastava pera o gado comer e beber sem perigo, pois el-rei, por força, quando tornase, avia de dar vista á vila; e, com esta ordem, estando duas atalaias no Tojal sobre o Rio Doce e outras duas sobre o vale de Jorje Vieira, todos quatro homens de bom recado, estava el-rei em Alfandequim, um tiro de bésta ou d'espingarda deles, e, vendo que as atalaias estávão a bom recado, por estarem todos quatro a cavalo, se detriminou el-rei de os mandar saltear a pé e, pera se fazer [1], veio Alebenaix, que pouco avia que saira de cativo de Tanjere, porque Mulei Abrahem não leixava estar os cavaleiros que o servião muito tempo em cativeiro, o qual Alebenaix com outros sete ou oito do Farrobo, a pé, polo ervaçal e com as barrigas polo chão e as lanças polo alvado, se viérão sobacar junto das atalaias, sendo um Francisco López Galeguinho, homem mancebo, asaz vivo e esperto e de bom recado, e o companheiro o Encalmado; e, tendo Francisco López o milhor cavalo que na vila avia, e que não avia oito dias que por ele dera quanto tinha, dando por ele corenta cruzados e um mourinho, que valia outros tantos ou mais, a Antão Rodríguez, doendo se do cavalo, que comprara pera salvar sua pesoa, se acertou a decer e, tomando o cavalo polas redeas, foi salteado dos de pé, que junto com ele estávão, com tamanha grita que o cavalo lhe fujio das

1. fazer] fazer bem B N L M.

mãos; e, como Francisco López era homem vivo e acordado, pondo a delijencia na salvação dos pés e deitando-se polo Tojal abaixo, se pudera muito bem salvar dos de pé que trás ele vínhão, mas, como seu fado era chegado, ele foi logo alcançado da jente de cavalo, que logo saio do Pontal, e com infindas de lançadas ficou morto, e o companheiro, deitado fora do caminho, foi cativo e levado a el-rei pera lingoa; e Fernão Machado e Pero Fernândez o Torto, que sobre o vale de Jorje Vieira estávão, vendo salteado Francisco López com homens de pé, lhe quisérão acorrer, como bons companheiros, e, correndo pera o Tojal, se achárão atalhados da jente de cavalo, que do Pontal saio, e, não podendo tomar o Rio Doce, tornando por detrás, se lançárão polo porto d'Alemoquique e, não podendo tomar a vila, por a jente ser primeiro no Facho que eles, se deitárão polo campo e, tomando a Atalaia Alta e Mijeleo, se salvárão.

O capitão, Antonio da Silveira, tanto que saio a repique e vio a praia cheia de jente, se deixou estar no adro, por dar lugar á artelharia, mas os mouros, como érão muitos, rompendo o valo do Rio Doce, se pasárão ao Facho, donde o capitão se foi ás tranqueiras, por travar algũa escaramuça com eles, o que não ouve efeito, que, como jente cansada e que avia dias que andávão no campo, se recolhêrão. Logo ao outro dia fomos por Francisco López, o qual achamos despojado de toda carne, ou de muitas lançadas, ou comesto[1] dos adibes; e deixou Joana Fernândez, sua molher, muito moça e asaz fermosa. Fiz esta tão meuda relação, por ser esta a primeira vez que el-rei em pesoa correo Arzila em tempo do capitão Antonio da Silveira, e, se Francisco López tivera o recado que o capitão lhe encomendou estivese, el-rei se tornara desta vez sem fazer cousa algũa.

CAPITULO X

Em que se conta a causa porque se morêrão Mulei Abrahem e o alcaide d'Alcacere a se verem no noso campo e se concertárão a correrem Arzila em dia asinalado de Corpo de Deos

Muito cuidado e trabalho me tem dado a ordem e maneira que terei em contar o desmancho e desordem do dia de Corpo de Deos, em que Alvaro Pírez de Tavora foi morto e seu irmão Lourenço Pírez de Tavora cativo, com Manoel da Silveira e outros dezasete ou dezoito moradores, antre mortos e cativos; e porque neste dia acontecêrão muitas cousas e todas em um mesmo tempo, e posto que a tudo ou ás mais delas eu fui presente e nesta cidade estão pesoas que tãobem

1. comesto: *isto é,* comido.

se acharão nelas e ouverão mais parte do trabalho e medo que eu. por Francisco Lionárdez ser em aquele dia cativo com muito risco de ser morto, e Diogo da Silveira, que foi derrubado, que, tornando-se a pôr a cavalo, não podendo aver a vila, se lançou ao campo, donde se salvou, os quais me podem reprender, saindo da verdade, todavia, conheço que, pera poer cada cousa em seu lugar, ouvera mester outra pesoa que o milhor soubera contar, pois em mim outra coisa não ha, sómente a confiança de ser lembrado do que em meu tempo pasou, conhecendo que a policia e bom falar desta corte e reino a não ha em mim, sómente a anteguidade em que me criei, a que sou muito afeiçoado, fazendo-me nunca mudar a petrina de seu lugar, quando a costumavão polas verilhas, como no principio tenho apontado; e, com esta ordem e condição, irei meu caminho, lembrando o que este dia de Corpo de noso senhor Jesu Christo pasou, ordenando-o ele asi por seus secretos juizos, o qual pasou desta maneira.

O costume que avia em Arzila era honrar e celebrar os semelhantes dias com ũa solene procisão, disparando muita artelharia, que, por sua ordem, os baluartes deitávão de si, em tanto que a procisão andava pola vila, e as portas se não abrião até a tarde, que, descobrindo as atalaias a Atalaia Ruiva e o Corvo, bastava pera o gado sair a pacer poucos bocados. Pois sendo já tanjida a bespera deste dia de Corpo de Deos do ano de mil e quinhentos e vinte e seis, as atalaias sairão a fazer seu oficio, saindo até o Facho o adail João Moniz e Diogo da Silveira com outros seis ou sete de cavalo. Em tanto que eles vão descobrindo, contarei como Mulei Abrahem e o alcaide d'Alcacere se virão no noso campo e viérão correr em o mesmo dia a vila, o que pasa asi.

Neste tempo morreo o belicoso e guerreiro rei de Féz, Mulei Mafamade, e, tendo seu filho, Mulei Hamete, muito homem e pera ser rei, leixou o reino a Mulei Bohaçum, seu irmão, por erdarem os irmãos o que foi de seu pai, porem a seu filho, Mulei Hamete, deixou por huzir [1] e erdeiro, que por morte do irmão tornase o reino a ele, o que foi causa de muitas disenções e deferenças e causa da morte d'el-rei Mulei Bohaçum. Desta ordem e eleição d'el-rei novo, Mulei Abrahem, filho de Alé Barraxe, não foi contente, pola muita amizade que antre ele e Mulei Hamete avia, e quizera que logo ficara por rei. Este descontentamento deu logo a entender, não querendo ir a Féz, nem a chamado d'el-rei, nem lhe quis dar obediencia, antes escreveo a Mulei Hamete que, se ele se fizese rei, ele era seu e o serviria como S. A.; e, porque estas mudanças e deferenças érão de muito peso, quis Mulei Abrahem conformar-se com o alcaide d'Alcacere Quibir, seu cunhado, irmão de cite [2] Olim, com quem Mulei

1. huzir [ou uzir]: *o mesmo que* alguazil, alvazil, *etc*., *isto e* ministro de estado. *Pronúncia do arabe vulgar.* — 2. cite, senhora, *feminino de* cide, senhor.

Abrahem era casado, que era o mais valeroso alcaide do reino, e, concertados, se viérão ver ao nosso campo; e, porque estas vistas não soasem em Féz mal do alcaide, se concertárão que era pera correr Arzila, como corrêrão com asaz dano da vila, e, porque as cousas deste dia fôrão muitas, as repartirei em mais que neste capitulo, por não enfadar aos que o lerem e por que milhor se entêndão as particularidades deste dia.

CAPITULO XI

De como Mulei Abrahem e o alcaide d'Alcacere corrèrão Arzila e do dano que fizérão e de como armárão com almogavares

Tanto que nestas vistas e junta de Mulei Abrahem e do alcaide d'Alcacere se deu a ordem que lhes milhor pareceo que terião na quebra de Mulei Abrahem e el-rei, o dia de Corpo de Deos, que aquele ano caio aos vinte nove de maio do dito ano de mil e quinhentos e vinte e seis, se viérão lançar no Palhegal, sobre o porto d'Alemoquique, muito perto da vila, ao qual Palhegal alcançava um tiro groso que na vila avia, que agora está em Tanjere, chamado Lião, e, mandando meter no porto a Alebenaix, almocadem do Farrobo, com vinte dous de cavalo, lhe mandárão que correse ás atalaias até as tomar ou encerrar [1], e que se recolhesem polo porto do Canto, um tiro de bésta mais alem que o d'Alemoquique, porque, indo alguns dos nosos após eles, lhe ficasem os alcaides e jente ao través e, saindo, os atalhasem, de maneira que os que pasasem após eles se perdesem, e, com esta ordem, se veio Alebenaix meter na ribeira ou porto; e, porque destes almogavares saio um notavel feito de um dos cavaleiros do Farrobo, chamado Alé Çaidão [2], o qual, polo ardil ser mais efeituado, se ofereceo a cerrar a tranqueira da Pontinha, no valo do Facho, pera que alguns, se a viesem demandar, vindo fujindo, se perdesem, e, pondo-o por obra, se veio meter em ũa ribeira, junto da tranqueira, pera que, tanto que ouvise o repique e rebate, correr [3] a tranqueira, e, com esta ordem, os alcaides e Alebenaix e Alé Çaidão esperárão [que] [4] as atalaias os fosem descobrir, como fôrão, e, tendo descuberto Bugano e o Corvo, ũa foi descobrir a ribeira, donde lhe sairão os almogavares e a viérão tomar sobre o vale do Facho, á vista do adail, João Moniz, e de Diogo da Silveira, os quais, pasando o vale, fôrão logo com os mouros e, conhecendo ser Alebenaix e os do Farrobo, os segui-

1. encerrar] encerar A, *mas anteriormente sempre como no texto*; ensacar B N L M. — 2. Alé Çaidão] Ali Çaidão L; Ali Saidão B N M. — 3. correr: *antigo imperfeito do conjuntivo, como já dissemos no tomo* 1, p. *433, nota* 2. — 4. [que] *f.* A.

rão, mas, como os mouros érão mais de vinte e os nosos seis ou sete, se fôrão detendo, até chegarem alguns mais, mas Alebenaix, como homem manhoso, vendo os nosos junto de si, deixando o porto d'Alimoquique, foi demandar o do Canto, que, como está dito, é um tiro de bésta mais alem, por lhe ficar a jente ao través: certo cegueira grande dos nosos e pera reprender, que vendo deixar os almogavares o porto mais perto, por donde se milhor podíão recolher e salvar, e ião buscar o mais cumprido, sinal era pera ver que tinhão costas, mas, como dizem, a ora má toda razão é cega: mas, como a este tempo o capitão chegase ao Facho com alguns de repique e vendo os seus ir nas lombas do Corvo, apegado com os almogavares, pasando o vale, se foi poer sobre o Corvo, donde logo fôrão com ele os mais da vila, e, vendo já o adail com alguns desmandados ao porto do Canto, lhe pesou, mas Alvaro Pírez de Tavora, que com ele estava, lhe pedio licença, e alguns dizem que lh'a não quis dar e outros que lh'a deu, que com vinte de cavalo não pasase o porto e, achando nele o adail, de sua parte lhe disese se recolhese e não fose mais adiante: mas como a este tempo, com muito alvoroço, chegasem Cristóvão Rodriguez Chamiço, que já tenho nomeado, que Dom Jorje tirou a Amelix, e Estêvão Fernândez, atalaia, dizendo: «Mouro tomado, mouro tomado!» a qual nova e alvoroço, o primeiro que a tomou foi Dom João de Sande, e logo arrincou detrás de Alvaro Pírez, e asi o fez Lourenço Pírez de Tavora, seu irmão, e Manoel da Silveira e outros muitos moradores, os quais o capitão não pode ter, posto que andou ás trochadas com todos nós outros, espancando a uns e nomeando a outros, de maneira que se lhe soltárão mais de corenta de cavalo, sem os poder ter, e com os mais se deixou estar, desejando que o adail não pasase o porto, com o qual era Diogo da Silveira e Fernão da Silva, que, como neste tempo não queria consentir que ninguem pusese a lança primeiro que ele, tãobem foi dos desmandados.

Em tanto que estes desmandados vão fazendo o desmancho que fizérão, contarei como se tomou este mouro, de que a nova chegou ao capitão, que foi causa de maior dano. Já neste capitulo apontei como Alé Çaidão, da companhia dos almogavares, se ofereceo cerrar a tranqueira da Pontinha, donde o valo do Facho se ajunta com o Rio Doce. Pois tanto que ouvio o rebate, saindo da silveira, se veio á Pontinha pera a cerrar, donde já achou a Vasco Morgado, que oje é vivo e vive no Cabo Verde, que, achando-se sobre a Pontinha, visitando uns fios que [a]hi [1] tinha armado ás lebres, e, vendo ao adail arrancar do Facho e pasar o vale, quis travesar pola Pontinha e se ajuntar com ele, de maneira que ambos se achárão á tranqueira, os quais ambos se fôrão encontrar, por ambos não terem outras armas que suas lanças e pequenas adargas, mas o mouro, como

1. [a] *f* A.

vise vir gritando Estêvão Fernândez, que vinha demandar a tranqueira, logo se rendeo, pedindo que o não matasem, e, preguntado que jente era, dise que Alebenaix, e, por tãobem chegar o Chamiço, ficou o mouro em poder de Vasco Morgado, que muito bom cavaleiro é, que com ele se veio á vila, acompanhando-o já outro homem de pé. O Estêvão Fernândez e o Chamiço fôrão demandar o capitão, que fôrão causa do dano ser maior, e Vasco Morgado trouxe o mouro á vila, donde já chegou com rebate de ser jente grosa, por o facheiro capear e a jente vir pegada com o capitão; e sem duvida que o mouro fora morto dos rapazes se soubérão o dano que já era feito e se fazia, mas Vasco Morgado o entregou á porta da vila a Alvaro Velho, sobre-rolda, e se foi ás tranqueiras, donde já o capitão estava com nós outros bem agastado.

CAPITULO XII

Proseguindo adiante se conta como a jente saio da cilada e o que o capitão fez até chegar ao tabuleiro do Facho donde fazendo volta lhe matárão o cavalo

Pois tenho dado a entender donde os alcaides Mulei Abrahem e o d'Alcacere estávão, e asi os almogavares, e [o] [1] mouro como se tomou, e asi o capitão donde estava e como a jente se lhe soltara, agora tornarei a contar como a jente saio da cilada e como chegou ao capitão, antes de chegar ao Facho, e o dano que fez, o que pasa desta maneira. Da atalaia do Palhegal, donde os alcaides estávão, vírão muito bem tudo o que seus almogavares fizérão e como os nosos íão após eles, e asi donde o capitão estava e os que dele se avião apartado, e, vendo que os seus érão sobacados e metidos no porto do Canto e que os nosos érão já na varzia, saírão, dando logo amostra das bandeiras, e mais de mil e quatro centos ou mil e quinhentos de cavalo fôrão vistos do capitão e de nós outros e vindo demandar o porto d'Alemoquique, e, como aquele pouco espaço de terra chã é descuberta [2], logo fôrão no porto e, pasando-o, fôrão com o capitão, o qual, visto o desmancho que já era feito, querendo remedear algũa parte dele, se deixou estar, recolhendo a si muitos que da vila vinhão e outros que a ele se vinhão salvar; e foi esta detença tão proveitosa que muitos dos que érão perdidos se salvárão, porque, vendo os mouros dianteiros o capitão estar quedo, não ousárão cortar os que vínhão fujindo, com medo do capitão dar neles e os levar até o porto, o que se pudera fazer se o capitão estivera com toda sua jente, como já

1. [o] *f.* A. — 2. de terra chã é descuberta] é terra chã e descuberta B N L M.

outra vez cometeo, e, com este receo, se detivérão até as bandeiras pasarem e, pasadas, forão logo nas lombas com o capitão, o qual se começou a recolher com brados de Fernão Caldeira e de Pero López, escrivão, e outros que dizendo-lhe não ser razão de mais estar ali se começou a recolher, vindo, todavia, alguns dos nosos a fio, metendo-se sempre connosco; e, sendo já em baixo no vale, nos matárão a Vasco Lourenço Aljofarinho, que, vindo diante de Dom João de Sande, caio antes de chegar ao vale e foi logo morto, e por eles pasou Dom João de Sande tão rijo que os mouros e nós ficamos espantados, por aver diante dele já muitos mouros, e certo que ele vinha no milhor cavalo que em Arzila de Castela entrou, chamado o Ravenga, por aver sido de Roque Ravenga, e a meu parecer diria que Dom João de Sande vinho sem lança, pola já ter empregado, e logo matárão a João Diaz, do conde, e alcaide do mar d'Arzila, que detrás de Dom João vinha, e asi a Duarte Páiz, criado d'el-rei, e outros que já ficávão atrás mortos com Alvaro Pirez de Tavora e João Vaz Aljofarinho e Francisco Lionárdez e João Marinho, do capitão, que detrás de João Vaz vinhão, não podendo aver-se com o capitão, corrêrão ao longo do vale, indo alguns mouros detrás deles, e, chegando ao porto do Camelo, João Vaz, que ia diante, se deceo, e dizendo a Francisco Lionárdez: «Apeai-vos aqui e mouramos como homens com nosas lanças nas mãos, e não nos matarão, indo fojindo, e por detrás», e logo Francisco Lionárdez foi a pé, e, juntos ambos, chamárão a João Marinho, o qual, não podendo tomar o porto, nem ajudar-se com eles, foi morto junto deles de muitas lançadas; e, acabando de fazer esta obra, começárão outro tanto aos dous companheiros, Francisco Lionárdez e João Vaz, mas, achando-os com as lanças nas mãos, os fizérão afastar da silveira, não querendo nenhum ser o dianteiro em chegar a eles, e com esta pouca detença se juntárão corenta ou cincoenta de cavalo e tendo grande barafunda, porque os não entrávão e matávão. Um mouro honrado de Mulei Abrahem, chamado Bujima [1], lhes falou, dizendo que se entregasem, e, por João Vaz dizer que se não avíão de entregar, por que os não matasem como ao outro, o mouro começou a bradar e dizer: «Yo soy de Mulei Abrahem y su criado y pariente y prometo de no os matar [2] y no querais morir como perros pues está [3] aqui mucha gente y no ay en que os defender ny esconder» [4] e tanto perfiou, fazendo afastar os outros pera a parte d'Arzila, que Francisco Lionárdez se detreminou d'entregar, contradizendo-lh'o João Vaz, porque

1. Bujima] Benjuma B N L M. *Nos passos a seguir igualmente assim.* — 2. matar] matay A. — 3. está] no está A. — 4. y prometo .. ny esconder] y vos prometo de vos não matar e nã queyraees morir como perros pues está aquy mucha gente e nõ hay em que vos defender nem esconder L.; yo os prometo de no mataros y no queirais morir como locos pues está aqui mucha gente y no ay con que defenderos ni esconderos B N M.

o avião de matar depois de tomado, e que o mouro, [a]inda [1] que quisese' não no avia de defender dos outros, e, polo muito que o Benjima fazia, Francisco Lionárdez se saio e se entregou, e logo João Vaz, chamando Benjima, um dos mouros d'Alcacere, o tomou nas ancas, e ele tomou a Francisco Lionárdez e, não querendo juntar-se com os outros, que todos érão d'Alcacere, se veio com ele só caminho das bandeiras, donde ainda pasou muito risco e medo de ser morto, porque topando com outros [mouros] [2] andou ás lançadas com alguns, até chegarem outros de Mulei Abrahem que o favorecêrão e acompanhárão até sobre o vale, donde já as bandeiras estávão.

E tornando ao capitão que, pasando o vale, logo a jente foi com ele, mas, como ele vinha cerrado e sobindo pera o Facho, não ousárão apegar com ele, receando que voltase [e] [3], pola ladeira abaixo, os levase até o vale, mas, tanto que fomos no tabuleiro do Facho, logo pegárão tão rijo que ao capitão foi forçado voltar, mas a volta foi tão fraca, por culpa do capitão não trazer a jente requerida e avisada, que todos ou os mais nos desculpamos que o não ouvimos, mas ele, dizendo: «Volta!», virou, e outros quinze ou vinte que junto dele se achárão, e, metendo-se antre os mouros, lhe dérão com ũa lança d'arremeso na testa do cavalo, com tanta força que, ficando empenada, o cavalo caio morto no chão, mas o capitão foi logo fora dele e com muita presteza se pôs em outro que um criado seu lhe deu, que, vendo a seu senhor a pé, se lançou fora do cavalo e lh'o deu, e, tomando-o o capitão, o criado, que .... [4] avia nome [5], foi logo morto de muitas lançadas, junto do cavalo do capitão, o que foi por culpa sua, porque, tanto que deu o cavalo, se pudera lançar á tranqueira ou ao valo, porque, tanto que o capitão foi a pé, se alevantou grande grita, asi dos de cavalo como da jente de pé, que estava no Facho, dizendo: «O capitão a pé!» Todos voltamos, e, fazendo afastar os mouros, teve o capitão lugar de se poer a cavalo e ele de tomar a tranqueira e o valo, mas pareceo que, tomando algũas lanças do chão, esperou que se derrubase algum mouro pera lhe tomar o cavalo, mas, sendo já os mouros muitos e com vitoria, tornando a pegar connosco, nos metêrão polas tranqueiras dentro ás lançadas, com asaz desgosto do capitão, asi polo dano feito, como polos moradores não voltarem com ele, e, asi polo contrairo, louvou muito aos que com ele se achárão, especialmente a Fernão de Matos, que com Dom João de Sande foi a Arzila e já era casado com Caterina Afonso, que nesta cidade anda, e depois lhe fez muita honra e mercê, polo ver junto de si, ao tempo que o cavalo caio, e não se pode tirar aos moradores voltarem sobre seu capitão e se poerem diante até tomar cavalo, e depois o conheceo e os louvou.

1. [a] *f.* A. — 2. [mouros] *f.* A. — 3. [e] *f.* A. — 4. ...] *em branco* A. — 5. o criado... avia nome] o criado antes que o tomase B N L M.

CAPITULO XIII

Proseguindo se conta de um soberbo recado que o alcaide d'Alcacere mandou ao capitão Antonio da Silveira e da reposta e o que mais se pasou

Pois já tenho a Francisco Lionárdez e a João Vaz em poder dos alcaides, onde os trouxérão muito contra sua vontade, e o capitão metido polas tranqueiras dentro, faltando-lhe bem trinta de cavalo, ei estado e detreminado se tornaria a contar o que aconteceu ao adail João Moniz e a Diogo da Silveira, que ao porto do Canto estavão, e asi aos fidalgos já nomeados e outros muitos moradores, de como uns fôrão mortos e outros cativos e outros se salvárão, ou me tornaria ao capitão; e, por estar mais perto dele, me cheguei a contar um recado e desafio que o alcaide d'Alcacere com asaz soberba lhe mandou, o que pasou desta maneira.

Estando o capitão á tranqueira de Baixo, acompanhado [1] de todos nós outros, com muita tristeza, por alguns mouros andarem com algũas cabecas nas pontas das lanças, o alcaide, com muita soberba, mandou um recado ao capitão, e, fazendo um mouro sinal que queria falar ao capitão, o mandou chegar e, metendo-se connosco, foi logo conhecido que era Alé Algazí [2], cavaleiro do alcaide d'Alcacere, e, chegando ao capitão, lhe dise: «Senhor capitão, o alcaide meu senhor diz que ele está ao Facho com sua gente, prestes pera pelejar convosco, se quereis, em nome de Deos, vosa cabeça com a sua, ou tantos por tantos». Recado, certo, foi este mais de barbaro soberbo que de capitão arrazoado, pois em tempo de o mandar visitar e consolar, como logo aquele dia fez, depois de ser satisfeito do capitão com muita honra, como logo direi.

Visto o recado e desafio do alcaide polo capitão, Antonio da Silveira, muito manso e sem nenhũa colera, nem soberba, lhe respondeo e, com a palavra mansa e cheia de muita freima, de que ele era muito senhoreado, lhe dise: «Vós tendes cincoenta cruzados de mim, se iso que dizeis vier a efeito, e um capelar de ezcarlata, por isso fazei com o alcaide que cumpra o que dizeis, que eu, vedes-me aqui, estou prestes»; e, chamando a João de Deos, lhe dise: «I com este cavaleiro e dizei ao alcaide que sou contente, e logo se quer sua pesoa com a minha, em nome de Deos, se tantos por tantos que nos mande contar e se aparte de maneira que seja logo»; e com isto deu a andar pera o Facho, dizendo-nos a todos: «Muito

1. acompanhado] [illegible] A — 2. Alé Algazí] Ali Gazi B N L M.

bem sei que bastais pera dous tantos como vós outros; se o alcaide quiser a mim só, eu espero em Noso Senhor de vos tirar de trabalho, e, não querendo senão tantos por tantos, tãobem espero nele que nos ajudará, pois lhe temos tão conhecida ventaje».

João de Deos chegou ao alcaide, que já pasava o vale, e dele foi bem recebido, por aver cinco anos sido seu cativo, e, dando-lhe o recado do capitão, com muita soberba, dizendo «besmille [1]», que quer dizer «em nome de Deos», com muita furia tornou o cavalo e começou a tornar pera o Facho, e asi tornárão todos os seus e sua bandeira, tão cego que outra cousa não dizia senão: «Até a tranca [2]»; mas Mulei Abrahem, como o vise tornar e soube o que era e o recado que ao capitão mandara, veio com muita furia a ele e, bradando muito rijo, o reprendeo e o fez tornar muito mais manso do que dantes parecia, e, vendo a João de Deos, lhe dise; «Dizei ao senhor capitão que lhe peço muito por mercê que não olhe ás palavras de meu cunhado, que são de louco, e que oje foi noso dia e outro será seu, e que estes são os fruitos que a guerra dá aos que a úsão, e que meu cunhado está arrependido em o mandar anojar, e que ele e eu faremos o que sua mercê mandar, e que não olhe ao recado mao, e que agora avião trazido a Lourenço Pirez de Tavora e a Francisco Lionárdez e a João Vaz, e que avendo outros vivos lh'o faria saber», e o alcaide muito manso lhe deu um fino bedem; e, tornando a mandar ao Alé Algazí com João de Deos, nos viérão tomar ao Facho, e Alé Algazí fez muitos oferecimentos ao capitão de parte do alcaide. O capitão, já mais desagastado, com desejos de saber de seu primo Manoel da Silveira e de Alvaro Pírez de Tavora, e de Manoel da Silveira se era morto, porque, sendo morto, logo sua cabeça avia de ser trazida aos alcaides, — pois tornando João de Deos, os foi tomar ás lombas do Corvo, donde já Manoel da Silveira estava, asaz mal ferido de tres lançadas, ũa delas asaz perigosa, por ser por de baixo do braço dereito. Os alcaides ouvérão sua vitoria por muito mór em terem cativo a um primo do capitão, e, com este contentamento, mostrárão todos quatro cativos a João de Deos e lhe deixárão falar com eles, e, parecendo a Francisco Lionárdez e a João Vaz que João de Deos vinha tãobem cativo, o recebêrão com lhe dizerem: «Venhais muito eramá [3]», e João de Deos lhes respondeo: «Asi estiveseis vós outros como eu venho, pois venho a saber de vós outros»; e, depois que lhes preguntou por Alvaro Pírez de Tavora e Diogo da Silveira, se quis tornar, mas logo Lourenço Pirez de Tavora lhe dise que lhe parecia que vira levar a um mouro o cavalo ruço de seu irmão, e, pois ele não era na vila, era morto.

Dali se detriminárão os alcaides de mandar visitar ao capitão, o que

1. besmille] bezmile L. — 2. tranca] tranqueira B N L M. — 3 eramá] *expressão antiga por* em hora má.

fizérão por Benganeme. pesoa muito honrada e conhecida e da criação do alcaide. e filho do outro Benganeme que morreo na almogaveria de Nuno Fernândez de Taide, como em tempo do conde de Borba já ei apontado. e com ele tornou o Alé Algazi e João de Deos, estando o capitão com todos nós outros ainda no Facho, e Benganeme fez muitos oferecimentos de parte do alcaide, e Mulei Abrahem mandou dizer semelhantes palavras que as primeiras, que a guerra fazia seu oficio em dar semelhantes desgostos. e que muitos érão lançados pera o campo, que os mandase recolher, porque eles os não mandarião buscar, nem esperar, e que Manoel da Silveira e Lourenço Pirez de Tavora serião bem tratados. Com tantos oferecimentos o capitão ficou muito sospeitoso. parecendo-lhe que tudo era a fim de saberem se Diogo da Silveira era salvo e, não sendo na vila. o esperarem, por Alebenaix dizer que o vira ao porto do Canto, e ser Diogo da Silveira a cousa que eles mais desejávão aver. e, como capitão sabio e prudente, quis prover e remedear que o não soubesem e, fazendo muita honra a Benganeme e a Alé Algazi, os quis deter, trazendo-os á vila, mandando primeiro avisar a Jenebra de Brito, molher de Diogo da Silveira, que não chorase. nem mostrase sentimento. porque aqueles mouros não vinhão senão a saber se era na vila, pera o mandarem buscar e esperar, e com eles se veio á vila. donde esteve muito pouco espaco. e ele na vila veio João da Silveira. mourisco, que achando-se ao porto do Canto com Alvaro Pirez e os outros, vindo-se recolhendo e vendo os mouros diante, alanceando seu cavalo, se deixou quebrar antre uns fectos [1], donde não foi visto, e, depois, tomando a ribeira, veio sair ao Rio Doce com sua lança nas mãos. Muito folgou o capitão com a vinda deste mourisco, parecendo-lhe que, pois Deos o avia salvado, asi salvaria a Diogo da Silveira e aos outros que ao campo se avião lançado, e, com este alvoroço, não podendo sosegar, se pôs a cavalo com toda a jente, levando aparelho pera trazerem os mortos. se foi ao Facho e, despedindo os dous mouros. lhes dise que disesem aos alcaides que, mandando-lhe um dos cativos, Francisco Lionárdez ou João Vaz, lhe daria Alé Çaidão, que aquele dia fora tomado, pois doutra maneira não avia de sair de cativo senão o mouro por João Vaz, como depois saio.

Partidos estes dous mouros, o capitão mandou descobrir as atalaias, a Ruiva e Bugano e o Corvo. e não tardou muito que vimos asomar polo caminho das vinhas um de cavalo, o qual fòrão reconhecer alguns de cavalo, dos quais tornou logo Artur Rodriguez, mourisco e almocadem, pedindo alvixaras. que era Diogo da Silveira. O capitão lh'as deu muito boas. dando-lhe todo um vestido de pano azul de Ingraterra. Foi tanto o alvoroço e contentamento do capitão, em ver salvo a Diogo da Silveira. que parecia não sintir a perda que aquele dia recebeo, e logo ali contou

1. fectos; feytos L; feut. B; fetos N M.

tudo o que no porto do Canto se pasara, e como Manoel da Silveira ficara em poder dos mouros, e de como ele se apartara do adail e de Fernão da Silva, o que pasou desta maneira.

CAPITULO XIV

Proseguindo se conta o que pasárão Diogo da Silveira e Fernão da Silva que com o adail se achárão ao porto do Canto e se lançárão pera o campo e de como cativálrão a Manoel da Silveira que com eles ia

PARECIA já que tardava em não dar razão do adail e de Diogo da Silveira, que trás os almogavares ião, e o que lhes aconteceo; e pois já está entendido todo o mais que em aquele afortunado [1] dia aconteceo, até Diogo da Silveira chegar ao capitão, e, deixando-o em querer gastar e trazer os mortos [2], o que do dia ficava pasa asi: que, sendo já os nosos ao porto do Canto com os mouros, e vendo Alebenaix o fio da jente, que polo Corvo abaixo decia, por poer os nosos em mór cobiça, alargou ou fez alargar a atalaia que levávão cativo de Tendefe, detendo-se da outra parte do porto, como que querião fazer algũa volta, mas, tornando a enfiar e pondo-se em fujida, posto que João Moniz, adail, como homem de recado não quisese pasar e requerese que não pasasem, todavia, seu sogro, João Coelho, mais alvoroçado do que requeria sua idade, pasou logo da outra parte, bradando e gritando que pasasem, e vendo os almogavares que voltávão com muita furia que vendo a jente e bandeiras ir caminho do porto d'Alemoquique, o que ele tãobem vio, e gritando: «I-vos, i-vos!» tornou pera pasar o porto e, não o podendo tomar, se lançou por cima de ũa silveira ou carriceira, donde logo foi morto de muitas lançadas, e, querendo o adail, seu jenro, recolher e acudir, foi ferido de ũa mortal lançada que o pasou de ũa parte a outra, de que viveo, e Diogo da Silveira derrubado, e, os mouros por tornar a pasar e os nosos por lhe defender o porto, ouve algũa detença.

Entretanto as bandeiras, tendo pasado o porto d'Alimoquique com a jente, sobião polas lombas do Corvo acima, e, posto que os das lombas e outros que ião na varzia vendo a jente dávão rebate e se tornávão donde tomávão o rebate e vião a jente, os do porto do Canto estávão tão embebidos que, quando de lá sairão, já não virão remedio pera se ajuntar com o capitão, e, todavia, Alvaro Pírez de Tavora e seu irmão Lourenço

1. afortunado] mal afortunado B N M. — 2. e, deixando-o... os mortos] e deixando que em buscar e trazer os mortos ficava gastado B N L M.

Pírez de Tavora e os outros que se perdêrão e muitos que se salvárão cometêrão as lombas, donde Alvaro Pirez de Tavora foi morto com muitos que em sua isteira vinhão e Lourenço Pires de Tavora cativo, e os que se salvarão foi pola muita detença que o capitão fez nas lombas do Corvo, como já fica apontado. Vendo Fernão da Silva e Diogo da Silveira e outros seis ou sete de cavalo, que com Manoel da Silveira fôrão, os derradeiros que do porto sairão, a varzia e lombas do Corvo ocupadas já com a jente dos mouros, todos juntos tomárão ao longo da ribeira de Bugano, com vontade, se pudesem tomar a Atalaia Alta, averem o Soveral, mas Alebenaix e os almogavares, pasando o porto, logo fôrão junto com eles, e, levando-os apertados em dereito da fonte de Bugano, o cavalo de Manoel da Silveira deu a fé de todo e, apertando os mouros, com ele lhes ficou nas mãos, rodeado de muitas lançadas, das quais o defendêrão ir bem armado de muito boas armas, as quais cobria ũa fina marlota que levava vestida de ũa grã rosada, e, conhecendo que era pesoa nobre, uns polo tomar vivo e outros polo matarem, fizêrão grande detença e acabárão de o render com tres lançadas, afora outras muitas que as armas defendêrão, mas, como os mais érão do Farrobo e costumados a tomarem vivos os alcançados, lhe dérão a vida, ainda que alguns lembrárão a morte de Amelix, que pouco avia fora morto, sendo uns seus parentes e outros seus companheiros e amigos.

Nesta detença, que estes mouros fizérão em a tomada e prisão de Manoel da Silveira, tivérão lugar pera se alargarem dos mouros o adail e Fernão da Silva e Diogo da Silveira, os quais tomando o corrego do Malhão, Diogo da Silveira, que seu cavalo sintia algũa cousa fraco, se lançou no corrego e, metendo o cavalo em um pego cuberto de ũa carriceira, com lança na mão se saio dele e se veio meter num bisnagal, junto da casa de Simão da Fonseca, em vista do seu cavalo; o adail e Fernão da Silva e seus companheiros, tendo vista dalguns mouros, que pola Atalaia Ruiva ião, carregando a Mijeleo, fôrão tomar atalaia sobre si e, vendo que os da Atalaia Ruiva e alguns almogavares carregávão ao rosto d'Alfomar, por donde virão ir outros dous ou tres de cavalo, que por antre as varzias tomárão, se leixárão estar e, não vendo ninguem, ao quarto d'alva viérão demandar a vila, com muito trabalho que levárão em trazer ao adail, João Moniz, que, como vinha pasado de ũa grande lançada e com falta do sangue, muitas vezes se esmoroceo; mas como ele era homem de grande esprito, tornando em si, dizia que o não deixasem, porque ele se esforçaria a vir como veio, e, sendo curado, sarou de ũa grande ferida, mas o capitão deu logo o oficio e cargo de adail a Fernão Rodriguez Colares, seu criado, e não lh'o quis tornar depois de são, pondo-lhe algũa culpa, que por ele ir tras os mouros se fez o desmancho. Tornando a Diogo da Silveira, tanto que vio despejada a Atalaia Ruiva e não ouvio artelharia, como homem sabio e prudente, vendo que érão oras da jente

ser recolhida, e que sabendo os alcaides serem muitos lançados pera o campo, e que avíão de saber que ele era um deles, e como fose noute os avíão de mandar esperar ás tranqueiras e tomar-lhe os caminhos, tornou a buscar o cavalo e, achando-o bom, se pôs em cima dele e, tomando o ribeiro de Jil da Mota abaixo, veio demandar a vila e sem achar contraste veio ter com o capitão, como atrás fica apontado; e com isto acabo de contar todo o mais que esta afortunada tarde em Arzila pasou, não sem muito trabalho meu em trazer á memoria cousas que depois de pasadas fícão detrás das costas, como em tomar enformação das particularidades deste dia da maneira que são contadas [1]. Porque, antes que estes alcaides saisem do noso campo e se apartasem, pasou Mulei Abrahem algũas praticas e razões com os cativos, e asi a repartição deles e a afeição que Mulei Abrahem tomou com Francisco Lionárdez, fazendo-lhe honra e mercê, parece-me que tudo será aprazivel de ouvir e se saber, o porei aqui.

Aquela noute não parárão até chegar a Alicototo, ao pé de Benagorfate, donde logo veio infinda jente de pé com sua adiefa de comida, como o tem de costume, e Mulei Abrahem fez curar a Manuel da Silveira e a Lourenço Pírez, que feridos íão, e, trazidos ante Mulei Abrahem, lhes dise: «Senhores, nós estamos no campo, donde é razão que vos mande atar e guardar, mas, como fidalgos e cavaleiros que sois, se me prometerdes de não fazer roindade, dormireis aqui em minha tenda». A estas palavras respondeo Francisco Lionárdez, como homem despejado, e parecendo-lhe fazia no partido dos fidalgos: «Senhor, entregue-m'os vosa senhoria a mim que eu darei conta deles». Mulei Abrahem lhe respondeo: «Que segurança terei eu? [2]» [Respondeo o Francisco Lionárdez] [3]: «Minha palavra, que sou mais fidalgo que nenhum que aqui está». Mulei Abrahem lhe respondeo: «Por mi lei, rico estar eu, que nom sabia ter cativo tão bom fidalgo: eu quero que vós me deis conta destes fidalgos» [4] e, mandando pôr guardas derredor da tenda, mandou que estivesem soltos. Fôrão estas praticas causa de Mulei Abrahem o resgatar logo, e o mandou com seu recado a el-rei, noso senhor, e ao xarife, rei de Marrocos, e depois de lhe tirar a mór parte do resgate e sempre lhe fazer muita honra e mercê, dando-lhe por muitas vezes cavalos e bois e vacas, e isto basta pera se entender o que entendo dizer ao diante, no que socedeo a Mulei Abrahem e a Mulei Hamete, filho d'el-rei morto, fazendo-o rei de Féz e tirando o reino a Mulei Boaçum, tudo pola industria e saber e manha de Mulei Abrahem.

1. e com isto... são contadas] *f.* B N L M. — 2. terei eu] tenei eu A; terne yo B L M; tendre yo N. — 3. [Respondeo o Francisco Lionárdez] *f.* A. — 4. Por mi lei... destes fidalgos] Por mi ley rico estoy yo que no sabia yo tener cativo tam buen fidalgo. Yo quiero vos me deis cuenta destes fidalgos B N L M.

Pois tornando aos alcaides, logo ao outro dia pola manhã, juntos os cativos e cavalos e armas e despojo, tudo foi logo vendido, avendo os alcaides os quatro cativos, e deles fizérão logo ũa parte a Mulei Hamete, filho d'el-rei morto, de que Mulei Bohaçum foi queixoso, a ele não lhe darem parte. Aquela manhã, antes que fosem vendidos, foi trazido a Mulei Abrahem um relicairo e ũa cruz de ouro que foi tirado a Alvaro Pirez, as quais reliquias Mulei Abrahem mandou a Lourenço Pirez, mandando-lhe dizer que aquelas peças achárão a seu irmão, que as tomase, consolando-o.

Tãobem podem dizer muitos como foi logo conhecido Lourenço Pírez, sendo tão moço e não avendo tres meses que estava em Arzila e estando neste tempo os portos cerrados, que não ia, nem vinha ninguem? A isto digo que não ia pesoa a Arzila que logo se não soubese em terra de mouros, polos que ião e por cativos que cada ora tomávão, quanto mais que diz Francisco Lionárdez que, trazendo Lourenço Pirez diante de Mulej Abrahem e do alcaide d'Alcacere, logo um mouro lhe dise: «Lourenço Pirez ayer ninho y oy venir a guerra», e, querendo negar, lhe tornou: «Eu estar cativo de Dom Gonçalo Coutinho que tener la quinta em Caparica, junto com voestro padre, e cada dia conhecer a vós e a voestros hermanos». Pasado isto, Mulei Abrahem, tomando consigo a Manoel da Silveira e Francisco Lionárdez, dali mandou visitar ao capitão Antonio da Silveira, escrevendo-lhe como ele levava seu primo, por ir mal ferido, e a Francisco Lionárdez, e o alcaide a Lourenço Pirez e a João Vaz; e desta maneira se acabou esta junta destes alcaides que tanto dano fizérão, sendo pasado tudo isto que tenho contado em quinta-feira, dia de Corpo de Deos, do ano atrás dito de mil e quinhentos e vinte e seis.

Porque, logo ao domingo seguinte, eu ouve ũa perda [que] [1] pera mim, e [2] ser em principio de meu mundo, foi muito grande, [a porei aqui] [3], a qual foi que, tendo em minha casa o mourisco que foi meu escravo, que, como está dito, se fez cristão e avia tomado dous mouros á ponte d'Alcacere, e tendo eu ũa moça mourisca, asaz branca e muito jentil molher, que se chamava Isabel, levantando-se esta moça Isabel a ir por ũa talha d'agoa, domingo de madrugada, a Acacaia, como é costume, o mourisco e mao cristão, ficando amedrentado do dia pasado de Corpo de Deos, detreminando de se ir pera os mouros, e querendo levar algũa pesoa pera pagar o que tinha feito, se foi á moça e, pondo-lhe a espada nos peitos, dizendo-lhe que a mataria se se não fose com ele, porque a avia de levar ou a avia de leixar morta, e, levando-a ao Miradouro, a lançou do muro abaixo, por um cabrestilho atada nele, e a si após ela; e, sintindo eu que o mourisco era fora de casa, temendo-me, fui logo em pé e, chegando ao Miradouro, topei com o cabrestilho na bombarda, chamada o Grifo, e,

1. [que] *f.* A. — 2. e] por B N L M. — 3. [a porei aqui] *f. em todos os mss.*

fazendo repicar, foi logo toda a vila em pé, e asi o capitão, e sabendo o que era e pedindo-lhe licença pera com vinte de cavalo os irmos buscar, pois não podião ser senão muito perto, por aver muito pouco [1] que érão fora, o capitão em tanto que esteve em duvida, fomos postos a cavalo muitos amigos meus, mas, como Fernão Caldeira chegase ao terreiro, contradise a ida fora, dizendo ao capitão que não era bem dar-nos a porta, por aver tres dias que nos corrêrão mil e quinhentos de cavalo e que podião estar no campo, e que um mourisco não parecia razão ir-se sem seguro e sem os alcaides o saberem, e que o mouro que viera com a carta de Mulei Abrahem, que ontem se avia ido, podia falar com ele e ievar recado pera o virem esperar cento ou dozentos de cavalo. Com estas razões, o capitão nos mandou decer, ficando eu muito agravado de Fernão Caldeira, ainda que sem razão, por suas razões serem muito soficientes, mas o perro esteve tres dias embrenhado em Alfomar, ũa legoa da vila, que, por ser já menhã, não pode pasar dali; mas, como o não fôrão buscar, eu perdi minha escrava moça, que bem valia cem cruzados, e outros cento que polo mourisco o capitão ficou de me dar das presas que ele fizese. Tãobem neste feito eu recebi agravo do capitão, porque, ficando deste mao cristão um cavalo e armas, que Alvaro Pírez e seu irmão e os mais fidalgos lhe dérão, encavalgando-o e armando-o, o qual cavalo e armas o capitão tomou pera si, parecendo razão e justiça darem-m'o, como fazenda de ladrão que me avia furtado ũa escrava, mas, como com os capitães ninguem se pode poer em justiça, ele ficou com ele e eu com toda a perda.

CAPITULO XV

De como o capitão tomou ũa aldea chamada Alinaçar sendo com ele Francisco de Meneses de Tanjere com trinta de cavalo e o que mais socedeo com Dom Duarte sobre ir Francisco de Meneses sem sua licença

NÃO poso negar que não fiquei descansado em sair deste dia de Corpo de Deos, em que foi necesario escrever cada cousa por si, acontecendo todas em um tempo e dentro de meia ora, e, pois que já tenho dado a entender como milhor soube e pode, pasarei ao que socedeo mais adiante. Sabendo Dom Duarte de Meneses, o d'Evora, capitão da cidade de Tanjere, o que em Arzila avia pasado, pesando-lhe muito, mandou logo visitar ao capitão, Antonio da Silveira, a qual visitação fez Francisco de Meneses, almocadem e pesoa muito honrada, que pera ela lhe pedio licença, que, sabendo que Diogo da Silveira escapara,

1. pouco] puquo A.

o queria ir ver e visitar a Arzila, por ficarem em muita amizade, quando Diogo da Silveira esteve em Tanjere e pousar com ele. Dom Duarte lh'a concedeo e Francisco de Meneses veio a Arzila com trinta de cavalo e foi muito honradamente rezebido do capitão, o qual vendo em Arzila a Francisco de Meneses com os trinta de cavalo, querendo mostrar aos mouros que não ficava quebrado, mandando primeiro a Artur Rodriguez fora com vinte de cavalo, o qual tomou dous mouros na boca de Benamares, e, tendo deles nova pera ir fora, deu conta a Francisco de Meneses, rogando-lhe quisese ir com ele a tomar ũa aldea que João da Silveira, mourisco, lhe dava; e esta presa dava o capitão a este mourisco, por o umiziar, que, como se avia ido o outro, desejava que se não fose estoutro. Francisco de Meneses foi contente de ir nesta cavalgada e, falando com sua companhia, todos disérão que farião o que ele lhes mandase, pois com ele érão vindos.

O capitão mandou dar ás trombetas, e, levando-o João da Silveira pola boca de Benamares, chegamos a tempo á aldea, que mandando o capitão decer trinta de cavalo com outros vinte de pé, que da vila fôrão em azemelas e em outras mulas de serviço, com os quais João da Silveira deu na aldea, e, como a nosa jente era pouca e as casas muito espalhadas, se não rodeárão mais que quatro ou cinco, das quais se tomárão dezasete almas e cento e vinte cabeças de gado vacum e outro golpe de meudo e algũas egoas, e com sua cavalgada se recolhêrão pola boca de Benamares fora, e sem algum impedimento fomos na vila. Pola quebra pasada a vila começou a tomar algum folgo, levantando a cabeca. O capitão pagou aos de Tanjere suas partes, e mais do que lhes vínhão, e a Francisco de Meneses contentou com lhe fazer mercê de dous bois e duas vacas e ũa duzia de cabras, da qual mercê os de Tanjere fôrão murmurando, dizendo que Francisco de Meneses devia de partir com eles; e, chegados a Tanjere, teve Francisco de Meneses com Dom Duarte outro desgosto, reprendendo o, porque fora entrar sem sua licença, e que não ouvera de pasar seu mandado, que era fazer a visitação a que ia, e sobre isto o teve alguns dias preso, o qual muito agravado se veio pera Arzila; mas, como Francisco de Meneses era pesoa pera não ser agravada e de quem o capitão e cidade tinha muita nezesidade, por sua pesoa e muitos serviços, o capitão, Dom Duarte, o mandou logo buscar, e daqui se recreceo quebra antre Dom Duarte e Antonio da Silveira; e acrecentou mais um navio de trigo, que vinha pera Arzila, ir ter a Tanjere, o qual Dom Duarte tomou e fez descarregar, ou por ter necesidade, ou por o mestre lh'o requerer, que o navio fazia muita agoa, de que Antonio da Silveira ficou escandalizado; e, vindo a Arzila João Fernândez Berrio, capitão de ũa caravela d'armada, que trazia o navio que em Tanjere descarregou, o capitão, Antonio da Silveira, o reprendeo e, querendo-o castigar, o prendeo, que não saise da vila, mas, como aquele dia correse jente grosa pola praia e

o capitão estando no adro, recolhendo sua boiada e campo, e como os do navio d'armada visem a jente pola praia, com o traquete davante se veio poer aos Mastos e com a artelharia fez afastar as batalhas dos mouros, ficando um cavalo ou dous mortos ao pé do outeiro de Fernão da Silva, e, vendo João Fernândez Berrio os mouros, se meteo em ũa barca com dous berços e fez afastar os mouros de toda a praia, indo ele ao longo do Rio Doce, do qual navio e barca os mouros recebêrão muito dano e mais que da vila, polo qual o capitão, Antonio da Silveira, foi tão contente do que Berrio e sua caravela fizérão que, esperando-o na praia, lhe fez muitos oferecimentos e ficárão muito amigos, e o João Fernândez Berrio servio muito bem aquela vila, em tanto que durou o tempo de sua capitania; e a amizade dos capitães se fez desta maneira, que vindo ter a Tanjere Dom Antonio d'Almeida, filho do conde d'Abrantes, que vinha pera Arzila, Dom Duarte, por lhe fazer honra, o quis acompanhar e o trouve a Arzila com toda sua jente, e foi do capitão muito honradamente recebido e servido, asi dele como de sua molher, e ficárão conformes e amigos; e com isto os leixo e pasarei a outro capitulo, em o qual entendo contar o suceso do mourisco João da Silveira.

CAPITULO XVI

Das mudanças em que João da Silveira andou com a jente indo-se pera terra de mouros até se tornar

Pois tenho antre mãos a este João da Silveira, mourisco, e que foi guia e almocadem desta cavalgada, atrás contada, pareceo-me bem não o leixar dantre as mãos até o leixar apousentado no inferno, donde, segundo nosa santa fé, ele está. Desta cavalgada foi o capitão muito contente de João da Silveira, fazendo-lhe muito mais honra e mercê, e lhe mandou dar cincoenta cruzados pera um cavalo e armas, polo que avia morto o dia pasado de Corpo de Deos, e mais lhe mandou dar do seu quinto dous bois e duas vacas, e o casou com Joana Fernândez, molher que foi de Francisco López Galeguinho, que os mouros matárão no Tojal, como fica contado, a qual Joana Fernândez era muito moça e asaz fermosa, tinha ũas boas casas e outros bons achegos de casa, de maneira que ele vivia honrado e abastado com sua molher, que, certo, em fermosura e feitos era pera servir outra pesoa de muito mais sorte [1] e calidade, e tãobem ele era dela muito contente e namorado; mas o diabo, fazendo seu oficio e junto com sua pouca firmeza e fé, o danou de má-

1. sorte] honra B N M.

neira que cometeo um feito asinalado e se ir pera os mouros, como se foi, não danando mais que a sua alma, a qual negoceação pasou desta maneira.

Avendo el-rei de Féz de ir a Marrocos fazer guerra aos xarifes e levando ao alcaide d'Alcacere Quibir consigo, como pesoa principal, o qual, tendo já amizade com o capitão, Antonio da Silveira, lhe mandou pedir emprestados dous mil cruzados, os quais o capitão lhe emprestou em cincoenta quintais de lacar d'el-rei, noso senhor, que em Arzila estávão, ainda do tempo da feitoria, e, pera segurança deste lacar, deixou estar em penhor a um mouro honrado, que se chamava Isa Xicarra [1], e a um judeu, tãobem pesoa honrada, que avia nome Hiunes [2]; e, estando este mouro e judeu em Arzila, em ũa pousada sobre si, o João da Silveira tratou com o Isa Xicara que, dando-lhe o alcaide seguro, se iria e lhe entregaria ũa quadrilha de almogavares, e, porque Isa Xicara não confiava dele, lhe deu um capacete, que fora do capitão, que mandase ao alcaide, pera estar mais certo e vir, ou esperá-lo ao campo, donde ele dizia que levaria trinta de cavalo. Isa Xicara, como homem prudente e de bom recado que é, pois ainda é vivo, pois foi polo alcaide Laroz justiça d'Arzila, depois de noso despejo, mandou o capacete ao alcaide, sem ser sentido; mas, como o demo faz descobrir as cousas mal feitas, ordenou que João da Silveira, não podendo [3] poer por obra o concerto e temendo-se do capitão saber algũa consa e lhe preguntar polo capacete, detriminou de o dizer ao capitão, e, tomando ao capitão, lhe dise o que pasava, e que ele tinha dado o capacete a Isa Xicara, pera que, mandando-o pola culpa, fose cativo e a cafila se perdese; e, posto que ao capitão lhe pesou e não lhe pareceo bem, todavia, lhe dise tivese aviso, que não fose o capacete sem ser achado, e, partindo a cafila, um domingo pola menhã, por já do sabado ficar tudo fora, no adro, sómente alguns judeus que na vila dormirão, quando pola menhã forão pedir as chaves, o capitão foi logo em pé e, tomando consigo a Diogo da Silveira, se foi ao adro e, fazendo abrir todos os lios e fardos, não se achou nada, de que o capitão ficou muito sospeitoso de João da Silveira e, sem dar a entender cousa algũa, despedio a cafila e se tornou á vila; mas João da Silveira, vendo que o negocio se ia descobrindo e que o capitão lhe não dava licença pera ir fora, tratou com Isa Xicara que mataria a Diogo da Silveira, que era a cousa que os mouros mais desejávão, e logo começou de se chegar a ele tanto que Diogo da Silveira o entendeo e se começou afastar dele, e, um dia que o capitão ia a monte, João da Silveira lhe dise: «Companheiro, vamos oje crestar». Diogo da Silveira lhe respondeo: «Vós e eu sabemos o campo, por isso podeis ir por donde quiserdes e não me bus-

1. Isa Xicarra] Isaxisera B N M; Isaxicera L; *mas a seguir sempre* Xicara B N L. — 2. Hiunes] Yhunes B N L M. — 3. podendo] podesse B N L M.

queis, que não tenho de ir por donde vós fordes, porque vendo-nos juntos não sospeitem que falamos em algũa traição». Aqui, diz Diogo da Silveira que lhe respondeo por aravia: «Vós sois muito cerrado e ninguem pode entender voso coração». A isto lhe respondeo: «Todos entendem meu coração, que, asi como meu rosto é craro e limpo, asi o é ele, e agora conheço que o voso não está bom, por isso não me vades buscar, porque vos tenho de matar, primeiro que vós a mim». Respondeo ele: «Se vós sois contra mim, companheiro, quem será por mim?» «Ele e vosas obras», respondeo Diogo da Silveira; e logo, dando conta ao capitão, lhe dise: «Senhor, se eu matar a João da Silveira crea que o fiz por asegurar a minha cabeça, porque me parece que não anda bom». O capitão lhe agardeceo e o aconselhou, como amigo verdadeiro.

Depois disto, indo Diogo da Silveira a monte com dez de cavalo, á ribeira do Amame, e tendo já mortos quinze ou vinte cabeças, o João da Silveira foi ter com ele com suas couraças vestidas debaixo do pelote, mas Diogo da Silveira deixou logo o monte e lhe dise: «Não é bom montear com couraças», e, todavia, lhe fizérão parte da carne. Logo em outro monte, andando Diogo da Silveira e Bras Fernândez, amo do capitão, apartados, foi João da Silveira ter com eles, mas Diogo da Silveira, vendo-o, logo dise: «Amo, eu ei oje de matar a João da Silveira, porque me vem buscar pera me fazer outrotanto». «Eu vos ajudarei», dise Bras Fernândez, «mas não seja sem vô-lo merecer», mas ele, vendo-o a recado, se afastou deles e logo pôs por obra de se ir como pudese; e, estando o capitão na guarda, ao pé da Atalaia Gorda, Artur Rodríguez, mourisco e almocadem, pedio licença ao capitão pera chegar a Bugano com cinco ou seis de cavalo matar um porco que vira na fonte. O capitão lh'a deu, e, apartando-se com Afonso Barriga, Estêvão Fernândez e outros, João da Silveira se apartou com eles, com entenção do que não pode executar em Diogo da Silveira o fazer em Artur Rodríguez, mas ele [era] [1] logo avisado de Diogo da Silveira, dizendo-lhe que se guardase e oulhase por si, mas eles, batendo a canavieira [2] da fonte, deitárão um porco fora, o qual pasando a ribeira tomou por antre as varzias, e João da Silveira só após ele, sem Artur Rodríguez querer pasar, por não ter licença do capitão, e, esperando que João da Silveira tornase, aguardárão um pedaço e, vendo que não vinha, se viérão pera o capitão, o qual, vendo-os vir sem ele, logo dise a Diogo da Silveira e a Fernão Caldeira: «João da Silveira é ido, praza a Deos que não deixe feito algum dano!» e, chegando Artur Rodríguez, lhe contou como desaparecera. O capitão deu graças a Deos em não deixar feito algum dano.

Tornando a João da Silveira, tomando por Almenara e por Alhadra, foi sair á estrada d'Alcacere, donde alcançou a Isa Xicara com a cafila,

1. [era] *f.* A. — 2. canavieira] canavieiria A; canaveira B N L M.

que aquele dia avíão [1] partido da vila, mas Isa Xicara, tanto que o vio junto de si, fez deter a cafila e lhe requereo que se apartase deles, e dali mandou um mouro ao capitão, por escusar achaques de capitães; e ele, chegado a Alcacere, foi muito bem recebido e favorecido de cide Naçar, filho do alcaide, tomando-o por seu e dando-lhe de comer, mas do alcaide cide Hamete foi pouco visto e olhado, polo qual logo intentou de fazer outro abalo, como se verá ao diante, ou logo.

CAPITULO XVII

Proseguindo com João da Silveira se conta como se tornou pera Arzila e do que ordenou

Estando João da Silveira em Alcacere, tornado outra vez mouro, por ũa de duas cousas, ou por ambas, tratou de se tornar outra vez pera Arzila, [a]inda [2] que de cide Naçar foi muito bem recebido, como já ei dito. As causas fôrão o pouco favor que no alcaide sentio e a outra foi a lembrança que teve de sua molher, que era moça e fermosa, a qual, vendo-o perdido, não lhe ficou cousa que não fizese pera o trazer a terra de cristãos, fazendo muitas devações, romarias de noute e de dia, até, segundo fama, intentar fazer feitiços, que, como moça, tudo o que mouras e más cristãs lhe dizião e insinávão fazia, polas quais cousas ele veio a intentar de se tornar a vir e, por intercesão de meu compadre, João Vaz Aljofarinho, que cativo estava, e asi Miguel Fernândez Centeo, entregaria ũa quadrilha d'almogavares, com os quais se viria deitar em Tendefe, e que, correndo após as atalaias, pasaria o ribeiro de Jil da Mota, e que este sinal daria pera o capitão saber que não érão mais que almogavares. O capitão deitou mão deste trato, e, correndo alguns dias, João Vaz saio de cativo polo mouro que se tomou em dia de Corpo de Deos, em que ele foi cativo, e trouve a concrusão, e, pera João da Silveira ser seguro do capitão, lhe mandou duas regras em um papel, em que ião ũa duzia d'agulhas de çapateiro, que Miguel Fernândez Centeo mandou pedir, as quais palavras não dizião mais que isto: «Eu vos receberei com a vontade e rosto dantes e não me lembrará nenhũa cousa».

Pois tanto que estas agulhas e papel fôrão ter á mão de Miguel Fernândez Centeo, ele ordenou de poer por obra o que tinha asentado e, pedindo licença, lh'a deu [3], desejando de o omiziarem, e, com trinta de cavalo, veio donde avia ficado, e se tornárão sem fazer nada, polo capitão

1. avíão partido] avia partido L; partio B N M. — 2. [a] *f.* A. — 3. lh'a deu] lhe foi dada B N L M.

estar dando a guarda ao longo do Rio Doce, e posto que logo, em ouvindo o rebate, se pasou ao Facho, e polos mouros se irem recolhendo e, o que é mais certo, polo capitão não estar confiado nele, não quis alargar jente de si, nem a aventurar, como era muita razão, mas, como logo viese cafila, que já a este tempo vinhão todas as semanas, e disesem que os almogavares érão d'Alcacere e João da Silveira era o almocadem e guia deles, o teve por certo, e ordenou que o adail, Fernão Rodriguez Colares, levase sempre consigo quinze ou vinte de cavalo, como pera favor das atalaias, pera que, sendo necesario pegar com os mouros, se achase groso; e asi pasárão alguns dias, que sendo dia de Sam Sebastião, ano do Senhor de mil quinhentos e vinte e oito, sendo o capitão com todos nós outros ao longo da ribeira do Amame monteando, por dar costas a Artur Rodríguez, que era fora com vinte de cavalo, o qual tomou aquele dia um mouro e oito bois de arado, dentro da boca de Benamares, pois neste dia do bem aventurado martire Sam Sebastião, estando duas atalaias na Atalaia do Mar, homens de muito bom recado, os quais érão João Fernândez, jenro de Nuno Álvarez de Carvalho, e o companheiro Vasco Morgado, de quem já tenho feito menção, estávão apartados e em cima de seus cavalos. João da Silveira, que neste dia vinha com entenção de entregar seus companheiros, vendo de Tendefe donde estava o campo recolheito daquela parte e que as atalaias não pasávão do mar polo corrego abaixo, veio polas saltear, e, emparelhando com Bastião Fernândez, lhe corrêrão até sobre as vinhas, sem o poderem alcançar, mas Vasco Morgado, que ao longo do mar vinha e fora de caminho, quando chegou á torre do Pombal, achou tres mouros de diante e, posto que ele é [1] muito valente homem, achando seu cavalo cansado de pasar por terra atoladiça e o seu caminho ser mais comprido e ele apertar muito seu cavalo, por os mouros lhe virem atalhando, como viérão, e, pondo-se derredor dele e não vendo ninguem que lhe valese, se rendeo, os quais tres mouros érão o mesmo João da Silveira e Isa Xicara e um ferrador d'Alcacere, valente homem que sempre era dos dianteiros, e desta vez levárão cativo a Vasco Morgado, por não aver desta parte do Facho ninguem, sómente as atalaias da Ruiva.

O capitão ficou agastado em não se achar na vila e desimulou esta vez o milhor que pode, tendo, todavia, que João da Silveira tinha cumprido o que ficara; mas ele, vendo que a cousa se alargava e que avia já muita sospeita dele, e que depois disto pedira licença ao alcaide e que não lh'a quisera dar, temendo-se dele, detriminou de se vir como pudese, e o pôs por obra, que, vindo sua Pascoa, pedio licença a cide Naçar pera vir [2] ver sua mãe e parentes a Benarróz, donde ele era natural, e, dando-lh'a, lhe deu ou fez mercê de algũas peças de seu corpo, e, vindo-se á

1. é] era B N L M. — 2. vir] ir B N L M.

serra com outros parentes e amigos, furtando-lhe a volta, se veio a Arzila e, sendo visto das atalaias, se deu um grande rebate e, saindo o capitão a repique ao Facho e dahi ás lombas do Corvo, chegou Estêvão Fernândez com a nova ser João da Silveira. O capitão folgou muito e o esperou e recebeo com bom rosto e gasalhado, e asi o fizérão todos os fidalgos e fronteiros e moradores da vila, e ele abaixou a cabeça, mostrando muita vergonha. O capitão se veio á vila e o acompanhou até a Misericordia, donde aquela noute ficou, acompanhado de muitas pesoas. Foi este dia um dos mores alvoroços que na vila ouve, folgando todos com sua vinda, asi por ele ser aprazivel, como por sua molher ser criada na vila e lhe quererem bem, e o capitão o tornou a poer á sua mesa, mas não com a vontade que solia, mas ele, sintindo algum desfavor, logo intentou outro movimento pera se ir, como se foi. Veio João da Silveira esta vez com um saio de grã e marlota de seda azul e bedem e cabeçadas e cinto de prata e estribeiras prateadas da pesoa de cide Naçar.

CAPITULO XVIII

De como João da Silveira se tornou a ir e levou um sobrinho de sua molher cativo e de sua morte

Como João da Silveira foi em Arzila, logo foi arrependido, sintindo no capitão algum desfavor, e asi em Diogo da Silveira e Artur Rodríguez, que, sendo eles mouriscos e muito honrados e favorecidos, se afastávão o mais que podíão dele, não o conversando, nem lhe dando parte de seus ardis e negocios, antes os encobríão dele. Era a causa que um primo de Diogo da Silveira, pesoa muito honrada, que se chamava Almeçure, e cavaleiro do alcaide, lhe mandou dizer por Vasco Morgado, que logo saio de cativo, que se guardase de João da Silveira, porque o avia de matar, que não vinha a outra cousa. Tãobem o mesmo mandou dizer outro irmão de Artur Rodríguez, tãobem cavaleiro do alcaide, chamado Alataix, que se guardase e não se fiase dele, que, pois o não matou da outra vez, quando se foi, agora o poria por obra, e, sintindo João da Silveira andarem percatados estes dous homens, que ele esperava que o favorecesem, lhes falou: «Companheiros, se vós outros me desfavoreceis quem olhará por mim? Eu ando corrido e avergonhado e, quando ando com vós outros, cuidarão que está o que fiz esquecido: por tanto olhai por mim». Diogo da Silveira lhe respondeo: «Quem ouver de ganhar o coração de seu imigo ha de ser com boas obras: trabalhai de servirdes ao capitão e fazer algũas cousas boas pera vos umiziardes e nós vos ajudaremos em tudo o que pudermos; e, como os

mouros não desêjão mais que nosas cabeças, as avemos de guardar de vós e de todos os mouriscos, até que desejem a vosa como as nosas, por iso fazei o que nós fazemos». Disto que o primo de Diogo da Silveira e o irmão d'Artur Rodríguez mandárão dizer, ou por ser verdade, ou por danarem a João da Silveira, eles lhe dérão credito.

Desta fala ficou João da Silveira descontente e logo detreminou de se tornar pera os mouros, intentando primeiro fazer algũa cousa asinalada, matando ou levando alguem. O primeiro que intentou [foi] [1] cometer sua molher que se fose com ele, dizendo-lhe estas palavras: «Eu não vim buscar senão teu rosto, e agora estar eu como molher que fazer mal a seu marido e depois de tornar pera ela sempre ela ter vergonha e medo, e seu marido sempre cuida que ela ser roim, por isto, se queres ir comigo, vamos pera Portugal ou Castela, ou pera os mouros, porque [o] [2] boi não pode ver o rosto do lião». Sua molher, Joana Fernândez, como o entendeo, chorando, lhe respondeo: «João da Silveira, vós não matastes, nem levastes alguem, nem fizestes treição, nem pecado se não a Deos: ele vos perdoará, pois o tornastes a buscar, e ao capitão servio muito bem, e, se algũa sospeita tem, ele a perderá, e amenhã virá o conde e a condesa que me criárão e vos favorecerão». Ele lhe tornou em reposta: «Eu não poso olhar o rosto do capitão e estar diante dele como boi diante do lião, e já te digo verdade que me tenho de ir, e vamos pera onde quiseres», e, como desta vez e em outra, não lhe saise a seu preposito, asentou de se umiziar e ir como pudese, matando ou levando alguem; e por me pagar a muita amizade e vezinhança que com ele tinha, em eu ser o primeiro movedor de se ele vir, escrevendo-lhe a Alcacere a João Vaz e a Vasco Morgado, meus compadres e amigos lhe falárão, e tendo eu negoceado o seguro do capitão, quando João Vaz saio de cativo, e por sua molher, sendo veuva de Francisco López Galeguinho, e depois, estando ele mouro, não me sair de casa, por ser sua casa pegada com as minhas e os quintais rotos, e por ser ela veuva receber da minha molher, que Deos aja, e de mim bons conselhos e vezinhança, e por tudo isto detreminou de me pagar e tapar sua traição com me matar, parecendo-lhe que o podia fazer a seu salvo, pois dele me não guardava, e um dia que o capitão ia a monte, e estando eu pera me poer a cavalo, ele entrou em minha casa, dizendo: «Vezinho, vamos oje ambos, e voso moço e meu cunhado levem os odres e enchê-los-emos ambos de mel». Eu lhe respondi: «Não leixarei oje de matar um porco por todo o mel, porque eu fujirei de ũa abelha». Dise ele: «Eu e os moços crestaremos e se vier ter algum porco tãobem o mataremos». O moço meu, que oje vive no porto de Santa Maria, e chama-se Jorje Garcia, e é mestre de ũa sua caravela grande e honrada, que bizcainho era de nação, como estava já apalavrado de ir

1. [foi] *f.* A. — 2. [o] *f.* A.

com outro moço, e, por tomarem algũa parte de mel pera si, nunca o pudemos armar que fose connosco, e em verdade que me dise que não queria ir com mourisco que o matase e a mim com ele. «Não o fazes senão por furtares o mel que trouxeres», lhe dise eu; e, postos a cavalo, fomos juntos até Aldea Velha, donde, não querendo eu apartar-me do capitão, ele com seu cunhado, João Fernândez, irmão de sua molher, se apartárão [1] pera Almenara, e dahi travesou a Alfandux e, tomando a lança e espada ao moço e cunhado, lhe dise que o mataria se não fose com ele, e diante de si o levou polo Soveral até Larache, e dali se foi a Alcacere e dando o cunhado a cide Naçar, polo que lhe avia trazido, e com este moço, que levou a cavalo, pagou a sua molher o que lhe devia, e foi recebido e perdoado do alcaide. Pois aquele dia, tornando o capitão pera a vila, já noute, e eu com minha parte de carne, sua molher foi logo em minha casa e, preguntando-me por ele e sabendo que se avia apartado com seu irmão, [logo dise: «Jesus que farei, que me levou meu sobrinho!»] [2], como molher que dele tinha má sospeita, mas eu, como lhe isto ouvi, como quem acorda de sono, logo me pareceo que era ido, e que, requerer-me [3] irmos juntos, era com entenção de me alancear, e, indo-me ao capitão, lhe contei o que pasara e que sua molher me disera, e logo o teve por ido e me dise que agardecese a vida a meu moço, e asi o dise Diogo da Silveira, que á mesa estava com ele, e desta ida ficou o capitão asaz agastado e trabalhou por lhe buscar a morte, a qual se lhe ordenou desta maneira.

Vindo el-rei correr Arzila com muita jente e chegando pola praia até a Bica, o capitão, fazendo-lhe resistencia, lhe matou sete ou oito mouros, como ao diante se dirá, e, recolhendo-se os mouros polo Facho, o capitão, com toda sua jente, se foi ao Facho, donde ainda andávão muitos mouros ao longo do valo, e, indo por estoutra parte, eu e Antonio Freire e o doutor, meu irmão, e João de Deos e Artur Ortiz e outros, até dez ou doze de cavalo, viemos á fala com eles e, ajuntando-se muitos da outra parte, eu preguntei por João da Silveira, o qual foi logo chamado e, chegando aos outros, tirou a adarga de baixo da perna e a embaraçou, ainda que vestido num capuz azul, e, preguntando quem o chamava, lhe preguntei como estava, querendo-o reprender da treição que comigo queria cometer. Ele respondeo: «Como estou? Como aquele que anda com o mundo, asi estou eu».

Desta falta tão pubrica foi a vila toda cheia, preguntando-me sua molher por ele e, soando muito mais do que foi, o pôs em muita sospeita; e como logo fose d'Arzila Hiunes, o judeu que em Arzila estava de penhor do dinheiro que se emprestou ao alcaide, e Artur Rodríguez em segredo

1 apartárão] apertarão A — 2. [«logo dise ... meu sobrinho!»] *f.* A. — 3. requerer-me] requer-me A; requerêlo B N L M.

lhe rogase avisase a seu irmão, Alatais, que não viese em companhia de João da Silveira, porque lhe fazia saber que avia de entregar ũa quadrilha d'almogavares, o qual judeu logo o dise ao alcaide, o qual, ajuntando-o com a fama e sospeita, logo o mandou enforcar de ũa torre abaixo, e desta maneira acabou depois de tres vezes mouro e duas cristão. Tãobem se soou que este recado, que Hiunes levou, foi encaminhado polo capitão, encomendando-o ao judeu, por ser muito seu servidor, que o danase com o alcaide.

CAPITULO XIX

De como Gonçalo Pérez de Galhegos cavaleiro e pesoa principal da cidade de Xerez da Fronteira veio a Arzila a cumprir um desafio que tinha aprazado com cide Bujima meio irmão do alcaide d'Alcacere

Em tanto que estas mudanças e idas e vindas de João da Silveira pasárão em Arzila, da maneira que as tenho contadas, muitas outras cousas pasárão neste meio tempo, polas quais pasei, por levar enfiado ás cousas e mudanças deste mourisco até o leixar apousentado no inferno, e, tornando ás cousas que mais pasárão, irei contando algũas e as mais notaveis; e, por a vinda de Gonçalo Pérez de Galegos, cavaleiro principal da cidade de Xerez da Fronteira, a Arzila, a um desafio, ser cousa notavel e honrada, porei como e porque se moveo a o aceitar ou cometer, e se veio neste tempo a Arzila, donde esteve muitos dias, esperando pola concrusão dele, e se achou em algũas cousas donde mostrou sua valerosa pesoa.

Antão Rodríguez, castelhano, morador d'Arzila e pesoa honrada e conhecida, costumava ir muitas vezes a Castela, e de Xerez da Fronteira trazia cavalos e potros pera sua pesoa e de seus filhos, e tãobem pera vender, polo qual era muito conhecido dos principais de Xerez; e, por outra parte, servia muitas vezes d'alfaqueque, donde tãobem dos mouros e alcaides era conhecido, como em tempo do conde tenho dito, e, indo um dia por mandado do conde a Alcacere, topou com el-rei e Mulei Abrahem na Atalaia Ruiva, donde apostou com Mulei Abrahem que não tomaria a Roque Ravenga, que detrás dele ia descobrir a mesma atalaia, e Mulei Abrahem, por ganhar a aposta, correo após ele até entrar polas tranqueiras, e dali o despedio com lhe dar cinco dobras d'aposta e um bedem de sua pesoa, e, por ser muito antigo e bom cavaleiro, era muito conhecido e honrado.

Pois estando em Xerez em casa de Gonçalo Pérez de Galhegos e antre outros cavaleiros, preguntando-lhe meudamente polas cousas dos

mouros, veio Gonçalo Pérez a dizer se conhecia algum mouro que se desafiase com ele, e, por Antão Rodriguez dizer que si, conhecia muitos que se matasem [1] um por um, Gonçalo Pérez lhe dise que lhe daria logo um bom poldro se o fizese, o qual lhe deu e entregou, jurando de lh'o pagar se não fizese que o mouro saise ao desafio, e logo Charles de Valera, que todos conhecemos, dise a Antão Rodriguez que ele seria o segundo se outro mouro quisese sair a ele, ou serião dous a dous, que eles estávão prestes. Antão Rodríguez polos atarracar se obrigou a lhe dar outro mouro, e com este concerto Antão Rodriguez veio a Arzila, e, pedindo licença ao capitão, o mandou a Alcacere por alfaqueque, como outras muitas vezes o tinha feito, e, praticando com os mouros, logo lhe saírão dous cavaleiros principais, um deles cide Bujima Bemhaulá, irmão bastardo do alcaide, e cide Abdalá Celema Lavete, os quais ambos disérão que virião a Arzila, tanto que [a]hi [2] fose Gonçalo Pérez e Carles de Valera, e, vindo-se Antão Rodríguez, o fez logo saber aos ditos Gonçalo Pérez e Carles de Valera, os quais se fizérão logo prestes, e Gonçalo Pérez pasou logo a Arzila com um muito bom cavalo e armas, o que Carles de Valera não fez, por as justiças do emperador e do duque, seu senhor, o prenderem e não consentirem que pasase. Depois que Gonçalo Pérez foi em Arzila se pasárão muitos recados antre ele e cide Bujima Benhaulá, sem aver concrusão, por o mouro não cumprir e o alcaide escrever ao capitão, Antonio da Silveira, que ele não queria que, pois érão amigos, que recrecese cousa pera ficarem mal, e que algum dia mostraríão pera quanto cada um era; de maneira que não ouve concrusão, posto que Gonçalo Pérez esteve esperando em Arzila mais de seis mezes, e polo alcaide ir neste tempo a Féz e levar consigo a cide Bujima, a qual ida do alcaide foi em ajuda de descompoer el-rei de Féz, Mulei Bohaçum, e enlejer a Mulei Hamete, filho d'el-rei velho, como ao diante direi, Deos querendo; e porque, estando o alcaide em Féz nesta negoceação, juntamente com Mulei Abrahem, causador e movedor deste negocio, o alcaide seu irmão correo Arzila, donde lhe matárão a cide Hamete, seu sobrinho, dentro das tranqueiras, em cuja morte se achou o dito Gonçalo Pérez de Galhegos e foi um dos que lhe pusérão as lanças, o leixarei, por contar como pasou e o risco que Artur Rodríguez com ũa quadrilha d'almogavares pasou, e como e por donde se salvárão, sendo aquele dia entrado á ponte d'Alcacere.

1. matasem] matarião B N L M. — 2. [a] *f.* A.

CAPITULO XX

De como ficando cide Abbeluhaded irmão do alcaide em seu lugar correo Arzila e lhe matárão a cide Hamete filho do alcaide seu irmão dentro das tranqueiras sendo fora Artur Rodríguez com almogavares e como se salvárão

Em tanto que o alcaide esteve em Féz, ficou por alcaide de Alcacere seu irmão cide Abbeluhaded Laroz, o qual o foi depois muitos anos, asi alcaide d'Alcacere como d'Arzila; [e, vendo que seu irmão tardava, veio correr Arzila][1], trazendo muita jente e quatro sobrinhos, filhos do alcaide seu irmão, e, partindo da Ponte, donde ajuntou toda sua jente, se veio meter em ũa cilada, antre as Atalaias Altas d'Alfomar e Tendefe, que, por ser esta a primeira vez que nela entrou jente, lhe ficou por nome a cilada do Alcaide, e certo que era em lugar e parte pera a vila receber muito dano, e estando as Atalaias Altas tomadas e o capitão, Antonio da Silveira, dando sua guarda na Atalaia Ruiva, acompanhado de todos os fidalgos e muitos moradores, por aquele dia ser fora Eitor Rodriguez com almogavares, os quais érão entrados á ponte d'Alcacere, donde a jente esteve e pasou, — pois estando tudo sosegado e o capitão esperando por seus almogavares, que já érão oras de serem vindos, os mouros arrebentárão da cilada, e, sendo logo vistos e tomado o rebate, o capitão recolheo sua guarda e boiada com muita delijencia e presteza, e, chegando á tranqueira do Laranjal, érão já os mouros com ele, e tãobem muitos que da vila saíão a rapique, mas os mouros chegárão com tanta furia que lhe fizérão alargar a tranqueira, e, sendo despejada, logo cide Hamete, filho do alcaide d'Alcacere, cuberto de ũa saia de malha e de sua adarga, chamando por alguns criados de seu pai e nomeando-os, tomou o barrete vermelho antre os dentes e foi o primeiro que pola tranqueira entrou, e asi o fizérão mais de cento de cavalo, e ao Lameiro, um tiro de pedra da tranqueira, apegárão com o capitão, o qual dizendo: «Volta!» voltárão todos os que detrás vínhão, e, achando a cide Amete diante, os mais lhe pusérão as lanças e, deitando-o fora do cavalo, dérão com ele no chão, pasado de ũa mortal lançada que, tomando-o por antre a saia de malha e o arção da sela, lhe entrou por ũa verilha e lhe saio ao quadril; mas, como a rua era estreita e cheia de jente, os mouros não voltárão, antes, varados ás lançadas[2], recebêrão os nosos que com eles

1. [e, vendo... correr Arzila] *f.* A. — 2. varados ás lançadas] varadas as lanças B N L M.

estivérão ás lançadas, mas os mouros, vendo o filho do alcaide a pé, fizérão muito polo cobrar, como cobrárão, especialmente tres de cavalo que, saltando a pé, se pusérão diante dele, os quais érão o Isa Xicara e o ferrador e Bencabo, os quais, pondo as lanças em Dom João d'Almeida, irmão de Dom João de Sande, e em Francisco de Melo, filho de .... [1] Dom Abade de Pombeiro [2], os derrubárão dos cavalos, que, por cairem antre os mouros, corrérão muito risco, mas logo fôrão socorridos, apesar de muitos mouros que sobre eles carregárão, asi polos matar, vendo-os a pé, como por socorrerem ao filho do alcaide, que a pé estava, e cada ũa das partes se contentou com cobrarem os da sua, ficando, todavia, antre os mouros os dous cavalos dos nosos, convem a saber, o de Dom João d'Almeida e o de Francisco de Melo, e não se pode tirar aos tres mouros, que a pé saltárão, fazerem-no, como valentes homens, pondo-se a pé diante do filho do alcaide, que, por estar mortalmente ferido, não o pudérão poer tão cedo a cavalo. Tãobem o capitão, Antonio da Silveira, foi muito contente dos seus, que, posto que érão poucos, tivérão o rosto quedo e não deixárão pasar nenhum mouro o Lameiro, os quais, recolhendo ao cide Hamete, mortalmente ferido, não tivérão mais nenhũa conta connosco; todavia, da outra parte do Facho, matárão este dia duas ou tres pesoas, ũa atalaia e outros dous moços, que da guarda andávão desmandados, que, vindo-se recolhendo, achárão já os mouros diante. O alcaide, vendo seu sobrinho tão mal ferido, posto que teve nova dos almogavares das guardas que deixou detrás de si e doutros crestadores, que com seu favor andávão a crestar, que os virão entrar no Soveral, não teve conta com eles, nem os mandou buscar, nem esperar, tanto era o sentimento que levava do sobrinho, por ser a primeira vez que em pesoa do irmão trouxera jente a seu cargo, o qual, primeiro que a Alcacere chegase, morreo.

Muitos dos nosos se gabárão, depois que se soube quem era, e que não levou mais que ũa só ferida, que lhe pusérão a lança; e, como ele vinha diante de todos e como o capitão voltou e ficou logo antre os nosos, foi muito craro porem-lhe muitos as lanças, asi na adarga como na saia de malha, e com a força que lhe pusérão vir ao chão, mas não se soube cuja era a ferida, porque juntamente lhe pusérão as lanças o Dom João d'Almeida e o Francisco de Melo, derrubados, e asi Fernão da Silva e Gonçalo Pérez de Galhegos, que ao desafio fora, e Francisco Luis, cavaleiro da casa do cardeal ifante Dom Afonso, a quem eu ouvi dizer que cinco lanças o lançárão fora da sela, finalmente, o capitão se recolheo, por entrar muita jente pola tranqueira adentro e estar a rua já muito cheia, e os mouros se contentárão com cobrarem o filho do alcaide e os dous cavalos de Dom João d'Almeida e de Francisco de Melo.

1. ...] *em branco* A. — 2. filho de ... Pombeiro] filho do abade de Pombeiro B N L M.

O capitão esteve aquela noute asaz agastado e descontente, em não saber nova de seus almogavares, e, por ver recolher os mouros muito depresa, parecia-lhe que os ião buscar, e, com este cuidado, esteve até que todos viérão salvos e sem nenhum contraste, como aqui se pode ver, mas, tanto que pola menhã se vio com seus almogavares na vila, de muito contente mandou ao Francisco de Melo um muito bom cavalo de sua pesoa, polo que diante dele perdera, e ao Dom João um mouro muito mancebo e bem desposto e de resgate, mostrando muito contentamento com todos.

CAPITULO XXI

Como Artur Rodríguez escapou e se salvou com todos seus companheiros

Muito bem sei que me ei detido em contar o que neste dia se pasou, sem fazer menção dos almogavares, e ei posto em desejos, aos que este capitulo lerem, de saber o que pasárão e como se salvárão, os quais, pasando a ribeira da Ponte, por um porto que Artur Rodríguez sabia, pola outra parte da ribeira veio buscar as guardas, como jente que d'Alcacere vinha, e não vendo pesoa por todas aquelas grandes varzias, em duas grandes legoas que ha de través da Ponte á Pontinha, se veio dereito á Ponte, donde achou as choupanas e o rastro fresco do alcaide e sua jente, que aquela noute dali avia partido, e, achando a Ponte destapada, conheceo que a jente era a correr a vila; e, como Artur Rodríguez era já esperimentado, seguindo o rastro veio um pedaço por ele, vendo se topava algũas guardas que com favor da jente andasem a crestar, mas, como não topasem ninguem e a terra ser rasa, se meteo polo Soveral e, dando vista ao campo, se veio pôr sobre Alfandux, por dar vista ao Zambujeiro e estrada d'Alcacere, e, estando ali, ouvio a artelharia e conheceo que a jente corria a vila, e não tardou muito, ainda que tarde, que não vírão a jente e bandeira ir seu caminho; e Artur Rodríguez, avendo conselho com Antonio Freire, Diogo Delgado e Fernão Meirinho e outros homens do campo, asentárão que podião tomar lingoa, ou serem vistos dalgũas guardas e crestadores, e que podião deixar jente que os esperasem polos caminhos ou ás tranqueiras, que de tudo se guardasem, e, sendo noute, se fôrão por dentro do Soveral, guiando-os Artur Rodríguez, muito bem viérão sair á praia de Benamourel, e por ela se viérão meter debaixo das Furnas; e porque se temião que os esperasem, por ser terra apertada e não podião sair senão por um só caminho, se decêrão dous de cavalo, um deles João de Deos e outro Simão López, facheiro, e a pé viérão acima, por antre as daroeiras, e, não sintindo ninguem, chegárão até o ribeiro de Jil da Mota e, não vendo, nem sintindo

nada, se tornárão aonde deixárão os companheiros, e, não os achando, ficárão espantados e, buscando o rastro da praia, por ver se avia entrado algũa jente com eles, não achárão outro rastro sómente o seu e, vendo-se sós, se viérão á vila ao longo do mar, e, quando a ela chegárão, dérão grande rebate ao capitão e a toda a vila, parecendo-lhe serem todos perdidos e escaparem aqueles dous a pé, mas, depois que fôrão diante do capitão e contárão o caminho que avião trazido, e donde e como se apartárão de seus companheiros, o capitão teve esperança que os traria Deos em salvo; os quais, vendo que João de Deos e o companheiro tardávão, e que podião já ser tornados, e vendo-se metidos naquele recanto, donde não podia nenhum escapar indo os buscar, e parecendo-lhes que João de Deos, pois tardava, seria tomado, ou se viria pera a vila, não querendo tornar com recado a seus companheiros, se saírão dali com entenção de tornarem a demandar o campo, e, por o cavalo d'Artur Rodríguez ter levado muito trabalho, por ir sempre rompendo o mato e ir cansado, ele o deixou embrenhado, e, cavalgando no de João de Deos, tomárão por Alhazana acima e, por antre Atalaia Alta e Mijeleo, viérão demandar a cilada do Alcaide e, travesando polo rosto d'Alfomar e por antre ambas as varzias, viérão á vila ante-menhã, de que o capitão e toda a vila foi asaz alegre, e logo o capitão mandou buscar o cavalo de Artur Rodríguez e o trouxérão, que foi muito não topar com ele algum lião, por aver muitos derrador da vila em aquele tempo.

CAPITULO XXII

Como o alcaide d'Alcacere correo Arzila e se salvárão no Soreral alguns de cavalo

Não se tardou muito que o alcaide, estando em Féz, soube a morte de cide Hamete, seu filho, e logo se veio a Alcacere e, primeiro que sua vinda se soubese em Arzila, nos veio correr com muita jente, e, deitando-se na fonte d'Almenara e pondo guardas derrador de si, esteve esperando que fose ter com ele algũa quadrilha d'almogavares ou monteiros, e acertou que aquele dia seis ou sete de cavalo fôrão ter com as atalaias de Tendefe e, dizendo-lhe que querião ir montear a Çael, as fizérão ir descobrir a Atalaia Alta e o Arrife, e as atalaias, que no rosto d'Alfomar estávão, vendo que se melhorávão, fizérão outro tanto, ou por lhe fazerem boa companhia, ou por sospeitarem que ião a monte, por fazerem outro tanto, e vendo as do Pereiral, que érão as do seu través, o rosto d'Alfomar despovoado, dérão um bravo rebate, e saindo o capitão com toda a jente a rapique e sabendo que não fora a nada se tornou,

mas, como com este rebate se ajuntasem em Tendefe quinze ou vinte de cavalo, e vendo que não era nada, se detriminárão ir a monte ao vale do Aduar, não muito lonje deles, mas Afonso Barriga e seu jenro e Fernão Machado, por conselho de Pero Fernândez o Torto e atalaia, se apartárão e se fôrão pola praia a Benamourel, donde o Pero Torto Fernândez dise que andava um porco ruço muito grande, e asi se apartárão seis de cavalo.

O alcaide, tanto que soube que as Atalaias Altas érão tomadas, parecendo-lhe que o campo andava largo, deu a andar e se veio ao Marmeleiro, donde correo a vila, sem fazer nenhum dano; e como os monteiros, que no vale do Aduar andávão, ouvisem as bombardas e se viesem recolhendo á Atalaia Alta, dela vírão a jente e bandeiras pola Atalaia Ruiva e Gorda e, tornando-se a sobacar, fôrão demandar o porto da Palmeira e, pasando-o, se metêrão no Soveral, sendo Artur Rodríguez, almocadem, o que os guiava, e indo com eles Antonio Freire e Fernão Meirinho e Diogo Delgado e outros moradores, mas Artur Rodríguez, temendo-se que os buscasem e não fizesem como os dias pasados, pois já a jente ia sobre eles com muita présa, vazou logo o Souveral e, em anoutecendo, saio ao campo, e, travesando todo o campo e pasando por Taurete e Alhadra e o Xercão, se pasárão ao outro campo d'Alfandequim, e com muito bom resguardo d'Artur Rodríguez os trouve á vila pola menhã, mas eles fôrão recebidos do capitão com os mandar todos á torre presos e os castigou em lhes mandar tomar no cileiro ũa fanga de trigo a cada um.

E tornando aos outros seis de cavalo, que em Benamourel érão, depois de mortos tres ou quatro porcos, vindo sobre o Cabo Branco, vírão sobre as Furnas jente de cavalo, e logo vírão as bandeiras e jente ir caminho da Atalaia Alta e, conhecendo que era jente, porque não ouvírão a artelharia com o tom do mar, ficárão muito confusos, porque vindo pola praia, á boca de Çael ouvérão vista de Artur Rodríguez e Antonio Freire, que decíão rijo a demandar o porto da Palmeira, e, parecendo-lhe que érão monteiros, não ouvérão fala deles, nem eles os verem [1], por irem ao longo d'agoa, e, parecendo-lhe que já aqueles érão mouros, não se sabíão detriminar; mas, como érão homens do campo, deixando a carne muito manso, por que os cães ficasem com ela, como fizérão, por virem cansados, tornárão a demandar a praia á Mizquita, e por ela tornárão a Benamourel e, metendo-se por o ribeiro acima, por não fazerem rastro, tomárão o Soveral, donde deixárão os cavalos, posto que Fernão Machado, por ser novo, não quisera deixar o seu, dizendo que ele no seu cavalo tornaria a demandar a praia, mas Afonso Barriga e Pero Fernândez, rogando-lhe os não leixase, porque não se podia salvar e perdendo-se érão todos perdidos,

1. verem] vírão B N L M.

polos buscarem e esperarem, e dando razão que os mouros, por não buscarem e esperarem os almogavares pasados, se avião salvado, e que agora os avião d'esperar, e com isto fizérão que ficase e, embrenhando os cavalos em um corrego e atados muito bem, se afastárão deles o mais que pudérão, mas enleando se se tornárão a lançar muito perto deles e estivérão toda a noute; mas sendo menhã sintírão os mouros darem com os cavalos e fazerem grande gritaria, e sintindo que os cavalos érão achados, e que os buscarião, Afonso Barriga, tomando a seu jenro e a Fernão Machado, tomou polo corrego abaixo, e Pero Fernândez e os outros pera outra parte, e não ousando sair do Soveral aquele dia, nem a noute seguinte, estivérão até o terceiro dia, que, não sintindo ninguem, se saírão ao campo, e, uns por ũa parte e outros por outra, viérão demandar a vila; tendo-os já por perdidos, fôrão muito bem recebidos do capitão e lhes levou em conta a rezão que dérão, em não cometerem a vila tão cedo, e, como chegárão, o capitão mandou soltar Artur Rodríguez e Antonio Freire e a seus companheiros, e o capitão se contentou com sómente perder seis cavalos; e o alcaide se tornou bem descontente, por se salvarem todos, e logo mandou cafila por saber quem érão, e, sabendo que Artur Rodríguez era o que os guiou, asi a estes como aos outros almogavares, foi muito mais pesante e desejoso de o aver ás mãos.

CAPITULO XXIII

Dalgũas cousas que pasárão entrando almogavares de ũa parte e da outra

Não faltárão neste meio tempo muitas entradas d'almogavares de ũa parte e da outra, especialmente feitas por Artur Rodríguez, entrando tres ou quatro vezes, donde em algũas fez presa, tomando tres ou quatro mouros e mouras, e asi outra vez, indo com licença do capitão a monte, foi amanhecer fora e, querendo primeiro segurar-se e estando pola menhã esperando que se descobrise Muliana e da outra parte Buabe, vírão tres crestadores que, dos cabeços de Burrumede [1], se ião meter na volta da ribeira e, sendo vistos, os fôrão buscar e os tomárão todos tres, e, não leixando de montear, viérão carregados de carne e trouvérão tres mouros e o mel que junto tinhão. Tãobem neste tempo, tendo muita privança com Mulei Hamete, filho de el-rei de Féz o morto, o alcaide Mafote [2], e [3], presumindo de cavaleiro, veio em pesoa correr Arzila como

1. Burrumede] Buramete B N L M. — 2. Mafote] Mafofe B N L M. — 3. e] *f.* B N L M.

almogavare, não trazendo mais de cincoenta de cavalo, e, deitando-se detrás da Atalaia Ruiva, correo detrás as atalaias e, deitando o Caraujo fora do caminho, o carregou pera as Furnas e, chegando sobre o mar e decendo do cavalo, lhe deu duas lançadas, de que logo morreo, e, errando a vereda e caminho por donde decem abaixo [1], chegou o alcaide Mafote e, tomando-o nas ancas do seu cavalo, se tornou polo caminho da Ruiva com sómente quatro de cavalo que tivérão com ele, o qual esteve perdido, asi ele como os seus, que por ele esperárão [2] na Ruiva, como homens de guerra, estando o capitão com toda a jente no Facho e o adail Fernão Rodríguez nos Forninhos, e Mafote com quatro de cavalo e o Caraujo nas ancas pasárão por junto dele, adail, que a por-se-lhe diante ficava o alcaide atalhado e os seus se pudérão perder, seguindo-os, mas a jente estava tão escarmentada do dia de Corpo de Deos que o adail não ousou sair da comisão do capitão e Mafote se recolheo a seu salvo, levando ũa atalaia que era o Caraujo, e oje é vivo e feito carreteiro, por nosos pecados, sendo em Arzila cavaleiro e homem que servia d'atalaia e em tudo o em que o mandávão.

Tãobem Alebenaix não deixava de correr, fazendo muito dano, por ser do Farrobo e trazer consigo os companheiros de Amelix, que todos érão muito bons cavaleiros e ousados e que todos sabíão muito bem o campo; e com isto pasarei a outras cousas mais grosas.

CAPITULO XXIV

De como muita jente correo a vila d'Arzila estando o contador Diogo Mazcarenhas pescando em Brias com vinte de cavalo e como se salvárão e o que mais socedeo este dia

Tornando ao ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e vinte sete, polo qual tenho pasado por ir ao cabo com as idas e vindas do mourisco João da Silveira, como fica apontado, pois aconteceo que, estando o capitão, Antonio da Silveira, dando sua guarda ao longo do Rio Doce, ao tempo que o rio pasava Diogo Mazcarenhas, filho do adail Fernão Mazcarenhas, que poucos dias avia que de Portugal fora e levara comprado o oficio de contador da dita vila d'Arzila, que servia Fernão Caldeira polo filho de Pero López d'Azevedo, como em tempo do conde está declarado, — pois sendo Diogo Mazcarenhas entregue do oficio de contador, alvoroçado, como homem novo que ia de Portugal, e não como quem se criou e naceo em Arzila, induzido

1. decem] decião B N L M. — 2. esperárão] esperavão B N L M.

por alguns seus amigos, vendo que o capitão mandava descobrir a Aldea Velha, lhe pedio licença pera ir ao porto de Brias a pescar á cana e a tirar ostras de mergulho. O capitão lh'a deu, vendo que em Brias podião estar seguros, sendo a Aldea Velha tomada, e logo se apartou Diogo Mazcarenhas, Simão da Fonseca, João López Requeixo, Luis Valente e outros quinze ou vinte de cavalo e, levando consigo Antonio Pimenta e Bastião Fernândez Vesugo, homem de pé, pera de mergulho tirarem as ostras, sem esperar que as atalaias descobrisem seus postos, se fôrão dereitos ao rio. O capitão estando sobre os Caminhos, esperando que as atalaias chegasem a seus postos, que érão a Aldea Velha e os Barreiros, e pasando os Codesos, elas dérão um bravo rebate falso, com o qual o capitão se recolheo até o Rio Doce, donde o rebate cesou e as atalaias tornárão a aparecer nos Codesos; mas Mulei Abrahem e o alcaide d'Alcacere e Mafote, que já o era de Jazem, que na cilada de Barraxe estávão com tres mil de cavalo, pera aquele dia correrem a vila, vendo o rebate, parecendo lhes que fora a eles, saírão da cilada, e tornando a dar outro segundo rebate, e vendo o capitão arrebentar a jente, recolhendo sua guarda e boiada, que já com o primeiro rebate estava ao Rio Doce, se pasou da parte do Facho, desemparando a praia e o Rio Doce, e isto fez por se achar ás tranqueiras, donde tinha armado ũa tranca corrediça, pera que, entrando jente por ela, corresem a tranca e ficasem de dentro e fosem alanceados, mas este ardil não ouve efeito este dia, por a jente vir toda demandar o Rio Doce, e alguns que ao Facho fôrão ter não ousárão [1] entrar, vendo o capitão junto da orta do doutor meu irmão; mas Diogo Mazcarenhas, e os que com ele érão, pasárão muito risco de não se perderem todos, e se salvárão em a muita delijencia que pusérão em fujir no primeiro rebate, o qual os tomou já no rio, e, tomando o rebate, se pusérão ao caminho, sem esperar uns por outros, e o dianteiro foi Simão da Fonseca, escrivão dos contos e muito amigo de Diogo Mazcarenhas, ao qual João López Requeixo, chegando a ele, lhe dise: «De que fujimos?» Simão da Fonseca lhe dise: «A atalaia d'Alfandequim despovoou muito rijo e não é razão que nos recolhamos de vagar, não tendo Alfandequim povoado, pois é nosa candea», [d]a [2] qual delijencia foi causa Fernão Meirinho que, chegando as atalaias d'Alfandequim e vendo a jente vir polo caminho d'Alecasapo, fez despovoar as atalaias muito rijo, que foi causa que, vendo Diogo Mazcarenhas e os outros companheiros a Simão da Fonseca de diante, todos o seguírão até o Rio Doce, donde já as bandeiras e jente érão, e, como os dianteiros vinhão ao longo do valo, eles tivérão lugar de se vir ao longo da praia, parecendo, aos que diante deles vinhão ao longo do valo, que érão mouros, e os [que] [3] detrás [vinhão] [4] não os podendo alcançar, e asi se salvárão, chegando ao pé do baluarte da Praia,

1. ousárão] ousavão B N L M. — 2. [d] *f.* A. — 3. [que] *f.* A. — 4. [vinhão] *f.* A.

e se fôrão juntar com o capitão; que, vendo o peso da jente ao Rio Doce, os teve por perdidos, todavia, ficárão atalhados da outra parte do rio, que, não podendo ajuntar-se com o contador, Luis Valente e Jeronimo Afonso e os dous de pé, a que logo tornarei, tanto que [contar como][1] os mouros viérão matar a Rodrigo Afonso de Fárão, pai de Roque de Fárão —, o qual estando aquele dia pacendo com seu cavalo e dous bois desta parte do Rio [Doce][2], junto da fonte d'Alvaro Graviel, donde tinha um pouco de pão sameado em ũa muito roim terra, e tomando o rebate, o cavalo, que era poldro e novo, lhe fujio, e se deteve tanto, andando polo tomar, que, quando desconfiou dele, foi vendo as bandeiras e jente, que pola outra parte do rio vínhão, terem já pasado o rio, e outros que, pasando o porto d'Alemoquique, vínhão já cruzando ao Facho e as Pontinhas, e, alargando o cavalo e tomando os dous bois diante de si, se começou a vir; mas, como a este tempo chegárão dous mouros que sobre as Pontinhas, donde estavão, deles foi visto, o viérão alcançar no meio do adro, junto do baluarte de Santa Cruz, donde o matárão á mingoa de não aver um só de cavalo naquela parte, por serem todos ás tranqueiras com o capitão, e, quando um só de cavalo acodio aos brados que de cima do baluarte dávão, já lhe não pode valer, nem os mouros tivérão vagar de se decerem e lhe tirarem as couraças que tinha vestidas, e asi acabou Rodrigo Afonso, perdendo o cavalo e bois com a vida, estando em lugar seguro e muito perto da vila, e donde ele estava via a jente desde que arrincou da cilada até pasar pola boca do Rio Doce, e asi os outros que polo porto d'Alemoquique pasárão, de maneira que, por estar só e não querer alargar o cavalo com tempo, foi causa de perder a vida e o mais.

CAPITULO XXV

Do que mais aconteceo a Luis Valente e Jeronimo Afonso que detrás do contador se vínhão recolhendo achando os mouros de diante

Tornando a Luis Valente, que com o contador, Diogo Mazcarenhas, era, posto que vio ao contador e a Simão da Fonseca e os outros vir fujindo pera a vila, vendo ficar a Jeronimo Afonso, ferrador, que em aquele tempo era novo na terra, e que estava despido pera se meter na agoa, como Antonio Pimenta e Bastião Fernândez, não o querendo leixar, esperou por ele, e ambos, vindo um bom pedaço atrás, quando chegárão á vista do Rio Doce, virão já a jente e bandeiras na

1. [contar como] *f.* A. — 2. [Doce] *f.* A.

praia, e, conhecendo que tudo érão mouros, tornárão pera trás; mas, como os mouros ouvesem vista deles, os seguírão, indo muitos de cavalo após eles e indo alem de Santa Caterina, que é o meio caminho, topárão o Antonio Pimenta e Bastião Fernândez, polos quais pasárão, dizendo-lhe que se botasem ao mar, porque os mouros ião em seu alcanço, os quais vendo os mouros junto de si asi o fizérão, deitando-se ambos ao mar, mas, como o vento e a agoa lhes dése no rosto, não podendo trazer o rosto na vila, como barco ou navio que arriba, virárão[1] as costas ao vento, caminho de Tanjere. Os mouros, vendo-os deitar ao mar, se detivérão, parecendo-lhe tornarião cansados demandar a praia, e, com esta pouca detença que os mouros fizérão, Luis Valente e Jeronimo Afonso tivérão lugar de pasar o rio e se ir embrenhar a ũa das aldeas e, deixando os cavalos em o mais escuso que lhe pareceo, e asi um mulato novo que Luis Valente levava após o cavalo, se afastárão e tomárão a atalaia, pera ver se os mouros ião ter com eles, e vírão chegar trinta ou corenta de cavalo e embaraçados[2] por antre as aldeas com os muitos rastros que fizérão, primeiro que na brenha entrasem, e, vendo ser já tarde, se tornárão, fazendo muita matinada, como que pûnhão culpa aos dianteiros perderem-nos de vista, mas Luis Valente, sendo já noute, como homem do campo e acordado, que sempre foi, tornando a buscar os cavalos e pondo-se neles, asi ele como Jeronimo Afonso, tornárão a demandar o porto de Brias, donde Luis Valente, leixando a Jeronimo Afonso com os cavalos, veio a pé espiar e ver se sintia alguem no porto e, não sintindo cousa algũa, o pasou, e polo meio da varzia se viérão lançar no Tojal, não ousando cometer o Rio Doce, nem a praia, sospeitando os esperarião, pois sabião que érão lançados ao campo, como de feito os esperávão cento de cavalo, os quais estivérão toda a noute ao longo do valo do Rio Doce, esperando se alguem vinha demandar a praia, como de feito veio o Antonio Pimenta e outro homem que eles matárão, como logo direi; e asi esteve Luis Valente e seu companheiro até que foi menhã crara, que vio a vila e praia e que na vila não avia rebate, nem rapique, cometeo a praia e se veio á vila, sem achar mais que Antonio Pimenta e o companheiro mortos junto da vila e junto do adro, que, vindo-se de noite muito cansados e cortados da agoa e frio, fôrão vistos dos mouros que os esperávão e os matárão, e asi esperarão até que foi de dia, e ao tempo que eles despejárão o Rio Doce e a praia a cometeu Luis Valente, o qual foi muito bem recebido do capitão, por se saber bem salvar, e asi de toda a vila, por ser natural e pesoa muito honrada e bemquisto.

Tornando a Antonio Pimenta e a Bastião Fernândez, que na agoa ficárão, sendo-lhe o vento e agoa contrairo, se leixárão ir na volta de Tagadarte, indo sempre muitos mouros á sua vista ao longo da costa; e,

1. virárão] virão A. — 2. embaraçados] ençarracados A.

sendo já noute e os mouros tornados, saírão a terra da outra parte de Tagadarte e, tornando a pasar o rio, se viérão pola praia, mas eles vínhão tão cortados de andarem muito tempo na agoa e do frio que, posto que Antonio Pimenta era homem mancebo e revolto [1] em carnes, acabou de enterecer [2] de todo, sem poder dar paso, e, visto por Bastião Fernândez que Antonio Pimenta não podía bulir-se e vindo ambos em couros, lhe dise que se não agastase, que ficase, que ele viria demandar a vila e se Deos o salvase diria ao capitão que mandase um barco pera ele, e asi o leixou e chegou á vila sem topar mouro, nem cousa que o estorvase, que parece não érão ainda os mouros na praia; e tanto que o Bastião [3] Fernândez chegou e o capitão soube que Antonio Pimenta ficava enrilhado [4], não como a homem preto, senão como que fora [5] ũa pesoa principal, asi pôs logo muita dilijencia em mandar um barco esquipado com seis homens com roupa e pão e vinho e outras cousas pertencentes pera o esforçar; e, sendo já recolhidos no barco e o Bastião Fernândez, que já estava repairado, asi de roupa como do estomago, que com eles ia, ouve referta se, esforçando-se o Antonio Pimenta, viria por terra e érão dous, e eles irião ter a Tanjere, por o tempo ser vendaval e não servir pera poderem tornar, e nesta referta um galego, mais farto de vinho que de rezão, tomando ũa borracha de vinho e pão e algũa cousa das que levávão pera meter na boca, dise aos companheiros: «Ide vós outros por mar e eu irei por terra, e asi o não erraremos», o qual foi ter com ele, e, segundo parece, depois de resforçados, se vínhão ambos pera a vila, e defronte do adro, sendo vistos dos mouros e sendo o galego alcançado, foi logo morto de muitas lançadas, e o Antonio Pimenta se tornou a deitar á agoa e, como vinha fraco e muito enrilhado, não teve força pera se soster e, faltando-lhe as forças, se afogou, e pola menhã fôrão ambos achados na praia, o Antonio Pimenta afogado e o galego pasado de muitas lançadas.

Parece que quis Deos que pagase o que devia, porque dizíão que este galego foi o que matou em Tavila a Rui de Melo da Cunha, tirando-lhe com ũa bésta, e, feito este tão mao feito, se foi pera Arzila, u [6] se fez pescador, e, estando salvo, se ofereceo pera pagar o que devia, como pagou.

1. revolto] envolto B N L M. — 2. enterecer] entanguecer B N M; entengacer L. — 3. Bastião] Estêvão A. — 4 enrilhado] entanguido B N; entenguido L M. — 5. não como... que fora] não como homem preto que era mas como ele fora B L; *f.* N M. — 6. u: onde

CAPITULO XXVI

Dalgũas almogaverias feitas por Artur Rodriguez e por Afonso Barriga e Estêvão Fernândez almocadens que neste tempo fôrão fora e outras entradas por Diogo da Silveira feitas

Como a mais da guerra que neste tempo se fazia era com almogavares, entrando [um dia] [1] Artur Rodriguez com vinte cinco de cavalo e estando em cilada ao pé d'Almeida, sobre o Castelejo, sobre ũa cevada que já estava começada a segar, e vendo que ninguem vinha a ela, se melhorou ao pé d'Arraihana, donde foi dar com alguns mouros que alimpando favas estávão e, matando um, tomárão dous mouros e duas mouras, um dos quais era irmão de João Preto, mourisco, que em Arzila era cristão e casado e homem de campo, e outro era moço e irmão das duas mouras, as quais érão moças e muito fermosas, tanto que avia muitos anos que outras tão fermosas não avião entrado em Arzila, as quais érão d'Arraihana, aldea do Farrobo, donde as molheres são muito alvas e muito fermosas. Fez a fermosura destas duas irmãs esta almogaveria mais lustrosa e afamada, por estas duas irmãs, as quais ambas comprou o capitão, pera acompanharem a sua molher Dona Jenebra de Brito, polas quais deu mais preço do que outro algum morador quis dar; o irmão delas comprou Paulo Majolo, meu cunhado, o qual não tardou muito que o não resgatasem, e asi fizérão muito por resgatar as duas irmãs, mas a senhora Dona Jenebra nunca as quis poer em resgate e as trouxe a Portugal, donde depois fôrão cristãs e oje são casadas e honradas.

Não tardou muito que Afonso Barriga e Estêvão Fernândez, almocadens, e outros cristãos e moradores não pedírão licença pera irem entrar àquela parte do Farrobo, e, dando-lh'a o capitão, com quinze ou vinte de cavalo se fôrão lançar em Tesmuz, sobre o Castelejo, donde vírão dez ou doze de cavalo que em cima dos seus cavalos andávão debulhando ũa eira de cevada, que era a propria cevada em que Artur Rodriguez avia estado, quando tomou as duas irmãs, á qual os do Farrobo avião sameado em uns monturos de ũas aldeas velhas, que ao pé d'Almeida estávão, vindo em um só dia a semeá-la e em outro segá-la e em outro debulhá-la, em cima de seus cavalos, por ser desta parte da ribeira e em parte donde a não podião recolher sem muito perigo deles. Pois andando eles debulhando, ouve Afonso Barriga vista deles e, vendo-os de lonje, os estranhou,

1. [um dia] *f.* A.

parecendo-lhe nos vestidos jente de guarnição, especialmente um que andava vestido em um bedem branco que, por sua alvura, lhes pareceo aos nosos ser camisa mourisca, e, avendo seu conselho, se afirmárão ser jente de fora, porque jente do Farrobo não trazia camisa mourisca em dia que fazíão seu trabalho, e, asentado por Afonso Barriga serem ospedes, o quis fazer saber ao capitão, que aquele dia andava daquela parte a monte no Pedregal, e mandando um de cavalo, veio ter com o capitão e, dando-lhe recado do que era e lhes mandase mais jente, ou ele em pesoa fose ter com eles, o capitão, parecendo-lhe ser tarde, o não quis fazer, antes, mandando um homem á vila, mandou tirar quatro ou cinco bombardas pera que os seus se recolhesem, como recolhêrão, que, ouvindo a artelharia e sabendo a vontade do capitão, logo se viérão, mas com esta artelharia todos os mais que andavamos fora do capitão recebemos dano, porque, tomando o rebate das bombardas, deixamos a carne e nos recolhemos, e afirmavamos que neste dia leixamos mais de cem cabeças de porcos mortos, mas o capitão, todavia, trouxe os que tinha morto; mas, sendo Afonso Barriga na vila e tomando o capitão sua enformação, logo o outro dia nos mandou fora a cincoenta de cavalo com Antonio Cabral, irmão de Fernão d'Álvarez Cabral, dando-lhe por almocadem a Diogo da Silveira e a Artur Rodríguez e aos mais que com Antonio Cabral quisérão ir, e chegamos a Tesmuz, donde vimos os mouros ao derredor da eira ou eiras, e, partindo Diogo da Silveira a jente, tomou ũa melhora e, saindo aos mouros, lhes tomou o porto da ribeira, mas os mouros, que todos andávão com os cavalos em oso, tendo a cevada meia limpa e os telizes colheitos [1] e os mais cheios de cevada pera a levarem nos cavalos, os quais, tomando o rebate em cima dos cavalos, dérão consigo na ribeira e, deixando os cavalos, se metêrão por ela, e, chegando os nosos, não pudérão pasar a ribeira, por ser muito forte, e tãobem porque fôrão logo socorridos de muitos mouros de pé adargados, que logo acodírão do Farrobo, Aljebila e Arraihana, e, tirando todos os cavalos da ribeira, os trouvérão á vila, muito contentes por leixar os cavaleiros do Farrobo a pé. Érão os cavalos nove, entre os quais viérão muito estremados jinetes, entre os quais foi um fouveiro que o capitão, Antonio da Silveira, comprou, que ele trouxe a Portugal e o deu a el-rei, noso senhor, por ser muito manso e muito largo, e certo que foi um dos mais honrados cavalos deste reino. Com esta presa de nove cavalos e tres ou quatro telizes de cevada nos recolhemos, saindo da vila ũa ora de sol, e tornamos á bespera tanjida. Foi Antonio Cabral muito bem recebido do capitão e doutros fidalgos que na vila avia.

Os cavaleiros do Farrobo fôrão logo tornados a encavalgar, porque, tanto que se soube em Féz, os da mezquita maior logo lhe mandárão outros

1. colheitos] cozeitos B N M; coseitos L.

muito bons cavalos, porque esta mezquita tem cargo de os prover, pois que fazem a guerra, quanto mais que Mulei Abrahem, sendo seus, os provia. de maneira que a nenhum cavaleiro do Farrobo leixava estar em cativo, pondo outro cristão por ele. Neste tempo Diogo da Silveira foi entrar, dando o capitão esta licença a Tomé de Sousa, filho do abade de Rates. que oje é veador d'el-rei, noso senhor, com o qual fomos cincoenta de cavalo, indo o dito Tomé de Sousa por noso capitão, e Diogo da Silveira nos guiou e levou a Agoní, aldea principal de Benagorfate, sua terra dele, Diogo da Silveira, e, correndo o campo até dentro das tranqueiras, matamos um mouro e tomamos dous e, sem algum contraste, nos viemos á vila, trazendo estes dous mouros com que o capitão muito folgou, porque Diogo da Silveira, sempre que ia fora, mostrava pera quanto era.

Não pasárão muitos dias, depois desta ida de Tomé de Sousa, que o capitão, tendo boa nova, deu outra licença a Fernão d'Álvarez Cabral, irmão de Antonio Cabral, e com ele fomos cincoenta de cavalo, indo tãobem outros fidalgos que na vila estávão, em que entrava seu irmão e Dom João de Sande, e Diogo da Silveira nos meteo antre Agoní e Çahara e, correndo pola parte d'Agoní, nos espalhamos, de maneira que alguns chegárão á ribeira de Mençara, e desta corrida tomamos cinco mouros vivos e seis vacas e tres asnos carregados de trigo, e, recolhendo-nos sobre tarde pola boca de Capanes, nos seguirão por dentro da serra mais de cento e cincoenta mouros de pé e quatro de cavalo, e viérão até sobre Alicototo, mas, não ousando saír da terra, nem decer abaixo, se deixárão ficar, indo, todavia, Diogo da Silveira á fala com eles, mas eles, vendo que eramos muitos, se leixárão ficar e nós com nosa almogaveria nos viemos á vila, donde chegamos de noute, sendo do capitão muito bem recebidos, e ao outro dia os mouros vendidos asaz bem, por neles aver homens abastados, que Diogo da Silveira muito bem conhecia, polo qual conselho o capitão comprava os milhores e que mais proveito e resgate lhe podíão dar, e, por isto e por sua calidade e saber, era do capitão tão favorecido e honrado que, alem de tudo, lhe fez mercê de ũas casas muito grandes e boas que ficárão de Antonio Pimenta, preto, que morrera afogado, como atrás fica apontado, que, por morrer sem erdeiro, ficávão a ele capitão, nas quais casas Diogo da Silveira viveo até o despejo da vila e lhe fôrão pagas da maneira das outras.

CAPITULO XXVII

Em que se conta brevemente como el-rei que logo foi de Féz veio correr a Tanjere e desbaratou cincoenta de cavalo de Tanjere

PARECE rezão, pois ei contado e dado rezão dalgũas cousas feitas por almogavares, pasar a outros móres feitos, e por ser um dos mais asinalados a vinda de Mulei Hamete, que logo foi rei de Féz, por desbaratar no campo de Tanjere ao almocadem velho, Alvaro Fernândez Lião, que com cincoenta de cavalo achou no campo, polo qual feito pasarei, contando sómente como esta jente correo a Tanjere e o dano que fizérão, e como correo Arzila. Neste tempo Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, deu licença ao almocadem velho que com cincoenta de cavalo fose á serra de Ciguidelí esperar almogavares, donde esteve dous dias e duas noutes, sem ver, nem sintir cousa de que se temesem; mas, como estava fadado ser ao outro dia sua perdição, dizem os de Tanjere que eles, a noute dantes, se anunciárão, de maneira que, não bastando fazer toda a noute fogo, em que asárão muita carne e coelhos que tinhão morto, atando-se uns aos outros com cabrestilhos, se trazíão em leilão e se vendíão como cativos, dizendo: «Tantas onças dão por este cristão?» e, posto que isto seja falso e abuso, a eles saio verdadeiro, porque algũas guardas, que Mulei Abrahem trazia diante de si, vendo o fogo, os sintírão e contárão, e aquela noute [foi levada a nova] [1] a Mulei Abrabem, que junto com Benamaçuar estava com toda sua jente, esperando por Mulei Hamete, filho d'el-rei de Féz, já morto, que ao outro dia se avíão d'ajuntar na ponte de Gosma, tres legoas de Tanjere; e, tanto que Mulei Abrahem teve nova dos cristãos, mandou logo recado a el-rei que andase e não descansase, porque tinhão os cristãos no campo, e mandou ao almocadem, Alebenaix, que o guiase e pasase a serra do porto d'Alfeixe, e que ante-menhã fose no campo de Tanjere, e ele, Mulei Abrahem, foi amanhecer no porto d'Anacisa [2], esperando que a menhã mostrase o que os nosos faríão, os quais, tanto que foi menhã, como homens que outra cousa lhes não lembrou que avíão d'achar senão o que eles íão buscar, que era até aquela ora esperar almogavares e dali por diante porcos pera montearem, e, apartando-se de dez em dez [3], se espalhárão polo campo monteando; mas logo Mulei Abrahem deu neles, e alguns, que dele se afastávão [4], fôrão dar na jente d'el-rei, de maneira que de cincoenta

1. [foi levada a nova] *f.* A. — 2. Anacisa] Anafisa B L M; Nasifa N. — 3. dez em dez] dous em dous B N L M. — 4. afastávão] afastárão B N L M.

de cavalo se perdêrão mais d'ametade, e os que escapárão os mais perdêrão os cavalos, embrenhando-se pola serra, e destes com muito risco viérão tres de cavalo a Arzila, indo muitos mouros depós eles até o rio de Tagadarte, o qual pasarão a nado e viérão ter a Arzila, dos quais era um João Fernândez o Bravo com outros dous companheiros, com a qual nova o capitão, Antonio da Silveira, andou muito recolheito e a bom recado, e mandou logo um barco a Tanjere a saber do dano feito, porque, segundo o Bravo, João Fernândez, dizia, não podia deixar de ser muito, como foi, mas a cidade este dia não recebeo dano. Ao terceiro dia correo toda esta jente Arzila e saio do Palhegal e, pasando o porto d'Alemoquique, foi logo no Facho, e quis Noso Senhor que não fizérão dano, por o capitão andar muito recolheito e trazendo sua boiada a bom recado; e, com esta vitoria, se recolhêrão pera Féz, dizendo que fizérão esta ganima [1] pola alma d'el-rei morto.

CAPITULO XXVIII

Como el-rei Bohaçum rei de Féz foi deposto e tirado de rei e levantado Mulei Hamete e do que mais socedeo

Por neste tempo aver em Féz mudanças, por despoerem e tirarem a el-rei Bohaçum e enlejerem a Mulei Hamete, filho [2] erdeiro de Mulei Mafomede, o guerreiro rei de Féz, e, por o movedor e principal autor deste tão asinalado feito ser Mulei Abrahem, tanto conhecido e noso vezinho, pareceo não sair fora da ordem e preposito em contar este feito, o qual pasou desta maneira.

Já atrás fica apontado como, por morte de el-rei Mafomede, ficou por rei Mulei Boaçum, seu irmão, de que Mulei Abrahem foi muito descontente e não quis ir a Féz, nem lhe dar a obediencia, porque quisera que ficara por rei o Mulei Hamete, e por neste tempo resgatar a Francisco Lionárdez, um dos quatro cativos de dia de Corpo de Deos, que já dise lhe caira em graça, o qual foi resgatado por trezentos cruzados, e ficando o capitão por eles, o mandou a Arzila, escrevendo a el-rei, noso senhor, pedindo-lhe deixase pasar a Francisco Lionárdez por Çafim com seu recado aos xarifes, reis de Marrocos e de Suz, pera se liar com eles, se el-rei de Féz quisese ir sobre ele, e, sendo Francisco Lionárdez em Marrocos sobre este negocio, se pasárão estoutras mudanças e cousas que agora direi. Desejando el-rei Mulei Bohaçum de trazer a sua obediencia

1. ganima: *entrada em terra de inimigos para prear.* Galima *em castelhano.* — 2. filho] feilho A.

a Mulei Abrahem, quis vir abaixo a correr a Arzila e a Tanjere, pera com este achaque se ver com ele e se fazer seu amigo e, quando o não pudese fazer, o prender, e com todos os alcaides se saio fora de Féz, do que logo Mulei Abrahem foi avisado por Mulei Hamete, ao qual ele respondeo que fizese por se adiantar e ver com ele, primeiro que el-rei decese abaixo, e a el-rei escreveo ou mandou dizer que viese, que ele e seu cunhado o esperarião no campo pera o servir, como fizera sempre. Com este recado el-rei ficou confuso e praticando[1] com seus sobrinhos e filho e outros alcaides, o Mulei Hamete, como pesoa mais principal, desculpou a Mulei Abrahem, dizendo que estava em serviço d'el-rei e que lhe desem licença que ele viria abaixo e lhe tiraria algũa sospeita, se a tinha, e prometia de o levar a el-rei, e com isto se adiantou d'el-rei, vindo com ele todos os mais alcaides do reino; outros dizem que veio sem el-rei lhe dar licença, nem o saber, e foi aconselhado de Mulei Maçoude, filho de Mulei Naçar, senhor de Mequinez, e de outros alcaides, que se tornase pera Féz e esperase a ver em que parava esta ida e vistas de Mulei Hamete e de Mulei Abrahem, mas Mulei Hamete, filho d'el-rei Mulei Bohaçum, que depois esteve neste reino, que muito cavaleiro era, não quis mostrar fraqueza em se tornarem a Féz, antes fez que ao longo do rio d'Arga esperasem o recado de Mulei Hamete, o qual foi da vitoria e ganima que ouvérão no campo de Tanjere, e trás esta nova lhe fôrão cartas de Mulei Hamete do que fizérão em Tanjere e quantos cativos e cavalos levávão, dando toda a mais da honra a Mulei Abrahem, que por sua industria e manha se perdêrão os cristãos, e que Mulei Abrahem e seus irmãos íão com ele a Féz a servir a el-rei.

Com estas novas folgou muito el-rei, Mulei Bohaçum, e, por o sobrinho vir muito posante e trazer muita jente, não ousou esperá-lo no campo e ouve por seu conselho de se ir pera Féz e o esperar nele e, por lhe fazer mais honra, o sair a receber fora da cidade e tendo junto de si Mulei Maçoude, que, por ser filho de Mulei Naçar e senhor de Mequinez, era o maior senhor do reino; mas Mulei Hamete e Mulei Abrahem levávão outro preposito, diferente do seu, porque praticado o negocio antre eles foi que Mulei Hamete se fizese rei, dizendo Mulei Abrahem que, se ele quisese ser rei, ele viria a Féz e poria sua pesoa e estado polo fazer rei, e doutra maneira não iria ver o rostro a Mulei Boaçum, seu tio; por este reinar ser tão cobiçoso o aceitou e logo arrancárão pera Féz, indo com eles o alcaide d'Alcacere Quebir, que era o mais valeroso do reino, e, chegando ao rio de Cebú, que é o que comunmente chámão da Mamora, seis legoas de Féz, Mulei Hamete se adiantou com os alcaides que com ele érão, deixando a Mafote, alcaide de Jazem, seu privado, em seu lugar, com a bandeira e jente, mandando-lhe, todavia, que em tudo fizese o que

1. praticando] praticado A.

Mulei Abrahem lhe mandase. e disese que ao outro dia a oras de comer entrase em Fez.

El-rei, tanto que soube que o sobrinho ia a ele, o saio a receber com toda a corte, fazendo-lhe muita honra e gasalhado. o beijou no rosto e se tornárão pera Féz. a esperar que Mulei Abrahem entrase ao outro dia, dizendo Mulei Hamete algũas desculpas de Mulei Abrahem, que el-rei recebeo; e ao outro dia, que Mulei Abrahem avia de entrar, el-rei se foi pera o banho, donde em ũa casa, que pera esperar os ospedes tinha, e tendo juntos seus sobrinhos e filhos, esperou que Mulei Abrahem entrase e lhe viese falar. o qual chegou ás portas de Féz acompanhado de muita jente de cavalo, asi da sua como de muitos que o saírão a receber e ver; e, entrando antre as portas que châmão Albabceba, que quer dizer «a porta do Lião», donde continuadamente está o alcaide do Cequife [1] com trinta ou corenta homens, ordenados pera guarda daquela porta, tendo muitas lanças, chuças e alabardas arrimadas ás paredes, e asi pinduradas adargas, saias de malha, corpos de couraças, capacetes, tudo pera favor do alcaide e guarda da porta; e estando o alcaide á porta com sua lança na mão, acompanhado de corenta até cincoenta homens armados, Mulei Abrahem chegou acompanhado de mais de dous mil de cavalo, seus e de Mulei Hamete e de outros muitos de Féz, qne a o receber e ver saírão, e, tanto que foi diante do alcaide do Cequife, lhe preguntou por quem tinha aquela porta e cidade. O alcaide respondeo que Deos enxalçase a Mulei Bohaçum, seu senhor. Logo Mulei Abrahem lhe dise: «Não hás de dizer asi, senão Deos enxalce a Mulei Hamete, rei de Féz»; e, ficando o alcaide embaraçado, ele em alta voz começou a dizer: «Alá ençor Mulei Hamete e Alá aix Mulei Abrahem!» e logo todos os seus, a grandes brados, disérão como ele, o que quer dizer «e Deos enxalce a el-rei Mulei Hamete e viva Mulei Abrahem!», e, deixando logo ali ao alcaide Mafote em guarda da porta, se foi com toda a jente ás casas d'el-rei, dizendo o apelido, o qual foi logo dito a el-rei e ouvido dele e de toda sua casa, e, ficando espantado, dise aos sobrinhos: «Traição é isto!» e mais dizem que dise contra o sobrinho: «Se tu queres ser rei toma o reino, que eu em minha casa estou contente», mas, como Mulei Abrahem entrou, logo foi encerrado em ũa camara, e, apoderado de toda a casa e molheres d'el-rei e saindo polas ruas e cidade, fez que os almeriques [2] ou [3] adais fosem pregoando: «Deos enxalce a el-rei Mulei Hamete!», de maneira que naquele dia foi obedecido por rei em Féz o novo e em Féz o velho, sem

1 alcaide do Cequife: *isto é* alcaide do Castelo. «*Ha na cidade de Fez o Velho um governador que chamam alcaide do Acequife* [*é o mesmo nome com o artigo árabe*], *o qual vive sempre na alcaçova, e tem a seu cargo a guarda da cidade...*» [*Marmol, Descripcion de Affrica, L.* IV, *fol.* 95]. *Veja-se Dozy, Supplément aux dictionnaires arabes, I, p. 663.* — 2 almeriques] almariquis B N M; almariquim L. *A significação dêste vocábulo. parece ser a de* pregoeiro, arauto. — 3. ou] e B N L M.

aver pesoa que ousase fazer, nem dizer outra cousa, posto que o Mulei Bohaçum era muito bemquisto, por ser muito bom homem e manso e quieto, e sempre pedio que o leixasem em sua casa, que ele alargava o reino a seu sobrinho, mas não lhe prestou nada, porque el-rei novo o teve preso até que morreo, e afirmão que foi mandado afogar; e, porque depois disto socedeo a causa de sua morte e a vinda de Mulei Hamete, seu filho, fujir e vir ter a este reino, donde recebeo muita honra e mercê d'el-rei, noso senhor, brevemente contarei o que mais pasou.

CAPITULO XXIX

Da causa porque Mulei Hamete filho maior d'el-rei Bohaçum veio ter a este reino e da honra e mercê que d'el-rei noso senhor recebeo

Sendo Mulei Hamete rei pacifico e quieto, tendo, todavia, preso a seu tio, el-rei Mulei Bohaçum, se lhe ofereceo guerra com os xarifes, reis de Marrocos e de Suz, e, fazendo seu exercito o maior e milhor que pode, e deixando ordenadas as cousas do reino e boa guarda em Féz o novo, onde deixava o tio preso, caminhou sobre Marrocos e, estando sobre ele e os xarifes encerrados dentro da cidade, lhe chegou nova como em Féz ouve [1] movimento, porque os filhos d'el-rei, seu tio, o quisérão tirar da torre donde estava preso; e, tanto que teve esta nova, levantou o arraial e se tornou a Féz; o qual movimento foi que, sendo el-rei em Marrocos, Mulei Hamete, filho maior d'el-rei Bohaçum, se concertou com os principais de Féz o velho e em ũa menhã de sesta-feira, em abrindo as portas, entrárão mais de cento de cavalo com Mulei Hamete, bradando: «Deos enxalce a el-rei Mulei Bohaçum!» e, matando alguns dos que estávão á porta com o alcaide do Sequife, pasárão á torre, não esperando que a jente de pé entrase, que, com outro seu irmão, chamado Mulei Naçar, vinha, que já era ás portas, mas, como o alcaide acodio com mais jente, botando [fora] [2] os que á porta ficárão, tivérão lugar de cerrar as portas, ficando Mulei Naçar de fora com toda a jente de Féz o velho, que, pera livrar a seu rei, toda vinha com boa vontade; mas, como Mulei Hamete não teve o socorro e favor do irmão, não tão sómente tirou a seu pai [3], mas antes, não podendo resistir ao alcaide do Cequife, leixando os cavalos, por não ser preso se lançou por cima dos muros fora, e, fujindo d'el-rei, se veio a Azamor a Dom Alvaro d'Abranches, e dahi

1. ouve] avia B N L M. — 2. [fora] *f.* A. — 3. tirou a seu pai] pode tirar o pai da prisão B N L M.

pasou a este reino, donde esteve até que el-rei, noso senhor, lhe ouve perdão d'el-rei seu primo e se foi pera Féz por Arzila, fazendo lhe muita honra e dando-lhe dez cruzados pera cada dia; mas el-rei, tanto que chegou a Féz, dizem que fez matar ao tio preso, ainda que eles dizem que faleceo de doença na prisão. Destas cousas e morte d'el-rei Mulei Bohaçum pesou muito a Mulei Maçoude, filho de Mulei Naçar, que era senhor d'ametade do reino, por donde se causou sua morte, como adiante se dirá; e com isto, que basta pera se entender as mudanças que ouve pera vir a ser rei Mulei Hamete, que o reino de Féz teve até que o xarife lh'o tomou e tirou com a vida, como em seu lugar, Deos querendo, se dirá, tornaremos á nosa ordem, que sómente é contar os feitos e casos acontecidos em meu tempo.

CAPITULO XXX

Como el-rei de Féz com muita jente correo Arzila e saindo do Tojal chegou até a Bica e achando-se o capitão Antonio da Silveira na praia lhe matou sete mouros de cavalo

Sendo el-rei de Féz pacifico e seguro [em seu reino] [1], sem contradição de ninguem foi obedecido, ainda que todos desejávão a soltura d'el-rei [Bohaçum] [2], e, por mostrar que era imigo de cristãos, ũa das cousas que primeiro fez foi decer abaixo e correr a Tanjere e Arzila e, saindo de Féz com todos os alcaides e muita jente, entrou no noso campo, trazendo cinco ou seis mil de cavalo, e, sem ser sentido nem o sabermos, se viérão meter em cilada no Tojal, sobre o Rio Doce, com trazerem um bravo ardil, que, andando a boiada pacendo e tendo a sesta no adro, mandarião romper o valo com homens de pé e, sendo o valo do Rio Doce roto, virião tomar a boiada ao pé do outeiro de Fernão da Silva ou no adro, donde costumava ter a sesta. Pois estando el-rei e Mulei Abrahem e o alcaide d'Alcacere com outros alcaides no Tojal, donde vião a praia e a vila e a porta da Ribeira, e asi a boiada que no adro estivera tendo a sesta, e já se começava a alargar contra o pé do outeiro de Fernão da Silva, mandárão a Alebenaix, almocadem do Farrobo, de quem o ardil era, que com cem homens de pé com enxadas viesem romper o valo. Não parecendo cousa viva pola praia, aconteceo que, sendo já oras de se dar a guarda e sendo o dia do adail, Fernão Rodriguez Colares, a quis dar da outra parte do Rio Doce; querendo [sair] [3] pola porta da Ribeira, Rui Carvalho, porteiro, lhe não quis abrir [a porta] [4], que foi causa de aquele dia se

1. [em seu reino] *f.* A. — 2. [Bohaçum] *f.* A. — 3. [sair] *f.* A. — 4. [a porta] *f.* A.

salvar a boiada e os mouros receberem o dano que recebérão, porque, saindo pola porta da vila, o adail tomou ao longo do valo com quinze ou vinte de cavalo e todos os moços de bestas de serviço, que por lenha e erva ião, e indo as atalaias diante, como é costume, mas um moço, filho de Nuno Àlvarez de Carvalho, por nome Jil de Carvalho, que em um cavalo de seu pai ia, saindo correndo do adail ao longo do valo, pasando polas atalaias, não parou até dar com os mouros de pé e, dando rebate, [os] [1] virão em cima do valo, que, cuidando que o capitão era, se quisera lançar da outra parte, mas el-rei e jente, que no Tojal estava, logo fôrão na praia e não parárão até o baluarte da Praia, ficando até o Rio Doce e Tojal cheio de jente e bandeiras; mas, como o capitão, Antonio da Silveira, saise primeiro a rapique, como é costume, e vise a praia cheia de mouros, se foi ajuntar com o adail e, recolhendo-se de dentro do baluarte da Praia com obra de corenta de cavalo até cincoenta, ficou antre os mouros e a porta da Ribeira, não podendo os que da vila saião ajuntar-se com ele, e foi a causa que, sendo o capitão fora com os que primeiro sairão, a boiada começou a entrar e embaraçou a porta da vila, de maneira que nenhum de cavalo saio até ela não ser toda dentro, e, saidos até o pé de Santa Cruz, vendo toda a praia cheia de mouros, não ousárão, nem podião ajuntar-se com o capitão, que de dentro do baluarte da Praia andava, o qual vindo-se recolhendo, chegárão os mouros tão rijo que em dereito do baluarte lhe ferirão Antonio Rodriguez, alcaide do çoco, e derrubárão e malferirão a Manuel Tavares, pesoa muito honrada, que em companhia de Manoel da Silveira fora, mas o capitão voltou com eses poucos que com ele eramos.

Digo que me achei ali, asi eu como o doutor meu irmão, donde logo se derrubárão tres mouros e cobramos a Manuel Tavares com tres lançadas, afora outras muitas que as armas defendêrão, fazendo-os afastar algum tanto, entre tanto que o capitão teve lugar de tomar outro cavalo, porque se achou no fouveiro do Farrobo, que, por estar muito folgado, o achou muito pejado, mas sendo já em outro cavalo e vendo diante de si a Fernão Díaz, filho d'Alvaro Díaz, ferreiro, e a Vilha Nueva, que com duas béstas a pé andávão antre os de cavalo, e não tirávão tiro que não empregasem, dos quais vio cair um mouro com sua seta metida polos peitos, o qual logo polo capitão e polos seus foi alanceado; e aqui fôrão derrubados outros dous, um por Diogo da Silveira, que logo foi morto de muitas lançadas, sem os mouros terem animo pera os resistir, e, mostrando muita fraqueza, se começárão a recolher pera o adro, indo já nós outros de volta com eles; mas, como nos visem tão poucos, sendo já na area solta, querendo fazer rosto, um cavaleiro do alcaide d'Alcacere, Alcoudefe chamado, e pai destoutro Alcoudefe que todos conhecemos, virando, como

1. [os] *f.* A.

bom cavaleiro que era, foi recebido na lança de Fernão da Silva e d'Antonio Freire e doutros, de tal maneira que ele e o cavalo ruço ficárão ambos pasados de muitas lançadas. A este tempo, ajuntando-se já os que em Santa Cruz estávão, outro mouro se veio meter antre eles e nós, mas ele foi pasado de tres lanças [1], sem seus donos se detriminarem qual fora a primeira, as quais estávão na mão de Pero López, escrivão do almoxarifado, e de Pero Fernândez o Torto e de Fernão Machado, que oje é [2] estribeiro do conde rejedor [3], e não tão sómente o mouro mas o cavalo trouxe ũa lançada, de que morreo em casa de Antonio Freire, que deste feito foi quadrilheiro. A este tempo, alguns dos nosos chegando em cima do Barreiro, alguns dos mouros voltárão com eles, e, virando-lhe as costas, um mouro com ũa lança d'alto deu ũa grande lançada a Jeronimo Afonso, por ũa nalga, tomando-o por antre as couraças e a sela, e, sendo já nós outros no adro, sendo tudo cheio de mouros, que recolhendo-se ião, foi ferido Pedro Afonso Homem, meu compadre, de ũa bésta, por ũa perna, de que sarou. Foi este dia o capitão muito contente de todos, por andarem muito cavaleiros, [e os louvou] [4], e asi o fez a João Díaz e a Vilha Nueva, com quem em aquele tempo estava de quebra, por vender vinho muito caro, e o abraçou e perdoou, e ficárão amigos.

CAPITULO XXXI

Como fôrão resgatados Lourenço Pírez de Tavora e Manoel da Silveira e o que mais se pasou

Em tanto que estas mudanças pasávão, se veio a efectuar o resgate de Lourenço Pirez de Tavora e de Manoel da Silveira, sendo o negoceador deste resgate o grande Fernão Caldeira, a quem o capitão encomendou e mandou a Mulei Abrahem a Xexuão, e, sendo muito bem recebido, se concertárão em cinco mil cruzados, que fôrão logo pagos, e em cima dos cinco mil cruzados se obrigou Fernão Caldeira a dar ũa moura muito fermosa da condesa, molher do conde Dom João, a qual Mulei Abrahem por sua fama muito cobiçava, e, pera segurança desta moura, lhe leixou quatrocentos cruzados em prata lavrada [em penhor] [5], os quais ele avia de tornar, dando-lhe a moura, que Fatema a fermosa avia nome, e por a condesa não querer dar a dita Fatema, por ser sua camareira e a vestir, Mulei Abrahem se ficou com os quatrocentos cruzados e o feitio da prata, e a Fatema, depois muitos anos, se fez cristã e

1. lanças] lançadas B N L M — 2. oje é] foi B N L M. — 3. rejedor] do Redondo antes que fose pera a India B N L M. — 4. [e os louvou] *f.* A — 5. [em penhor] *f.* A.

a condesa a casou com Nicolao Fernândez, criado do conde e seu. Pois feito este resgate, Mulei Abrahem os mandou a Arzila muito honradamente, asi acompanhados como em lhes fazer mercê de muito bons cavalos e vistidos á mourisca, de pelotes de seda e bedens finos, e asi fez mercê a Fernão Caldeira de outro cavalo e um vestido todo de zarzagania, que é ũa seda lavrada de vermelho e branco, á maneira de torna-sol. Chegados a Arzila, fôrão do capitão honradamente recebidos.

Pois sendo estes dous fidalgos fora de cativeiro e em Arzila, socedêrão todas as mais mudanças e cousas contadas, e asi a vinda d'el-rei abaixo e a corrida da praia, em que, antes que el-rei se tornase a recolher, se perdeo ũa quadrilha d'almogavares da companhia [1] d'el-rei, e outro caso, por donde socedeo a morte ao alcaide Mafote, as tornarei a poer neste lugar. Aconteceo asi que, o dia que a jente d'el-rei correo a Tanjere, um mancebo, irmão do almoxarife, Vicente Fernândez, por nojo que dizem que teve de sua molher, polo reprender de algum jogo ou braganteria, de que ele seria viçoso, se lançou com os mouros, vindo ter á ponte de Gosma, donde el-rei já estava apousentado em cima de seu cavalo e suas couraças e adarga e lança, o qual vinha preguntando por Mulei Abrahem; mas as guardas o trouxérão ante o alcaide Mafote, e, preguntando-lhe a que vinha e que queria, dise que se vinha pera Mulei Abrahem e buscar seu favor, de medo do capitão, Dom Duarte, e Mafote lhe preguntou se queria ser mouro, e, como lhe respondese que não queria senão a Mulei Abrahem, o Mafote com nojo o mandou logo matar, dizendo que donde el-rei estava como preguntava por outrem: tanta era já a privança e valia de Mafote que tomou ceumes de preguntar por Mulei Abrahem e não por ele.

Deste tão abominavel feito pesou muito a el-rei e muito mais a Mulei Abrahem, que, guardando-lh'o [2], foi causa de sua morte, matando-o por sua propia mão, como ao diante se dirá, mas por então o disimulou. Todavia, queixoso d'el-rei em o não castigar, por lhe fazer ofensa em matar o cristão que vinha buscar seu favor e pesoa, e com esta queixa, desemulando-o, se despedio d'el-rei e se foi a Xexuão a sua casa, dando algũas justas rezões, ainda que a vontade não ia muito em serviço d'el-rei, polo nojo que de Mafote lhe ficava, a qual despedida Mulei Abrahem fez depois d'el-rei correr outra vez Arzila e se foi ao Xercão; e, levantando-se el-rei pera a ponte d'Alcacere, donde se foi apousentar, tomou o caminho de Benarróz Mulei Abrahem e dahi se foi pera sua casa, donde o leixaremos por alguns dias, e contaremos como da Ponte se apartárão almogavares e viérão correr Arzila e como se perdêrão, sendo todos d'el-rei e de Mafote.

1. companhia] companha A. — 2. guardando-lh'o pera seu tempo B N L M.

CAPITULO XXXII

Como uns almogavares d'el-rei e da companhia do alcaide Mafote corrérão Arzila e o capitão Antonio da Silveira lhes armou e desbaratou e tomou e como Antonio Freire se asinalou

Sendo el-rei recolhido á ponte d'Alcacere, seis legoas d'Arzila, certos mancebos da criação d'el-rei e do alcaide Mafote, favorecidos do favor d'el-rei e do alcaide, se ajuntárão até vinte cinco de cavalo e se viérão ao campo d'Arzila, e, metendo-se na Atalaia Ruiva, esperárão que as atalaias fosem descobrir, como ordinariamente o fazíão cada dia, e correndo-lhe as matasem ou tomasem; mas o capitão, Antonio da Silveira, tendo nova de um negro, que se veio deles pera nós, de como el-rei era recolhido e levava o caminho da Ponte, parecendo-lhe tempo desposto pera mandar espiar fora, fez ajuntar os homens do campo e se concertou com eles desta maneira: que, sintindo jente grosa e dando-lhe aviso, lhes daria cincoenta cruzados e lhe faria os alforjes, e sendo almogavares e os tomasem que de um só mouro fose pera eles, e asi até cinco não averíão mais que um, e, pasando de cinco, averíão dous, e pola mesma maneira se faria dos cavalos; e com este concerto começárão a ir fora, e logo a primeira noute acertárão os mouros a entrar, e, ao outro dia pola sesta, sendo as atalaias na folga do meio-dia, as espias, que sobre a fonte da Atalaia Ruiva estávão, virão os vinte cinco mouros de cavalo meter na cilada, e, sem serem vistos, se viérão á vila a dar a nova ao capitão, o qual fazendo ajuntar a Diogo da Silveira e aos moradores que lhe pareceo, se ordenou da maneira que lhes avíão d'armar, pera sem nenhum perigo os tomarem, ou ao menos tomasem lingoa, de quem soubesem quantos érão e se tínhão costas, parecendo ao capitão que jente cansada e que se ia recolhendo, depois de aver corrido duas vezes, não era rezão que tornasem atrás, e que aqueles podíão ser almogavares furtados que, parecendo-lhes que ficava o campo seguro, por estarmos amedrentados, eles podíão a seu salvo correr; na qual se enganárão, porque o capitão, dando esta dianteira a Lourenço Pírez de Tavora e a Manoel da Silveira, seu primo, que pouco avia que saírão de cativos, que pois ambos fôrão companheiros ambos fosem neste feito, pois o fôrão em cativo [1], e encomendando a Diogo da Silveira que com trinta de cavalo os metese ao pé da Atalaia Gorda, junto com o caminho da Ruiva, encomen-

1. forão companheiros... em cativo] forão companheiros neste cativeiro o fosem neste feito B N L M.

dando-lhe e mandando-lhe que sem tomarem lingoa não pasasem da Ruiva.

E com esta ordenança do capitão, Diogo da Silveira levou a Lourenço Pírez de Tavora e a Manoel da Silveira com os trinta de cavalo polo vale do Facho e os meteo na cilada da Gorda, indo Roque Ravenga descobrir a Ruiva, lhe saírão os mouros até emparelharem com os nosos, os quais, conhecendo a Roque, por ser ezquerdo e trazer um cavalo quatralvo muito lijeiro, que fora de Dom João de Sande, desconfiárão de o tomar e, anteparando-lhe, lhe saírão os nosos de través e tão juntos que logo fôrão tres levados nas lanças, e o primeiro e que mais diante vinha foi um filho do alcaide Açuar de Jazem, pesoa honrada e que em ausencia dos alcaides ficava por alcaide, o qual vinha junto de Roque Ravenga em cima de um fermoso jinete com um pelote de veludo pardo e ũa jaqueta de cetim cramesim, o qual foi logo pasado das lanças de Gramatão Télez e Diogo Delgado, que diante saírão, e, ficando logo os dous mortos, o outro foi tomado vivo, e, preguntado por Diogo da Silveira quantos érão e se tínhão jente, dise que não érão mais que os que parecíão, e logo sem mais ordem se lançárão após os outros que, não podendo os dianteiros tomar o caminho da Ruiva, se lançárão polo corrego da fonte abaixo e, pasando o ribeiro, se lançárão pera a cilada do Alcaide, donde os mais fôrão mortos e cativos; mas um paje do alcaide Mafote, de muito manhoso, se deitou pera a Atalaia Ruiva, por onde os traseiros íão, o qual ia capeando com sua adarga, como que chamava a jente que saise, mas este foi logo alcançado e trazido ao capitão, o qual, dada a ordem como está apontado, com toda a jente da vila, que seriamos mais de cento de cavalo, nos viemos a meter junto dos Forninhos, e, saindo com o rebate, vimos os nosos de mestura com os mouros, e, vendo-os vazar a Ruiva e os nosos após eles, com um troto cerrado nos fomos á Ruiva, donde lhe fôrão trazido os dous mouros vivos e o despojo do filho do alcaide Açuar, e, tendo a nova por certa, se não pode escusar que nos não soltasemos outros mais de vinte de cavalo, que ainda fomos até ensecar os derradeiros, e o capitão, mandando muito depresa tomar a Atalaia Alta de Tendefe, se foi ao Jiestal, donde esperou polos seus que nos recolhemos com muito trabalho, pola grande calma que aquele dia fez, que, asi por ela como por a corrida ser de duas legoas e mais, nos rebentárão dez ou doze cavalos. Destes almogavares se perdêrão treze ou catorze, os seis cativos e os mais fôrão mortos, alguns se salvárão embrenhados na ribeira d'Alfandux, e se trouxérão treze cavalos, em que vínhão muito honrados jinetes.

Recolhidos os nosos ao capitão com toda a presa dos seis mouros e os treze cavalos, nos entristeceo faltar Antonio Freire, criado do conde e pesoa honrada, que da companhia de Lourenço Pírez de Tavora falecia, mas não tardou muito que o vimos vir polo rosto d'Alfomar abaixo, trazendo um mouro e seu cavalo diante de si, com o qual se achou só na

varzia do Zambujeiro, e o mouro, que cavaleiro era, vendo-se perseguido de um só cristão e que não parecia outro, voltou sobre ele e se veio encontrar com Antonio Freire, bem cuberto de sua adarga, e, pasadas as adargas [1], se viérão a abraçar de maneira que ambos fôrão ao chão, como cavaleiros andantes, mas como Antonio Freire fose armado de couraças, se meteo com o mouro, que dando-lhe duas ou tres feridas o rendeo e, atando-lhe as mãos com um cabrestilho, o fez vir diante de si, trazendo tãobem o cavalo. Com a vinda de Antonio Freire se acabou o feito deste dia com grande contentamento do capitão e de todos nós outros, e, com os seis mouros e treze cavalos, o capitão se recolheo á vila, e nestes seis mouros veio Maçoude Alé Belebi, pesoa honrada e da criação d'el-rei, que, depois de resgatado, salvou que não matasem a Rui Cordeiro, criado do capitão, Antonio da Silveira, de quem ele foi, quando Roque de Fárão se perdeo, como ao diante se dirá; e tãobem ouve o capitão o paje do alcaide Mafote, que saio por quatrocentos cruzados. As partes não sairão grandes, pola perda que ouve dos cavalos que se perdêrão, em que algũas pesoas fôrão culpadas que fizérão o que não devíão com seus cavalos, mancando-os polos enjeitar á cavalgada, por lh'os pagarem.

As espias ouvérão um mouro mancebo e dous cavalos, que repartírão por oito companheiros que érão, os quais érão repartidos de dous em dous. O mouro, que ouvérão á sua parte, vendêrão a dous mercadores, um Gonçalo Fernândez, que ora vive em Xerez da Fronteira, e outro Anrique Gômez, que vive em Mertola; e, vendo-se o mouro mancebo e soberbo e antre a molher e cunhadas de Gonçalo Fernândez, parecendo-lhe que, sendo mao servidor, o daríão por pouco resgate, se pôs em não as servir e em as amedrentar, não querendo servir, nem moer ũa pequena tarefa que lhe dávão, e, quando as molheres o reprendíão, dizia que era doente do coração, que se o agastasem que se lançaria em um poço que diante estava, e, fazendo elas queixume a Anrique Gômez, bradando com ele, o quis castigar. O mouro vendo-se afrontado respondeo que não avia de moer, e que logo se lançaria no poço, por eles perderem seu dinheiro. O Anrique Gômez, que homem é, o levou nos braços e o levou á boca do poço e o lançou dentro, e com ele quantas pedras avia polo patim, e trás elas ũa tranca e ũa ou duas lanças. Á grita das molheres acodimos muitos, e eu, por ser vezinho, e apartando o Anrique Gômez, me pus á borda do poço e vi o mouro que com os olhos estava vendo como se guardase das pedras e paos que seu senhor lhe lançava, e, chamando-o que saise, me preguntou se estava ahi seu senhor, e, deitando-lhe ũa corda, se saio sem ajuda de ninguem, e, sendo reprendido dos outros mouros, ficou tão corrido que se foi lançar aos pés do capitão, pedindo-lhe o comprase, que não queria ver o rosto a suas senhoras. O capitão man-

1. adargas] lanças A.

dou chamar a seus senhores e, dando-lhes mais do que custou, lh'o comprou, e não tardou muito que não foi resgatado juntamente com os outros dous. Foi este feito de Anrique Gòmez olhado e gabado, por ser feito d'omen; e depois pasou ao Perú, donde andou muito tempo e pasou muitos desastres e se vio em muitos perigos nas revoltas dos Piçarros, sendo ele da parte dos Almagros e chegado ao João Centeno, mui nomeado nas revoltas do Perú, e veio a escolher Mertola pera descansar de tantos trabalhos e gastar o que trouxe, que pera ele não foi pouco.

CAPITULO XXXIII

Como se perdêrão outros almogavares do Farrobo no porto do Canto com as espias que o capitão ordenou

Deste feito, por ser nas barbas d'el-rei e de tantos alcaides e sendo os mais dos almogavares de Féz e da criação d'el-rei, foi o capitão muito contente e logo asentou com as espias que irião fora quando as ele mandase e lhe parecese tempo; e, asentado asi, se pasárão dous meses, que, parecendo ao capitão tempo, as tornou a mandar fora, e, continuando toda ũa semana, virão entrar no porto do Canto ũa quadrilha d'almogavares, e, trazendo a nova ao capitão, detriminou de lhes armar, parecendo-lhe por muitas rezões que não podíão ter costas, e porque estávão em parte que não podíão entrar com eles que não fosem vistos, e por diante lhes não podíão sair senão lonje, o capitão mandou a Fernão da Silva com vinte cinco de cavalo da outra parte do Rio Doce, que se metesem no corrego das Fontainhas de Pero de Meneses e que com o primeiro rebate corresem a lhe tomar o caminho d'Alecasapo, e ao adail Fernão Rodríguez e a Diogo da Silveira que um a um se chegasem a Bugano, como homens que a fazer erva íão, e ele com toda a mais jente se deixou ficar na cabeça do vale do Facho, estando ele só nas lombas do Corvo, á vista donde os mouros avíão de sair, e com esta ordem os foi descobrir Vicente Vaz, atalaia, ao qual os mouros saírão e o seguírão até as primeiras lombas do Corvo, conhecendo que o Vicente Vaz ia travesado na sela, como homem que esperava por eles; e, vendo Vicente Vaz os mouros parados, voltou logo com eles, que fez aos mouros muito rijo tornarem a demandar o porto, donde já os que sobre o porto ficávão por atalaia lhes dávão rebate, por verem o adail e a Diogo da Silveira que a mais correr os íão demandar, mas, antes que ao porto chegasem, o Vicente Vaz, que em muito bom cavalo ia, se meteo antre eles e, pasando um mouro com a lança, deu com ele no chão, sem falar palavra, nem dar nova de quantos érão, posto que foi preguntado, e, com este

ficar desta banda do porto, os companheiros o pasárão, mas logo virão vir os dous de cavalo, que por atalaia ficárão em cima das lombas, por já Fernão da Silva e os que com ele eramos sermos tanto avante como eles, e, vendo-se perdidos, se lançárão por Redemoinhos acima; mas, como nós outros chegasemos a eles, fôrão logo quatro ao chão pasados de muitas lançadas, dos quais veio à vila Alima, trespasado de ũa lançada de ũa parte a outra, e outra dada por Francisco Pinto a .... [1], ambos do Farrobo, e ambos sarárão das maiores feridas que até oje se virão em Arzila, e os outros se fôrão pola ribeira de Redemoinhos acima, mas, como todos iamos de mestura com eles, não ouve mais lugar que apearem-se e logo érão tirados fora, de maneira que, de catorze almogavares que érão, se não salvou mais que um só, e dos outros fôrão mortos cinco ou seis, ainda que os dous mortalmente feridos com outros cinco cativos; dos feridos ouve um Paulo Majolo, meu cunhado, e outro Simão da Fonseca. Érão estes almogavares da serra de Benarróz e de Benamares e alguns do Farrobo, que, achando-se no çoco de Benarróz, se concertárão a vir tomar ũa atalaia, e ficárão todos, e asi os cavalos.

Recolhido o capitão com esta vitoria, fôrão os mouros vendidos e os cavalos, mas não se repartio a presa até que os dous mouros feridos não fôrão seguros e sãos, os quais sarárão das móres feridas que se vírão, por ambos serem pasados de ũa parte a outra, especialmento o que Francisco Pinto ferio, por ser com ũa lança de monte, e ser o ferro muito largo e fazer grande entrada; e certo que se tivérão algũas grandes herdades ou morgados que deixar e muitos que sobre suas curas andasem e os cerujães e as cousas necesarias de sobejo, não leixárão de morrer, e, tendo tudo ao contrairo e curados em cima de ũa esteira ou manta [2], fôrão sãos, ajudando-os a boa ventura e saber do lecenceado Antonio Gômez, que os curou.

1. ...] *f. êste passo* B N L M. — 2. e certo... esteira ou manta] e certo que se fôrão de preço de resgate e tivérão alguns morgados nã escapárão, mas estes fôrão curados em cima de ũas esteiras e mantas B N L M.

CAPITULO XXXIV

De como os alcaides d'Alcacere e Jazem armárão com almogavares estando todos em Bugano e do grande risco que o capitão pasou

Por estas duas quadrilhas d'almogavares, que em Arzila se perdêrão, fomos todos os moradores tão contentes que já nos parecia teriamos a barba queda [1] a cada um dos alcaides nosos vezinhos e desejavamos de nos topar com o alcaide d'Alcacere, que o mais valeroso e soberbo do reino era, e tanto que poucos dias avia que de cruel mandou por dous cristãos d'Arzila matar um filho seu, já homem e bom cavaleiro, por ser tocado do pecado mao, mandando a João Vaz Aljofarinho e a Pedro Anes de Baltar que o afogasem ũa noute: feito, certo, de valeroso capitão se nele resprandecera outra algũa vertude, o qual, vendo e parecendo-lhe que era tempo aparelhado pera recebermos algũa pancada, ordenou de nos armar e, ajuntando-se com o alcaide Açuar de Jazem com muita e boa jente, que pasávão de mil e quinhentos de cavalo, se veio lançar em Bugano, muito perto do Facho, mandando primeiro ao almocadem Zanaca que com vinte cinco de cavalo se metese na mesma cilada de Bugano, por que, se ouvese espias, visem aos almogavares e viesem á vila com a nova, e eles tivesem lugar pera depois entrarem na cilada, sem serem vistos.

Pois entrando os vinte cinco de cavalo pola menhã, fôrão vistos e contados por Vasco Morgado e seu companheiro, que em aquela parte por espia estava, e, vindo-se á vila, deu a nova certa ao capitão, de como em Bugano érão entrados vinte cinco de cavalo, afirmando ser jente limpa e de capelhares e adargas. O capitão logo asentou de lhes armar, e, posto que lhe pareceo terião costas, seria da outra parte da ribeira, e polo pé do outeiro de Fernão da Silva tomamos o vale do Facho e, chegando á primeira covoada, apartou a Diogo da Silveira, que com o adail e com trinta de cavalo se fosem polo vale acima, por estar mais perto de Bugano e sairem de rosto aos almogavares, que doutra maneira não podíão entrar com eles, mandando, todavia, o capitão que, se até [a][2] ribeira[3] não tomasem lingoa, a não pasasem, e com esta ordem o mesmo Vasco Morgado os foi descobrir, e saindo-lhe os almogavares os seguírão até averem vista dos nosos, e saindo-lhe de rosto se lançárão pera a atalaia do Corvo e polo Meloal e os nosos os seguírão até a varzia, e pasando a ribeira a

1. queda] tesa B N. — 2. [a] *f. em todos os mss.* — 3. ribeira] riba B N L M.

pasou tãobem Jorje de Sande, fidalgo e morador d'Arzila; mas Diogo da Silveira, que ainda sobre a varzia ficava, como vise os mouros espalharem-se sem tempo, e um leixar o cavalo e meter-se na ribeira, e outro ir demandar a lomba dantre ambas as varzias, bradando, chamou pola jente que saise, conhecendo que era manha e que tinhão costas, deu um grande apupo, e, tomando-o Artur Rodríguez e os que em baixo ião, se recolhêrão com muito grande présa, e, tornados todos acima ás lombas, donde o capitão estava, não faltou quem disese que os mouros érão já perdidos e que polo rebate falso se avião salvado, e, preguntando o capitão porque se dera o rebate e quem o dera, não ouve pesoa que ousase dizer que tal rebate dera, conhecendo no capitão estar agastado e o rebate parecer falso, e, todavia, o capitão soltou palavras asperas, dizendo que algum covarde ou fraco o dera; mas logo foi arrependido e deu muitas graças a Deos pola mercê que aquele dia lhe fez, por estar aparelhado um dia de juizo, porque, se a jente saira da cilada ao tempo que os nosos érão na varzia, nenhum deles escapara, mas eles esperárão que o capitão decese tãobem, ou ao menos chegase até a atalaia do Corvo, pera eles ficarem antre nós e o Facho; mas como a este tempo Vilhalva, castelhano e bom cavaleiro e milhor taverneiro, fose paseando ter á cilada de Bugano, por ver o rastro dos almogavares e a cama donde estivérão, por ver quantos érão, e fose dar com a jente, que abocada estava pera sair, a qual saio toda em ala e foi logo vista de nós outros, que um tiro d'arcabuz deles estavamos, e, acodindo ao apupo de Vilhalva, vimos toda a jente junta connosco e, tomando um troto cerrado, nos ouvemos no vale do Facho, donde toda a jente chegou a nós, mas não ousou pegar, parecendo-lhes que voltasemos com eles; e ao pasar do vale nos caio um irmão de Jorje Pirez, almoxarife, e se embaraçou de maneira que, primeiro que o pusesemos a cavalo, fizemos algũa detença e os mouros acabárão de engrosar, e, pasando a Tranqueirinha, viérão ao tabuleiro do Facho, sem os mouros chegarem a nós, temendo, todavia, a volta por eles nos ficarem de baixo, mas, como fomos no tabuleiro, apegárão tão rijo que nos metêrão pola tranqueira dentro, e asi o fizérão pola outra do meio, sem dano nenhum noso, vindo todos apinhoados, esperando que o capitão chamase por volta.

Aconteceo um caso de notar, que um cavalo de Diogo d'Avila meteo polo lume da ferradura da mão um canelo doutro cavalo, e se travárão de tal maneira que, não podendo dar paso, fizemos muita detença, primeiro que ũa das ferraduras se arrincase, que doutra maneira não se pudérão soltar; e aqui se bradou por volta, mas os mouros érão tantos e tão cerrados que o capitão, vendo os cavalos desembaraçados, nos fez recolher até a tranqueira do Meio, donde esperamos que eles quisesem entrar a força das lanças, o que não fizérão senão ás espingardadas, e quis Deos que este dia não recebemos dano, sendo aparelhado pera um notavel des-

mancho. Ao Diogo d'Avila, estando travado, como tenho dito, lhe dérão com um pelouro d'arcabuz que, quebrantando-lhe o couro ou ũa ou duas laminas das couracas, ficou amasado, sem lhe outro dano fazer, ou por vir fraco, ou pola fortaleza das couraças, que fôrão de Dom Vasco Coutinho, conde de Borba, a quem o Diogo d'Avila muitos anos servira d'escudeiro e de veador. Os mouros se recolhêrão este dia sem fazer cousa algũa, perdendo, por não sairem mais cedo da cilada, trinta de cavalo, que nenhum se podia salvar, e por eles se podia dizer «quem tudo quer, tudo perde» [1].

CAPITULO XXXV

De duas almogarerias que juntas se fizérão em que Fernão d'Álvarez Cabral foi por capitão da ũa e de como os capitães d'Arzila e de Tanjere tomárão ũa aldea e nela nos matárão a Jorje Sande

Apontado fica como, vindo pera Arzila Dom Antonio d'Almeida, filho do conde d'Abrantes, foi ter a Tanjere, e Dom Duarte de Meneses, capitão, por lhe fazer honra o acompanhou com seus filhos e com toda a jente de Tanjere até Arzila, donde do capitão, Antonio da Silveira, foi muito honradamente recebido, e antre eles ficou asentado que o mandase chamar como tivese boa nova, e se ajuntarião pera irem tomar algũa aldea; e por neste tempo Artur Rodríguez ir fora e tomar dous atalhadores de cavalo, que de Benamares ao Farrobo atalhávão, com a nova dos quais o capitão, Antonio da Silveira, mandou logo recado a Dom Duarte chamando-o, pois tinhão nova pera poderem entrar; e por conhecer que Dom Duarte não avia de sair fora sem ter toda a segurança de saber certo os alcaides serem em Féz, pois era tudo necesario, pois de força avia d'estar fora da cidade quatro dias com suas noutes, tempo em que se podião ajuntar duas mil lanças; todavia, polo mais segurar, tornou a mandar Diogo da Silveira fora com cincoenta de cavalo, dando esta licença a Fernão d'Álvarez Cabral, com os quais eu fui, e guiando-nos Diogo da Silveira fomos correr Agoní e, correndo até a Ribeira Grande, donde vimos pasar algũas bestas, tomamos cinco mouros, que do çoco d'Alcacere vinhão ou ião, com seis vacas e tres asnos carregados de trigo, e, pola présa que tinhamos de vir com tempo, foi logo o trigo derramado e, o mais rijo que pudemos, nos recolhemos; e, chegados á vila, o capitão mandou logo outro recado a Dom Duarte, o qual já o tomou no campo, vindo polo porto d'Alfeixe a se juntar connosco, e, saindo o capitão da

1. quem tudo quer tudo perde] quien todo lo quiere todo lo pierde B N; quem todo o quer todo o perde L M.

vila, nos fomos aquela noute juntar, antes que á ribeira chegasemos, donde asentárão [1] de irem tomar Aljebila, aldea do Farrobo, e pasando a ribeira e caminhando pola serra acima e mandando decer cincoenta de cavalo, que a pé desem na aldea, com o mór silencio que pudérão dérão nas casas, as quais já achamos despejadas, que sintindo-nos antes que a elas chegasemos as tinhão despejadas das pesoas e gado, que, sendo já menhã, nos sintirão ir pola serra, e outra cousa se não achou mais que ũas poucas e roins alcatifas, que de cama se servem, e meadas de lã e avondança de manteiga e queijo; e como a grita era já muita e acudise jente de pé das aldeas da mesma serra do Farrobo e Arraihana, com os quais alguns dos nosos fôrão travar, mas como logo fose derrubado Jorje de Sande, fidalgo, de ũa azagaia que, pasando-lhe o capacete e a cabeça, deu com ele morto no chão e, fojindo o cavalo pera baixo, ele ficou logo em poder de quinze ou vinte mouros de pé, que já ahi érão, e asi foi pasado outro homem de Tanjere de outra lança, que logo abaixo morreo, e ao longo de ũa barranca ficou mal enterrado. — com estes dous arremesos os mouros de pé nos cometêrão de maneira que os capitães fizérão logo sair a jente da aldea; e como Dom Duarte vise sair de ũa casa a Pero de Baba, seu criado e sobre-rolda de Tanjere, a quem em aquela jornada tinha encomendado seus filhos, Dom Fernando e Dom Diogo, o qual Pero de Baba trazia ũa panela ou alcola de mel e trabalhava pola poer a cavalo, e, remetendo o capitão com ele, lh'a fez alargar, dizendo: «Olhai a quem encomendo meus filhos, que os deixa por se tornar colmeeiro e se fartar de mel» e dando com a panela no chão se fez em pedaços, e com asaz prêsa nos saimos da aldea com algũas cabras, que os de Tanjere levárão, e, sem fazer outra cousa mais que leixar dous homens mortos, nos viemos até Darbufez, donde nos apartamos da jente de Tanjere, e, polo porto d'Alfeixe, fôrão pera sua cidade e nós pera a vila, donde chegamos a oras de bespera, cansados e descontentes pola perda de Jorje de Sande, que morador d'Arzila era.

1. asentárão] asentamos A.

CAPITULO XXXVI

Doutra almogareria que Diogo da Silveira fez indo Thomé de Sousa por capitão de cincoenta de cavalo e outra entrada que o capitão fez dando a dianteira a Dom Antonio d'Almeida filho do conde d'Abrantes

NÃO se leixárão de fazer neste meio tempo outras entradas e almogaverias, asi da ũa parte como da outra, em que Artur Rodríguez, Afonso Barriga, Estêvão Fernândez tomárão alguns mouros e gado groso e meudo, e asi os almogavares d'Alcacere e da serra levárão algũas atalaias, mas como o capitão dése licença a Thomé de Sousa, que depois foi governador do Brasil e ora é veador d'el-rei, noso senhor, que com cincoenta de cavalo fose fora por capitão deles, e Diogo da Silveira que o guiasse, com os quais Diogo da Silveira entrou pola boca de Capanes e corremos Agoní, e, sobindo pola serra com grande rebate, junto das tranqueiras matamos um mouro e tomamos dous cativos, e, sem outra contradição, nos recolhemos muito contentes, e asi o foi o capitão por Thomé de Sousa fazer presa e trazer estes dous mouros da mesma aldea de Diogo da Silveira, que já andávão tão recolhidos e amedrentados que não ousávão sair das tranqueiras, nem lavrar sem atalhadores e fachos, e, tomando-lhe os atalhadores, sem rebate entramos algũas vezes, e, achando o campo largo, fôrão muitas vezes roubados e suas pesoas mortos e cativos e despojados de seus gados.

Pois chegado á vila Thomé de Sousa com estes dous mouros, não se pasárão muitos dias que deu o capitão outra licença a Dom Antonio d'Almeida, filho do conde d'Abrantes, que com cincoenta de cavalo fose fora, mas, como Diogo da Silveira, almocadem, vise o tempo de muita agoa e chuivoso, e que as ribeiras ião cheias, fez com o capitão que ele em pesoa fose fora com toda a jente e bandeira, e, mandando dar ás trombetas, saimos da vila, e, entrando pola boca de Capanes, se apartou Diogo da Silveira do capitão, indo com ele Dom Antonio d'Almeida, cuja licença era, e asi todos os mais fidalgos da vila, em que entrávão Lourenço Pírez de Tavora, Manoel da Silveira, Dom João de Sande e outros muitos moradores, e fomos por todos setenta de cavalo, com os quais Diogo da Silveira se foi meter junto das casas d'Agoní, ante-menhã, fazendo grande agoa, e o capitão com toda a outra jente levou Artur Rodríguez e Roque de Fárão, que já sabia muito do campo, e o metêrão na Ribeira Grande, que corre polo pé d'Agoní, pera que, se alguns mouros saisem após Diogo da Silveira e viesem pola serra abaixo, lhe saisem e os atalhasem; e com esta ordem se veio a menhã com muita agoa e chuiva, e, deitando

seu gado fora das casas e currais. foi logo atalhado por Diogo da Silveira e polos que com ele eramos, e decendo logo pola serra abaixo com ele e com um so mouro, que com ele tomamos, foi logo a grita e rebate na aldea, e asi nas outras junto dela, e logo acodirão mais de dozentos homens de pé com tanta presteza e furia que lhes parecia que, antes de chegarmos abaixo, nos tirasem o gado, e ajudou-os a esta furia e chegarem a nós ũa detença que com ũa necesidade fizemos, a qual foi que, vindo recolhendo o gado, o cavalo de Dom Antonio d'Almeida meteu ũa perna antre duas pedras ou talisca, de maneira que nunca a pode tirar, por muito que fizerão, decendo-se quatro ou cinco dos nosos, e, desconfiados dele, lhe tirárão a sela e deixando-o; por que não ficase aos mouros, Antonio Freire lhe deu ũa grande lançada, com a qual o cavalo estrebujou com tanta força que tirou a perna da talisca, e asi veio abaixo, donde caio morto da lancada; e com esta detença os mouros chegárão, e outros vinhão tomar a dianteira ao gado, com os quais alguns dos nosos voltárão e os fizérão deter, de que Diogo da Silveira ouve asaz menencoria e os foi recolher. Foi causa esta pequena volta dos mouros pararem e o capitão sair da ribeira, parecendo-lhe podia chegar a eles, mas, como a terra era roim e muito fragosa, não pudérão subir acima, donde os mouros parárão e se fizérão fortes, e, certo, que estava aparelhado outro dia do Alborje, se os mouros viérão mais abaixo, que, posto que visem setenta de cavalo, bem lhes pareceo que tanta jente não terião costas, e que não érão mais que os que parecião, e que, antes que abaixo chegasem, os podião embaraçar e lhes tirar algũa parte do gado; mas, como os mouros visem o capitão e bandeira sair da ribeira, parárão todos e tivérão que se avião salvado aquele dia, e nós, recolhido noso gado com um só mouro, chegamos ao capitão, trazendo cento e setenta cabeças de gado groso, e pola boca de Capanes e pé d'Alicototo nos recolhemos com nosa cavalgada e chegamos á vila, que foi grande beneficio á vila, por termos muita carne e muitas pesoas se proverem de vacas e bois.

E, por neste tempo o capitão ter nova que el-rei de Féz era ido á guerra dos xarifes, não tardou muito que não mandou dar ás trombetas e ir fora, por conselho de Diogo da Silveira, e, entrando por Sinete e Hulefe, fomos correr a Çumete, da outra parte de Agoní, e tomamos dous mouros e um cavalo e ũa egoa e dezaseis bois d'arado, os quais mouros estávão por atalaias no facho, e Diogo da Silveira, indo de melhora a os saltear com vinte de cavalo, foi visto e se deu o rebate e, correndo após eles, os alcançou, e nós outros, que com o capitão iamos, corremos a aldea e, junto das tranqueiras, alcançamos os dezaseis bois, que os ião recolhendo, e, vendo-se apertados, os alargárão. O capitão foi muito contente destas duas entradas, por ser ũa trás a outra e por a jente d'Arzila andar já contente e favorecida, e já intentavamos em ir correr Alcacere, como fomos, por o capitão desejar muito esta ida; e tão-

bem porque neste tempo tinhamos outro mourisco, que se veio tornar cristão, que, sendo guarda da ponte d'Alcacere, se veio pera nós e se chamou Jorje da Silveira, que muito tempo viveo antre nós outros, em o qual o capitão, Antonio da Silveira, tinha muita confiança, que, por ser guarda de cavalo e por saber a ribeira, podia fazer guerra a Alcacere, que era o que mais desejava, falseando a Ponte e guardas, como muitas vezes este Jorje da Silveira fez, asi em tempo deste valeroso capitão, como em tempo do conde Dom João Coutinho até o tempo do conde rejedor, como em muitas partes desta obra se dirá.

CAPITULO XXXVII

De ũa entrada e cavalgada que o capitão Antonio da Silveira fez á ponte d'Alcacere em que tomou tres mouros de cavalo

Sabendo o capitão, Antonio da Silveira, que el-rei de Féz era ido á guerra de Marrocos, e que os alcaides nosos vezinhos estávão cada um em sua casa, mandou dar ás trombetas e foi correr o campo d'Alcacere Quebir, por mostrar ao alcaide que o não arreceava, e se com ele se topase o avia d'acometer, pois o ia buscar a sua casa; e, indo amanhecer á Ponte, se foi meter em cilada na ribeira, abaixo da Ponte, e mandou a Diogo da Silveira que com trinta de cavalo fose com Jorje da Silveira a tomar os facheiros que estávão sobre a Ponte, porque Jorje da Silveira, como homem que sabia a terra e fora ali guarda, dezia que os podíão tomar e, tomados sem rebate, podiamos ir onde estão outros fachos, no Rur, que dão grande vista, por ser toda a terra chã, e dali a dentro podiamos achar presa em muitas segadas e milharadas, que do rio Rur até Alcacere ha.

Partido Diogo da Silveira do capitão, já menhã, e indo por donde Jorje da Silveira o guiava, antes que ao facho chegasem topárão com um dos facheiros, que vinha a tomar fala das guardas da Ponte, e, saindo-lhe de mãos á boca, foi logo tomado, o que não pode ser sem ser visto do companheiro que no facho ficara, e, derrubando o facho, deu rebate, e, correndo Diogo da Silveira a ele, foi logo alcançado, e asi outro mouro de cavalo, que d'Alcacere carregado de pão e de maçãs vinha pera as guardas da Ponte, e, posto que Diogo da Silveira correo por todas aquelas varzias até o Rur, não vio outro nenhum de cavalo, e com estes tres de cavalo se recolheo pola Ponte a dentro, mostrando ser almogavares e que vínhão fujindo. O capitão esperou grande espaço, parecendo-lhe que o alcaide viria trás eles, e, vendo não parecer ninguem, saio da ribeira com

sua bandeira despregada, e, por junto da Ponte, veio demandar a Figueira, donde todos em ala [1] demos vista ao campo d'Alcacere, e asi da banda d'Algarrafa, e, vendo que ninguem nos vinha demandar, nos recolhemos, trazendo tres mouros de cavalo, os quais todos tres acertárão a ser tortos, ou de nuvens nos olhos, de que se causou grande riso antre nós outros; e desta ida d'Alcacere ficamos muito contentes por nos parecer que o alcaide não ousou demandar-nos.

CAPITULO XXXVIII

Que conta de outra cavalgada que o capitão Antonio da Silveira fez no campo de Benamares

Pasado esta ida d'Alcacere ou da Ponte, em que nos pareceo que o alcaide nos receava e não ousava sair, nem chegar á Ponte, lugar acostumado a que com qualquer rebate o viamos vir a repique, asi por nos amedrentar como por favorecer os seus e pôr novas guardas nos portos por donde nós outros pasavamos ou nos metiamos em cilada, o capitão, Antonio da Silveira, por não deixar pasar o tempo em que a guerra se podia fazer, pois em aquele tempo e sazão el-rei era na guerra dos xarifes, reis de Marrocos e de Suz, e na terra não ficava mais jente que pera a guarda dela, mandando dar ás trombetas, por conselho de Diogo da Silveira, que nesta entrada nos guiou, fomos correr a Benamares e, entrando polo pé de Benamendux, nos metemos em cilada muito perto da ribeira, e, sendo o Tojalinho tomado e o facho erguido, o capitão mandou a uns sete ou oito de pé que salteasem o do facho, o que fizérão, de maneira que foi tomado sem o facho cair, e, saindo nós outros da cilada, nos espalhamos, de maneira que chegamos até a boca de Benarróz e ao facho de Alenaçar; mas, como a ribeira e campo todo está sojeito á serra e ás casas, fomos logo vistos em saindo da cilada, e dando grande rebate e grita se tomou logo da ũa parte e da outra, mas a nosa corrida e delijencia foi tão larga que alcançamos ũa rezoada presa, matando alguns mouros, que, defendendo-se antre ũas daroeiras, quisérão resistir, e tomamos vivos nove mouros e corenta cabeças de gado vacum, todos bois, e asi tomamos nove bestas e quatro cavalos, duas egoas e tres asnos. O capitão se foi com sua bandeira ás tranqueiras, junto das casas, donde esteve á fala com os mouros, até nos recolhermos e nos virmos ajuntar com ele no Tojalinho, e, tornando noso caminho, nos viemos muito contentes com toda nosa cavalgada, que pera o tempo era asaz grande.

1. ala] ella A.

CAPITULO XXXIX

De duas corridas que o alcaide d'Alcacere fez a Arzila depois das entradas do capitão

PASADO estas entradas e cavalgadas feitas polo capitão, Antonio da Silveira, tanto a meudo, por não deixar pasar a ocasião que o tempo lhe oferecia e dava lugar, pois a terra estava desposta e aparelhada pera a guerra se fazer, pola falta da jente que era ida á guerra do xarife, rei de Marrocos, mas o alcaide d'Alcacere, vendo-se apresado e querendo mostrar que ficara pera guarda e defensão da terra, ajuntando a mais jente que pode, se veio lançar nas Furnas, muito perto da vila, com entenção e vontade de fazer o mais dano que pudese; e, saindo ás atalaias que estávão na atalaia do Mar, lhes não deu lugar a enfrearem os cavalos, os quais érão Vicente Vaz e Dente d'Alho, e, pondo-se em cima de seus cavalos, os governárão com os cabrestilhos, que nas cabeças tinhão, não sem muito risco de seus donos, especialmente de Vicente Vaz que, ao pasar do ribeiro de Jil da Mota, foi lançado fora do cavalo; mas como sua salvação estava, depois de Deos, em não perder o cavalo, levando o cabrestilho na mão o teve tão fortemente que se tornou a poer a cavalo, já antre os ferros das lanças, e, seguindo-os, os metêrão pola tranqueira do Cano Quebrado, por donde tãobem a boiada se recolheo, a qual andava nos chãos do doutor meu irmão, e tomando o rebate, foi encaminhada á tranqueira, e, se os mouros corredores e dianteiros ousárão entrar pola tranqueira, muito bem pudérão alancear o boieiro e as atalaias, que na traseira vinhão; mas como ouvesem vista do capitão e dalguns de cavalo, que a repique saíão, que por antre o gado trabalhávão por se poer na traseira, o que não podíão fazer, por o gado vir apinhoado e encher toda a rua, e, tornando-se [os mouros] [1] e travesando os chãos, se fôrão ajuntar com sua bandeira, que no outeiro de Pero Cão foi ter, tendo mortos dous homens que á torre do Mar andávão ás perdizes, um Domingos Gamenho e outro Alonso o Negro, de quem já fiz menção, que na peste enterrava os mortos, que, por ser homem de bem, tinha cavalo e estava asentado na ordenança da vila, e, por ser bom bèsteiro e conhecer a caça, se ajuntou com o Domingos Gamenho, e, não sintindo, nem vendo os mouros, fôrão ambos mortos.

Este dia os mouros se tornárão sem fazer outro dano, mas o alcaide, não contente desta entrada, não pode sosegar sem tornar outra vez cor-

1. [os mouros] *f.* A.

rer, parecendo-lhe faria mais dano, e com esta detriminação se tornou a lançar antre ambas as Atalaias Altas com mais de mil de cavalo, e, correndo a vila, quis noso senhor ordenar de maneira que não fez nenhum dano, posto que a guarda era fora e estava asentada ao pé da Atalaia Gorda, a qual se recolheo sem os mouros chegarem ou dela averem vista, e asi da boiada, e, espalhando-se alguns dos corredores polo Laranjal abaixo, fôrão ter ao longo do mar, contra os quais o capitão mandou ao adail que com trinta de cavalo fose ao longo do valo e da vinha de Jorje Lionárdez vise se os podia atalhar e carregar ao mar, o que não ouve efeito, porque, sendo vistos dos que ao Facho estávão e das bandeiras, e, carregando pera a Tranqueira Nova, donde o capitão com toda a jente estava, nos fizérão recolher ás espingardadas, e asi nos viemos abrigar com o valo da orta do doutor; e neste recolhimento dérão com um pelouro perdido a Antão Rodriguez, de quem já fiz menção no desafio de Gonçalo Pérez de Galegos e de cide Bujima, o qual pelouro [entrou] [1] polo pescoço, dando-lhe na nuca ou celebro, deu com ele do cavalo abaixo sem bulir pé, nem mão, nem a lingoa, sómente estremecendo-se, da maneira que cai um boi quando o magarefe o cogota [2] e lhe mete a faca polo toutiço: e, caindo do cavalo antre nós outros, foi tomado e trazido a sua casa, donde dahi a tres dias faleceo desta vida, antre sua molher e tres filhas, sendo homem de muito serviço e que muito tempo continuou as almogaverias de Jorje Viera e de Gonçalo Vaz e de Pero de Meneses, dando sempre muito boa conta de si, como bom cavaleiro que era, e muito bemquisto dos capitães e de toda a vila; e com estes dous feitos desarmou o alcaide d'Alcacere de toda sua furia.

CAPITULO XL

Como o capitão Antonio da Silveira ententou tomar a boiada d'Alhaute [3] pasando o rio de Larache em barcas e como não saio com ele

Nenhũa cousa os capitães d'Arzila mais desejárão que descubrir e achar porto ou pasajem no rio de Larache, pera pasar e fazer dano da outra parte, e foi muito buscado polo conde de Borba e por Dom João de Meneses, seu cunhado, e depois polo conde do Redondo, e nunca foi achado até em tempo de Dom Manuel Mazcarenhas, seu cunhado, como em seu tempo se dirá.

1. [entrou] *f.* A. — 2. cogota] sogota B M; segura N. Cogotar: *subjugar pelo cachaço.* — 3. Alhaute] Alhaudete B N M.

Pois desconfiados de acharem e descobrirem porto naquele rio, causou acrecentar o desejo que a pasar á outra parte todos tivérão; o capitão, Antonio da Silveira, tendo o mesmo desejo, e desconfiado [1] de pasar polo porto, detreminou de pasar em almadias e, pondo-o per obra, mandou fazer ũa a maneira de leito, de quatro paos compridos, e nas pontas muito bem atados quatro barris ou meias pipas, e antretexidos no meio com taboas e arcos e canas, em que pudesem pasar dez ou doze homens, e pera isto avíão de levar duas maromas ou grosas cordas, que a braços tirasem por elas, asi de ũa parte como da outra, pera que os que por ela pasasem trouxesem o gado d'Alhaute, que está esta aldea ao longo do rio, meia legoa de Larache, o qual no verão vinha pacer por ũas grandes varzias, que ante o rio e a aldea se fazem, de grandes ervaçais e moraçais, e, tomando e carreando o gado á borda do rio, o fizesem deitar a nado da outra parte á nosa, e desta maneira nos aproveitasemos dele; e tudo ordenado, tendo boa nova, foi pôr em efeito a obra, que cuidado tinha, e, andando a noute, fomos amanhecer acima de Xeimes [2], em ũa ponta do Soveral, junto do rio, donde estivemos defronte da aldea, vendo a jente dela e a boiada vir estendendo-se pola varzia, e, depois de farta e que a sesta entrou, se foi recolhendo a um esteiro, que por meio da varzia pasava, polo qual esteiro avia alguns arvores, donde o gado foi tomar a sesta; mas como fose rodeado de cincoenta homens dos nosos, que na almadia avíão pasado com o adail Fernão Rodriguez Colares, [tanjendo-o] [3] o trouxérão á borda do rio, o qual era tanto que o pusemos em duas mil cabeças; e, como foi á borda do rio, parecendo era todo noso, fizemos destoutra parte ũa rua, partindo-nos polo meio, mas, como ele começase a remuinhar e os nosos a o apertar, tendo já alguns bois atados com cabrestilhos pera os trazer a nado e o outro se lançar trás eles, foi tanta a grita dos nosos, bradando-lhe e gritando-lhe, pera que se deitase á agoa, especialmente de Jeronimo Afonso, ferrador, que em camisa andava, que o gado se começou a espantar á fala e á grita dos nosos, que, fazendo cabeça ao longo do rio, começárão os dianteiros de fazer caminho aos traseiros, fazendo fio se estendeo todo polas varzias, como cousa que estava acostumada a fujir da borda do rio, e soubemos que ás vezes o trazíão á borda do rio, e, dando-lhe grita o tínhão acostumado a fujir, de maneira que ficamos sem ũa só res.

E, como já a este tempo acudisem mouros a rebate e visem pola varzia jente de pé, e alguns que vínhão em egoas e potros, em oso, parecíão de cavalo, o capitão mandou que, leixando a perfia do gado, em que não avia confiança, se pasasem desta nosa parte; e, começando-se a vir na almadia, viérão os homens de lanças, ficando os de béstas e arcabuzes pera a derradeira, e quando veio a derradeira pasada, em a qual vinha

1. desconfiado] desconfiados A. — 2. Xeimes] Xeimez L. — 3. [tanjendo-o] *f.* A.

Baltesar Vaz, alfaiate, que oje é rendeiro do paço da Madeira [1], em Lisboa, que, por ter arcabuz e ser homem de animo, se leixou ficar até o derradeiro caminho, o que lhe ouvera de custar a vida, por não saber nadar, porque, vindo a almadia corregada de homens e a corda da outra parte larga e pondo mais forca do necesario, por já com a maré correr muito a agoa e serem muitos os que tirávão, que fizérão rebentar a corda ou maroma, e, como a almadia não vinha a meio rio, a agoa, que vinha tesa, a levou polo rio acima, carregando-a á parte de Larache. Os que dentro vinhão, avendo-se por perdidos, se lançárão á agoa, confiados mais no nadar que em outra maneira de salvação, ficando, todavia, nela Baltesar Vaz e outros dous bésteiros, que, por não saberem nadar, não ousárão desemparar a almadia, e nela lhes dava a agoa pola cinta; mas vendo Baltesar Vaz que os mouros érão já á borda do rio, e, vendo-se perdido [2], fazia mostra de se lançar á agoa, e a almadia com a enchente se afastava da vista de nós outros, e, levando da espada, cortou as cordas e ataduras de um dos barris e, abraçando-se com ele, se deitou fora da almadia; mas, como ele não tratou a amizade do barril com tanto amor e delijencia como o barril quisera, não querendo ir em sua companhia, dando ũa volta ou tombo, se despedio dele, e, deixando-o ir ao fundo, se foi com a corrente o rio acima; mas, como Baltesar Vaz tornase sobre a agoa e se vise de todo perdido, mostrando muita delijencia e animo, se ouve outra vez aos paos da almadia com muito trabalho, apegando os outros dous companheiros nele; mas como a este tempo já ouvese alguns mouros a nado derrador deles e da nosa parte chegasem alguns nadando, entre os quais era o adail Fernão Rodriguez e João Vaz, criado do capitão, que por falar muito chamavamos Grajao [3], e um Pedro, criado de Tristão de Melo, e bradando-lhe o fizérão desaferrar a almadia, ficando os dous bésteiros em poder dos mouros, donde logo fôrão mortos á borda da agoa; os que nadando andávão, ajudando a Baltesar Vaz, se virão em muito trabalho, ajudando-lhe o milhor que pudérão, todavia, rogando-lhe não apegase de nenhum, de maneira que lhe empedise o nadar, e, como já derredor dele érão muitos dos nosos com lanças, os mouros não ousárão tornar á agoa, ainda que era muito acima donde o capitão ficava, mas, como chegase Roque Ravenga e Artur Rodriguez com um feixe de tabua seca e Baltesar Vaz pegase nele, logo se ouve por seguro, e sem trabalho o encaminhárão á nosa banda, vindo mais de vinte dos nosos derrador dele; e, com salvarmos Baltesar Vaz e deixarmos dous homens mortos e meia duzia d'arcabuzes e béstas perdidas, nos recolhemos por dentro do Soveral e, vindo demandar Benamourel, saimos á praia e dahi á vila, donde chega-

1. que oje é rendeiro do paço da Madeira] que oje anda nesta cidade e foi rendeiro do pescado L; *f. éste passo em* B N M. — 2. perdido] perdidos A; *f. éste passo em* B N M. — 3. Grajao] Graa Joao L: Grã João; *f. éste passo em* B N M.

mos, com não se falar senão na delijencia e animo de Baltesar Vaz em se salvar; mas o capitão, ainda que este caminho e entrada lhe custou dous homens e algũas béstas e espingardas e a vida de Baltesar Vaz, com tanto risco seu e doutros, que polo salvar se deitárão á agoa, não perdeo a esperança do gado, vendo quão levemente foi rodeado e trazido á borda do rio, e, tanto que á vila chegou, logo pôs por obra de tentar a pasagem, como logo direi.

CAPITULO XLI

De como o capitão Antonio da Silveira tornou a ententar de pasar o rio de Larache em barcos metendo-os de noute pola barra

Vendo o capitão, Antonio da Silveira, a desposição do rio de Larache e o espaço que da aldea d'Alhaute ao rio avia, e como o gado pacia tão largo, estendendo-se pola varzia, não tão sómente ententou de tornar a ententar a tomado do gado, antes cuidou e ententou de tomar a aldea d'Alhaute, e logo se detreminou tornar e o pôs por obra, metendo dous barcos de pescar pola boca do rio e pasando por Larache em o mór escuro da noute, e neles pasarem outenta ou cem homens que desem na aldea e a tomasem, e polos mesmos barcos se tornasem e pasasem o rio; e, mandando ir por mar dous barcos, dos da vila, de cinco remos cada um, com cinco ou seis arcabuzeiros e um bombardeiro, pera governar um berço que em cada um dos barcos ia, os mandou ir por mar e que, o mais surdamente que pudesem, pasasem por Larache, de maneira que não fosem vistos nem sintidos, e, polo rio arriba, fosem até onde ele estava, o que era acima de Xeimes, defronte da aldea; e, ordenado isto dos barcos, se foi com toda a jente ao lugar asinalado, donde chegamos á meia noute, e, esperando que os barcos chegasem, ouvimos o rebate em Larache de muitas e grandes gritas e muitos fogos, e trás eles tirarem alguns tiros que em Larache avia, e logo lhe respondêrão da mesma aldea d'Alhaute com outras semelhantes gritas e fogos, e asi por outros lugares ao longo do rio até Buxarem, ũa aldea muito grande, que duas legoas de Larache está, que parece que não pudérão os barcos pasar por Larache que não fosem vistos e sintidos, e, como estávão d'aviso e tínhão guardas á boca da barra, e em duas torrinhas que sobre o rio estão, tão perto da agoa que estão em cima de ũas pedras cerradas do mesmo rio, vendo-os pasar, dérão aquele aviso e rebate á aldea; e, vendo o capitão o ardil desfeito e que não se podia fazer nada, por estar tudo avisado, desconfiado de pasar á outra banda, mandou a Artur Rodríguez que com vinte de cavalo viese o rio abaixo a favorecer os barcos, a qual ida foi muito necesaria,

porque, vendo-se os barcos dentro do rio e desconfiados de tornarem a sair pola boca, vinhão desejando de se lançarem em terra, parecendo-lhes que as gritas que da outra parte soávão érão bastantes a os tomar; mas, como sintírão Artur Rodríguez e os que com ele ião, que da nosa parte lhes falárão, chegando a terra, ficárão descansados e com o favor dos nosos chegárão até onde o capitão estava, o qual, receando que á tornada os barcos recebesem dano, os quisera logo mandar arrombar, e, todavia, mandou ao adail Fernão Rodriguez que os viese favorecendo e provasem a sair pola barra fora, e, não podendo, arrombando os barcos, recolhesem a jente deles e se viesem por terra, levando o adail vinte de cavalo, e pera os berços que nos barcos ião os carregasem em ũa azemela; mas, como os dos barcos se vírão sem o capitão, foi tanto o medo deles que não dando polo adail, pondo as proas em terra, se começárão a sair desemparando-as, de maneira que nem os bercos quisérão tirar, o que vendo Rodrigo d'Olanda, que um dos bombardeiros era, arrincando os berços do banco deu com eles no rio, e, tomando os remos nas mãos, começou arrombar os barcos até se encherem d'agoa, e isto feito se pusérão diante dos de cavalo [caminho da vila] [1], donde chegamos muito cedo, por aver do rio á vila não mais de cinco legoas, asaz pequenas; e desta maneira se desfizérão estes dous ardis da pasada do rio de Larache, os quais se ordenárão com os móres alvoroços que a guerra podia enjenhar, por serem ambos artificiais, e não ha duvida se [2] os barcos pudérão pasar sem serem sintidos que não [3] se fizera boa presa, tomando a aldea com cem homens que pera iso ião ordenados.

Esta aldea de Alhaute é ũa terra alta e muito chã, avendo dela ao rio menos de um quarto de legoa, sendo todo este espaço de ũa grande varzia que o rio com cheia toda cobre, e polo pé dos altos, ao longo da varzia, vai ũa mui fermosa ribeira, povoada de muito e bom arvoredo, os mais freixos e borrazeiros [4]. Desfeitos estes dous ardis, donde o ganho deles foi leixarmos dous homens e dous barcos e dous berços, os barcos tirárão os mouros e deles se servírão de pasajem e de pescar, e nós chegamos á vila mais cansados dos ardis desfeitos que do trabalho do caminho, que por ele viemos monteando, o que nos ouvera de custar caro por Mulei Abrahem este dia estar no noso campo, e leixou de correr a vila por aquela noute ouvir a artelharia de Larache e não saber donde era, e a que esteve sospenso e sem se detreminar até o outro dia lhe chegar recado d'Alcacere, e soube o que era, por os de Larache mandarem logo de noute este recado do rebate a Alcacere, o qual chegou ante-menhã.

Pasado este dia da nosa tornada, em o qual Mulei Abrahem esteve

1. [caminho da vila] *f.* A. — 2. se] que se L; *f. êste passo em* B N M. — 3. não] *f.* L; *f. êste passo em* B N M. — 4. borrazeiros] bazarreiros A; *f. êste passo em* B N M. Nome vulgar de certos salgueiros: *veja-se Antonio Pereira Coutinho, A flora de Portugal, p. 159-160. Falta nos dicionarios.*

em o noso campo sospenso até saber donde as bombardas érão, ao seguinte dia se veio lançar em Redemoinhos, parecendo-lhe que por virmos cansados as atalaias não irião largas, e asi como o cuidou asi socedeo, porque não pasando as atalaias do Corvo e da Ruiva e do mar, atalaias que bastávão a dar de comer ao gado, teve Mulei Abrahem tempo de pasar com toda sua jente antre ambas as varzias, donde correo pasando a ribeira de Bugano, donde, com a detença que nela fez, se tomou o rebate tão bem que, quando tornou a pasar o corrego do Lião pola Atalaia Gorda e foi na Atalainha das Palmas, não vio cousa a que pudese fazer dano, por aquele dia não aver guarda e o gado, asi vacum como meudo, andar dentro dos valos; mas, estendendo-se os corredores polo Laranjal abaixo, cenjirão até o mar, e, vendo vir um homem de pé da vinha de Luis Machado, que Alvaro Trancoso se chamava, o matárão, o qual tinha um filho cativo e andava sobre o resgate do filho, e veio cair antre dous mouros d'Alcacere que o recebêrão nas lanças, e, não se contentando com tirar a vida a este mezquinho e pobre homem, ainda ouvérão vista de Lourence Anes, pescador, que sobre ũa pedra pescando á cana estava, o qual, por ser velho e estampado, se veio meter com eles e o matárão, podendo-se meter na agoa ou deixar-se estar na pedra, donde os mouros não podíão entrar senão a pé e correndo muito risco, porque o capitão, das tranqueiras, donde estava, vendo alguns corredores travesar o Laranjal e irem demandar o mar, parecendo-lhe daquela parte avia alguns desmandados, mandou ao adail que com vinte de cavalo se fose áquela parte, mas, como os mouros que lá fôrão érão poucos, tanto que tirárão a vida a estes dous pobres pescadores, tornando-se ás bandeiras, se recolhêrão.

O capitão, vendo como os mouros corrêrão fraco, se foi ao Facho, donde conhecemos não ser mais que Mulei Abrahem com tres bandeiras de Xexuão, Tetuão e Targa, e logo ali o capitão foi visitado de Alhadide, criado de Mulei Abrahem, fazendo-lhe saber que mais por segurar os seus que por nos fazer dano era entrado em o noso campo, e que ele soubera que o dia dantes estivérão em Larache, e que lhe mandase dizer como vinha e o que pasara, e que ali vínhão cartas de Lourenço Pírez de Tavora e de Manoel da Silveira e doutros cativos. O capitão lhe mandou agardecer sua visitação e o mandou visitar com [1] Bras Fernândez, seu amo, que fora seu cativo e sabia bem aravia, e isto por saber que jente era e se se ajuntara ao rebate de Larache; e, ido Bras Fernândez, conheceo alguns d'Alcacere, aos quais lhe tomou o rebate estando já com Mulei Abrahem, porque os outros, que á Ponte estávão, tanto que ouvírão o rebate, pasando o rio, acudírão a Larache e não se acabárão d'ajuntar, e Mulei Abrahem, por não estar tanto no campo, quis correr só, conhecendo o tempo e estarmos cansados, e tãobem por se vender ao alcaide d'Alcacere.

1. com] por B N L M.

CAPITULO XLII

De como o alcaide Mafote correo Arzila sobre noute e de dous mouros honrados que lhe matamos ao Rio Doce

Pasadas estas cavalgadas e entradas feitas polo capitão, Antonio da Silveira, tanto a meudo, por não deixar perder a ocasião que o tempo lhe dava, em tanto que el-rei era na guerra de Marrocos contra o xarife, como já apontei, e os alcaides estávão em suas casas, entendendo mais em guardar suas terras que em fazer guerra, ainda que não faltárão rebates, especialmente almogavares, asi da serra como d'Alcacere, entre as quais vindas cativárão algũas atalaias fazendo seu oficio de descobrir, entre as quais foi cativo Martim Gonçálvez Ramirão e João Fernândez Cão, e asi se fizérão por nosa parte outras, tomando alguns mouros e gado, que, por não fazer tão meuda relação, paso; mas, como el rei foi tornado a Féz e Mafote seu privado, e o alcaide de Jazem decese de Féz a ver[1] e visitar sua terra e casa, querendo mostrar-se mais valeroso e ousado que os outros alcaides nosos vezinhos, com sómente setenta ou outenta de cavalo que, polo acompanharem, com ele viérão de Féz, os mais deles nobres, como se usa e costuma acompanharem e servirem aos privados e os comprazerem, se veio ao noso campo com ousadia de correr Arzila, e, com estes poucos companheiros, se veio ao Xercão, duas legoas e meia da vila, esperando que alguns monteiros ou desmandados fosem ter com eles, e, vendo aquele dia as atalaias largas, que estávão na Pedra Alta e em Almenara, por aquele dia o capitão dar guarda em Alecasapo, se pôs a montear ao longo da ribeira do Amame, mandando as atalaias descobrir a Pedra Alta, pera que ele pudese bater e montear a ribeira seguramente; e, levantando-se a guarda e o capitão tendo morto alguns porcos, se veio caminho da vila, ficando ainda da outra parte da ribeira Fernão Caldeira e outros mais de vinte de cavalo; e, vindo o capitão com toda a guarda diante de si, desta parte das Alagoas se deu o rebate, asaz bravo e grande, porque o alcaide Mafote, tanto que vio despovoar as atalaias da Pedra Alta, tomando um troto se veio após as atalaias e, vendo-as na Aldea Velha, saio após elas, as quais logo tomárão o rebate, e os mouros as seguírão pola estrada até o Rio Doce. O capitão, posto que já era tarde e posto o sol, recolhendo alguns de cavalo, antes que fose sobre o Rio Doce nos ajuntamos com ele mais de outenta de cavalo, sem sabermos o rebate donde era, ainda que nos

1. ver] vir A.

parecia que na nosa traseira era; e, vindo esperando por Fernão Caldeira e polos que atrás ficávão, chegou João López Requeixo e Fernão Machado e outros tres ou quatro de cavalo, trazendo sua carne ante si, e asi chegou Bastião Fernândez, jenro de Nuno Álvarez de Carvalho, ũa das atalaias, dizendo que era jente grosa que saira da Aldea Velha e corria sobre noute, e logo João López Requeixo e Fernão Machado disérão ao capitão que eles estávão na varzia do Amame e virão arrincar os mouros da Aldea Velha, e, por os verem poucos e raros, cometêrão a estrada e vinhão tanto á longa, que se sua mercê dése na dianteira os desbarataria, e com isto o capitão, sem mais aguardar, se veio ao Rio Doce com vontade dali pelejar com eles; e tãobem lhe dise o Requeixo que Fernão Caldeira vira os mouros, e, recolhendo os que com ele érão, se fora pola outra parte da ribeira, e que irião demandar o porto d'Alfandequim, e com um troto pasamos a agoa do Rio Doce, e, em a pasando, chegárão a nós dez ou doze [mouros] [1] de cavalo, e, vendo-nos pasados, um deles pasou a agoa mais abaixo de nós e os outros viérão a poer os pés na agoa, e ficando cinco ou seis na ladeira.

Tanto que Diogo da Silveira, almocadem, vio o mouro ter pasado a agoa remeteo a ele de mais lonje do que era necesario, ainda que ele diz que por travar fala com ele, o mouro, tornando a pasar a agoa, se ajuntou com os outros e bradando uns com outros se começárão a recolher. O capitão, que já era na praia com todos nós outros, vendo que os mouros não queríão pasar, antes se recolhião, parecendo-lhe que a causa de não ousarem pasar era Diogo da Silveira e o adail, que ao Rio Doce ficárão com doze de cavalo, dise a nós outros: «Estai quedos, irei recolher estes que ficão atrás», e, chegando a eles, dise: «Porque não andais, e, se não quereis andar, porque não voltais, pois que estes mouros estão perdidos?» Ainda as palavras não erão ditas quando todos arrincárão com santiago na boca, os quais érão o adail, Diogo da Silveira, Fernão da Silva, Domingos Martinz, seu criado, Dom Gastão Coutinho, filho de Dom Diogo Coutinho, irmão do conde de Marialva, Francisco Luis, do cardeal ifante Dom Afonso, Garamatão Télez, Fernão Machado e outros até doze ou catorze de cavalo, mas logo se pôs diante todos Garamatão Télez, por ter o mais lijeiro cavalo que na vila avia naquele tempo, o qual logo foi com os mouros, e, polos ver ir juntos e receando não viesem mais de trás, foi dando folgo ao cavalo até dar vista á cumiada das Fontainhas de Pero de Meneses, onde Fernão da Silva e o adail e Francisco Luis chegárão a ele.

E aqui tornarei a nós outros, que, vendo os nosos pasar a agoa, arrincamos com grande grita e logo fomos da outra parte do rio com o capitão, ao qual fizemos deter por vir da vila grande rebate, e asi o dávão

1. [mouros] *f.* A.

muitos de pé e de cavalo que sobre o outeiro de Fernão da Silva estávão, e foi o rebate tão bravo que fez ao capitão não ir por diante, porque, indo subindo [as ladeiras da outra parte do Rio Doce] [1], fôrão tantos os requerimentos que muitas pesoas lhe fizérão, dizendo, que pois o rebate vinha da vila, que podia vir jente polo porto d'Alemoquique, ou por antre as varzias, e pola Pontinha virião sair ao adro, ou os do outeiro vião pola estrada vir muita jente. Os que mais apertárão neste requerimento fôrão Pero Leitão, pesoa honrada e homem velho, que o capitão, Antonio da Silveira, levou de Beja, e Simão Rabelo, almoxarife que então era: de tal maneira apertárão estes e outros que o capitão esteve quedo sobre as Fontes, mas, depois que soube o que aquela noute socedeo, os tratou muito mal de palavra, e o senhor Pero Leitão não tornou mais á sua graça, e Simão Rabelo, de corrido, mandou a Tanjere comprar o milhor cavalo que na cidade avia, e asi teve sempre muitos bons cavalos e de muito preço; e tivemos que se o capitão fora por diante e alcançara lingoa que Mafote se perdera, porque todos fôrão desbaratados e os mais se lançárão á ribeira do Amame, que, vendo que os nosos íão trás eles, se dérão por perdidos, como logo direi, que, indo Garamatão Télez diante em seu lijeiro cavalo, foi logo com eles e os mouros se juntárão e juntos se desemburilhárão dos nosos, indo Garamatão Télez junto deles, esperando aver vista do vale e que os nosos chegasem a ele; mas Fernão da Silva, que no seu Pérez ia, tanto que descobrio o vale da Fonte e deu vista ao caminho, e não vendo de que temer, travesou rijo, e, travesando por diante de Garamatão Télez, pôs a lança no almocadem deles, que Alé Habão avia nome, e o encontrou com tanta força que o lançou fora da sela. Diz Garamatão Télez que quando vio Fernão da Silva diante de si e pôs a lança no mouro em que ele levava o tento, que ficou corrido, e, colhendo a lança a si, não quis pô-la no mouro que outrem derrubara, e pasou por eles com entenção de derrubar outro, como logo derrubou.

Fernão da Silva, tanto que pôs este mouro no chão, não teve mais conta com ele, porque logo foi pasado das lanças de Fernão Machado e de Domingo Martinz e de Dom Gastão Coutinho, posto que Dom Gastão afirma que pôs a lança no mouro antes que caise e que o ajudou a derrubar, de maneira que destas duas lanças de Fernão da Silva e de Dom Gastão era mortalmente ferido e não ouve mester mestre que o curase. Os companheiros não ficárão satisfeitos, porque todos se detivérão sobre ele fazendo o oficio da guerra, que é leixá-lo sem vida, nem sangue, e com esta pouca detença Fernão da Silva e Garamatão Télez tornárão a chegar aos mouros, que juntos íão, e, querendo dar neles, Fernão da Silva bradou que lhe acudisem, ao que Garamatão Télez respondeo: «Eis-me

1. [as ladeiras da outra parte do rio Doce] *f.* A.

aqui, companheiro». «Estou sem estribeira», dise ele, «que me quebrou um loro», mas, como Garamatão Télez estava envejado em ter Fernão da Silva derrubado um mouro vindo ele diante, o leixou e seguio os mouros, os quais, vendo um só de cavalo, fizérão rosto e se detivérão, que foi causa de chegarem o adail, Fernão Rodriguez Colares e Francisco Luis, e, vendo que se querião lançar ao vale dos Borrazeiros, os apertárão e, vendo-se apertados, dise o principal deles, que cide Omar avia nome: «De que fujimos, que não são mais que tres?» e virou e se encontrou com Garamatão Télez, mas não recebêrão dano, por serem tão juntos que Garamatão Télez o não pode tomar senão polo pescoço do cavalo e, fendendo-lhe o arção, lhe pasou ao quadril, e o mouro, vendo-se só e que os companheiros não virárão, nem voltárão, tirando-se da lança, quis tornar-se a ajuntar com os outros mouros; mas, como Garamatão Télez se lhe tornou a poer diante, se tornárão a encontrar, e Garamatão Télez o tomou polos peitos e o mouro tomou o cavalo de Garamatão Télez por cima de um olho e lhe fez ũa grande ferida, e, rachando a lança, ficou o ferro na cabeça do cavalo, e o mouro foi ao chão, e o adail e Francisco Luis, vendo o mouro no chão, não tiverão mais conta e pasárão em seguimento dos outros mouros; e, querendo fazer Garamatão Télez outro tanto, vio o mouro diante de si em pé com a lança nas mãos, que voltou e foi pera o encontrar e o errou e pregou no chão, mas o mouro lhe deitou as mãos na lança e tirou tão rijo que lh'a levou das mãos, e Garamatão Télez se lançou fora do cavalo e se foi a ele com a espada na mão e um gabão no braço, mas o mouro lh'atirou um golpe e o tomou por cima de ũa orelha e lhe fez ũa razoada ferida, mas Garamatão Télez entrou com ele, tendo ambos as mãos na lança, lhe deu um tal golpe que lhe cortou a meia mão ezquerda; mas não foi sem paga, porque o mouro lhe deu outra por cima da cabeça, e logo o mouro levou outra por um hombro e outra por ũa coxa, mas, como estávão a pé quedo, não perdêrão golpe, que com ũa mão tínhão ambos a lança e com a outra se servião da espada; e nisto o mouro, posto que mal ferido estava, deu a Garamatão Télez ũa grande ferida por cima da cabeça que o rosto e olhos lhe cobrio de sangue, de que Garamatão Télez se sintio e, vendo-se desembaraçado, com ũa mão alimpou os olhos e com a outra lhe deu tamanho golpe que a meia cabeça do mouro foi fendida, e deste golpe caio, chamando por cide Hamete que lhe acodise, e trás esta lhe deu Garamatão Télez outras até o leixar sem vida, e logo foi tomar seu cavalo, e, não vendo pesoa viva, tornou ao mouro e lhe tirou a espada com um cinto mourisco e ferros e rede de prata, e se tornou a poer a cavalo com tres feridas, tomando-lhe tãobem ũas esporas pretas e os acicates de prata.

E pois tenho dito, e tanto meudamente, a resistencia e morte deste mouro, parece rezão dizer sua calidade, e porque veio com tão pouca

jente Era este mouro alarve e dos principais do reino de Féz e muito valente homem. Eu lhe conheci dous irmãos, que cada um tinha quinhentos de cavalo: um era o xeque Cide e outro o xeque Caroax. Não sei se este xeque Omar era o maior, porque este morreo no ano de mil e quinhentos e vinte sete, e eu conheci os irmãos no ano de mil quinhentos corenta e dous, que tivemos pazes. Era muito amigo do alcaide Mafote, que como privado todos lhe fazião a vontade e folgávão de o servir, e com prazer viérão ambos de Féz com vontade de correr Arzila, e, mandando recado á jente se viese a noso campo, eles viérão diante com sómente outenta de cavalo, os mais de Féz, e estando no Xercão, onde aquele dia chegárão, e, vendo o campo largo e as atalaias na Pedra Alta, esperárão que alguns monteiros fosem ter com eles e, vendo que as atalaias se recolhêrão, ordenárão correr sobre noute, como corrêrão.

Tornando a Garamatão Télez, que, vendo-se só, esteve suspenso sem saber o que faria, se esperaria polo adail e Francisco Luis, parecendo-lhe que ião diante, o que não foi asi, porque os mouros, ajuntando-se com outros e não vendo mais que dous de cavalo, voltárão com eles, e, lançando-os fora do caminho que trouxérão, os fizérão tornar por onde Fernão da Silva e Fernão Machado estávão com outros, concertando-lhe o loro, e ainda os corrêrão um bom pedaço e viérão dar com o capitão que sobre a fonte de Pero de Meneses estava asaz agastado, por não saber nova deles; e, sabendo como avião morto um mouro honrado e Garamatão Télez ficava com outro, então se agastou muito mais e não avia homem que ousase falar, parecendo-lhe que Garamatão Télez era perdido, ou que o mouro pudera mais que ele, e não se tinha dele tanta experiencia, nem nos parecia que saise com a empresa como saio; e Antonio da Silveira, como bom capitão, dise que não tornaria á vila sem saber dele e como pasou com o mouro, e, mandando alguns diante, deu a andar, mas logo veio Roque de Fárão pedindo alvixeras, dizendo que Garamatão Télez vinha e matara o mouro, a qual nova a todos fez alegre e muito mais ao capitão. E chegado Garamatão Télez o capitão o recebeo muito bem e lhe preguntou meudamente o que lhe aviera com o mouro, e, por Garamatão Télez falar tão largo e meudamente, muitos o não crião, mas as mostras do despojo nos fez crer e estar suspensos; e com isto o capitão se veio á vila muito agastado polo rebate pasado, dando a culpa dele ao sobredito senhor Pero Leitão e a Simão Rabelo, e muitos parecendo-lhe que o adail e seus companheiros não achárão jente até o vale dos Borrazeiros, pois que todos os que chegárão ao Rio Doce érão perdidos; estava o capitão muito pesaroso em não aver lingoa, e muito mais em não saber certeza de Fernão Caldeira e dos que com ele ficárão, e, temendo-se que os mouros ouvesem vista dele e carregasem após ele, ou o esperasem até o porto d'Alfandequim, ou ao Rio Doce, tanto que fomos na vila, mandou tirar cinco tiros grosos e outros tantos á meia noute e outros de madru-

gada, fazendo-lhes sinal não viesem demandar a vila; e ao outro dia, como foi menhã, o capitão, Antonio da Silveira, se pôs a cavalo e com todos os de cavalo foi ver o rastro e os mouros mortos, e logo no vale da Fontainha achárão o mouro que primeiro morreo despojado e o cavalo no brejio da fonte, e, pasando até sobre o vale dos Borrazeiros, vimos o outro cavalo e, correndo a ele, o trouxérão ao capitão, ferido no pescoço e na cabeça e o arção rachado, e vinha guarnecido de estribeiras prateadas e cabeçadas de prata, ambos ruços e com ricas selas, e logo Diogo da Silveira foi dar com o mouro, e, primeiro que outrem chegase, lhe tirou ũa jaqueta d'azul vis[1] e outra de baixo de veludo cramesim, as quais lhe ficárão com uns borzeguins vermelhos e novos[2]. O capitão folgou muito de acharmos o mouro asi e da maneira que Garamatão Télez lh'o disera, e o louvou muito, e, vindo á vila, o foi visitar á cama e lhe fez mercê do despojo que tomou ao mouro, posto que o adail lhe pedia parte, e sobre isto ouvérão palavras, mas o capitão, Antonio da Silveira, desejando fazer-lhe móres mercês, mandou ao adail que não falase no despojo, e o cinto vendeo Garamatão Télez por dezaseis cruzados que pesou.

O capitão mandou ver o rastro que os nosos levárão, e, achando que fôrão caminho de Tanjere e que ninguem ia trás eles, foi muito contente, e, tãobem descuberta a Aldea Velha, fomos ver a trilha dos mouros e achamos tão pouca trilha que nos espantamos em chegar tão pouca jente ao Rio Doce, e asi nos recolhemos, pesando-nos por não seguir os mouros, e avendo que o rebate falso fora a causa de sua salvação; e logo ao outro dia chegou um barco de Tanjere, e, sabendo estar os nosos em Tanjere, o capitão os mandou vir polo porto d'Alfeixe, pois tinha boa nova, por tãobem ser vindo um alfaqueque d'Alcacer a saber dos dous mouros se érão vivos, e soubemos que o primeiro era o almocadem Alé Hahão, e o que Garamatão Télez matou era um xeque dos alarves, chamado o cheque Afu, irmão do xeque Cide e do xeque Caroax, que cada um deles mandava quinhentos de cavalo, e este, por ser mancebo e amigo de Mafote, privado d'el-rei, o quis acompanhar e siguir neste caminho, no qual lhe custou a vida.

1. vis: *do francês bis: escuro?* — 2. lhe tirou... borzeguins vermelhos e novos] estando vistido em um pelote azul vis e debaixo ũa jaqueta d'ezcarlata e as esporas nos pés pretas e com os acicates de prata as quais Diogo da Silveira tirou com um barrete vermelho B N L M. *Todo o capitulo é uma paráfrase de* A.

CAPITULO XLIII

Como ũa galé emperial se alçou e veio a poder de Mulei Abrahem com o capitão Protudo

Pois já ei contado algũas entradas e corridas pola jente d'Arzila feitas, asi almogavares como entradas do capitão, Antonio da Silveira, e asi dos alcaides, nosos vezinhos d'Alcacere e de Jazem, e, por aver muito que não ei falado, nem tratado de Mulei Abrahem, sendo tanto noso vezinho e o mais valeroso dos alcaides, asi por sua grande casa e estado, como por florecerem nele muitas e mui grandes vertudas e nobrezas, parece rezão o não leixar atrás, e, por neste tempo aver muita mudança em seu estado, vindo a ter e mandar absolutamente o reino de Féz, irei contando algũa parte de seus sucesos, que não é pouco; e, antes que entre nesta fundura e o pase a Féz, donde gastou o mais do tempo que viveo, farei ũa breve menção em como neste ano de vinte sete lhe foi ter á mão ũa galé emperial e capitainadas oito, que o emperador Dom Carlos trazia em guarda de seus reinos, levantando-se alguns forçados com ela e com seu capitão jeneral, e pasou desta maneira.

Estando Protudo [1], capitão jeneral das galés d'Espanha, na bahia de Cáliz com todas as oito galés, que em aquele tempo érão senhoras do mar de Levante, certos forçados, que por suas culpas érão degradados nelas, cometêrão um notavel feito e façanha, não visto, nem crido, ententando acometer de prender a seu capitão jeral e se levantarem com a galé e o levarem a vender a terra de mouros, e o que mais é d'espantar sairem com o feito e com cousa ententada tão fora de toda rezão, sendo autores deste feito um Diogo Adão, castelhano, e outro .... [2], semelhante a ele, o qual Diogo Adão tinha cortada a ponta da lingoa por blasfemador e arrenegador; e ũa noute, soltando-se a si e a outros secaces, com ajuda dos turcos e mouros da galé, encerrando primeiro o capitão em sua camara, bradando: «Axora, axora!», deitando suas armas e matando alguns que se quisérão defender, aos outros fizérão meter debaixo da cuberta e coxia, e, cortando as amarras, se fizérão á vela, e, deitando-se fora da bahia, tomárão o caminho de Larache, por mais perto porto; mas, como as outras galés a seguisem com vontade de a alcançar, conhecendo ir alçada e o vento ser ponente e muito, não podendo fazer o caminho que querião, abocárão o Estreito, pasando muito perto de Tanjere e Alcacere e Cepta, da qual cidade sairão quatro ou cinco bargantins, parecendo-lhe

1. Protudo] Protundo B N L M. — 2. ...] *branco em* A; *f.* B N L M.

ser de mouros e que as d'Espanha a vínhão seguindo, mas vendo-a com as bandeiras emperiais se deixárão ir ao longo dela, e, sem a poderem alcançar as outras, se meteo polo rio de Tetuão até ir varar em seco, donde, acodindo muita jente de cavalo e de pé, as outras galés perdêrão esperança de a cobrarem.

Deste caso foi logo avisado Mulei Abrahem, que em Xexuão, seu asento e cabeça de seu estado, estava, cinco legoas de Tetuão, o qual, vindo e achando ũa tão grande presa de um tão grande capitão e outros muitos fidalgos e mais de cento e cincoenta cristãos, dos quais ele tomou por cativos todos os que os forçados quisérão dizer que não fôrão no alevantamento, e, dando liberdade aos turcos e mouros da galé, recolheo pera si ao capitão Protudo com todos os principais cristãos e muita riqueza, asi de muita prata como de muitos reales, que pera pagamento da jente das galés o capitão tinha recolhido, em que afirmávão valer o que ia na galé mais de sesenta mil cruzados, e asi toda a artelharia da galé; e aos levantadores favoreceo, e deixou em sua liberdade os que não quisérão ser mouros, partindo com eles mui largo, dando-lhe dinheiro, vestidos, como ordenado cada mês, como a soldados, mas eles fôrão tais que em pouco tempo se gastárão e consumírão todos, fazendo-se uns mouros e outros por pequenos achaques avendo brigas, ou falando ás mouras, lhes mandava lançar ferros e os tomava por cativos, dando-lhes o pago que suas traições e maldades merecíão.

Agora contarei como acabou Diogo Adão, um dos autores deste levantamento, o qual vindo em ũa fusta a fazer mal a cristãos, viérão ter ũa noute sobre Arzila, e, querendo saber dos navios que no arrecife estávão, dise que o lançasem a terra a ele e a outro elche, ou mouro, e chegaríão a ver o que no porto avia; e sobre isto se concertárão quatro, dous cristãos da fusta, ainda que o outro era elche, e outros dous mouros, e, pondo-os em terra a Santa Caterina, se viérão á porta da Ribeira, e, deitando mão das espadas, rendêrão aos dous mouros, e, tomando-lhe as armas, chamárão á porta: o capitão lhes fez abrir e os recolheo dentro da vila, e, sabendo o que pasava, os agasalhou, e ao outro dia o elche se reconceliou e, mudando o nome, se chamou Francisco da Silveira, e, comprando-lhe o capitão os mouros, os embarcou em ũa caravela de Tavila que os trouxese a Portugal; e, ordenando Deos justo e verdadeiro que pagasem o que tão justo devião, com força de tempo os lançou em Sam Lucar de Barramede, e, saltando em terra, tomárão o caminho de Aiamonte, querendo lançar-se em Portugal, mas, como fosem descubertos e conhecidos, a irmandade os seguio e fôrão tomados e trazidos a Sam Lucar, donde fôrão feitos quartos; e asi acabárão estes dous que a Arzila viérão ter.

A algũas pesoas que este caso lerem lhes fica desejo de saber o que aconteceo ao capitão Protudo, digo que não tardou muito que não foi

resgatado em dezaseis mil cruzados, e outros dous fidalgos, de nação bizcainhos, donde ele era, em quatro mil, e feito o resgate por Luis de Presenda, mercador jenoês que em aquele reino de Féz estava, que por sua pesoa e credito aquele reino mandava, avendo mais de quinze anos que nele estava, com grande casa de muitas mercadorias e criados, indo-lhe muitos navios de Cáliz e Jenoa e doutras partes, asi a Arzila e a Cepta, como a Larache e a Çalé, donde em todos estes lugares tinha casa e mercadorias; e era tanto seu credito, asi em terra de cristãos, como antre os mouros, que quem tinha dinheiro nele lhe parecia que era rico, e, alem de ser notado deste credito, em seu tempo não houve homem que em jentileza de rosto e corpo se lhe igualase. Pois sendo feito o resgate, Mulei Abrahem, como de sua condição fose o principe mais nobre e largo de seu tempo, os proveo de bons cavalos e arreios e cousas e peças mouriscas, e, acompanhados de dez de cavalo, os mandou a Arzila, ficando por todo o resgate Luis de Presenda, o qual veio acompanhando ao Protudo; e, chegados a Arzila, fôrão recebidos com muita honra do capitão, Antonio da Silveira, e, mandando um barco a Jibaltar, donde tinhão por nova que um filho de Protudo, capitão das galés, estava, veio logo em ũa galeota por seu pai, e, embarcado nela e Luis de Presenda com ele, se pasárão a Castela, alçando-se Luis de Presenda com este grande resgate e com outros vinte mil cruzados de partes, especialmente de Jacob Rosales, judeu, que por este alçamento de Luis de Presenda ficou pobre e perdido, e posto que depois Mulei Abrahem mandou sobre isto sua embaixada a el-rei, noso senhor, e ao emperador, a qual não ouve recurso, por ser já Protudo morto e seu filho cativo polos turcos e capitães de Barba Roxa, rei d'Arjel, e Luis de Presenda ser lançado em Italia, e andar em companhia do principe André Doria por capitão de ũa galé, que pera tudo ele era, pera guerra e pera trato; e desta maneira saio o Protudo de resgate, mas não tardou muito que o não pagou, sendo desbaratado e morto dos capitães de Barba Roxa.

CAPITULO XLIV

Dalgũas mudanças que antre el-rei de Féz e Mulei Maçoude ouve e de como foi morto Mulei Maçoude e seu estado e casa dado a Mulei Abrahem

Estando ocupado Mulei Abrahem em estes negocios da galé e em outros de seu estado e casa, socedeo em Féz aver alguns receios e mudanças antre el-rei e Mulei Maçoude, senhor de Mequinez, seu primo, e, sendo el-rei receoso, escreveo e mandou recado e cartas a Mulei

Abrahem, mandando-lhe e pedindo-lhe que logo subise e se fose a Féz, por cumprir asi a sua vida e estado. Mulei Abrahem, avido seu conselho sobre o que faria, foi de todos seus parentes e amigos aconselhado que não fose, nem saise de sua casa, que tudo érão manhas pera o colherem em Féz e o matarem, e Mulei Abrahem sobre este conselho, ainda que contra sua vontade, escusou a ida por então, e com palavras brandas se escusou; mas el-rei, que ardia com sospeitas, não pode sofrer que se não decrarase, mandando-lhe dizer que não se fiava doutrem senão dele, que pois o fizera rei o sostentase, porque se temia de Mulei Maçoude e não se fiava de Mafote.

Com estas cartas e recado, Mulei Abrahem se detreminou d'ir a Féz, e, estando todos seus parentes e vasalos aparelhados pera o acompanharem, os despedio, e, com sómente dous pajens e Zaraone, seu privado, tomou o caminho de Féz, deixando sua casa e estado na milhor ordem que lhe pareceo, deixando em Xexuão por alcaide a cide Alele, seu primo, e em Tetuão sua irmã, Citalforra [1], molher valerosa e que fora molher d'Almenderim, e, asi desacompanhado, entrou polas portas de Féz e se foi decer em casa d'el-rei; e, apartados ambos, [el rei] [2] lhe deu larga conta das sospeitas e indicios que tinha de seu primo, Mulei Maçoude, e de Mafote, carteando-se ambos, e outras cousas mais secretas, polas quais asentárão que Mafote fose morto. Na execução de tal sentença não ouve mais vagar que em quanto Mafote tardou, mas quando entrou no banho, donde eles estávão no tal conselho, ambos pusérão as mãos nele e o matárão, dando-lhe Mulei Abrahem muitas cuitiladas com a sua espada, que de caminho trazia, e morto o fizérão lançar em um pateo, donde de todos fose visto; e asi pagou a morte do cristão que no campo de Tanjere fez matar tanto sem justiça e rezão, sómente por preguntar por Mulei Abrahem. Esta morte tão acelerada do alcaide Mafote, tão privado e valido, pòs grande espanto e medo em todo Féz, não se tendo ninguem por seguro, e pareceo a todos os parentes d'el-rei que nenhum avia de ficar e espantados se viérão a el-rei a oferecer-se e por lhe ganhar a vontade, e não falávão noutra cousa senão em Mulei Abrahem, e logo dérão a alcaidaria de Jazem a Benjija, pesoa principal e muito emparentado.

Desta morte de Mafote se temeu muito Mulei Maçoude, e logo detreminou de se defender e fazer forte em Mequinez, donde ele tinha toda a artelharia e monições do reino, e com esta detreminação escreveo logo aos alcaides seus, especialmente ao alcaide de Tedola, chamado Alatar, e Azambaca [3], alcaide de Çalé, estivesem prestes se el-rei contra eles fose; e o que mais o destrohio e danou foi que ordenou em Mequinez as cousas necesarias a sua segurança, e fez ũa fala a muitos cristãos cativos que

1. Citalforra: cit(e), *senhora, e* Alforra (Alhorra), *nome de mulher*. — 2. [el-rei] *f.* A. — 3. Azambaca] Azambazar B N M: Azambar L.

tinha, artilheiros e oficiais de todas armas e outros oficios, os quais seu pai fazia trazer de todo o reino e lhe fazia dar molheres cristãs e os casava e lhes fazia usar seus oficios, e destes avia mais de cento casados e outros muitos solteiros, que, por não acharem molheres á sua vontade e por não fazerem filhos e os leixar cativos, não tomávão molheres. A estes fez Mulei Maçoude larga fala, queixando-se d'el-rei, que matara a el-rei, seu tio, e agora a Mafote, com achaque que se carteava com ele, e que não era senão com achaque de o matar e de lhe tomar as terras que de seu pai lhe ficárão, e se o defendesem e saise com vitoria lhes prometia de os leixar livres, ou ao menos lhes dar seus filhos. Com esta pratica foi tanto o alvoroço dos cristãos que totalmente o destroírão e matárão. Como jente sem cabeça e sem conselho, respondêrão todos á ũa que todos morrerião por ele, e não tão sómente se defenderia, mas antes avia de ser rei de Féz, e, sem nenhum resguardo, começárão de bradar: «Viva Mulei Maçoude!» e não tão sómente viva senão: «Deos o enxalce!» palavra devida a só pesoa de rei. Foi logo tudo sabido em Féz, e, por que a cousa não fose mais adiante, logo el-rei foi com a jente que de Féz pode tirar sobre Mequinez, com vontade de o cercar; mas tanto que el-rei sobre ele chegou, Mulei Abrahem de manhoso e animoso se entrou dentro em Mequinez, e pode tanto sua pesoa que convenceo a Mulei Maçoude e o trouxe aos pés d'el-rei com as chaves da cidade na mão, e deitado aos pés d'el-rei lhe entregou as chaves; mas el-rei, beijando-o na face, lh'as tornou, e, feitas estas amizades e pazes, el-rei se tornou a Féz, sendo Mulei Abrahem louvado de todos por estas amizades, e logo el-rei o casou com sua irmã, lela [1] Axa, com a qual viveo muitos anos, mandando o reino, fazendo obras de excelente principe e capitão, e sendo mui louvado de cristãos, mouros e judeus, usando de muitas magnificencias e liberalidades, não lhe faltando outra cousa mais que a santa fé pera todo comprimento.

Mas tornando a Mulei Maçoude, como ele fose de seu natural bebado e de má incrinação, tanto que se vio desapresado e em graça d'el-rei, se tornou a meter em seus viços acostumados, bebendo dias e noutes, usando do mao pecado e outras culpas, e, vindo a Féz, foi logo preso e mandado afogar por dous cristãos de Tanjere cativos, um Pero da Maia, que oje vive em Xerez da Fronteira e é corretor de cavalos, e outro seu companheiro, os quais, entrando a o servir, lhe deitárão um cordel á garganta e o afogárão, deitando fama que morrera de enfermidade. Sua casa e estado foi logo pasada a Mulei Abrahem.

Asi ficou Mulei Abrahem senhor d'ametade do reino de Féz, sendo senhor de Mequinez, Çalé e Tedola e todas suas comarcas, asi lugares como alarves, pondo alcaides e tirando-os, e, o que mais se deve de notar,

1. lela: *senhora, sinónimo de* cite, *que ocorreu já mais de uma vez.*

que sendo barbaro e casi estranjeiro, por não ser de Féz, nem da linhajem real dos Marins, foi tão bemquisto que não ouve nação que se queixase de sua governança.

Os oficiais cativos fôrão pasados a Féz, donde os apousentárão junto da casa real com suas molheres e filhos, e d'el-rei e Mulei Abrahem fôrão favorecidos e bem tratados, fazendo-lhes mercês a alguns de filhos que livremente mandárão a terra de cristãos, como foi Afonso Fernândez, ferrador, que Mulei Abrahem mandou livremente com sua molher e dous filhos, e Caterina Fernândez, molher de mestre João, e aos filhos de Bertolameu Luis e outros, que, por lhe fazerem ũa bésta ou ũas couraças, lhes dava um filho, que sem resgate o mandávão.

Trouxe isto tão largo, ainda que curto, por ser Mulei Abrahem tanto noso vezinho e leixar suas terras, Xexuão e Tetuão, que ficárão de seu pai cide Alé Barraxe, por dar a entender como veio a mandar o reino de Féz, ainda que nunca leixou de nos visitar e fazer a guerra, como capitão animoso, tendo sempre muita amizade e comprimentos com o conde do Redondo, Dom João Coutinho, e com os outros capitães, por ũa parte fazendo-lhes grande guerra e por outra muitos oferecimentos, como em tempo do conde direi, Deos querendo.

CAPITULO XLV

De outras entradas e corridas que o capitão Antonio da Silveira fez

Em tanto que estas cousas pasávão antre el-rei e Mulei Maçoude e entre os Marins, que todos estávão amedrentados e receosos que a culpa de só um não alcançase a muitos, o alcaide d'Alcacere sempre esteve em Féz, favorecendo a parte d'el-rei por sua pesoa e muita cavalaria, e parecia que el-rei tinha dous esteos nele e em Mulei Abrahem; e em Alcacere era alcaide seu irmão, cide Abuluhahe, o qual entendia em guardar a terra com muito recado e prudencia, como homem descreto e de recado que era, e algũas vezes que só veio ao noso campo foi armar-nos com almogavares e ele lançar-se de longo, que deu azo ao capitão, Antonio da Silveira, a desejar de topar-se e pelejar com ele; e tãobem, por não o deixar pasar o tempo em balde, fazia a guerra apresuradamente, asi entrando algũas vezes com almogavares, das quais entradas tomou Diogo da Silveira alguns mouros e gado, e asi [o fizérão] [1] os outros almocadens, Artur Rodríguez e Afonso Barriga e Estêvão Fernândez, os quais as mais vezes érão parceiros; e tãobem o capitão entrou com toda a jente

1. [o fizérão] *f.* A.

e, entrando pola boca de Benamares, corremos o campo até chegarmos junto de Fiper e Benahamede, a qual corrida foi muito grande pera tão pouca jente, e nos espalhamos tanto que a bandeira ficou casi só, mas não foi a corrida debalde, porque tomamos oito mouros e matamos tres, que vindo ia na Ribeira Grande se quisérão defender com outros que se salvárão, por serem os nosos muito poucos e cansados, e tãobem se tomárão setenta vacas e um golpe de gado meudo que trouxemos, ainda que o tempo era chuvoso e d'atoléiros por estas entradas e corridas; e, pola falta dos alcaides, andavão os mouros tão recolhidos que se queixárão a el-rei e a Mulei Abrahem, fazendo-lhes queixume dos danos que recebião, e, com este achaque e polo alcaide ser soberbo de condição, pedindo licença a el-rei, se veio a Alcacere, e, sem entrar nele, mandando aperceber a seu irmão e toda a sua jente, entrou no noso campo e esteve esperando dous dias que monteiros ou almogavares fosem ter com ele, e, não lhes saindo como ele desejava, mandou correr com almogavares, ficando ele em Alfomir, os quais desta vez levárão ũa atalaia, que avia nome João Cão, e asi quebrou sua furia por esta vez. Com a vinda do alcaide outros almogavares da serra se ajuntárão e viérão correr e tomárão outra atalaia, que Gonçalo Ares avia nome, e asi nos recolhemos por alguns dias.

CAPITULO XLVI

Como Mulei Abrahem deceo abaixo e nos correo e do que mais pasou e dalguns recados dantre ele e o capitão Antonio da Silveira

NÃO tardou muito tempo, depois da vinda do alcaide d'Alcacere e desta corrida, que Mulei Abrahem, deixando as cousas de Féz asentadas antre el-rei e seus parentes, que não veio abaixo a visitar suas terras de Xexuão e Tetuão e Targa, e de caminho nos quis correr, e, mandando que toda sua jente o viese esperar ao noso campo, se ajuntou com o alcaide d'Alcacere, seu cunhado, e ambos juntamente se viérão lançar em Alecasapo e dali corrèrão pola outra parte do Rio Doce; mas, como a guarda e boiada andase a bom recado, se recolheo sem os mouros averem vista dela, e eles e suas bandeiras chegárão até o Rio Doce, e, vendo o capitão, Antonio da Silveira, que os mouros não entrávão, nem pasávão a agoa e se pûnhão em ala defronte polo Tojal e terra de Diogo Delgado, dando mostra á vila, o capitão, da praia donde estava com todos nós outros, abalou e se foi ao outeiro de Fernão da Silva, donde tãobem nos mandou poer em ala defronte deles, não avendo mais que o rio em meio, do qual já ei feito menção que com duas vigas pregadas ũa na outra

se pasa, e, dando vista uns a outros, muito bem conhecemos as bandeiras serem d'Alcacere, Xexuão e Tetuão, e, travando pratica com eles, soubemos ser ali Mulei Abrahem, o que não cremos, por ele estar em Féz; mas ele logo dali despedio a Francisco Lionárdez, que com ele vinha, que, como já hei dito, fora seu cativo, e, conhecendo ser pesoa avisada e descreta, confiou dele seus segredos, mandando-o a el-rei, noso senhor, e ao xarife, rei de Marrocos, em tempo que ele estava mal com el-rei Bohaçum, e, sendo tornado com a reposta, achou outro mundo e outro rei, como fica contado; e tãobem Francisco Lionárdez fez algũa detença em Arzila, não o deixando o capitão pasar, por algum desgosto que dele teve em não lhe dar tão larga conta como ele quisera, mas, como a culpa era leve e Mulei Abrahem lhe escrevese, Francisco Lionárdez pasou a Féz, levando a reposta e todo seu resgate, que érão trezentos cruzados, e, sendo de Mulei Abrahem bem recebido e usando de sua muita liberalidade, lhe fez mercê da sua terça parte, que érão cem cruzados, porque as outras duas partes érão do alcaide de Alcacere e d'el-rei, como mais largo o ei contado, e, dando-lhe um cavalo e um bedem e licença que comprase algum gado, o despedio á nosa vista, mandando por ele um fermoso cavalo ao capitão, Antonio da Silveira, o qual vinha cuberto com um jilele [1] ou alcatifa, rica e bem lavrada, e, com dous de cavalo que o acompanhávão, chegou a nós outros que, vendo-os vir pola praia e as bandeiras e jente ir caminho da Pedra Alta, nos viemos á praia, e Francisco Lionárdez, dando o recado que de Mulei Abrahem trazia, dise ao capitão que Mulei Abrahem lhe fazia saber que era vindo de Féz, prospero e contente, que tudo o que lhe comprise de suas terras e estado ele o serviria, por ser muito seu amigo e o ter por muito nobre e bom capitão, e, pera sinal desta amizade, lhe mandava aquele cavalo que de Féz trouxera pera ele.

O capitão folgou muito com os oferecimentos e muito mais com o cavalo, e de Francisco Lionárdez soube a jente que era e como Mulei Abrahem se avia d'apartar na Aldea Velha e tomar seu caminho da Pedra Alta e o alcaide o d'Almenara. Logo o capitão intentou ir pelejar com o alcaide, e, mandando á vila por doze covados de vilajim [2] azul, os deu aos dous mouros de Mulei Abrahem pera dous capuzes, e com eles mandou seu amo, Bras Fernândez, a visitar e dar os agardecimentos e o parabem da sua vinda, encomendando-lhe olhase o alcaide donde s'apartava, e, despedindo-se de Mulei Abrahem, lhe trouxese recado, e a nós outros mandou que os que não tivesem armas se fosem armar. Bras Fernândez

1. jilele] filele BNM. *Coberta de lã muito quente e larga com que se envolve o peitoral e garupa do cavalo. Veja-se Dozy, Supplément aux dicionnaires arabes.* Filele *é outra cousa: tecido de lã fabricado na cidade de Tafilete.* — 2. vilajim] vilhage BNLM. *Não sabemos explicar êste termo.*

chegou á jente aos Codesos e foi bem recebido de Mulei Abrahem, por aver sido muito tempo seu cativo e por ser amo do capitão, e, falando com ele, foi até [a][1] Pedra Alta, donde o alcaide se apartou, e, segundo pareceo, Mulei Abrahem entendeo a ida de Bras Fernândez, porque, levando-o mais do necesario e requerendo-lhe que o deixase vir, lhe dise: «Dizei ao senhor capitão que ele ha governado e guardado sua vila como bom capitão, e que se contente e que não olhe a soberba de meu cunhado, que [2], por minha lei, que queria que lhe dése na cabeça».

Tanto que Bras Fernândez chegou ás lombas do Corvo, donde estavamos esperando por ele, e dando o recado o capitão se apartou com Fernão Caldeira, cuja idade e autoridade era muita, e com Pero López, escrivão do almoxarifado, e Pedro Homem e Diogo Mazcarenhas, contador, e o adail e Diogo da Silveira e outros, e lhes pôs em pratica que aquela noute seria bem ir dar no alcaide á Ponte, donde de força avia de repousar. Ainda que nisto ouve algũas rezões, Fernão Caldeira as desfez, dizendo que polas palavras de Mulei Abrahem parecia entender a entenção do capitão e a ida de Bras Fernândez, e, posto que disese que se apartava da ida da jente d'Alcacere, «quem lhe tolhe [3] que se não tornem [4] a ajuntar pera um feito tão grande como desbaratar um capitão?» e, ainda que isto não fose, era necesario ao alcaide levar suas guardas, ainda que não fose sómente alguns monteiros e almogavares ou atalhadores fosem fora da vila, e que nós outros não podiamos leixar de pasar o Zambujeiro de dia, e, sendo vistos ou sentidos das guardas ou crestadores, avia tempo pera se tornarem a ajuntar, quanto mais que o alcaide tinha oitocentos de cavalo, os milhores do reino e experimentados, e que seu conselho era que se não cometese feito, que avião de ir seis legoas a fazer o feito. Ao capitão pareceo bem as rezões de Fernão Caldeira, e, tomando o seu conselho, se veio á vila, vindo todos muito contentes por nos parecer era o feito um pouco verde, mas era tanta a presunção que já tinhamos que desejavamos de mostrar o pera que eramos. Tendo o capitão esta confiança, desejava de cometer um grande feito, como logo ao diante cometeo, desbaratando ao alcaide d'Alcacere com toda sua jente, como logo adiante direi, querendo Deos.

1. [a] *f.* A. — 2. que] e L.; *f. ĕste passo em* B N M. — 3. tolhe] tolherá L.: *f. ĕste passo em* B N M. — 4. tornem] torne L.; *f. ĕste passo em* B N M.

CAPITULO XLVII

Como o capitão Antonio da Silveira foi á ponte d'Alcacere mandando correr com almogavares e armou ao alcaide

Tanto que estes alcaides nosos vezinhos fôrão vindos de Féz e cada um em sua casa, o capitão andou recolhido alguns dias, mas, como teve nova certa estar cada um em sua casa, por mostrar que a nenhum deles temia, começou a dar suas guardas ordenadas e trazer espias fora, armando aos almogavares se entrasem; e tãobem não deixárão de ir fora os nosos almogavares, donde tomárão algũas presas, asi de mouros como de gado, e, não se satisfazendo com a guerra se fazer desta maneira, detreminou de armar ao alcaide d'Alcacere, e, mandando dar ás trombetas, saimos todos da vila, e, tomando o caminho da Ponte, [chegamos á Figueira] [1], donde apartou a Jorje da Silveira desta parte da Ponte, que com vinte cinco de cavalo pasase a ribeira e fose até donde achase mouros, e se fizese sintido pera que ouvese rezão de virem após eles, o qual Jorje da Silveira, pasando por um porto falso, se meteo tanto dentro que em o Rur, ũa legoa d'Alcacere, deu com tres mouros de cavalo, dos quais tomou os dous; e, tomando-se o rebate em Alcacere, ouvimos a artelharia que logo começou a tirar; e, sendo Jorje da Silveira sintido, se recolheo dereito á Ponte, a qual achou cerrada de pedra ensoso e com grandes madeiros em cima de grandes freixos e sovaro, e nela achou mais de vinte guardas de pé e dous de cavalo, os quais, ouvindo as bombardas, estávão esperando donde o rebate seria; mas, vendo vir os nosos e conhecendo serem cristãos, asi os de cavalo como os de pé, dérão consigo na ribeira, donde se salvárão, perdendo os dous cavalos e asi algũa caça de aves que em duas choças [2] tinhão. Os nosos chegados á Ponte fôrão logo a pé e, destapando-a, dérão com a pedra e madeira na ribeira, e, pasando a Ponte, se viérão ajuntar com nós outros.

O capitão foi muito ledo em ver consigo os seus e trazerem os dous mouros e quatro cavalos, e nos fez estar a ponto de guerra, esperando que o alcaide viese após eles, mas não tardou muito que vimos vir obra de cincoenta de cavalo, os quais viérão á Ponte e, tomando nova das guardas, travancárão a Ponte com os madeiros que os nosos dela avião lançado, e isto feito se apartárão ao longo da ribeira a visitar os portos

1 [chegamos á Figueira] *f.* A. — 2. choças] cochas B N M. *Talvez* coxa : *bolsa na sela do cavaleiro onde se fixa o conto da lança, segundo os dicionários de Morais e Vieira.*

por donde os nosos avião pasado: e, vendo o capitão que o alcaide não parecia e que os que a Ponte chegárão não pasava nenhum, antes parecia que se recolhião e se tornavão sem pasar a Ponte, o capitão saio da cilada e, dando vista á Ponte e aos outros fechos, nos mandou poer em ala, a que nos visem, com nosa bandeira de Cristos despregada, e estivemos um pedaço bom, e, não vendo cousa viva, tornamos noso caminho da vila e com noso paso cheio tornamos asaz contentes, por avermos feito esta sobreguarda ao alcaide e com os dous mouros e quatro cavalos. Soube o capitão que estes cincoenta de cavalo que era o adail e que o alcaide não pasou de o Rur, donde o mouro que escapou lhe mostrou donde achárão os nosos e donde os dous de cavalo se perdêrão, e o alcaide, não pasando dali, mandou ao adail que chegase á Ponte e a provese e soubese se erão mais algũas guardas perdidas, e visitase a ribeira, de maneira que ficase segura; e estes érão os cincoenta de cavalo que chegarão á Ponte; e, provendo tudo o que era necesario, se tornárão a dar conta ao alcaide de todo o pasado, e como o capitão estava á Figueira.

CAPITULO XLVIII

Da batalha e desbarate que o capitão Antonio da Silveira ouve com o alcaide d'Alcacere em que o alcaide foi desbaratado

PASADOS os vinte sete anos e todo o mais de vinte e oito de governança do capitão Antonio da Silveira, e pasadas todas as cousas atrás contadas, chegou o dia do nacimento de noso senhor Jesu Cristo, o qual foi por nos outros guardado e festejado com as solenidades acostumadas, e, por neste tempo aver na vila muita falta de trigo, que se não comia senão arroz e tamaras, e os cavalos, por não comerem grão, estivão fracos e todos os dias iamos fora a pacer, por a erva ser ainda nova e não ser pera segar, o capitão, querendo prover a que não recebesemos dano no pasto, ordenou de mandar espias fora, asi por segurar as atalaias como aos ervejadores, e o dia de Natal á noute fez ir seis espias fora, encomendando lhe tivesem bom cuidado e vejia, porque lhe parecia que os mouros avião de armar e os não tomasem descuidados; e logo ao outro dia, que foi dia do bem aventurado martir Santo Estêvão, do dito ano de mil e quinhentos e vinte oito, pola menhã, as espias viérão á vila, dizendo e afirmando que virão na Atalaia Alta de Tendefe dez ou doze de cavalo de capelhares e toucas. O capitão praticou logo na igreja esta nova com Fernão Caldeira e Fernão da Silva e com todos os outros moradores, que na igreja a esta nova se ajuntárão, e antre todos se asentou ser jente grosa, pola polideza dos que fôrão vistos, e logo Diogo da

Silveira, como homem de guerra, perante todos dise: «Não ter nós duvida a ser jente grosa, senão a ser o alcaide ou el-rei; e se é o alcaide, ele nos correrá oje, que não ha d'estar muitos dias no campo, por aver pouca erva e nova e fazer frios, mas se é el-rei, não correrá senão amenhã ou ao outro dia, porque da Atalaia Alta tomarão oje vista do noso campo e verão como vós servis [1] e donde vão as atalaias, e vos armarão como tomarem a enformação do que virem; e se oje vos não correm, sabei que é el-rei». O capitão louvou muito a rezão de Diogo da Silveira, e asi pareceo bem a todos, e, como já estava acreditado por suas obras e bondade, foi de todos louvado, e com esta pratica nos fomos a comer; mas, tanto que o capitão comeo, logo se pôs a cavalo, e, mandando dar ás trombetas, fomos todos com ele armados e a cavalo, e, saindo pola porta da vila, da orta do doutor meu irmão despedio as atalaias e ao adail, Fernão Rodríguez, que com vinte cinco de cavalo lhes [2] dése costas ás atalaias da Ruiva, por ser lugar mais perigoso.

Despedidas as atalaias e o adail, o capitão polo caminho velho se foi ao longo dos valos, e, por que nos não visem da Atalaia Alta, se foi poer ao pé do outeiro de Pero Cão, e, deixando-nos abrigados com o valo [3] e outeiro, se foi ele e Diogo da Silveira e Fernão Caldeira a poer em cima do outeiro, dando vista ás atalaias, que, fazendo seu oficio acostumado, ião tomar seus postos, como tomárão, descobrindo primeiro o Corvo, Bugano e a Ruiva, e asi se descobrio a atalaia do Mar; e, seguras as atalaias, o facheiro fez o sinal á boiada acostumado, e o adail, vendo as atalaias seguras e feito o sinal á boiada, se derramou, e os que com ele érão se apeárão e pusérão a pacer; e ainda os cavalos não érão desenfreados quando a jente saio das Furnas, e, tomando-se o rebate, o capitão, por dentro do valo, se foi ao Facho, donde vimos toda a jente e bandeiras vir travesando as vinhas, e os corredores cortávão a atalhar as atalaias que da Ruiva vínhão, e logo mandou [o capitão] [4] a Diogo da Silveira que com vinte de cavalo as fose favorecer e recolher, o que Diogo da Silveira fez, que na carreira do Almirante os dianteiros anteparárão, e Bastião Bras, atalaia, e seu companheiro se metêrão com Diogo da Silveira, e os mouros o seguírão até o meterem pola tranqueira do Facho. O capitão se recolheo polo Facho abaixo, dando lugar que os mouros e bandeiras entrasem e se mesturar com eles e travar escaramuça, e com este preposito se veio á tranqueira de Baixo, mas, como vio que os mouros não entrávão do Facho a dentro, tornou a mandar ao adail que com vinte de cavalo tornase a demandar o Facho, e, vendo que o adail ia mais de vagar do que ele queria, dise, contra Diogo da Silveira: «Compadre, i-vos pera o adail e fazei-o andar, e do que virdes me mandai recado».

Diogo da Silveira chegou ao adail, e, dizendo-lhe da parte do capitão

1 servis] servir A M. — 2. lhes] *f.* B N L M. — 3. valo] vale A. — 4. [o capitão] *f.* A.

que andase, se pusérão no tabuleiro do Facho, e, vendo que toda a jente se ia recolhendo e pasava o vale, Diogo da Silveira tornou ao capitão, que já ia pera cima, e, casi trotando, nos pusemos no tabuleiro. A jente, tanto que pasou o vale e nos vio, se fizérão em duas batalhas e se pusérão defronte de nós, um tiro d'arcabuz, estando o vale em meio; e, estando asi, julgamos toda a jente em setecentos até oitocentos de cavalo, os quais estávão com a bandeira branca do alcaide bem quatrocentos de cavalo, e com o guião vermelho, em que estava cide Naçar e outros espalhados, julgamos em mais de trezentos; e, tanto que o capitão asentou não ser mais que o alcaide, como já trazia concebido em seu peito de pelejar com ele, asentou de o fazer, e, apartando-se com Diogo da Silveira, pera bem considerar a jente que era, lhe dise: «Compadre, a minha aleluia é chegada em ser este o alcaide, porque ei de pelejar oje com ele», e Diogo da Silveira respondeo: «Senhor, não é tempo agora, que morremos de fome, e não ha cavalos». O capitão respondeo que pelejarião a pé quedo, e, chamando por Fernão Caldeira, lhe dise outro tanto: «Compadre, chegada é a minha aleluia, porque ei oje de pelejar com o alcaide d'Alcacere». Fernão Caldeira lhe respondeo com voz alta: «Com que cavalos quereis, senhor, ententar cousa tão fora de toda rezão, que, ainda que não seja mais jente da que vemos, é cousa desarrezoada querer cometê-la com cento de cavalo, mortos de fome?» Ao capitão lhe pesou muito de o ouvir falar tão alto e embruscado lhe dise: «Com esses que vedes ei-de pelejar, porque todos desêjão de o fazer». Fernão Caldeira lhe respondeo: «Eu vos requeiro da parte de Deos e d'el-rei que não cometais tal cousa, e se, todavia, o quereis fazer, eu sou o dianteiro». O capitão embirrou, e, chamando por Bras Fernândez, seu amo, lhe dise: «Amo, i-me pola bandeira de Cristos, e os que quiserem pelejar venham-se pera mim». Aos brados de Fernão Caldeira e á chamada de Bras Fernândez, todos nos pusemos ao derredor do capitão, e, tendo-o em meio, nos fez ũa breve fala, dizendo: «Senhores e amigos, bem vistes como o dia da praia, por não sermos juntos, não fizemos um notavel feito, pois vistes que, não sendo nós cincoenta de cavalo e sendo el-rei com quatro mil, nos dávão as costas e nos leixárão sete homens e seus cavalos, e, se não fora tentar a Deos, aquele dia os puseramos em fujida, e no Rio Doce com sete de cavalo pusérão em desbarato ao alcaide Mafote com cento, e isto é querer-nos Deos mostrar a vitoria; e, por isto que tenho visto, tenho grande desejo de me ver com o alcaide, e, pois agora o temos tão perto, vos lembro e peço não percamos esta ocasião, nem o leixemos ir, gabando-se que nos correo só, e confio em Deos que nos dará vitoria». Todos respondemos que estavamos prestes pera o servir, e em Deos tinhamos esperança que vingariamos o dia de Dom Manoel de Meneses.

Com esta pratica já desejavamos de nos ver com eles, que já a este tempo ião com suas bandeiras ordenadas por antre a Atalaia Gorda e

Bugano, mas, como Bras Fernândez chegase com a bandeira, logo apartou ao adail Fernão Rodriguez, que com vinte cinco de cavalo fose tomar a Ruiva, pera donde os mouros ião, e, pondo diante de si cincoenta bèsteiros do Algarve, que por soldados na vila estávão e outros muitos moradores da vila, bèsteiros e espingardeiros e outros de lanças, que todos serião até cento e vinte ou cento e trinta de pé e outros tantos de cavalo, se pôs na carreira do Almirante, caminho da Atalaia Ruiva; e com esta ordem fomos até pasar os Forninhos, donde nos alcançou Fernão da Silva, que doente estava e não saira a repique, mas, como teve nova que o capitão pelejava, se armou e se pòs a cavalo, e asi o fez Diogo Delgado em um potro asaz pequeno e outros alguns moradores de cavalo e de pé, aos quais o capitão recebia alegremente, vendo a vontade com que se ião oferecer á morte. A este tempo o adail tomou a Atalaia Ruiva, e, capeando com um brando troto, tomamos todos a Ruiva, donde vimos que os mouros tínhão pasado as duas Pontinhas e ião seu caminho polo rosto d'Alfomar acima, e nós outros, por nosa ordem, levando a jente de pé diante, começamos a decer da Ruiva pera as Pontinhas, e, tanto que fomos antre ambas as Pontinhas, as bandeiras e jente dos mouros tornou atrás, e, apartando-se cide Naçar com o guião e bem trezentos de cavalo, tomando polo Jiestal, parecia que vinha a demandar o ribeiro das Pontinhas e se pôr antre nós e a vila.

A este tempo eramos já antre as Pontinhas, que ũa da outra ha um tiro d'arco, e os de pé érão todos pasados ambas as Pontinhas, e, como a este tempo ouvese algum rabo, Diogo da Silveira dise ao capitão: «Senhor, não é tempo de rabo, senão de pasar naquela batalha grande do alcaide», e logo o capitão dise a Manoel da Silveira, seu primo, que avia sido cativo, que junto com ele era: «Senhor primo, i-vos á traseira e fazei andar a todos, e pasemos destoutra parte, primeiro que esta jente nos estorve a pasada». «Não é tempo, senhor, de me apartardes de vós», lhe respondeo ele, «que os da traseira eles chegarão, tanto que nos virem da outra parte». O capitão virou rijo e, chegando á traseira, a fez ajuntar com os dianteiros, dizendo algũas palavras a dous cavaleiros que não esperava a ser em aquele lugar, os quais não nomeio pola honra de seus filhos, mas como a este tempo os mouros estivesem perto e antre nós outros dése um pelouro de um espingardão e pasando ũa citara de .... [1] do Soveral, paje do capitão [2], caio aos pés do cavalo, e um Pero Fernândez, escravo de João Fernândez Torres, que depois foi porteiro d'Arzila e agora o é de Tanjere, tomando o pelouro na mão e vendo que não fizera dano, começou a bradar: «Boa estrea! Boa estrea!» e como, com este pelouro e outros mais de vinte espingardões que os mouros despa-

1. ...] *em branco em* A. — 2. ũa citara... paje do capitão] ũa citara de um paje do capitão que dizião Soveral B N L M.

rárão, começamos a remuinhar, Pero López, escrivão do almoxarifado, pesoa honrada e criado do conde de Borba, como bom cavaleiro que era, dise ao capitão muito alto: «Senhor, agora não é tempo de remuinhar, se não pasar, e demos naquela batalha, primeiro que eles dem em nós». O capitão pasou logo com muita furia da outra parte, e asi o fizemos todos, pasando uns pola Pontinha e outros polo ribeiro, e, sendo todos da outra parte, començamos de dizer: «Santiago e a eles que já fojem!».

Ainda as palavras não érão ditas, quando a bandeira [do alcaide][1] se começou a enrolar, e, enrolando ou remuinhando, nos dérão as costas e começárão a fujir, sem mais nenhum tornar o rosto, e, levantando-se antre nós outros e os de pé ũa grita muito grande: «Já fojem, já fojem, já fojem!» os começamos a seguir; mas como logo no rosto d'Alfomar se derrubase um mouro, que no corpo e grandeza nos pusese espanto de sua grandura e desformidade, e nele os nosos se encarniçarem, e asi o fizemos, derrubando neles até [a aldea][2] d'Alfomar, que, por ser o caminho e terra estreita, ficárão mortos mais de doze ou quinze, e, pasando o estreito d'Alfomar, se derribou Alborgot, pesoa honrada e amel do alcaide, que em seu lugar tinha cargo de mandar e arrecadar suas rendas e cousas que ao alcaide lhe pertencem; e porque neste lugar o alcaide e bandeira íão em um bom corpo de jente, e nós outros, reformando-nos com o capitão e tocando duas trombetas, demos outra vez neles, mas como ali fosem ao chão outros quatro ou cinco, em que foi Alborgot, aqui se acabárão de desbaratar de todo, mas o alcaide sempre acompanhou sua bandeira, e, indo sempre derrubando neles, pasamos o Zambujeiro, duas legoas da vila; mas, como fosemos na varzia de Taurete e a terra fose muito larga e nós outros poucos e ralos, eles tivérão lugar de se espalharem, arredando-se do caminho, e, por ser já noute, ficávão logo salvos [3], por não aver quem os seguise e nenhum de nós outros se apartar do caminho, asi por sermos poucos, como pola corrida ser comprida e os cavalos fracos; e com todas estas cousas foi o alcanço até o poço de Fernão de Xira, cinco legoas e meia da vila, donde o capitão se achou com eses poucos que com ele tiveramos, mas não tardou muito que todos não chegamos, com que ele foi muito contente, vendo a vitoria que Deos lhe avia dado com tão pouco dano dos seus, que não ouve outro senão o desastre de Francisco Lionárdez, o que já contei que fora cativo com Lourenço Pírez de Tavora e Manoel da Silveira, o qual lhe aconteceo desta maneira.

Sendo ele um dos dianteiros que o alcance seguíão, foi derrubado um mouro asaz mancebo na varzia de Taurete, e, querendo Francisco Lionárdez levá-lo na lança, o mouro se nomeou, dizendo que era Alatax, irmão de Artur Rodríguez, mourisco e almocadem, e por Artur Rodriguez ser

1. [do alcaide] *f.* A. — 2. [aldea] *f.* A. — 3. ficávão logo salvos] se salvarão B N L M.

pesoa honrada e amigo de todos, como já em muitas partes ei feito menção, Francisco Lionárdez, querendo dar-lhe a vida, por ser irmão de tão bom homem, o que por pouco lhe não custou a sua, como logo se verá, que, chegando-o a si, o quis tomar vivo; mas, como logo chegasem outros que o alcance seguião, entre os quais era João Fernândez Torres, e querendo levar o mouro na lança, dise contra Francisco Lionárdez: «Pesa tal [1], agora vos embaraçais com o mouro e leixais de ir adiante». «Não mateis o mouro que eu tenho tomado», dise ele, «porque é irmão de Artur Rodríguez», e pasando João Fernândez Torres, Francisco Lionárdez o quis poer á sua mão dereita, por dar o caminho aos que pasávão, mas, como o mouro o vise embaraçado em o defender dos que pasávão, arrincando um alfanje pesado e agudo lhe deu por cima da cabeça, não levando nela senão um barrete de grã, que, fendendo-lhe a cabeça da testa ao toutiço, deu com ele desacordado e sem nenhum sentido aos pés, mais morto que vivo, e se salvou sem aver quem fose trás ele; e, posto que Francisco Lionárdez ainda oje diz que a ferida foi de um só golpe, eu falei depois com o mouro e me dise que lhe dera dous golpes, ambos na cabeça: parece que acertárão em um lugar e fòrão causa da ferida ser grande, ficando Francisco Lionárdez mais morto que vivo. Chegou a ele João López Requeixo e, sintindo-o bulir com os braços, parecendo-lhe era mouro, levantou a lança pera o acabar d'alancear, e Francisco Luis, cavaleiro da casa do cardeal ifante Dom Afonso, lhe bradou que era cristão, polo pelote e couraças que lhe vio, e, conhecendo quem era, se apeárão e, vendo-lhe a grande ferida, lhe apertárão a cabeça o milhor que pudérão, pondo-lhe muitos barretes uns em cima doutros até chegar o capitão, que, vendo-o em tal disposição, mandou a tres ou quatro homens de cavalos mais fracos o trouxesem á vila, os quais o trouxérão por morto; e topando ao Zambujeiro com seu irmão, Jorje Lionárdez, que, por não ter cavalo, com suas couraças, lança e adarga ia com os de pé, vendo a seu irmão em tal desposição, acompanhado de muitos da vila, o trouxérão antes que amanhecese, donde foi curado sem dar acordo aquele dia, nem outros, e veio a sarar ficando, todavia, mal desposto da cabeça, pola falta da muita parte do casco que foi fora, e oje é vivo e tem a comenda de Nosa Senhora d'Aveiro, donde agora vive asaz mal desposto, mas como pesoa honrada e de bom juizo que é. O capitão não parou, seguindo o alcanço, até pasar o poço de Fernão de Xira, muito perto da Ponte, donde parou, não vendo já mouro trás que pudese seguir, e ajuntando os seus e tomando lingoa de seis mouros que aviamos tomado, entre os quais avia o xeque

1. Pesa tal] Pesar de tal L; *f. êste passo em* BNM. *Imprecação usada em expressões como:* pesar de meu pai torto (pesar de minha mãe torta), pesar de Deos, etc. *O ms.* A *parece estar incorrecto. Veja-se Francisco Manuel de Mello, Auto do fidalgo aprendiz, p. 54, ed. Mendes dos Remédios.*

Afam [1], pesoa muito principal e senhor de muitos aduares, que no tempo pasado seu pai, o xeque Afam, corria Arzila com quinhentos de cavalo seus. de que o capitão soube [2] como era o alcaide d'Alcacere com setecentos e cincoenta de cavalo, e que não avia outra jente algũa; e com esta nova chegou até sobre a Ponte, e, recolhendo os dianteiros e não avendo mais que fazer, se começou a recolher, despojando os mortos que pudemos ver, e asi muito despojo de capuzes, adargas, saias de malha, asi dos mortos como dos que fujião alargávão por ficarem mais leves, e desta maneira e ordem chegamos á varzia de Taurete, donde ao capitão pareceo bem esperar a menhã, asi por pacerem e descansarem os cavalos, como por cobiça de nos não ficarem alguns mouros com a noute no campo, ou tãobem cavalos; e, apeados derrador do Sovereiro, ao pé de Taurete, demos aos cavalos ũa boa madrugada de tagarinha e leituga, que lhe dava polos joelhos e a nós outros de muito grande frio. O capitão, todavia, pôs guardas necesarias, temendo-se de cide Naçar, que ficara inteiro com trezentos de cavalo, como já ei apontado. Ali faltando a roupa e crecendo o frio, começárão alguns a fazer fogo de cardos, que muitos avia por aquela varzia, de maneira que crecendo se viérão a fazer muitas fugueiras, que fôrão causa de pasarmos aquela madrugada com menos frio, e que alguns mouros, que polo campo andávão perdidos, se salvasem, cenjindo-nos e vendo-nos, e contudo foi tomado um mouro que se veio meter antre nós, criado de cide Naçar, mais alto do corpo que nenhum homem que naquela vila se vio, o qual comprou Jorje Vaz Magalhães, que oje vive na India.

Tãobem estando já todos apousentados nesta varzia e o capitão a cavalo, que se não deceo, Diogo da Silveira chegou a ele e lhe dise: «Senhor, quer vosa mercê comer?» «Neste tempo, compadre, vos alembrou a vós trazer de comer? Boa confiança era esa que Deos nos avia de dar a vitoria». «Esa confiança trazia eu que Deos seria connosco, mas o alcaide teve cuidado de nos dar de cear», e, tirando da cevadeira tres ou quatro roscas d'alfaxor ou d'especia, lh'as pôs diante, com duas empadas de savel, dizendo que as tomara da azemela em que vinha o alforje do alcaide. O capitão esteve rindo-se, mas não quis comer, o que fizérão os que algũa parte alcançárão. Isto tem Diogo da Silveira que nunca lhe ficou cousa que despojar, nem buscar. Deste desbarate ouve ele algũas peças ricas com que ficou, ainda que tornou ũas cabeçadas de prata, com que o capitão mostrou folgar que lhe ficárão, as quais viérão a leilão e João Fernândez Torrres, que quadrilheiro era, as tirou de poder doutro quadrilheiro, que não nomeio.

Pois pasada a mór parte da noute, todos em pé derrador da labareda

1. Afam] Afão B N L M. — 2. de que o capitão soube] e dele soube o capitão L; *f. êste passo em* B N M.

que os cardos fazíão, trouxe Deos a menhã com tamanha cerração e nebrina que uns a outros nos não viamos, de maneira que, esperando acrarase o dia, mas como, todavia, perseverase, tomamos o caminho do Zambujeiro com mais cerrado o dia do que foi a noite, que foi causa que nos fizese [1] menos a presa, e desta maneira chegamos ao Zambujeiro, donde achamos casi toda a vila, e asi o guardião, frei André, com todos seus frades, com ũa azemela ou duas carregadas de pão e vinho e carne, e asi os clerigos com outros homens de pé e oficiais, até algũas molheres e mulatas, e asi muita provisão [de] [2] vinho, carne, fruitas do Natal que Dona Jenebra, molher do capitão, logo, como teve a nova, proveo, mandando carregar azemelas e bestas d'albarda de tudo isto e de muitas galinhas mortas e asadas, e, chegando já com a nebrina pasada e achando este refrijerio ao umano apetito, ouve alguns, dos que a noute e frio avíão pasado na varzia de Taurete, como dos que da vila saírão, que vínhão mais ladinhos [3] e quentes do que da vila saírão; e, levantados do Zambujeiro, chegamos á vila donde fomos recebidos com todas as cruzes e prociçóes e solenidades que na vila se podia fazer. Entrando desta maneira, o capitão com todos nós outros se foi á igreja de Sam Bertolameu a dar muitas graças a Deos, por tão asinalada vitoria e mercê [4], e entregar a bandeira de Cristos ao bem aventurado apostolo Santiago, em cujo altar era sua estancia.

Fôrão mortos neste desbarate cento e cinco mouros e tomados cativos sete e noventa e quatro cavalos e tres azemelas e mais de outenta adargas e outros tantos e mais capuzes e sesenta saias de malha. O capitão fez quadrilheiros, pera que pusesem tudo em boa [ar]recadação [5], a João Fernândez Torres e a Pero López, escrivão do almoxarifado, e a Martim Boto e ao adail Fernão Rodríguez, que juiz das cavalgadas com Alvaro Velho, escrivão e sobre-rolda da vila, érão. O capitão mandou dar parte aos frades e clerigos, que fôrão ao Zambujeiro, e comprou o xeque Afam por dozentos mil reais, o qual foi concertado que daria por si quatrocentos bois e vacas de tres anos acima e outros tantos carneiros e outras tantas alcolas [6] de manteiga e quatrocentos velos de lã, que ele ofereceo á molher do capitão, o qual resgate não ouve efeito, porque, antes que fose junto, o capitão, Antonio da Silveira, se veio pera Portugal e o trouxe consigo, e, dahi a um ano, sendo requerido o mandase a Arzila, donde trarião o resgate, faleceo de doença e Antonio da Silveira perdeo

1. fizese] fose L; *f.* B N M. — 2. [de] *f.* A. — 3. ladinhos] ladinos B N L M. — 4. *Acrescentam* B N L M: que lhe fizera, e, vendo esta amostra de muitas outras vitorias que Noso Senhor tem feitas polos seus fieis cristãos, não se devera tanto confiar em conselhos humanos que não podem comprender os juizos devinos, e deverão-se ter mão nos lugares d'Africa, confiando no ajutorio divino que nunca faleceo, pois a obra era tão santa e virtuosa, mas se for serviço de Deos ele tornará a olhar por eles. — 5. [ar] *f.* A L. — 6. alcolas] alolas A L; arrobas B N M.

este groso resgate, e não tardou muito que este valeroso capitão faleceo, e tudo acaba [1].

CAPITULO XLIX

De ũa notavel almogaveria que Fernão Núnez alcaide-mór fez sendo ele capitão e a licença sua e Artur Rodríguez e Afonso Barriga e Estêvão Fernández almocadens

Pasado o ano de vintouto, em que pasou o que atrás fica apontado e contado, e sendo chegado o dia de janeiro do ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e vinte nove, estando os mais dos moradores na Açacaia, recebendo o sol [2] e guardando o dia, como é costume naqueles lugares ajuntarem-se os dias de festa e falarem em muitas cousas e na governança do reino ou do mundo, especialmente na guerra, e mais em o negocio que antre as mãos tínhão de tão poucos dias, como era o desbarate pasado, Roque de Fárão, mancebo criado na guerra e costumado ir em todas as almogaverias, entradas e montes, e a continuação destas cousas e ele ser esperto o fez tão pratico que todo o campo muito bem sabia, e, quando era necesario atalhar ou buscar e mandar dez ou vinte de cavalo por ele, era o primeiro que mandávão, e, pera sair de ũa aldea ou serra e tomar ũa melhora, ele era o que guiava, e asi o capitão e Diogo da Silveira descansávão quando ele ia diante, — pois estando ele nesta pratica dise que se o capitão lhe dése trinta de cavalo faria ũa boa presa, por serem dias de festa e os mouros lhe parecer que na festa e desbarate tínhão que fazer, e mais sabendo que os cavalos érão d'erva. O alcaide-mór, Fernão Núnez, pesoa honrada, respondeo: «Se vos parece eu pedirei licença pera trinta de cavalo, e quero ir convosco». Todos alvoroçados disemos que todos iriamos e todos tinhamos credito nele, Roque de Fárão, e logo o alcaide-mór se levantou e foi pedir licença, a qual lhe o capitão deu, mas, chamando Roque de Fárão e examinando o donde queria ir, lhe estrovou seu preposito, dizendo que era lonje, por os cavalos estarem fracos, mas que fose ás bocas de Benamares e armase aos atalhadores; e, despedidos do capitão e postos a cavalo, Artur Rodríguez, almocadem, dise que queria ir com Roque por seu companheiro.

Pois postos a cavalo e cerrando-se a noute, fomos postos na ribeira e, tomando o caminho do Rio Doce, fomos tomar a folga ao Amame, donde os cavalos enchêrão as barrigas de muita e boa erva, e, tomando o caminho de Benamendux, entramos dentro da boca ante-menhã, que, como

2. acaba] se acabou B N L M. — 2. sol] soldo A.

não vimos atalhadores, nem ouvimos rebate, estivemos em cilada até pasado o meio-dia, e, correndo as tranqueiras, foi alcançado um mouro e um bom golpe de gado groso e meudo, em que avia trinta reses vacũas e setecentas cabras, carneiros e ovelhas, e, tomado o mouro e tanjendo o gado, demos com ele no campo, primeiro que os mouros fosem ás tranqueiras, e, sem nenhum risco, nem trabalho, muito contentes, antes que fose noute, fomos juntos com Muliana, vindo o alcaide-mór que não cabia de prazer, por ser a licença sua e ele ir nomeado por capitão, e asi Roque de Fárão por ser a primeira vez que sobre si levou jente; á meia-noute chegamos á vila, sendo do capitão muito bem recebidos e Roque louvado e com fama, ainda que durou pouco, como em seu lugar se dirá. O gado foi vendido e a vila abastada de boas cabras e leite, asi que foi começo de não tardar que não viese trigo de Malega e do porto de Santa Maria, que o inverno não pode estrovar que não fizese um só dia de norte, que não aviamos mester mais pera nos virem navios do Algarve e do porto de Santa Maria e de Cáliz, e muitos dias de levante com que eramos providos de Jibaltar e Malega.

Fiz esta memoria aqui, fora de preposito, pera decrarar que o inverno não estrovava irem navios a Arzila, e que o arrecife, de que os que o não sabem tem arreceo, não era mao porto senão quando não avia nenhum bom, quero dizer que, por muita tormenta que fizese, um só dia de bonança ião navios e entrávão nele.

Tornando a despedir esta almogaveria, logo na entrada deste janeiro tivemos abastança de trigo, vinho, carnes e muito mais do contentamento da vitoria pasada, o que nos Deos sempre proveja, por sua grande misericordia.

CAPITULO L

Como el-rei de Féz deceo abaixo e correo Arzila e a Tanjere e do que o capitão ententou e dalgũas escaramuças que se travárão

Com a prosperidade e contentamento que na vila avia, Diogo da Silveira foi algũas vezes fora, das quais idas não fez nada, ũas por ser sentido e outras por o campo ou campos andarem recolhidos e de medo deixarem de fazer suas lavouras e milharadas; e, com estas escramações, el-rei de Féz detreminou de nos correr e deceo abaixo a favorecer as serras nosas vezinhas, e, entrando o mês d'abril, com muita infinda jente entrou no noso campo, com vontade de nos fazer o maior dano que pudese, sendo o principal desta vinda o alcaide d'Alcacere, a quem el-rei honrou e favoreceo, dando-lhe muitos cavalos, e asi Mulei Abrahem, seu cunhado, com que tornou a refazer sua rua de cavalos, e,

correndo nos por ambos os campos, nos cenjirão toda a vila de mar a mar, mas quis noso senhor que não recebemos dano, por o capitão ter nova da vinda d'el-rei abaixo e andar recolhido, de maneira que nem ás tranqueiras ouve escaramuça, querendo o capitão por esta vez acatar a el-rei sua dinidade; e, não fazendo outro dano, logo aquela noute pasou a Tanjere, e, correndo-lhe ao outro dia, os achou avisados, por um barco que logo o capitão aquela noute mandou da vila; e, vendo el-rei que não podia fazer nas pesoas e gado dano, se tornou aos pães, comendo-os e talhando-os todos, donde se deteve tres ou quatro dias, ouvindo-se a artelharia em Arzila; e sospeitando que se detinhão em talhar e comer os pães e que não leixaria de fazer outro tanto em Arzila, e que de força avião de tornar a correr a vila, e cuidando o capitão que sua certa corrida seria do Palhegal, porque pasando polo porto d'Alemoquique cortávão logo ao Facho, por ser ao través, e, tendo isto concebido em sua fantesia, ententou um feito asaz perigoso e d'espantar, que foi poer em obra de pelejar com el-rei e dar em sua dianteira; e pera isto nos levou dous dias, um após outro, ao vale do Facho, donde estivemos em cilada, esperando que a jente saise e nos correse do Palhegal, e pasase e afiase polo porto d'Alemoquique, por aquele ser o seu dereito caminho e cilada acostumada, quando el-rei tornava e vinha de Tanjere, que, saindo e pasando ao porto e tomando este facho, ficava todo o campo atalhado, e, atalhando a este perigo, era sempre este porto tapado com forte valo, de ũa parte e da outra, e defendido e guardado polos capitães, que algũa pesoa o não rompese, nem por ele pasase; mas, como el-rei o leixase roto da corrida dantes, tinhamos por certo por ele seria a corrida, o que deu azo e ousadia ao capitão cometer este feito tanto arriscado, parecendo-lhe que de necesidade avião d'afiar os dianteiros, e que não pasarião de quatrocentos ou quinhentos de cavalo quando os dianteiros serião connosco, e que, dando neles vindo a fio e á longa, os romperiamps e levariamos até o porto e fariamos ũa fermosa matança, por não se poder pasar antes qne pudesem ser socorridos de mais jente, por não se poder pasar o ribeiro senão por este só porto ou polo do Canto, que era mais acima, e que o noso recolher seria ao longo do ribeiro e viriamos demandar a tranqueira da Pontinha, noso dereito caminho, por estar donde o vale e valo do Facho entesta neste ribeiro, que, perdendo nesta Pontinha o nome, dali abaixo fica em Rio Doce.

Posto que tudo isto parecia estar feito e mostrava querer-se fazer um notavel feito, por sermos cento e noventa de cavalo e favorecidos da vitoria pasada, avia outros contrairos: ser a terra muito larga e poderem-se espalhar melhor, e, já que com nosa vitoria chegasemos á varzia e porto, e de força nos ouvesemos de recolher, aviamos de trazer connosco todos os espalhados e os que mais pasasem, e na varzia aver caldeiras, e o de nós que caise não podia ser cobrado, nem recolhido, e avia de ficar, e,

ficando um sómente, dava animo pera pegarem connosco, pois sua natural natureza é fujirem dos rostros, quando lh'os móstrão, e pegarem nas costas como abelhas; e tãobem da tranqueira á vila não avia valo e ser terra muito larga, e podiamos achar jente diante, que pola praia era muito certa; e, posto que Lourenço Pirez de Tavora e Manoel da Silveira pedírão ao capitão que a ambos lhes dése a dianteira com cincoenta de cavalo, e ele ficase com a mais jente em corpo, ao capitão pareceo milhor não os apartar de si, por que não se fizese algum desmancho, porque nenhuns apartados guárdão a ordem que seus capitães lhes mândão; e deste parecer foi Fernão Caldeira e Diogo da Silveira, que a jente estivese toda junta, e não pasase do capitão nenhum, nem fizese mais do que ele fizese, o qual, todo aquele dia e o outro que com ele estivemos nesta ordem, esteve com Fernão Caldeira e Diogo da Silveira em cima de nós outros, dando vista á outra banda do porto, ás vezes paseando, e ás vezes quedos, pera ver arrincar a jente e considerar os pasados, e se vínhão grosos ou á longa, de maneira que lhe não ficase cousa por ver, e com toda esta ordem, pasamos dous dias; mas, como el-rei sabia que era sentido e seu intento era atalhar e comer os pães, asi como vinha de caminho com suas batalhas e bandeiras despregadas, pasando o rio d'Alfandequim e a mesma atalaia, veio asentar suas tendas no Palhegal, acima do porto d'Alemoquique, e, estendendo-se a jente de cavalo e de pé, começou a fazer sua obra, segando e talhando os pães, todavia, resguardando-se da artelharia, e, por esta maneira, não ouve o ardil do capitão efeito; e, nesta obra de comer e talhar os pães, estivérão quatro dias, avendo todos os dias escaramuças com eles ás tranqueiras, das quais naceo um notavel caso, o qual pasou desta maneira.

Posto que el-rei com suas tendas e arraial estivese no Palhegal, tão perto da vila que, com um tiro groso, chamado o Lião, lhes tirávão e os asombrava, e a jente o mais do dia andase na obra de segar e talhar os pães, todavia, em pasando os mouros, que polas ortas e pães andávão derramados, tomavamos o Facho, asi por lhes dar trabalho e os fazer cavalgar e acodir, como por darmos a comer á nosa boiada, que era asaz grande, de mais de oitocentas reses vacũas, as quais nas nosas costas saíão a pacer antre as ortas desa pouca erva dantre os caminhos, — o capitão mandou que a metesem em uns cerrados e chãos e comesem os pães deles, os quais fôrão o chão de Antonio Freire e o do Gordo e o de João Delgado, os quais pagamos no cileiro, repartidos polas reses; mas, como os mouros nos vião no Facho, como que faziamos injuria e desacato á pesoa real, érão logo a cavalo, e, com suas batalhas e bandeiras, nos vínhão lançar dela e a poder de muitas espingardadas encerrar na vila. Esta ordem tivemos quatro dias, saindo tres e quatro vezes cada dia.

Ũa destas, estando o capitão com toda a jente no Facho, eu travesei a terra de Lopo Mêndez e fui ter sobre a Pontinha, onde tive um pedaço

de lavoura, indo comigo sete ou oito de cavalo, os quais érão Pedro Afonso Homem, João Português, Fernão Meirinho e outros que por aquele vale tinhão pão sameado: e, achando-o todo cortado á espada, estivemos á fala com alguns mouros, que da outra parte do valo andávão, antre os quais era um de Benarróz, tão gabador de si mesmo que a grandes brados dise: «Conhecer vós outros João Fernândez Bravo?» Respondendo-lhe que si, dise: «Yo matarlo!» Isto dizia, porque avia poucos dias que uns almogavares de Tanjere, em que ia este João Fernândez Bravo, se encontrárão com outros da serra, e, metendo-se este João Fernândez Bravo e João Coelho antre eles, fôrão ambos mortos, como bons cavaleiros que érão, e deste feito se gabava este perro mouro, mas não tardou um ano que sua cabeça não veio a Arzila, como em tempo do conde se dirá.

Pois estando nesta pratica, chegou a nós outros o doutor, meu irmão, e Antonio Freire, e, reprendendo-me por estar em um potro de menos de tres anos, que eu ouve do desbarate pasado, e asi por esta causa, como porque as bandeiras e jente, vendo o capitão no Facho, o vinhão demandar, nos tornamos a ele, e no caminho falei com João da Silveira, o elche, e pasei a pratica que atrás fica contada, que foi a causa de sua morte, como em sua vida e mudanças fica apontado, dizendo que andava com o mundo. Os mouros, chegando ao tabuleiro do Facho, fôrão logo senhores dele, e o capitão com toda a jente se recolheo ao portal da orta do doutor, meu irmão, e eles se espalhárão polos chãos e tranqueiras; mas, como da parte da Pontinha ficasem alguns sete ou oito de cavalo, que tãobem ião ver suas lavouras, que daquela parte tinhão, e alguns mouros entrasem pola tranqueira da Pontinha e os trouxesem em voltas, até os meter pola tranqueira do Adro, estes de cavalo, com outros, se viérão poer no Barreiro, um tiro de pedra do baluarte de Santa Cruz, andando, todavia, obra de trinta de cavalo dentro e fora do adro espalhados, com medo da artelharia e dalgũa bésta e espingarda do muro, em o qual avia poucas, por todos os bésteiros e espingardeiros serem antre as ortas com o capitão; mas, como estes mouros do adro andasem escaramuçando e a terra fose um terreiro muito chão, um destes mouros caio do cavalo, o qual deu animo aos nosos, que serião dez ou doze de cavalo, a remeterem a ele, e, por os outros mouros mostrarem querê-lo recolher, os nosos, bradando: «Santiago!», os levárão até fora da tranqueira por um grande portal que no valo estava feito, donde de outros, que nas Pontinhas andávão, fôrão recolhidos, não sem muito dano deles, que, posto que nenhum caio, muitos dos nosos metêrão as lanças neles, especialmente Fernão Machado e Domingos Martinz, que estes, pasando cada um seu mouro, levárão os pedaços das lanças metidas polas costas, de maneira que, ficando antre os seus, fôrão logo mortos, e asi o fez Artur Ortiz a outro, e o que Domingos Martinz, criado de Fernão da Silva, encontrou foi levado fora dos estribos e posto sobre o pescoço do cavalo,

de maneira que lhe caio uma espora do pé, a qual Roque de Fárão trouxe com uns acicates de prata; e, tornados a recolher, virão o mouro que a pé ficara, que com a lança na mão e cuberto da adarga se ia defendendo e chegando ao chão do Conde, mas, como os nossos ião rijo, foi levado nas lanças e logo morto e descabeçado por alguns de pé, que logo ali chegárão, e qual tinha a cabeça e barba mais vermelha que ũa grã, ou por ser ruivo, ou pola trazer alfenada. Este feito saio muito bem a estes desmandados, por antre eles não aver cabeça que os rejese.

Aos brados e rebate que no adro pasávão com estas revoltas e com a grita que a jente do muro dava, o capitão com toda a jente se pasou ao adro, donde tãobem muitos mouros se pasárão, travesando os chãos de Lopo Mêndez e de Fernão Meirinho, e, em pouco espaço, se encheo deles todo o campo dantre o adro e as Pontinhas, andando todos espalhados com receo da artelharia, e alguns se metêrão dentro do adro, travando escaramuça; mas o capitão, leixando-os andar, se pôs nos Barreiros, mandando-nos pôr em ala com as costas no mar e o rosto neles, os quais, como andasem derramados e antre nós escaramuçando, aconteceo a um mouro um caso notavel, que andando escaramuçando antre nós e dando voltas com o cavalo e revolvendo um capuz, que no braço trazia, lhe caio ás mãos do cavalo e logo o mouro foi a pé pera o levantar, não sendo de nós outros mais que um tiro de pedra; mas, tanto que ele foi no chão, todos com grande grita remetemos a ele, mas ele, embaraçando-se com a marlota, que vestida trazia, e com o capuz, não pode tomar o estribo, e, vendo as lanças sobre si e o tropel dos cavalos, alargando o capuz e a lança e tomando a marlota nos dentes pola dianteira, sem o cavalo se bulir, se lançou na sela, a tempo que já as lanças o não deixárão endereitar nela, especialmente a de Jorje Vaz Magalhães, que ele afirmava meter-lhe o ferro polas costas, mas o mouro, asi debruçado sobre o pescoço do cavalo, que ruão e leal era, acertando um portal do valo, se salvou, levando ante si outros mais de dozentos de cavalo; e, como sobre as Pontinhas asomase muita jente, o capitão nos fez recolher, sem os mouros mais ousarem entrar dos valos a dentro, e nós ficamos falando na ousadia do mouro e lealdade do cavalo, que, verdadeiramente, esteve tão quedo e leal, esperando por seu senhor, que, posto que sentio o estrondo de perto de dozentos de cavalo, não fez nenhũa mudança, até não ver a seu senhor sobre si, e, recolhido, apertou tão rijo que o tirou e salvou dantre todos. O capuz e lança foi recolhido dos de pé, e os primeiros fôrão André d'Elvas, barbeiro, e Fernão Diaz, filho d'Alvaro Díaz, ferreiro, e de Vila Nova, mercador, os quais todos tres partírão a valia do capuz e touca, com que vinha atado, e lança; e na pratica deste mouro e como se salvou, pola bondade e lealdade do cavalo, gastamos aquele dia e outros muitos dias.

Este dia nos recolhemos alegres e com vitoria, pois diante de tanta

jente lhe matamos tres mouros e outros feridos, e um cavalo tomado. mas os mouros, tendo já feito sua obra, que era comer e talhar os pães, se levantárão e fôrão seu caminho, el-rei pera Féz e os alcaides cada um pera sua casa; e asi desta vinda ficou Benjija por alcaide de Jazem, em lugar do alcaide Mafote. o qual avia nome cide Hamete Benjija, pesoa muito nobre, asi em sangue, como em nobreza de sua linhagem. sendo dos mais principais alcaides do reino, e asi por sua lealdade e pesoa muito valido d'el-rei e do reino de Féz; e, porque deste alcaide ao diante se fará muita menção, asi em ũa mui grande batalha que com o conde do Redondo ouve, em que ele foi desbaratado. como em outras que em defensa do reino com os xarifes ouve, fiz dele esta pequena lembrança, pois desta vez ficou por noso vezinho e fronteiro, pois de Jazem a Arzila não ha mais que catorze leguas, cinco a Alcacere e nove de Alcacere a Arzila.

Recolhido el-rei de Féz, deixando os pães talhados e comidos, não sem muitas escramações dos mouros, nosos vezinhos, que, vendo que Arzila ia engrosando com jente de cavalo, e que o dano feito por el-rei e por a jente de Féz eles o avíão de pagar, pois érão nosos vezinhos e tinhão suas lavouras, em que nos podiamos vingar, requerêrão a el-rei e a Mulei Abrahem não nos destroisem os pães, pois eles lh'o avíão de pagar, com lhes nós destroirmos os seus; mas não prestou tudo isto nada, que, como el-rei era novo, queria mostrar-se imigo de cristãos, e que ele proveria de maneira que não recebesem dano, e, leixando encomendado ao alcaide d'Alcacere a guarda destas serras, se sobio a Féz; mas o capitão, como teve nova ser cada um em sua casa, lhes não deu lugar que pusesem guarnição, e logo trás eles mandou Artur Rodríguez e Afonso Barriga e Estêvão Fernândez e Roque de Fárão que com corenta de cavalo fosem entrar e fizesem o mais dano que pudesem, e, posto que ainda era no mês de maio e os pães estávão verdes, eles destroírão á espada e com os cavalos os mais que pudérão, porque, entrando os nosos junto com Mençara, se lançárão em cilada em um fermoso pão, donde os cavalos tivérão ũa boa madrugada e parte do dia; mas, como ao que íão não era mais que talhar e cortar, não esperárão que fosem descubertos, nem por outra presa, e, saindo da cilada, se pusérão a cortar com as espadas e a pasear em ala por donde vião que o pão era mais forte; e com este pequeno dano [dérão a entender a vontade que lhes ficava] [1] pera outro mór que adiante recebêrão, queimando-lhe logo muitas eiras e grandes medas, e todo o mais do campo d'Algarrafa até Alexarif, com que ficárão asombrados e viérão a não fazer dano nos pães, como em tempo do conde do Redondo se dirá.

1. [dérão a entender a vontade que lhes ficava] *f.* A.

CAPITULO LI

Como o capitão Antonio da Silveira queimou o pão d'Algarrafa em vingança da tala que el-rei nos fez

O capitão, Antonio da Silveira, nenhum outro cuidado mór tinha que como destroiria e queimaria os pães dos mouros, em especial os d'Alcacere Quebir, e pera esta obra mandou fazer muitas rocas de fogo, pera que com elas mais facil esta crua obra pudese ser feita, ou por sua pesoa, jente e bandeira, ou por alguns mouros peitados que, por dinheiro, quisesem poer fogo, donde mais dano os pães recebesem; mas como o mês de Sam João viese e as calmas tivesem consumido a verdura do inverno, e tendo boa nova, o capitão, sem mais aguardar, mandou dar ás trombetas, levando ũa azemela carregada das rocas, e, tomado o caminho d'Alcacere, fomos cear á fonte do Zambujeiro, na mesma estrada d'Alcacere, e dali, por Alhadra e Taliconte, fomos amanhecer á ribeira da Ponte, antre ela e o porto d'Algarrafa, donde esperamos que o sol e o dia consumise e gastase as umidades da noute, e o fogo, com menos trabalho, fizese sua obra e donde a ribeira da Taliconte se mete na da Ponte; mas como visemos dous fachos, que sobre aquela grande varzia estávão, povoados, e que não podiamos pasar ao campo d'Alexarif sem sermos vistos e sentidos, e que donde estavamos adonde as lavouras érão avia duas ou tres legoas, as quais aviamos de ir de milhora, por nos pormos da parte de levante, que então ventava, o que não se podia fazer, pola jente d'Alcacere, que então saia a repique, não nos deixase espalhar, nem estender, como era necesario, pera que o fogo tomase comprida ala, — e, todo mui bem considerado, o capitão mudou o conselho e se detreminou ir ao longo da ribeira de milhora correr Algarrafa, e, postos a cavalo e pasando a ribeira de Taliconte e ao longo da grande [varzia][1], encubertos com muito arvoredo da ribeira e grandes ervaçais, fomos ter junto com o Porto Largo, donde corremos sendo já meio-dia e os segadores recolhidos, como é costume antre os segadores irem buscar as sombras e ter as séstas nelas e descansar do trabalho do dia; e, como o capitão ia fazer mais dano nos pães que nas pesoas, repartindo polos corredores as rocas que levava, mandou que, entrando o mais que pola serra pudesem com as rocas encendidas, cortasem o mais do campo que pudesem, pera que o fogo em ala cenjise os mais dos pães, e com esta ordem arrincamos, espalhados bem polo campo e não parando

1. [varzia] *f.* A.

até as tranqueiras. Alguns de cavalo entrárão por elas, entre os quais se asinalou neste dia Manoel da Costa, natural de Serpa e amo do capitão, que, entrando polas tranqueiras diante dos nosos, foi recebido de tres mouros de cavalo, que ao rebate acudíão, dos quais foi encontrado de tal maneira que os dous mouros viérão ao chão, um da lança e outro do encontro, e, sendo estes alanceados polos que detrás de Manoel da Costa vinhão, o outro se salvou, tornando por donde vinha, e, recolhendo os dous cavalos, se recolhêrão a poder de muitas lanças d'arremesso da jente de pé que acudia da aldea; mas a este tempo, como os nosos chegasem ás eiras e outras grandes medas de pão, que da resteva tinhão apanhado, polo dano dos pardais, que as paveas deles recebíão, usando do que lhes era mandado, acendendo as rocas e leixando-as gotejar aquelas gotas tão perjudiciais do enxofre, começando a se levantar grandes lavaredas de fogo, acrecentou grandes excramações antre os mouros e mouras que o víão, e conhecêrão que eles pagávão o dano feito polos de Féz e d'Alcacere; mas, como o fogo tomase ala, com a calma do dia e o vento levante, que a este tempo soprava, em pouco espaço a rejião do ar foi cheia de espeso fumo, e o fogo consumio toda a mais parte dos pães d'Algarrafa e doutras suas vezinhas e, estendendo-se, pasou a ribeira da Ponte, donde tãobem os d'Alcacere recebêrão muita parte deste dano, de maneira que aquele dia conhecêrão que o fogo lhes podia fazer muito mais dano do que as nosas sementeiras importávão; e foi este dia causa que o ano seguinte, antre o conde e Mulei Abrahem, se asentou que os pães não recebesem dano, o qual concerto durou todo o tempo que el-rei de Féz foi rei, mas como o xarife, rei de Suz e de Marrocos, o prendese e lhe tomase o reino, que foi na entrada do ano de corenta e nove, como tirano e estranjeiro nos mandou atalar e cortar os pães, que érão asaz muitos pera nós e pera um lugar de guerra, a qual tala começou sabado de Ramos e durou toda a semana santa do dito ano de corenta e nove; e sem fazer este tirano, nem intentar outra cousa contra nós, somente a tomada de Féz, pôs tanto espanto neste reino que logo no agosto seguinte el-rei, noso senhor, lhe mandou alargar Alcacer Ceguer e Arzila, avendo cem anos que Alcacere fora ganhado por el-rei Dom Afonso o Quinto e Arzila setenta e oito polo mesmo rei. Calo os danos que esta leixada causou, pois todos sabem as mortes dos capitães de Tanjere feitas pola jente d'Arzila e os muitos gastos de soldados e galés que esta leixada causou; e, porque neste caso tenho falado mais largo do que me é dano [1], torno ao noso fogo d'Algarrafa, donde me apartei.

Vendo o capitão que era feito o que ele desejava, que era queimar os pães, se começou a recolher com o que se pode alcançar, que fôrão seis almas e tres cavalos e vinte reses vacũas, e, sem nenhum estorvo, com

1. me é dano] tenho licença, mas a dor m'o causa B N L M.

muito contentamento nos viemos á vila, deixando naquela aldea muito dano feito e no campo d'Alcacere Quebir, e ficárão as outras tão temorizadas, parecendo-lhe que nos não contentariamos com sómente o dano d'Algarrafa; mas, como este feito foi mais polos amedrentar e nos satisfazermos que não que o pão recebese dano, o capitão se contentou por este ano e eles ficárão escarmentados.

CAPITULO LII

De ũa grande e notavel almogaveria que Artur Rodríguez fez em Çumete a qual chamamos «a das muitas cabras»

Pasado esta cavalgada e queima, não se tardou muito que o capitão, Antonio da Silveira, deu licença a Artur Rodríguez, almocadem, que fose fora, e com ele se ajuntárão os outros almocadens e homens do campo, como Afonso Barriga, Roque de Fárão, Estêvão Fernândez, até corenta de cavalo, e, guiando Artur Rodríguez, os levou pola parte de fora de Benagorfate e ante-menhã os meteo em cilada antre Çumete e Aliom, levando, todavia, das rocas de fogo, as quais lhe não servírão, por estarem já os pães recolheitos e toda a ribeira queimada, e, parecendo-lhes que érão descubertos e que não avia cousa viva por aquela parte, e que era já pasado muita parte do dia, saindo da cilada, se quisérão tornar caminho da vila; e, como a terra estava queimada, querendo encurtar o caminho, se metêrão por antre a Ribeira Grande e o pé d'Agoní, que é aldea que está na ponta da serra de Benagorfate, sobre a ribeira e sobre a boca que dizemos de Capanes, mas, como os nosos dérão vista a estoutra parte, logo fôrão vistos da aldea d'Agoní e dando rebate; os nosos vírão e conhecêrão o campo andar desmandado, que, como aquela menhã os atalhadores das duas bocas de Capanes e de Benamares se ajuntasem, leixando-as seguras, os gados começárão a sair de todas as aldeas vezinhas á Ribeira Grande, como Mençara, Fiquer, Alhazana, e, como a terra estava toda queimada, a boiada ou boiadas se deteve nas serras, mas o gado meudo, especialmente as cabras, que eles trazem de mestura do gado ovelhum, achando a terra queimada, não parou até se estender ao longo da ribeira.

Os nosos, vendo o campo largo e a presa diante dos olhos, correndo sem ordem, se estendêrão tanto que, pasando a ribeira, se metêrão polas serras trás alguns de cavalo, que um grande golpe de gado vacum levávão recolhendo, o qual fôrão alcançar tão perto das tranqueiras que a jente de pé lh'o defendeo, por não serem os nosos mais de tres ou quatro; e não se contentando de salvarem o gado vacum, vendo ser os nosos tão

poucos e espalhados, os de cavalo os tornárão a vir demandar, e, querendo apegar com eles, voltárão e derribárão um mouro, dos de cavalo, e querendo fazer algũa resistencia, por ser socorrido dos seus, Simão Vaz Arráiz, que foi o que o derrubou, o matou, e se recolhêrão pera donde avíão leixado o gado cabrum, o qual recolhêrão pola outra banda de Çumete com alguns quinze de cavalo, que daquela parte se ajuntárão, e Artur Rodríguez, recolhendo toda a mais cantidade de gado que da parte de Zahara achárão, se recolheo pola boca de Capanes; e, sendo ainda parte do dia por pasar, se viérão ajuntar ao pé d'Alicototo, entrada da serra de Benagorfate, com muito contentamento de todos, por tão boa presa, como Deos lhes avia dado, e, ajuntando o gado um com outro, pasávão de duas mil cabeças de gado meudo e ũa moura e um potro, que Fernão da Silva ouve, que depois saio muito bom cavalo; e, como o campo era todo queimado, repartindo o gado em quatro ou cinco magotes, o tanjêrão de maneira que, antes da meia-noute, chegárão á vila com toda sua cavalgada, que foi muito grande abastança pera a vila, que, enchendo-se os moradores de cabras de leite, o capitão tomando seu quinto, que pera Portugal mandou trazer, as outras comprou Jorje López juntas, de que se escolhêrão quatrocentas cabeças pera a condesa, que já a este tempo o conde era despachado e esperavamos por ele; e o outro gado macho e de menos proveito se cortou no açougue, tres arrateis por meio vintem, e as ovelhas, por a terra o não poder sofrer, as vendêrão pera Castela, e ficou por nome a esta almogaveria «a das muitas cabras». Fizérão-se nesta almogaveria perto de oitocentos cruzados, e sairão as partes a perto de seis mil reais, e com isto andava o capitão tão contente, parecendo-lhe leixava a vila avantejada de como avia achado, asi de jente de cavalo como de mantimentos, mas a fortuna, imiga destes tais contentamentos, não quis que d'Arzila saise tão contente como se mostrava, dando-lhe logo um pequeno açoute, como neste capitulo direi.

CAPITULO LIII

Como se perdêrão oito de cavalo atalhadores ou monteiros que o capitão mandara fora em dia de Nosa Senhora d'Agosto

Mui diferente era neste tempo o cuidado do alcaide d'Alcacere do do capitão, Antonio da Silveira, por o alcaide não desejar senão fazer todo o mal e dano que pudese a Arzila, e o capitão de a guardar e defender, e por esta causa não curava mais que segurar-se, com as atalaias andarem recolheitas, quanto bastava a dar de comer á boiada

e ao gado meudo, que era muito, e pera andar mais seguro mandava todos os dias cavalgar vinte de cavalo, e, favorecendo as atalaias, ficávão em guarda do gado. Ajudava a este recolhimento as novas que cada dia do reino íão, que o conde era despachado, e que seria em Arzila por todo o mês de setembro, e, querendo-lh'a entregar prospera e com todo contentamento, não queria ter pendença, o que se não pode escusar, como logo contarei, porque chegado sabado, bespera de Nosa Senhora d'Agosto, alguns de cavalo lhe fôrão pedir licença pera irem a montear, e, vendo que os que lh'a pedíão érão homens do campo e de bom recado, e que ao outro dia era domingo e dia de Nosa Senhora [d'Agosto] [1], e que nós não ousariamos fazermos obra, nem sair ao campo mais que quanto bastava dar de comer ao gado, e que não era rezão ouvese jente no campo, lh'a concedeo com tal condição que não saisem de seu mandado e ordem, e, preguntando quantos avíão de ir, disérão que oito, por não levarem trabalho em partirem os quartos. O capitão lhes dise que sairíão da vila á meianoute e irīão de dous em dous, e que dous irīão amanhecer sobre o Zambujeiro e dous sobre o Xercão e dous em Muliana, e se virīão ajuntar no Zambujeiro do Xercão, e que, deixando as estradas e tudo seguro, monteasem até noute, porque ele queria, com lhe segurarem o campo, dar ũa boa guarda de lenha á vila, a qual seria em Alecasapo; e, concertado esta ordem, se pusérão a cavalo os da licença, que érão Bertolameu Rodríguez, do conde, Pero Fernândez o Torto, Roque de Fárão, que já a este tempo sabia muito do campo; os outros companheiros nomearei adiante. Se guardárão ou não guardárão o mandado do capitão não me entremeto, sómente contarei como se perdêrão.

Estes, vindo as oras que da vila avíão de sair, chamando os companheiros, fôrão ter á porta de Fernão Machado, que oje é estribeiro do conde rejedor, o qual se escusou, dizendo que seu cavalo estava descanelado e não avia de ir fora até o ferrar, e, não podendo com ele que cavalgase, chamárão um seu vezinho, que Fernando Afonso avia nome, o qual, sendo ortelão, casara com Felipa Botelha, mourisca, e por esta causa era favorecido de Diogo da Silveira e lhe fez comprar cavalo e lh'o asentárão, o qual, como vio que o chamávão pera feito de homens, foi logo em pé, tendo que lhe fazíão muita honra em o chamarem e levarem consigo, por-[que] [2] os homens d'Arzila, que lhes parecia que prestávão em montes e almogaverias, não querīão ir senão apartados, e chamávão aos outros [3] sofeliços [4], e este, por ser um vilão ortelão, e que avia pouco que tinha cavalo, teve em muito ser chamado, o qual aquele dia se asinalou em sua morte milhor que nenhum dos seus companheiros, os quais, sendo a cavalo e

1. [d'Agosto] *f.* A. — 2. [que] *f.* A. — 3. e chamávão aos outros] e não chamavão aos outros B N M. — 4. sofeliços] sofelicos L; *f.* B N M. *Ignoramos a significação dêste vocábulo.*

abrindo-lhe as portas, sairão da vila e, guardada a ordem ou não guardada, fizérão seu monte e, carregados de carne, se vinhão caminho da vila, dereitos ao Furadouro d'Almenara; mas, tanto que do Zambujeiro ao Xercão descobrirão a Pedra Alta, logo virão nela jente de cavalo, e, dizendo uns a outros: «Jente está na Pedra Alta!» Pero Fernândez o Torto e João López do Pombal disérão: «O capitão é que oje quis dar guarda larga!» e com esta só palavra confuscárão os sentidos, de maneira que nenhum repetio mais se érão mouros ou cristãos, sómente seguírão seu caminho, fazendo-me verdadeiro no que atrás hei apontado, que a nós outros nunca nos parece que emos d'achar outra cousa diferente do que imos buscar, como estes fizérão, que, sendo mandados polo capitão e avisados, não lhes lembrou que outra cousa podião achar senão porcos; e com esta segurança, não fazendo mais conta da jente que na Pedra Alta avião vista, muito seguros seguírão seu caminho, e, pasando o Furadouro, viérão ter sobre os corregos de Redemoinhos, donde em um brejio decêrão toda a carne e a quisérão partir, por cada um levar seu quinhão ou parte; e ali, por lhes parecer cedo, quisérão bater ũa silveira, por verem rastro fresco, e, pondo-o por obra, metêrão os cães nela, mas Roque de Fárão que, por ser muito fragueiro e desmanchado, por trazer seu cavalo fraco, lhes dise: «Eu quero mais pacer que montear!» e tirando o freio a seu cavalo o meteo no brejio; mas ainda as palavras não érão ditas quando a jente deu sobre eles, que, como lhes saio da parte da vila, os rebatêrão por donde vinhão, e, tornando a sair polo Furadouro fora, se espalhárão pera o Zambujeiro e Alfandux, donde todos se perdêrão, sómente Roque de Fárão, que a pé ficou, que, vendo toda a jente pasar por si e ir trás dos companheiros, com a barriga polo chão, alcançou o corrego de Redemoinhos, donde se embrenhou e se salvou, posto que os mouros o buscárão, que, vendo o cavalo, não ficou cousa que não buscasem, pondo fogo a toda a ribeira; mas ele, como homem do campo, esteve em um corrego d'agoa, pasando o fogo por cima dele, e metendo debaixo da agoa o corpo e a cabeça, sofrindo como quem mergulha, que a lavareda do fogo pasase por cima da agoa, que não entregar-se a seus imigos, e, meio chamuscado, o leixárão, não o podendo achar, e por Redemoinhos abaixo se veio á vila.

Tornando aos mouros, o alcaide d'Alcacere, como desejava fazer dano á vila, aquele dia acertou destar no noso campo, esperando monteiros; ou por os nosos não guardarem a ordem do capitão, ou por os mouros entrarem depois dos nosos ser pasados, eles estávão na Pedra Alta a tempo que os nosos travesárão o Xercão pera o Furadouro, e, como dos mouros fôrão vistos e os vírão vir seguros, encobrindo-se os fôrão esperar diante, donde nenhum deles virara o cavalo; mas, como os vírão remuinhar e espalhar, parecendo-lhe que os nosos tomávão sentimento deles, corrêrão a os cenjir e atalhar diante, a que nenhum tomase o caminho da

vila, e por esta causa os lançárão pera o campo, os quais, como os mouros érão muitos e eles sete de cavalo e cansados do monte pasado, os fôrão alcançando e matando, sem nenhum deles escapar, nem fazer cousa de que se pudese fazer memoria, nem nenhum deles parecer, nem sabermos donde morrêrão, por os acharem estremados e espalhados; e, posto que todos eles érão bons cavaleiros e se avião visto em muitas cousas e nelas se asinalárão, deles não ouve mais nova que contarem os mouros que nenhum pelejara, senão o Fernando Afonso, ortelão, que, avendo um corrego á mão ao Zambujeiro, ajuntou derrador de si cincoenta de cavalo, primeiro que o entrasem, e, por o alcaide lhes ter mandado que não desem vida a nenhum, o matárão, depois que lhe não ficou cousa por fazer, não como quem ele parecia, senão como estremado cavaleiro. Desta maneira acabárão estes sete moradores, todos casados, com molheres e filhos, em dia asinalado de Nosa Senhora d'Agosto do ano de mil e quinhentos e vinte nove, os quais érão Bertolameu Rodríguez, criado do conde de Borba, Pero Fernândez o Torto, João López do Pombal, Luis Diaz, Bastião Fernândez, jenro de Nuno Álvarez de Carvalho, Fernando Afonso, João Fernândez Rapa-pelo.

Pudera neste dia acontecer outro mór desmancho, que, parecendo ao capitão que estes monteiros tínhão atalhado o campo, mandou ao adail que aquela tarde dése ũa boa guarda de lenha em Alecasapo, o qual, mandando as atalaias á Aldea Velha, deu com os moços na aldea e varzia d'Alecasapo, donde nenhum pudera escapar se os mouros corrêrão a vila, o que leixárão de fazer, por averem vista dos nosos monteiros, e tãobem por o alcaide recear a corrida, por não trazer mais que oitocentas lanças, com as quais lhe saio mais seguro levar sete homens e os matar e oito cavalos que ententar a corrida.

Outra cousa notavel aconteceo neste dia, que se não pode crer, que foi ouvir-se dentro na vila o atambor do alcaide, tanjendo-se duas legoas e meia e mais da vila, que, sendo os nosos já mortos e querendo o alcaide recolher os seus, estando já em Alhadra, dèrão os atambores a recolher, e, estando muitas pesoas asentados na escada dos contos, o ouvírão, dizendo uns que ouvião artelharia e outros que tremia a terra, de maneira que, pondo-nos a escuitar, nos afirmamos ouvir um rumor d'artelharia, mas não que caisemos serião atambores, e muito milhor se ouvio polo campo; e, sem aver nenhũa sospeita, se pasou aquela tarde até chegar Roque de Fárão, que, sem aver rebate, veio pola ribeira abaixo e saio ao porto do Canto e, polas Pontinhas, veio á vila, e, contando ao capitão tudo o que vira e era pasado, nos pusemos a cavalo e fomos acabar de recolher a guarda, com que o capitão ficou desagastado algũa cousa, em toda vir salva sem rebate. Todas estas meudezas soubemos de Roque de Fárão e de mouros que com o alcaide se achárão neste dia.

Não quis a fortuna que este valeroso capitão viese ao reino com a

honra e contentamento que até [a]li [1] tinha, sem que no cabo de sua boa governança recebese este desgosto e outro, que logo deste naceo, que foi dar-se e ficase mal com dous moradores honrados, um o contador, Diogo Mazcarenhas, e Pedro Afonso Homem, e pasou desta maneira. Nestes sete moradores mortos, Bertolameu Rodriguez era do abito, e Pero Fernândez tinha quatro mil reais de tença de homem de campo. Este abito [e tença] [2] quis o capitão que os ouvese Manoel da Costa, seu amo, e Estêvão Fernândez, a quem ele tinha obrigação, asi por muitos serviços, como por a molher d'Estêvão Fernândez ser muito de sua casa; e, tanto que teve nova serem mortos, quis mandar este Estêvão Fernândez a Portugal a pedir esta tença e abito, e, dando-lhe cartas pera el-rei, noso senhor, o fez embarcar em um barquinho de pescar, mandando que nenhũa carta trouxese, nem viese em todo o barco; mas como o arráiz do barco, que era João Vaz o Maio, que depois morreo elche, tornando-se mouro, levando o mesmo barco, que meu era, em o qual fez asaz de dano, como em seu lugar direi, descobrise ao capitão que levava cartas, que o contador, Diogo Mazcarenhas, lhe dera, tomando-lh'as o capitão e abrindo-as, se escandalizou muito do contador e de Pedro Afonso Homem, cujas érão, as quais mandávão ao conde, fazendo-lhe saber ao que Estêvão Fernândez ia, pedindo-lhe que ouvese o abito e tença pera João de Deos, irmão de Pedro Afonso Homem, alegando os serviços do dito João de Deos e sete anos de cativeiro, em duas vezes que fora cativo, como atrás fica contado, e que o capitão queria [3] fazer os seus e pagar-lhe com as mercês d'elrei, devidas aos moradores de mais serviços. Destas cartas e palavras se escandalizou o capitão tanto que logo os fez prender, dizendo que os avia de castigar asperamente, mostrando-se contra eles mais queixoso do que sua freima requeria e a culpa era, e, perseverando, os teve presos em suas casas até a vinda do conde, que foi dahi a mês e meio; mas, tanto que o conde chegou, ele em pesoa os foi soltar e lhes pedio perdão com tanta umildade e amor que não tão sómente pareceo bem a toda a vila, mas eles, presos, lhe ficárão em obrigação.

1. [a] *f.* A; *f. êste passo até ao fim do capítulo* B N L M. — 2. [e tença] *f.* A. — 3. queria] querendo A; *f. toda esta página nos outros mss.*

CAPITULO LIV

De como o alcaide d'Alcacere nos tornou a armar deitando-se em Mejileo e os almogavares em Tendefe e não fez nada e se tornou

Deste feito e suceso dos monteiros foi o alcaide tão contente e soberbo, saindo-lhe a seu preposito e achar o que veio buscar, que, não se contentando com matar sete homens, moradores daquela vila, que não pasárão muitos dias que tornou a entrar em o noso campo, e, mandando entrar trinta de cavalo no Malhão de Tendefe, se ficou com toda a jente em Mijeleo, legoa e meia da vila, parecendo-lhe que, sendo os almogavares sentidos, o capitão lhes armase; mas, como as atalaias não pasasem da Alfarroubeira e que estávão a pé e que não avíão de pasar dali, por os traveses estarem já em seus postos, fizérão saber ao alcaide o que pasava. O alcaide lhes mandou dizer fizesem polas saltear, milhorando-se o milhor que pudesem, e, pondo-o por obra, como o campo era todo queimado, fôrão sentidos por ũa das atalaias, e, dando rebate, se descobrírão os que no Malhão ficárão, que logo acudírão aos seus que polas costas do rosto viérão até [a][1] cilada de Antão Gômez, com entenção de se meterem na canaveria[2] de Tendefe. O capitão saio a rapique com toda a jente, e do Facho, vendo ir os mouros pola Atalaia Alta acima e paseando, nos fomos até a Atalainha das Palmas, donde soubemos e tivemos recados do rebate, e que as atalaias érão salvas; e, vendo o alcaide que não pasavamos dali, se descobrio e se mostrou em ala, mais por nos amedrentar que por outro algum fruito.

Com estas duas vindas do alcaide favoreceo os seus, de maneira que logo nos corrêrão duas vezes almogavares, mas, como nós andavamos recolhidos, que não entendiamos senão em guardar noso gado e em lhe dar de comer, e eles não ousarem a entrar muito, não fizérão nada; e desta maneira pasou o mês d'agosto e todo o de setembro, que chegado o dia do anjo Sam Miguel, que cai a vinte nove de setembro, pareceo ũa grande frota, em que o conde Dom João vinha, e, chegando ao arrecife, os navios começárão a entrar com grande alvoroço e contentamento de toda a vila, como aqueles que recebíão seu natural senhor, e tal como o conde Dom João Coutinho era; o qual foi recebido do capitão, Antonio da Silveira, com aquele amor e gasalhado e honra que tais pesoas e tão excelentes capitães e tão parentes se devíão, oferecendo-lhe a governança

1. [a] *f.* A — canaveria] canaveira B N L M.

da vila, e que logo se fose ao castelo, donde já estava feito e aparelhado apousento pera a condesa, o que o conde não quis aceitar, dizendo que não tomaria cargo da vila até sua mercê ser embarcado; e com isto se foi pera as casas da molher de Fernão Mazcarenhas, que já dantes estavão despejadas, e pera as de Jorje López, pera as quais foi levado com toda a solenidade de alvoroço e amor que se devia, indo toda a clerezia e cruzes diante, cantando e louvando a Deos, e asi danças de homens e mulatas, isto, certo, se deve a tais senhores e capitães, porque deste nobre senhor (do Redondo) não se pode dizer, nem fazer tanto que nele mais não aja; porque alguns louvores, se os souber dar, ficarão pera seu tempo, aqui não direi mais que, em trinta anos que foi capitão d'Arzila, nunca espancou homem, nem o escandalizou de palavra: exemplo pera os que govérnão.

Tanto que o conde foi na vila, o capitão, Antonio da Silveira, se fez prestes e, aos dez dias d'outubro do dito ano de mil e quinhentos e vinte nove, se embarcou com muita saudade de toda a vila, estando a condesa na praia com todas as mais molheres, acompanhando a Dona Jenebra, a qual se despedio com asaz lagrimas; e, embarcado este valeroso capitão e os navios á vela, o conde e a condesa se recolhêrão ao castelo, e começou a entender na governança da vila, como logo em sua governança e tempo, Deos querendo, direi.

CAPITULO LV

De um feito notavel que por mar aconteceo a Pite João bombardeiro d'Arzila indo de Portugal pera a dita vila sendo acometido de um bargantim de mouros

Parece rezão que, avendo contado as mais cousas que por terra em Arzila acontecêrão em tempo deste valeroso capitão, não leixe o mar tão desemparado que pareça aver nele toda paz e segurança, e portanto direi algũa cousa dalgũas que nele acontecêrão; e, por acontecer um asinalado feito a Pite João, bombardeiro d'Arzila, o contarei.

Já fica contado que, quando o conde se embarcou, foi em ũa caravela de Jorje López e de Rodrigo Afonso, a qual se armou na vila de bombardas e das cousas necesarias á pasajem e segurança, e levando alguns bombardeiros da vila, entre os quais foi um Pite [1] João, que por condestabre foi, por ser pesoa honrada e abastada. Era Pite João natural francês e de Normandia; casou em Arzila com ũa molher espanhola honrada e virtuosa. Era este Pite João muito jentil homem e o mais limpo,

1. Pite] Peti B N; Piti L M. *Talvez* Pitê *do francês* Petit.

asi de seus trajes e casa e mesa, e milhor servido que homem de seu tempo. Pousávão em sua casa mercadores franceses, com os quais tinha negocio e trato, por cuja causa vevia abastadamente.

Vindo este com o conde e negoceando em Portugal seus negocios, querendo se tornar pera sua casa, fretou em Aiamonte um barco castelhano e o carregou de telha e madeira, pera ũas casas que fazia ao longo do muro, e, como homem enjenhoso e d'esprito, concertou uns bancos dentro no barco, donde pôs quatro berços, por serem bombardas pequenas e de camara, e metendo-se nele, partio pera Arzila, vindo com ele Lourenço Afonso, pescador e morador na vila, e outros dous homens portugueses com duas béstas e tres marinheiros do barco, que por todos érão sete pesoas; os quais, vindo sobre Tagadarte, duas legoas d'Arzila, lhes saio um bargantim de dentro do rio com trinta e seis mouros, e, por ser o vento calma, foi logo junto do barco, que vendo-o o arráiz e jente do barco se dérão por perdidos e cativos, o que Pite João não fez, que, esforçando os companheiros, se pôs em tom de se defender; e, concertando suas bombardas e camaras, entregou a Lourenço Afonso as duas que na popa do barco vínhão, que o arráiz e marinheiros lhes ajudasem, e, tomando os dous bèsteiros, se pôs na proa, donde tinha os outros dous berços e algũas panelas de polvora, dizendo aos companheiros que até ele não ser morto não consentisem entrar nenhum mouro; mas, como o bargantim chegase e envistise [o barco] [1], Pite João lhe meteo dous pelouros dentro e após eles duas panelas de polvora, que, levantando grande lavareda e fumaça, fez saltar alguns mouros á agoa e outros leixar o remo e se anovelarem na popa do bargantim, onde os dous bèsteiros empregárão dous pares de setas; e, vendo-se os mouros salteados e que o barco se ia saindo com algum bafo de vento, tornando a tomar os remos, tornárão outra vez a o investir, mas achando outra vez prestes a Pite João e a seus companheiros [de maneira que] [2] se tornárão afastar a mal de seu grado, que deu grande animo aos nosos, e já os chamávão que chegasem, o que os mouros receávão polas panelas de polvora; e, vendo que Pite João era o que os desbaratava e destroia, asi com as bombardas e panelas, como com gritar e animar os seus companheiros, e vendo não serem mais de sete homens, e que só Pite João era o que governava as bombardas, saltando da proa á popa, e que o Lourenço Afonso não lhe vagava a encher camaras e as poer armadas e cheias e tirá-las varzias, quisérão ver se com quatro ou cinco béstas, que os mouros trazíão, podíão mancar ou matar a Pite João, e, pondo-se por popa do barco, se deixárão vir ás setadas, e tãobem érão servidos dos berços; mas como já a este tempo eramos em socorro do barco tres barcos de pescar, que, tomando a vila rebate e vendo o bargantim sair de Tagadarte e ir ao barco, saindo o

1. [o barco] *f.* A. — 2. [de maneira que] *f.* A.

capitão á praia, nos embarcamos em tres barcos de pescar, em cada um oito ou dez homens de couraças e lanças e adargas e alguns besteiros e espingardeiros, com entenção de nos metermos no barco, e, vendo-nos o bargantim perto de si, tornou a envestir com o barco, donde Pite João com a espada e rodela botou dous mouros ao mar, que no barco entrárão, e, por sermos já muito perto, o bargantim se leixou ficar por popa do barco, e nós chegamos e, entrando dendo do barco, achamos os mais feridos das setas, e Pite João de duas, e Lourenço Afonso tãobem, das quais um dos bèsteiros faleceo na Misericordia, donde foi levado e curado de duas que pola cabeça trazia metidas; e, dando os barcos um cabo [ao de Pite João][1], o trouxérão[2] á vila, donde fôrão recebidos com muita honra e louvor de Pite João.

Foi, certo, este um dos grandes feitos que por mar são acontecidos, e portanto quis fazer menção dele, pera que outros, que em semelhantes lugares se acharem, defendendo suas pesoas, ganhem fama e deixem de si memoria. Soubemos[3] depois que o bargantim era de Tetuão, e que, do dano que recebeo, não pode tornar por mar e se tornou a meter em Tagadarte, donde enterrárão quatro ou cinco mortos e levárão mais de vinte feridos e queimados, e deixárão o bargantim embrenhado e se fôrão por terra, o qual fomos buscar e o não achamos, por o eles deixarem no braço que vai á ponte de Gosma, que vai polo campo de Tanjere.

CAPITULO LVI

Como Lopo Mêndez de Vasconcelos morador d'Arzila e capitão de ũa caravela d'armada foi acometido de tres fustas de mouros e doutra peleja que ouve com ũa nao francesa

Pois ei contado a ousadia e cometimento que Pite João teve pera se defender de um bargantim de mouros, com tão pouca esperança de se salvar, quero contar outra ousadia e cometimento que os mouros fizérão em acometer ũa caravela d'armada que pasou desta maneira.

Sendo Lopo Mêndez de Vasconcelos, morador na dita vila e criado do conde do Redondo, capitão de ũa caravela d'armada, das duas que el-rei noso senhor trazia no Estreito, e vindo ao longo da costa de correr os lugares de Tanjere, Cepta e Alcacere, e, vindo sobre Arzila já noute e com o vento calma, foi visto de tres fustas, que dentro no rio de Taga-

1. [ao de Pite João] *f.* A. — 2. trouxérão] trouxemos B N L M. — 3. Soubemos] Soube-se B N L M.

darte acertárão a estar, pera aquela noute pasarem á outra banda de Castela, as quais érão de Bélez; e, avendo ido a entrar ao Algarve, donde fôrão sentidos, viérão a Larache a se prover e, saindo e indo aferrar o cabo, vendo vir a caravela d'armada com calma a remo, se viérão meter em Tagadarte, por não serem vistas, mas, como a caravela viese anoutecer entre Tagadarte e Arzila com muita calma, se detreminárão de a acometer e envestir, e, saindo do rio, viérão em busca dela e chegando a envestírão e começárão a trepar polas enxarcias muitos dos mouros; mas, como a grita e rebate foi muito grande e a pancada que as fustas dérão [na caravela] [1] mór, todos fôrão postos em pé e, acudindo com lanças e espadas, se metêrão aos golpes com eles, de tal maneira que os tornárão a lançar fora, uns nas fustas e outros na agoa, mas como os mouros vírão o jogo dos nosos ser com fogo, asi de bombas como de panelas de polvora, que já começávão a ir da caravela ás fustas, não quisérão ter cometido o jogo; mas, como a este tempo saltase fogo em um barril de polvora, que no chapiteo da popa estava, pera dele se encherem as panelas, e fizese grande espanto aos nosos, por levar pera o ar muita roupa e caxas que sobre a rede [2] estávão, e o fogo derrubar muitos homens por cima da cuberta, entre os quais foi o capitão Lopo Mêndez muito mal queimado, asi do rosto como de ũa ilharga, o que sendo visto dos mouros, parecendo-lhe o dano era mór e não acharíão defensa, tornárão de novo a envestir; mas, como o capitão Lopo Méndez andase em pé, ainda que mal queimado, e já os bombardeiros em sua ordem, e cada um estivese em seu lugar, e a artelharia começase a fazer seu oficio, e o piloto Nuno Martinz e seu irmão, que mestre da caravela era, que naturais de Tavila érão, como dous jigantes, por serem muito grandes de corpo e muito valentes homens, andasem pola cuberta e ametade dos corpos parecesem por cima do bordo e pusesem espanto aos mouros, por o luar ser muito craro, trabalhárão por se afastar da caravela, não sem muito dano que recebêrão, levando muitos mortos e feridos e mais queimados das panelas e bombas de polvora, mas não se apartárão tão levemente que não leixárão dous homens mortos, o contra mestre, que Lourenço Vaz Aljofarinho era, irmão de outro, pescador de Arzila, e outro homem d'armas da caravela; ouve outros feridos e queimados, e o pior tratado foi Lopo Mêndez, por trazer queimado todo o rostro e um braço, aos quais ante-menhã lançárão em terra, e Lopo Mêndez foi curado em sua casa e visitado do capitão e de toda a vila, donde ele era muito conversavel, e asi fez curar os outros feridos e queimados, e todos fôrão sãos e sem algum perigar; e, em tanto que Lopo Mêndez esteve em cura, ficou por capitão da caravela o piloto Nuno Martinz, sendo, certo, pera outros maiores cargos [3], por sua grande e boa disposição e muita valentia. As

1. [na caravela] *f.* A. — 2. rede] rete A. — 3. sendo, certo, pera outros maiores

fustas se tornárão a meter em Larache, donde soubemos irem jurando nunca cometerem outra caravela d'armada.

Outro caso semelhante a este lhe aconteceo a Lopo Mêndez, ainda que não foi com mouros, foi com franceses. o qual foi que, durando o tempo de sua capitania e na mesma caravela d'armada, partio d'Arzila, levando no navio a Francisco Gonçálvez, que por pagador viera aos lugares d'Africa, e tãobem por acompanhar a Dom Antonio d'Almeida, filho do conde d'Abrantes, que em Arzila servio sua comenda, e outros navios que em sua companhia íão pera o Algarve, os quais, indo sobre Lepe, dérão com ũa nao francesa, a qual os veio demandar, e, por a nao vir de julavento, não pode a caravela tanto que não fose envestida e aferrada, e, ambas aferradas, ouve ũa crua peleja entre a nao e a caravela de muitas lançadas e picadas e bombas de polvora ou de fogo, que parecia que a caravela e nao ardíão em fogo. e estivérão tão aferradas que, arfando a nao, travou de ũa bombarda grosa e, arrincando-a da carreta, dérão com ela no mar, pola portinhola fora. Não deixávão neste tempo arcabuzes e béstas a servir, em lugar d'artelharia, até que gastadas todas as monições de cima da cuberta, de panelas e bombas de fogo, cada uns por sua parte trabalhárão [1] por se desaferrar, e não faltando muitos [2] que, leixando de pelejar, os que ficávão não entendíão senão como se apartaríão, tirando primeiro muitas lanças d'arremeso de ũa parte á outra, e se apartárão com muito trabalho, cortando emxarcias e cabos que fazíão estar liada a nao e caravela; e de tal maneira se apartárão que cada um ouve que lhe vinha bem o apartar-se, polo dano que cada um tinha recebido, porque da caravela ouve quatro homens mortos, e o mestre dela, irmão do piloto, valente homem, pelejando, foi pasado de muitas lanças d'arremeso, e outros derrubados com bombas de fogo de cima da alcaceva á cuberta, e ouve vinte feridos.

Nesta brava peleja se asinalou Francisco Gonçálvez, pagador, que, por ser mercador, não se esperava dele andar por cima da cuberta sempre pelejando e esforçando os que pelejávão, e os que ficárão feridos fôrão curados e remedeados por ele á sua custa, dando as camisas e roupa, pera se remedearem. Lopo Mêndez, alem de ser outra vez queimado de ũa bomba de fogo, lhe dérão da popa da nao com um pelouro d'arcabuz que, levando-lhe um pedaço do queixo, lhe entrou pola asilha do ombro, e, sendo curado do queixo, lhe ficou o pelouro no peito, e dahi a mais de um ano o lançou por baixo da teta dereita, sem nenhum trabalho, nem risco, nem sem saber que o trazia dentro em si.

cargos] sendo, certo, muito soficiente pera isso e pera outros muitos carregos de grande importancia B N L M.

1. trabalhárão] trabalhávão B N L M. — 2. e não faltando muitos] não faltando muitas lanças d'arremeso de ũa parte e da outra, de maneira B N L M, *mas f.* tirando primeiro muitas lanças d'arremeso de ũa parte á outra.

Tãobem se asinalou nesta peleja Afonso Fernândez, do porto de Santa Maria, que a este tempo era já honrado e rico e fazia o negocio dos feitores de Andaluzia, o qual afirmão que com um pique matou ao capitão da nao, que, estando na tolda armado, pelejando e mandando, o Afonso Fernândez com um pique, que nas mãos tinha, lhe deu um bote que, metendo-lh'o polas verilhas, deu com ele [donde] [1] não pareceo mais, e dizem que a morte deste [capitão] foi causa que os franceses se quisesem [apartar, e asi] se soube que ouve na nao muitos [mortos e feridos], apartando-se de tal maneira que não [.............] tiro de ũa parte a [........... a carav]ela [2] desemparada dos outros navios, que, vendo-a aferrada com a nao, a desempararão e se meterão pola barra de Lepe e de Aiamonte e se viérão na volta do porto de Santa Maria, donde os feridos fôrão curados e a caravela remedeada.

Algũas cousas outras acontecêrão por mar, que não conto, porque é tanto o cuidado e receio de entrar no grande mar dos feitos do ilustre conde do Redondo, receando não saber dar conta das meudezas de seu tempo, que desejo já de sair deste valeroso capitão, e por tanto peço aos que isto virem não deitem mão de minha ousadia, sómente dos casos e feitos, pois não me obriguei a mais que, confiando na memoria pola qual sou mandado, contase o que em minha lembrança for e em meu tempo pasou, não leixando porem de tomar enformação de muitos que comigo e sem mim neste tempo se achárão [3]; e portanto se acabou [4] este livro dos feitos que em tempo de Antonio da Silveira em Arzila pasou [5].

1 *A última folha de* A *está parcialmente rasgada na parte inferior. Reconstituimos o texto com* B N L M, *pondo dentro de* [ ] *o que falta.* — 2. apartando-se... e a caravela] apartárão-se que não ouve mister quem o fizese e a caravela B N L M. — 3. não deitem mão... neste tempo se achárão] não acusem meu atrevimento que é sem letras nem esperiencia, mas com um desejo e amor que tenho em as contar porque em algũa delas me achei e tomei enformação de muitos que comigo e sem mim nelas se acharão e confiando em minha memoria o relatar como pasou, que, ainda que não levo o estilo que a obra requere, vai na verdade B N L M. — 4. e portanto se acabou] e asi acabei L; e assim se acaba N. — 5. pasou] passarão N.

LIVRO QUARTO

Da segunda capitania de Dom João Coutinho conde do Redondo[1]

CAPITULO I

De como Dom Duarte capitão de Tanjere veio visitar o conde e o que mais socedeo

Partido Antonio da Silveira e chegado o conde Dom João a Arzila, e como Dom Duarte, capitão de Tanjere, soubese sua chegada, ordenou de o vir visitar, e, mandando dar ás trombetas, com toda sua jente se veio donde mandou dous de cavalo ao conde, de Tagadarte, donde chegou, a fazer-lhe saber sua vinda, que lhe mandase barcos em que pasase, o que logo foi feito antes de jentar. Dom Duarte e os seus viérão á vila, donde fôrão todos agasalhados, como é costume, competindo os de Arzila quem mais hospedes levaria a casa. O conde se foi logo pera Dom Duarte, que em S. Francisco foi pousar, e, praticando ambos na jente que tínhão, ordenárão a ir entrar, e logo mandárão chamar os almocadens, Diogo da Silveira e Artur Rodríguez, e asi os de Tanjere, que mui honrados e experimentados érão, os quais érão Francisco de Meneses e o Almocadem Velho, e asi fôrão chamados os dous adais e pesoas antigas e homens do campo: a todos foi acordado de irem a correr o campo d'Algarrafa, e com muito alvoroço ordenárão todos ferrarem e prover as cevadeiras, mas não tardou em se mudar o conselho, polo que aconteceo ás atalaias d'Aldea Velha este mesmo dia, como logo contarei. Este dia o conde mandou a Francisco Lionárdez, a quem tinha dado cargo de adail, o qual não pode servir por ser mal desposto da cabeça, que mandase as atalaias da parte do Rio Doce que descubrisem

1. Livro quarto. Da segunda capitania de Dom João Coutinho conde do Redondo] *f. em todos os ms. A matéria dêste livro falta nos mss.* A L, *que são os mais correctos. Damos o texto de* B *com algumas modificações ortográficas, como dissemos no t. I, p.* XXVI.

a Aldea Velha e os Barreiros e dése guarda no aroal [1] de Tagadarte, o que tudo se fez; mas como fose tarde e na Aldea Velha estivesem quatro atalaias e se quisesem recolher, as duas fôrão fazer erva pera si e pera seus companheiros, como era costume, e as duas ficárão em seu posto, emquanto as duas fazião a erva até os Codesões e Alecasapo, e vendo as duas que ficárão, que érão Antonio Fernândez Alemão e o Pacheco de Tanjere, seria horas de despovoar e se virem aos companheiros, [asi o fizérão] [2]; mas como sobre eles estivese Alebenaix, almocadem do Farrobo, com sua quadrilha, esperando que fizesem algum movimento de si pera poderem entrar com eles, vendo os vir polo caminho, travesárão por detrás e se metêrão no compaso que vem a Redemoinhos, com tenção de lhe sair diante, o que não pudérão fazer, por serem estas duas atalaias homens de bom recado, e os sentirão e carregárão sobre os companheiros, que já vinhão com seus atambores de erva, e dando-lhe rebate tornárão a demandar a estrada, mas quando a ela chegárão já os mouros érão diante, e, como bons homens e companheiros, não quisérão deixar o caminho, e, metendo as lanças debaixo dos braços, disérão: «Rompamos e pasemos por eles», e asi o fizérão, e Antonio Fernândez alevantou um dos mouros polos peitos e lhe fez que não tornase ao Farrobo, e pasado do encontro de ũa parte a outra não se alevantou mais donde caio, e o companheiro encontrou outro em a adarga, que a ele e ao cavalo fez vir ao chão; com a furia dos cavalos, que bons érão, pasárão por eles, levando muitas trochadas polos tomarem vivos, e, quando quisérão vingar os que ficávão no chão, não pudérão mais chegar a eles e os seguirão até o Palhegal e porto das Pedras, mais por tomarem o cavalo do mouro que Antonio Fernândez matara, que no tropel das nosas atalaias vinha e veio até a vila. Recolhidas estas duas atalaias e o cavalo, que era um potrancão [3] ruço que o conde deu ás atalaias, que vendêrão por doze mil reais, [os capitães se tornárão pera a vila] [4]. O companheiro de Antonio Fernândez Alemão, que foi homem de pé do conde, era natural de Tanjere e chamava-se o Galego, mas seu nome era Pacheco, tãobem muito valente homem, fizera esta sorte, que foi de valentes e acordados homens, e asi fôrão louvados.

Tornando aos companheiros, Mateus Fernândez e Bastião Bras, não pudérão lançar os atambores de si tão prestes que os mouros não fosem diante e os carregárão á varzea do porto de Amelix e do Amame, onde se embaraçárão e tomárão a Mateus Fernândez Pescoço; e, como dele tivesem lingoa, que o campo andava largo e a jente de Tanjere estava na

1. aroal] daroal N M. — 2. [asi o fizérão] *f. em todos os mss.* — 3. potrancão] potranção, *mas no capitulo* II *duas vezes* potrancão B; *f.* N, *mas no capitulo* II potrançam; potrançam; potrãocão *e* potranquão M. *Em castelhano* potranca *é:* égua de menos de três anos. — 4. [os capitães se tornárão pera a vila] *f. em todos os mss.*

vila, fazendo sinal aos companheiros, tomárão caminho dos Barreiros, e, asi por esta rezão como por ser tarde, os mouros não tornárão aos Codesos, onde o mouro ficava morto, e ao outro dia foi o adail com trinta de cavalo e o achou no lugar em que caio, asi que neste dia perdêrão os mouros um mouro e um cavalo e levárão outro cristão e outro cavalo. Vendo o conde e Dom Duarte as atalaias escapar, por tãobem escapar o Bastião Bras, por vir diante e tomar o caminho do vale de Jorje Vieira, onde veio sair, e verem ser tomado Mateus Fernândez, desarmárão o conselho e ardil que esperávão fazer, e ao outro dia Dom Duarte se tornou polo porto do Alfeixe, e o conde foi com ele até as aldeas do outeiro das Vinhas, onde monteamos, e se deu ũa boa guarda á vila de muita lenha grosa, e asi de muito mel e cera.

CAPITULO II

Em que se cóntão algũas visitações e como o alcaide de Alcacere nos armou com almogavares e cativou um Alvaro Gonçálvez

Logo que o conde foi chegado a Arzila, os mouros o soubérão, asi por Mateus Fernândez, como por cafilas que os mais dos dias vínhão, e, posto que o conde ficou de quebra com o alcaide, como em sua partida se contem, tanto que soube de sua vinda o mandou visitar e dar o parabem da sua vinda; a qual visitação mandou fazer por Benganeme, pesoa muito principal e muito aceito a ele, o qual veio e com muita cortesia lhe ofereceo a amizade do alcaide, e que as cafilas virião asi e da maneira que soíão, pedindo-lhe duas azemalas, que o conde levou, muito fermosas, as quais o conde lhe mandou por um homem seu em companhia de Benganeme, e o alcaide lhe mandou dous cavalos muito fermosos, em especial um ruço claro, que na grandura pera parecer não lhe fazia outro algum ventajem. O conde foi mui contente dos cavalos e da amizade do alcaide, ainda que não durou muito, por matarem o alcaide em Féz, por desastre, como no progreso do ano seguinte se contará; e asi tãobem mandou o conde outras duas azemalas a Mulei Abrahem, e ele lhe mandou outros dous cavalos, ainda que não fôrão muito bons; por Mulei Abrahem este tempo estar em Féz, poderoso, e ser cunhado d'el-rei e senhor de Miquinez e justiça maior do rei, de la o mandou visitar por Caroax, seu privado. Mas com todas estas amizades a guerra se não deixava de fazer, porque o alcaide nos veio armar com almogaveres e, pasando a ponte d'Alcacere de dia, tomou a ponte do Soveral, dando vista ao campo, se veio a Mijileo e dahi mandou os almo-

cadens Zanaca e xeque Benaravia que com trinta de cavalo corresem as atalaias da Atalaia Alta, se as descubrisem ao tempo de se dar a guarda, o que foi asi, que pera segurança dela o adail, Jorje Lionárdez, (que, por seu irmão Francisco Lionardez não poder servir. pola má disposição da ferida que ouve no desbarate de Antonio da Silveira não podia servir), querendo dar a guarda, que o conde mandava dar ao ribeiro de Jil da Mota, mandou tornar fora do caminho a Afonso Gonçálvez, castelhano, que em um potrancão grande e mourisco vinha, o qual ouve no desbarate pasado, que, por o cavalo ser grande e Afonso Gonçálvez piqueno, embicando o lançou fora de si por ũa ladeira abaixo, onde mais morto que vivo foi tomado, e o cavalo o viérão tomar no corrego do Malhão, onde se veio embaraçar, que se não caira não o tomárão, segundo o potrancão tinha fama de lijeiro. Tomado o Afonso Gonçálvez, foi levado ao alcaide, que em Mijileo estava; preguntando por novas do conde e do campo diria o que sabia. O noso capitão esteve quedo no monte das Porcas, onde Vasco Morgado, companheiro de Afonso Gonçálvez, veio ter com ele, e logo o tornou a mandar ao rosto de Tendefe com outro companheiro. O conde saio ao repique ao Facho; vendo os mouros no Malhão e na Alfarrobeira, se foi aos Forninhos e dali não quis pasar, por que alguns dos nosos, que na Ruiva estávão, não pegasem com os mouros, que viérão tomar o cavalo. Nos Forninhos teve o conde nova que levávão Afonso Gonçálvez, que. por ser rico e abastado, nos pareceo que não sairia de cativo, mas ele mandou vender ũa boa horta por cento e cincoenta cruzados, com que ajudou a seu resgate. Estando asi o conde com todos nos Forninhos, e o alcaide, que vio que os seus fôrão seguros e que não os seguírão, se mostrou em cima de Mijileo, pondo-se em ala, dando vista ao noso Facho, posto que de Mijileo á vila ha legoa e meia. O conde sintio esta sobrançaria, mas, por ser a primeira vez, mostrou que o não sintia; mandou chamar os moços, que fizesem jiesta ao longo do ribeiro de Jil da Mota, e ele se deixou estar com toda a jente sobre eles. Recolhidos, se veio á vila, e o alcaide se recolheo, levando esta atalaia, que era a milhor e mais antiga e a mais abastada.

CAPITULO III

De como Jorje da Silveira foi entrar da outra parte da ponte d'Alcacere e tomou dous mouros de cavalo

O conde, porque os mouros lhe tínhão tomado duas atalaias, desejava de tomar alguns mouros, por lhe não terem ventajem, e desejava que fosem de Alcacere, por ser o alcaide o primeiro que entrara em seu campo; e, praticando sobre isto com Diogo da Silveira,

mandou chamar Jorje da Silveira, outrosi mourisco e guarda que foi da Ponte, e, informado bem do que podia fazer, o mandou fora com vinte de cavalo, e todos, ou os mais, fôrão homens do campo, como Afonso Barriga, Roque Ravenga, Roque de Fárão, que visem o que fazia, o que foi escusado, porque Jorje da Silveira pasou a ribeira por parte que não foi sentido e foi ter a Oria, e em amanhecendo tomou dous de cavalo sem rebate, e veio até o meio da varzea. mas depois de aver rebate não estivérão de vagar, porque á Ponte se apeárão oito de cavalo e tirando os paos fizérão um piqueno de lugar por onde pasarem, sem lhe estorvarem o paso mais de cincoenta de cavalo; mas, como fôrão pasados, não parárão, nem deixárão de correr até Taurete, sem ninguem vir após eles viérão á vila.

Com estes dous mouros de cavalo foi o conde muito contente e satisfeito, por serem de Alcacere, e deles soube largas novas de todo o reino, e como o alcaide de Alcacere era chamado; e dezião que lhe tirávão a alcaidaria e a dávão a seu irmão, cide Abeluahed, que o alcaide não creo, por ser o alcaide homem muito valeroso e o mais poderoso do reino e cunhado de Mulei Abrahem, que era o que o mandava todo; mas os mouros dezião verdade, que era chamado pera o mandarem a visitar ũa cidade doze legoas de Féz, que se avia alevantado contra Mulei Mafamede o Torto, filho de Mulei Nacer; estes matárão ao alcaide por seu descuido e os ter em pouco, mais que por terem forças, nem fazerem resistencia, como logo ao diante direi.

Os mouros se vendêrão e repartírão como era de costume, e os almocadens sairão a boas partes, e Jorje da Silveira foi mais olhado e favorecido do conde, porque teve em mais estes dous mouros, por serem de Alcacere, por estar picado do alcaide; e, com a boa nova que estes mouros dérão, o conde deu licença a Diogo da Silveira pera ir fora, como foi, como adiante se dirá e fará menção.

CAPITULO IV

Como o conde deu licença a Alvaro da Cunha que fose entrar e como Diogo da Silveira que foi por almocadem tomou gado d'Agoní e dos Liões e do que mais pasou

Tendo o conde boa nova dos mouros que Jorje da Silveira tomou, ordenou que Diogo da Silveira fose fora, e deu o cargo desta ida e que fose por capitão a Alvaro da Cunha, fidalgo muito honrado que estava por fronteiro e servindo comenda em Arzila, e ficou do tempo de Antonio da Silveira, o qual, asi por sua nobreza como por nos reque-

rer, fomos com ele bem dez de cavalo, e o conde o acompanhou até o Río Doce, aconselhando-o o que avia de fazer, e asi a Diogo da Silveira, como nesta primeira entrada de seu tempo se avião de aver; deitando-nos a benção em nome de Deos, se despedio de nós, e por noso caminho ordinario fomos cear á Pedra Alta e, sendo já noite, fizemos noso caminho polo Furadouro do Xercão, e pola volta da ribeira fomos esperar a menhã junto da serra de Benamares, e rompendo a alva a tomamos e por ela fomos dar vista ao campo de Mençara, e sobre ele estivemos grande parte do dia; e, parecendo a Alvaro da Cunha e a Diogo da Silveira bem corrermos, pusemo-nos a cavalo, e, mandando a dous ou tres de cavalo que com Artur Rodríguez corresem a uns mouros que lavrávão da outra parte da ribeira, e ele com todos os mais corremos entre o pé d'Agoní e a ribeira, onde se avíão visto algũas vaquinhas, ainda que a corrida foi trabalhosa e comprida, porque, antes que da serra saisemos, fomos vistos das faldras d'Agoní e dando o rebate se levantou mui grande grita, e asi da parte de Benagorfate, como da outra parte de Mençara, que nos fez correr a todos de má mente, e em especial aos que iamos com Alvaro da Cunha, que como não viamos a que correr, como já iamos pola faldra da serra, de muita penedia e corregos, fizemos muita detença, o que não fizérão os que com Artur Rodríguez íão, que vendo a presa ao olho fôrão logo fora da serra e pasando a ribeira fôrão com os lavradores e, primeiro que pudesem aver a ribeira, tomárão dous deles, dez ou doze bois de arado, e os outros mouros se acolhêrão á ribeira, onde se salvárão, e asi fizérão os dous mouros tomados, se Roque [de][1] Fárão e Roque Ravenga não pasárão a ribeira por um porto escuso que eles sabíão e, talhando-lhe[2] a serra, os fizérão tornar á ribeira e largar os bois; mas nós outros com muito trabalho e grande corrida, subindo pola serra junto das tranqueiras d'Agoní, alcançamos um bom golpe de gado, que já ia recolhido por alguns de repique, que os quisérão alargar de má mente, e primeiro fôrão dous deles mortos, porque Manoel da Costa e Jorje Vaz Magalhães e Simão Vaz Arráiz, que primeiro chegárão, vendo que os mouros recrecíão e vendo que o daroal era forte e perto, antes que nós chegasemos dérão nos mouros, que oito até dez seríão, derribando dous deles, e detivérão o gado, o que fizérão porque já nós outros chegavamos, e, vendo os mouros no daroal, recolhemos o gado e pola serra abaixo o trouxemos bem depresa, pola grita ser muito grande, que parecia que toda aquela terra e serra vinha cheia de mouros de pé; mas eles, vendo setenta ou oitenta de cavalo, não ousárão a sair, e nós trouxemos o gado até a boca de Capanes, que pasamos, onde nos Artur Rodríguez alcansou, e junta a presa seria cento e dez cabeças de gado groso e seiscentas de meudo e dous mouros, e com muita alegria começamos a caminhar; mas, como a

1. [de] *f.* B. — 2. talhando-lhe] atalhando-lhe N.

noite viese mui escura e de grande enserração e tormenta e agoa, nos deu muito trabalho, polo gado meudo não poder andar, por lhe dar a agoa e vento de rosto, o qual vinha repartido em quatro ou cinco magotes e em cada magote vinte de cavalo e outras vinte rezes grosas; mas, como neste tempo tínhão entrado no noso campo mais liões que outros anos, fôrão esta noite derredor de nós tantos que em cada corrego ou ribeiro se pûnhão diante de nós e nos fazíão remoinhar o gado, não [1] prestando a grande grita que faziamos, dizendo uns aos outros: «Guarda lião, guarda lião, cá vai á mão direita, lá vai á mão direita!» e com este trabalho pasamos o Xercão e a Pedra Alta; mas, como fomos entre a Pedra Alta e Aldea Velha e fose serra alta e rasa e sem area, nos enleamos de todo polo vento e chuiva que nos dava no rosto, e o muito escuro que fazia, e os almocadens por ũa e outra parte achasem corregos não soubérão aonde estávão, remoinhando nos posemos ao redor do gado, com o vento e chuva nos dar nas costas; mas os liões, vendo o gado quedo e nós outros mais asosegados e sem a grita que traziamos, nos acometêrão, e algum mais ousado saltou entre o gado e, deitando os braços e unhas em ũa vaca das milhores e mais gorda, como tem de costume não deitarem mão senão do milhor, fez a vaca dar grandes berros e ao outro gado fojir e espalhar-se e romper por entre nós e os outros mais liões, que tornou a se vir [2] como dantes.

Contei esta almogavaria e o que nos aconteceo com os liões, porque não ha cousa que nos não aconteça, especialmente na guerra e caça, onde soem acontecer casos estranhos, que sendo este animal o mais fero e forte das alimarias, e por iso chamado rei delas, e tão real que até este tempo não se vio fazerem dano a pesoa que o não ofendese ou anojase, que muitas vezes os topavamos asentados e no caminho, falando-lhe rijo se alevantava ou asentava, dando-nos a entender que podiamos pasar seguros, e asi o fazíão arredando-se dele, mas como neste ano, em que vou falando, e no de trinta e trinta um até trinta dous ouvese no noso campo muitos e os porcos andasem tão atalaiados e sobresaltados se guardávão deles, e a fome os fez desenvergonhar e nos cometer e tomar o gado. E neste tempo nos aconteceo outras cousas com eles, como foi matar um lião Antonio Vezugo, estando [antre] [3] setecentos cristãos de cavalo, como logo no ano de trinta um direi, quando nos ajuntamos com a jente de Tanjere, quando ao socorro veio, que se perdêrão os filhos de Dom Duarte. E neste tempo se lançou outro lião na cava de Arzila, por comer quatro ou cinco porcos que nela andávão, e, do que é mais de espantar, tornar a sair, tendo trinta e cinco ou corenta palmos de alto, que, como fose sentido e do muro lhe desem grande grita, deshonrando-o de vilão, e que não sairia dali e seria morto e pagaria a ousadia que teve em entrar na

1. não] mas B. — 2. se vir] servir NM. — 3. [antre] *f.* B.

cava, o que muito é de notar, que, vendo e sentindo a grita do muro, não quis comer os porcos, por não se fartar e depois de farto não poderia saltar o porto que saltou, tornando-se a sair da cava, e, pera o poder fazer, se subio no cano que atravesa a cava, por onde vai a agoa [á] [1] Açacaia, e tantas vezes provou a saltar que pegou as unhas nas pedras e cantos de cima, e tanto afirmou que saio fora: e oje em dia estão as unhas afirmadas e asinadas nos cantos do alambor [2], e estas riscas e sinais das unhas deste lião parece, por a pedra de Arzila ser arisca e da calidade das mós de barbeiro.

São os liões quando estão famintos tão leves e soltos que com quatro saltos não ha um cavalo que lhes fuja: mas, depois de fartos e cheios de carniça, ficão pesados em tanta maneira que se não podem bolir e por iso com pouco trabalho se mátão. Esta experiencia temos feito muitas vezes em o noso campo, que, topando lião que avia feito carniça, muito frouxamente se defendia e os matavamos ás lançadas, e outros esfaimados tão leves e soltos que, ainda um de cavalo se fazia prestes pera lhe arremesar, já ele estava prestes a o receber.

Asi que, tornando a nosa almogavaria de Alvaro da Cunha, posto que não foi de grandes partes, fartou a vila de carne, porque, posto que os liões matárão muita parte da carne e gado, no sangue tivérão que gastar a parte da noite, até nós outros chegarmos a eles e os fizemos meter na ribeira do Freixo, donde o conde andou um pedaço do dia na calma, por comprazer aos fidalgos que com ele érão; mas, como pareceo mais necesario dar aviamento que a carne viese á vila, que não pôr a risco algum fronteiro ou morador, deixou a ribeira e se veio a Aldea Velha a recolher os seus.

CAPITULO V

Como Diogo da Silveira tomou tres mouros e duas egoas

Posto que as almogavarias são riscosas e de muito perigo, desêjão tanto os homens de andar nelas e as seguir que peitão e contêntão os almocadens, pera que quando fazem rol os pônhão nele, e isto polo proveito grande que delas se tira, e os capitães, por averem o quinto do que trazem, e por saberem nova e terem lingoa, e saberem como e em que tempo se hão de guardar e dar o proveito á vila ou cidade em que são capitães, mui levemente dão as licenças aos almogavares, quando lh'a pedem; por estas causas Diogo da Silveira tornou fora depois desta almogavaria, que atrás fica, na qual ida levou cincoenta de cavalo, todos

1. [á] *f. em todos os mss.* — 2. alambor] atambor B.

moradores, e o ardil que levou era lançar-se em ũa estrada ou caminho por onde pasasem os que fosem ao soco ou feira que aquele dia se fazia, e, estando nesta cilada, pera tomarem os que polo caminho pasasem, viérão ter com eles cinco mouros que de Alcacere vínhão, e, saindo-lhe, tomárão os dous que em cima de suas egoas íão, e dos tres que logo se lançárão por um corrego ou barranco abaixo tomárão um, e os dous se salvárão; dando grandes brados, atroárão toda aquela serra d'Alião, e Diogo da Silveira se saio bem depresa, trazendo os tres mouros e duas mui boas egoas, as quais o conde ouve e as mandou a seu cunhado, Dom Pedro Mazcarenhas, a Alcacere do Sal, e os mouros érão de Benamares e dos principais daquela aldea, e em especial um mancebo, chamado Aco Nijar, que o doutor Duarte Rodríguez ouve; e porque não tardou muitos dias que seu pai ajuntou vinte e quatro de cavalo e veio ao campo de Arzila pera tomar ũa atalaia, pera por ela tirar seu filho, e nesta vinda se perdeo e ficou cativo com os mais dos outros que em sua companhia vínhão, — fiz menção deste mouro, pera o que ao diante se contará dos almogaveres, que logo adiante se perdêrão, e tãobem porque um primo deste mouro se fez almocadem, e, por ser muito cavaleiro, nos fez muita guerra, como ao diante, no tempo de Dom Manoel e do conde Dom Francisco, direi.

Tornando a nosa almogavaria, tomados estes tres mouros e duas egoas, nos pusemos no campo e, pasado a ribeira, fomos sentidos dos de Cambaia [1], que ainda não tínhão rebate, posto que nós o traziamos nas costas, e, vindo ao longo da serra demandar Sinete, ouvemos vista de um golpe de gado que pola serra acima levávão, ao qual corremos, mas não pudemos chegar a ele, por o levarem muitos mouros de pé, e dentre eles sairão cinco de cavalo que pola serra abaixo nos trouxérão asaz apresados, e foi necesario fazermos ũa volta, na qual achamos alguns de pé que nos pusérão as lanças e ferírão a Manoel da Costa e a Gaspar Fernândez, e asi outros dous cavalos; e, quando fomos com Diogo da Silveira, demos graças a Deos, que Diogo da Silveira não correo, nem nós o fizemos com sua licença, e o conde quisera tirar as partes da cavalgada aos que corremos sem licença do almocadem, e nô-las teve mais de um mês; e Artur Rodríguez, posto que sempre ia com Diogo da Silveira, pedio licença e foi correr ao Farrobo e tomou um atalhador de cavalo.

1. Cambaia: *êste nome ocorre aqui pela primeira vez e parece-nos alterado.*

CAPITULO VI

Como el-rei noso senhor Dom João o terceiro mandou fazer as estrebarias pera o ifante Dom Luis pasar

NESTE ano de trinta mandou el-rei a Arzila por feitor e veador das obras a Baltesar de Novais, e que se fizesem quantas estrebarias coubesem e pudesem dentro na vila, por todas as partes, lugares vazios; e por este rejimento se fizérão muitas e bem fornecidas de argolas e manjedouras e cadeas de ferro pera prisões, e largas, em que podião caber mil cavalos, e nas da vila outros tantos e mais, de maneira que tinhamos sabido que poderíão caber dentro da vila dous mil de cavalo, sem dar opresão aos moradores, e tãobem entre o mar e o baluarte da Couraça se podia agasalhar muita jente e cavalos, e ficávão muito seguros. Por estas mostras e sinais que viamos, tinhamos por mui certo a pasada do ifante, que Deos tem, a Africa, principalmente nesta vila de Arzila; e um Manoel Homem, cavaleiro fidalgo de sua casa, amigo de um mercador de Arzila, que se chamava Paulo Majolo, lhe vendeo cavalo e peças de jeneta, pera estar apercebido; e, por o ifante não ir e ir com o emperador Carlos V, seu cunhado, a Tùnez, lhe pagou o cavalo e peças.

Tãobem os cavaleiros de Xerez de la Frontera, alvoroçados com esta nova, lhe mandárão oferecer pera pasarem com ele mais de cento de cavalo, sendo movedor deste oferecimento Gonçalo Pérez de Galegos, cavaleiro dos principais daquela cidade, asi por ser abastado e ter renda, como por ser curioso a se achar nos casos onde podia ganhar honra e servir a el-rei, noso senhor, como pareceo nas vindas que a Arzila fez, asi no socorro, quando matárão a Dom Manoel de Meneses, e quando veio ao desafio, em tempo de Antonio da Silveira, — pois este nobre cavaleiro, alvoroçado com a nova da pasada do infante, veio logo a Arzila a ver-se com o conde e dar ordem na vinda dos cavaleiros de Xerez; e tãobem cometeo ao conde que dése ordem como saquease Alcacer Quibir e que ele faria vir de Xerez [1] cento de cavalo, parentes e amigos seus, e á sua custa traria quinhentos ou seiscentos soldados, ao que o conde não saio, por não fazer feito com jente que el-rei não pagase; mas este oferecimento escreveo o conde a el-rei e ao ifante, e eles lhe escrevêrão em agradecimento de sua boa vontade e serviço com palavras de muita honra, e desta vinda, que Gonçalo Pérez veio a Arzila, ficou em grande amizade

1. e que ele faria vir de Xerez] e quem ele faria vir de Xerez e tãobem cometeo ao conde que dése ordem que ele faria vir B M

com Dom Francisco, filho do conde, que foi por governador á India; e levou desta Arzila tres cavalos das suas egoas, que as tinha muito boas, e os cavalos, a quem as deitasem, comprados a dozentos e a trezentos cruzados, e de Arzila mandou levar um cavalo por que deu cento e oitenta cruzados a Jorje Pírez, almoxerife, pera as suas egoas, e era potro de quatro anos.

Falei em Gonçalo Pírez, ainda que é fora da historia e ordem que levo, por vir tantas vezes a Arzila e estar nela este tempo em que vou falando, e ter feito muito serviço a el-rei, noso senhor, asi no socorro dos lugares de Africa, como em favorecer e agasalhar feitores d'el-rei e capitães e fidalgos portugueses que áquela cidade ião ter, e por ser um dos vinte e quatro que a rejião.

CAPITULO VII

De como os do Farrobo e de Alcacere tomárão cada um sua atalaia

TORNANDO á lembrança que levo e ás couas que neste ano de trinta a guerra de Arzila deu, começando nos almogaveres do Farrobo, sendo o mais principal e favorecido Alebenaix, asi por sua pesoa, como por ter feita muita guerra em Tanjere, onde foi cativo, e por ser seu ardil o do dia de Corpo de Deos, em que Lourenço Pírez de Tavora foi cativo e seu irmão Alvaro Pírez morto, como fica contado, — pois na entrada deste ano de trinta, Alebenaix com sua quadrilha do Farrobo tomou ũa atalaia de Arzila, que, sendo atafoneiro e tendo casas e atafonas que lhe dávão de comer, se fez cavaleiro e atalaia, e oje é vivo e mora em Aiamonte; pois Alebenaix com sua quadrilha se veio lançar no porto das Pedras e, saindo as atalaias, lançou fora do caminho a este atalaia e, tomando-o, se recolheo polo mesmo porto das Pedras e se foi em salvo ao Farrobo, e depois o levou a Xexuão a cide Alele, que por Mulei Abrahem era alcaide, e desta maneira os de Alcacer Quibir nos corrêrão duas vezes, mas não que pasasem, nem decesem [da] [1] Atalaia Alta de Tendefe, onde ũas vezes por serem descubertos, outras por as atalaias lhes fujirem a unha de cavalo, se tornárão sem fazerem dano; mas, como porfiasem e continuasem, tomárão a Jorje Gômez, ao qual saírão da cilada de Artur Gômez e o lançárão fora do caminho e o fôrão tomar na praia das Furnas, donde os mouros, que após ele fôrão, não se podíão salvar se alguns de cavalo fôrão após eles; mas como o adail andase recolheito, posto que

1. [da] *f.* A.

claramente conheceo que vinhão após da [1] atalaia, e seu companheiro Alvaro de Sousa tornar logo a tomar o rosto de Tendefe e capear rijo, chamando alguns de cavalo que favorecesem ao companheiro, o que se não pode fazer, posto que ao rosto de Tendefe fôrão ter alguns de cavalo, que da parte da atalaia do Mar lavrávão, os quais, vendo que os mouros que Jorje Gômez levávão íão sobindo por Alhazana acima, fôrão dando vista até o Malhão de João Mialho, desejando que o adail, que no monte das Porcas estava com mais de trinta de cavalo, fose ter com eles, — vendo que não fazia movimento, e que o conde parou [á] [2] Atalainha das Palmas e não fazia movimento de ir por diante, se deixárão ficar e viérão ter com o conde e lhe disérão que levavão Jorje Gômez, e que se recolhêrão por entre o Cabo Branco [3] e Alhazana e fôrão demandar [a] [4] aldea de xeque Naçar. Por este recolhimento tão largo conheceo o conde que não tinhão costas, e dise que bem conhecia que se poderião alcançar meia duzia daqueles almogaveres, mas ele folgava muito de não aventurar trinta de cavalo, e que encomendava muito que não ouvese homem que falase em ir trás almogaveres, que por nenhũa causa castigaria um adail, ou qualquer outro homem, senão por fazer um desmancho, e mandou ao adail que mandase outra atalaia por Alvaro de Sousa e dése sua guarda do ribeiro de Jil da Mota a dentro, [e] [5] se recolheo á vila.

CAPITULO VIII

Como João Vaz se foi tornar mouro e um filho e um moço e o conde mandou espias fora

Duas rezões ouve que obrigasem ao conde mandar espias fora: a ũa foi ir-se um morador de Arzila tornar mouro, que avia nome João Vaz Maio, e era natural de Tavila [6] e dos principais mareantes dela, e, por ser curioso de armações de redes e naças, depois que saio de Tavila, viveo em Olva e no porto de Santa Maria, onde usou por trazer redes de caçar [7]; e [por] [8] perder o dinheiro veio a morar em Arzila com sua casa, molher e filhos, e tinha um barco de cinco remos em que andava a pescar, asi e da maneira que outros quatro ou cinco barcos que estávão em Arzila o fazíão; o qual João Vaz o tinhamos por muito fraco e covarde no serviço d'el-rei, e no que os capitães mandávão muito fraco e negli-

1. da] de B: a M. — 2. [á] *f.* B. — 3. Branco] Biama BM; Biana N. — 4. [a] *f.* B. — 5. [e] *f. em todos os mss.* — 6. Tavila] Arzila B. — 7. caçar] casoar M. *Cremos que se deve lêr:* redes de cações. — 8. [por] *f. em todos os mss. Não temos a certeza de ter interpretado bem êste passo.*

jente, que, quando os capitães o mandávão que com seu barco fose a Tagadarte e algũas outras partes, que convínhão a serviço d'el-rei e do capitão da vila e da republica, as mais das vezes refusava e se tornava dando escusas, o que eles dezião que o fazia por má inclinação e mao proposito e inclinação[1] que tinha; e, com ter isto, era homem quieto e sosegado, e vivia por sua industria de pescaria e trabalho. Ora veja todo o fiel cristão os enganos do demonio, que tão astuto e sagaz é por tantas vias e modos, de maneira que por suas manhas era conhecido ser encaminhado polo demonio, que, encarregando-o os capitães, por ter barco, em ír aos lugares que convinha pera aver aviso ou descubrir algũa cilada, de tudo se escusava; e, quando não tinha escusa, depois que era no mar com seu barco, sempre buscava escusa, que não fora por o tempo que o não deixava, e asi outras escusas muito claras que de homem neglijente e perigoso nas cousas que convínhão à fé; e asi parece que com a mudança da fé mudou a condição e fez-se um lião contra sua natureza, cometendo cousas contra toda a rezão, indo a Castela e ao Algarve, seu natural, com seu barquinho, onde tomou muitos cristãos, e depois em fusta, com as quais idas e entradas fez muitas presas e dano na costa do Algarve, como adiante se dirá, e a causa que teve pera se tornar mouro, e, o pior de tudo e pera mais se omiziar, levou no barco um seu filho, moço de treze anos, e o tornou logo mouro, e o moço, não o querendo ser, o vendeo e foi cativo tres vezes, e é um valente homem do mar e andou em galés de turcos; e o vendeo ao alcaide, e deixá-lo-emos até seu tempo.

Porque o dia que se foi com seu barco, filho e moço, veio Benganeme, alfaqueque de Alcacere, com recado do alcaide asentar o modo das vindas das cafilas, que se avia de ter de ambas as partes, e o concerto feito Benganeme se partio, com o qual o conde mandou um homem seu, pera que na primeira cafila tornase com ũa cafila de galinhas e outra de frangãos, mas ele tardou tanto que bem se pudérão comprar galinhas e criar frangãos, depois que em Alcacere esteve, e isto polo alcaide ir a Féz, e lá morreo, como adiante se dirá.

Tanto que a cafila partio e Benganeme, logo João Vaz se achou menos, e sua molher não soube mais dizer senão que disera que de noite avia de pescar com a rede, e que algũas vezes dezia ao moço que levou, que se chamava Francisco, filho de um ferreiro, que avíão de ir ũa noite de bonança encher um barco de lingoados. O conde logo dise que fora tomado de alguns mouros. Logo aquela noite o conde mandou chamar alguns homens do campo, em que foi Artur Rodriguez e Roque Ravenga e Vasco Morgado e outros até dez, e lhes rogou que quisesem aquela somana ir fora, porque lhe parecia que avíão de entrar almogaveres, por

1. inclinação] condição M.

terem lingoa de Benganeme e de João Vaz, e que ele lhe faria os alforjes, o que o conde fez, e eles com suas cevadeiras e borrachas prestes pera toda a somana, posto que todos avíão de vir á vila, tanto que as atalaias ouvesem fala delas e ficasem em seus postos; e muito alegres se despedírão do conde e se fôrão fazer prestes pera sairem em tocando a vela d'alva, e avíão de ir ás Atalaias Altas. onde toda a somana que Benganeme ali esteve na vila as Atalaias Altas em tocando a vela [1]. Mandou mais o conde ao adail que disese ás atalaias que, pois mandava escutas fora pera os asegurar, tivesem bom recado em si e não tomasem os postos sem primeiro averem fala das espias, que a seu través avíão de estar; depois de seguras não deixasem sua atalaia, nem consentisem pasar pesoa algũa por elas, e se visem monteiro ou desmando desem rebate, porque não queria que lhe tomasem homem, e com esta ordem ficou contente e satisfeito, e lhe dava na vontade que avia de tomar ũa quadrilha de almogaveres, e desejava que fose de Alcacere, mas outros da serra tirárão aos de Alcacere deste perigo, por madrugarem mais.

Tornando ás nosas espias, que começárão a fazer seu oficio, indo amanhecer a través das atalaias e á vista das ciladas, onde pudesem ver se algũa jente se metia nelas, e tãobem seu lugar era em parte onde pudesem aver a vila e dar recado sem serem vistos, nem sentidos, aconteceo que a segunda menhã, que da vila saírão, Vasco Morgado e Vicente Fernândez vírão entrar na atalaia vinte e dous de cavalo, e, vendo-lhe o cabo, que não érão mais, ordenárão que Vasco Morgado ficase sobre eles pera ver se entrávão mais e vir com recado; e, com este concerto, partio Vicente Vaz e, polo corrego dos Atambores abaixo, veio demandar o porto das Pedras e, atravesando a varzea, veio ter ao vale de Jorje Vieira e vindo ao Rio Doce, dando recado ás atalaias, e que fosem de vagar, veio á vila, que logo foi alvoroçada com nova d'almogaveres entrados; e o conde, posto a cavalo, saio pola porta da Ribeira e se pôs no Rio Doce, onde, rodeado de todos, ouve conselho, como lhe armaria.

CAPITULO IX

Como o conde tomou e matou vinte e dous almogaveres

Primeiro contarei donde estes almogaveres érão. Atrás contei como um dos tres mouros que Diogo da Silveira tomou na estrada, o mancebo era de Benamares e tinha pai e parentes. Vendo o pai

1. onde toda a somana... em tocando a vela: *êste passo está alterado e não o soubemos reconstituir.*

estar o filho cativo, desejando vê-lo libertado, requereo a seus parentes e amigos que viesem com ele a tomar ũa atalaia, pera por ela tirar seu filho de cativo. Ajuntou vinte e quatro de cavalo, tomando por guia e almocadem um seu sobrinho, que avia nome Alhocem [1] Nijar, que por andar em companhia de Amelix e de Alebenaix sabia bem o campo e era e é [2] mui valente cavaleiro; e com estes vinte e quatro se veio a meter na cilada dos Bairos, onde as espias os vírão, e dérão novas ao conde onde ficávão.

Tanto que o conde teve nova polas espias, cavalgou e foi dar ao Rio Doce e, pasada a agoa, chamou Diogo da Silveira e Artur Rodríguez, almocadens, e a Fernão Caldeira e a Pero López, escrivão, e outros dos mais antigos, e em publico dise como os almogaveres estávão na cilada dos Bairos, e a ele parecia que não tínhão costas, nem érão mais, porque o alcaide de Alcacere não avia de atravesar todo o campo pera armar aos Barreiros, tendo Aldea Velha, Alfomar e Atalaia Alta. Da jente de Tetuão se não temia, e aquele dia, Deos querendo, determinava de os ensoar e correr até o Farrobo; e, acabando o conde de falar, ordenárão que com o adail Jorje Lionárdez fosem vinte cinco ou trinta de cavalo, os quais tomasem a varzea do [3] Amame, de dous em dous e de tres em tres, como homens erveiros, que íão fazer erva, decendo polo vale de Jorje Vieira e dos Borrazeiros, e se fosem ajuntar á fonte do Amame, e que dali saisem aos almogaveres, quando viesem após as atalaias; e, pera que estes homens que íão com o adail fosem mais encubertos, os guiase Artur Rodríguez, e que nenhum levase capacete, nem adarga, e se ia levávão-na enrolada; e, porque o adail não podia sair senão de rosto, onde não podia fazer senão muito dano, e os nosos corríão muito risco, o conde mandou Diogo da Silveira que com outros trinta de cavalo, que logo apartou, e com ele mandou por capitão Alvaro da Cunha, por lh'o ele pedir, vendo que nos apartava, e logo fomos apartados trinta de cavalo; e, despedidos do conde, Diogo da Silveira tomou o caminho d'Alfandequim e, por baixo do Pontal e Canaveeira travesamos a varzea e pasamos o porto d'Alfandequim, polos corregos do Adail fomos atravesando com o rosto em Alimaxuns, onde ouvemos vista de dous de cavalo, que os mouros deixárão na atalaia do Pedregal sobre a trilha, os quais dous mouros nos dérão a entender que ainda as nosas atalaias não érão chegadas aos Barreiros, nem os mouros lhe tínhão saido; e, estando sospensos e esperando que eles despovoasem, as vimos arrancar pera os seus, que já íão fojindo e fora do perigo, onde avíão deixado ametade dos companheiros. Como chegasem a os descubrir, João Conde, atalaia, que, posto que aquele dia não fose dos Bairos, pedio ao conde o deixase descubrir, por ser homem sem medo e ter bom cavalo e de recado, e soube trazer os mouros trás

1. Alhocem] Alhasem B N. — 2. é] de B. — 3. do] de B.

si até os chegar á fonte do Amame, onde o adail e Artur Rodríguez estávão, — pois João Conde chegando, e vindo enlevados dérão de rosto com o adail, o qual lhes saio com tanta furia que logo fôrão derribados seis ou sete dos que diante vinhão, e o primeiro que derribou mouro foi João Conde, que, como descubrio os do adail, virou e levou o dianteiro na lança e o pôs no chão, asaz mal ferido; e, como logo carregasem sobre ele pera o matar, Artur Rodríguez o defendeo, dizendo-lhe que não ouvese medo, que ele era Alataix e o segurava, que disese a verdade: chegou-se a ele, dizendo que não érão mais que vinte e quatro e não avia mais jente. Artur Rodriguez dise aos companheiros que fosem até o Farrobo, que não era mais jente que almogaveres, e ele ficou com o mouro e o trouxe ao conde, que, vendo d'Alecasapo arrancar os seus, com sua jente cerrada foi demandar o porto do Amame e, tomando lingoa do mouro que Artur Rodríguez trazia, ficou desabafado e contente, e gabou muito a Artur Rodriguez trazer o mouro e tomar lingoa, e dise logo que por o adail Fernão Galego não fazer o que Artur Rodriguez fez se perdeo com tantos homens e fidalgos, como atrás fica contado.

Pois tornando ao adail que atrás dos mouros tornara: quando fôrão em cima na atalaia dos Bairos, ametade dos mouros érão derribados e os mais mortos e cativos, e porque da fonte, donde o adail saio, era ladeira acima e os mais dos nosos cavalos dérão o folego do trabalho, que não podião ir atrás, nem adiante, de maneira que catorze mouros de cavalo, que não corrêrão abaixo, ficárão com os cavalos inteiros, e de tal maneira se saírão dos nosos que, quando chegárão ao Pedregal, ião sem perigo e sem nenhum dos do adail, e, parecendo-lhe que ião já salvos, se achárão salteados, vendo-nos á sua ilharga: e como Diogo da Silveira vio os dous, que sobre a trilha estávão, decer e correrem pera se ajuntarem com os seus, que polo caminho vinhão, parecendo-lhe que nos vião e que ião dar rebate aos seus, dizendo que corresemos, arrancou a eles, e asi o fizemos todos, e quando ouvemos vista deles érão já mais avante de nós, levando o rosto entre Alimaçus e Benamares, e estendemo-nos após eles e em pouco espaço fomos com eles, e os primeiros que a eles chegárão foi Simão Vaz Arráiz e Jorje Vaz Magalhães e outros e eu autor de volta. Entendendo os mouros que queriamos dar neles, nos ganhárão pola mão, voltando todos de golpe e com grande grita, parecendo-lhe que lhe virasemos as costas, mas, como nos achasem seis de cavalo juntos e de capacetes e adargas, os mais parárão, não ousando dar em nós, e sómente dous adargados fôrão os que chegárão, e um deles deu a Simão Vaz ũa lançada na adarga e outro ficou pasado das nosas lanças, e os outros se tornárão ajuntar e fazer seu caminho. Com esta pouca detença, que nesta piquena volta fizérão, nos engrosamos, chegando Alvaro da Cunha, Diogo da Silveira, e logo tornamos a chegar a eles, derribando outros dous, e os acabamos de derramar de todo, porque Simão Vaz, pondo o

rosto no mouro que a lançada na adarga lhe deu, rompeu por eles e o encontrou e mal ferido o pasou de ũa parte a outra, e o mouro pôs a lança em Jorje Vaz e Jorje Vaz o empuxou de tal maneira que com outra mortal ferida o pôs em terra. Vendo o mouro que Simão Vaz tornava com a lança d'alto se acolheo a Jorje Vaz, pedindo-lhe que o não matasem e tomasem vivo e ficando ambos embaraçados com este mouro; os outros fôrão rotos e todos mortos e cativos, sem se salvar mais que um só a cavalo, destes catorze que lhes parecia irem salvos, posto que alguns da companhia do adail ião em seu alcance, mas ficávão tanto atrás que não pudérão chegar a[1] ele, posto que correse até Alicototo, que é a entrada da serra de Benagorfate. Nós outros da companhia de Alvaro da Cunha, despojando os mouros que morrêrão, com cinco ou seis vivos e doze cavalos nos recolhemos pera o conde, que á fonte do Pedregal nos foi tomar, trazendo outros tantos, de maneira que de vinte e quatro não escapou senão um de cavalo, que por ter bom cavalo escapou, e o adail ou almocadem a pé, o qual, como fica dito, arrancando após João Conde, se lançou por um barranco abaixo e o cavalo embicando o lançou de si e ele ficou a pé, e, pondo os olhos em Alecasapo, vio sair o conde com seu guião e jente e, parecendo-lhe que tinha armado, se lançou fora do caminho e se meteo em um cardal, onde ficou sem nenhum dos nosos o ver, nem entender nele. Este Alhocem Nijar, que aqui escapou, foi depois muito bom almocadem e nos fez muita guerra, como em tempo de Dom Manuel Mazcarenhas direi.

E com esta vitoria o conde se recolheo com catorze ou quinze mouros vivos, em que veio Omar Nijar, pai do mancebo e autor desta quadrilha, que, parecendo-lhe que vinha a buscar resgate e remedio pera tirar o filho de cativo, ficou ele e os mais de seus parentes cativos e mortos. Nesta tão grande desconsolação não lhe faltou vir ter a casa do doutor Duarte Rodríguez por compra, onde estava o filho, e dando-lhe fianças ao resgate seu e de seu filho o deixou ir a buscá-lo, e o ajuntou e pagou; mas primeiro que fose forro vio a seu sobrinho, Alhocem Nijar, cativo em Arzila e em poder de Lopo Mêndez, que era a casa do pior cativeiro que avia em Arzila.

E porque falei no mouro que foi pasado de duas lançadas, ũa de Simão Vaz e outra de Jorje Vaz, por secretos de Deos veio a sarar, e Jorje Vaz e Tomé do Rego o comprárão e servindo ás somanas as casas; estando na de Tomé do Rego, um domingo á tarde, ouve ũa enxada á mão e matou duas molheres e um moço e se deitou em um poço e se afogou, donde foi tirado e por justiça arrastado e entregue aos rapazes da vila, pera o apedrejarem; o demonio tem tanto poder que milhor ficara no campo morto e que o comêrão os adibes, mas o que está ordenado

1. [a] e B N M.

não se pode escusar. O conde foi recebido este dia dos da vila com muita alegria e festa, pola vitoria e mercê que a ele e a nós fez.

CAPITULO X

Como o conde tomou outros almogareres d'Alcacere que pasárão pola barca de Larache

Muito contente entrou o conde na vila por trazer a presa que trouxemos, por serem os almogaveres os milhores e mais cavaleiros de Benamares e do Farrobo e Benarróz, e fez curar os feridos, e ao outro dia, que foi ũa quinta feira, até domingo de Ramos, se vendêrão os mouros, segurando-os a cavalgada e curando á custa dela; e, estando no leilão, chegárão tres mouros de Benagorfate, parentes de Diogo da Silveira, que vínhão saber os que érão vivos e mortos: fôrão bem recebidos do conde e lhes deu licença que andasem e falasem com quem quisesem, o que eles tivérão em muito e lh'o agradecêrão, rogando a Deos pola vida de tão bom homem e capitão. Diogo da Silveira os agasalhou e banqueteou, e, estando-se asi pera se irem com a nova que vínhão saber, logo a sesta feira, estando o conde no leilão do despojo, o sino começou a repicar, e, desfeito o leilão e posto a cavalo, o conde foi no Facho e dele pasou aos Forninhos, onde lhe trouxérão um cavalo de um mouro bem selado e bem guarnecido, e soube como do Malhão sairão quinze ou dezaseis de cavalo e viérão até abaixo de Tendefe, trás o Caraujo, que era atalaia, e Diogo Carneiro, e que um mouro caira do cavalo e o cavalo era aquele, que trouxérão por vir no tropel das atalaias, e pasárão o ribeiro de Jil da Mota, onde o tomárão, e que o mouro ia nas ancas de um dos companheiros, e que se ião todos acolhendo polas Furnas abaixo. O conde como tinha nova dos mouros tomados, que o alcaide de Alcacere era em Larache, e que, estando garamando da parte das Alagoas, teve novas de João Vaz Maio ser em Larache, e, porque tinha mandado comprar ũa fusta a Belez, se foi a Larache pera com João Vaz praticar na guerra do mar, e parecendo-lhe que os almogaveres vínhão por seu mandado e que com eles lhe poderíão armar, e que se os almogaveres tinhão o alcaide em Mijileo ou em Alfandux que os que ião pola praia das Furnas avíão de tomar e demandar Alhazana e o arife [1] da Atalaia Alta, e com muita présa mandou ao adail mandase descubrir a Atalaia Alta e ver os mouros que pola praia ião o fundamento que levávão, e,

1. arife] arrecife N. Arrife *seria melhor. Vem no Novo Dicionário da lingua portuguesa do sr. Candido de Figueiredo Significação incerta aqui*

como o Malhão foi descuberto, o conde deu a o andar com a jente da Farrobeira, onde teve nova que os mouros ião pola ponta do Cabo Branco. O conde apartou vinte de cavalo com Artur Rodríguez e o mandou que, dando costas ás atalaias, fizese descubrir Mijileo e a Mezquita, que está da outra parte do Cabo Branco, e ele esperase ao pé da Atalaia Alta até estas duas ciladas serem descubertas, e, depois de descubertas e tomados os postos, donde se temia, de se andar ao porto da Palmeira e seguise os mouros até Larache, que ele tinha nova que o alcaide não se temia dele, nem de sua jente, e que tanto que o vise abalar da Atalaia Alta ia já após ele; e com esta ordem Artur Rodríguez deu a o andar, e, descuberto Mijileo, por cima da aldea do xeque Naçar, foi dar vista sobre a Palmeira, e, não vendo cousa pola praia, por serem os mouros já pasados a Barrosa Grande, tomando um troto pasou o rio de Çael polo porto da Palmeira, e. tomando atalaia sobre a Barrosa, os vio ir pola praia á boca de Benamourel, e, dando-nos recado, partimo-nos direitos á boca de Benamourel. Quando saimos á praia, os vimos ir diante de nós, e tão lonje que nos pareceo que os não poderiamos alcansar, mas, como a maré era cheia e eles tinhão caminhado pola area solta, fomos tão prestes com eles que nos espantamos e eles mais, e deitárão culpa a fartarem os cavalos da agoa no corrego da Mezquita, por onde pasárão, e depois a area solta os cansou de maneira que, pasando Belgeles, fomos com eles, mas iamos tanto á longa e cansados, e eles tão juntos e cerrados, que não podiamos, nem ousavamos entrar com eles até nos não engrosarmos, e o primeiro que fizérão, tanto que nos vírão, lançárão o mouro, que levávão nas ancas, de si, o qual se foi meter em ũa carriceira sobre a praia, e polo rasto [1] do ervaçal, o [2] fomos depois tomar. Os mouros fôrão asi até chegarem a um corrego que se faz quando se deixa o caminho da praia, que se toma o de cima. Diogo da Silveira, parecendo-lhe que os mouros desejávão averem aquele corrego, que é de grandes brenhas de muito e forte canaveal e daroal, no qual, deixando os cavalos, se embrenharíão, como fizérão, antes que ao corrego chegasem, apertamos tão rijo com eles que nas lanças levamos dous deles e os outros virárão e dérão em nós, na qual volta nos ferírão dous companheiros, mas deles ficárão logo ali quatro, dous mortos e dous vivos, em que ficou cativo um primo d'el rei de Féz, que, por ser muito amigo do alcaide, o viera ver e, sem sua licença, veio a esta almogavaria, como adiante direi. Tãobem aqui ficou Aleborgote [3], criado de cide Naçar e filho do Borgote que morreo no desbarate de Antonio da Silveira, que foi o que primeiro morreo naquele desbarate; e porque deste Borgote, que aqui foi tomado, se fará depois larga menção, por ser muito cavaleiro e leal a seu senhor, cide Naçar. [não digo nada] [4].

1. rasto] rosto M; *f. êste passo* N. — 2. o] e o BNM. — 3. Aleborgote] Alegrobote B. — 4. [não digo nada] *f. em todos os mss.*

Pois vendo os mouros mortos e cativos os principais, e que nós outros engrosavamos, e que a praia ia cheia dos nosos, porque muitos do conde se apartárão dele, tanto que nos vírão pasar a Barrosa Grande, e Diogo da Silveira era já connosco, desembaraçados os mouros de nós outros, todos juntos se lançárão no corrego que já dise, deixando os cavalos e metendo-se polo canaveal e daroal, e tres sómente, com os cavalos polas redeas, sobirão a ladeira que se faz do corrego pera cima, o que tãobem fizérão alguns dos nosos, e o que primeiro subio trás eles foi Roque Ravenga e João Vaz Grajao [1]; mas nós outros, como os cavalos tínhão dado a fé e não se podíão bolir, nos pusemos derredor do corrego, e outros entrárão por ele, cortando canas e mato, fôrão fazendo caminho, e, com a matinada que faziamos, saírão de lá dous grandes liões, e, pondo os olhos em nós, se fôrão paseando, sem nenhum entender com eles, antes ficavamos amedrentados, por nenhum dos nosos cavalos poder dar paso; contudo do corrego se tirárão tres mouros e outro se matou, e tãobem se salvárão nele tres ou quatro mouros, entre os quais foi um filho de Benganeme, pajem do alcaide, e deixou um cavalo grande e honrado da pesoa do alcaide, que se chamava Alaroz. Os que pasárão o corrego seguírão os tres mouros até a barca, onde matárão um deles, e os dous chegárão á borda do rio, onde já estávão mais de oitenta mouros de pé que, tomando o rebate, se lançárão ás barcas de dous navios que no rio, de Cáliz [2], estávão, á ponte d'area, onde salvárão os dous mouros, que se vinhão acolhendo de nós outros, os quais chegárão tão cansados que já os cavalos não se podíão mover, e asi os nosos, que, depois de recolhidos, vendo João Vaz Grajao [3] já perto e que o cavalo se não movia atrás, nem adiante, remetêrão a ele os de pé, ao qual Simão Vaz Arráiz e Roque Ravenga e Simão de Matos acudírão e, muito de vagar, ás contoadas, retirárão o cavalo de João Vaz e o trouxérão até o daroal, um tiro de bombarda do rio, e ali se ajuntárão alguns, que todos eles não se podíão bolir, e, muito de vagar, se recolhêrão ao corrego, onde o caminho vem demandar a praia; e, recolhidos cinco mouros vivos e doze cavalos, viemos buscar o mouro que na carriceira ficou, o qual polo rasto do ervaçal fomos dar com ele, tão mal tratado da queda e da cabeça que muitas vezes estivemos pera o alancear, por se não poder ter a cavalo, nem vir a pé; mas como chegasemos ao conde, por estar na Barrosa Grande, onde nos foi esperar, que são duas legoas e meia da vila, e o meio do caminho de Larache, onde mandou pôr em cima de um dos cavalos ao mouro e outro nas ancas pegado a ele, e asi o trouxérão, e o conde o

1. Grajao] Grajão B N M: *ocorreu já na p. 92, l. 26. Correcção incerta.* — 2. Cáliz] Cadiz B N. *O sentido parece ser êste:* dous navios de Cáliz que no rio [de Larache] estávão. — 3. Grajao] Graja B M; Grajão N.

ouve, e depois se tornou cristão e se chamou João Coutinho, e é vivo, forro e casado, e serve de comprador á senhora condesa do Redondo.

O conde se recolheo mui contente, por não perigar nenhum dos seus; vindo á vila, fez curar os feridos, entre os quais era um sobrinho de Pero de Meneses, que asi ferido se tornou cristão e se chamou João de Meneses, e logo no mês de maio seguinte nos deu ũa aldea, alem de Alcacere, por nome Algorfa, onde se fez ũa honrada cavalgada, como se dirá em seu lugar. O conde foi este dia recebido com cruzes e procisão, por duas vitorias tão perto ũa da outra. Os mouros fôrão vendidos e o conde ouve Aleborgote e o parente d'el-rei, Dobedu, por dozentos mil reais, do qual ouvérão [1] pouco proveito e perdêrão [1] o dinheiro que por eles dérão [1], por se irem e os levar a ele e a outros nove mouros um criado do conde, que tinha cargo da mazmorra do conde, em que entrou o Aleborgote e Omar Querquí, como adiante se dirá. Foi a vinda destes almogaveres pola barca de Larache. Era o alcaide chamado d'el-rei de Féz, como tinhamos por nova em Arzila, pera el-rei lhe dar Teza [2], que é ũa das principais alcaidarias do reino, e dávão Alcacere a seu irmão, cide Abalualecorese, que durou a ser alcaide até o despejo de Arzila, e despejada lh'a dérão, e a quis antes que Alcacere, e, sendo alcaide dela, matou Dom Pedro de Meneses, filho de Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, e depois desbaratou e matou Luis de Loureiro e a Luis da Silva, capitão de Tanjere, como em seu tempo se dirá.

Pois sendo o alcaide chamado, quis visitar a terra e arrecadar a garrama que se lhe devia, e, andando da parte das Alagoas, que são entre Larache e Mamora, soube como João Vaz era em Larache, e em pesoa veio logo a Larache polo favorecer, e, sabendo a tenção de João Vaz, que era ser mouro e omiziar-se, com levar [o] [3] filho e o moço que já dise, o quis levar a Alcacer pera com maior honra o fazer mouro; e porque, antes de vir a Larache, este Mulei Jasem [4], primo d'el-rei, Dobedu, lhe tinha pedido licença pera vir correr Arzila e tomar ũa atalaia, e ele lh'a tinha dado, parecendo-lhe que por Larache era mais escuso, apertou com o alcaide o deixase vir, o que o alcaide consentio, e, por a jente ser pouca, não levou mais de dezasete de cavalo, dos quais escapárão os dous, que já dise, e tres a pé, e asi se perdêrão quinze cavalos e onze ou doze mouros, seis mortos e os outros vivos. Estando asi escarmentados os mouros e nós outros quietos e sem rebate, aproveitamo-nos do campo. Avia gastado o tempo em contar como cada um correo e o que lhe aconteceo, e, porque isto é jeral nos lugares de Africa, deixo de contar quantas presas, diferenças, até brigas, nos semelhantes dias acontecem, e porque nesta

1. *Estes verbos deviam estar no singular, mas todas as três cópias os empregam no plural.* — 2. Teza] tença BNM. — 3. [o] *f. em todos os mss.* — 4. Jasem] Jacem M. *Este nome parece estar aterado.*

corrida se salvou um filho de Benganeme e se lhe tomou um cavalo, que por ser de Benganeme se chamou asi, até que um lião o tratou mal e ficou com ũa perna grosa e não igual a outra.

CAPITULO XI

Da morte do alcaide de Alcacere
e como se tornárão cristãos dous negros

Mui quebrados ficárão os mouros por estas duas quadrilhas de almogaveres, que se perdêrão ũa após outra e nos dérão lugar a que nosas atalaias não fosem tantas vezes corridas, e tãobem o conde esteve quedo e não mandou almogaveres fora, trazendo suas atalaias largas, dando suas guardas a lenha e erva, e isto por não virem cafilas, nem ter novas de nenhũa parte, nem o homem que o conde mandou com Benganeme polas galinhas e frangãos não era vindo, por esta detença e polo que os mouros disérão que o alcaide era ido a Féz, como os mouros disérão, mas não pasárão muitos dias que fomos fora desta duvida e se soube a verdade, porque a dez dias do mês de maio viérão dous negros jenofos [1] a Arzila, que d'Alcacere fojirão, tornar-se cristãos, os quais dérão nova que o alcaide cide Amete Laroz era morto, e que o matárão em Teza, donde el-rei de Féz e Mulei Abrahem, seu cunhado, o mandárão.

A causa de sua morte foi que tinha el-rei dado a seu primo, Mulei Mafamede o Torto, a Teza, que era a milhor alcaidaria do reino, por ser ũa cidade grande e fertil, e está dez legoas de Féz e dezasete de Bélez de Gomera; e esta cidade é agora o estremo dos turcos que tem Bélez [2]. Esta alcaidaria deu el-rei a Mulei Mafamede por seus serviços, especialmente quando os filhos de Mulei Boaçum cometêrão a tirar seu pai da torre onde o el-rei tinha preso, como já fica dito no tempo de Antonio da Silveira. Pois sendo Mulei Mafamede alcaide de Teza, por mandar matar um dos principais xeques da serra, os escandalizou de tal maneira que se pusérão em armas e lhe não quisérão obedecer, e foi necesario que pera os asegurar o tirasem de alcaide, e se deu aquela alcaidaria de Teza ao alcaide de Alcacere, o qual, confiado em sua pesoa e cavalaria, que tudo tinha, se quis ver com os rebeldes; e, ao tempo de falar com eles, recrecendo palavras roins, que não ha siso que baste, nem

1. negros jenofos: *povo da Senegâmbia. Rui de Pina chama-lhe* Gelof *na Crónica de D. João II, cap. 32. Os franceses chamam-lhes* Yolofs *ou* Ouolofs. — 2. Bélez] Befes BM; Bofes N.

sofrimento, vindo ás armas, o alcaide foi derribado e pasado de ũa lança de arremeso de que morreo. O alcaide não levava jente, e ia de paz acompanhado de alguns parentes seus, entre os quais era um moço cristão, natural de Tanjere, filho de um Alvaro Barroso, hortelão, o qual, estando em Arzila negoceando o resgate deste filho, o matárão os mouros, vindo da vinha de Luis Machado.

Este moço, Antonio, se criou com cide Talha, filho do alcaide, e aprendeo a ler e a escrever em arabigo, e o trazia o alcaide a cavalo consigo, e este dia de sua morte lhe levava a lança e adarga; e, vendo o alcaide derribado, se pôs diante dele, acusando e doestando aos mouros que avíão posto as mãos em tal pesoa, e que todos avíão de ser mortos pola tal ousadia. Dizem que com a lança encontrou um dos xeques e pôs tanto medo neles que amedrentados se acolhêrão, sem se fazer outro dano algum, o qual vendo o alcaide e o amor deste moço, Antonio, dise diante dos seus, sendo ferido, que tal criação, como a de Antonio, poucas vezes se veria, e mandou a seu filho, cide Talha, que se quisese ser mouro que como irmão o tratase e amase, e que se o não fizese que o mandase a Arzila sem resgate, o que se fez asi, porque mostrou sempre ser cristão, e cide Talha o mandou depois a Arzila em cima de um bom cavalo e bem guarnecido de sua pesoa, bem tratado e vestido de bedem, e dinheiro, e o conde o recolheo e o tomou por seu e se servio dele de lingoa e escudeiro, e depois em Portugal o deu a el-rei, noso senhor; e em ũa briga ou arroido que os criados do conde ouvérão foi ferido, donde se lhe causou a morte, não tendo culpa. De sua morte foi o conde anojado e o sintio muito, por sua bondade e mansidão; asi fôrão em Arzila todos os que o conhecíão.

Trouxe esta morte e a deste alcaide por ser pesoa com quem tinhamos continua guerra e muito noso conhecido, e a causa porque tirárão um tal capitão de Alcacere e o matárão sem batalha uns barbaros serranos por sómente descuido e confiança; e de Arzila nos tirárão um grande e manhoso adversario, posto que outro tal nos ficou em seu irmão, polo tempo que nos fez a guerra até noso despejo, o qual nunca fez desordem, nem desmancho, e fazer sortes grandes, como já tenho escrito.

CAPITULO XII

Como Dom Duarte capitão de Tanjere se ajuntou com o conde pera ir tomar ũa aldea ao campo de Alcacere e o que mais lhe aconteceo

Tornando á nova que os negros trouxérão, tanto que ante o conde fôrão e lhes fez preguunta, disérão que o alcaide grande era ido a Féz e que lá o matárão os mouros da serra; o conde fez ajuntar a conselho os principais e mais antigos da vila e os almocadens, a saber, Diogo da Silveira, Artur Rodríguez e Jorje da Silva, e, praticada a nova que os negros dávão da morte do alcaide, de que os outros alcaides nosos vezinhos estávão em suas casas, os quais érão cide Alele, primo de Mulei Abrahem, que em Xexuão era alcaide, e Benjija em Jazem, e o alcaide de Alcacere estava com o sentimento da morte do irmão, e por todas estas rezões ao conde lhe pareceo bem entrar e mandar chamar a Dom Duarte a Tanjere, e ambas as bandeiras irem tomar ũa aldea, ũa legoa alem de Alcacere Quibir, a qual lhe dava o sobrinho de Pero de Meneses que se tomou nos almogaveres de Larache, e ainda neste tempo estava em cama, de ũa lançada da qual esteve á morte; e, polo que se fazia facil a tomada daquela aldea, por estar asentada em terra chã, desejava o conde tomá-la; e os inconvenientes que pera iso ouve fôrão muitos, os principais foi não darem dela fé Artur Rodríguez, nem Diogo da Silveira, nem Jorje da Silveira, mouriscos, mas ela era a que o mouro dezia, porque, depois que fui em Alcacere, a vi e saberia ir a ela e levar jente, se Arzila estivese em noso poder, e a tomar, como a tomamos, por o caminho ser por o campo de Alcacere sem corrego e muito chão, nem ribeira que estorve ir a ela, e está parecendo de Alcacere, por estar em cima de um outeiro raso, e no meio dela está ũa figueira grande, que de lonje parece, que só este sinal abastava pera levar a ela os que a não sabião.

Asentou o conde a ida, e, por Dom Duarte ser mui escrupuloso, e aventurava estar fora de Tanjere cinco dias ou seis, o conde, pera o mais satisfazer, mandou Artur Rodríguez que com dous de cavalo fose tomar ũa lingoa, asi por ver se concertava com os negros, como por ser mais fresca; e, como foi noite, mandou a Fernão López Mexia levase ũa carta a Tanjere com a nova que tinha, rogando-lhe quisese vir, o que Dom Duarte logo fez, que, tanto que vio a carta, mandou ferrar e fazer prestes e dar ás trombetas, e á meia noite saio de Tanjere, caminho de Tagadarte, onde veio amanhecer, e, achando os barcos da vila, foi logo pasado com toda sua jente; chegárão a Arzila, descansárão e comêrão até vespora tanjida, e as trombetas tocárão e todos fomos a cavalo, tomando a benção

do prior e agoa benta; saimos da vila perto de quinhentos de cavalo e fomos cear á fonte do Zambujeiro, duas legoas da vila, e, como ceárão os capitães, caminhamos por Alhadra, e, pasando a ribeira de Taliconte, chegamos ao porto d'Algarrafa, onde nos detivemos pera o pasar todo o mais da noite, por trazer muita agoa e o acharmos roim, e foi necesario estarem dous homens na vea d'agoa, e fazíão caminho aos que pasávão, dando-nos a agoa polas certãs; e detivemo-nos tanto em o pasar que era já quasi menhã, e asi pareceo que era ardil desmanchado, por não ficar tempo pera podermos chegar á aldea [e fazer tudo o que todos desejávão] [1] ....
.... [2] e dar-se a ordem á repartição da cavalgada, o que se fez desta maneira: das almas tomou o conde seu quinto, polas avaliações que érão feitas, e as egoas e poldras e asnos, cavalos se vendêrão a leilão, e o gado foi avaliado por nós os que fomos partidores, pondo boi e vaca no que juntamente valião, e feita a soma das arrobas, que pasárão de onze mil, das quais tomárão o quinto pera o conde, das milhores que parecêrão [a] [3] Antonio Rodríguez, seu veador, que, como a condesa estava em falta de vacas, destetou as milhores pera leite; e, como era em maio e estávão todas paridas, os mais dos bezerrinhos se perdêrão no caminho, e muitos fôrão mortos e em quartos trazidos. Ficárão desta cavalgada d'Algorfa em Arzila mais de mil e dozentas rezes, as quais saimos a trinta e nove o homem de cavalo, e valeo a arroba entre nós a tostão e no açougue a dous reais e meio o arratel; e asi darei fim a isto, o qual se fez a doze dias de maio de mil e quinhentos e trinta anos.

CAPITULO XIII

Como Alebenaix com sua quadrilha de almogaveres cativárão a Artur Rodríguez e Bastião Vaz e Artur Ortiz fujio

Não pasárão muitos dias que não viese a festa do Corpo de Deos, a qual se solenizou como tinhamos de costume fazer-lhe ũa solene procisão com toda a jente, e por ordem todos os baluartes tirávão toda a artelharia até tornar á igreja, que era de São Bertolameu. Este dia em esta procisão saírão os da Couraça com ũa dança, de que era autor Artur Ortiz, cavaleiro e muito bom homem, indo emmascarado e disfarçado á mourisca, guiando a dança, com o que deu muito gosto á jente,

1. [e fazer tudo o que todos desejávão] *f.* A N. — 2. ...] *grande branco em* B *e á margem esta nota:* aqui falta. *Falta, de facto, a narração do assalto á aldea. Em* M *falta o branco.* — 3. [a] *f.* B N M.

mas aquele mesmo dia á tarde lhe aconteceo tomarem-no os mouros, com que se tornárão a entristecer todos os da vila, e foi desta maneira.

Saindo as atalaias a descubrir, como é costume, sendo descuberto a atalaia d'Alfandequim e a do porto das Pedras, Artur Ortiz, que com elas ia, se foi ao longo da praia e com vontade de ir até o rio de Tagadarte, buscando algum atum, de muitos que aquele tempo dão á costa; mas Vicente Vaz e Bastião Vaz, atalaias, que aquele dia érão d'Alfandequim, vendo a determinação de Artur Ortiz, com cobiça se concertárão que Vicente Vaz fose á sua atalaia e Bastião Vaz fose com Artur Ortiz, e partisem o que achasem pola praia. Concertados ambos, pasárão o rio de Brias e, com o afogamento que ninguem fose trás eles, dérão a o andar ao longo da praia, sem descubrirem a aldea de Brias, onde estávão vinte e cinco de cavalo do Farrobo e de Xexuão e Tetuão, e por almocadem Alebenaix e Mafamede Iunes, os quais, vendo-os ir ao longo da praia, lhes saírão diante e de trás, tomando-os no meio, sem nenhum poder bulir. Tanto que os tivérão rendidos e deles saberem que o conde ficava na vila, com eles se fôrão caminho do Farrobo, mas não foi sem rebate, porque Vicente Vaz, atalaia d'Alfandequim, vio sair os almocadens e deu rebate, e asi avia outros que ião trás deles, buscando o que eles achárão se os mouros esperárão que eles pasasem o rio de Brias. Dado o rebate, saio o conde a repique e não parou até o Tojalinho, onde sabia que o rebate era, e do Tojalinho se foi a Alfandequim com todos os seus; e, antes que a Alfandequim chegase, soube que érão perdidos Artur Ortiz e Bastião Vaz, e dise: «Praza a Deos que não sejam mais os perdidos, que bem sabia eu que estes atuns avião de custar caros, polo desmando que vai» e, com muita présa, mandou a Vicente Vaz e a João Português, sogro de Artur Ortiz, que com muita présa pasase o porto d'Alfandequim e fose dar vista á aldea de Digo Fernândez, donde a varzea de Tagadarte parece toda, parecendo-lhe que os podia atalhar com trinta de cavalo, o que se não fez, porque os mouros, tanto que ouvérão tão boa presa, como fôrão aqueles dous de cavalo, sem mais parar fôrão demandar o porto da Lama, pera se deles aproveitarem se depós eles fosem, e, não vindo quem os seguise, ao longo do rio fôrão pasar á Pontinha e pola outra parte fôrão demandar Almarjacamar, e por detrás do Farrobo se fôrão a suas casas, e nós outros com o conde nos recolhemos á vila com muito descontentamento, por a perda destes homens.

Era Artur Ortiz natural de Tanjere e seu pai e ele fôrão criados do almirante Dom Lopo de Azevedo, e ficou em Tanjere Diogo Ortiz o tempo que foi capitão o almirante em Tanjere; sairão Artur Ortiz e seus filhos tão bons cavaleiros e homens que merecêrão ser criados de tal casa e senhores.

CAPITULO XIV

Como el-rei de Féz correo Arzila e Tanjere e não fez nada por ser sentida sua vinda por a descubrir Artur Ortiz que vinha fujindo de cativo

Não pareça que saio fora do fio da historia, em não contar logo o que aconteceo o tempo que Artur Ortiz esteve cativo até que fujio, que fôrão de maio até setembro, que, por o ter entre mãos, o contarei sua fujida, e logo tornarei ás almogavarias que neste tempo se acontecêrão. Os almogaveres que tomárão Artur Ortiz e Bastião Vaz os levárão a cide Alele, alcaide de Xexuão, que por Mulei Abrahem nele estava, e, sabendo quem Artur Ortiz era, o mandou pôr a bom recado; mas, como ouvese de se vir ajuntar no noso campo com el-rei e Mulei Abrahem, o mandou levar a Tetuão e que o entregase a Citalforra, alcaidesa e senhora dele, e porque tinha parte nele; e, posto que o caminho não é muito comprido, que serão até cinco legoas, foi-lhes forçado dormirem em ũa aldea no caminho, e, como o hospede os banquetease aquela noite com vinho, vendo-os Artur Ortiz esquentados, como era vivo e astuto, e a necesidade que aviva os espiritos, tirou alguns vintenzinhos que, como cativo, tinha escondidos, e deu-os ao hospede que mandase comprar mais vinho, e trazendo-o se meteo com eles, de maneira que, cantando ao modo dos mouros e dando-lhes de beber, os fez cair sopas e dormírão carregados de sono e vinho; e asi dérão lugar a que Artur Ortiz, que o sentido neles tinha, que fizese um buraco com as mãos por debaixo da porta, por onde coube e se lançou fora com os ferros nos pés, os quais atarracou com pedaços do fato que ele cobria, e com a camisa se meteo pola serra, pondo as costas em Ceita, onde os mouros tínhão que avia de ir demandar, e, furtando-lhe a volta, tornou a pôr o rosto no campo de Arzila, onde avia dez ou doze legoas de brava e temerosa serra, e assinalando de dia o que avia de andar de noite. Esteve quatro dias primeiro que ouvese vista do campo e teve tão bom tino que a cabo das quatro noites veio demandar entre Benarróz e Benamede, e aquella derradeira noite veio sair ao noso campo, e de subito veio dar com grande murmurio de jente, por onde conheceo ser o arraial d'el-rei, que ao longo da Ribeira Grande e Arez estava asentado, e, afastando-se dele e do noso campo, veio a entrar por Algarrafa, e da outra parte de Benagorfate e de Benamares veio dormir á boca de Benamede, pera ao outro dia entrar no campo de Tanjere; e conhecendo ser o arraial d'el-rei, pola nova que trazia de cide Alele ter ferrado e ser partido e vir-se a

ajuntar com Mulei Abrahem e com el-rei, e afastando-se o mais que pode veio demandar o rio d'Algorrife [1], entre o porto d'Alfandequim e o das Pedras, sendo já alto dia quando ao rio chegou, onde esteve esperando que as atalaias d'Alfandequim e Alicasapo descubrisem e segurasem; e, tanto que as vio seguras, se lançou no rio a nado e o pasou, e, atravesando a varzea, foi visto das atalaias d'Alfandequim, e logo ũa delas, que era seu vezinho, o foi demandar, e, tomando-o nas ancas do cavalo, foi logo sobre o vale [2] de Jorje Vieira e deu logo um bravo rebate, pera que as atalaias não fosem por diante e o campo se não alargase.

Tomado o rebate e o repique na vila tudo foi um. O conde, no Rio Doce, lhe pedírão alvixaras, que Artur Ortiz era salvo, fujindo. Dise o conde a Vasco Gômez: «Por duas cousas vô-las darei: a ũa por a nova de Artur Ortiz, e a outra por o rebate ser falso» que tanto folgava e não se escandalizava, quando lhe dezião que era falso o rebate; mas, quando soube de Artur Ortiz como fujira e que achara a jente em arraial, e que era el-rei polas novas que trazia, não lhe pareceo falso e recebeo a Artur Ortiz com muito prazer e gasalhado, e a nova que lhe dera d'el-rei lhe deu credito, polas cafilas tardarem, e logo mandou recolher o campo e se veio á praia, onde fez prestes um barco e o mandou a Tanjere, o qual foi a salvamento e deu a carta a Dom Duarte do conde; e, recolhendo seu campo, os mouros corrêrão e não fizérão dano, e tãobem o conde mandou tirar cinco bombardadas, pera sinal de Tanjere se guardar, á boca da noite, por serem milhor ouvidos os tiros, e de madrugada outros cinco, os quais sendo ouvidos dos mouros, que aquela noite entrávão no campo de Tanjere, ordenárão que Mulei Abrahem correse a Tanjere e el-rei a Arzila e ambos em um dia; e, tornando a el-rei, se veio deitar no Palhegal, sobre o porto d'Alemoquique, parecendo lhe que, por ser o gado muito, fose pasar as lombas do Corvo e, primeiro que o recolhesem, pudesem pegar nele, antes que pudese entrar pola tranqueira do Facho; mas seu cuido [3] foi em vão, porque o conde cavalgou com toda a jente e mandando tomar as atalaias do Corvo e da Ruiva e do Mar, e, mandando levar o gado á Fonte Santa, o trouxe rodeado até a tarde. El-rei, vendo que da parte do Rio Doce, nem do Corvo não pareceo cousa viva, e que as atalaias do Corvo estivérão a cavalo, por não serem salteadas, não quis correr, e, sendo tarde, se recolheo encobrindo-se, por não ser visto, e se tornou ao Xercão, onde tinha seu arraial.

Neste recolhimento se veio pera nós um elche castelhano em cima de um cavalo, e por ele soubemos como Mulei Abrahem correra a Tanjere aquele dia e el-rei estivera no Palhegal, e que deixara de correr por ver o campo recolhido, e que lhes pareceo que o conde lhe tinha armado, e que arreceara que, ao pasar do porto d'Alemoquique, dése nele e, ma-

1. Algorrife] Algarife B N M. — 2. vale] valo B. — 3. cuido] cuidado N.

tando-lhe algũa jente, se recolhese pola Pontinha, o que se podia mui bem fazer, pola ribeira estar forte e a tranqueira da Pontinha forte e cerrada com facho; e asi dise que lhe parecia que ao outro dia nos correria da Atalaia Ruiva. Com esta nova que este deu, o conde ficou contente em ter tão certa nova, parecendo-lhe que não podia aventurar mais que ũa atalaia, e mandou dobrar as velas e roldas, visitando-as e correndo o muro, e ao outro dia pola menhã, amanhecendo o barco que fora a Tanjere no recife, soubemos como a jente correo e não fez dano, por Dom Duarte andar recolhido e ao redor do seu gado.

Tornando a el-rei que ao Xercão se recolheo, com acordo e vontade de ao outro dia nos correr da Ruiva, onde é mais perto, e não nos dar lugar que lhe armasem, e com esta determinação e vontade se veio deitar na Atalaia Gorda, que é entre o Facho e a Atalaia Ruiva, e está um tiro d'espera da vila, onde esteve esperando que o fosem descubrir. O conde [não quis] [1] dar portas [2], que saisem da vila, e muito de vagar ouvio misa e foi comer e depois se pôs a cavalo, e tudo afim de os enfadar na cilada, que esperar é um grande enfadamento, e, sendo entre as hortas de Pero Afonso e as do doutor Duarte Rodríguez, apartou o adail Jorje Lionárdez com trinta de cavalo, mandando-lhe que estivesem no Facho e favorecesem as atalaias que fujindo viesem, e que pois tinha nova certa ser el-rei que lhe queria ter acatamento, por ser sua pesoa e escusar toda a pendencia, e que de não receber dano se contentava, por ser a primeira vez que el-rei o vinha visitar; e contudo isto o desejo e vontade do conde foi ao contrario do que ele cuidava, porque, apartado o adail e as atalaias, foi tanta a agoa que choveo que as atalaias não pudérão ir por diante e o adail não pode pasar do Facho, e nós, que com o conde estavamos aos valos e canaveeiras do doutor, não pudérão estorvar que não nos ensopase tudo quanto tinhamos e de tudo correse agoa, e os caminhos érão ribeiras; e vendo João Conde e Vasco Morgado, atalaias, que o jiro daquele dia era seu a descobrir a Atalaia Gorda, e a agoa não escampava, dérão a o andar com tenção de se porem na Atalaia Gorda e nela esperarem até que o dia aclarase e fizese outro movimento, e, querendo João Conde atopetar e tomar a Atalaia Gorda, a jente que detrás dela estava em cilada lhe saio com tanta presteza e furia que a guarda e a atalaia da Palma e do Lião todas érão cubertas com jente; e, como até o Facho todo é ũa carreira de boa terra chã, João Conde e seu companheiro se pusérão em pouco espaço no Facho e se mesturárão com o adail, o qual, vendo a jente ser muita e que pegávão com ele, se meteo dentro da tranqueira e, não se contentando os mouros de lhe fazer deixar o taboleiro do Facho, se metêrão na tranqueira, e os empuxávão e trouxérão ate a tranqueira do Meio, onde se faz um barranco de barro vermelho e com

1. [não quis] *f.* B N. — 2. portas] postas B N.

a agoa muito escorregadio, e dele á tranqueira ia um remanso de agoa e lamaçal que dava aos cavalos por meia perna; neste barranco apertárão connosco, vindo aferrados por não cairem, dizendo: «Ninguem caia!» e nesta présa Jorje Vaz Magalhães e Gonçalo da Fonseca, criado do conde, bradárão por volta, cuidando afastar os mouros e decer a barranca sem opresão, ao que alguns de cavalo acudirão e voltárão, parecendo-lhe que a honra estava em voltar o rosto aos mouros; mas, como érão poucos e os mouros muitos, concedêrão-lhes [1] as costas, e, decendo polo barranco abaixo, os mouros lhes viérão pondo as lanças e por cima do arção dianteiro derribárão a Gonçalo da Fonseca, e, como foi no chão ou na lama e se lhe revolvese a faldra da malha sobre os hombros, entre muitas lançadas, que lhe dérão nas armas, lhe dérão ũa por um quadril que lhe saia a vrilha, de que foi posto á morte, e quis Deos dar-lhe vida, e ali fora morto e outros com ele, se o conde não acudira a favorecê-los, porque, vendo o conde entrar os mouros de mestura com o adail, temendo algum desmancho, se foi com todos á tranqueira de Baixo e, vendo que os nosos virando dávão as costas aos mouros: «Filhos», dise, «e amigos: olhai que não aja homem que pase por mim e ao recolher nenhum seja ousado ficar detrás» e, arrancando com santiago na boca e pasando a tranqueira do Meio, tiramos a Gonçalo da Fonseca, que entre os mouros estava em pé, arrimado á tranqueira com a lança na mão e adarga ante si, levando os mouros pola barranca acima, e posto que em muitos se pôs as lanças, em que ouve asaz de feridos e alguns mortos, e vendo o conde que se amontoávão e não podíão ir por diante, e de dentro da tranqueira avia duas bandeiras, e polo caminho velho entrava muita jente, chamou a recolher; e, em virando as costas, os mouros parecíão ovelhas, e a chuva não escampava e o caminho ser roim, o conde se pôs na traseira, dizendo: «Nenhum homem fique trás mim e ninguem se me venda em fazer rostinho» e, com ele ser o traseiro, decemos o barranco tanto de vagar que nenhum caio, mas fomos tão apertados de lanças d'arremeso, em que ouve alguns feridos e cavalos mortos, em que entrou um cavalo estremado de bom de Fernão Gômez de Sousa e filho do chançarel-mór, e ao entrar das tranqueiras nos metêrão ás lançadas e cutiladas, de maneira que a mim me dérão ũa cutilada por cima de um hombro, que topando na borda do capacete me cortou ũa das fivelas das couraças e me fez ũa piquena ferida no hombro direito, que, posto que não foi perigosa, foi má de sarar, por ser no alto do hombro. Metidos da tranqueira pera dentro, o conde deu muitas graças a Deos por se desemborilhar de tanta jente sem dano, e logo nos fez apartar da tranqueira e nos viemos á de Baixo, parecendo ao conde que entrase connosco até nos meter entre as hortas, o que eles não fizérão, arreceando darmos neles, ainda que

1. concedêrão-lhes] socedêrão-lhes B N; cocedêrão-lhe M.

fôrão tão mal tratados da chuva e lamaçal que todos érão sujos do barro e molhados da agoa.

Não é rezão que fique por contar um tiro d'arremeso que vi fazer a Jeronimo Afonso, ferrador, que está oje cativo em Arzila e todos os dias vê suas casas e hortas, que nela tinha, com muita magoa. Deixo de contar quanto e mao cativeiro ele e sua molher tem dado a mouros, seus cativos, por onde Deos permitio que viese a saber que cousa era ser cativo. Tornando ao tiro que fez, ao tempo que entrei pola tranqueira, vindo com o braço doente do golpe que me dérão, o vi estar com a lança d'alto pera arremesar, e, despedida da mão, vi um mouro travesado dela, e, chamando por ele, dise: «Fermoso remeso!» e demos ũa grande grita; mas o conde ás lançadas nos fez deixar a tranqueira. Outro remeso fez o mesmo na tranqueira de Baixo, em tempo de Dom Manuel Mazcarenhas, o dia que o ferírão, que tomando por ũa espadoa a um cavalo do alcaide, cide Nacer, em que vinha Bubea, seu criado, deu logo com ele morto no chão e não ouve mais lugar que pera lhe tirarem o freo pola cabeça e cortarem os loros, pera tirarem as estribeiras e peitoral, como contarei, Deos querendo, em seu lugar.

Sendo nós outros na tranqueira de Baixo, demos lugar á artelharia que jugase; fazendo seu oficio, lançou tantos pelouros contra as bandeiras e jente, que da tranqueira do Meio até o Facho avia, que uns mortos outros asombrados os fez tornar atrás e não ousárão vir abaixo, de quebrados do dia ser enfadonho, e com alguns mortos e feridos se fôrão recolhendo, dando-nos lugar que desemos [1] de comer ao gado, que o conde mandou lançar fora e, carregando-o pera o mar, o trouxe derredor da vinha de Luis Machado, onde comeo algũa grama e algũas poucas de folhas de canas.

Estando o conde dando este pasto ao gado, chegou Jorje Pasanha, que era pajem do conde, que fora com recado a Mulei Abrahem, e João d'Oribia e dous mouros que de parte de Mulei Abrahem vínhão visitar o conde, e trouxérão dous cavalos que lhe mandava, e dérão por nova aver aquele dia muitos mouros mortos, asi das lanças como da artelharia. Tãobem este dia Fernão Díaz, ferreiro, e Vila Nova empregárão muitas setas da tranqueira do Meio, aonde chegárão ao tempo da volta.

1. desemos] decemos dar B; decemos M.

CAPITULO XV

Em que se côntão algũas cousas que pasárão depois da corrida d'el-rei

Muito enfadados fôrão estes dias os mouros, asi polo pouco nojo que fizérão, como polo muito dano que recebêrão, e muito mais por ser o dia de muita agoa, que, como todo seu traje na guerra a cavalo são marlotas e camisas mouriscas, a chuva e o barro dentre as nosas tranqueiras as fez tais que mais semelhávão almagrados que as cores de que vínhão vestidos; e com este enfadamento fizérão pouca detença nas tranqueiras e logo se tornárão ao Xercão, e Mulei Abrahem despedio a Jorje Pasanha e a João d'Oribia, que viérão com seu recado e com os cavalos. O conde folgou de saber o enfadamento dos mouros e do dano que levávão, e recebeo com muita graça e gasalhado aos dous mouros, por serem de Mulei Abrahem, e ao outro dia os despedio, e com eles mandou Jorje López, morador, que da sua parte visitase a Mulei Abrahem e dése a el-rei o perabem de seu reinado, e da parte da condesa levou ũa azemela carregada com duas canastras de cousas doces e outras cousas de açucar, com as quais Mulei Abrahem folgou muito e as repartio diante d'el-rei, fazendo-lhe comer delas, por se mostrar agradecido, e á noite tornou Jorje López e um homem da condesa, que mandava a Alcacere comprar galinhas e frangãos, que Jorje López pedio da parte da condesa a Mulei Abrahem lhe dése licença, e asi que lh'o não detivese, o que ele fez, e logo dise ao alcaide de Alcacere que o mandase avisar, o que tudo se fez. Tornado Jorje López, os mouros estivérão quatro ou cinco dias no Xercão, esperando sol que os enxugase; e nestes dias ouve rebates de almogaveres sem aver dano. O conde se contentou que desta primeira visitação que el-rei fez, depois que ele tornou de Portugal, não fazerem dano em Tanjere, nem Arzila, e todos os dias que el-rei esteve no noso campo cavalgou com toda a jente, e, segurando as atalaias no Corvo e Ruiva e o mar, davamos de comer ao gado, derredor da Fonte Santa, ao longo do mar, lugar onde se podia recolher, posto que a comida fose pouca; a lenha que se trazia érão silvas e canas pera os fornos; pasamos oito ou dez dias desta maneira até vir cafila d'Alcacere, em que viérão mercadores cristãos e judeus, que dérão nova ser el-rei recolhido e ir caminho de Féz. O dia que esta cafila veio nos corrêrão almogaveres da Atalaia Ruiva e seguírão ao Caraujo muito pouco, que, como vírão ao adail na atalaia das Palmas, tivérão mão em si e não pasárão por diante e se tornárão polo caminho d'Alfomar, donde deixárão cinco

de cavalo que detivesem a cafila, que dormira na fonte do Zambujeiro; e, como pasárão Alfomar, dérão lugar que a cafila andase por diante, e, em topetando o rosto d'Alfomar e as atalaias da Ruiva, as atalaias ouvérão vista dela e, vendo-a junta, parecia-lhe que era jente, dérão rebate e não parárão até a atalaia das Palmas. O conde chegou de vagar ao Facho, onde vio o campo todo despejado, e esteve esperando que aportalecesem polos Pelouros, e, vendo que tardava a jente a aparecer, estava em duvida; mas, como o alfaqueque e alguns judeus mercadores, que diante vínhão parecendo polo caminho muito de vagar, fôrão conhecidos que era cafila, o conde foi-os receber á Atalainha, onde soube que vinha o seu homem, e que el-rei era pasado pera Féz, e muito contente se veio á vila, mandando as atalaias mais largas, e ordenou que vinte cinco de cavalo fosem cada dia em guarda do gado, e o campo tornou a andar largo e as almogavarias ameudar; e por este tempo se fazerem algũas asinadas, asi antes da corrida d'el-rei, como depois, as irei aqui contando.

CAPITULO XVI

Como Artur Ortiz foi outra vez catiro e pagou o resgate de ambas as vezes

Artur Ortiz era atalaia e trazia um lijeiro e bom cavalo, em que parecia que andava seguro e com pouco medo de se perder, mas toda a segurança em Cristo Jesu, que lhe quis mostrar que a que em seu cavalo tinha não era nenhũa sem a sua e dando-lhe um bravo açoute, ao parecer de todos, em o tirar dentre sua molher e filhos; e foi que, indo Artur Ortiz á Atalaia Alta de Tendefe, lhe saírão almogaveres do Malhão e, carregando ao longo do ribeiro, o trouxérão apertado com o rosto na Atalaia Ruiva, e, parecendo-lhe viria salvo o cavalo, o lançou de si pola cabeça e o deixou no chão e se veio á Atalaia Ruiva, onde o tomamos e foi trazido á vila. Os mouros chegárão a Artur Ortiz, e com muita présa foi tomado nas ancas, e sem fazerem detença se recolhêrão pola Atalaia Alta e polo porto da Palmeira, indo demandar a barca de Larache, donde érão, trazendo por guia e almocadem a Alhocem Nijar, aquele que se salvou nos Barreiros e depois foi cativo de Artur Ortiz, trazendo o milhor cavalo que naquele tempo andava em Arzila; e quando este Alhocem Nijar saio de cativo de poder de Lopo Mêndez, não querendo mais viver em Benamares, se pasou com seus parentes e amigos junto de Larache, e povoárão ũa aldea, pondo-lhe nome Benamar.

Tornando á historia, indo estes mouros com sua presa, ia o almocadem muito contente, por levar o mesmo que o cativou, como se dirá. O

alcaide de Larache, que cide Nacer era, o mandou aferrolhar, mas não tardou muito que cide Alele, alcaide de Xexuão, lh'o mandou pedir, que, como soube que Artur Ortiz era cativo e estava em poder de cide Nacer, alcaide de Larache, lhe mandou recado, alegando ser seu cativo e o não perder, pola lei que ha entre eles, a qual é que se na guerra, ou em outra parte, perdem um mouro ou cavalo, boi, vaca, em todo o tempo que o tórnão a tomar é de seu dono, e por esta lei e rezão o cide Naçar o entregou a cide Alele, sem nenhũa contradição; e, tanto que foi ante ele, lhe dise estas palavras: «Dios ha querido que tornases a mi poder, no será pera trataros mal, pues lo hizistes como cavallero, pero el rescate que por vos aveis de dar han de ser dos, uno por la primera y otro por esta segunda; y por el moro que os llevava, que murio a poder de açotes que le mande dar, me aveis de dar a Mafamede Iunes, que está cativo en Arzila». Era este Mafamede Iunes cavaleiro, almocadem do Farrobo, e o que se tomou ao Rio Doce a noite que na praia dérão com o adail Fernão Mazcarenhas, e saio cabeça por cabeça por Jorje Manoel, como está dito no fim no ano de vinte um.

Pareceo esta petição de cide Alele muito injusta e fora de toda a rezão, porque o mouro sómente, que pedia por contrapeso, bastava pera trocar um com outro, pois já outra vez saira por Jorje Manoel, que tinha as milhores casas de Arzila e do milhor resgate; mas foi cide Alele tão constante que o que pedio lhe dérão. O conde mandou logo dizer a cide Alele por André Banha, alfaqueque de Tanjere e muito aceito a Mulei Abrahem, que lhe pedia que se não ouvese tão cru no resgate de Artur Ortiz, pedindo-lhe o dése polo acostumado ao que se dávão [1] ás atalaias, e em cima daria um mouro de que pudesem fazer esmola; ao que cide Alele não concedeo, dando por desculpa que o tinha jurado, e que se o não comprise iria ao inferno, e, portanto, podíão falar em outra cousa, que aquela não se podia fazer, e que o preço érão cento e trinta e dous cruzados, e que se lhe avia de dobrar, pois lhe fujira e fora outra vez cativo, e o mouro polo que matara.

Mas, como neste tempo Mulei Abrahem adoecese, mandou pedir ao conde o doutor Duarte Rodríguez, pera o curar. Dando-lhe licença, lhe encomendou muito, ao doutor, o resgate de Artur Ortiz, e que o não deixase, ainda que dése por ele tudo o que pedia cide Alele, seu amo; e como o doutor era honrado e amigo de Artur Ortiz, e mais de seu sogro, João Português, fez com Mulei Abrahem se podia aver Artur Ortiz por menos. Respondeo-lhe Mulei Abrahem que seu primo, cide Alele, não avia de quebrar o juramento, e que se ele quisese que lh'o mandaria sem nenhum resgate, mas que o pagaria a seu primo. Gratificou-lh'o muito o doutor, e que ele bem sabia o preço das

1. *Assim nos três mss.*

atalaias, mas que o juramento não se podia quebrar. Quando mais se não pode fazer, acertou com cide Alele que compriria, asi como pedia, e diso mandou recado ao conde, que mandase Antonio López, porteiro dos contos, e Duarte López, seu cunhado, amo do mouro, que lhe daríão por ele cento e vinte cruzados, ou vinte bois, se Mulei Abrahem lhe dése licença; e, feito este concerto, o doutor pedio licença a Mulej Abrahem pera que aquele gado se pudesse comprar na serra, de que ele foi contente, pera o resgate do mouro, porque com esta ajuda e outras que ele esperava podia satisfazer a sem rezão do alcaide, que bem sabia que não podia dar mais que vinte cruzados de sua casa, e que tudo o mais avíão de suprir esmolas. Fez saber o doutor ao conde o concerto e licença, que mandase quem trouxese o dinheiro e comprase o gado. O conde mandou logo João Português, sogro de Artur Ortiz, com dinheiro pera o comprar, o gado, e foi logo comprado, em que se fez muito proveito; e el-rei fez mercê a Artur Ortiz da ametade, e asi lhe mandou pagar ũa certidão de seu soldo, em que montava outro tanto, e o almirante, cujo criado ele fora, lhe fez ajuda de comprar um cavalo, asi que Artur Ortiz saio sem ficar devendo nada, e asi tornou a sua casa, e dali em diante não quis servir mais de atalaia; mas tudo o que lhe mandávão fazia mui inteiramente, asi em levar cargo de homens, quando era necesario ficar sobre ũa trilha ou sobre a ponte de Alcacere ou sobre outros lugares semelhantes, onde o mandávão por homem de bom recado, que sabia muito bem o campo; e dele farei muitas lembranças muitas vezes, por ser pesoa que o merece e nelas se achar, e onde se achava era o primeiro que punha a lança, e o deixaremos por agora em sua casa e fora de cativeiro, e tornarei a enfiar minhas almogavarias por ordem, desde que el-rei se tornou pera Féz, corrido de não fazer nenhum dano, polo aviso de Artur Ortiz.

CAPITULO XVII

Como Diogo da Silveira fez algũas almogavarias em que tomou mouros e mouras

Feita a cavalgada do campo de Alcacere e tomada a aldea d'Algorfa por Dom Francisco Coutinho, filho do conde, e apartada a jente d'Alcacere e a de Arzila, e cada capitão em sua casa, as almogavarias começárão a correr, indo Diogo da Silveira muitas vezes fora, entre as quais foi amanhecer com corenta de cavalo na ribeira de Mençara, e, saindo da ribeira com o rosto em Fiquer, ouve vista de uns poucos de bois, e, correndo a eles, os alcançárão dentro da serra de Fiquer e com eles dous mouros e ũa moura, das fermosas do noso tempo, e, senão

fora lavrada de sinais todo o rosto e pescoço, fora cousa muito pera ver, e ainda asi era muito fermosa e o é oje em dia, por ser muito alva e ter grandes feições e perfeições, e foi muito tempo cativa de Lopo Mêndez; a qual estava com seu marido enxotando os pasaros de ũa ....[1] e a seus brados fôrão a ela, e o marido se salvou, e a cativárão a ela com dous mouros, e foi muito tempo cativa do dito Lopo Mêndez e de sua molher, Maria Cordovil, que oje está por dona em casa de Dom Afonso de Alencastro; a qual moura, ao tempo do despejo d'Arzila, se tornou cristã e, chamando-se dantes Acima, se pôs nome Caterina Afonso, asi como avia nome sua mãe de Maria Cordovil. Deixando a moura e tornando aos nosos almogaveres, vindo-se recolhendo, trouxérão esta moura e dous mouros e uns doze ou quinze bois, e um rezoado fato de gado meudo deixou, por não fazer detença e tãobem por na vila aver grande abastança dele. Diogo da Silveira se recolheo pola boca de Capanes, onde se ajuntárão mais de dozentos homens de pé, com determinação de lhe tirarem os bois que trazião, mas, como os bois érão poucos e Diogo da Silveira se deu présa a andar a pasar um ribeiro de Capanes, [saio][2] sem contenda, porque, vendo os mouros corenta de cavalo bem armados e em boa ordem, não ousárão apegar, antes se afastárão, e Diogo da Silveira saio da boca de Capanes e com seus boizinhos e a moura e dous mouros; a qual moura ouve Lopo Mêndez, capitão da caravela da armada, posto que era mais pera casa da senhora condesa, e, como Lopo Mêndez e sua molher e sogra érão criados do conde, lh'a mandárão pera casa, pedindo-lhe por mercê lh'a tomase e se servise dela, pois todos érão seus criados e o que tínhão era pera seu serviço. A condesa a não quis aceitar, pondo por escusa que era casada e que seu marido a avia de resgatar, e que ela não queria em sua casa senão mouras solteiras que perdesem o amor a sua terra e o tomasem a sua casa, mas Deos o ordenou de maneira que ela não saio de cativa e se fez cristã, pasando desta maneira.

Não pasárão muitos dias que Diogo da Silveira em outra almogavaria cativou o marido, e esteve tres ou quatro anos cativo em poder de Alvaro Díaz, ferreiro, de que tenho feito asaz de menção, onde esteve com asaz de enfadamentos, por neste tempo os mouros cativarem a Fernão Díaz, seu filho, e o alcaide de Alcacere pedir muito dinheiro por ele e em cima o mouro, e por o Fernão Díaz morrer cativo, levando má vida e sendo maltratado, pola fama que ele e seu pai tinhão que abrião os mouros e lhe tirávão o unto, como no cativeiro de Alvaro Díaz disse.

1. ...] *em branco* B; *f.* N M. — 2. [saio] *f. em todos os mss.*

CAPITULO XVIII

Como Diogo da Silveira tomou o marido desta moura

Tornando Diogo da Silveira outra vez fora, se foi lançar entre Alião e a ribeira d'Alhaim, onde com muito receo estivemos, porque a sermos sentidos desem em nós cento ou dozentos vilãos de pé e primeiro que saisemos nos tratárão mal; e, estando neste arreceo, Diogo da Silveira e Artur Rodriguez e Roque Ravenga, que por nosos atalaias estávão, ouvérão vista de tres ou quatro mouros que ao çoco[1] de Arva íão çoquear[2]. Os mouros desta serra todos os dias da semana fazem suas feiras, a saber, em Alcacere ao domingo, segunda feira em Benarróz e em terça em Benabiziquer e em quarta[3] em este Arva, que se faz entre Alijar e aldea dos Negros. Tanto que Diogo da Silveira ouve vista destes mouros, tomou doze de cavalo e deixou connosco Artur Rodriguez, que esperasemos por ele, e, vindo com algũa necesidade, não deixasemos a ribeira; e, apartado de nós, lhe foi sair diante e, remetendo a eles, lhe ficou na mão um mouro de pé e o marido da moura fermosa de Lopo Mêndez, que em cima de ũa boa egoa ia, levando um xuar[4] ou sotirão[5] cheio de linho e de lentilhas e pasas, que ao çoco levava a vender, e diante de si levava um fermoso chibarro que logo por nós outros foi feito pedaços com a pele, que valia mais que ele, e de sofregos não esperárão aproveitá-la; e, em tanto que Diogo da Silveira preguntava ao mouro donde ia e a nova que lhe compria saber, os companheiros enchêrão as cevadeiras do que os mouros levávão pera vender, que érão pasas, linho, lentilhas, e com muita présa se viérão recolhendo pera nós com dous mouros e ũa egoa e dous asnos, e com grande rebate, que já ia pola serra, nos viemos saindo fora da serra d'Alião e, polo pé de Çahara, viemos demandar Sinete e dali á vila, onde foi muito o alvoroço da nova que traziamos o marido da moura de Lopo Mêndez, indo-o ver como homem que tinha tão fermosa molher; e ao outro dia se pôs o mouro em leilão, como é costume, e o ouve Alvaro Diaz, o ferreiro de que tenho feito muita menção, e, por pedir por ele mais do que o mouro podia dar,

1. çoco] coco BNM. — 2. çoquear] quoquear BM; coquear N. *Como já vimos,* çoco *significa* feira, mercado. — 3. quarta] quinta BM; *f. éste passo em* N. *A emenda é indubitavel, porque* Arva, *que vem a seguir, significa* quarta. — 4. xuar: *vocábulo árabe que significa* ceira, alcofa. *Veja-se Dozy, Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, p. 357, nota.* — 5. sotirão: *sinónimo de xuar, não sabemos explicá-lo. Não vem nos dicionários.*

o teve até que por sua desventura foi cativo Fernão Diaz, seu filho, que foi o derradeiro de nove que tevera, e foi feito reo donde era autor, pedindo o alcaide de Alcacere por ele mil cruzados e o mouro de seu pai, que era o marido da moura, que por muito que o conde fez polo tirar, que, ainda que homem de pé fose, prestava pera muito e sirvia muito bem com sua espingarda e bésta, ou fose nas tranqueiras, ou no Facho, que nunca corria jente sem que ele derribase mouro ou pregase tiro, e em todas as cavalgadas era dos primeiros, mandando-lhe dar o conde cavalo em que fose, polo bom concerto que em sua bésta e espingarda avia, — mas foi sua desaventura e de seu pai e mãe tanta que o não virão fora do cativeiro, e morreo por lhe darem muita má vida, como contarei adiante.

CAPITULO XIX

Em que se conta de outras almogararias

Outras almogavarias e entradas se fizérão neste verão de quinhentos e trinta, as quais, todas não poso trazer á memoria e direi das em que me achei. Sendo já entrada de inverno e tempo de chuvas, sendo adail de Arzila Lopo Mêndez de Vasconcelos, capitão que foi do navio da armada, o qual foi homem abastado e ao parecer largo de conciencia em suas palavras, e de maneira que, indo frades de São Francisco em seu navio, lhe ouvirão algũas que costumava dizer por graça, que a eles não parecêrão bem, e veio el-rei a ser diso sabedor e o mandou vir d'Arzila pera se mostrar sem culpa. O conde escreveo a el rei em seu favor, e que era honrado e abastado, e que servia de adail muito honradamente, e outras cousas que o favorecêrão diante d'el-rei; mas como nenhũa cousa fica sem castigo, sendo abastado e tendo nove filhos e fazenda, por justo juizo de Noso Senhor tudo se veio a diminuir, que nenhũa cousa ficou, asi de fazenda como filhos.

Asi que, sendo ele adail e muito amigo de Diogo da Silveira e conversavel com todos, pedio licença pera ir fora, e com ele fomos até cento de cavalo, e por guia e almocadem Diogo da Silveira, e nos meteo com muita cerração pola serra de Benagorfate, e, muito junto d'Agoni, esperamos esclarecese o dia e descobrisemos em que pudesemos fazer presa; e, antes que chegase o que desejavamos [1], viérão dar connosco dous mouros a pé e, sentindo-nos, dérão grandes brados, e a serra começou a retumbar com o rebate e nos fez sair e vir ter á boca de Capanes, e a agoa não fazia senão cair e perseverar. Diogo da Silveira, que desejava de fazer

1. desejavamos] desejamos B.

presa, nos encubrio na serra de Benamares e por ela fomos dar vista a Mençara, onde vimos gado, ao qual saimos em duas quadrilhas, guiando ũa Diogo da Silveira e outra Artur Rodríguez; logo foi alcansado, e, junto das casas, fomos tomar o mouro e matamos outro, querendo-se defender, mas logo foi levado na lança de Jorje Manoel; e asi nos viemos recolhendo com dous mouros vivos e um que ficou morto e com cem reses vacũas e setecentas meudas, e asi pasamos Capanes com ser de dia e viemos demandar o Xercão, o qual rio ia com tanta agoa que nos cobria, asi que com trabalho pasamos o gado vacum, e o meudo ouve pareceres que o deixasemos, e que o conde viria por ele, e João Homem e eu fomos os que mais porfiamos em o pasar o rio [1] em os arções das selas e o pasamos com muito trabalho, e, depois de pasado, nos viemos amanhecer á Pedra Alta; e á Aldea Velha nos veio o conde a receber com a mais jente da vila, e com muita alegria chegamos a ela, não sentindo [2] o trabalho e cansaso que pasamos, por trazermos toda nosa presa em salvo.

Foi esta cavalgada e almogavaria de muito gosto e contentamento que todos tivemos, e por ser a primeira que Lopo Mêndez fez. Antonio Freire e eu fomos os quadrilheiros, e, vendido os mouros, ouve Antonio Freíre o mais velho, que lhe deu bem de proveito no resgate; o outro mais moço ouve o conde, por Diogo da Silveira dizer que era filho de homem rico e honrado. O gado se vendeo arrezoadamente, asi o groso como meudo, e pagou o quinto ao conde, como é costume. Saimos a mais de dous mil reais, e a vila ficou cheia de muitas e boas cabras, porque as que avia do tempo de Antonio da Silveira érão já gastadas, e asi estava a vila farta e cheia de jente e gado; e, pera o gado pacer, íão as atalaias todos os dias ao campo, que andava largo, e o conde ia muitas vezes a monte, do qual contarei neste capitulo algũa cousa do que neste ano de trinta e um aconteceo.

Nestes dous anos viérão tantos liões ao noso campo que, depois de terem gastados os porcos e toda a outra alimaria, se vínhão derredor da vila buscar de comer, donde afirmo que matamos ás lançadas vinte e seis liões, afora outros que matamos ás espingardadas; e, primeiro que torne ás almogavarias, contarei deste monte e da fojida de um cavalo de Manoel Nûnez, que foi do ifante, e fora do conde de Borba, pai do conde, capitão de Arzila.

1. rio] rio começamos B M. — sentindo] sentido B.

CAPITULO XX

De alguns montes e de um cavalo de Manoel Núnez que desapareceo

Ũa tarde, vindo o conde da guarda e sendo entre a cava e as hortas, ũas quatro emas da condesa, que são ũas aves grandes que se crião nos desertos de Çahara, que são quinze jornadas alem de Tafilete e da Ara, donde vem as tamaras; são da grandura de um carneiro, não vôão em alto, e parece não se alevantarem do chão, posto que não tênhão mui grandes azas e mui delgada e sotil pena, de que se fazem os penachos pera a guerra e pera os galantes se porem na cabeça em gorras ou barretes ou sombreiros. São tão lijeiras em abrindo as azas que, ainda que parecem ir polo chão, não ha cousa viva, por lijeira que seja, que as alcanse. até galgos. Digo isto polas experimentar e asi o fez o conde. São tão castissimas que não crião casta, posto que aja femeas e machos. São seus ovos grandes, como se parece polos que estão em muitas igrejas dependurados.

Vindo nós asi, as emas se espantárão e, abrindo as azas e adejando, fizérão espantar os cavalos, e recuárão atrás, e entre todos foi um cavalo de Manoel Núnez, que já dise, o qual sirvia el-rei muito bem com dous homens de cavalo á sua custa, e sua pesoa guarnecida de ricas armas e de capelares e jaquetas d'ezcarlata, de maneira que era dos mais luzidos fronteiros que avia: e, asi como se espantou, levantou-se em jemeas e ouvera de dar com ele dentro na cava, senão fora acordado, que se lançou fora, e o cavalo foi socorrido de homens que dele apegárão, lançando-lhe mão das comas e cabeça e pernas, e com trabalho o ouvérão fora, e não perdeo o medo, que, quebrando tudo, como cabeçadas e redeas, furou por entre nós pola praia até pasar o Rio Doce, indo o conde e todos os seus trás dele; mas, como já era noite, perdemos de vista o tal cavalo, e, recolhidos alguns que pola varzea fôrão até o porto d'Alfandequim, e visto não parecer o cavalo, o conde deu licença a Manoel Núnez, que em outro seu cavalo veio ao Rio Doce, onde o conde estava, e, recolhido o conde, pola licença que tinha, requereo sesenta de cavalo, e, antes que amanhecese, saimos da vila, e, repartidos em tres quadrilhas, Diogo da Silveira foi amanhecer á Pedra Alta, e Artur Rodríguez ás Aldeas e Roque de Fárão ao Pedregal; e sendo menhã, cortando uns pera os outros, tivemos recado que não parecia cavalo, nem rasto seu; e, como o campo era atalhado e seguro, nos espalhamos a bater a ribeira e montear, onde se matárão alguns porcos. O conde, tanto que foi menhã,

tinha sesenta de cavalo fora, e, o mais do campo atalhado, quis dar ũa boa guarda e fartadega á vila, e foi aos corregos, onde fez graves cousas, e de tudo foi bem remediado, asi que graves fôrão todas as cousas, cortando alguns até o oso [1].

Pois vendo o conde que Tomé de Sousa insistia e porfiava sobre a cabeça, dise que dali por diante lhe dava todos os porcos que ferise e dése a primeira lançada, e ele, ainda que parecia graça, deitou mão da palavra «estendia [2]». Alguns porcos, que do corrego saírão, se metêrão em outro grande e forte, que pera a parte d'Almenara está, e, como os vise tornar logo a sair, parecia que, por aver muitos, saíão, e não era asi como cuidavamos, porque no corrego avia liões, e, como os porcos os sentíão, queríão mais prover a se salvarem, pasando polos ladridos dos cães e pola furia dos monteiros, que sofrer o faro e medo dos liões. O conde determinou de a fazer com os cães, mas, como a grita foi grande dizendo: «Liões, liões!» e o conde vio a determinação deles, não quis que lhe acontecese algum desastre, em lhe matarem algum homem, e dizendo: «Estes deixaremos ir sem contenda, pois não temos lanças d'arremeso, nem espingardas com que lhe tirar»: isto dezia o conde, porque sempre na sua sala tinha um feixe de lanças cortadas e feitas á mão, pera se poderem arremesar, e tãobem ao derredor da vila, quando avia lião, acudíão tres ou quatro espingardeiros e com os de cavalo os matávão; e, recolhido o monte e guardas, nos viemos á vila, onde, recolhidas as mais quadrilhas, não achárão rasto, nem nova do cavalo; mas Diogo da Silveira, por comprazer a Lopo Mêndez, pedio licença que ao outro dia irião amanhecer a Benamandux. Não ouve mais nova de tal cavalo e, pasados estes dez anos, se achárão as estribeiras da outra parte de Tagadarte, na serra do porto d'Alfeixe, gastadas do tempo e das chuvas e fogo que por elas pasou, e tivemos depois, quando se achárão, que o cavalo não perdeo a furia que levava até chegar ao rio de Tagadarte, e se lançou a nado, e da outra parte foi salteado de algum lião.

Os que fomos na tomada destes dous mouros fomos contentes que Manoel Nûnez tomase um dos cavalos, e lhe queriamos pagar as cabeçadas e todo o mais, ele o não quis consentir, e o conde lhe fez tomar um dos cavalos, que saio um bom rocim, e andou muito tempo nele um seu homem, que avia nome Diogo Nûnez.

1. *Parece haver aqui lacuna no texto, mas nenhum dos mss. a indica.* — 2. Estendia, *parece ser de mais e está sublinhada em* B, *talvez para indicar que deve ser suprimida.*

CAPITULO XXI

De algũas montarias

Ja tenho dito como nestes anos de trinta e trinta um viérão a Arzila liões e nos salteárão bois, cavalos, e tinhamos muitos rebates; e aconteceo dizer-se ao conde no vale dos Borrazeiros estarem dous liões que tinhão morto um cavalo, decepado um porco. O conde dise que os queria ir montear e, dando cavalos aos espingardeiros, se foi ao vale, e, batendo da ũa parte e da outra, saio um lião grande e, vendo-se rodeado de jente de cavalo e cães, tomando alguns entre as unhas, logo os matou, mas teve logo a paga, que foi pregado de ũa lança que o conde lhe remesou, que lhe fez acudir á ferida; lançando mão da lança, arrancou após o conde, mas logo foi pasado de outras, porque Dom Francisco e Fernão da Silva, pondo-se á sua ilharga, lhe empenárão cada um sua lança, e [Dom Francisco], pondo as pernas a um jenete, o foi encontrar e meteo a lança nele, e nos pareceo que ele e o cavalo fosem feitos em pedaços, polo ver tão embaraçado com ele, mas logo foi socorrido do conde que com ũa lança pasou o lião de ũa a outra parte, e, vendo Dom Francisco e os que ali eramos o risco do conde, fomos a ele, e teve tantas lançadas que logo acabou. O outro, que dentro do corrego estava, vendo a revolta se saio e, pondo o rosto no rio, o pasou a nado, sem lhe fazerem tiro de nenhum modo, e asi se salvou. O conde, tendo o lião morto, o fez carregar na azemala e trazer á vila, da qual caça a senhora condesa não era muito contente, por ver o risco em que se o conde punha.

. . . . [1]

Outro rebate tivemos de outro lião que saio da fonte da Atalaia Ruiva e se ia melhorando pera saltear um cavalo das atalaias. Sendo visto delas, se pusérão a cavalo, e, com as remanguesas que fizérão, o facho caio e deu rebate, e repicando saimos a repique, e, dando nova que um lião quisera saltear um cavalo dos das atalaias, o conde se foi á Atalaia Ruiva, e logo o lião foi visto, que paseando se vinha contra o outro do Jiestal, mas logo foi rodeado de mais de cento de cavalo, e, tomando o conde ũa lança, se pôs a jeito do lião e, apertando as pernas ao cavalo, quando vio que era tempo, pregou a lança no lião; mas caro lhe ouvera de custar, porque o lião, não tendo conta com a lança, nem ferida, arrancou trás o conde e em poucos saltos foi com ele, parecendo que os pés

1. . .] *linha em branco* BNM.

do cavalo se anoveláváo, torvado de medo da ferocidade do animal, que detrás dele ia, e, lançando-lhe mão de ũa coixa, o fez tornar atrás e o deteve e o fez acurvar e cair a ũa ilharga, tendo o cavalo aferrado com as mãos. O conde saio dele e, posto em pé, levou da espada, como animoso cavaleiro, parecendo-lhe que não sómente se defenderia, mas ofenderia; mas isto não foi feito com tanta présa que o conde não fose socorrido de todos, mas primeiro o fez um seu pajem, que avia nome Jorje Pasanha, o qual, vendo o lião ir trás seu senhor, arrincou trás eles, e, em o cavalo caindo, ele se lançou fora do seu e se pôs entre o lião e o conde, de maneira que ambos a um tempo fôrão no chão e sem perigo; ele se pôs logo em um cavalo e, parecendo-lhe não ser rezão que o lião se fose em salvo, tomando outra lança, a foi empregar nele, e após a sua fôrão mais de vinte, que fizérão ao lião cair, e, por muito perseguido, se não defendeo; e, tomando-o o conde, o mandou pôr em um cavalo e trazer á vila, onde o visem, e tirar-lhe a pele, e o corpo se lançou na praia, onde andou sem cousa viva chegar a ele, porque tem tal calidade a carne do lião que nenhũa cousa o come se nós outros não. Digo isto porque somos tão sofregos que o que deixão de comer gatos, cães, adibes e outros bichos daninhos comemos nós. Fez Deos grande mercê ao conde.

CAPITULO XXII

Como Lopo Mêndez adaíl tornou a entrar com corenta de cavalo e sendo sentido nos armárão e matárão dous homens

Outros casos e sortes acontecêrão neste tempo com liões, que deixo por não enfadar, e porque já os mouros me tem por sospeito, pois tenho falado em todas as corridas e cavalgadas em noso favor, sendo a guerra de Africa de calidade que os mouros a fazem por força e nós por manha, posto que neste tempo eramos senhores do campo, não avendo medo aos alcaides, nosos vezinhos, por nenhum nos ousar de correr só, e pera o fazerem se ajuntávão dous ou tres alcaides, como o de Alcacere, o de Jazem e Xexuão e Tetuão, e, quando algum entrava da Ponte a dentro, era com muito risco e segredo, e não ousava correr a vila, mas mandava almogaveres e ele ficava ũa e duas legoas á ventura de nos tomar á longa, indo trás eles, como muitas vezes acontecia, — e desta maneira darei rezão d'almogaveres, pois deles ha algũas corridas, em que tomárão atalaias, e outra que nós fizemos, em que perdemos dous de cavalo.

Lopo Mêndez tornou a ir fora, dando-lhe o conde licença pera um ardil que Artur Rodríguez lhe dava, que era ir correr a Benamaçuar; e,

por Lopo Mêndez ser amigo de todos, com pouco trabalho nos pusemos a cavalo corenta moradores, guiando Artur Rodríguez, e nos meteo por antre a Baiona encabeçada, e, como homem experimentado, pedio aos companheiros que nenhum parase, nem fose diante dele; e com este concerto arrancamos e fomos juntos até onde aviamos de ficar com o adail, e, quando os almocadens a ele chegárão, érão pasados os mais deles, não lhe lembrando o que ele tinha encomendado e mandado, nem a ordem de guerra, sómente cuidarem que não hão de achar contraste, senão o que vão buscar, como já dise; e, pasando Artur Rodríguez o ribeiro, as mouras se acolhêrão e deixárão as vaquinhas [1], e, primeiro que os nosos se acolhesem, matárão Jil Carvalho, filho de Nuno Álvarez de Carvalho, de que tenho feito menção, o qual tinha dado tais mostras que se esperava dele ser pera muito: e, com este mancebo lhe ficar nas mãos, carregárão os mouros tanto que fizérão os nosos não poder tomar o porto, onde nós os esperavamos, e se lançárão ao ribeiro, asaz forte e embrenhado, e nele matárão a Vicente Pírez, homem casado, e derribárão Domingos Martinz, criado de Fernão da Silva, o qual saio e se ouve connosco, apegado ao cabo do cavalo de João Conde; e após ele pasárão mais de cincoenta de pé, os quais levavamos até o ribeiro, e, como estávão com vitoria favorecidos, nos recebêrão com muita pedra e lanças e com algũas setas, e nos fizérão afastar de si com dous ou tres cavalos feridos, em que foi o meu pasado o pescoço de ũa lança d'arremeso, e outra me deu nas couraças, que por vir debaixo não fez nojo, e asi foi ferido Jorje Vaz de Magalhães e Afonso Gonçálvez, que, por valer a Cristóvão Pírez, lhe dérão muitas pedradas e lanças d'arremeso. Depois que alargamos o ribeiro nos seguírão pola serra, por nos tomar outro porto que ficava no meio dela; os de cavalo nos seguírão, deixando nos os de pé, e viérão á fala e preguntárão quem era o almocadem, com outras muitas cousas, e, deixando a serra o mais que pudemos, nos saimos do mais forte dela, e, com desgosto polos dous mortos, nos viemos á vila, na qual entramos de noite, por se nos não enxergar a tristeza que traziamos; asi o conde, como toda a vila, lhes pesou muito da perda, asi de Jil Carvalho, como do mais, e isto por não ter outro filho.

1. *Deve haver aqui lacuna, mas não vem indicada nos mss.*

CAPITULO XXIII

De como almogaveres mouros nos corrêrão e tomárão duas atalaias em Tendefe

Neste ano, almogaveres de Alcacere viérão a entrar, trazendo-os Iasuque, almocadem, o qual se veio meter na canaveeira de Tendefe, com sós quinze ou vinte de cavalo, deixando outros tantos no Malhão, pera que as atalaias, que o fosem descubrir, ficasem atalhadas e não se pudesem salvar; e, como estava ordenado perderem-se ambas, se ordenou doutra maneira, que, indo as atalaias pola menhã, não pasárão da aldea, donde avíão de esperar que a guarda se dése, pera se melhorarem, e, apartando-se ũa da outra, dando-se vista, desem conta ũa da outra; e vendo João Martinz, que era o que na canaveeira estava, que o adail com a guarda estávão nos Forninhos, esperando irem as atalaias por diante, se pôs a cavalo e se foi ao companheiro, pondo-o a cavalo e dizendo-lhe serem horas; mas os mouros, que sobre aviso estávão, vendo-o pôr a cavalo e trespor pera a outra banda, saírão da canaveeira, e, tomando-lhe o caminho da vila, fôrão dar com eles e logo tomárão o companheiro, que era castelhano, mancebo de Valverde, lugar que está junto de Olivença, e o João Martinz, que a cavalo estava, vendo os mouros da parte da vila, se lançou polo outeiro abaixo, por ũa vereda que, por entre daroeiras e palmeiras, ia saindo por cima d'Alhazana e lhe fôrão sair diante, e, querendo João Martinz topetar em cima do cabo, achou os mouros diante e lhe abaixou a lança e se entregou. Nisto chegárão os que trazíão o companheiro e juntos fôrão demandar a barca de Larache, que era então do alcaide de Alcacere, donde fôrão recebidos com grande alvoroço, por aver muitos dias que não tínhão tomado homem de Arzila.

E os almogaveres do Farrobo não estivérão sem nos dar muitos rebates e repiques, correndo as atalaias, das quais levárão ũa, deitando-se em Alecasapo, onde aquele dia era o jiro de descubrir de Luis Franco, o qual [1], em o tempo que estava nela, o irmão lhe comprou um rocim e o trazia consigo na atalaia, descubrindo por ele. Depois começamos de montear ás Aldeas dez ou doze, em que entrava o alcaide mór, Luis Valente, Estêvão d'Aires [2], Francisco Pinto, homens do conde, que puderamos seguir os mouros, o que não fizemos, por ouvirmos a bombarda

1. o qual] o qual trazia B N M *Emenda incerta.* — 2. d'Aires] Dares B M; Soares N. *Adiante, no capítulo* LIII, *vem a forma correcta.*

do rebate, e nos tornamos ao porto d'Alfandequim, onde esperamos até o rebate se asegurar; e, vendo as atalaias seguras, tornamos a noso desmando e nele matamos tres porcos, que o conde nos mandou tirar tres bombardadas, fazendo-nos sinal que érão almogaveres, e nem por iso deixamos de seguir noso desmando, de que o conde se mostrou agravado e á porta nos mandou tomar toda a carne e no cileiro[1] ũa fanega de trigo a cada um, e de palavra nos reprendeo rijo, e não nos levou em conta o bom rebate que tinhamos em nós, com termos atalaias no outeiro das Vinhas, e andar por onde nos não podíão mouros entrar, — de tal maneira nos tratou que o monte foi á nosa custa. E com estes cinco homens, que se perdêrão este ano, deixarei a guerra de terra, que nós contra os mouros fizemos, e direi parte das muitas cousas que polo março socedêrão por mar, em especial pola fojida e tornada em mouro de João Vaz Maio.

CAPITULO XXIV

De algũas entradas que João Vaz Maio elche fez na costa do Algarve e o dano que fez

A fama que avia de tornar-se mouro João Vaz Maio, não tão sómente encheo o reino de Féz e amedrentou o Algarve, donde era natural, mas tãobem toda a Andaluzia, a qual costa ele mui bem sabia: e asi fez como navios de remo do reino o viesem buscar, como viérão dous de Arjel e um de Bélez, outro de Tetuão, de maneira que se ajuntárão em Larache cinco navios, em companhia de um de Alcacere que o alcaide mandou comprar a Bélez, o qual cheio de alvoroço de ter um arráiz e almocadem do mar em sua terra e porto, e, por ser Larache neste tempo seu e por não perder a ocasião que lhe o tempo dava e por João Vaz lh'o aconselhar, mandou um mouro, seu criado, por nome cide Muça, que fose a Bélez comprar ũa fusta de dezaseis bancos, e se foi ao arráiz que a escolhesem e trouxesem, os quais em poucos dias o fizérão[2], e asi mais duas ou tres, e, ajuntando-se em Larache com as outras e levando por guia a João Vaz, almocadem, fôrão confiados muito nele, que era já muito omiziado, asi por se tornar mouro e um seu filho, como porque no rio cativárão muitos cristãos, e asi de antes, como adiante direi.

Tornando ás fustas e entradas que fez, fôrão sobre Fárão e, lançando cem homens em terra, fizérão muito dano em quintais e casas, onde

1 cileiro] saleiro B — 2. e se foi... o fizérão: *o texto está certamente alterado, mas não o soubemos restituir á sua pureza.*

tomárão cincoenta ou sesenta pesoas, acudindo Nuno Rodríguez Barreto, veador da fazenda do Algarve, com as principais de Fárão e Loulé, e os fizérão recolher ás lançadas e setadas de muitos bèsteiros que ao rebate acudírão, e, sem lhe tirarem nada de sua presa, se embarcárão e se viérão sobre Areas Gordas, onde tomárão dous ou tres navios e, deixando os dous, que de pouca valia érão, trouxérão o outro, que de um Francisco de Obidos, de Tavila, era, que do Cabo Verde vinha pera Cáliz, carregado de algodões e marfins. Com esta presa entrou João Vaz em Larache, trazendo setenta ou oitenta pesoas cativas. Chamou-se este João Vaz Amete, por se chamar asi o alcaide, cujo Larache era. Foi muito bem recebido do alcaide, partindo muito largamente com ele, fazendo-lhe mercê e honra.

. . . . [1]

Os mais determinamos de nos defender e guardar a verdade, pelejando e morrendo pola salvação verdadeira das pesoas e bons cavaleiros, fazendo arrombadas de sacas [2] de algodão e couros, balroando ũa caravela com a outra, pondo a popa de ũa com a popa da outra, e com esta ordem e determinação esperávão que as fustas chegasem, as quais não tardárão que as dos turcos as fosem demandar, parecendo-lhe que logo as rendesem, e não lhes saio asi, porque como a elas chegárão e as investisem, deitárão dentro mais de trinta turcos e mouros, entrando por cima das sacas [2], mas mais depresa saírão do que entrárão, porque os das caravelas, como valentes cavaleiros, saltárão com lanças e asi os fizérão sair, ficando tres mortos, outros mal feridos.

Vendo os turcos o dano que recebêrão em navios, e sem artelharia, não deixárão ainda de as deixar de acometer, mas não ganhárão mais que da primeira vez, e, vendo o dano que recebião, se pusérão ás arcabuzadas e setadas polos matar, esperando por João Vaz, que com os outros navios fora demandar ũa naveta, que contra o Cabo de S. Vicente deitara em terra os que nela vínhão, e ela vinha carregada de pastel. Os turcos, achando-a despejada de jente, a tomárão e, revocando-a, a trouxérão pera onde estávão á contenda com as caravelas, onde se tinha feito muito dano, e não ousávão de as tornar a investir, e esperávão que João Vaz viese era todos juntos darem nelas, o que não foi asi, porque os fidalgos e homens do mar de Lagos, acudindo a rebate e vendo que as caravelas se defendíão, alvoroçados como bons cavaleiros, fôrão ao socorro e se lançárão em duas ou tres caravelas, que na baia estávão; metendo-se nelas com suas armas e muitos bèsteiros e espingardeiros, se fôrão chegando ás fustas, que com as caravelas estávão ás voltas, as quais, vendo vir-lhe socorro, se afastárão, levando muito dano de mortos e feridos, e todos

1. ...] *linha em branco* B N; *sem branco* M. — 2. sacas] casas B, *mas emendado, como no texto, por outro punho e tinta;* cazas M.

merecíão ser louvados. Os turcos e mouros ajuntárão sua presa com menos gosto do que cuidávão, por as caravelas se defenderem e matarem e ferirem muita jente; no Estreito se detivérão alguns dias, na costa do Algarve [1]; e, tornando a João Vaz, direi o que mais fez.

CAPITULO XXV

Como João Vaz tomou os vendeiros da Venda de Santanejos á boca do rio de Sevilha e os da Carvoeira nas Areas Gordas e outros

João Vaz, como andava enfrascado no dano que nos fazia, não podia ter sosego, e, tanto que teve espalmados os tres navios, ordenou de tornar fora e saio do rio de Larache muito tarde e com muito resguardo, que não fose visto, nem sentido das nosas atalaias, e aquela noite se lançou no mar, e ao outro dia, á tarde, esteve sobre as baias de Cáliz e São Lucar de Barramede, que é na entrada do rio de Sevilha, e aquela noite foi demandar a terra e ante-menhã se meteo dentro do rio, lançando em terra cincoenta homens, e fôrão tomar os vendeiros de Santanejos e os que aquela noite na Venda dormírão, e tão prestes que não escapou nenhum e tomárão bem quinze pesoas, em que entrárão dous mercadores portugueses, que pera Cáliz íão, e decepárão sete ou oito bestas que derredor da Venda andávão; e, não contente com esta cavalgada, mandou polo caminho da praia trinta mouros, que tomasem os que poio caminho viesem demandar a Venda e o vendeiro da Carvoeira, que é outra venda que está no cabo das Areas Gordas, tres legoas de Santanejos e duas da boca do rio, e pera os guiarem foi um alcaide, que nas fustas vinha com o recoveiro que na venda tomárão, e tão bem lhes dise a fortuna que tomárão alguns que madrugárão pera tomar a barca, e já de dia tomárão o vendeiro e alguns pescadores de Xobrega, que, como não vião navio no mar, se tinhão por seguros; e João Vaz, como foi menhã, saio do rio e ao longo da praia foi tomar os seus, e, junto ũa presa com a outra, fôrão mais de vinte cristãos os que aquela noite tomárão, e porque vio muita revolta em São Lucar, por estar ahi o duque de Medina Sidonia, que mandou com muita dilijencia armar ũa galeota, vendo as tres fustas, e asi com mais duas caravelas, mas não saírão a tempo que lhes fizese dano; e, recolhendo-se João Vaz, quisera intentar ũa caravela que em companhia de ũa nao estava em Cáliz, mas a viração ventava e a nao e caravela fôrão caminho da baia, sem querer entender nas fustas, as quais, pasando á vista de Arzila, se ouvérão em Larache. Outras entradas fez

1. *Deve ser o Algarve dalèm mar, em Africa.*

João Vaz este ano, em especial em o seu barquinho, dignas de admiração, que não conto por não fazer neste ano tanta leitura, mas ficarão pera este ano seguinte; e, deixando-o agora com o demonio que o trazia, tornarei aos turcos que em Çalé ficárão curando-se.

CAPITULO XXVI

Do que aconteceo aos turcos que em Çalé ficárão curando-se

ESTANDO prestes os turcos em Çalé, depois de curados, pera sair, ouvérão vista de ũa caravela e, parecendo-lhe ser navio que o tempo ali deitara, com muita présa lhe sairão e fôrão com ele e o tomárão, porque a caravela, vendo sair as fustas do lugar pera onde ia, não se temeo, mas antes se ouve por segura, por a mandar um judeu, que em Portugal estava honrado, que se chamava Rosales, e nela ia Rui Mêndez, filho de Diogo Sânchez, mercador rico e abastado de Lisboa. Os turcos, vendo tão boa presa nas mãos, e que o navio ia rico, por levar roupa da India, que podia valer cinco ou seis mil cruzados, fôrão cheios de cobiça e, não lhe lembrando fé, nem verdade, nem que o navio ia pera Çalé, onde eles estávão com seguro, se apoderárão dele e, levando-o consigo, se fôrão meter no rio da Mamora, cinco legoas de Çalé, onde o alcaide mandou alguns de cavalo com um jenro de Rosales, que Iabi Sanel Chiquitilha [1] avia nome, requerendo-lhe que não tomasem o navio, pois trazia seguro d'el-rei e de Mulei Abrahem, e vinha pera o porto onde eles estávão. Os turcos respondêrão que eles não vínhão senão a roubar e enriquecer, e, pois a fazenda era de cristãos e judeus, que lh'a daríão se lhes desem dous mil cruzados, e que logo lh'os desem, e isto polo alcaide falar niso e por o judeu insistir que aquele navio não podia ser tomado. O capitão das fustas, com nojo e menencorea, jurou que o levava ao cabo de Gué a vender a presa ao xerife, e logo se lançou fora do rio e tornou a pasar junto de Çalé. Vendo o alcaide que as fustas pasávão e não entrávão, tornou a mandar alguns de cavalo ao longo da costa, capeando-lhe que esperasem polos dous mil cruzados. Os turcos se fôrão meter em Fadale, porto despovoado, que está entre Azamor e Çalé, onde os quatro de cavalo e Chiquitilha falárão ao capitão, que vendo que não trazíão dinheiro e que tudo érão palavras, e por estar arrependido de averem pedido pouco, dérão á vela e se fôrão caminho de Çafi, donde tomárão dous navios com algũa jente, que na baia estava, e com eles

1. Chiquitilha] e Iquitilha B; e Hiquitilha M; *f.* N. *A forma correcta vem algumas linhas abaixo.*

se foi ao cabo de Gué e se metêrão no rio de Meça, onde fizérão saber aos xerifes de sua chegada e presa, os quais lhes dérão seguro e lh'a comprárão toda, em que fizérão muito e bom dinheiro, e feito em ouro, esperando polo mês de setembro, pera se poderem milhor ver com os parentes, onde os deixamos.

CAPITULO XXVII

Que conta da armada que este ano veio ao Estreito

A nova destes navios de remo e de João Vaz se tornar mouro chegou a el-rei, noso senhor. que neste tempo estava em Evora, e com muita presteza mandou que em Lisboa se fizese ũa armada de seis ou sete caravelas, por capitão-mór Dom Estêvão da Gama, que depois foi governador da India, e em pouco tempo se fez prestes e partio e veio direito a Arzila, onde foi recebido com muita alegria e honra, asi ele como seus irmãos, Dom Paulo e Dom Cristóvão, que por capitães doutros navios vínhão. Levou Dom Estêvão nesta armada quatro galeões que se fizérão no Algarve, muito grandes e muito bem armados; estes fôrão com a armada que el-rei mandou a Tûnez, em que ia por capitão-mór Antonio de Saldanha, em que se fez muito serviço a Deos e ao emperador e ao reino muita honra, por o emperador lhe dar a dianteira na bateria da Goleta.

Tornando a Dom Estêvão e á sua chegada, o conde mandou a Roque de Fárão com vinte cinco de cavalo ao rio de Larache, por saber a disposicão das fustas e se estávão espalmadas, e achárão-nas metidas polo estreito dentro, que vendo a armada se temêrão que com os bateis e barcas lh'as fosem tomar ou queimar; e por isso parece ser verdade o que já tenho dito, que, como avia navio em Larache, se temião de lh'o irem queimar, como muitas vezes tinhamos feito; e, como Dom Estêvão soube a guarda e resguardo que nas fustas se tinha, não quis intentar cousa com que não saise e com o primeiro ponente se foi visitar Tanjere e os outros lugares do Estreito, donde enxotou outros navios que se querião ajuntar com João Vaz de Bélez e Xexuão; e, andando Dom Estêvão no Estreito, viérão as duas fustas, que no cabo de Gué fôrão vender a presa de Rosales, depois de terem feito seu resgate e fazerem-se ricos. Vendo tempo pera demandar o Estreito, com os primeiros ponentes partírão, vindo ao longo da costa, pasárão por Çalé e Larache, sem ousarem tomar porto no reino de Féz, por lhe não demandarem a caravela que mal tomada era; e, vindo seu viagem, apontando polo Cabo Branco, onde

logo fôrão vistas das nosas atalaias e dérão rebates e na vila ouve repique, e, vendo serem fustas, dérão o sinal acostumado aos barcos de pescar, que era ũa fumaça ao Miradouro. Os barcos se não pudérão tão prestes acolher que não alcansasem um, e o viérão tomar junto do Boqueirão, tanto debaixo das nosas bombardas que os pelouros pasávão por cima delas, mas a galeota grande, que diante vinha, como ao barco chegou, tomou sete homens pescadores e o pescado que trazíão e se foi caminho do cabo de Espartel, onde estivérão ao outro dia, por não pasarem por Tanjere de dia, por temor da armada que em Cepta estava; e a outra noite pasárão e, estando entre Tanjere e Alcacere, virão vir a armada com muita força de levante e, vendo que as caravelas não chegávão, faltando-lhe o vento, como foi noite, tomando o remo nas mãos, e se pusérão a balravento da armada, e não tardou que não tardase a ventar ponente com muita força, e pode mais que o levante, e Dom Estêvão, tornando a seguir as fustas, as alcansou e, pondo a proa na galeota, a investio com um galeão e a fez em pedaços, e fez asi turcos como mouros nadarem, e os mais se afogárão, de tal maneira foi a galeota desfeita, de modo que não escapou mais que alguns, que na agoa andávão, que Dom Estêvão quis que tomasem; a outra fusta, por ser piquena, se meteo ao longo da terra e se salvou e, saindo do Estreito, se foi a Arjel, ficando seu capitão cativo com alguns que tomárão na agua, e todos os mais afogados, e todo o dinheiro que trazíão, asi ouro como o demais, perdido, sem se salvar nada dele.

Esta fusta, que aqui escapou da armada de Dom Estêvão, não pasárão muitos dias que não fose tomada doutra de Castela, que com ela se topou, e cativos os turcos e mouros dela e os cristãos soltos e livres, onde fôrão dous dos sete que tomárão no barco de pescar, debaixo das bombardas de Arzila, os quais érão João Rodríguez Toucinho, do porto de Santa Maria, e João Português, o qual achou sua molher casada, que Brianda Vaz avia nome, com um homem do mar, que, por termos nova todos érão afogados, o carpio e se casou, e, depois que veio seu primeiro marido, deixou o segundo e fez vida com o primeiro e lhe morreo, e se casou outra vez com um cavaleiro, bom homem, que, sendo cativo, faleceo, e ela[1] oje em dia anda nesta cidade de Lisboa, procurando o resgate de Manuel Díaz, seu jenro.

E asi pagárão estes turcos e mouros a pouca fé e ladroice que cometêrão em companhia de João Vaz Maio, elche: é Deos tão justo que não quis que pasasem sem castigo do mal que tinhão feito. Dom Estêvão fez nesta tomada da galiota muito serviço a Deos e a el-rei, e os turcos ficárão escarmentados, que não tornárão tão cedo ao Estreito: e asi faço fim a este ano de trinta e entro no de trinta um.

1. ela] ele B; *f.* N.

CAPITULO XXVIII

Em que entra o ano de trinta um
e da perda dos filhos de Dom Duarte

Eu me detive neste ano de trinta, por nele acontecerem cousas que se não podião deixar, e, guardando a ordem dos anos, direi do seguinte, de trinta um, no principio do qual ouve neste reino de Portugal muito trabalho, por aver nele peste e terremotos, com tremer a terra e cairem casas e edeficios, onde morreo muita jente; e tal espanto e medo pôs que andávão as jentes espantadas e fora de si, que não ousávão a entrar, nem dormir em povoado, e saíão-se ao campo, onde dormíão em choupanas e tendas que pera iso fazião, e asaz foi isto mais em Lisboa e polo Tejo acima que em outra parte, e em especial em Vila Franca, Povos, Castanheira, Azambuja, até Santarem, e foi este terremoto a vinte de janeiro do ano de trinta um; e, como Noso Senhor é misericordioso, ouve por bem sosegar o tempo.

Levantado o tremor e peste, logo ouve outro rebate neste reino, que foi a nova da perda dos filhos de Dom Duarte, capitão de Tanjere, serem perdidos com toda a jente da cidade; e esta nova foi causa que os mais principais fidalgos deste reino, com muita presteza e gasto, acudírão com suas pesoas e jente de cavalo ao socorro de Tanjere, e, como estes filhos de Dom Duarte se perdêrão com a demais jente, direi brevemente.

Em Tanjere avia um João Rodríguez, almocadem, que muito bem sabia o campo e as serras. Este João Rodriguez espiou ũa aldea na serra d'Anjera e vio como lhe podia fazer dano e tomar a boiada, e, dando conta ao capitão, fez com que os filhos lhe pedisem licença pera ir fora ao ardil de João Rodríguez, o que ele concedeo, por ele não poder ir em pesoa, por suas indisposições, e fôrão os filhos, Dom Fernando e Dom Diogo, levando a bandeira e a mais da jente de Tanjere, em que íão cento e corenta de cavalo, e ao outro dia dérão na aldea, que Beneolim avia nome, e, tomadas algũas almas, lhe tomárão todo o gado, asi groso como meudo; mas logo acudírão ao rebate cincoenta de cavalo, que acaso acertárão a ser hospedes, asi na aldea como derredor dela, por Mulei Abrahem acertar correr a Tanjere e acertar aquela noite a dormir em Anjera, junto a Beneolim, e cide Omar Bençalema, seu irmão, que já era alcaide de Xexuão, foi o que logo acudio e se achou com os dianteiros. Os de Tanjere, vendo jente nova e não esperada, logo se confranjêrão e vírão o mal daquele dia; por recrecer jente de pé, bradárão que deixasem o gado e se ouvesem da outra parte de um ribeiro, temendo-se a o pasar

não recebesem dano, e deste parecer fôrão João Rodríguez, Francisco de Meneses e o adail, Diogo Mêndez d'Azevedo; mas Dom Diogo, filho de Dom Duarte, o não quis consentir, dizendo que ũa cabra não avia de deixar, e, trazendo sua cavalgada, chegárão á ribeira, vindo já com eles bem oitenta de cavalo e dozentos de pé, que os trazíão tão asados que Francisco de Meneses e o adail disérão a Dom Diogo que alargasem ao gado e pasasem a ribeira, o que Dom Diogo não quis, cousa muito pera culpar a uns tão estremados cavaleiros como ali érão, como o adail e Francisco de Meneses estarem polo parecer de um mancebo de menos de dezoito anos, tendo eles tanta experiencia de guerra; e por outra parte se podem louvar, que, como leais portugueses, obedecêrão a seu capitão, posto que víão ser necesario o que aconselhávão. Ao pasar da ribeira fôrão os nosos tão apertados que matárão ao adail Diogo Mêndez d'Azevedo, pesoa valerosa e principal de Tanjere, e com ele morreo Bras Afonso, natural de Cepta, que, morando em Arzila, foi casar a Tanjere. A morte do adail pôs grande espanto aos nosos, que logo se ouvérão por desbaratados, e sem mais esperar se pûnhão na dianteira. Vendo os mouros a fraqueza, e que o gado ficava, por não aver quem o tanjese, apertárão de tal maneira que, querendo os filhos de Dom Duarte a traseira, fomos derribados, e Dom Diogo morto e Dom Fernando o maior cativo; e, vendo todos os seus capitães mortos e cativos, sem mais olharem por nada, dérão á longa pondo-se em fojida, não escapando senão a unha de cavalo, que fôrão até corenta de cavalo, e fôrão mortos noventa e tantos, e com Dom Fernando alguns cativos, que seríão sete ou oito. Escapou deste desbarate Francisco de Meneses, e seu filho Francisco de Meneses foi cativo e seu jenro Gaspar de Meneses, filho de Pero de Meneses. Neste desbarate se asinou cide Abedelá Celema [1], irmão de Mulei Abrahem, que, achando-se nestes dianteiros, ele foi o acometedor e o seguidor do alcance até junto da cidade, e dezíão que os mais que morrêrão fôrão derribados da sua lança.

Dous ditos notaveis contarei que fôrão este triste dia ditos por dous mancebos, que nenhum chegava a vinte anos: um foi de Pero Álvarez de Souto-Maior, filho de Fernando Anes de Souto-Maior, que, achando-se na dianteira, onde Dom Diogo o pusera, e, vendo vir a jente em desbarate, trabalhando polos deter, preguntando por Dom Fernando e Dom Diogo, e, como lhe disérão que érão mortos, dise: «Não queira Deos que eu me salve, deixando meus capitães mortos no campo», e, tornando atrás, se encontrou com cide Abedelá Celema, que diante vinha, o qual vendo-o moço, ou polo conhecerem, depois de derribado, foi tomado cativo e levado a Dom Fernando, que perto dali fora derribado.

1. Celema] Cema B, *mas 11 linhas abaixo* Celema. *Anteriormente, p. 194, l. 30, chamou-se-lhe* Bençalema

O outro dito foi de Dom Fernando, que, sendo posto entre seus imigos e derredor muitos que o conhecêrão e o nomeávão por Dom Fernando, chegou Mulei Abrahem, e, como era nobre e magnanimo, o fez pôr a cavalo, asi a ele como a Pero Alvarez, e, querendo-o consolar, lhe dise estas palavras: «Senhor Dom Fernando, estes são os efeitos da guerra, que não favorecem a ũa parte sem dano da outra; mas esta fortuna vosa é mais pola soberba e condição de voso pai que polo vós merecerdes». Isto dezia Mulei Abrahem por Dom Duarte ser aspero e se dar muito mal com ele. Respondeo-lhe Dom Fernando: «Senhor, não vai isto em ser meu pai de boa, nem má condição, senão o costume que tem os Meneses, donde venho, derramarem o sangue nos campos de Alcacere, Tanjere e Arzila». Mulei Abrahem, vendo a reposta de Dom Fernando lh'o teve a bem e lhe pedio perdão, e lhe dise: «Vós ganhastes, senhor Dom Fernando» e recolheo a si e o tratou, não como a cativo, senão como filho, dando-lhe oito vintens cada dia, pera gasto seu e de Pero Álvarez, e pera um cristão que os servia dous vintens, e comião á sua mesa com suas molheres Dom Fernando e Pero Álvarez. O costume de Mulei Abrahem era que, como bebia vinho, não entrava pera onde comia e bebia senão cristãos e judeus, seus privados, que ele mandava chamar.

Deixando Mulei Abrahem com sua vitoria e a Dom Fernando em seu poder, onde morreo de camaras, sem ser resgatado, direi o que Dom Duarte fez neste [mal][1] afortunado dia, pois nele perdeo dous filhos e vinte dous de cavalo de sua casa, entre parentes e criados, afora os moradores e fronteiros setenta. Tanto que ouve repique, que ele saio ao Facho e recolheo as reliquias que escapárão, de cento e corenta de cavalo que com seus filhos mandou, com muita tristeza se recolheo á cidade, onde á porta estávão as molheres descabeladas, preguntando polos maridos, filhos, irmãos, ás quais respondia[2]: «Ficão como bons cavaleiros acompanhando meus filhos» e, vestido um balandrao de escarlata, visitou todas as anojadas e consolando-as com seu exemplo, dizendo: «Olhai minha perda e que érão meus filhos e a esperança que tinha de suas virtudes, e de vinte dous de cavalo todos de minha casa saírão sem tornar um deles», dando iouvores a Deos que asi o ouve por bem, e desta maneira se mostrou animoso e [asi][3] a senhora sua molher, e depois se recolheo a sua casa e camara, escrevendo cartas a el-rei e asi ao feitor de Andaluzia, o qual logo proveo a cidade com dozentos soldados e muito mantimento, com que a cidade ficou segura.

1. [mal] *f.* B N M. — 2. ás quais respondia] os quais respondíão M. — 3. [asi] *f.* B N M

CAPITULO XXIX

Do socorro que a Tanjere veio

A nova deste desbarate e perda dos filhos de Dom Duarte chegou a el-rei, noso senhor, estando em Alcouchete, lugar de Ribatejo, defronte de Lisboa, e alvoroçou tanto este reino e corte que fez os mais fidalgos partir ao socorro de Tanjere, e em quinze dias fôrão nele mais de cem fidalgos, com seus criados e achegados e armas e cavalos, de maneira que se ajuntárão quinhentos de cavalo em Tanjere; e como Mulei Abrahem tornase a Féz e el-rei fose este ano a Marrocos, á guerra do xerife, e as serras de Tanjere não são pera tanta e tão honrada fidalguia entrarem sem fazerem algum bom feito, requerêrão a Dom Duarte que fizese com o conde os levase ao campo de Alcacere Quibir, pera o qual requerimento levou a Arzila toda aquela fidalguia, que era a maior parte que em Portugal avia, que não se noméão por não enfadar; e fôrão agasalhados em Arzila, com muito alvoroço e gasto de nós outros moradores, por cujas casas o conde os repartio, e de tal maneira fôrão abastados que ouvi a Dom Diogo de Crasto e a Dom Pero Lobo e outros fidalgos, em louvor dos moradores de Arzila, que era ũa corte e érão mui honrados, e merecíão fazerem-lhe honra e mercê, e muitos recebêrão dobrada honra e mercê polo que lhe o irmão tinha dito.

Foi esta vinda de Dom Duarte com estes fidalgos pera se tratar um negocio arduo e grande, que era saquear Alcacere Quibir, pera o qual feito Gonçalo Pérez de Galhegos, cavaleiro e morador em Xerez da Fronteira, como servidor d'el-rei e do conde, se oferecia trazer quatrocentos ou quinhentos soldados á sua custa e dozentos de cavalo, o qual sabido por el-rei avisou ao conde que nenhũa jente viese que não fose paga do seu dinheiro e mandados por seu feitor, o que os cavaleiros de Xerez não quisérão receber paga, senão virem á sua custa, por servir el-rei e ganhar honra. Desfeito este conselho e trato que segundo o tempo e disposição daquela cidade estava tomada e saqueada, e fora ũa das cousas asinadas do noso tempo, — tornando á jente que em Arzila estava, entrados em conselho em São Francisco, donde Dom Duarte pousava, foi dito por Dom Duarte que trazia a cargo tantos e tão honrados fidalgos, de que avia de dar conta a Deos e a el-rei e ao mundo, e que a nova que o conde tinha era de oito dias, e que neles podia el-rei vir de Marrocos, quanto mais que sabendo que estes fidalgos erão vindos, e que avíão de querer fazer algũa entrada, podíão[1] tornar do caminho, que se avia de tomar lingoa

1. podíão] podia N M.

mais fresca. O conde contra sua vontade, vendo a de Dom Duarte, mandou a Diogo da Silveira que com trinta de cavalo tomase ũa lingoa e que levase Jorje da Silveira consigo; e indo nós noso caminho pera tomar lingoa de noite, antes de chegar á Ponte, vimos fogos ao longo da ribeira e lugares onde parecia sinal sermos sentidos, e, não ousando chegar á Ponte, nos tornamos e, com nosa nova e tornada, se desmanchou a ida de tanta e tão boa jente. Dom Duarte quisera que de caminho o conde o levara a correr o campo de Mençara e de Benamede: o conde lhe dise que lhe não parecia bom conselho, por andar o campo recolhido e o não ter espiado. Dom Duarte se tornou a Tanjere com todos os fidalgos, sómente Dom Dinis d'Almeida, contador-mór, que em Arzila ficou.

CAPITULO XXX

Como os fidalgos que em Tanjere estávão se ajuntárão no campo de Arzila

Tornando Dom Duarte com todos os fidalgos a Tanjere, dahi a poucos dias o conde teve nova ser el-rei tornado de Marrocos e que fizera paz com o xerife, e que tratárão casamentos dos filhos. Eu tive um rol da jente que levava nesta jornada, e toda não pasava de sete mil de cavalo, e com eles teve encerrado em Marrocos aos xerifes, e Mulei Abrahem se vio com eles e os fez obedecer a el-rei e lhe viérão falar e os fez amigos. E tendo, como digo, o conde nova de el-rei estar em Féz e Mulei Abrahem em sua casa, que era em Miquinez, e que podia entrar, o fez saber a Dom Duarte; e, vindo com seus fidalgos, vista a determinação do conde, que era ir correr a Alcacere, Dom Duarte o refutou, dando rezões, dizendo que era muito comprida e que receberíão muito dano das calmas; e, por satisfazer a fidalguia, se ajuntárão no Castelo ao pé do Farrobo, onde aconteceo um caso, que foi tomar-nos dantre tanta jente um lião um homem, e foi asi que o conde mandou que, pois a Dom Duarte lhe parecia bem não correr Alcacere, por fazer prazer a tantos e tão honrados fidalgos, tendo boa nova, nos ajuntamos entre o Farrobo e Benamares; e estando em ũa grande varzea, junto do Castelo, onde a jente de Tanjere se ajuntou, e os capitães e almocadens juntos em conselho da maneira como nos melhorasemos e corresemos a Benamede e a Mençara, em que avia setecentos de cavalo, os mais todos a pé e com os cavalos polas redeas, um fero lião entrou por entre nós, pondo o tento em Antonio Vizugo, que falando estava, e a derredor dele sete ou oito homens, remeteo a ele e, pondo-lhe as mãos nos peitos, lhe quebrou as couraças e lhe meteo as laminas por dentro dos peitos e, tomando-o nos dentes, o

começou a levar. O rebate foi mui grande e dos brados do Antonio Vizugo e da fojida dos cavalos, e acudindo os que mais afastados estávão, porque os de perto os mais dos cavalos fôrão soltos, e, sabendo que era lião, apertárão com ele e lhe fizérão largar a presa, mas ele ficou tal que em breve espacio[1] acabou seus dias. O conde, que a iso chegou, vendo-o tão mal tratado, mandou a um seu tio e irmão o trouxesem pera a vila, mas ele logo morreo, e em um barranco o enterrárão, como pudérão, e se tornárão a nós. Pois sendo ante-menhã nos melhoramos ao longo da ribeira de Benamede, onde estivemos até as horas que pareceo aos almocadens deviamos correr, e, arrancando da cilada, os mais fôrão direitos ao facho de Mençara d'Alemnacer[2], e outros tomamos pola ribeira de Benamede acima, e eu e Simão Vaz Arráiz fomos juntos e companheiros até junto das casas, onde tomamos um mouro e duas egoas, que carregadas de favas íão, e chegamos a ũa oliveira, que junto da aldea estava, e por dar fé trouxe na cevadeira ũa mão cheia de azeitonas, e, com a grande grita que os de Benamede trazião, nos viemos recolhendo. Os de Tanjere, como não sabião o campo, todos levávão os olhos no facho, indo os fidalgos rogando aos de Arzila os encaminhasem, e o que mais dianteiro foi Dom João de Sande, por ir no cavalo Ravenga, que de Arzila trouxe. A corrida foi muito grande e de pouco proveito, por se não tomarem mais que oito ou nove almas e dez ou doze egoas e outras tantas vacas; e, vindo-se as bandeiras recolhendo, corenta ou cincoenta de cavalo vínhão á fala com os nosos, e, vendo João Conde tempo, arrancou a eles e derribou um dos mouros e fez que os nosos arrancasem aos outros, e, matando um, fôrão tomados dous deles. Depois das bandeiras virem juntas com sua presazinha, junto dos fachos de Benamares, um mouro, fazendo sinal, veio diante do conde e, com muita humildade, dise que lhe trazíão duas egoas e um poldro e quatro ou cinco vacas, que pedia a sua senhoria lhe fizese mercê das vacas, que era sua sustentação, e pera tanta jente era mui piquena presa. O conde o mandou a Dom Duarte, avendo compaixão dele, mas os de Tanjere, quando vírão que pedia as vaquinhas, as alimpárão[3], de que o conde ouve compaixão, e, todavia, lhe mandou dar ũa egoa, que dise que era sua, e levou seu capuz azul, e asi foi consolado. Asi viemos juntos até Darbejos[4], onde nos apartamos, e a jente de Tanjere tomou o caminho do porto d'Alfeixe e nós o de Arzila.

A presa deste ajuntamento não chegou a pagar as perdas, por nos rebentarem alguns cavalos e emmanquecerem outros, da corrida ser grande, perto de duas legoas. Este ajuntamento foi o de mais fidalgos que no campo de Arzila fôrão juntos, em [setenta e oito][5] anos que foi de cris-

1. espacio] espaço NM. — 2. Alemnacer: *deve ser* Alenacer (*ou* Alinacer) *que ocorreu já muitas vezes.* — 3. alimpárão: tomárão para si, *segundo cremos.* — 4. Darbejos: *deve ser* Darbufez *que ocorreu já.* — 5. [setenta e oito] *em branco* B.

tãos, da tomada d'el-rei Dom Afonso até a deixar el-rei Dom João o terceiro.

CAPITULO XXXI

Como Bernardim da Silveira fez ũa entrada e tomou dous de cavalo e os de pé nos matárão Rui Veloso

Depois que pasou este ajuntamento, o conde deu licença a Bernaldim da Silveira o Drago, filho do coudel-mór, que fose entrar, e, requeridos alguns que com ele fomos, andando a cavalo, sendo já noite, se achou menos um judeu, que empenhado estava em Arzila, por outro seu irmão levar fazenda fiada e deixar empenhado por ela o irmão, o qual, tendo nova ou sospeita que o irmão não podia cumprir, procurou fujir; e, por este judeu ser desaparecido, nos tornamos a decer e cesou a ida. Ao outro dia, estando o conde na igreja, os acredores, que um bizcainho e outros de Cáliz érão, pedírão ao conde lhes fizese justiça e não quisese que um judeu viese a enganá-los e lhes levase sua fazenda, e que mandase lançar mão de algũa cafila, como represala, até serem pagos. O conde respondeo que ele escreveria a el-rei e a Mulei Abrahem, pedindo-lhe que não consentise tal engano, e que se fizese prestes um deles pera ir com as cartas, e respondêrão que mais daríão por um recado seu, mandando-lh'o por ũa pesoa, que por eles, que érão partes. Aprouve asi ao conde e, pondo os olhos em mim, escreveo as cartas, ali na igreja, e, recebidas, me pús a cavalo e fui meu caminho; e, pasando pola Atalaia Ruiva, as atalaias se fôrão a mim e me disérão que se topase ou vise mouros que lhes fizese sinal, que era abaixar a lança, que levava um lenço nela; mas eu, tanto que pasei a fonte do Azambujeiro, topei fora do caminho ao judeu morto, nu em couros, com dez ou doze lançadas, e depois que o conheci ser Abrahão Trigo, que asi avia nome, me tornei á vila e o dise ao conde como o achara. Preguntou de que: dise-lhe que de dez ou doze lançadas. Preguntou se achara rasto de muita jente: respondi que de quatro ou cinco de cavalo.

O conde asentou serem espias e ladrões e mandou a Bernardim da Silveira que se fizese prestes; e, sendo já tarde, saimos, guiando-nos Diogo da Silveira, e ao outro dia fomos correr entre Alion e Alhazar [1] e e tomamos dous mouros de cavalo, um deles tamanho de corpo que parecia jigante; os quais se tomárão tanto a dentro das terras que tivérão ousadia virem trás nós obra de corenta mouros de pé e nos apertarem de corrego em corrego, que dávão a entender ter jente diante, mas, pregun-

1. Alhazar: *talvez* Alhazana.

tados os dous de cavalo, disérão que não avia jente, nem má nova que temer. Entre estes mouros vinha um negro diante, gritando e induzindo os outros, e em cada corrego nos deitávão ũa ou duas lanças, ao qual Antonio Fernândez Manco meteo ũa seta polos peitos até as penas. Visto por nós este tão bom tiro, arrancamos por entre as daroeiras sobre eles, e, como nos espalhamos, Rui Veloso, criado do conde da Castanheira, que servia ũa comenda, se meteo por entre as daroeiras sobre eles, e, como nos espalhamos, Rui Veloso meteo a lança em um mouro e ele lhe lançou mão dela, e outros que ajudárão dérão com ele do cavalo abaixo e lhe cortárão a cabeça, primeiro que de nós outros fose socorrido, e, pera lhe tirarem as couraças e vestido, foi metido tanto dentro na brenha que, ainda que trabalhasemos polo aver, não pudemos e ficou em poder deles e recolhido o cavalo, que o mais ficou. Todavia, nesta volta morrêrão quatro vilãos de pé; e, com Rui Veloso menos, nos recolhemos e viemos á vila, desconsolados.

Ao outro dia se vendêrão os dous mouros, e, estando em leilão, repicárão aos almogaveres que da Atalaia Alta sairão, mas não fizérão dano, posto que tínhão o alcaide em Mijeleo, que, tendo rebate como corremos Alijar, saio ao rebate e na ribeira d'Algarrafa lhe dérão recado do que fizemos, e, mostrando ũas couraças novas e ũa espada guarnecida de prata, disérão que nos matárão um fidalgo. O alcaide, por dar a entender aos seus que vinha após nós, nos seguio, mas não que ouvesemos vista dele. Ao outro dia armou com almogaveres e, vendo que o campo andava recolhido e não ião após eles, tomou o caminho do Azambujeiro, e, sem dele avermos vista, se tornou a Alcacere; mas não tardou muito que, ajuntando toda a jente que pode, que fôrão oitocentos de cavalo, tornou ao noso campo e, mandando almogaveres ao rosto d'Alfomar, ficou á fonte do Zambujeiro. Os almogaveres desta vez tomárão ũa atalaia das d'Alfomar, a que chamávão Fernão Machado, e o levárão ao alcaide, e, fazendo-lhe as preguntas acostumadas e preguntando-lhe polo conde e o campo como estava e se servia e como os nosos não ião após os seus, dando a entender que o conde saise após eles, Fernão Machado lhe respondeo, como homem sezudo e honrado, que o conde não saia após almogaveres, que, se ele queria que o conde soubese de sua ida, lh'o mandase dizer. Desta reposta lhe mostrou roim focinho o alcaide, e com eles se recolhêrão bem depresa, sem parecerem até a fonte.

CAPITULO XXXII

Como Mulei Abrahem correo Arzila e o que fez

No fim deste ano de trinta um Mulei Abrahem correo Arzila com sua jente, e o ardil que trazia era mostrar ás atalaias um lião manso que em sua casa um dos seus cristãos trazia e criárão, o qual ardil dezião que era de Rui de Melo, que a este tempo era lançado com ele, tendo molher e filhos em Arzila; e porque se foi e como se veio adiante se dirá. Mulei Abrahem partio de Féz com obra de trezentos de cavalo, dos mais chegados a el-rei, e no noso campo achou seu irmão, cide Abedelá, que o esperava com a jente de Xexuão, e se veio lançar nos Codeços com tenção de mostrar o lião ás atalaias d'Alicasapo, mas este ardil não ouve efeito, porque o lião não se quis apartar do cristão que o criara; e, correndo pola outra parte do Rio Doce, veio com duas bandeiras até a praia e as Fontainhas de Pero de Meneses, e matárão a Lourenço Marques, que com uns bois de lavoura de seu pai andava pacendo, e nas lombas do Corvo se ouvera de perder João Fernândez Torres, que com seus bois estava pacendo, e lhe fujio o cavalo com o rebate e veio ter ao Facho, e um homem de pé o tomou e lh'o levou ao vale, onde vinha com seus bois diante de si, e os mouros tão perto que não teve mais tempo que pera cavalgar e tomar o homem nas aneas e alargar os bois, com que pagou, e, acolhendo-se, se salvou.

O conde saio ao repique até a boca do Rio Doce e, vendo que os mouros não pasávão e se recolhíão as bandeiras, se meteo por dentro do valo e se foi ao outeiro de Fernão da Silva, onde deu vista a toda jente e conheceo que não podíão ser mais que setecentos até oitocentos de cavalo, os quais viérão ao longo do rio, por aver fala do conde, o qual se foi á borda do rio e preguntou por Mulei Abrahem, e que jente era. Respondérão-lhe que era el-rei e que Mulei Abrahem ficava no arraial. O conde bem entendeo que a reposta foi com manha e que de medo dezíão que era el-rei, e, lançando o cavalo, dise: «Dizei a Abedelá Lazema que diga a Mulei Abrahem que lhe beijo as mãos, e que oje não quero nada dele, pois o não quer de mim». Isto dise por estar avisado que Mulei Abrahem lhe avia de correr só, o qual aviso foi por ũa carta minha que de Féz lhe mandei, onde estava sobre a fujida do judeu, e o que el-rei fez sobre iso adiante se dirá; e o aviso foi que entre outras cousas, que o conde me mandou que fizese, foi ũa que escrevia a Mulei Abrahem, que, ao tempo que Fernão Caldeira resgatou a Lourenço Pírez de Tavora e Manuel da Silveira, ficou de dar Fatima, criada da condesa, em cima do

resgate, e, pera segurança, lhe deixou quatrocentos cruzados em prata lavrada, em penhor. Escreveo o conde que, entregando-me esta prata Mulei Abrahem, lhe mandaria Fatima, por a condesa ter vontade de fazer esta vontade a Fatima.

Quando Mulei Abrahem leo a carta, por ante [1] mim, respondeo: «Isto que o conde escreve é velho: olha quebrada no vale nada». Eu fiquei embaraçado, sem o entender, mas logo João d'Oribia, que presente estava, m'o deu a entender, com me dizer: «Diz o senhor Mulei Abrahem que não está já donzela». Era João d'Oribia, bizcainho, morador em Tanjere, servidor de Mulei Abrahem e lhe servia de lingoa, por ser bem pratico e saber a lingoa arabica muito bem e outras lingoas, ele lhe fazia muita honra e mercê; e, como o entendi, dise: «Não está vosa senhoria bem enformado, porque a senhora condesa não se serve senão de donzelas, e, quando o não são, é porque as casa e lhes dá maridos honrados; e, polo serviço e virtude de Fatima, lhe quer fazer esta amizade e honra, em a dar a vosa senhoria, e, não lhe parecendo que não avia de ser honrada em casa de vosa senhoria, a não tirara da sua»: «Vós dizeis verdade», dise ele, «yo voi a mi casa a Xexuão y embiare a Juão de Oribia al conde y llevara conclusion», e logo escrevi ũa carta ao conde. dando-lhe conta do negocio a que viera, e que el-rei mandou prender o judeu e que fosem os mercadores a requerer sua justiça, e lhe dei conta do negocio de Fatima, e, encarecendo as palavras de João d'Oribia, escrevi ao conde: «O senhor de João d'Oribia vai lá, o que tenho entendido que dará trezentas onças por ela», dando a entender que o senhor era Mulei Abrahem e as onças era a jente que de Féz avia de vir com ele, e o conde me dise que muito bem entendera minha carta; e, por sua jente morrer de fome e os cavalos estarem fracos, o não cometeo, e tãobem porque deu conta a Dom Duarte e lh'o estorvou, dizendo que não estava em rezão vir Mulei Abrahem de Féz tão pouco poderoso. Polas palavras do conde bem entendeo Mulei Abrahem que o conde sabia não ser mais jente que a que mostrava, e, fazendo o caminho por Moliana, não parou até a terra d'Alicototo, onde lhe cansárão cinco ou seis cavalos, que os liões comêrão.

1. por ante] perante MN.

CAPITULO XXXIII

Do que fez el-rei de Féz sobre um judeu que de Arzila fujio com fazenda fiada levantando-se sem querer pagar

Já está contado como o conde me mandava a Féz, sobolo judeu que achei morto, e me tornei; todavia, a requerimento dos mercadores, me tornou o conde a mandar a el-rei e a Mulei Abrahem, que não consentisem a um judeu vir com engano, levar fiado a fazenda e não pagar.

Eu parti ũa menhã e cheguei á Ponte, onde as guardas sairão a mim e me destapárão a Ponte, e ũa delas, que foi meu cativo, foi comigo e me levou a casa do alcaide, e, lida a carta do conde, me dise que os mouros disérão que matárão um cristão e que queria mandar um seu criado comigo, e que cide Naçar, que estava de caminho, o podia fazer; e, mandando-me agasalhar, partimos de madrugada e, andando todo o dia, fomos dormir a Orgoa, por onde pasa um dos braços do rio da Mamora, e ao outro dia, estando el-rei no Mixuar [1], onde come com a jente, chegamos a ele. Eu lhe dei a carta do conde e lhe dise ao que ia, e logo me preguntou se conhecia o judeu que trouxe a fazenda, e que o trouxese diante dele. Logo me tirárão muitos citareis [2], como que era já despachado, e muitos cristãos, que ali se ajuntárão dos oficiais d'el-rei; [eles] [3] me disérão que fose com os citareis, que ião polo judeu, e com eles me fui á judiaria, e trouxérão o judeu diante d'el-rei, e me preguntou se me conhecia: dise que não. Lhe tornou a preguntar se estivera em Arzila e conhecia a Dom João. Respondeo que não; e asi lhe preguntou se estivera em Arzila, tãobem o negou, que não conhecia a Dom João, nem menos estivera em Arzila. Então lhe fez ler os alvarás que fôrão com a carta de Dom João, e a escritura e a carta tudo negou, e que não conhecia senão a justiça dos mouros e que outra pesoa não conhecia de Arzila, e que o mandasem a Jacalá [4], que era a justiça de Deos. Isto dezia porque entre os mouros não val alvará, nem escritura, senão é feito por seus escrivães, a qual tem tanta força que não ha cousa que a quebre, e, pera os escrivães darem fé, em ũa regra e em um pedaço de papel se faz, e a parte ha de dizer o que quer diante de trinta testemunhas, e, depois de confesar a divida, asínão dous escrivães duas regras

1. Mixuar: *lugar onde o soberano dá audiência.* — 2. citareis: *moços de estribeira, como já dssemos.* — 3. [eles] *f. em todos os mss.* — 4. Jacalá: *vocábulo, segundo parece, alterado, por* hacalá: *justiça de Deus.*

que dizem: «Foão, filho de foão, deve a foão tanto, que se obriga a pagar em tanto tempo». Este modo de escritura não ha cousa, nem fica nota, e ao tempo da paga a quéimão.

Tornando a el-rei, que, vendo a pouca vergonha do judeu, posto que pedia justiça, que entre os mouros se costumava, lh'a não quis conceder e lhe dise desta maneira: «Certo que tua cabeça é grande, porque tu dizes verdade e todos mentem: o cristão mente, os alvarás mentem, Dom João mente e tu falas verdade: ora não quero que te valha a justiça a que te apegas e quero que pagues» e logo foi tirado de diante d'el-rei e preso, e a mim me mandou aposentar na judiaria e que me desem o necesario, mas os cristãos, oficiais d'el-rei, me não alargárão e fiquei pousando com Rui da Costa, couraceiro, que oje vive e está em Santarem, e com Miguel Fernândez Centeio e borziguieiro d'el-rei, que em Arzila foi cativo no desbarate de Dom Manoel de Meneses, entre os quais adoeci e recebi muito gasalhado e caridade, e dali os conheci a todos.

Logo fiz saber ao conde, por um mesajeiro, o que pasava e como el-rei me proveo com justiça racional, por cima de ser contra a lei que entre eles se guarda, a que o judeu quisera que lhe valese, e, pera milhor aviamento, fosem os seguidores, que o judeu não tinha nada de seu; os mercadores fôrão e, vendo o negocio mal parado, se concertárão com o judeu e lhe esperárão polo que ficava de lhe pagar, e asi se acabou este negocio a que fui a Féz, á custa de minha saude e pobreza; mas, primeiro que de Féz saise, acontecêrão dous casos grandes, a saber, um fujir um criado do conde, que lhe tinha cargo da mazmorra, com dez ou doze mouros que nela tinha de resgate, e ele tornar-se mouro; a outra foi que um frade de São Francisco foi pregar a fé de Cristo e se quis deitar em ũa fogueira grande de fogo e foi visto andar dentro na fogueira, e com pedradas entrárão dentro na fogueira, como no ano de trinta dous contarei, por nele acontecer este caso; e, tornando a Diogo Fernândez e ao segredo que tivérão no ardil dez ou doze mouros, [passo ao capitulo seguinte][1].

CAPITULO XXXIV

Como um criado do conde que tinha cargo dos cativos levou dez e se foi com eles tornar mouro

Muitas vezes tenho falado em Omar Querquí, cativo do conde, que, por aver trinta cinco anos que era cativo, era muito ladino e discreto e galante português, e tal que, sendo em Portugal preso,

1. [passo ao capitulo seguinte] *f. em todos os mss.*

e ante a justiça tomava juramento dos Santos Evangelhos que tal não era, e, por mais afirmar, dezia que se tal era se vise em terra de mouros. Estas e outras galantarias tinha Omar Querquí. Era cozinheiro do conde e tão manhoso e cheio d'ardis que não fojia mouro, nem ia nova de que ele não fose o autor, ou ao menos dada toda a ordem que nele era e conhecimento, e por isto era muitas vezes pingado e asado e dos mouros desejado: e el-rei e os alcaides fazíão muito polo resgatar, mas, polo juramento que o conde tinha feito, quando o dava por João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, como fica dito no ano de vinte quatro, o não quis nunca pôr em resgate.

Neste tempo tinha o conde encomendado sua mazmorra e guarda de seus mouros a Diogo Fernândez, seu criado, natural de Britande e sobrinho de João Gonçálvez, de Cáliz [1], de quem o conde tinha recebido serviço e amizade, o qual Diogo Fernândez ao de fora era devoto e sempre rezava o mais do tempo, mas o demonio, que entrou nele, fez que dése sinal de ser o contrario do que mostrava, por cometer o que direi. Tendo amizade com Omar, se lhe ofereceo que o levaria a terra de mouros; Omar, como sagaz e manhoso, lhe preguntou porque queria fazer o que dezia e desservir ao conde. A reposta foi galante, dizendo que, alem de sua amizade, que o obrigava, e por ele o fazer tinha grande vontade de se meter frade em Jerusalem e ir por terra á casa santa. Omar, vendo que o demonio o queria levar ao inferno, lhe agradeceo a vontade e que, pera milhor se lhe poder pagar, esperasem polo xeque Afahão, que Antonio da Silveira trouxera a Portugal, que cada dia esperávão por ele, por ter o resgate prestes. Este espaço tomou Omar pera que neste tempo soubese se era verdade ou algũa manha do conde, e, entretanto que isto se tratou, não faltárão astucias a Omar, pera saber se este trato vinha do conde, e, pera segurança de todos, fez saber ao alcaide de Alcacere os viese esperar a lugar onde eles não corresem perigo.

Em tanto que estes tratos andávão entre eles, Omar convidava os moços da camara e a Sousa, que tinha cargo da guarda-roupa, e, depois de os ter contentes, lhes preguntou quem era o que mais privava com o conde e com quem falava apartado na torre ou recolhimento; e, como disesem que não avia pesoa asinada em quem se pusese boca, ele, polos tirar a terreiro, lhe tornou: «Dizem-me que Diogo Fernândez, que é o mais roim vilão de sua casa, é o que mais priva com ele e com quem fala só na guarda-roupa»; e, como respondesem que não era homem Diogo Fernândez com quem o conde falase apartado, com estas preguntas se foi asegurando até que veio nova ao conde que era sua irmã falecida, Dona Joana da Silveira.

Vendo Omar o conde anojado e encerrado, dise a Diogo Fernândez:

1. Cáliz] Cales B N M *Emenda incerta.*

«Se estais no que avemos concertado emos de ir esta noite, por o conde estar encerrado: nunca milhor aparelho podemos ter do que agora temos». Quadrou a Diogo Fernândez o negocio e pusérão por obra abrir os ferros aos que consigo avíão de levar, levando-os á atafona do conde, de que um mouro tinha cargo e era atafoneiro; e, com as alavancas e cordas, abrírão os ferros a Mulei Boaçum, parente d'el-rei, e a Aliborje e a outros dez, os mais principais, em que entrávão dous turcos do conde da Castanheira, que, por serem de resgate, lh'os mandara pera se lá mais azinha e milhor resgatarem. Estes érão dos que Nuno Rodríguez Barreto tomou, como atrás fica dito, no ano de vinte cinco, de maneira que fôrão onze com o atafoneiro; e, tornando a entrapar os ferros, como milhor pudérão, se fôrão á mazmorra, e, sendo as onze da noite todos recolhidos, [Diogo Fernândez] [1] abrio a mazmorra e, decendo [2] abaixo, dise a Omar: «Que fizestes que o conde tem toucinho prestes pera vos pingar? Vinde que vos chama!» e, trazendo-o acima, lhe tirou os ferros, que largos estávão; finalmente, levou onze acima, dizendo que todos avíão de ser pingados, ficando os outros amedrentados, esperando que os chamasem pera, sem culpa, serem açoutados; e, tendo-os asi fora e sem ferros, cerrou a porta e os levou polo muro que vai da sala á torre do Sino, pera dali os trazer á cozinha, onde tínhão escada, e por ela sobírão á torrinha que cai sobre a praia, por onde se todos lançárão, sem aver sentimento; mas, primeiro que da torre do Sino saisem, vírão vir a Fernão Varela, bombardeiro da casa da senhora condesa, com ũa vela acesa na mão, e logo ordenárão de o afogarem e matarem; e, pasado este perigo, não parecendo pesoa, se ouvérão na cozinha e, pola corda que pusérão, se lançárão todos um a um, e, como a torre era escusa, se não vio a corda até a porta da Ribeira se não abrir; e, andando já em busca de Diogo Fernândez, que, por ser já tarde e não parecer, o veador mandou abrir e despregar a mazmorra, e, achando os ferros no releixo da escada e onze mouros menos, dérão rebate e o sino fez seu oficio e todos fomos a cavalo, mas o conde não quis que os buscasemos, parecendo-lhe ser trato entre o alcaide e Omar, posto que eles andárão embaraçados, por Omar os apartar e que cada um se salvase por sua fortuna; mas ela lhes foi tão amiga que os pôs em salvo ao Farrobo e a Benamares e juntos fôrão a Alcacere e depois a Féz, onde Diogo Fernândez ficou como ele merecia, dando-lhe tres onças por mês, e alguns dias andou com nome de cristão e depois o deixou, tomando o de Çoleimão, e porque este se vendeo por cristão e o vimos rezar, sem se apartar da conversação dos cativos cristãos e da duana; e, depois que Bastião de Vargas foi a Féz por feitor do trigo, que el-rei mandou comprar naquele reino de Féz, Diogo Fernândez se chegou a sua casa e o servio, e Bastião de Vargas lhe ouve seguro

1. [Diogo Fernândez] *f. em todos os mss.* — 2. decendo] dizendo B M.

real e perdão das partes, mas ele nunca se veio e dise que de vergonha não viria a Portugal, e que se avia de ir meter frade onde o não conhecesem, e nunca chegou a efeito, e morreo entre os cristãos cativos d'elrei, confesando a fé de Cristo, — ele lhe valha! mas, *secundum legem* e o que ensina nosa fé, ele se perdeo e foi a casa de Satanaz.

CAPITULO XXXV

Como neste ano de trinta um foi ao Estreito por capitão-mór d'armada Dom Gonçalo Coutinho e do que lhe aconteceo

A armada que este ano foi ao Estreito era de seis caravelas e ũa fusta, e por capitão Dom Gonçalo Coutinho, filho de Dom Diogo, que os mouros em Arzila matárão, como contei no ano do conde de Borba. Era mandado a Dom Gonçalo que guardase a costa do Algarve, por já sentirem o dano que João Vaz e seus companheiros fazião. Aconteceo ũa menhã que a fusta de Larache se achou entre a armada e a barra de Aiamonte e a de Lepe, e, como o terrenho ventase, ouve a armada vista da fusta e a começárão a servir de muitos pelouros, e se foi saindo com muito risco até se aver fora dentre as caravelas, por já o terrenho afracar. A fusta de Dom Gonçalo e as barcas a seguião e, polos mouros irem já mancos de alguns remos que a artelharia mancara, vendo-se seguros das nosas barcas, determinárão, como desesperados, a virar e a investir, por a sua fusta ser maior, e os tres turcos, que a Dom Estêvão da Gama, conde da Vidigueira, tinhão fojido, saltasem na nosa, bradando: «Axora canalha!» fizérão a alguns dos nosos saltar ao mar, pera se recolherem nas barcas, que, vendo levar a fusta, levárão remo, e os turcos, não achando resistencia, chegárão á popa, onde o capitão se defendeo até que a poder de muitas cutiladas foi morto, e asi matárão alguns outros que não tivérão acordo pera se lançar ao mar, nem pera se defender; e, axorada nosa fusta, pasárão á sua tres ou quatro homens, que tomárão vivos, e duas molheres solteiras, que na fusta andávão, e lançárão duas bombardas ou berços ao mar, e deixárão nosa armada injuriada e se vierão a Larache, e as nosas barcas recolhêrão os que na agoa andávão, e as caravelas chegárão a tempo que não pudérão remedear o dano feito. Neste feito desta fusta se asinárão os tres turcos, que a Dom Estêvão fujírão, os quais viérão ter ao rio de Mertola, onde ouvérão á mão um batel, que estava carregado de lenha, e o despejárão e vindo-se polo rio abaixo, onde tomárão dous remos de outro barco, que no rio estava esperando pola maré; e, posto ũa manta, saírão ao mar e, cor-

rendo as Areas Gordas, pasárão por Cáliz e, travesando, viérão sair junto de Arzila, de noite, entre Algorrife e a vila, onde achamos o barco com algũas favas verdes e espigas de cevada, que pola serra apanhárão, e, saidos em terra, se ouvérão no Farrobo e dahi fôrão a Alcacere e a Larache, onde se metêrão com João Vaz, que pera sair estava na sua fusta, onde lhe aconteceo o que tenho contado.

Deste acontecimento ficou João Vaz mais danado e aceso e soberbo do que andava, e, por ser a este tempo Larache de cide Naçar Laroz e o arráiz quibir [1] ter outra fusta de quinze bancos, que cide Naçar mandou comprar, e outra de Cela, estes tres tornárão logo a ir ao Algarve, onde fizérão muito dano em navios que tomárão e, dentro da barra de Aiamonte, fizérão despejar a Arrinilha e a Montegordo, mas ela lhe quebrou as cabeças, matando-lhe quatro ou cinco mouros, e um criado do alcaide se veio a curar a Arzila, donde morreo de erpes, que em ũa mão lhe saltárão; e desta vez trouxérão duas caravelas e vinte cinco ou trinta pesoas, e, por a armada estes dias ser no Estreito, andárão tão de vagar que Nuno Rodríguez Barreto, veador da fazenda do reino do Algarve, armou duas caravelas e as correo até a barra de Cáliz, e as fez recolher a mal de seu grado, pasando á vista de Arzila, dando-nos muito descontentamento por não poder remedear tanto dano feito por João Vaz; mas Deos, como justo e bom, o remedeou logo, não querendo que permanecese um tão mao homem, e lhe foi tirada a vida, como logo direi neste capitulo que se segue.

CAPITULO XXXVI

O como se ordenou a morte de João Vaz

Dous ou tres dias avia que João Vaz, á vista de Arzila, se metera no rio de Larache com a presa das duas caravelas e vinte cinco cativos, desta ultima vez que com as tres fustas entrou na costa do Algarve, como fica dito, quando ũa barca pescareja, das de Lisboa, foi sair á Barrosa Grande, entre Arzila e Larache, com dezoito mouros e mouras que de Lisboa fujírão, e, varando na praia, se metêrão polo Soveral e viérão sair á ponte d'Alcacere, onde se salvárão.

As atalaias de sobre o mar disérão que ũa caravela ou barca fora sair á Barrosa. Ao conde lhe pareceo logo serem mouros fojidos e logo mandou ao adail que com corenta de cavalo os fose esperar ao rio de

1. quibir: *palavra árabe que significa* grande, *como em* Alcacer Quibir, *em oposição a* Alcacer Ceguer.

Larache; e, alvoroçados, por tomar os fojidos, nos pusemos a cavalo corenta moradores, todos compadres e amigos do adail Lopo Mêndez, e, tomando o caminho e praia, pasamos polo caravelão, que com o masto baixo e vela estava, e fomos esperar a menhã aos medos de Larache, onde andamos buscando o rasto dos fojidos. Não achamos rasto: vimos ũas tendas ás portas de Larache, onde estávão ũas amoreiras, parecendo a Diogo da Silveira que o alcaide estava nelas e que não pasaria ninguem o rio, e, pondo-se a cavalo, dise: «Vamos buscar o rasto dos fojidos, que, pois o alcaide ali está em aquelas tendas, não pasará pesoa desta parte: afirmo serem cansados daquele dia por dizer ao adail [1]: «Compadre, cheguemos aos medos e veremos se ha [ah]i [2] cavalos entre as tendas» e logo Pero Afonso dise: «Eu vos levarei junto do rio» e fomos trás ele oito, os quais fôrão Lopo Mêndez e os mais comuns, e, dando vista ao rio, nos fez deter, dizendo que saíão mouros de um barco, que os deixasemos afastar do rio, porque íão contra a barra [a] [3] uns [alfaques] [4] a pescar aos lingoados com ũa rede pescadora, que João Vaz levava, e, estando quedos, nos vírão de Larache, e, dando grandes gritas aos que pescávão, saimos a tempo que os mouros já íão por dentro da agoa um grande pedaço, mas Pero Afonso dise: «Até Tavila podemos entrar», e, entrando, chegamos aos mouros, dando-nos a agoa polos peitos dos cavalos, tomamos os cinco; e porque João Vaz, que era um deles, ia nadando, Pero Moreno, que ia em um cavalo piqueno, vendo que o não podia alcansar a mão tenente, espedio a lança da mão e quis Deos ir tãobem guiada que pasou o João Vaz de ũa parte a outra. Vendo-o em tal estado lhe dise: «Olhai como acabais, perdendo a alma e o corpo!» Respondeo: «Asi entrou o mundo!» (resposta do demonio). Logo foi pasado das lanças que tinhamos, os que estavamos na agoa, asi que de oito mouros, que no barco vinhão, um só se salvou, por se tornar ao barco e não aver quem a ele fose, e os sete que fôrão na praia os cinco fôrão cativos e os dous mortos, com João Vaz, elche (morte tão desejada e necesaria); e, como Manuel Vaz se vise sem tomar mouro, nem o matar, vendo um em poder de João Vaz Aljofarinho, que tinha tomado, alevantou a lança pera o matar e foi-lhe tomada, e, com a furia que levava, levou da espada e foi pera dar no mouro e deu em João Vaz Aljofarinho; e, corrido do que fez, se acolheo e depois lhe pedio perdão, o que ele fez, e o sofreo com muita paciencia.

E chegando os companheiros, que com Artur Rodríguez ficávão, sendo todos na agoa, as fustas nos começárão a servir com tiros de espingardas e béstas, e nos fizérão recolher, abrigados dos medos, sem recebermos dano, senão a ferida que trazia João Vaz Aljofarinho; e, por a morte de

1. *Este passo está alterado.* — 2. [ah] *f.* B N M. — 3. [a] *f.* B N M. — 4. [alfaques] *f.* B N

João Vaz, elche, ouvemos este feito por mui grande, por atalhar com sua morte tantos danos, como fazia, e este só homem meteo em revolta a el-rei, em mandar armada ao Estreito; e, muito alegres, viemos buscar o rasto dos que no caravelão viérão e, vendo que íão por dentro do Soveral, nos tornamos á praia, onde achamos os barcos da vila que o conde mandara polo caravelão, e, lançando-o ao mar, o trouxérão á vila, e asi nos fomos nós outros, sendo recebidos do conde com muita alegria, por a morte do elche, porque não desejava outra cousa que avê-lo á mão, ainda que fose com lhe perdoar; e muitas vezes lhe tinha mandado dizer que se viese, que ele o asegurava, mas o diabo [andava][1] tão metido nele, enfrascando-o e danando-o, que o não quis fazer e veio a pagar como está contado. E logo aquela noite mandou a Jorje da Silveira que com vinte cinco de cavalo os [2] fose esperar á ribeira, por dentro do Soveral: viérão e trouxérão os dous mouros de cavalo, os quais dérão novas que dezoito pesoas, homens e molheres e crianças, érão pasadas a Alcacere, e que dezíão averem vindo de Lisboa, em ũa caravela, e depois que se soube que o caravelão era em poder do conde, seu dono o foi buscar e o conde lh'o mandou entregar, e o trouxe pera Lisboa; e asi tornarei á perda e danos que João Vaz, elche, fez com seu piqueno barco, e, por ser sua morte chegada, as contarei.

CAPITULO XXXVII

Das entradas que fez em seu barco João Vaz elche temerarias

Quanto dano recebem os reinos e provincias, as terras e cidades, quando alguns dos seus naturais, sendo agravados, e ás vezes sem rezão, se pásão aos contrarios! Ha [ah]i [3] muitos exemplos, que se áchão escritos nas historias antigas, e, deixando de contar o que não vi, quero contar de nosos dias o que vimos: a ũa foi agravar-se Fernão de Magalhães, noso português, e pasar-se ao emperador, oferecendo-lhe outro caminho diferente do noso, pera navegar ás Indias, e asi o intentou, e foi causa de tantas despesas e gastos a este reino. O outro foi a guerra que monseor [4] de Borbon [5] fez a el-rei de França, seu natural rei e parente, pasando-se ao emperador, até ser causa da prisão de tão grande e poderoso rei, como foi el-rei Francisco de Valois; e, não parando seu orgulhoso coração com tão grande desobediencia, intentou outra maior contra Deos, que foi saquear a Roma e encerrar o vigairo de Cristo com sua corte romana, cheia de cardeais e de bispos e sacerdotes e pesoas

1. [andava] *f.* B — 2. os] o B: *isto é, os mouros do caravelão.* — 3. [ah] *f.* B. — 4. monseor] monteor M; monsieur N. — 5. Borbon] Borbão N.

relijiosas e santas, cousa tão fea que os mesmos barbaros, turcos e infieis, o não puderão intentar, e parece que foi permissão divina, que os homens não podem alcançar, e asi permitio Deos que ele ali acabase. Quanta guerra fizérão aos mouros de Arzila, Tanjere, Farrobo, Alcacere e suas comarcas, Pero de Meneses, Gonçalo Vaz, Diogo da Silveira, mouriscos, destruindo aldeas, matando, cativando muitos de seus parentes e amigos! Mas todos estes tivérão algũa causa pera o fazerem, mas João Vaz Maio, elche, de que quero contar, não teve mais que senhoreá-lo o demonio até o trazer ao seu reino; e porque algũas das entradas que fez me ficárão por escrever, com sua morte resuscitárão e as contarei, por serem temerarias e ajudadas do demonio, com um barquinho de cinco remos que não valia dous mil reais.

Feito João Vaz mouro [com] [1] seu filho, e vendido o outro moço, que levou, ao alcaide de Alcacere, ũa noite veio entrar no arrecife de Arzila e, de ũa caravela, que dentro estava com outras, tomou dous homens e um moço, e das outras se lançárão ao mar que só as que dentro estávão [2], e, posto que ouve rebate e acudimos ao muro, não deixou de fazer sua presa, carregando o barco de cera, tamaras, courama, que na caravela achou, e, com tres homens e o barco carregado, se tornou a Larache. O conde não quis que barca saise após ele, temendo, como era rezão, que viese com ele algum navio ou navios de remo, posto que Pero Afonso Homem lhe pedise licença. Esta foi a primeira presa que João Vaz fez, que, por lhe sair bem, ficou tão animado que logo tornou a ir fora no barco, e, travesando o Estreito pera entrar na barra de Saltes, onde êntrão e saem todos os dias muitos barcos e navios, por ser aquela barra de muitos lugares grandes e ricos, os quais são Oleia, Jibraleão, Palos e Mojer, São João, Niebla, Lucena e outros lugares, por esta causa e por a barra ser muito boa é frequentada de muitos navios, — entre eles se meteo João Vaz, como quem vinha de Tavila ou doutro lugar do Algarve, e, vendo tempo, [foi-se a] [3] dous barcos de naças, que mais a seu proposito vio, e deles tomou seis homens, e, por não ser sentido, arrombou os barcos, que parecese que se avião anegados, e com esta presa se tornou a Larache.

E não tardou muito que não tornou a ir á outra banda, e dentro da baia de Cáliz tomou outros seis ou sete homens, andando entre os barcos da terra, sem averem sentimento dele, [e] [4] tornou a Larache; e destas presas fez algũas, primeiro que ouvese nova dele ir a Tavila, onde tomou um barco de Visugar, em que trouxe outros seis ou sete homens, seus naturais; e com estas presas era tão favorecido do alcaide e acatado dos mouros que lhes parecia que com percalços os avia de fazer ricos, e não

1. [com] *f.* B M; e N. — 2 *Este passo parece alterado.* — 3. [foi-se a] *f.* BNM. — 4. [e] *f* BNM.

arreceávão de entrar com ele; e, já que arreceava de ir á outra banda, por já estarem sobreaviso, quis correr os barcos de Arzila e trouxe consigo ũa zaura, e ao longo da praia se veio ao Cabo Branco, ũa legoa da vila, donde saio aos barcos, que pescando andávão; mas, como as atalaias desem rebate ao mar, a jente acudio á praia e o conde fez meter corenta homens na caravela de João Rodríguez Cascaretas, morador na vila, e polo Boqueirão a fez lançar fora do arrecife, e, dando á vela, seguio os barcos dos mouros, os quais, como vírão a caravela, fizérão volta, e a caravela os seguio e á Barrosa foi com eles; e, vendo João Vaz que a zaura não andava como ele a deixou, vendo-se alcansada, a jente se lançou em terra, parecendo-lhe que se pudesem salvar, e, vendo que não íão após eles, caminhárão pola praia com esperança que, tendo necesidade, João Vaz os tomaria, mas não foi asi, que, vendo o conde que a caravela seguia os barcos e que a viração lhe ventava, querendo-lhes tomar a terra, mandou descubrir o Azambujeiro e a Palmeira, lugares de sospeita, e, descubertos, alargou a Diogo Soárez o Galego, com o qual fomos trinta de cavalo e, chegando sobre a Mezquita, ouvemos vista da caravela, que á Tarosa [1] estava á corda, tendo já a zaura junto de si; tomando a praia, fomos em Belgeles, onde os mouros ouvérão vista de nós e deixárão a praia e se metêrão em dous corregos, porque João Vaz, vendo-nos ir correndo, não ousou tomar a terra; e como chegamos aos corregos, fomos postos a pé, porque Roque de Fárão e Roque Ravenga a grandes brados começárão a dizer: «Todos são nosos, que se não podem salvar, nem esconder!». Por serem homens do campo e sabíão bem aquela terra e que os corregos não tínhão mato, onde se pudesem esconder, os mouros, vendo-se perseguidos e nós dentro nos corregos, como desesperados, viérão a nós e animados do arráiz como capitão, que Marmude [2] avia nome; em eles virando, Marmude foi pasado das lanças, e asi o fôrão dous dos seus companheiros, e Roque de Fárão foi ferido, e, com a furia que trazíão, chegárão a Bertolameu Fernândez, da Ilha, e lhe dérão duas feridas na cabeça, por lhe tirarem o capacete, e asi nos tornamos á praia e viemos a dar com o conde, que, em saber que se não salvou nenhum, foi muito alegre, e muito mais o fora se viera na companhia o João Vaz, mas ele trazia seu barco pontado. Deixando a zaura, vendo tempo e que a caravela andava muito, mas o mais certo era não ser chegado seu dia, ele se acolheo ao rio e nós tornamos á vila com muitos mouros e a zaura, que dahi a poucos dias se perdeo no arrecife, em que se afogárão dez ou doze pesoas; e, posto que foi por culpa do mestre ou arráiz do barco, ele se salvou milagrosamente, como direi.

Ouve esta zaura um castelhano, morador na vila, e nela [3] ia a Castela

1. Tarosa] Taroca N *Deve ser* Barrosa. — 2. Marmude] Masmude M. — 3. nela] nele BM.

e trazia sardinha, laranja, fruta. Vindo de Tanjere carregada de homens e molheres, como quem pouco recado tinha, podendo dar com a vela em baixo e a remos entrar, e, dando-lhe um piqueno mar, a çoçobrou, e os que sabião nadar sairão em terra e os outros se afogárão, tendo tãobem o mestre por afogado, por não saber nadar; e ao outro dia entrárão dous navios de Malaga carregados de trigo e deles vimos desembarcar o arráiz da zaura perdida, o que pôs espanto a toda a vila, por o termos por perdido. Contou então seu naufragio, por dizer que em dous remos o levou a corrente, e, sendo já noite, sobre Tagadarte, veio ter ũa das caravelas sobre ele e, ouvindo-o bradar, o tomárão. O conde o prendeo pola culpa da perda da zaura e o mandou fora da vila e a ela não viese. Contei isto polo suceso da zaura que em companhia de João Vaz tomamos.

CAPITULO XXXVIII

Como um frade da ordem de São Francisco morreo pregando a fé

Algũas cousas deixaria de escrever este ano de trinta um, por não serem pera iso, e, chegando-me ao de trinta dous, primeiro que entre nas cousas da guerra, direi como neste ano pasou a Féz um frade da ordem do bemaventurado São Francisco a pregar a fé de noso senhor Jesu Cristo, o que contarei como testemunha de vista e o vi e falei com ele, e presentes fôrão algũas pesoas que depois nomearei.

Este frade com zelo santo pasou por Alcacere Ceguir [1], sendo capitão Pero Alvarez de Carvalho, e dahi se foi a Féz, e estando ante Mulei Abrahem, preguntou onde vinha e o que demandava naquela terra? Respondeo que era de Italia, natural de ũa cidade não muito lonje de Roma, que se chama Espoleto, e que á fama sua e d'el-rei vinha pregar-lhes a fé de noso senhor e o bautismo, pois sem ele se não podia salvar. Dezia mais que do seu convento ou mosteiro sairão dous ou tres companheiros com o mesmo proposito, e um fora a Tûnez e outro a Tremecem e ele viera a Féz, e que um navio português o lançara em Alcacere, onde achara um capitão tão nobre que fez muito polo estorvar o caminho, e, quando não pode, lhe deu cartas pera sua senhoria. Mulei Abrahem lhe respondeo que, pois viera a sua casa, seria bem tratado até que se tornase, porque os mouros não tomarião nada de sua pregação, nem el-rei queria que fizese escandalo em sua terra, por onde lhe fizesem algum dano e o matasem. Respondeo que por duas cousas fora ter a sua cidade: a ũa por tornar a ele e a el-rei cristãos, que érão cabeça do povo, e, sendo

1. Ceguir] Ceguer M; Quibir N.

eles bautizados, o povo siguiria o caminho que eles tomasem, e, quando o não quisesem fazer, receberia morte e martirio, pregando a fé de Cristo. Mulei Abrahem sem escandalo lhe respondeo: «Eu falarei com el-rei e daremos ordem como vos torneis, e, em tanto, sereis agasalhado na pousada de Dom Fernando» e o mandou prover do necesario, dando-lhe quatro vintens cada dia.

E estes dias o conversamos, os mais dos cristãos; negoceantes e cativos nos confesamos a ele e, verdadeiramente, parecia aver nele grande fervor de fé e sua doutrina era santa e virtuosa e boa. Era homem de corenta e cinco anos até cincoenta, cheio de carnes. Como se espalhase a fama que em casa de Mulei Abrahem estava um frade que os ia a fazer cristãos, acudírão muitos mouros maravatos [1], que são os mais relijiosos em sua seta, e asi acudírão os mais letrados dos judeus e com todos ouve muitas disputas; e, como judeus e mouros negasem, ele se queixava e pedia o deixasem sair polas ruas, dizendo as palavras dos Evanjelhos, ao que Mulei Abrahem atalhava com boas palavras; e, como neste dia corr'se um lião, Mulei Abrahem o levou a ver o lião e, andando no corro bravo e feroz, el-rei lhe preguntou se em Roma avia liões, e se os usávão correr. Respondeo que não, que se os ouvera avia muitos homens de boa vida que, com palavras do Evanjelho, os faríão logo mansos. A isto respondeo Mulei Abrahem que se ele fizese manso aquele lião se faria cristão. O frade se alevantou e dise que ele o faria manso e o traria pola orelha em cima da torre onde estava, sómente com as palavras do Evanjelho, e o faria estar a obediencia d'el-rei, e que lhe desem lugar pera fazer o que dezia e veríão quanta força tínhão as palavras de Cristo. El-rei, vendo a determinação do frade e a porfia de Mulei Abrahem, travou do frade e dise que não queria que em sua casa morrese em poder de um lião, e que seu irmão, Mulei Abrahem, o mandaria aos cristãos, sem lhe ser feito nenhum dano, replicando Mulei Abrahem que el-rei não queria que se pusese em risco e que lhe queria dar dous cristãos, um de Italia, pera que os trouxese a sua terra, e seria milhor que morrer. Sem fazer estrondo, dise o frade: «Não venho por cristãos, que muitos ha em Italia e Espanha, que ao que vinha era por almas, principalmente pola vosa e pola d'el-rei, que são os que eu queria que se salvasem primeiro». Com estas e outras praticas se pasou o dia do lião, estando presentes Dom Fernando de Meneses e Pero Álvarez de Souto-Maior.

Depois disto se ordenou meter-se em um grande fogo o frade, e foi desta maneira. Avia todos os dias entre o frade, judeus e mouros disputa, entre os quais érão dous avidos por muito letrados, um deles avia nome rabi Abraham Almosni e o outro rabi Samuel. Estes como negasem as conclusões do frade, lhes dise que como negasem a fé devíão de

1. maravato: *o mesmo que* marábito *e* morabuto.

dizer não e negar a verdade. «É necesario entre nós um juiz». «Quem será?» disérão eles. O frade dise: «Eu queria que fose cristão, vós quereis que fose judeu, os mouros que fose mouro, e cada um quer sua lei; e a que Deos senhor noso imagina e quer é cada um na verdade grande, a verdadeira lei, a qual noso senhor quer que se guarde e mandou em tempo de Moisés». Dise o frade: «Aja pura verdade em tudo e asi o mandou e esta será jamais, sem fim, a verdadeira conquista, com que perturbarei sempre as jentes, encomendando-lhe a hora em que hão de acabar todos, e, tendo ese cuidado, me esforçarei [1] na tal encomenda» [2], asi que cada um acudio por si, como era rezão, e o babo [3] acudio por si e polo frade á pousada de Dom Fernando, que era dentro do curar [4], e ele saio desta maneira: em couro, com ũas siroulas de lenço e um breviario nas mãos, e entre elas ũa cana de tres ou quatro palmos nas mãos e um pedaço de purgaminho, em que vinhão escritas certas palavras do Evanjelho, as quais ele trazia estudado em aravia, e, tanto que foi ante Mulei Abrahem e os outros alcaides e senhores, que estávão na varanda, dise: «Estas palavras são de tal Evanjelho e querem dizer tal cousa e tal, e pera que as entendais [as aprendi] [5] em vosa lingoajem, e com elas entrarei e sairei deste fogo, sem ter poder pera me ofender. Ũa cousa vos digo e afirmo-vos por mui certo que um dos mais malditos diabos que ha no inferno e o mais atormentado é o voso profeta Mafamede».

A estas palavras Mulei Abrahem deu de mão e o babo o empuxou e deu com ele dentro na casinha da lenha, e logo os ministros começárão a acender a lenha, e tal présa se dérão que por todas as partes a lenha tomou fogo; e, sendo já feita em lavareda, dous mouros, ministros do demonio, um de ũa parte e outro da outra da fogueira, com cada um seu fole de polvora, lh'o arremeçárão, e um lhe deu nos peitos e outro no toutiço, estando o frade de joelhos, rezando com seu livro aberto, parecendo rezão que já o livro e ele fôrão consumidos; e como os foles de polvora dérão cada um grande estouro e fizese ũa grande fumarada, que todo o curral e varandas foi cuberto, e aclarando foi visto o frade em pé por entre a lavareda do fogo, que já era toda ũa, e o frade se alimpou os olhos e rosto da polvora. Dizem que cometeo a sair por ũa das portas, e logo os ministros, que andávão botando rama e lenha, vendo-o sair, lançárão pedras e ladrilhos, dizendo: «mencai», que quer dizer: «donde vem»? e lhe tirárão com pedras, e, dando-lhe um ladrilho em ũa fonte, o derribou no meio do fogo. Logo lhe dérão muitas pedradas e lhe lançárão em cima muitos feixes de esteva; e, como Mulei Abrahem se tirase

1. esforçarei] escusarei M. — 2 *Todo êste passo está alterado, como parece.* — 3. babo] Boba B M; Robo N, *mas algumas linhas a seguir:* o babo: os babos, *e por isso fizemos a emenda. Cremos que êste vocabulo significa* porteiro, *ou* guarda de corpo, *conforme a etimologia* — 4. curar] curral N. *Adiante assim em* B M. — 5. [as aprendi] *f.* B N.

da varanda, foi tanta a jente, que entrou, que os babos, não podendo resistir, espalhárão o fogo e o tirárão inteiro e o levárão arrastando a Féz o velho, por mostrar que era morto e que não saira vivo, donde os cristãos ouvérão alguns pedaços dele, que tínhão em muita estima e mandárão a este reino. Dizem que entre a cinza se achou o pedaço de purgaminho por queimar, que o frade levava na cana, em que íão escritas palavras, e que Pero Martinz, cavaleiro, morador em Azamor aquele tempo, o trouxe e o deu ao cardeal ifante Dom Afonso.

Esta é a historia do frade. Foi em janeiro de quinhentos e trinta dous. Fôrão presentes a tudo isto Dom Fernando, filho de Dom Duarte de Meneses, capitão que era em Tanjere, Pero Álvarez de Souto-Maior, mestre João, Bertolameu Luis e Luis Felipe, Rui da Costa, couraceiro, todos cativos, e outros negoceantes, Francisco d'Aguiar, Pero Martinz, e eu Bernardo Rodriguez, e outros muitos mercadores.

CAPITULO XXXIX

Como se tômão os liões e como os correm

E porque falei em um lião que se correo por ante [1] o frade, muitas pesoas se espantárão em ouvir dizer que os mouros correm e tômão um lião bravo e o correm em corro cerrado, como os tômão e os lião de calidade [2] que visita muitas vezes os lugares cerrados, buscando algũa besta, boi ou vaca; como os do lugar o sentem, fazem ũa cova ou poço muito fundo e cobrem-no com rama, canas, cousa fraca, pondo-lhe o cevo, que é cabra ou chibarro, onde o lião, vindo de salto pera tomar a presa, cai na cova, feita a modo de poço, e fazem-no saber a quem tem cargo de mandar por ele, e logo vão oficiais daquele mister com duas azemalas e ũa caixa, que pera iso tem feita, como capoeira de galinhas, e, chegando á cova, fazem ũa mina em soslaio, que vai ter ao fundo da cova, e nela poem a caixa, de maneira que o lião não pode sair senão metendo-se pola caixa; e, posta esta caixa em seu lugar, dando grandes gritos e apupos e deitando lhe muito fogo na cova e murrões de estopa ardendo, o fazem entrar na caixa, parecendo-lhe que por ela se pode salvar, e, cerrando-lhe as cabeças da caixa com uns paos, que polos furos metem, fica o lião na caixa todo apanhado e não pode bolir pé, nem mão; e, posta a caixa em ũa azemala, o trazem a Féz, onde o sóltão em ũa torre que pera ele tem e ao tempo que os hão de correr.

Está a torre dos liões ao canto de um curral, cercado das casas d'el-

1. por ante] per antre M; perante N. — 2. *Este passo deve estar alterado.*

rei, que é trato de cem pasos de um canto a outro e argamasado; e nele estão sete ou oito covas com seus escutilhões fortes e apertados, que o lião não pode meter a unha, e em cada ũa destas covas se acolhe um homem, que anda no corro; e muitas vezes se deita sobre estas covas e se não quer alevantar, ainda que lhe piquem de dentro dela, porque sente o homem dentro e debaixo de si e embirra. Tem os cristãos cativos ũa carreta com ũa caixa, em que vai um homem e leva duas varas com grandes novelos d'alcatrão ardendo, com eles vai dentro; o lião, dando-lhe nos olhos e rosto, o fazem alevantar de cima da cova, e com isto se entenderá o mais.

CAPITULO XL

Como de Larache fugírão nove cativos e se salvárão os sete

Tornando a falar em Arzila e nos sucesos da guerra, irei contando algũas deste ano de trinta dous, em o qual alguns almogaveres de Larache, saindo da Atalaia Alta, viérão até a aldea de Tendefe, após Jeronimo Afonso, ferrador, que, por trazer o milhor cavalo da vila, se salvou, vindo á fala com eles. Muito contente e soberbo chegou aos Forninhos, aonde o conde estava com toda a jente de repique, louvando seu cavalo, que deixara aos mouros, e se tornou a descubrir seu posto, e, tanto que foi no Malhão, tornou a dar outro rebate, que nos pareceo ser jente grosa, e era um cativo, que avia nome João Martinz, oleiro, que fujira de Alcacere com outro cativo do alcaide de Larache, e os mouros que corrêrão trás o ferrador érão vindos em busca deles, e, por dar vista ao campo, estávão na Atalaia Alta; e, vendo o campo sosegado e as atalaias que ião fazendo seu oficio, ouvérão que os cativos não érão pasados e saírão afoutos ás atalaias; e vendo João Martinz, que em Alhazana estava com um dos cativos, o rebate primeiro e as atalaias que tornávão seguras, saírão a elas, e, cuidando Jeronimo Afonso que érão mouros de pé que o querião saltear, deu o rebate, e logo veio um de cavalo dizendo que era João Martinz, com a qual nova fôrão todos alegres, e logo o conde se abalou e fomos caminho da Atalaia Alta, e em Tendefe chegou João Martiz ao conde e, tomando nova dele, dise que aquela noite fujírão da mazmorra nove cativos e todos pasárão em ũa barca, e que no rio ouvírão o rebate em Larache, e que, como fôrão desta parte, fizérão que se apartasem, por que, se saisem em busca deles, não os achasem juntos e queira Deos salvarem-se; dizendo mais que por mim mandara dizer a sua senhoria os mandase esperar um dia certo, e dezia verdade, porque, vindo um dia de Féz, fiz meu caminho por Larache e me dise que disese ao conde que os esperase, porque tinhão

a mazmorra aberta e prestes pera fujirem. Eu lhes respondi que não avia de ser em tal trato, nem o conde avia de mandar um só de cavalo por todos os cativos de Larache, quanto mais por quatro homens não conhecidos, á ventura, e não esperasem que o conde aventurase nenhum dos seus, nem tivesem esperança por esta via, e os desenganei; e, quando eu dise ao conde que pasara isto com João Martinz, m'o agradeceo, dizendo que nunca por ardil de cativos aventuraria um só homem, quanto mais por jente que não conhecia; todavia, este dia, querendo favorecer os cativos que ficárão embrenhados, mandou a Diogo da Silveira que com cincoenta de cavalo chegase ao rio de Çael [1] e á Barrosa montear, e que levasem duas trombetas que tanjesem pera que os cativos saisem ao som delas, e asi foi, porque de Çael [2] e da Barrosa trouxe cinco cativos, que estávão embrenhados e saírão ao som das trombetas, os quais todos érão homens do mar de Vila do Conde e do Porto. Os outros dois fòrão mofinos, porque os almogaveres topárão com eles e os tornárão a Larache; e desta maneira saio este João Martinz, mas não tardou muito que o não tornárão a cativar, como direi.

CAPITULO XLI

Como o alcaide armou com almogareres e tomou ũa atalaia

Nestes dias os alcaides de Larache e Alcacere viérão ao noso campo, e, não ousando correr a bandeiras despregadas, armárão com almogaveres, e, ficando os alcaides em Alfomar, ũa legoa da vila, os almogaveres saírão da Atalaia Ruiva e, entre a Atalainha e os Forninhos, viérão a tomar ũa das atalaias, que avia nome o Tubarão, tão perto do adail, que nos Forninhos estava com mais de vinte de cavalo, os quais, vendo os mouros tão perto, se confranjêrão e requerêrão ao adail desem nos mouros, pois estávão perdidos, e tanto que até a Atalaia Ruiva os alcansarião, ainda que tivesem costas. O adail não quis bolir consigo, antes da parte do capitão requereo que estivesem quedos e não fizesem desmancho; e, como os mouros se fosem recolhendo, João Português, nas suas costas, tomou logo a Atalaia Ruiva e, vendo que não avia jente, nem costas, fez sinal ao adail que andase, e logo Martire Díaz, atalaia, veio dizer que por culpa do adail se perdêrão os mouros, e foi entre os de cavalo grande murmuração contra o adail, que aquele dia foi anjo que os guardou pera que todos se não perdesem, porque, se pegá-

1. Çael] Calez B M; Calles N. — 2. Çael] Cale B M; Calles N.

rão com os almogaveres, não pudérão deixar de ir á longa até dar na jente.

O conde, depois que vio a Ruiva tomada, foi paseando com toda a jente até os Forninhos, onde estava o adail, e em chegando lhe dise o adail: «Senhor, não me ponhais culpa por não chegar aos mouros, porque me acho neste cavalo que não tem redea, nem é por ser muito manso». Isto dezia porque o ouvérão asi, vendo-o com os mouros, isto digo pola certeza que soube do que lhe vi fazer, isto tudo dise polo que lhe vi fazer, e isto digo polo que lhe vi fazer. Este [cavalo] [1] mandou o duque de Medina Sidonia ao conde, por ser perigoso e mordedor, parecendo-lhe que a guerra o quebrantaria, e depois foi meu e me servio muito tempo e nele me achei e sai com honra, posto que nunca no campo lhe tirei o freo, nem deixei de o ter com ũa solta rasa de ferro, porque não pasava cavalo que não fizese muito por saltar nele. Com estas palavras que o conde dise ao adail ficou desagastado e contente e muito mais vendo as bandeiras e jente que se mostrou em Alfomar, que, chegando os almogaveres com sua atalaia ao alcaide e preguntando-lhe as preguntas acostumadas e vendo que o adail, estando tão perto dos seus, não apegou com eles, dise: «Dom João tem homem de recado» e, saindo da cilada, dérão vista de si a nós outros; e, vendo o conde as duas bandeiras e a jente posta em ala, dise: «Amigos, parece-vos que os que fôrão trás os almogaveres fôrão bem agasalhados daquela jente?» E, louvando muito ao adail, lhe tornou a dizer o que lhe tinha dito e dise: «Agora averia eu por mais seguro ir demandar o alcaide e pelejar com ele que ir trás almogaveres, mas lá vos dará Deos outro dia, em que não ajamos enveja a este» e, por esta vez, se pudérão ir embora e nós demos nosa guarda, e, mandando polos moços, os fez fazer sua erva e lenha, e, dando de comer á sua boiada, nos recolhemos á vila.

CAPITULO XLII

Como um mouro do Farrobo se veio pôr em ferros por amores de ũa molher

NESTE tempo, um mouro do Farrobo, que avia nome Aiadomarteres, que, quando esta historia escrevi, estava cativo em Santarem, em casa de Dom Fernando Mazcarenhas, filho de Dom Manoel Mazcarenhas, capitão que foi de Arzila, estando o conde no parlatorio, entrou pola porta da Ribeira um homem mancebo, grande de corpo e robusto;

1. [cavalo] *f* B N M.

trazia ũa lança e adarga nas mãos e diante de si dous asninhos, carregados de cera, e duas vacas e dous bois; e, posto diante do conde, lhe dise: «Senhor Dom João, eu sou sobrinho de Alcematres, cativo de Simão da Fonseca, e venho-o resgatar e dar a seu dono esta cera e bois: polo que faltar quero eu ficar em cativeiro e em ferros, e que se vá buscar o que faltar do resgate e me tirar de cativeiro, comprindo com ele; e seu amo deve de querer antes a mim, que sou mancebo, e o poderei servir melhor que meu tio, que é velho». O conde lhe preguntou quem o mandava ou obrigava a se pôr em cativeiro? O mouro respondeo: «Senhor, eu quero casar com ũa filha deste meu tio, e ela me dise que se não avia de casar senão com quem lhe tirase seu pai de cativo; e, porque me dise que se casara comigo se lh'o tirara, venho por ele e trago o que tenho, que é isto que vedes; e, se faltar algũa cousa, quero tomar os ferros e tirá-los a seu pai, quanto mais que é meu tio». O conde lhe dise que ele se podia concertar e fazer o preço dos bois e cera que trazia com Simão da Fonseca, mas que deitar-lhe ferros o não avia de consentir até não vir cafila da serra e de Alcacere, que fosem testemunhas como ele tomava os ferros por sua vontade. A tudo dise que era contente, e, vindo Simão da Fonseca, lhe avaliárão os bois e a cera, que pesaria quatro quintais, e se entregou de tudo e levou o mouro pera sua casa, e, como veio a cafila, tomou os ferros por ante os mouros que nela viérão. O tio se foi e em poucos dias pagou o que ficou devendo e tirou o sobrinho, que deu muitos dias em que falar á vila, na constancia de um mouro serrano, e foi muito louvado, asi de nós como dos mouros. Este Aias se fez depois ladrão e salteador, andando em todas as perfeições de ladrão, e asi acabou sua vida.

CAPITULO XLIII

Da vinda de Manoel Coutinho a fazer-se cristão e de como foi fora e da morte de Artur Rodríguez

NESTE ano de trinta dous se veio tornar cristão um mouro, a quem se pôs nome Manoel Coutinho, mancebo bem desposto, aparelhado pera todo o bem, e asi saio por seu merecimento e valentia, que em pouco tempo mereceo lançarem-lhe o habito e se fez um asinado homem, como em muitas partes desta historia se verá, deixando-me Deos chegar a seu tempo. Era este mouro de Benaçua, criado de Mulei Mafode Baraxe. Veio em cima de um bom cavalo, [com] [1] sua lança e

1. [com] *f.* B N; e M.

adarga. Foi bem recebido do conde e asi de Diogo da Silveira, que sem receo se confiou dele, o que nunca fez de outros mouriscos.

Logo como este mouro chegou e se fez cristão, o conde lhe deu licença e com trinta de cavalo foi entrar e os levou pola boca de Almarcecamar e, polas costas do Farrobo, nos pôs em um caminho, onde tomamos tres mouros e duas egoas que a um çoco íão, e, posto que eramos muito dentro da serra e em parte de muito perigo, nos tirou com tão boa manha e dilijencia que, posto que ouve rebates e acudírão a tomar-nos alguns pasos, nos tirou sem pendencia. O conde foi dele muito contente e, tornado cristão, o recolheo em sua casa e o pôs á sua mesa, entre muitos fidalgos, com os quais ele se deu tão boa arte que de todos era amado e louvado e mostrando se tão limpo e presuntuoso que dava a entender ser toda sua vida cristão.

Logo Diogo da Silveira foi entrar e, pasando por Capanes, foi a Alinaçar e tomou outros tres mouros e um bom golpe de gado, e, por Artur Rodriguez ficar por entrar, posto que avia nova d'el-rei sair abaixo, lhe deu licença que fose ao Farrobo, onde entrou polas tranqueiras, onde acudírão alguns mouros de pé, e, vindo Artur Rodríguez á fala com eles, foi pasado de ũa lança d'arremeso, de que logo caio mortalmente ferido, e sobre ele acudírão logo seus companheiros, e, por muito que fizérão o não pudérão pôr a cavalo, nem recolher, porque foi entre os mouros muito grande grita, dizendo: «Artur é morto!» e acudírão tão ousadamente que, posto que os nosos fizérão duas voltas, em que alanceárão dous deles, todavia, lhes ficou Artur Rodríguez entre as mãos, onde foi logo descabeçado e tiradas as mãos e pés; e os nosos se recolhêrão, vindo Alvaro de Sousa, criado do conde, mortalmente ferido doutra lança d'arremeso, que, pasando-lhe as couraças, esteve á morte, e asi ouve tres cavalos feridos, de maneira que os nosos viérão sem seu capitão e almocadem e fizérão toda a vila triste, porque Artur Rodríguez era avido por muito bom homem e bom cristão; e, quanto esta sua morte nos fez tristes, tanto mais alegres aos mouros todos, por terem [a][1] esperança perdida dele deixar sua fé, molher e filhos, por ser o mourisco que mais se apartava de conversar com mouros, nem mouras, senão foi Diogo da Silveira, com quem sempre ia fora, mostrando não aver enveja a seus feitos, e por ele dise o conde que Arzila perdera um dos bons moradores que nela avia.

Fui tão largo em contar esta morte de Artur Rodríguez, pois se ha dito, no principio de sua cristandade, quanto andou danado e com quanta prudencia e virtude o conde o soube remedear e sosegar, fazendo-o de cristão inquieto quieto e leal, pondo-o á sua mesa e casando-o com ũa honrada molher, com que sosegou e se fez o que aveis visto. Depois disto, o

1. [a] *f.* B.

conde casou esta molher de Artur Rodríguez com este Manoel Coutinho, com o qual viveo tão honrada e bem casada como com Artur Rodríguez, como adiante se verá, se a seus feitos chegar, e aqui o deixemos, contando o que logo após iso pasou.

CAPITULO XLIV

Como Mulei Abrahem veio abaixo em pesoa d'el-rei e correo Tanjere e Arzila e não fez nada

Tendo o conde por nova certa que el-rei de Féz tinha sua almahala [1] fora e fazia alarde de jente, e oficiais artilheiros, asi mouros como cristãos, se dávão présa a fazer dous tiros grosos, e, por ter paz com os xerifes, parecia querer tentar Arzila; e, por ter nova de mestre João, artilheiro d'el-rei de Féz, em que lhe dezia que aquele apercebimento parecia ser contra Arzila, o conde, por que o não tomasem de sobresalto e desapercebido, quis ver os almazens, e, vendo estarem desfalecidos de munições e outras cousas necesarias, as mandou pedir ao feitor de Andaluzia, Manoel Cirne, e asi o mandou pedir e fazer saber a el-rei, noso senhor, pera o prover de polvora e repairos e outras cousas necesarias á guarda e defensão da vila; o qual recado por esta vez não ouve efeito, porque o barco de Estacio Nûnez, com que estas cartas e recado ião, foi tomado da fusta de Larache, mas o alcaide cide Naçar foi tão nobre que, vendo as cartas do conde e sabendo que ião pera el-rei, sem as ver, nem as abrir, as mandou ao conde.

Todo este movimento e apercebimento d'el-rei de Féz se resumio em Mulei Abrahem vir correr Arzila e Tanjere, trazendo consigo todos os alcaides e jente de Féz, e desta vez não fez nada, por estar o conde avisado de cafilas e mouros tomados, que dezião que el-rei vinha abaixo ás ervas, e o alcaide de Alcacer estar apercebido de muitas farinhas e cevada pera a vinda d'el-rei, de maneira que, correndo Mulei Abrahem da Aldea Velha e o alcaide de Alcacere d'Alfomar, em pouco espaço cinjio o campo todo, de mar a mar. O conde, que na ribeira de Bugano estava, dando guarda á erva, recolheo sua guarda e boiada e se ouve no Facho, sem pendença, e se veio á tranqueira de Baixo, parecendo-lhe que os mouros entrasem dentro no Facho, o que não fizerão senão poucos derramados, e a força da jente toda carregou da outra banda do Rio Doce e ficando sobre ....[2] a bandeira vermelha de Mulei Abra-

1. almahala] almaja B N M. *Já ocorreu êste vocábulo com a significação de* exercito — 2. ...] *em branco* B N; *sem branco* M.

hem. Alguns pasárão o rio e ao longo do vale começárão a vir mais perto da vila, os quais, rompendo o valo, se derramárão polo adro de fora e pola fonte de Alvaro Gabriel, porque vírão ao conde, que, vendo os pasar o rio, se veio ao adro, onde alguns dos nosos travárão escaramuças, mas o conde os fez recolher ás contoadas, tratando-os mais como capitão riguroso que como o conde Dom João os soia tratar. Digo isto porque a mim, vendo-me atravesado, me tirou ũa lançada, que me pasou a adarga, em que lh'a tomei, e outro tanto fez aos outros, por onde me parece que não errei em dizer que homem bom e capitão bom não vi senão nele. Os mouros, vendo o capitão dentro do adro com toda sua jente armada e em ordem, se recolhêrão ao Xercão, e do caminho espedio Mulei Abrahem a João d'Oribia e a Francisco Lionárdez, que com ele vínhão, e por eles mandou visitar ao conde e lhe mandou um fermoso cavalo, mandando-lhe dizer que vinha pera ser seu vezinho por alguns dias; e ao outro dia correo a Tanjere e tão pouco não fez nada, porque aquela noite o conde mandou por Artur Ortiz, e um barco por mar, avisar a Dom Duarte, e ambos lá chegárão, e Dom Duarte teve muito recado em sua cidade; e do campo de Tanjere se despedio o alcaide de Alcacere com os de Féz, e, por dentro das serras de Benamares e Benagorfate, pasárão sem dar vista ao noso campo. O conde teve sempre espias, parecendo-lhe que, tanto que tornasem, nos correríão, o que o alcaide d'Alcacere não quis consentir, pedindo-lh'o os de Féz, que parecendo-lhe que seria menoscabo seu se as tranqueiras recebesem algum dano, que, pois o conde estava avisado, não deixaria de lhes armar, e que Mulei Abrahem os trouxe de Féz e lh'os entregara sem dano, quis ele fazer outro tanto; e por esta maneira Mulei Abrahem ficou em Xexuão, dando ordem ao casamento de seu irmão, cide Abdalá Celema, com ũa filha do alcaide de Benjija.

CAPITULO XLV

Como o alcaide de Benjija correo Arzila
e o conde determinou de o ir buscar e pelejar com ele

Muito desejei chegar a este capitulo pera nele satisfazer a muitos que, ouvindo dizer que o conde com dozentos de cavalo desbaratou dous mil de cavalo, e pergûntão como foi e como ousou cometer tão grande numero, pois avia pera cada um dos nosos dez mouros, e, portanto, como testemunha de vista, direi como pasou; e desta batalha sai sem aver enveja a nenhum dos que nela fomos, pois meti em Arzila ũa bandeira real que nela tomei, matando por minhas mãos ao alférez que a trazia, e o galardão, que diso ouve, foi ficar de trás de

todos, sem aver mercê, nem ousar falar nela; mas contento-me que temos a Deos tão justo e verdadeiro que ha de tomar conta aos que tírão o serviço a quem o merece, pera o dar a seus criados e aos que os lisonjêão; e, tornando ao feito, pasou desta maneira.

Era Benjija dos mais antigos fidalgos do reino de Féz e alcaide de Jazem, ũa das mais principais alcaidarias do reino e quatorze legoas de Arzila, e, como ouvese de vir a casar ũa filha com cide Abdelá Celema, irmão de Mulei Abrahem e alcaide de Xexuão, quis de caminho correr Arzila, e pera iso trouxe de Féz seus parentes e amigos, entre os quais foi Caroax, xeque dos alarves, e cide Alaxequerão, irmão do alcaide d'alcaçova de Féz, e cide Naçar, alcaide de Larache, e outros, e, pasando por fora d'Alcacere, entrou no noso campo um dia que o conde com sua bandeira fomos correr Alião, e, por sermos sentidos, não se fez nenhũa cousa. Viemos por noso caminho, monteando, e, sem rebate, nem impedimento, viemos á vila, cansados, como homens que vem da guerra sem presa; e ao outro dia, que foi quarta feira, doze dias de setembro do ano de trinta dous, nos amanheceo na vila o alcaide Benjija com mil e oitocentos de cavalo: amanheceo no Xercão, duas legoas da vila, pera ao outro dia se melhorar e nos correr. Muito mais descansado esteve, depois que teve nova de nós, porque aquele dia partio ũa cafila da vila de muitos mouros e judeus, e, topando com as guardas no Zambujeiro, levárão a Jibre Judeu e o alfaqueque ao alcaide, que lhe preguntou meudamente polo conde e pola ordem da vila e campo, e as guardas onde se dávão e o gado onde comia, ao que Jibre satisfez, respondendo como homem que sabia o que avia de responder, dizendo que a jente viera cansada e que aquele dia não averia atalaias largas, e que eles saírão pola menhã, ficando o conde na cama e não avia pesoa fora. Com este aviso os deixou ir seu caminho e asentou correr ao outro dia, mas, como as guardas, que sobre o noso campo tinha, lhe levasem nova que as Atalaias Altas érão tomadas e que o campo andava largo, logo cavalgou e se veio por Almenara meter no Marmeleiro, onde vio que o campo se recolhia...........[1] e o mais que era necesario a tal cousa, e os principais érão o João López e Francisco Cabral.

Os mouros, vendo o adail nos Forninhos, não tão sómente não pasárão adiante, antes se recolhêrão muito depresa. A este tempo chegou Fernão da Silva ao conde e dise: «Senhor, esta jente saio do Marmeleiro e é pouca, porque eu lhe vi o cabo, e, verdadeiramente, eu a faço até quatrocentos de cavalo». E o conde dise: «Asi m'o[2] parece, porque correo fracamente, mas não vejo bandeira real, que aquela que parece na Ruiva é guião, todavia, quero ver a determinação desta jente» e mandou ao adail, que nos Forninhos estava, se fose trás os mouros derramados.

1. ...] *à márgem de* B *sem branco:* falta; *sem branco* NM. — 2. m'o] me NM.

A este tempo pareceo a bandeira e jente do alcaide, que em Alfomar ficou, que, vendo que os seus se recolhêrão, nos deu vista, pondo-se em ala na Atalaia Alta d'Alfomar; e entre nós ouve grande grita: «Eis a jente e a bandeira parece!» O conde ficou suspenso, porque tinha cafila na vila e nova dos alcaides estarem em suas casas, e não se podíão ajuntar em tres dias, e parecia-lhe que era o alcaide d'Alcacere que saira a repique o dia dantes, e, por tornar sem ver cristão, quis mostrar aos seus que viera após nós, e logo dise muito alto: «Este é o alcaide que ontem saio ao noso repique e rebate e quis-nos mostrar que veio após nós e mandou que me corresem ametade da jente, e com a outra bandeira ficou, como vedes: que seria [1] se oje se tornar de autor reo e o que ele cuidou fazer, que é amedrentar-nos, fizesemos a ele?» e logo mandou recado ao adail que, se os mouros deixasem a Ruiva, a tomase, porque ia nas suas costas, o que o adail fez muito bem, porque ainda os mouros não acabávão de sair da atalaia quando ele a tomou, e logo mandou recado que não avia mais jente até Alfomar, e que, se sua senhoria quisese que dése neles, ao pasar das Pontinhas o faria. O conde lhe mandou outro recado, que andase e que não travase pendença até ele não chegar, e logo mandou Henrique Machado, alférez, tornase á vila pola bandeira de Cristo, o que ele fez muito dilijentemente, que com ela nos tomou na Ruiva, onde o conde esperou [a]té ela chegar.

Entanto alguns fidalgos lhe pedírão licença pera irem na dianteira com o adail, e isto lhe pedio mui afincadamente Dom João Mazcarenhas, sobrinho da condesa. O conde lhe respondeo: «Senhor Dom João, não ei de mandar fidalgo com o adail e os que mandar hão de ser homens do campo, e vós ireis onde meu filho for». A este tempo íão os mouros polo rosto d'Alfomar acima e o adail em sua esteira, e, tanto avante com os mouros da parte dentre os valos das varzeas, íão João Trigueiros e Fernão Machado, dando vista aos mouros e corregos dantre ambas as varzeas; e nisto chegou Henrique Machado, com a bandeira, e o doutor Duarte Rodríguez, que tornou a curar o surdo que os mouros ferírão. O conde muito alegre dise: «Doutor, que vos parece, aguardar-nos-á o alcaide?» Respondeo: «Eu cuidei que vós já o não podeseis alcançar: que fazemos que não imos por diante?» O conde se deceo de um cavalo, asaz bom, que ouvera de João Português, e tomou um jinete que fora do alcaide Laróz, por ser de boa redea e rijo, ainda que dezíão que tinha dous esparavões, e mandou a Fernão Caldeira tomase o que ele deixara, o que Fernão Caldeira fez e, como nele foi, dise: «Eu vos tenho dito que, primeiro que deixase de servir-vos, vos avia de ajudar a desbaratar um alcaide: espero em Deos será oje e, com esta minha mão canhota, espero derribar um dos principais, pois me destes cavalo pera

1. seria] seia [: será ?] M.

poder ser dos dianteiros». Logo o velho e manco lhe tomou a redea e se fez ter, o que sempre foi. Com estas palavras de Fernão Caldeira todos desejavamos de ir por diante e todos tivemos ũa grande gana de ir diante do conde, dando cada um sua rezão e sua badelada, mas, como o conde se endireitou na sela e estendeo as pernas, nos fez calar, sem mais pesoa abrir boca, dizendo estas palavras que agora ouvireis.

CAPITULO XLVI

Como o conde se determinou de pelejar com o alcaide de Benjija e o desbaratou

PASADAS estas palavras que o conde teve na Atalaia Ruiva e asentado de ir buscar o alcaide, pondo-se direito na sela, dise a todos os que ali eramos estas palavras: «Senhores e amigos, até aqui todos falastes e cada um dise seu parecer e todos quereis vamos pelejar com estes mouros: o que vos peço e encomendo não aja homem que fale, nem se ponha ante mim, nem se atravese diante, pera que o veja, pois muito bem conheço a todos e sei que o que fica detrás deseja de ir diante: e vos lembro que este [é] [1] o alcaide de Alcacere e a mesma jente, o mesmo caminho em que não ha muitos anos que matárão nosos pais, irmãos e amigos, sendo trinta pera cada um, e eu confio em Deos ele nos dará vitoria em nos vingarmos com muita honra nosa: o que vos encomendo nenhum se detenha, nem embarace, por tomar mouro vivo, porque será estorvar a vitoria que nos Deos dará, que, embaraçando-se um de nós com um mouro tomado, dá azo a se salvarem muitos e fazermos rabo e adelgaçarmos os dianteiros; e, porque eu espero que o alcaide, tanto que nos vir, que não me espere e fará rabo, vos torno a encomendar que nenhum saia da ordem que então ordenar, que será como o tempo nos mostrar».

Estas e outras palavras dise o conde em jeral, e logo mandou a Diogo da Silveira que se pusese no caminho e guiase Henrique Machado com a bandeira de Cristo, e, pegado com a bandeira, mandou ir Dom Francisco, seu filho, e trás ele Dom João Mazcarenhas, sobrinho da condesa, e logo começamos a afiar, sendo eu dos dianteiros; e com esta ordem decemos a Atalaia Ruiva e pasamos as Pontinhas e chegamos á aldea d'Alfomar, que, por ser o caminho estreito, nos detivemos até ser noite, não querendo o conde que pasasemos até ter nova onde os mouros ião e o que fazião; e, por ser mais certificado, mandou a João Moniz que che-

4. [é] *f.* B N.

gase ao adail e vise a disposição dos mouros e o caminho que levávão e lhe trouxese recado, o qual não tornou, porque, chegando ao adail, lhe dise que mandase recado ao conde, porque ele não saberia tornar, vendo-o tão perto dos mouros, o que o adail mandou por um de cavalo. O conde mandou que pasasemos na ordem que até lá trouxemos, e asi andamos asaz depresa, por chegarmos ao adail, e, antes que a ele chegasemos, ouvimos ũa grande grita que os mouros trazião após ele, que o adail ia pegado com eles. Os dous cides Naçar e Benjija quisérão tomar o adail diante, o qual, vendo a jente e a tenção dos mouros, se começou a retirar, e os mouros com grande grita arrincárão a eles e os trouxérão afadigados até os meter entre nós outros, ferindo-lhe alguns cavalos, e lhe matárão um Joane Anes, criado de Simão Rabelo. A este tempo nós iamos já correndo, que, ouvindo a grita, arrincamos com um rijo galope, e logo chegou um recado por Antão Pacheco, pajem do conde, e, preguntando polo conde, lhe respondeo mui alto: «Que é o que quereis?» Disse: «Senhor, diz o adail que a jente está queda no Azambujeiro e é muita.» Dise o conde: «Tornai e dizei-lhe que bem sei quanta é e por iso o vou buscar». Dito foi certo este e a tal tempo de tal capitão, como o conde era.

Indo nós asi, os mouros chegárão a nós e, como nos sentírão o tropel da jente e as trombetas, que a este tempo tocárão, asi como vínhão tornárão fojindo, e, antes que ao alcaide chegasem, lhe derribárão oito ou nove de cavalo, mas nós iamos tanto de mestura com eles que, asi eles como nós, demos na batalha e bandeira, e, posto que nos recebêrão com ũa boa çurriada de arcabuzes e espingardas, os empuxamos e lançamos fora do outeiro, onde estávão, polo encontro e pancada que neles demos, que donde avia de ser de dozentos de cavalo, que nós eramos, foi de seiscentos, a saber, dozentos nosos e quatrocentos mouros; e deste encontro primeiro fôrão muitos derribados, entre os quais foi o alcaide Benjija e Alexecorão, e, como o noso encontro foi com grande grita, dizendo: «Santiago! A eles que lá fojem!» foi tanto o espanto que o bemaventurado patrão das Espanhas pôs neles que se pusérão em fojida, e, como derribasem um mouro, começou a bradar: «Senhor Dom Francisco, não matar por amor de Deos!» Dom Francisco dise: «Que faremos deste mouro que nos embaraça?» e, vendo a Gaspar Fernândez Manso, lhe dise: «Este mouro vos entrego que me deis vivo» e, sobindo o mouro em um grande penedo, que no meio do caminho estava, como via vir algum cristão, bradava por Dom Francisco.......... [1] fazia tudo, pois fazia mercês e honra.......... [1].

E, proseguindo nosa vitoria, aqui quisera tomar a lança deste mouro, e Dom Francisco m'o não consentio, e me dise que acompanhase a ban-

1. *Não há espaço em branco nos códices, mas o sentido prova que há lacuna.*

deira; e, seguindo os mouros que ante nós ião, chegamos ao poço de Fernão de Xira, onde, por ser terra apertada, se derribárão outros oito e ficárão muitos cavalos, que, apeando-se deles e tirando-se da estrada, ficárão salvos, e asi, á larga, posto que eramos poucos, dez ou doze de cavalo chegárão á Ponte, e, antes que a ela chegasem, derribárão um mouro velho e principal, que disérão que era o alcaide que foi de Grancilvi, fortaleza que está entre Féz e Tafilete, ao qual estancou o cavalo de todo, e sendo derribado por nove ou dez de cavalo, que cuido que érão. Os mouros, que na Ponte estávão, vendo quão poucos os nosos érão, saírão em socorro do mouro velho e trouxérão os nosos um bom pedaço pola varzea, e, tornando-se a recolher, por alguns de nós chegarmos ao mouro velho, achamos o cavalo sem sela, que, por ser rica, a tirárão, cortando-lhe a silha, e, vindo ao poço, achamos recado do conde que mandava saber de seu filho.................................. [1].

E não andei muito que não topei com toda a jente, e, chegando com a bandeira arrastando, lhe dise como chegamos á Ponte, e o conde muito alegre não deixou de andar até Dom Francisco, o qual foi recebido asperamente, por se mostrar temerario em corrida tão comprida, e ali lhe pedimos quisese amanhecer no campo e não dése lugar a que se salvasem mais de quinhentos de cavalo, que andávão espalhados e perdidos polo campo, sem saberem onde estávão. O conde fez preguntas aos mouros que tínhão tomados e todos falárão por ũa boca, dizendo que o alcaide era Benjija e o numero da jente mil e oitocentos de cavalo, e muitos deles de Féz, que com o alcaide viérão, e não vinha jente de Alcacere. Depois desta enformação, o conde dise que não avia de vender a honra por dinheiro, que era toda a jente derramada e não queria que nos tomasem embaraçados e lonje da vila, e que quanto mais perto da vila nos tomasem tanto eles viríão mais cansados, e que andasemos. Vindo recolhendo os cavalos, e, como o conde achase alguns dos seus menos, vinha com muito receo se érão perdidos, e, como vinhamos despojando os mortos, trouxemos tanto vagar que amanhecemos defronte de Taurete e logo ouvemos vista de Fernão da Silva e de seus companheiros, que, como cide Naçar com seu guião tomou por entre Alhadra [2] e o Azambujal do Xercão, estes que fôrão com Fernão da Silva fôrão em seu seguimento e lhe matarão mais de vinte cinco de cavalo, e, vendo-se muito apertados, fizérão ũa volta, em que derribárão o alcaide-mór e lhe dérão muitas feridas, de que esteve á morte, e outras lhe salvárão as armas. Aqui se asinárão Fernão da Silva, Lopo de Quadros, que, posto que os mouros érão muitos, os fizérão alargar e o deixárão mal ferido.

Tanto que chegárão a nós, o conde foi de todo alegre, posto que o

1. *Linha em branco e á márgem:* aqui falta o suceso da bandeira que tomou B *sem branco* N M. — 2. Alhadra] Alhandra B N M.

alcaide-mór vinha mal tratado, e logo ordenou a Roque de Fárão com trinta de cavalo que fose despojar os que Fernão da Silva e os companheiros deixárão mortos, e nós outros chegamos á fonte do Zambujeiro, onde foi o primeiro encontro, onde achamos o guardião, frei André Pernão, com todos os frades, e o prior, Francisco Carvalho, com todos os clerigos, e homens de pé e moços da vila com asnos e bestas carregadas de pão e vinho, carne asada que a condesa e outras molheres, como tivérão nova, fizérão prestes. Os frades levárão quatro azemalas carregadas de pão e vinho, muita carne, galinhas com que todos matamos a fome: o conde foi tão alegre com eles que a todos mandou dar sua parte.

E porque eu tinha dito que me parecia que cide Buirma, irmão do alcaide, era morto no primeiro encontro, levei um dos mouros a o ver: dise-me que era um alarve principal e que chamava por um dos seus santos, chamado cide Amete Bembicar, que o levase ao inferno.

Da fonte do Azambujeiro caminhamos pera a vila, sendo duas legoas, e quatro á Ponte, de maneira que foi a corrida e alcanse de quatro legoas. Os frades e clerigos todos se pusérão em cima de cavalos mouriscos, e asi outras pesoas que da vila fôrão, e os mais vinhão carregados de despojo, a saber, selas, capuzes, saias de malha, adargas, pelotes; e com esta ordem, trazendo nosa cavalgada diante, chegamos á vila, que nos recebeo com muita festa de artelharia e sinos.

CAPITULO XLVII

Do mais que o conde ordenou depois de ser na vila e como o alcaide Benjija lhe mandou ũa lança que tomou a um cristão e o conde o mandou visitar

Tanto que o conde entrou pola porta da Ribeira, se foi decer á porta da igreja de São Bertolameu, onde deu as graças e louvores devidos a Noso Senhor, pola mercê que lhe tinha feito, e, posta a bandeira de Cristo no altar de Santiago, logo deu ordem na arrecadação da cavalgada, dando juramento aos quadrilheiros que pera iso ordenou, e mandou meter todo o despojo de selas, capuzes, saias de malha, lanças e todo o mais na casa da alfandega, que, posto que grande era, foi cheia, que, posto que os mouros mortos não fosem tantos, mais foi dos que fujírão, que deixávão o que levávão, por não lhes fazer embaraço. Os cavalos fôrão metidos entre as portas da vila, que pasárão de cento, afora muitos que morrêrão, asi de feridos como de arrebentados. Os mouros cativos que viérão feridos fôrão oito, entre os quais veio um irmão do alcaide Maçuar, guarda-mór d'el-rei de Féz; este ouve o conde por dozentos mil

reais e deu por si mil e quatrocentos cruzados; os outros érão todos cavaleiros da cevadeira d'el-rei e do alcaide Benjija: fôrão estes mouros todos oito levados á condesa que os tratou e mandou curar, como magnifica e nobre senhora. Este dia se pasou em grande regosijo e festa, não ficando pesoa, nem molher que não viese ver a bandeira que eu tinha á minha porta. A mesma tarde se vendêrão os mouros, vindo primeiro dous de cavalo saber do alcaide, se era cativo, porque não parecia. O conde os deixou entrar e falar com os mouros cativos, e, não achando nova, nem recado do que vinhão buscar, pedírão licença e seguro pera o buscarem entre os mortos; o conde os asegurou por aquele dia e polo outro, em os quais levárão muitos mortos e recolhêrão muitos mouros perdidos e cavalos; e, partidos eles, chegárão outros dous e trouxérão recado do alcaide ser aparecido, e fora ter á serra de Benagorfate, e que, por quanto ele fora derribado no primeiro encontro, e depois dele ser no chão, se topou com um cristão e se livrou dele com lhe tomar a lança, pedindo-lhe que soubese do cristão quem era e do que com ele pasara: de tudo lhe mandase um asinado ou carta pera el-rei, seu senhor, saber que não fojio e ficou no campo, desemparado dos seus. O conde o recebeo, fazendo-lhe muito gasalhado, dizendo que o alcaide dezia verdade e ficou no campo como um lião, e que o cristão a quem tomara a lança era um criado seu, que avia nome Manuel Navais [1], o qual lhe contou como se topara com um mouro que vio a pé, por se achar só, e, com um cavalo manco, lhe deixou a lança, e foi desta maneira.

Tinha Manoel de Navais[1] o cavalo manco e decepado de um porco, e, por não ficar, indo seu senhor pelejar, pôs a sela em um cavalo da atafona e nele chegou a Alfomar, onde foi a detença; e, quando chegou ao Azambujeiro, onde demos nos mouros derramados, pasados, seguindo a vitoria que Deos nos dava, não tendo conta com os derribados, nem com os que a pé ficávão, e, como ele era o mais traseiro, ouve vista do alcaide, que a pé andava, por tomar um cavalo, e, conhecendo ser mouro pola camisa mourisca, o foi demandar, parecendo-lhe encontrá-lo, como homem mancebo e de pouca experiencia, que se a tivera levara a lança d'alto e fora senhor do golpe e da lança, pois temos visto muitos homens, por quererem encontrar outros a pé, perderem as lanças, como parece neste Manuel de Navais; pois indo fazendo muitas cousas, saindo com um cavalo dos que polo caminho topou, chegando ao conde lhe contou tudo o que lhe acontecera com o alcaide, parecendo-lhe ser pesoa asinada, pola espada guarnecida de prata: asi que mandou ũa carta a Mulei Abrahem, que lhe mandou logo vinte cinco cavalos e el-rei outros tantos, de maneira que se tornou a reformar, e a João López[2] fez muita honra e lhe fez merçê

1. Navais] Novaes N. — 2. *Não se disse quem era êste João López e o passo deve estar alterado.*

de um rico bedem e outras peças, de que veio contente. Outras meudezas pasárão neste desbarate, que deixo de contar por não ser enfadonho, sómente direi que se tomárão cavalos de cem cruzados e selas de outro tanto e adarga de vinte cruzados. Pagárão-se perdas e despezas e saimos a vinte cruzados os de cavalo, e se deu parte a frades e a clerigos, quantos fôrão ao Azambujeiro.

Foi tanto o alvoroço desta vitoria que até os cativos de Féz fizérão coplas uns aos outros, trazendo aos mouros e elches corridos, e entre estes cativos d'el-rei era um bombardeiro castelhano, por nome Rodrigo de Malpartida, muito gracioso e cabido com el-rei e com todos os alcaides: este fez ũas trovas que são mais pera rir que pera louvar, as quais achei nesta cidade de Lisboa, que as sabia ũa molher honrada que veio do despejo de Azamor, e, por conformarem com o que tenho escrito deste desbarate, as porei aqui, ainda que algũas lhe não lembrárão, mas será no cabo [1].

CAPITULO XLVIII

Como Mulei Abrahem e o alcaide de Alcacere e Benjija corrérão a Tanjere e matárão a Diogo de Torres filho de Alvaro Torres e outros homens e da vinda de Alexecorão a Arzila

PARECE que, quando a guerra favorece a ũa das partes, logo a fortuna enemiga se arma, ou pola soberba que com as vitorias se toma, ou por levantar a parte caida. Isto digo, porque não pasárão tres meses, depois que o conde ouve a vitoria que contada fica do alcaide de Benjija, quando o mesmo alcaide, em companhia de Mulei Abrahem e do alcaide de Alcacere, nos dérão ũa boa pancada, em que nos matárão e cativárão quinze homens e pusérão a vida do conde em risco, por ficar ferido de ũa setada que, entrando-lhe por ũa perna, saio ao quadril, o que pasou asi.

Como estes alcaides estivesem juntos em Xexuão, cabeça do estado e senhorio de Mulei Abrahem, a um casamento de ũa filha do alcaide Benjija com cide Abdelá Celema, irmão de Mulei Abrahem, ordenárão correr a Tanjere, onde lhe foi a fortuna tão favoravel que, armando com almogaveres, ouve desmando nos de Tanjere, que sairão atrás deles até irem ter com a jente que estava na cilada, onde fôrão mortos seis ou sete homens, entre os quais foi Diogo de Torres, filho de Alvaro de Torres, que em Tanjere estava por fronteiro com muitos e bons cavalos e homens

1. *Faltam as ditas trovas.*

e grande casa, e, por lhe acudirem, fôrão cativos Antonio de Souto-Maior e João Díaz, filho de mestre Diogo.

Socedendo asi este feito, os alcaides se recolhêrão a Xexuão e do caminho espedírão a Alexecorão, irmão do alcaide da alcaçova de Féz, pesoa de muito credito entre os mouros, que viese a Arzila visitar o conde e dar-lhe nova do que fizérão em Tanjere, e pera falar e resgatar alguns cativos e, em especial, o irmão do alcaide Meçuar e os que no desbarate de Benjija fôrão cativos, o qual ao outro dia, que foi domingo, primeiro do mês de dezembro, chegou á vila, vindo acompanhado, como homem honrado, em cima de seu cavalo e outro á destra e ũa mula que lhe trazia as armas e seu alcaiatão [1] ou tenda e tres homens de pé. Foi do conde honradamente recebido e, depois de dar as saudações acostumadas e contar o que o dia dantes em Tanjere fizérão, e como fora morto Diogo de Torres, querendo-se defender, do que a Mulei Abrahem muito pesara, pola fama de seu pai e ser moço de muita esperança, e louvou muito aos que por lhe valer se perdêrão, que fôrão Antonio de Souto-Maior e João Díaz, e asi afirmou os alcaides tornarem a Xexuão a fazer o casamento de cide Abdelá Celema com a filha de Benjija, e foi aposentado em casa do adail Lopo Mêndez, que, por lhe fazer honra e gasalhado, o levou a sua casa, onde o conde o foi visitar muitas vezes; e, falando no resgate, chegou a dar polo Maçuar mil cruzados e polo mouro de Lopo Mêndez quinhentos e polos outros o dobro do que custárão, e nisto gastou seis dias, que na vila esteve, nos quais foi banqueteado por Diogo da Silveira e Antonio Freire, Jorje Manoel, e á sesta feira, que se avia de ir, eu fiz outro tanto, pola amizade e gasalhado que dele recebi em Féz, e por lhe falar em dous cativos seus, um Mateus Fernândez Pescoço, meu compadre, e outro um irmão de Rodrigo de Bairos, alcaide de Santarem, mandando-me o conde fizese polos concertar. A este almoço esteve Dom Francisco, filho do conde, e outros nobres fidalgos, companheiros; e, saindo pola porta da Ribeira, juntos fomos até onde os de pé nos esperávão, que érão dous mouros; e, despedido Dom Francisco de nós, os outros fidalgos ficamos com eles um grande espaço, esperando um livreo que Dom Francisco mandou trazer, e, vindo o livreo e sendo os seus da outra parte do Amame, nos despedimos dele, e me dise que lhe dése um aviso. Eu lhe dise: «Quisera que vieramos pola Atalaia Ruiva e vireis minha lavoura e onde lavro, e m'a defendeseis como vosa, se os mouros nos comerem ou atalharem os pães». Respondeo-me: «Não consentirá Mulei Abrahem comer os pães, mas eu não quero que lavreis na Ruiva, porque não vos salvareis, porque corre muito risco quem ahi o faz».

Estando nós nestas rezões e nas mais necesarias, asi em ũa cousa como em outra, entrou Dom Pedro de Sousa e Afonso Barriga, seu almo-

1. alcaiatão: *tenda que serve de cama em viagem.*

cadem, a pedir-lhe [1] licença pera se pôr a cavalo. O conde lhe dise: «Senhor Dom Pedro, eu vos porei em Tanjere como tiver boa nova, que agora não pode ser». Dise Dom Pedro: «Ir-me-ei só!» Isto porque já tinhamos ido duas vezes a Tagadarte, onde Dom Alvaro d'Abranches, capitão de Tanjere, avia de vir por ele e, por não ter nova, não veio. O conde se agastou polo que Dom Pedro dise e lhe replicou: «O queixume que aveis de fazer de mim seja ao conde, voso avô, que sabe que a segurança e reprensão vos darei como a Dom Francisco, meu filho!» e com isto se saio Dom Pedro, dizendo que lhe estorvávão a ida. O conde tornou a falar comigo [1] e dise: «Amenhã trareis os arados e o direi a Fernão da Silva, que, de segunda feira adiante, não quero dar atalaias largas», e mandou dizer a Rui Carvalho, porteiro da porta, que o disese ao adail pola menhã, e com isto me fui, tendo o conde asentado que os alcaides não podião fazer movimento de Xexuão até Alexecorão chegar a dar-lhe nova, mas não foi asi, porque os achou na ribeira do Farrobo com muita jente junta e não esperávão senão por ele, e, logo ao outro dia, que foi sabado, nos corrêrão e fizérão o dano que agora direi.

CAPITULO XLIX

Como a jente correo a vila e Rui de Melo se lançou connosco e foi o conde ferido

Partido Alexecorão da vila, despedido de Dom Francisco e dos fidalgos e moradores, que polo acompanhar com ele saimos, tomou o caminho do Farrobo e na ribeira achou os tres alcaides com tres mil de cavalo, que não esperávão senão por ele, e logo fôrão juntos na tenda de Mulei Abrahem e lhe preguntárão por Dom Pedro, se era partido a Tanjere, ou se estava em Arzila, e isto pola nova que tinhão de irmos duas vezes a Tagadarte e nos tornarmos sem Dom Alvaro de Abranches, capitão de Tanjere, ousar vir por ele; ao que o mouro respondeo que ficava em Arzila e sem duvida esta noite ha de partir, e sobre iso ouvêrão conselho e asentárão de o ir esperar ao outeiro das Vinhas, caminho de Tanjere, por onde de força avia de pasar, e, pondo as guardas necesarias, esperárão até que foi menhã e, vendo que não ia, se viérão meter em cilada nos medos da boca do rio d'Algorrife, lugar que se não descubria, nem ião atalaias, do que sempre murmuravamos e nos temiamos que daquela cilada nos avião de dar ũa grande pancada e avião de degolar aquela vila; mas Deos, em quem está o poder, não quis que neste

1. *Aqui deve haver lacuna.*

dia fose o açoute tamanho como nos estava aparelhado, por ir descubrir ũa atalaia sem lhe mandarem, nem ter obrigação, porque Fernão Machado, a quem o adail tinha dado a Atalaia d'Alfandequim perpetua, por ser mais segura que as outras, tinha armado uns fios ás lebres e perdizes e, por os ir ver mais seguro, rogou a Diogo Carneiro, atalaia, que fose descubrir os medos, o qual ele fez mais por correr a praia, se achava algũa cousa que o mar deitase fora, que por lhe parecer que avia de achar mouros, e, tomando a praia, não parou até junto da cilada, sem os mouros o verem senão tão perto que, querendo-se encobrir, os vio e, virando-se com o cavalo, tornou fojindo e os mouros após ele, e não fôrão vistos senão tendo pasado Santa Caterina, que da vila os vírão vir pola praia, e, repicando ao tempo que o conde estava ouvindo misa e saindo a porta da igreja, disérão do Miradouro que muita jente vinha pola praia. O conde saio pola porta da vila e, ao longo do valo, chegou aos Mastos e vio que as bandeiras com muita jente pasávão o Rio Doce, onde muitos se derramárão, a ir tomar a boca do rio a muitos que se vínhão recolhendo, e, como a praia era cheia de jente, fez que alguns a não pudérão tomar e tornárão pera trás, e os mais se perdêrão e fòrão mortos, entre os quais que pasárão o rio foi Luis Machado, amo do conde, que no meio da agoa caio, por o cavalo o lançar fora de si, sobre o que voltou Artur Ortiz e João Português, seu cunhado, e o tirárão fora da agoa; dando-lhe Artur Ortiz as ancas as não pode tomar, asi por ele ser embaraçado, como por estar molhado e vestido em um gabão, e, posto que os mouros érão muitos, fizérão muito polo pôr nas ancas, estando Roque de Fárão e Fernão Machado e outros com as lanças varadas, em tanto que Luis Machado tomava as ancas, e, como não pode, foi lanceado apegado á estribeira, e os nosos se recolhêrão ao longo do valo. O conde, que aos Mastos chegou, vendo as bandeiras e jente que pola praia vinha, se começou a recolher com alguns poucos que consigo tinha, mas vendo vir diante toda a jente a um de cavalo, parecendo-lhe ser atalaia nosa, mandou a Simão da Fonseca e a outros cinco o favorecesem, os quais travesando pera a praia o de cavalo, que adiante vinha, se nomeou, dizendo: «Sou Rui de Melo!».

Este Rui de Melo é fidalgo e casado em Arzila com Dona Cecilia, que em aquele tempo era muito moça e fermosa e oje parece bem, e o Rui de Melo, corrido da mesa do conde, onde comia com muitos fidalgos e fronteiros, do vicio que tinha do jugar e beber, se foi a Mulei Abrahem e o requereo muitas vezes o fizese mouro, o que Mulei Abrahem não quis fazer, dizendo-lhe: «Senhor Rui de Melo, tendes molher fermosa e boa molher: eu vos averei mercê d'el-rei e perdão do conde e tornar-vos-eis pera Arzila e fareis vida com vosa molher e filhos». Vendo o Rui de Melo que Mulei Abrahem o detinha com palavras virtuosas e tão necesarias á sua alma e honra se pasou ao alcaide de Benjija, com quem este

dia veio, tendo-lhe mandado o conde que se viese. Este Rui de Melo está oje nesta cidade, sem fazer vida com sua molher, a qual é favorecida do bispo do Algarve, Dom João de Melo, que vendo-a virtuosa e honrada, posto que parente de Rui de Melo, polo ver desbaratado do vinho, ouve d'el-rei, noso senhor, que ela comese ametade da moradia de Rui de Melo e ele a outra ametade. Fiz esta declaração por vir em dia tão asinado; e, chegado ao conde, lhe dise: «Recolha-se vosa senhoria, que esta jente é muita e vem determinada de pegar connosco, e este dianteiro é Benjija». O conde veio-se recolhendo ao longo do valo, e, atravesando as eiras, os mouros apegárão com ele, e, não tendo conta com os derramados, se veio o conde, encontrando muitos mouros, e asi foi ferido, como João Correa, bombardeiro e grande espingardeiro, que asi ele como Fernão Díaz, ferreiro, que este dia se perdeo, não corria jente, que entrase polas tranqueiras, que eles não derribasem mouro e mouros, ao qual João Correa matárão entre ũas botas de vinho: veio morrer entre eles, e, posto que ele estivese debaixo do baluarte da Praia, donde lhe tirávão muitas béstas e arcabuzes, não deixárão sua obra.

Deixando João Correa morto junto da porta do Albacar, tornarei aos mouros e ao conde que, vendo-se ferido e que os mouros afloxárão e não ousávão entrar entre a cava e ortas, onde se recolheo, antes se começárão a derramar polas eiras acima, deixando o cargo da jente a Dom Francisco, seu filho, se recolheo á vila, por se curar e pôr cobro e remedio a sua vida, á qual foi pouco remedeado, por não aver çurjião de dous muito excelentes e estimados que na vila avia: o doutor Duarte Rodriguez era em Féz, por seu mandado, a curar Leleaxa, irmã d'el-rei e molher de Mulei Abrahem, e o lecenceado Antonio Gômez Vieira com Martim Vaz Pantoja, que oje é adaião da Sé de Lisboa, que mal ferido saio de ũas brigas, que com Diogo Soárez ouve. Foi curado o conde por Rui Vaz, boticario, polo qual varias cousas acontecêrão e, por serem varias cousas [1], o partirei em dous [2].

1. cousas] causas B. — 2. cousas] *f.* N.

CAPITULO L

Em que se prosigue o que mais se pasou neste dia com a tomada de Fernão Díaz homem de bem

Proseguindo este dia de sabado, em que o conde foi ferido, indo a jente e bandeiras polas eiras acima a demandar o Facho e as lombas, que dão vista ao vale e á Pontinha, que é um tiro de falcão da vila, que foi Deos servido querê-los cegar em não cortarem polo caminho velho, e por ele fôrão sair ás ortas do doutor e de Pedro Afonso, e ficavamos atalhados mais de cincoenta de cavalo, que eramos em estoutro campo do Facho e na Atalaia Ruiva, os quais nos salvamos como direi, acontecendo que, em topando os mouros com a Pontinha, em ũa palmeira, onde se dá vista á vila e ao vale do Facho, dérão com Fernão Díaz, filho de Alvaro Díaz, ferreiro, em que tenho falado muitas vezes, e com outros seis de cavalo, que se vínhão recolhendo com o rebate, e logo ali fôrão mortos Luis Vaz e Bento Calado, e Fernão Díaz foi conhecido, como era mui nomeado polo feito de seu pai, que já contei no ano de vinte, e, por ele ser muito fragueiro, os mouros levantárão grande grita, dizendo: «Olhadide [1], olhadide!» que quer dizer: «O ferreiro, o ferreiro!» de Arzila, e foi rodeado e tomado vivo, por se acharem ali alguns parentes de um mouro honrado que seu pai tinha. Foi levado ante os alcaides, que lhes pareceo tínhão feito ũa grande façanha e em especial Mulei Abrahem, lembrando-lhe como seu pai o enganara, fazendo-se paralitico e endemoninhado, lhe dise: «Jero [2] io se os izerdes companhero del diabo no os tengo de crer». Tornando a João Vaz Aljofarinho, que com ele vinha, tanto que vio os mouros e os conheceo, deixou os bois que ele e seu irmão Lourenço Jil trazíão, ambos e seu filho Vasco e um homem, seu hospede, partírão fojindo pera o Facho, e, achando o rosto despejado, porque a jente toda ia dando vista á vila, e não foi visto dos que diante íão senão no chão de Lopo Mêndez, e, levando muitos mouros trás si, foi demandar a azinhaga de Diogo Miranda, entre o chão de Pedro Afonso e a vinha de Bras Fernândez, e saindo a estrada, como bom cavaleiro, tornou ter a azinhaga, achando favor no guião de Fernão Caldeira e Pedro Afonso, que pola estrada vinha, os quais tivérão a azinhaga, de maneira que com tanto animo que mais de cem mouros de cavalo que nela estivérão os não pudérão romper, nem ousárão acometer e tornárão atrás, buscando outra pasajem; e a este tempo chegárão alguns dos que lavrávão e vendo as

1. Olhadide] Alhadide N. — 2. Pero?

bandeiras e alguns mouros e jente vendo que estavamos na Atalaia Ruiva com Fernão da Silva eramos perdidos e não tinhamos rebate tanto que nos aconteceo o que direi [1].

CAPITULO LI

Em que se conta e prosigue o dia de sabado e como nos salvamos os que na Atalaia Ruiva eramos

Eramos na Atalaia Ruiva doze de cavalo, entre os quais era Fernão da Silva, Diogo da Silveira, João Carvalho, João Trigueiros e eu, Bernardo Rodríguez, e meu enteado, que no mesmo dia deu mostra do que depois foi, que, sendo de dezaseis anos, neste dia matou um mouro. que foi a causa de nos salvarmos. como se verá, pois, estando esperando que as atalaias descubrisem seus postos, ouvimos a primeira bombarda do rebate e trás ela outras muitas, e, como a Atalaia Ruiva é ũa candea do noso campo e dela viamos tudo e não avia que temer, nos deixamos estar, de maneira que nós esperamos polas atalaias e elas por nós, e, quando vimos a jente no Facho, então nos demos por seguros, afirmando ser o conde; mas, como Jorje Manoel vise recolher-se a Atalaia Gorda e Francisco Pinto capear-nos dos Forninhos, despovoamos a Ruiva e nós começamos a vir a eles, onde as atalaias d'Alfomar nos alcançárão, e asi nos viérão demandar. Chegando aos Forninhos nos dise Francisco Pinto: «Ordenai como nos salvemos, que os do Facho são mouros e eu vi duas bandeiras no chão de Lopo Mêndez. e me parece o tem degolado, avendo na praia tãobem jente». Diogo da Silveira dise: «Vamo-nos ao Soveral, pois temos ventajem». Eu disse: «Quem me quiser seguir venha trás mim, pois esta jente correo a praia e por ahi se deve de recolher, e eu vou-me á vila», e, pondo Diogo Rodriguez ante mim, tomei o caminho, e asi o fizérão todos, polo caminho das vinhas viemos demandar o Laranjal, que é um rocio redondo de tiro d'espingarda de largo. onde o gado pace, quando ha nova e andamos recolhidos, e está entre as tranqueiras e um silvado, que chamamos as Vinhas Velhas: tinhamos este guardado pera em tempo de necesidade trazerem silva e tojo pera os fornos.

Tornando ao recolhimento noso. quando viemos demandar o Laranjal, achamos nele mais de cento e cincoenta mouros de cavalo, e, ajuntandonos pera romper por eles, vimos sair da tranqueira outros quinze ou vinte de cavalo nosos, que por nós esperávão, que érão os que da parte

1. *Esta parte final do capitulo deve estar alterada e por isso a não pontuamos.*

do mar estávão, os quais, vendo-nos ficar, como bons companheiros nos esperavão, tendo a tranqueira, entre os quais era já ali Fernão Caldeira com os que tivérão a Azinhaga, que, como os de Bugano chegárão a ele e soube que Fernão da Silva, seu jenro, ficava na Ruiva, deixando a estrada do Facho, como homem sabio que sabia onde avia de acudir, se foi á tranqueira do Laranjal e se ajuntou com quem ali estava; e, vendo sair os nosos da tranqueira, conhecendo-os, fizemos por nos ajuntar com eles, partindo os mouros polo meio, e, sendo juntos com os nosos sem outro dano, sómente os bois, voltamos sobre João Trigueiro, que ficava perdido, que, querendo lançar de si um saco que trazia com semente, se lembrárão [1], e, ajuntando-se comigo, se lembrou e me dise: «Oroaz!» que quer dizer: «Saiamos!» mas, como Diogo Nûnez, meu enteado, que junto de mim vinha, o conheceo ser mouro, lhe pôs a lança em ũa ilharga, dizendo: «Mouro!» e o mouro com a lança nas ilhargas me preguntou: «Quem é este?» e, conhecendo eu ser mouro, lhe lancei mão do capacete; e neste tempo chegou Francisco Pinto e, topetando o cavalo nele, foi ao chão, e entanto o mouro foi pasado de muitas lançadas polo pescoço, porque a saia de malha era tal que defendeo o corpo.

A este tempo os mouros estávão pasmados e, vendo Francisco Pinto a pé, com grandes alaridos arremetêrão a nós, e, como já eramos trinta e cinco, demos santiago neles e os levamos acima até os pôr na carreira do Almirante, onde fôrão lanceados alguns, sem cairem, e nos recolhemos por a jente do Facho lhes acudir; e nesta volta perdemos Francisco de Leirea que, por andar mal desposto dos olhos, foi ter com o valo, onde foi morto, e nós ouvemos a tranqueira, na qual achamos quinze ou vinte mouros que levávão um bom golpe de gado, os quais fujírão pera o Facho e nós fomos trás eles alguns de nós e, como fomos socorridos, tornamos as rezes, que deixamos; e, porque a tranqueira era já ocupada deles e nos pareceo o não podiamos recolher, eu andei ás lançadas com dous bois meus polos derribar, não pude derribar mais de um que á tarde trouxe á vila, e, como a jente da tranqueira era já muita e os que viérão após nós ocupávão o caminho e nos vimos cercados, atravesamos o chão de João Díaz, levando os mouros trás nós pola azinhaga de Jorje Lionárdez, saimos a tranqueira do Cano Quebrado, onde Dom Francisco, filho do conde, nos recolheo; e dele soubemos da ferida do pai e do dano que aquele dia era feito, e fôrão entre mortos e cativos catorze pesoas, em que morreo Francisco Velho, filho d'Alvaro Velho, sobre-rolda, mancebo de muita esperança, e asi levárão mais de cem rezes, as mais de arado. Em companhia de Dom Francisco chegamos á porta de Féz, onde achamos Fernão da Silva e Fernão Caldeira e outros nosos compa-

1. *O texto parece estar alterado.*

nheiros, que, pola tranqueira de João Coelho, se recolhêrão. O que lhe aconteceo contarei.

Fernão Caldeira, como topou com Fernão da Silva, seu jenro, á tranqueira do Laranjal, onde topamos os mouros com as rezes, não tendo conta com mais que com reprender seu jenro, lhe dise que os homens como ele era mais honra acompanharem a seu capitão, ainda que se fose recolhendo e fojindo, que não andar fazendo sortes e matando mouros, andando desmandado, que cousa era ouvir tantas bombardadas e rebates e não se recolher e vir pera seu capitão, que pelejara e estava ferido e tinha muitos homens mortos, e tãobem na vila os tinhão todos por perdidos; e com estas palavras tomárão o caminho da vila, e diante vinha Diogo Lobo e Francisco Pinto, quebrantado da queda, e Francisco Vezugo, Fernão López Mexia, e logo virão tres ou quatros mouros que, atravesando a estrada e o chão de Roque de Fárão, saírão ao caminho, por onde eles ião, e, como os mouros virão o caminho cheio de cristãos, tornárão a pôr o rosto na vila, buscando porta por onde saisem do caminho, e, como a não achasem, nem avia salvação, querendo-se [um] [1] lançar ao valo. Diogo Lobo lhe pôs a lança e o ajudou a vir ao chão, e, não tendo mais conta com ele, veio atrás o cavalo do mouro, que diante dele ia pera a vila. O mouro, ainda que embaraçado, desque [2] se ouve em cima do valo e com sua lança e adarga, tomou caminho do Facho, mas como o visem ir e disesem: «Mouro, mouro a pé!» Jorje Manoel, que cuidadoso estava, por aver perdido os seus bois, foi trás ele e ao borrazeiro de Bras Simões, onde o valo faz um piqueno pontal, o mouro lhe teve como valente cavaleiro, pondo a lança e adarga diante, e, posto que tãobem chegou Fernão Machado, não pudérão entrar com ele: foi socorrido dos mouros do Facho, que viérão após Jorje Manoel e Fernão Machado até os deitarem fora do chão de Roque de Fárão, e, vendo os mouros vir polo caminho, Fernão da Silva e Fernão Caldeira e os que com eles vinhão se pusérão sobre a tranqueira, com as lanças d'alto pera as arremesar. Vendo-os Fernão da Silva estar armados, por um piqueno portal se lançou no chão de Roque de Fárão, e, entrando um mouro velho, que mais a jeito topou, a ele e ao cavalo derribou e, levantando-se o cavalo, o mouro não bolio mais consigo pé, nem mão, e logo Fernão Machado lhe tirou os vestidos. Os outros tres mouros se salvárão, por não aver portal pera os poder seguir, por todos os mais chãos estarem já cheios de mouros. Este dia, posto que recebemos muito dano da nosa parte, ouve cinco mouros mortos e viérão á vila tres cavalos, em que entrárão dous fermosos jinetes e fôrão de muito preço, os quais viérão a Portugal pera Dom João Mazcarenhas.

1. [um] *f.* BM. — 2. desque] desde que N; que M.

CAPITULO LII

Como se soube que era catiro Fernão Díaz ferreiro e como Alixarife veio á vila em busca de uns papeis que perdera aquele dia vindo a cavalo

Por ser este o dia que o conde foi ferido asinado, contei tão meudamente as particularidades dele, pois ouve que dizer na praia e Rio Doce, junto do muro, finalmente ao derredor da vila; e nós outros demos vista a nosas molheres, que do muro se satisfizérão em nos ver, que, segundo a revolta e os mouros seguírão a vila, parecia sermos perdidos; e, recolhendo-se os mouros e despejando o Facho, eu e os outros quisemos ir por Fernão Díaz, asi por ser perto, como pola vezinhança e criação, e, quando fomos sobre a Pontinha, onde João Vaz o deixou entre os mouros, o não achamos e nos pareceo ser cativo, posto que o lugar não era pera dar vida a pesoa, por ser á vista da vila, e logo ahi achamos sem cabeças os corpos de Luis Vaz e de Bento Calado. Era Fernão Díaz tão bemquisto que logo viérão dar boa nova a seu pai. E dali fomos buscar Luis Machado ao Rio Doce, onde o mouro, que perdeo o cavalo alazão á tranqueirinha de João Coelho, veio ter, e um mouro veio ter connosco em cima de outro cavalo e ũa bandeirinha na lança, e, chegando a nós, dise que trazia recado ao conde e que o vinha visitar da parte de Mulei Abrahem e de outros alcaides, e deu nova que o ferreiro era vivo.

Foi grande o alvoroço que toda a vila teve, que pareceo, verdadeiramente, que Deos lhe quis dar dous ou tres meses de vida, pera fazer emenda de seus pecados. O conde mandou pedir ao alcaide não consentise o tratasem tão mal e se esquecese de seus disparates, asi que escreveo ao doutor Duarte Rodríguez resgatase este em que tratamos e não viese sem ele, o qual chegou a dar por ele quatrocentos cruzados e o mouro de seu pai, que estava resgatado em dozentos, e o alcaide o não quis dar por seiscentos cruzados, dizendo que seu pai era rico e o queria enganar, como fizera a Mulei Abrahem; e, andando neste negocio, que parecia darem por ele mais do que era rezão, faleceo, levando muito mao cativeiro e vindo-o ver muitos mouros e mouras, pola fama que seu pai tinha que comia carne de mouros.

O mouro foi diante do conde e dise que os alcaides o mandávão visitar, e que era cousa da guerra o daquele dia, e que em ũa barjuleta, que no seu cavalo trazia, vinhão uns papeis e contas que pedia lh'os mandase dar. O conde mandou vir a barjuleta com todos os papeis e lh'os deu e

o mandou agasalhar, e que ouvese paciencia, por lhe não dar licença a se tornar, que o não avia de deixar ir até se não achar milhor de sua saude e disposição, e por esta causa ficou Alixarife na vila todo o mês de janeiro; e com isto acabei o suceso deste dia, em que a vila recebeo perda de quatorze homens e mais de cem bois de arado, e em recompensação ficárão cinco mouros mortos e tres cavalos.

CAPITULO LIII

Como indo buscar ũa negra fujida tomamos dous mouros e outras cousas

Sem os alcaides fazerem outra detença se fôrão a suas casas e Mulei Abrahem a Féz, e logo o alcaide alargou as cafilas, as quais o conde não quis recolher, nem que falasem com elas, e as fez tornar da Atalaia Ruiva, por não saberem estar ele mal ferido, e sómente a mim mandou com ũa carta pera o doutor Duarte Rodriguez, em que lhe mandava dizer que sua molher ficava muito doente, que se viese logo, pola qual carta Mulei Abrahem o mandou logo, dizendo-lhe: «Duarte, o conde é o que está doente ou ferido, que esta présa, que dão a vosa ida, e pola detença de Alixarife, não pode ser outra cousa», e, como logo lá fose ter um negro ou mouro, que da vila fujira, e disese a verdade, afirmou ser o que sospeitávão: e, porque a fojida deste mouro foi causa de tomarmos outros dous, farei este capitulo.

Andava em casa do conde um mouro negro que se veio tornar cristão. Este, vendo o conde ferido, concertando-se com ũa negra de Estêvão d'Aires, ũa noite se deixárão ficar fora e fujirão. Achando-se menos o mouro e escrava, Estêvão d'Aires requereo a seus amigos e saimos a os buscar trinta de cavalo, e, repartidos por lugares onde pareceo irião demandar, quatro de cavalo fomos ter á boca do rio, os quais eramos Estêvão d'Aires, Jorje Manoel, Diogo Rodriguez e eu, e estivemos toda a noite com os cavalos pola redea, vijiando a boca do rio não pasasem sem os vermos, e, sendo menhã clara, fomos buscar a praia e não achamos rasto. Quisemos ir buscar o porto da Palmeira, e na varzeota, onde eu lavrei nas pazes, nos decemos a cortar com as espadas cada um seu palmito, polos aver ali grandes: fomos vistos de ũa quadrilha de mouros de pé que na Barrosa estávão, os quais ordenárão de nos saltear e viérão polo corrego das Moreiras abaixo e, chegando ao rio, o pasárão, e os seus, deles, se viérão polas carriceiras, aonde nós andavamos, mas fôrão tarde, por estarmos já a cavalo, e, como dous cães nosos os sentisem, os seguírão até que vencemos dous destes, que foi parte pera nos ficarem na mão,

e nos afastamos contentes com eles, e asi caminhamos com eles pera a aldea que está sobre o porto da Palmeira, onde achamos nosos companheiros e ordenamos de ir buscar os mouros, mas foi por demais, porque logo vazárão e se ouvérão em Benamourel, onde vai um corrego forte de grande brenha; e asi nos viemos á vila, com vontade de darmos um dos mouros a Estêvão d'Aires pola negra, mas ela o fez milhor, que, á segunda noite, se tornou á vila e contou como nos sentira pasar pola Mezquita e de medo nos quisera chamar, pera se tornar á vila, e o mouro a ameaçou que a mataria, e, vendo a má vontade do mouro, o deixou e ele foi ter a Alcacere, e dele soubérão os mouros da ferida do conde e da detença de Alixarife.

Os dous mouros que traziamos, com a nova que dérão que os alcaides érão em suas casas e Mulei Abrahem em Féz, Manoel Coutinho pedio licença ao conde e com trinta de cavalo foi correr Arraiana e tomou dous mouros de pé e trinta bois d'arado, que, pola faita que na vila avia deles, valêrão bem e os almogaveres ouvérão boas partes, asi que pola fujida do mouro negro ouvemos quatro mouros e trinta bois.

Tãobem os mouros não estivérão quedos, que, sabendo que o conde estava ferido, se alargárão a crestar e a fazer suas lavouras e os almogaveres nos viérão a visitar, e quis Deos que não fizérão dano. Ũa quadrilha se lançou no porto do Canto e correo as atalaias até o Corvo e, não ousando pasar, se tornou. O conde mandou ao adail que segurase as atalaias, dando-lhe costas e não fizesem desmando, nem fosem trás almogaveres. Outra quadrilha d'Alcacere se lançou no arrife [1] da Atalaia Alta, esperando alguns desmandados. Favorecia-os a fortuna, de maneira que lhes caia nas mãos ũa honrada presa, porque, estando no Cabo Branco vinte de cavalo, se deu rebate da Cilada, indo a descubrir, e, os que estavamos no Cabo Branco paseando, com o rolo do mar não ouvimos o rebate, nem a artelharia, e, verdadeiramente, se os mouros nos fôrão a demandar, nos tomárão os cavalos e lanças sem os vermos, e nos perdiamos mui feamente, como homens de pouco recado; e com isto deixarei a guerra do ano de trinta dous.

1. arrife] arrique B N; arique M. *A emenda parece segura, como se vê adiante de expressão análoga no fim do capitulo* LVIII.

CAPITULO LIV

Como a fusta de Larache tomou um barco em que o conde mandava ũas cartas e o alcaide as mandou ao conde

Pola ordem que levo em contar no cabo do ano algũa cousa do mar, se nele aconteceo, quisera dizer o como um turco se veio fazer cristão e se pôs nome João Martinz, e algũas entradas que fez, e, por ele durar pouco, o deixarei, pera o dizer tudo junto ao tempo de sua morte, que foi no ano de trinta tres; e, posto que a fusta de Larache fez algũas entradas neste verão, como o conde teve nova que el-rei de Féz estava fora dele, e mandara fazer alardo e mandara deitar muitas espingardas polos moradores de Féz e polo reino, e a toda sua artelharia mandara fazer repairos e fazer muitas monições de cestos, enxadas e picões, e ele ter paz com os xerifes, reis de Marrocos e Çuz, espedio um barco, em que mandava cartas a el-rei, noso senhor, avisando-o de tudo isto. As cartas que no barco íão tomou cide Naçar e, feito um maço delas, as mandou ao conde por um criado seu, mandando-lhe dizer que Estacio Nûnez não pudera cumprir seu mandado, por lh'o impedir ũa fusta sua, e que dele soubera que aquelas cartas érão suas, que lh'as mandava. O conde lh'o agradeceo muito e louvou e lhe escreveo muitos comprimentos, e muitas vezes falou nesta cortezia e virtude que o alcaide fizera.

Neste ano de trinta dous veio ter a Larache ũa galeaça de trezentos toneis, em que el-rei de França mandou ũa embaixada a el-rei de Féz, em que lhe mandou algũas cousas de presente, em que entrávão dous corpos de armas brancas, ũas pera sua pesoa e outras pera Mulei Abrahem. Veio por embaixador um jentil homem de sua casa [1], a quem acompanhávão cincoenta jentis homens da casa d'el-rei vestidos de brocado. Fez-lhe el-rei de Féz muito gasalhado e honra e os deteve quatro ou cinco meses. Dizem que vinha a tratar amizade com ele e ver o rio de Larache, se se podíão recolher nele navios e naos. Ao tempo de sua partida, entre outras cousas que daquele reino levavão a França, fôrão quatro jinetes e quatro egoas de cores e dous camelos, e asi levárão um lião e ũa onça mansos e os cristãos que os criárão e lhe dávão de comer. Desta embaixada se escandalizou o emperador Carlos Quinto e mandou tirar um

1. *Chamava-se o embaixador Pierre de Piton e da sua embaixada deu o sr. Conde de Castries um extenso relato documentado em «Les sources inédites de l'histoire du Maroc, France», I, p. 1-42.*

estromento a Arzila, e veio um alcaide de corte com dous escrivães de Cáliz.

Neste tempo, que esta galeaça esteve no rio de Larache, fomos entrar duas vezes, ũa por saber se era verdade que tirara tiros a um bergantim noso e que o foi saltear, pasando pola boca do rio. Disérão os que nele íão que a galeaça lhe tirara dous tiros e foi mentira, porque nós estivemos dela um tiro de arco [á fala][1] e com sua barca. E, sabendo nós que estávão duas fustas pera sair, as fomos esperar, se íão tomar agoa ao Pocinho, que está da nosa banda, e, estando em cilada nos Medãos, as fustas ambas viérão ao poço; e, como homens percatados, trouxérão um francês da galeaça e o mandárão ao poço e nos descubrio, e saimos a ele e o tomamos, parecendo-nos que era mouro, e, achando-nos enganados, o soltamos, bem espancado de trochadas por castigo, pera que outra vez não fizese outro tanto, e tivemos pera nós que ouveramos de fazer presa e que nô-la estorvou o francês. Depois disto fojio o capitão da galeaça e se veio na barca a Arzila, com alguns que de sua parte érão, por diferenças e brigas que ouve com o embaixador, que, como o capitão era de nação jenoês e o embaixador francês e nobre, o tratávão mal, e, agravado, fojio e se veio com seis homens ou sete, jenoeses. Estas fustas fôrão a entrar, mas não sou lembrado se fizérão presa.

CAPITULO LV

De ũas brigas que ouve em Arzila entre fidalgos

PERA não me afastar do estilo que levo nesta minha lembrança, contarei ũas brigas que em Arzila ouve entre fidalgos e pesoas nobres, em que ouve feridos e mortos; e, porque muitas pesoas me tem preguntado por elas, as contarei o mais breve que puder. Entre os fronteiros e fidalgos, que neste ano de trinta dous avia, era Antonio de Macedo, cunhado do fisico-mór, que em pesoa e armas e cavalos nenhũa pesoa lhe fazia ventajem. Aconteceo que na pousada de Diogo Soárez da Cunha, o Galego, estando jugando a pela Martim Vaz Pantoja, que depois foi adaião na sé de Lisboa, se enfadou de Antonio de Macedo falar em seu jogo, e, com mais colera e agastamento do que era rezão, lhe dise: «Não faleis em meu jogo, que voso avô não falava, quando o meu jugava». Antonio de Macedo respondeo: «Meu avô sempre falou entre reis e princepes e sempre lhe fizérão honra e mercê, e asi vos farei

1. [á fala] *f.* BN.

conhecer que meu avô e eu somos tão bons cavaleiros como vós». O conde mandou preso Martim Vaz á pousada, ao que Antonio de Macedo acudio e pedio ao conde que o não mandase prender, que lhe não fizera agravo, nem cousa por onde merecese ser preso. Disto se agravou Martim Vaz, parecendo-lhe que dava a entender que das brigas sairão iguais, e logo asentou mandá-lo injuriar; e ao outro dia, vindo Antonio de Macedo e Diogo Soárez e Tomé de Sousa de casa de Lionel Páiz, que do bando de Martim Vaz era, por ser da criação e feitura do conde de Vila Nova, avô de Martim Vaz, saio um seu criado em cima de um cavalo com tenção de atropelar e avexar Antonio de Macedo, o que não pode fazer, por todos tres levarem das espadas e fazerem afastar o cavalo e darem no acometedor algũas espaldeiradas e o fazerem fujir, correndo trás ele. O conde acudio e o buscou por toda a vila e nunca o pode achar, e a Martim Vaz reprendeo de palavra, e ficou todavia preso em sua pousada; e, por este feito não sair á sua vontade, se escandalizou de Tomé de Sousa, que parece que siguio mais o seu homem, ou por falar algũa cousa contra ele, e com este desgosto o mandou desafiar por escrito, o que dise ao conde, do que ele ficou muito mais escandalizado; e, vendo que Tomé de Sousa lhe não acodia, se tornou a Diogo Soárez, seu primo, e lhe mandou outro escrito de desafio mais fero e soberbo, no qual dezia que estava corrido em desafiar Tomé de Sousa, pois sabia que lhe não avia de sair, e que a ele, que tinha fama de cavaleiro e tinha muitos homens, se queria matar com ele, e, saindo-lhe, faria como cavaleiro e fidalgo, escusando-o diria o contrario, e que os homens por que andava omiziado fôrão mortos á bésta e á treição e não como devia, e que a rezão que pera isto tinha era tê-los por imigos, por favorecerem Antonio de Macedo. Disérão que Diogo Soárez lhe fora falar e que o não destruise em aver brigas com ele sem rezão, que vinha servir el-rei, por aver perdão de suas culpas, e que lhe não merecia desafiá-lo, que, por ser amigo de Antonio de Macedo, não era seu inimigo. Nenhũa rezão, nem desculpa lhe quis levar em conta, e, tomando ũa espada, se saio com ela, donde Martim Vaz saio mortalmente ferido na cabeça e em ũa coixa, e érão grandes [feridas] [1]. Era Diogo Soárez muito grande em desposição, que parecia gigante. Aos golpes acudírão as roldas e, achando Martim Vaz maltratado, dérão rebate e a jente acudio ao muro. O conde, sabendo este feito, levou os tres presos á torre e foi ver Martim Vaz e lhe fez pregunta que quem era e onde o ferírão. A reposta foi que não sabia, nem sospeitava em ninguem, sómente que, estando á sua porta, topou um homem e o ferio, sem saber quem era; e, sabendo que Diogo Soárez e os companheiros érão presos, pedio que os soltasem [2], e não se quis curar até que soube que estávão todos soltos; e, posto que das feridas estava

1. [feridas] *f.* B N M. — 2. soltasem] **soltasse N.**

mal, nunca outra cousa dise. Um criado seu trouxe esta nova a seu pai o qual logo em Silves mandou fazer prestes ũa caravela, em que mandou por ele, vindo o irmão de Martim Vaz, por nome Manoel de Noronha, acompanhado de mui honrados homens de Sines e de Santiago de Cacem, de donde seu pai era comendador; e, chegados a Arzila, posto que Martim Vaz ainda estava em perigo, se embarcou e veio a Portugal, vindo com ele o lecenciado Antonio Gômez, muito bom çurjião, e quis Noso Senhor dar-lhe saude e se fez clerigo e adaião na sé de Lisboa.

CAPITULO LVI

De outras graves brigas que ouve por algũas vezes entre Diogo Soárez e Vicente Queimado

Destas brigas de Martim Vaz nacêrão outras mais travadas e de mais sangue, e foi que, pasando Vicente Queimado vestido em um bedem e os cadilhos polo chão por junto de um criado de Diogo Soárez, lhe dise algũa palavra de que se escandalizou, por ser da parte de Martim Vaz, e, sentindo-o Vicente Queimado, como fidalgo e cavaleiro, o tomou entre as mãos e o tratou como merecia, asi de pancadas como de feridas. O conde o fez prender e a Lionel Páiz e Antonio Favela, seus socios, que, por parecer cousa d'asuada, o conde se mostrou riguroso. Diogo Soárez pedio ao conde os soltase, que seu homem não queria nada deles. O conde, conhecendo a disimulação, lhe pôs diante seus omizios e quão culpado era, e que não se quisese deitar a lonje, com aver novas brigas, e mandase o homem da vila e fose amigo de Vicente Queimado. Respondeo que o Galego merecera o que lhe fizérão, e que não tinha agravo, nem odio do que era feito a seu homem, e que sua senhoria fizese justiça em satisfazer ao Galego e o mandar a Portugal; e com isto lhes tomou a palavra e os soltou, mandando o Galego satisfeito.

E, como viese o dia de São João, o qual Dom Francisco, filho do conde, e outros fidalgos festejárão, jugando as pepinadas a cavalo e a pé, andando nesta revolta, Vicente Queimado e seus companheiros, por se arredarem de aver algum desgosto, se fôrão pasear ao muro, aonde Diogo Soárez os trazia em espia; e, mandando aos seus e os de seus companheiros estivesem juntos, se fôrão ajuntar á porta de um fronteiro, que Diogo Taveira avia nome, e, tomando lanças e adargas, sobirão ao muro, onde os outros andávão, os quais, vendo-os vir com má tenção, se acolhêrão ao baluarte Tambalalão, que, posto que tinha a porta larga, era a escada atravesada, que as lanças lhe não servírão, e com muita dilijencia empuxárão a porta, com porem ũa bombarda com seu repairo e carreta;

e, como ali estivesem alguns moradores, um homem mancebo de Lisboa, que avia nome Antonio de Moura, o qual, sendo na escada, esteve em duvida se sairia pera fora ou entraria no baluarte, por não ser nas brigas, nem se querer achar nelas, mas não lhe valeo, que, chegando um daqueles galegos e fariseus, o pasou com a lança, que logo lhe tirou a vida, e logo subio pola escada com determinação de lhe cortar a cabeça; mas Vicente Queimado, que vio que a segurança estava em seu braço e espada, em si se confiou, como fizérão os mais, pois tanto em si se confiárão. Vendo o conde fazia polos prender, tomárão um barco, pasando-se a Tanjere, onde ouvérão outro desmancho, polo qual Diogo Soárez se veio a perder, pasando-se á India, onde morreo feito quartos, fora do serviço de Deos e d'el-rei.

O de Tanjere foi aver brigas com Dom Vasco Coutinho, parente do conde, dos quais Dom Vasco se não queixava tanto como de Dom Alvaro de Abranches, capitão de Tanjere, e, porque Dom Alvaro se quis desculpar ao conde, se vírão, o qual com estas palavras respondeo a Dom Alvaro, dizendo mal dos homens: «Senhor Dom Alvaro, a culpa está ás vezes mais nos capitães que em quem os serve. Meu pai, o conde [de Borba] [1], foi capitão de Arzila trinta anos e deu muitos mouros, jinetes, capuzes, capelares; tãobem teve valia com os reis, que por ele deitárão habitos e fizérão mercês a muitos homens, e, contudo, não avia quem dele disese bem e lhe desejávão tirar a bésta. Eu tenho tudo ao contrario, que não valho, nem poso dar ũa capa velha, nem el-rei por mim fez mercê a nenhũa pesoa, ainda que lh'o bem mereço, e não ha homem em Arzila, nem em Tanjere, que não venda e ponha seus filhos por mim em cativeiro, e isto bem, que já que lhe não poso dar o que merecem, dou-lhe palavras, que são dizer bem deles, e do que o faço ũa vez sempre mais o faço e não digo mal. Esta obrigação tendes vós e esa deveis ao de quem dizeis ũa vez bem».

CAPITULO LVII

Em que se faz menção do ano de trinta tres

Este ano de trinta tres não sou lembrado que aja socedido cousa que mereça ser escrita, como levo de costume, porem, no principio do ano, contarei algũas almogavarias e presas que os almogaveres fizérão; e primeiro direi como toda a vila se alegrou com ver o conde e já são da sua ferida, e veio ouvir misa, muito vestido, em cima do cavalo alazão que se tomou o dia que o conde foi ferido, e saio muito vermelho

1, [de Borba] *f.* B N M.

e deu vista a toda a vila, alegrando com ela, como seu capitão, dando culpa a muitos que caido tinhão em faltas. Tres fôrão neste ano cativos, que ele estranhou muito, os quais fôrão, um João Gordo, homem velho e carregado de filhos, os quais, estando na varzea d'Alfandequim fazendo erva, se concertárão irem ás Aldeas matar um porco; e, como eles todos tres érão mal alinhados e pouco monteiros, depois que espantárão alguns porcos e os pusérão em salvo, carregárão e, vindo carregados, dérão com eles no Farrobo, e os tomárão e levárão a Mulei Abrahem a Féz, com grande alvoroço, dando por nova que levávão ao filho do porteiro, Rui Carvalho. Era este criado do conde de Borba e tinha um filho muito honrado e bom homem, que João Carvalho avia nome, e, porque um destes cativos era Francisco da Mota, com cuja mãe o Rui Carvalho era casado, em lugar de dizerem enteado, disérão filho.

O outro era Rui Díaz, era natural de Arzila, filho de Diogo Álvarez, ferrador, bombardeiro. Parece que Rui Diaz tinha conhecimento e sabia da arte da polvora e de fazer artificios de fogo, como sabe; pousava em Tanjere; mas, como dizem não ha profeta que em sua terra valha, a nós nos parecia que não prestava pera o que saio, porque, depois de ser resgatado com seus companheiros e vindo a Portugal a requerer seu resgate, pasando por São Lucar de Barramede, lugar á boca do rio de Sevilha, onde estava ũa armada do emperador, que pera as Indias de Castela ia, o capitão da armada tinha posto no rio ũa pipa coberta com dez ou doze varas de veludo ou damasco, pera o bombardeiro que na pipa dése com um pelouro de espera, e, como lhe tinhão tirado muitos tiros, o Rui Díaz se ofereceo, dizendo que era bombardeiro e sabia fazer muitos artificios de fogo. Os castelhanos e bizcainhos lhe oferecêrão a espera, que ele tomou com muita ousadia e despejo, contra vontade de outros portugueses que lhe rogárão que os não envergonhase, mas a fortuna, que dizem que favorece aos ousados, o favoreceo, de maneira que ao primeiro tiro arrombou a pipa e levou a camisa com que estava vestida, caio em graça ao capitão e provedor d'armada, e, com fazer algũas bombas e artificios de fogo, lhe pedio que fose naquela armada, de que o fizérão condestable com cinco cruzados cada mês, e deixou os companheiros e arrecadação do resgate e foi por condestable daquela armada de Castela; e, depois que tornou, feito castelhano, o conde lhe deu ũa bombarda e se fez bombardeiro e o servio muito bem. Contei isto de Rui Díaz, porque nenhum homem daquela vila saio fora destes reinos que o não tivesem em muito e que não valesem mais do que valem neste reino.

E porque nos ouveramos de perder quinze ou vinte de cavalo, porque, vendo o conde que estes almogaveres andávão, mandou dar costas ás atalaias pera as asegurar e recolher, mandando e encomendando que não tivesem mais conta que com as recolher, e que não fose homem que fose atrás de mouro, porque lhe pareceo que o alcaide não podia

deixar de nos armar, como de feito veio duas vezes ao noso campo, deitando-se sempre de largo por nos tomar á longa; e aconteceo que um dia, que com o adail demos costas ás atalaias da Atalaia Alta de Tendefe, e indo segura, quisemos vinte de cavalo ir fazer lenha ao ribeiro d'Alhazana, e, sendo na praia, ouvemos outro acordo e, tomando um galope, não paramos até o Cabo Branco, e, deixando os cavalos, nos pusemos a pescar e outros a mariscar e apanhar mixilhões e caramujos. Os mouros estávão este dia no arrife [da Atalaia Alta] [1] vendo o campo e ver se se avia algum desmando, e, vendo-nos ir correndo ao longo da praia, lhes pareceo serem sentidos e que os iamos atalhar, e, não ousando a nos esperar, se fôrão, e, ao pasar, vistos das atalaias, dérão um bravo rebate, o qual nós não ouvimos, com o ruido do mar, e estavamos em parte que, se os mouros nos fôrão buscar, nos tomávão os cavalos, sem remisão, e a nós chamávão um e um; e nos recolhemos com alguns sargos e as cevadeiras cheias de caramujos e mexilhões.

CAPITULO LVIII

*De outros desmandos piores
que se fizérão e fazem nos lugares de Africa
e de um que fizemos*

Outros desmandos piores e mais feos se fazem nos lugares de Africa, e principalmente nós em Arzila, que era tanto o alvoroço em um dia de monte ou campo largo que não avia pesoa que não desejase de ir fora, uns pola necesidade de trazer um porco pera sua casa, outros um odre de mel, e outros por caçarem ou pescarem e mariscarem, e, em um dia destes, outros por galantearem, pois todos trazião pera casa provimento abundoso a seus corpos. Um dia se foi o conde montear ás Aldeas, e foi o fogo tão bravo e forte, por fazer levante e grande calma, que os coelhos, que tão sómente tomamos e achamos chamuscados nas covas, pasávão de dous mil, e este dia, estando o conde ao porto d'Alfandequim, esperando pola maré, mandou contar os coelhos que traziamos e se achárão mil e oitocentos, afora outros que viérão á vila por outras partes. Pudera-se bem dizer neste lugar quão destruidores somos, que depois, nas pazes que tivemos, que durárão tres anos, os destruimos e gastamos o campo de tal maneira que um coelho, nem um porco se achava.

Tornando ao desmando em que falei, pondo-nos um dia no Corvo bem

1. [da Atalaia Alta] *f.* B N M.

vinte de cavalo, pacendo com nosos bois, ordenamos irmos pescar ao Xercão, e, tomando o caminho da Pedra Alta, não paramos até a ribeira do porto dos Alcaides, tres legoas da vila, e, tomando canas e minhocas e mais aparelho, que todos traziamos nas cevadeiras, nos estendemos ao longo do rio, indo buscar os pegos, que pera chegar a eles andamos ás voltas e nada alcansamos da tal pescaria, e vim queixar-me ao conde; e, porque era minha culpa maior que a dos outros, dise-me ser piqueno o castigo pera o que eu merecia e outros da minha calidade, quando fazíão desmando semelhante ao que fizemos, e que nenhum cuidado tomava quando lhe tomávão um homem que podia tirar a troco de dez cruzados mais do que justo, e, se deixava de mandar ao outro dia por ele, era por não pôr mao costume e fazer dano a outros; mas, quando cativávão algum que a diferença era valer ou poder sair por cem ou cento e cincoenta cruzados e pedirem por ele quinhentos ou mil, este lhe dava cuidado e era rezão que tivese conta consigo e se não perdese mal perdido, monteando, fazendo desmancho; e, já que um homem se perde, ha de ser fazendo o que deve, acompanhando seu capitão, ou por seu mandado, e então sem vergonha pode pedir a el-rei o resgate e mercê e o capitão escrever por ele; e, desabafando e castigando-nos e reprendendo-nos de palavra, nos mandou dar noso trigo e nós ficamos emendados por alguns dias.

CAPITULO LIX

Como uns almogaveres salteárão a Jorje Vaz de Magalhães e se salvou

Encadeando estes desmandos e almogavarias, contarei outros em que Jorje Vaz de Magalhães mostrou ũa ousadia de varão e determinado cavaleiro e por ela se salvou. Era Jorje Vaz morador em Arzila, e ora está na India com molher e filhos, e vivem na cidade de Goa. Por seus serviços e por dar de si boa conta, caio em graça de Fernão d'Álvarez, e, apresentando-o a el-rei, o tomou e lhe fez lançar o habito de Cristo, cabo da esperança dos homens de Africa, que até aqui pode chegar em esperança, pois é asi estimado o serviço de nós outros a Deos e a el-rei, noso senhor.

Tornando a Jorje Vaz, um dia deste ano de trinta tres saio em cima de seu cavalo e se foi até Alicasapo, e, parecendo-lhe que as atalaias estávão na Aldea Velha e nos Barreiros, se foi á ribeira do Amame e se meteo em um porto, e de cima de seu cavalo se pôs a pescar, tão descuidado como se estivera em Portugal, ou o campo fora largo. Defronte dele, nos Barreiros, estava ũa quadrilha de almogaveres do Farrobo, cujo

almocadem era Mafamede Hiunes, de quem já tenho feito menção, por sair por Jorje Manoel, os quais, vendo um homem na ribeira, o viérão buscar e, chegando ao caneiro, por onde ele entrou, lhe disérão: «Cavaleiro, sali aca e não pesqueis». Ele, vendo-se perdido, deixou a cana e quis sair polo caneiro acima; os mouros lhe disérão que deitase a lança. «Arredai-vos», dise ele, «venha o capitão». O almocadem Mafamede Hiunes dise: «Dai-vos, que somos do Farrobo, que não matamos a quem se nos dá». Saio Jorje Vaz acima e, pondo a lança em Mafamede, o fez afastar de si, fazendo-lhe ũa roim ferida, e, pondo as esporas ao cavalo, os fez apartar do caminho, os quais, pondo-se á sua ilharga, lhe fôrão dando muitas trochadas, polo tomarem vivo; e, como ele os picase pera ũa e outra parte, os começou a deixar, ferindo outros dous ou tres. Os mouros, vendo que se defendia e que o cavalo se saio, o quisérão matar e o encontrárão juntamente, mas quis Deos que o não derribárão, e desta maneira o seguírão até a aldea d'Alicasapo, e, não ousando sair ao caminho, o deixárão e ele veio á vila, sem aver rebate, e escapou muito mal ferido, pois que, alem de trazer tres ou quatro escalavraduras das trochadas, trouxe tres lançadas e o cavalo outras tantas. Fomos até o porto do Amame.

Não sou lembrado aver cousa que pôr em lembrança, como levo de costume, porem no principio do ano irei contando algũas almogavarias e presas que os almogaveres fizérão, mas primeiro direi como toda a vila se alegrou com ver o conde alevantado e são de sua ferida. Veio ouvir misa a São Bertolameu, vestido em um capuz d'escarlata e um barrete de grã e botas vermelhas e em cima do cavalo alazão que se tomou o dia que foi ferido, que saio um fermoso jinete, de maneira que de vermelho saio aquele dia. Deu vista a toda a vila, alegrando com ela, como capitão que foi dos milhores dos do noso tempo [1]. Neste dia os almogaveres matárão um criado seu que andava á caça de perdizes, o qual, estando em Bugano, paeendo em companhia de tres ou quatro de cavalo e vindo abaixo, o matárão.

Jorje Vaz foi depois muito louvado, pola determinação que teve em aventurar a vida, antes que perder-se pescando, e foi este dia causa de o mandarem ao Maranhão, por capitão de ũa caravela da armada de Aires da Cunha, onde está.

1 *No principio do capitulo diz-se isto mesmo, quási nos mesmos termos.*

CAPITULO LX

Como se perdeo Roque de Fárão com a quadrilha d'almogaveres

Tornando aos sucesos da guerra, contarei como se perdeo Roque de Fárão, almocadem, com ũa quadrilha d'almogaveres. Neste tempo, o homem que mais sabia do noso campo era Roque de Fárão, e, quando o conde ia fora, ele era o que guiava, e este costume tínhão uns com os outros. Ũa vez, estando sobre Taliconte, vio um fumo de crestadores e, indo-o demandar, não achou nada dele, porque os mouros o soubérão enganar, pois, estando no corrego, muitas abelheiras fizérão o fogo e escondêrão-se até ver se alguem acudia ao fumo; e desta maneira Roque de Fárão avia errado algũas presas, até perder-se. Alguns soldados indo fora alguns dias, feitos monteiros, dizendo não aver rasto de jente, Roque de Fárão pedio licença pera sair a tomar um mouro. O conde lh'a deu e saio pola porta vespora de São João Bautista com dezasete de cavalo. A ordem que o conde lhe deu foi esta: que em Moliana deixase quatro de cavalo e ele amanhecese em Benamandux, entrando em Benamares, e que não entrase [a]té [1] não ter recado, onde avíão de ficar. Estes, que em Muliana ficárão, fôrão vistos dos da quadrilha de Alebenaix, o qual dise aos seus que aqueles não vínhão sós, que ou eles esperávão ali polos companheiros, que viesem pera eles, ou eles se avíão de ir pera os companheiros, «e de qualquer modo que seja nos hão de vir a cair nas mãos; o rasto parece de quinze ou vinte, esperemos a ver o que estes fazem», e asi esperárão que os nosos fizesem algum movimento. Estêvão Fernândez, vendo que era já pasado o meio-dia, se pôs a cavalo e se foi a Benamandux, onde achou os nosos dormindo debaixo de Roque de Fárão, que na atalaia estava, e, tomando as lanças polo alvado, Francisco Pinto e ele fôrão ter ambos com Roque de Fárão e disérão que não virão nada e Muliana ficava segura. Roque de Fárão lhes dise: «Ficareis aqui e eu entrarei e farei por saltear o facheiro de Benamares». «Irei a beber», dise Estêvão Fernândez, «que tenho sede»; «Vamos», dise Francisco Pinto, «que eu tãobem ei sede». «Ora», dise Roque de Fárão, «vênhão os nosos convosco». Ambos se viérão a pôr a cavalo. João Rodrigues, vendo-os ir a cavalo, dise: «Onde vão aqueles?» «Irão ver um rasto», dise .... [2], «de um veado ou lião, que Roque de Fárão diz que vio». «Esperai que quero ir convosco», dise ele, e, pondo-se a cavalo, os mouros dérão sobre eles com grande grita, e, primeiro que

1. [a] *f.* B; *todo o capítulo f. em* M. — 2. ...] *branco em* BN.

nenhum se pusese a cavalo, forão todos mortos, sómente Rui Cordeiro, filho de Estêvão Fernândez, que polo conhecer Alibenaix, que foi de Antonio da Silveira, o tomou vivo, estando já mal ferido, e Alvaro de Sousa, criado do conde, de maneira que todos catorze, os doze fôrão mortos, os dous cativos. Roque de Fárão foi morto na atalaia, que, vendo o destroço dos companheiros mortos, se deixou estar e fôrão a ele alguns mouros e o matárão, podendo-o tomar vivo a ele e a todos os outros. Os tres, que a cavalo se achárão, Estêvão Fernândez, Francisco Pinto, João Rodríguez Trombeta, se salvárão, por os não seguirem, e, lançando-se por Darbufez, viérão á vila, aonde contárão como seus companheiros érão todos perdidos.

Tendo Alebenaix desbaratado esta quadrilha d'almogaveres, com catorze cavalos e dois cristãos se foi a el-rei, que á boca de Benarróz estava com seu arraial: este era o arraial e jente que o Artur Ortiz topou, quando vinha fojindo de cativo. Deste feito de Alebenaix ficamos muito escandalizados, com deliberação de não dar vida a mouro do Farrobo, e em especial [ao][1] capitão e almocadem, Alebenaix, por matar estes homens, estando a pé dormindo, de maneira que todos os pudérão tomar vivos, em especial Roque de Fárão, que na atalaia se deixou estar, vendo a causa perdida e seus companheiros; e, chegando a ele e o conhecêrão, logo lhe tirárão a vida.

CAPITULO LXI

Como Alebenaix se perdeo e foi tomado cativo negando-se polo não conhecerem

Alebenaix, como era almocadem e pesoa principal do Farrobo, posto que sabia que caindo lhe não avião de dar a vida, não deixou de vir entrar e correr as atalaias, das quais tinha tomadas algũas, os quais fôrão João Gômez, Martim Díaz, Alvaro de Sousa e outros; e um dia toda a tarde quis vir de melhora trás das atalaias d'Alecasapo e, tomando rebate, as seguio até as Alagoas, onde deu com doze ou dezaseis bois e os recolheo e levou consigo, mas ao rebate acudírão alguns de cavalo e, vendo que levava os bois e que érão almogaveres, sem licença de capitão, nem do adail, os seguírão e ao posto do Amame chegárão a eles, mas não que ousasem pasar por os nosos serem poucos. Alebenaix, vendo que estes érão homens de rua e desarmados, não deu nada por eles, como que não são estes os que em todas as cousas poem a lança. A este tempo saio a jente ao rebate e ao repique, e como Dom Manoel

1. [ao] *f.* BN.

Mazcarenhas, que em Arzila estava pera ser capitão, fose ter ás Alagoas e soubese como os mouros levávão os bois do contador, Diogo Mazcarenhas, alargou-se a si e a vinte de cavalo, que, pasando o porto do Amame, chegárão os nosos ao Pedregal, onde os mouros, vendo-se apertados e que os nosos recrecíão, largárão os bois e, ajuntando-se, fizérão ũa volta, ao pasar de um piqueno porto, onde Amelix matou o pai de Diogo Lobo, na qual volta ele se encontrou com André Páiz, natural de Santiago de Cacem, que da vila saio com couraças. Ambos fôrão ao chão, ficando Alebenaix mal ferido, porque tãobem lhe pôs a lança Pedro Fernândez Albolor, e, por este encontro de André Páiz, lhe fizérão mercê e honra, lhe lançárão o habito ao noso despejo, ficando outros muitos de mais tempo e serviço sem galardoar; e outros homens pusérão lanças em mouros, que foi Diogo Rodríguez, Jorje Fernândez, que está nesta cidade de Lisboa, velho e pobre, de maneira que os mouros se pusérão em fujida, e Alebenaix com suas feridas [ficou cativo] [1]; e, como lhe preguntasem quem e donde érão, respondeo: «Somos do Farrobo e Alebenaix». Os nosos, com o alvoroço de o alcançar, o deixárão em poder de Alvaro Fernândez e de outros dous de cavalo, o qual, metendo o capelo do capuz na cabeça, por não ser conhecido, o trouxérão a Dom Manoel, que polo caminho ia seguindo os nosos, e lhe fez as mesmas preguntas, ao qual respondeo que o almocadem era Alebenaix e érão vinte de cavalo. Dom Manoel lhe preguntou se lhe parecia que se podia salvar. Respondeo que nele e no conde estava [sua salvação] [2]. Dom Manoel, seguindo os mouros, o mandou ao conde e, por ser já noite, se não deteve com ele e o mandou á vila; e, vindo diante da condesa, lhe preguntou se lhe parecia que Alebenaix se podia salvar. Respondeo: «Eu já tenho segura a vida, pois vejo o rosto de vosa senhoria, porque eu são [3] e me neguei a vosos irmãos e ao conde, tomando figura diferente». A condesa o fez curar, dizendo-lhe que, pois Deos o trouxe diante do conde, não ouvese medo, ainda que a morte de Roque de Fárão fazia que todos lh'a desejasem, e desta maneira escapou de ser morto, que verdadeiramente não avia homem que lhe não tirase a vida. O conde e Dom Manoel, depois que soubérão ser na vila, o tivérão em muito não ser conhecido de quantos com ele íão. Era Alebenaix muito conhecido, por ser homem grande e de grande nariz.

Tornando a nosa corrida e alcance.......... [4], em especial de Diogo Rodríguez, meu cunhado, que em um cavalo muito lijeiro do doutor se achou, que nesta corrida derribou cinco ou seis mouros, tomando vivos cinco ou seis, e morrêrão sete e trouxemos doze cavalos, e os outros escapárão, por ser noite escura, — o conde se recolheo com todos os seus, e

1. [ficou cativo] *f.* B N M. — 2. [sua salvação] *f.* B N M. — 3. são: *está por* sou, *como vimos já.* — 4. ...] *branco em* B; *sem branco* N; tanto que he reais fiquou M.

ao outro dia fôrão vendidos os mouros e cavalos, e Dom Manoel ouve Alebenaix por cento e cincoenta mil reais, polo qual Mulei Abrahem pôs Alvaro de Sousa, criado do conde; e como depois socedeo Mulei Abrahem dar de graça a Alvaro de Sousa a sua molher, Francisca Chamisa, por ela lh'o ir pedir ao Xercão, no tempo que veio fazer as pazes, como se dirá, Dom Manoel, por lhe não fazer ventajem Mulei Abrahem nesta obra de liberalidade tão virtuosa, como é dar um senhor um cativo a ũa molher moça e fermosa, que por sua pesoa se pôs ante ele, pedindo-lhe com lagrimas resgatase seu marido e o não pusese polo mouro de Dom Manoel, que custou mais do que seu marido, Alvaro de Sousa, podia dar por si, nem ela podia ajuntar, o qual Mulei Abrahem, não podendo negar petitorio tão justo, lh'o deu de graça, dizendo que não era rezão que a molher moça e fermosa se negase petição tão justa, e, sem resgate, lhe fez mercê do marido, polo qual Dom Manoel, tirando os ferros a Alebenaix e vestido de escarlata, o mandou a Mulei Abrahem.

CAPITULO LXII

De algũas entradas e almogavarias em que não fizemos nada

Tornando ao ano de trinta tres, em que vou falando, deixando a morte de Roque de Fárão e tomada de algũas atalaias, direi o que se fez por nosa parte. Neste ano foi Manoel Coutinho com trinta de cavalo correr a boca de Benamares e tomou dous mouros e um pouco de gado. Á nova destes mouros deu o conde licença a Dom João Mazcarenhas, com o qual fomos perto de cem homens de cavalo, e, tomando nosas folgas em o Xercão e em Almenara, nos meteo Diogo da Silveira na serra de Benamares, e por ela cedo nos lançamos e tornamos por detrás sem sermos sentidos, nem ouve rebate algum.

Outra almogavaria fomos fazer com Dom João Mazcarenhas, que em trabalho e presa foi semelhante a esta, ainda que diferente no tempo, porque foi em ũa noite de muita agoa. Partimos da vila a esta entrada e nos fomos meter no Azambujal d'Algarrafa, onde esperamos que, pasada a força da calma, saisem os mouros e gado, onde nos pudesemos aproveitar; e, porque Diogo da Silveira e os que na atalaia com ele estávão ouvérão vista de dous mouros de cavalo, que ao longo da Ribeira Grande íão, os nosos, enfadados e alvoroçados, lhe saimos sem tempo, nem horas, polo que os mouros se lançárão á ribeira, onde, deixando os cavalos, se salvárão as pesoas, e nós tiramos um dos cavalos e o outro ficou. Estes dous mouros érão guardas da ponte de Alcacere, e por irem na cafila dous mouros resgatados, que de Portugal vinhão, que fôrão

tomados no desbarate de Antonio da Silveira — um deles era estribeiro do alcaide —, e por terem parentes em Algarrafa com tanto desejo e alvoroço festejávão [1] esta alegria, e asi foi a de Dom Manoel Mazcarenhas; e pasando por muitas, contarei esta.

CAPITULO LXIII

Como se perdêrão uns almogareres de Alcacere

Parecendo ao conde tempo, mandou espias fora, pola ordem e maneira das outras vezes, que era de cinco mouros um e outro tanto dos cavalos, e, fazendo-lhe os alforjes, dormírão fora toda ũa somana, e avíão de amanhecer a través das atalaias, em parte que visem se alguem se metia na cilada, e que pudesem vir dar recado á vila, sem serem vistos; e, correndo o tempo que andávão fora, viérão com nova que deixávão mouros na Atalaia Alta. O conde, segundo sua conjectura do tempo e a maneira do entrar, asentou serem almogaveres e de lhes armar, e, pondo-se a cavalo com toda a jente, se foi pôr á horta do doutor, onde Fernão Machado lhe pedio lh'os deixase descubrir: feito certo arriscado e de muito perigo, por lhe sairem os mouros com as lanças nos olhos e poderem arremesar e derribar antes que fose socorrido. O conde lh'a deu, mostrando ele receber mercê, e logo o conde apartou corenta de cavalo com o adail Lopo Mêndez, e Diogo da Silveira os guiase polo ribeiro de Jil da Mota, e asi se fosem ao jeito de Fernão Machado pôr no Malhão de João Mealho; e, porque um fronteiro fidalgo, por nome Martim Falcão, pedio licença ao conde o deixase ir com o adail e o conde lh'a dar, Lopo Mêndez se agravou e dise ao conde: «Senhor, não ha de ir comigo fidalgo, não mande a este feito senão moradores». Dise o conde: «Por Martim Falcão m'o pedir, que queria ir convosco, lhe dou licença, e quero que tãobem vá Bernardo Rodríguez, e a culpa deste feito quero que seja vosa e a vós dou o cargo; e o que vos encomendo é que tomeis lingoa e na Atalaia Alta me deixeis Luis Valente, que me dê recado, porque eu vou trás vós». Lopo Mêndez recebeo isto por favor e mercê muito grande, e, partidos, fomos ao longo do mar até o ribeiro de Jil da Mota, onde nos metemos a fio, pera ir até o Malhão a esperar, que avia de descubrir a Atalaia, onde parecia que os mouros estávão, mas eles se melhorárão e estávão no Malhão, donde sairão a Fernão Machado, e Rodrigo de Barros me seguio, dizendo que como era novo não acertava no que avia de fazer. Chegamos a eles entre a Atalaia e Mijileo, e,

1. festejávão] mostrávão M.

vendo-se os mouros apertados e que érão mais que nós, fizérão volta e nos encontrárão bem jente de cavalo: dérão em nós doze ou quinze, parecendo-lhe nos derribasem e nos afastasem de si, mas eles primeiro ficárão tres ou quatro no chão, que logo fôrão alanceados, e o almocadem, que o xeque Benaravia era, o mesmo pasou dentro em ũa silveira como dizem acabou Diogo da Silveira e durou alguns anos sem lh'o ninguem saber e muitos de que aqui se não faz menção de sua morte que foi no ano de trinta cinco [1].

CAPITULO LXIV

Como neste ano de trinta quatro el-rei veio abaixo a correr Tanjere e Arzila e foi sentido

Ũa das cousas que neste ano de mil e quinhentos e trinta quatro poso pôr em lembrança foi o cerco de Çafim, que, matando os mouros ao capitão, Dom João de Fárão, parecendo-lhe o tomasem desapercebido e sem capitão, os xerifes, reis de Marrocos e de Çuz, com todos seus poderes e artelharia, lhe puzérão um bravo cerco, mas foi muito bem socorrido de muitos fidalgos e cavaleiros que el-rei, noso senhor, com muita présa, mandou ao socorro, asi muitas munições e outras cousas necesarias á defensa da cidade e repairo dos moradores dela.

Neste ano, em Arzila, a guerra se fazia asi e da maneira que os outros anos, entrando almogaveres da ũa e da outra parte, ainda que nós andavamos senhores do campo, fazendo nosas lavouras largas e monteando, de maneira que nosas Atalaias Altas érão todos os dias tomadas e nosos almogaveres érão mais correntes. Íão muitas vezes fora, asi Diogo da Silveira como Manoel Coutinho, e as mais das vezes ambos; e em Benagorfate, terra de Diogo da Silveira, esperou ũa vez que viesem visitar um colmenar [2], que parecia que estava escondido e esquecido, armando-lhe em duas partes, onde lançou em cada ũa das partes oito homens a pé, entre os quais foi Manoel Coutinho e Roque Ravenga, e tomou tres mouros, em que entrou o dono do colmeal, primo de Diogo da Silveira, que, por ser rico e honrado, deu por si mui bom resgate.

Outra vez, tardando as cafilas, e desejando o conde de saber nova, tornou Diogo da Silveira a ir fora e correo Algarrafa de melhora, e, sobre tarde, estando o mais do dia seus companheiros metidos na ribeira de

1. *Esta parte final do capitulo está alterada e por isso a não pontuamos.* — 2. colmenar] colmeal N M, *como tres linhas abaixo* B. *É vocábulo castelhano correspondente ao portugues* colmeal.

Taliconte e ele por vijia e atalaia, não vendo, nem sentindo nada, nos fez pôr a cavalo e por um valo nos ouvemos na Ribeira Grande, e, por ela acima, ao tempo de recolher, alcansamos tres mouros e sesenta cabeças de gado, porque os mouros que tomamos nos dérão nova do alcaide estar na Ponte, esperando por el-rei, que aquele dia era chegado, ou avia de chegar, e Çalema Laeate Amele [1], maioral em Benarróz, era pasado com todos os de cavalo das aldeas, e por esta causa andava o campo largo e sem atalaias.

Esta nova nos pôs em muita confusão, sendo alguns de parecer que matasemos os mouros, por nos darem tão certo aviso, ser cousa tão olhada e pior feita. Outros fôrão de outro parecer, que deixasemos o gado, como fizemos, e tomasemos os mouros nas ancas e nos acolhesemos, até aver causa que nos forçase a os deixar. Eu fui o primeiro que tomei nas ancas um dos mouros e João Trigueiros outro e o outro João Vaz, e asi arrancamos caminho de Sinete, afastando-nos da estrada d'Alcacere, e, como a noite logo veio com mui claro luar, nos ouvemos na Pedra Alta e á meia noite na vila, onde o conde foi avisado; e logo aquela noite mandou um barco a Tanjere com a nova que tinha, que foi causa d'el-rei por esta vez não fazer nada, porque, tanto que soube que eramos avisados, não nos quis correr em Tanjere, que por estar avisado não fez nada.

Desta vez nos correo o alcaide de Alcacere com favor d'el-rei, mas não que entrase do Facho a dentro, e ao recolher nos tomárão a João Gômez, atalaia, correndo-lhe almogaveres dentre ambas as varzeas, e o embaraçárão em Bugano e dele soubérão as novas que saber queríão, e se tornárão, depois de andarem no noso campo oito ou dez dias; e, depois que el-rei pasou de Alcacere, as cafilas tornárão como soíão, e nos tornamos a alargar, indo a crestar e montear, onde contarei ũa cousa, que é acharmos no campo um camelo que corria mais que um cavalo [2], e parece ser da companhia d'el-rei, que por ali pasou; outros dezíão ser dromedario.

1. Amele: *significa em árabe* maioral, *como se diz a seguir.*
2. que é acharmos no campo... mais que um cavalo] de um camelo que achamos no campo correr mais que um cavalo M.

CAPITULO LXV

Como a Atalaia da Ruiva foi salteada e se salvárão pelejando

Muito quisera deixar as meudezas que se oferecem de repiques e rebates, polo enfadamento deles, mas, como a guerra que se faz nos lugares de Africa, a mais continua e perjudicial é de almogaveres, que são ladrões que nunca repousão, e, por neste ano duas atalaias se salvarem, fazendo um feito digno de memoria, pois se salvárão com muito esforço, farei este capitulo, posto que nesta minha lembrança muitas vezes se tênhão asinadas. Estando estas duas atalaias, que Artur Ortiz e Antonio Fernândez érão, na Atalaia Ruiva, a pé, tendo os cavalos polos cabrestilhos, ũa quadrilha de mouros, que no Jiestal estava, parecendo-lhe que estava o campo solitario de homens de cavalo, ainda que bem acompanhado de molheres, por ser no mês de maio, ordenárão de os saltear a pé, e os oito deles se viérão com as barrigas polo chão e as lanças polos alvados até se meterem com as atalaias, e fazendo grandes gritas, espantando os cavalos, e os fizérão fujir, mas eles, como homens acordados e de recado, ouvérão as lanças ás mãos e ambos, juntamente, se pusérão ás lançadas com os mouros; e como um mouro se abraçase com Artur Ortiz, parecendo-lhe que, por ser homem piqueno, o levaria sobraçado, mas, como ele era homem pesado e de muita força, o apertou de maneira que o mouro se lançou com ele pola barroca abaixo, levando já ũa lançada que Antonio Fernândez lhe deu, mas Artur Ortiz se ouve tão bem que, ficando com duas lanças nas mãos, deu ao mouro duas lançadas, que fez que não se ajuntase com os companheiros. A este tempo Antonio Fernândez, vendo-se só e perseguido e sem companheiro, com duas lançadas, se lançou pola barroca abaixo e se ajuntou com ele. A este tempo, quatro de cavalo saírão do corrego da Fonte, onde estávão apanhando junça pera artilhos, e, vendo os mouros a pé andar ás lançadas com as atalaias, chegárão e, pondo aos nosos esforço, foi tanto o espanto nos mouros que, dando-se por perdidos, deixárão a empresa das atalaias e se ajuntárão, esperando polos seus, que já os vinhão socorrer, mas primeiro fôrão mortos e lanceados os mais deles; e chegados dez ou doze de cavalo, que os mais ficávão com os cavalos, posto que os nosos não erão mais de quatro, se contentárão com recolher os de pé, e os nosos, tomando as atalaias nas ancas, se tornárão á Ruiva, onde se ajuntárão mais de vinte de cavalo que, por serem erveiros e não aver adail, nem pesoa a que obedecesem, os deixárão ir, ficando antes do ribeiro do Jiestal os dous mortos, e o outro foi morrer a sua casa. Os quatro de

cavalo que primeiro se achárão érão João Trigueiros, Vilhalva, Bras Fernândez e João Pinto, os quais o fizérão milhor que os de Bugano, quando matárão o caçador.

O rebate foi este dia mui grande, por nos chegar nova ao Facho que as atalaias da Ruiva érão salteadas e tomadas com homens de pé, e os cavalos érão salvos e viérão ter connosco, do que eu recebi muito pezar pola desaventura de meu compadre e amigo Artur Ortiz, mas como logo chegase outro de cavalo e pedise alvixeras, que as atalaias érão salvas, e não sómente iso mas que tinhão mortos tres ou quatro mouros e íão desbaratados, pedindo ao conde mandase após eles, — o conde muito alegre as prometeo e logo arrancou com um galope, e não paramos até topar com as atalaias, que feridas vinhão. O conde as louvou muito e mandou que se curasem e que ele pagaria a cura e gasto até tornarem a servir; e, como soube que os mouros tomárão por Mijileo e que levávão o Soveral na mão, se contentou com o feito, dizendo que pera um tão bom dia, como aquele, não queria dar mais trabalho aos homens e cavalos; e, recolhendo o campo, nos recolhemos á vila.

Com este feito tão assinalado da Ruiva, direi outro de outras duas atalaias que não tivérão tão bom suceso como o de Artur Ortiz e Antonio Fernândez, pois fôrão ambas alanceadas e mortas. Pola sesta, indo descubrir, como é costume, outras duas atalaias, lhe saírão da Ruiva almogaveres de Alcacere e, vendo o campo desacompanhado, os seguírão muito mais do que era rezão, fazendo grande ousadia, pasando polos Forninhos, e entrárão polas vinhas, e, sobre o Laranjal, o cavalo de Pero Gômez afracou e, parecendo-lhe que, por ser perto, pouca resistencia bastava pera se salvar, chamou polo companheiro, dizendo: «Chegai-vos a mim, que me perco, e estes mouros vem perdidos; se nos salvamos todos se hão de perder». O companheiro, que homem novo era, se ajuntou com ele e ambos voltárão e ferírão um mouro, e os de detrás chegárão e ambos fôrão mortos, ou por se não deterem e estarem junto da vila, ou por estarem escandalizados das outras duas atalaias, de maneira que fazendo pouca detença se recolhêrão, levando os cavalos e lanças. O conde chegou ao Facho com a jente de repique e, vendo tornar os mouros caminho da Ruiva, se foi indo pera as atalaias das Palmas, e, como não vio surjir nenhũa das atalaias polo Laranjal, parecendo-lhe que érão tomadas, mandou a Diogo da Silveira que fose ver o soualho, onde os tomárão, e o rasto dos mouros quantos érão, e, entrando polo caminho das vinhas, dérão com ambas as atalaias mortas. O conde, como o soube, dise: «Eu tenho em vontade não mandar trás almogaveres, polo risco e ventura em que um capitão se poem [1], e por este ardil, que estes fizérão, em mostrar que tem costas, eu creo que as não tem, e, seguramente

1. poem] *assim* B M; *f. êste passo* N.

podião ir após eles; mas não quero dar que fazer aos diabrinhos [1] e que falar ás lingoas dos que podem danar». Pero Gômez acabou em seu oficio que todos temos [2].

CAPITULO LXVI

Como os alcaides corrêrão Arzila e matárão Manoel da Costa e seu jenro e o que socedeo

Os alcaides de Alcacere e Larache se ajuntárão com Benjija e Caroax e nos viérão correr com quatro bandeiras e tres mil de cavalo. Aquele dia me encontrei entre as hortas com Manoel da Costa e João Azeitado, seu jenro, e, preguntando-lhe onde ia, dise que ia matar um ou dous coelhos a Tendefe, com um forão que levava. «Muito roim», dise eu, «a caça de forão nesta terra, por ser forçado andar a pé em lugar baixo». «Por iso imos nós dous», dise ele, «que, quando um estiver a pé, estará o outro a cavalo, pera tomar o rebate, quanto mais, senhor compadre, que eu me ando empapelando, porque sei que, se me matarem, o meu habito não o hão de dar a meus filhos, senão a quem os oficiais quiserem». Isto dezia porque poucos dias avia que fora de Portugal Francisco Lionârdez com habito de Luis Machado, amo e criado do conde, e o tirárão aos filhos; e nestas praticas nos apartamos, e ele tomou pera a Atalaia Ruiva e eu pera Bugano, onde levava tres moços d'asnos, pera trazerem trigo que ficava na resteva, e, chegando sobre a fonte, dise aos moços: «Não paseis daqui até as atalaias não terem descuberto a Ruiva e o rosto de Tendefe, e, avendo rebate, ponde-vos no caminho, que eu vos alcansarei»; e, tomando os atilhos e atando o cavalo a ũa palmeira, pondo-lhe os cabrestilhos ás cabeçadas, comecei a infiar e, andando nesta obra, ouvi o rebate e, pondo-me a cavalo, tornei sobre a fonte, onde vi quinze ou vinte de cavalo, que se ajuntárão na Atalainha da Ruiva, e a atalaia que tornava a descubrir os mouros, os quais amanhecêrão á atalaia do Alcaide, entre as Atalaias Altas de Tendefe e Alfomar; e, avido outro conselho, quisérão recolher e se quisérão chegar á vila, por terem aviso das espias, que, por termos recolhidos os nosos pães, andavamos recolhidos e as espias curtas, e, saindo-se da cilada, viérão correndo meter-se na Ruiva, a tempo que as atalaias chegárão a descubrir, e como os almocadens, que diante vinhão, que Zanaca e Nijar érão, vendo que a jente não era entrada na cilada e podião ser vistos, como homens de

1. diabrinhos] diabinhos N. — 2. *Aqui* N *diz:* aqui falta o cap. 66; B M *passam também de 65 para 67.*

guerra rebatêrão as atalaias, por que não ouvesem vista da jente, e, com sómente cinco de cavalo, corrêrão após as atalaias e viérão até a Atalainha, onde Manoel da Costa e seu jenro e Jorje Manoel e Pero Vaz e outros, até quinze ou vinte de cavalo, se ajuntárão; e, vendo que os mouros não corrêrão e se recolhêrão, disérão ás atalaias que tornasem a descubrir, e que eles se não moverião donde estávão até os recolher. As atalaias, como homens novos que érão e pouco sabidos no oficio que trazíão da atalaia, posto que valentes homens, os quais érão Jorje Mêndez de Paiva, valente e esforçado homem, e outro parente seu, sem esperarem por capitão ou adail, a cuja obediencia érão obrigados estar, tornárão a ir caminho da Atalaia Ruiva, e, chegando, lhe saio a jente grosa com muita furia. Os nosos esperárão, sem se bulir, até recolher a si ambas as atalaias, [as quais] [1] se pusérão no caminho diante da jente, tão mesturados que não cabia ũa lança entre uns e outros; parecendo-lhe, aos mouros, ser o adail que dava costas ás atalaias, esperárão engrosar e dar nos nosos, e, como nos dianteiros vinha cide Habdehamic, primo e cunhado do alcaide Laróz e muito cavaleiro, e se pusese á ilharga dos nosos, João Azeitado lhe fez rosto, mas logo foi derribado, e, como Pero Vaz Magro disese a Manoel da Costa: «Mátão voso jenro», como muito cavaleiro que era, não lhe lembrando o que pouco antes avia dito, que se avia de empapelar, voltou sobre o jenro, dizendo: «Volta! Senhores, não deixemos matar João Azeitado» e, pondo a lança em um mouro, deu com ele sobre seu jenro, mas logo foi pasado de ũa parte a outra com ũa lança d'arremeso e de mão tente [2], e caio junto de seu jenro. Os mouros fôrão logo juntos sobre eles, asi por já serem juntos, como polo favor da vitoria. Alguns dos nosos voltárão com Manoel da Costa, mas não pudérão fazer mais que, desemparando a Manoel da Costa e seu jenro, sairem feridos, em especial a atalaia Jorje Mêndez, que, como valente homem, saio com duas lançadas, e, empuxando-os, os pusérão no caminho do Facho, onde os mouros apertárão com eles tão rijo e com tanto favor, com terem mortos dous homens, parecendo-lhe que Manoel da Costa era o adail Lopo Mêndez, asi pola pesoa, como polo habito de Cristo que levava, e [3] logo pedirão alvixeras aos alcaides, que Lopo Mêndez era morto, que, por ser malquisto, os fez alegres. Na Atalainha das Palmas, cide Hadehamic se pôs diante dos nosos, mas Jorje Manoel saio a ele e, pondo-lhe a lança, o deitou sobre ũa grande silveira, que no caminho estava, sem lhe fazer outro dano, por vir armado de ũa forte saia de malha e ũa forte adarga diante. Ali foi Jorje Manoel carregado de muitas lançadas, de que saio ferido, asi ele como seu cavalo, o qual saio com ũa lança pegada, que entrou por baixo da coixa de Jorje Manoel e, entrando-

1. [as quais] *f.* B N M. — 2. tente: tenente. — 3. e *por* que, *pedido pelas expressões* tão rijo e com tanto favor, *que estão tres linhas acima.*

lhe por entre o couro e as costas, lhe pasou ũa espadoa, e com ela chegou ao Facho.

A queda de cide Adehamec fez parar aos mouros, parecendo lhe ficar ferido, e, em tanto que o pusérão a cavalo, os nosos tivérão lugar de se afastar, e alguns de cavalo mais fracos tornárão polas vinhas abaixo demandar a atalaia do Laranjal, aos quais alguns mouros seguírão e matárão dous homens, um mourisco, que João Preto avia nome, e outro. Eu, que em Bugano estava e tinha tres moços a meu cargo, tanto que vi sair os mouros da Atalaia Ruiva, a través donde eu estava, e tanto caminho de andar tinhão como eu, vim demandar aos moços, e, tomando o do asno, mais fraco, ás ancas, trazia os outros dous diante de mim, e, quando sai a carreira do Almirante, entrei na estrada do Facho e achei-me com Jorje Manoel e Pero Vaz Magro e outros dez de cavalo, que ante os mouros vinhão, e, vendo-me embaraçado com os asnos e moço nas ancas, apertárão connosco: tres de cavalo se metêrão entre mim e os moços, a um deles pus a lança, fracamente, por trazer cuberto de couro a adarga, a qual trazia nas ancas. A este tempo vi junto de mim ao conde, com sua saia de malha e adarga, que, vendo-me sair da cova de Francisco Pinto com moços e asnos, e que os mouros emparelhávão comigo, posto que chegava de repique e estava só no taboleiro do Facho, arrancou e chegou a tempo que, vendo os mouros jente de repique, não ousárão chegar, e, recolhendo os cavalos de Manoel da Costa e de seu jenro, que de mistura vinhão com os nosos, nós nos ouvemos no taboleiro do Facho, onde a jente de repique recebeo; mas o conde, vendo que a jente era muita e as bandeiras e batalhas vinhão ao Facho, se recolheo, parecendo-lhe que os mouros, com a vitoria que trazíão, entrasem polas tranqueiras abaixo e pudesem voltar com eles [1] os que entrárão polas tranqueiras, sendo alguns derramados, que vendo que Diogo da Silveira, que pera falar com eles se apartou até tornarem a recolher e sair do Facho, — o conde, vendo que os mouros não chegávão e se recolhião, se tornou ao Facho, onde deu vista aos mouros, que, pasando o vale, se pusérão em quatro grosas batalhas, que julgamos serem perto de tres mil de cavalo, porque as bandeiras de Alcacere em vijita[2] tinhão cada ũa mil de cavalo, e as de Cide Naçar e as de Caroax alguns mil, e polas bocas de Bugano, em ala, se recolhêrão á Atalaia Ruiva; e nós outros fomos polos corpos de Manoel da Costa e seu jenro, que, pola jente toda pasar por cima deles, estávão tão moidos e gastados que pudérão caber cada um em sua cevadeira. Foi muito grande a perda de Manuel da Costa, por ser muito cavaleiro e necesario pera um lugar de Africa, e ser homem entremetido e negoceador, e não avia homem desencavalgado, ou que lhe aborrecese

1. *Aqui* N *indica uma lacuna no texto.* — 2. vijita] *f.* N. *Ignoramos a significação dêste vocábulo.*

o cavalo e lh'o disese, que naquele dia lh'o não trocase, ou lhe metese cavalo em casa. Era natural de Serpa e de [1] não bem afamado, porque avia jente que dezia que na terra tomava dinheiro por fazer delitos, mas o tempo que viveo em Arzila viveo muito bem, como homem honrado e cavaleiro. Quando saio de casa deixou sua molher amasando e ainda estava no oficio quando lhe viérão pedir um lençol pera o amortalharem.

E proseguindo o que mais neste dia socedeo, recolhida toda a jente e trasposta a Atalaia Ruiva, o conde entendeo que os alcaides não fazíão detença e tomávão o caminho de suas casas, e dise: «Agora daria eu licença a corenta de cavalo que fosem correr ao Farrobo, que, com o favor desta jente, hão de andar desmandados». Logo Diogo da Silveira e Manoel Coutinho lhe pedírão licença, e, dando-lh'a, nos apartamos cincoenta de cavalo, e, pasando pola vila, ouve alguns que tomárão mantimentos e borrachas, e pola praia pasamos a Algorrife e, ao longo das Aldeas, chegamos a Darbufez e nos apartamos [de] [2] Manoel Coutinho ao Farrobo, á boca de Benamares; e, como aquele dia com o favor da jente o campo andou largo e ouve muitos crestadores, ouvemos vista de alguns e, pola parte de Diogo da Silveira, tomamos cinco, e Manoel Coutinho tomou tres, e asi uns como outros nos viemos a ajuntar no caminho da torre de Beleta, e com grande contentamento com tão boa presa, como Deos nos dera, em dia que a jente grosa nos correo e avia morto quatro de cavalo. E, como Manoel Coutinho viese falando com os mouros, conheceo entre eles o mouro do Farrobo que matara Artur Ortiz, com cuja molher era casado, e, conhecendo-o [3], levou da lança e lhe deu duas lançadas. Acudimos logo a lh'o tirar das mãos, mas não prestou, porque, deitando-lhe mão da lança, ficou como um lião: «Nunca eu levarei a quem matou o marido de minha molher e o pai de meus filhos» e, levando da espada, lhe deu muitas feridas, de maneira que o matou perante todos nós outros, que, ainda que nos pareceo mal feito, todavia pareceo ter rezão não levar perante sua molher quem lhe matara seu marido e pai de seus filhos, e, por ser mouro, o tivemos a bem, e que ficava mais omiziado. O conde, ainda que deste feito lhe não pesou, por ficar omiziado, todavia o mandou prender e o teve preso até vir a cafila, e isto polos alcaides lh'o não terem a mal, e com esta maneira Manoel Coutinho vingou a morte de Artur Ortiz e deu de si mostra de bom cavaleiro e bom cristão, até que morreo por um desastre, como em tempo de Dom Manoel Mazcarenhas direi, querendo Deos. Foi Manoel Coutinho de conhecimento [4], porque, quando se veio tornar cristão, Artur Ortiz o agasalhou e pousou em sua casa, como parentes.

1. de] *f.* M; *f. êste passo* N. — 2. [de] *f.* BNM. — 3. o] *f.* B. — 4. conhecimento: gratidão.

CAPITULO LXVII

Como el-rei de Féz correo Arzila e o que aconteceo nesta corrida

Costume é os fidalgos e fronteiros que em Africa estão pedirem [1] licença pera irem fora; seu nome fica afamado que acértão de fazer asi do bem como do contrario, entre os quais, que neste tempo em Arzila estávão, era Fernão Gômez, filho do doutor Alvaro Fernândez, chançarel-mór, o qual, tendo licença do conde e a Diogo da Silveira por almocadem e guia, foi correr Algarrafa, onde tomou dous mouros, e deles soube que el-rei era na ribeira de Benabiziquer e o alcaide na ponte d'Alcacere, onde o esperava com sua diafa. [Com] [2] esta nova, posto que o caminho do Zambujeiro lhe não ficava sem perigo, o quisérão tomar, por dar aviso ao campo, que aquele dia andava largo, com o favor dos nosos almogaveres, que pasávão de oitenta de cavalo. A Fernão de Sousa e a Diogo da Silveira pareceo que João Muniz, com Roque Ravenga por guia, com vinte de cavalo viese por Almenara, e que por ambas as partes a vila tomase rebate, e asi se fez, que o campo se recolheo; mas, todavia, o almocadem Zanaca e Nijar, que por guardas estávão em Alfandux com cincoenta de cavalo, ouvérão vista de Diogo da Silveira e ouvirão o rebate, e, deixando-nos pasar o Zambujeiro, viérão demandar a estrada e tomárão-nos dous homens de cavalo por dous de pé.

Com a nova que os mouros dérão da vinda d'el-rei, ao outro dia o conde mandou sair todos os moços e homens de pé e os levou ao lameiro de João Muniz, adonde, uns levando pedra e outros com enxadas, concertárão o caminho, por estar roim de quebradas da agoa; e os mais fidalgos e cavaleiros uns trabalhávão e outros jugávão as torroadas, quando o facho caio e o sino começou a repicar. O conde se pôs a cavalo e saio ao Laranjal, e, vendo capear o facheiro, que é sinal de jente grosa, se pôs no outeiro de Pero Cão, onde vio a jente vir por Tendefe abaixo e polo monte das Porcas, e, mandando ao adail recolhese a boiada, que no Laranjal andava, se deixou estar em Tendefe; e Francisco Carvalho os descubrio e, saindo toda a jente após ele, o fizérão tomar o porto da ribeira de Jil da Mota, e o cavalo saltou o ribeiro, dando um dos maiores saltos que se virão, e o cavalo ficou aspado, sem se poder bolir, e Francisco Carvalho a pé, onde o matárão e o cavalo junto. A jente e bandeiras, vendo o conde estar quedo junto do Facho, o viérão demandar, o qual, vendo o gado e moços recolhidos, abalou para o Facho e logo se

1. pedirem] pedir B N. — 2. [Com] *f.* B N M.

meteo polas tranqueiras dentro, por não ter recebido dano, mas os mouros entrárão tanto de mistura e vinhão arremesando que lhe pareceo bem fazer ũa volta; e porque Dom João Mazcarenhas, filho de Dom Nuno, capitão que foi de Çafi, lhe pedio a volta, sendo já entre a tranqueira de Baixo e a do Meio, lhe dise: «Senhor Dom João, fazei-vos prestes com cincoenta de cavalo», e, como todos se chegasem a Dom João, foi a volta de mais de cento, e atrás estes, de maneira que os mouros fôrão levados até os levar fora da tranqueira do Facho e com ficarem muitos mortos e feridos.

Mas, como neste tempo el-rei e os alcaides estivesem no Facho, fizérão deter os seus e a nós tornar pera baixo com tanta présa como a que levavamos, que, como os valos érão rotos dos traveses, acudio muita jente, em especial da parte do caminho velho, asi que nos metêrão da tranqueira do Meio a dentro, ao tempo que Dom Francisco Coutinho ficava embaraçado entre mais de corenta de cavalo e entre a tranqueira e o Facho, e porque são duas tranqueiras, ũa não tendo saida, que não via mais que irem ao Facho, e fica o Facho arrodeado de valos mui fortes, — pois por esta tranqueira, que não tinha saida, acertárão de ir mais de cincoenta de cavalo, como homens que não sabíão por onde íão. Trás estes foi Dom Francisco Coutinho com dez de cavalo, os quais érão Dom Francisco Floresta de Horta [1], seu pajem e camareiro, Antonio de Figueiredo, filho de João de Figueiredo, e Gaspar de Campos, criado do marquês de Vila Real, Martim Vaz Branco e outros, os quais, vendo o conde que se recolhia, deixando os mouros apinhoados, que não tínhão por onde sair, se vinhão recolhendo, por Dom João dizer: «Meu pai se recolhe, vinde após mim»; e, como os mouros visem que outros vinhão após o conde e que não era mais que um valado entre eles e os mouros, arrancárão após os nosos com tanta furia que, querendo Gaspar de Campos fazer rosto, ficou entre eles, e, como ia armado com armas e cavalo de Dom Francisco, que o favorecia e tinha em sua casa, não [o] [2] pudérão derribar, por ser homem grande, groso e pesado, posto que embaraçado e a cavalo, o cercárão e abraçárão dez ou doze mouros, querendo-o tomar vivo, e, vendo-se neste trabalho, chamou por Dom Francisco, dizendo: «Senhor Dom Francisco que me perdo [3]», e olhando Dom Francisco, e vendo-o em poder dos mouros, chamou a Florestão d'Orta, dizendo: Vinde trás mim», e virou e, pondo a lança em um dos mouros, o pasou e deu com ele no chão, e vendo-se entre os mouros, levando da espada, deu ao outro, que abraçado tinha a Gaspar de Campos, polo rosto, que os mais dos dentes lhe descubrio, e, fazendo-o alargar, o trouxe diante de si, a tempo que, quando entrou pola tranqueira, estava larga de nós, e

1. Floresta de Horta] Florestão d'Orta M, *como algumas linhas adiante; f. êste passo* N. — 2. [o] *f.* B N M. — 3. perdo] perquo M; *f. êste passo* N.

entre ela e nós estávão mais de dozentos de cavalo, e por entre todos pasou e se ouve com os outros, que, vendo-o o conde, lhe quisera dar com a lança, mas não pode, pola présa com que desejavamos tomar a tranqueira de Baixo. Foi este feito de Dom Francisco muito asinalado e falado, por ser de idade que não chegava a dezasete anos. Gaspar de Campos vive no Pedregão[1] e é muito honrado da casa do marquês. Casou em Tanjere. Muitas vezes vinha a esta cidade de Lisboa e contava este feito. E, como a volta fora grande, alguns dos mouros se derramárão polos chãos, onde alguns dos nosos os seguírão, e ao recolher, Henrique Machado, alferez da vila, [correo][2] após um mouro no chão de Bras Simões e, metendo a lança nele, se meteo entre os outros, que com ele viérão; pondo-lhe as lanças o deitárão em ũa silveira, onde caio e foi alanceado, sem poder ser socorrido dos companheiros.

CAPITULO LXVIII

De ũa sorte que aconteceo a Francisco Pinto com um mouro que veio a saltear uns moços

Um mouro negro que se veio a tornar cristão, e como Gonçalo da Fonseca o pedise pera o servir e o tivese em casa algum tempo, veio a confiar dele tanto que o trazia no campo e lhe fazia a lavoura, andando com ũa mula, trazia lenha e erva; e, depois de enfadado, levando a mula, se foi pera terra de mouros, e Gonçalo da Fonseca perdeo a mula e o servidor. Era este negro robusto e rijo e de muita força e confiado de si, e, do que sabia do noso campo, tentou fazer ũa sorte e vir ao noso campo tomar um moço ou dous e os levar cativos; e, pondo-o por obra, se veio meter em Alfornax, ũa legoa da vila, aldea de forte brenha e zambujal e canaveal, e esperou que fose ter algum moço com ele; e, estando nesta esperanca, vio vir polo caminho dous moços com suas cargas de lenha e, saindo a eles, os levou ante si á brenha, com ũa espada nua na mão. Os moços começárão a bradar: «Antonio da Fonseca não nos mateis!» Aos brados acudio um irmão de Francisco Pinto, a que chamávão d'alcunha o Orelhas, que com Francisco Pinto vinhão carregados de carne, que vio reluzir a espada, e, chegando ao negro, conheceo-o[3] e, bradando, dise alto: «Francisco Pinto, este é o mouro de Gonçalo da Fonseca!» Francisco Pinto chegou a tempo que o negro tinha deitado a mão á lança do Orelhas e o tinha derribado do cavalo, e, como Francisco Pinto lhe pusese a lança, o negro lhe deitou

1. Pedregão] Pedrogão M; *f. êste passo* N. — 2 [correo] *f.* BNM. — 3. [o] *f.* BM.

mão dela e, como vinha embaraçado, o fez vir abaixo, e ambos pegados na lança viérão aos braços, e quis sua fortuna que acertou com Francisco Pinto, que forçoso e mancebo era, que o levou debaixo e, tirando-lhe a espada da mão, o degolou com ela, ficando Francisco Pinto com duas feridas, e Orelhas lhe cortou a cabeça, que os moços trouxérão á vila. Foi este feito de Francisco Pinto arriscado, por o negro ser homem rijo e poder acertar com homem que não tivera tanta força e que fora senhor dele, e matando-o levava os moços.

Outro acerto, como este, aconteceo a uns monteiros, que, andando dez de cavalo monteando em Taurete, os tres deles fôrão matar um porco junto do Soveral d'Alvalate e, em tanto que o partírão, deixárão os cavalos pacendo em um brejo, onde acertárão a estar oito mouros de pé crestando, os quais, vendo os tres cavalos e os donos embaraçados com o porco e o descuido deles, que lhe podíão tomar, eles, deixando os odres de mel e melhorando-se, tomárão os tres cavalos e fôrão cometer os nosos, e eles se defendêrão mui bem com esforço que os outros os socorreríão, mas os mouros, que a cavalo estávão, deixárão os cinco ás lançadas com os tres, parecendo-lhe que abastávão, e, tomando vista dos outros monteiros, e como visem que se vínhão chegando, tornárão rijo e, cometendo todos juntos os tres, os pusérão em trabalho e matárão um dos cavalos. Os mouros, não ousando fazer detença, se apartárão e se fôrão avendo o Soveral ás mãos; os nosos tres, que Roque Ravenga, Afonso Gonçálvez e o Vilhalva érão, se pusérão em um outeiro, donde capeárão aos companheiros, e, acudindo, [os] [1] vírão ir a pé e, dando rebate, os seguírão e, entrando no Soveral, dérão neles e os desbaratárão, matando dous e tomando vivos outros dous; e os dous de cavalo se acolhêrão, indo demandar a ribeira da Graciosa, por onde pasárão, deitando-se a nado, que, como os nosos acudirão e os cavalos estávão descansados, fizérão-lhe muita ventajem, e tãobem porque os que os seguírão não fôrão mais de tres, porque os outros ficando a pé e tres com os dous mouros tomados, e desta maneira os nosos monteiros por tres cavalos trouxérão dous mouros, que ouve pera se pagarem os tres cavalos, e, o que mais foi de rir, trazerem os mouros os odres de mel que tínhão crestados, com que entrárão carregados e os moços da vila dando-lhe gritos.

1. [os] *f.* BNM.

CAPITULO LXIX

Como o conde foi a Benamares

A este tempo Diogo da Silveira tomou quatro mouros, indo correr a Mençara, os quais tomou na Ribeira Grande, e um deles logo dise que queria ser cristão e daria ũas casas que estávão em Benamares. O conde ouve seu conselho e asentou í-las tomar, contra sua vontade, não pô-lo risco que em as tomar podia correr, senão porque o conde era de contrario parecer d'outros capitães, que os mais desejávão tomar e destruir aldeas. O conde dezia que mais queria ter povoadas as aldeas de Benamares e Benagorfate e Farrobo que despovoadas, porque sempre rendíão, tomando mouros e gado, e, quando avia necesidade de aver nova, com pouco risco tomava ũa lingoa; mas por ora, pondo todas estas rezões a um cabo, mandou dar ás trombetas, e, saindo da vila, fomos tomar a primeira folga ao Xercão, e, entrando pola boca de Capanes, faldrejamos Benamares, pola parte de dentro, guiando-nos o mouro, e, em rompendo a menhã, o conde fez decer corenta de cavalo que com o mouro desem nas casas, os quais, ou por o mouro se fazer erradiço, ou por não acertar, dérão em um arrecife de pedras, onde em cima dormíão algũas cabras, e, á grita que os nosos dérão, acudimos os de cavalo e, cercando o arrecife, não achamos mais que cabras. O mouro se achou enleado, e, como o arrecife era lugar conhecido e asinado, o mouro e almocadem quis ir diante, em busca das casas, e, como já era menhã e avia rebate, não alcansárão mais que quatro almas, que de ũa das casas sairão, que, como as casas érão mais afastadas ũas das outras, não pudérão chegar, nem queimar mais que ũa só casa. O conde como chegou ao recife com sua bandeira e não achou casas, nem aldea, se recolhêrão tão de vagar que o sol era saido quando começamos a sair do arrecife, o que fizemos sem pendença, por na serra aver pouca jente e os da aldea principal, que Benamares chamamos, estar lonje e não acudir até segurar suas molheres e filhos, que entendemos que se cem vilões acudírão nos fizérão dano, segundo a serra[1] é fragosa; mas juntamente com isto nos pareceo um paraiso terreal, e por bemaventurados tivemos os que aquela serra[1] e lugar habitão, porque decemos por entre duas fontes de clara e fermosa agoa, que duas caudalosas ribeiras fazíão, regando muitas arvores, entre as quais avia muitas romeiras, cidreiras, laranjeiras que lustrávão tanto que apagávão a verdura das folhas, e á vista destas fermosas

1. serra] terra B.

arvores ha muito grandes e fermosos nogais, e outras arvores mais comuns a nós outros, como figueiras, ameixieiras, tudo sombrio e tão saudoso que, posto que posuido de nosos imigos, nos pareceo tão bem que ouvemos enveja aos que de tal lugar gosávão. Entre estas arvores avia muitas e mui grandes courelas de terra grosa, que no verão abrem grandes gretas e dão muito fermoso pão e milho, que eles châmão adorra, que é da casta que nós chamamos zaburro, senão que é mais alvo e muito milhor. O asento desta serra[1] de Benamares: está atravesada a sueste de Arzila e tem duas legoas de comprido, e da parte do sul vai juntar-se com a de Benagorfate e faz ũa boca, que é a de Capanes, e fícão as serras tão juntas que mui bem se ouve [de ũa á outra][2]. Avia nesta serra[1] muitas e grandes aldeas, mas muito maior é a de Benagorfate, a qual com tanta guerra e dano que lhe fez Diogo da Silveira ficárão oito ou dez aldeas despovoadas ao tempo do noso despejo. Isto basta por agora e tornemos á nosa saida da serra[1].

Recolhidas quatro almas e doze vacas, que em ũa casa se tomárão, as cabras fôrão despedaçadas e feitas quartos, tomando cada homem de cavalo seu pedaço, e alguns ouve que as trouxérão vivas ante si; e, saidos que fomos da serra, a faldrejamos e viemos a demandar a boca de Benamares, onde nos viérão demandar tres de cavalo. Pedindo licença ao conde, viérão ante ele, pedindo lhe fizese mercê e esmola das vaquinhas, pera ajuda do resgate da pobre molher que traziamos, e isto com tanta piedade que a todos movíão a compaixão e eramos de vontade que lh'as desemos, mas o conde, como lhe não ficase cousa por entender, dise aos mouros que tomasem tres bois ou vacas, de que lhes fazia mercê, e que as outras érão pera se pagar o mouro almocadem e algũa perda, se na cavalgada ouvese; e, tomando os mouros as vacas, se sobírão ás tranqueiras, onde parecia estar cem vilões adargados, e, pasando ao longo das tranqueiras, saimos da boca e nos ouvemos em Benamandux e muito cedo viemos á vila, e o almocadem se pagou e os almogaveres. O conde o recolheo até se mais omiziar, o qual não fez, porque, tornando a ir fora com Manuel Coutinho, não fez nada, antes veio preso, porque dezíão se meteo por um corrego que não tinha saida, e que, embaraçados os nosos, se quisera esconder; e, posto que de todos veio condenado, o conde o não prendeo, nem lançou ferros, antes o trouxe em sua casa, dando-lhe boa palavra, que ele o mandaria fora, quando ouvese nova, e o mouro, de enfadado e desfavorecido, se deixou ũa noite ficar fora, mas, como trazíão o olho nele, Rui Carvalho, porteiro da porta, que o vio sair e não tornar, o fez saber ao conde, e, fazendo-o buscar, foi achado e trazido ao conde, mas não com tão clara prova que parecese que ficava pera se ir; e, feitas as preguntas que pera que ficava e onde ia, dise que por se

1. serra] terra B. — 2. [de ũa á outra] *f.* BNM. *Veja-se tom. I, p. 96, l. 10.*

lavar na couraça, e que lhe parecia que o podia fazer, antes que a porta se cerrase: o conde, todavia, lhe mandou lançar ferros e, como trazia escrupulo, se era culpado, depois lh'os mandou tirar e andou sem eles até que se foi; e asi acabarei o ano de trinta quatro.

CAPITULO LXX

Lembrança da tomada de Túnez polo emperador Carlos Quinto

Não é pera deixar de pôr em lembrança a pasada que neste ano de trinta cinco fez o emperador, Dom Carlos, rei de Castela, em Africa, e tomada da grão cidade de Tûnez, e a restituição que dela fez a el-rei Mulei Acem [1], que despojado estava dela por Barbarroxa, rei de Arjel e capitão jeral do Grão Turco. As meudezas que nesta grande empresa pasárão não poderei contar, sómente direi a causa que moveo ao emperador a tomar esta empresa e a ajuda que el-rei noso senhor lhe fez, e logo torno a minha Arzila; e isto direi por o saber de mouros de Tûnez que ouve nesta cidade e levei a Arzila e os resgatei.

Morto el-rei Cimão, rei de Tûnez, reinou seu filho Mulei Acem [1], o qual se mostrou cruel e severo em matar muitos de seus irmãos, e, espalhando-se, um veio ter a Milão, a casa do marquês del Guasto, e outro foi ter a Constantinopla ao Grão Turco, que, como ouvese de mandar ũa grande armada contra cristãos, a encomendou a Barbarroxa, seu jeral, a qual veio ter a Goleta, porto principal, junto da cidade, e, tratando com os principais sobre a reconciliação dos irmãos, deteve os mais principais, por cujo medo el-rei, como era malquisto, desemparou a cidade e se foi aos alarves, com quem tinha parentesco por parte da mãe, e Barbarroxa entrou na cidade de Tûnez e se fez rei e senhor dela; e, como com el-rei se achase Luis de Prezenda, jenoês, de que já hei feito menção, que do reino de Féz se alçou com o resgate de Portumão, capitão jeral das galés do emperador, este Luis de Prezenda moveo el-rei a que se socorrese do emperador, pedindo-lhe socorro, e se fizese seu vasalo, o que el-rei concedeo, e o Luis de Prezenda veio com este requerimento, ao que o emperador tãobem concedeo, por desarraigar e desaposar Barbarroxa de reino tão vezinho aos reinos de Napoles e Sicilia; e, fazendo ũa grosa armada de muitos navios, pasou em Africa e tomou a fortaleza da Goleta, por força de armas, e depois levou suas bandeiras á vista da cidade e a entrou e tomou, cativando e matando os mais dos moradores; e Barbarroxa com os turcos e mais de sua valia fojio e se foi a Bona, cidade antiquisima,

1. Acem] Macem B M.

dezoito legoas de Tûnez, onde se formou algũas galés e se foi por mar, como grande e astuto capitão. Desta ida tomou e saqueou um lugar da ilha de Menorca.

Pera esta armada e empresa do emperador, mandou ajuda de navios armados el-rei, noso senhor, o qual lhe mandou vinte cinco caravelas, mui bem armadas com tiros de coxia, como galés, e um galeão grande, que naquele tempo era o maior e milhor armado que navegava polo mar, e asi mais fôrão duas barcaças com muita artelharia, pera lançarem jente em terra; fôrão mais duas naos grosas com mantimentos e munições. Destas vinte cinco velas foi por capitão-mór Antonio de Saldanha, e levava nesta armada dous mil e quinhentos homens, que nesta empresa se asinárão, por irem por capitães das caravelas mui honrados fidalgos e cavaleiros; e por terra, pola posta, foi o ifante Dom Luis, e trás ele muitos e mui honrados fidalgos, que por rol el-rei mandou, com que o emperador muito folgou; e, por el-rei [1] nesta jornada nomear o conde do Redondo, capitão de Arzila, e o desejar, direi o que dise diante de tantos e tão excelentes capitães, como diante dele avia; o dia que fôrão á vista da cidade e Barba Roxa saio com muita jente e ouve entre os de cavalo escaramuça, o emperador dise contra o ifante: «Qem nos dera aqui o voso conde do Redondo com suas dozentas lanças pera ser capitão e mandar estes jinetes». Certo que foi muito louvor pera quem tão lonje estava. Tomada a cidade de Tûnez fôrão todos os mais dos moradores mortos, cativos e trazidos a Espanha, Italia, Alemanha. A cidade foi restituida a Mulei Acem [2], ficando por vasalo do emperador, com tributo bastante a sustentar os soldados que na fortaleza da Goleta avíão de ficar; mas isto durou muito pouco, porque os moradores da cidade de Tûnez, escandalizados da crueza d'el-rei e do saco e destruição de sua cidade por causa d'el-rei, se levantárão e lhe tirárão o reino e tomárão por rei a um seu filho.

Pois vendo-se o pai despojado do reino, se pasou a Sicilia, a João da Veiga, que estava por visorrei, o qual o agasalhou e o teve em muita honra até sua morte; e no ano de cincoenta, por mandado do emperador, mandou embaixadores ao filho, rei de Tûnez, fazendo-lhe saber que érão vindos por mandado do emperador a trazer-lhe el-rei, seu pai, pedindo-lhe o restituise no reino e pagase as parias que el-rei, seu pai, era obrigado a pagar. O rei de Tûnez respondeo ao principe que ele não devia parias ao emperador, por não ter o reino da sua mão, como seu pai, e que o emperador o tomara a Barba Roxa, rei de Arjel, e com muito gasto e trabalho o restituio a seu pai, e que por esta causa era seu pai obrigado a pagar parias e fazer outros muitos serviços ao emperador, e que ele que o tinha da mão do povo, que escandalizado das cruezas de seu pai lhe

1. el-rei: *o autor quis dizer* o emperador. — 2. Acem] Macem B M.

tirárão o reino e o dérão a ele, e que se o emperador o quisese por amigo e servidor sempre suas armadas acharião acolhimento em seus portos, e pera refresco da armada lhe mandou um refresco de muitas vacas, carneiros e galinhas; e, quanto ao restituir o reino a seu pai, que o não faria, por ele estar mal com o povo, porque, tirando-lh'o, o darião a outro de fora, de maneira que ambos ficarião sem reino e o emperador desservido; e, com estas palavras e outras, em que parecia ter rezão, se escusou, e o principe, desta vez, tomou dous lugares, e, fazendo aos moradores recebesem Mulei Acem [1] por rei e [2] senhor, os deixou.

Trouxe isto comprido, por que, já que esta pasada foi no ano de trinta cinco, de que vou falando, se saiba a causa porque o emperador tomou esta empresa. Porque tenho dito que o Luis de Presenda foi o movedor dela e veio ao emperador, tornando com recado e presteza, de certeza que o emperador iria em pesoa, foi tomado por gales francesas e levado a Barba Roxa, e, preguntando-lhe pola armada que já soava e se fazia, preguntou se o emperador avia de vir nela, ao que respondeo que o não sabia; e, ao tempo que dos muros de Tûnez virão as bandeiras, em especial com as das insignias das aguias, Barba Roxa o mandou vir perante si e de ũa torre lhe mostrou as bandeiras e lhe preguntou se aquelas aguias érão do emperador, e, como respondese que si, o fez enforcar da torre abaixo, dizendo-lhe: «Tu o fizeste vir e me mentiste, negando-m'o», e asi acabou o misero de Luis de Presenda, sendo um dos mais asinalados homens da cristandade, por sua jentileza, disposição e habilidade. Ao emperador pesou desta morte de Luis de Presenda e pasou duas cedulas de dote pera casamento de duas filhas, que tinha em Cáliz, as quais trouxe Gonçalo Pirez de Galhegos, cavaleiro principal de Xerez de la Frontera.

CAPITULO LXXI

Como Dom Aleixo foi este ano por provedor dos lugares de Africa

NESTE ano, el-rei mandou por provedor e visitador dos lugares de Africa Dom Aleixo de Meneses, filho do conde de Cantanhede, para que, correndo os lugares, fizese alardo e vise a jente das ordenanças e riscase os que lhe parecese que não érão pera servir, e asi os cavalos; e, polo que em Arzila fez, parece que asi o faria em os outros lugares.

Tanto que chegou a Arzila mandou fazer alardo e vio toda a jente,

1. Acem] Macem B M. — 2. e] o B M.

as a de cavalo como a de pé, e riscou alguns homens de cavalo, asi por lhe parecer que os cavalos érão gastados, como por os donos serem oficiais; e do que mais se pode espantar é ver o pouco que neste reino valem os homens que muito servem e merecem em Africa, porque riscou dous homens velhos, dos mais honrados e que milhor tinhão servido naquela vila. Um foi Artur Rodríguez, juiz e alférez, que o foi mais de corenta anos, sendo sempre muito bom cavaleiro e pondo sempre a bandeira em seu lugar e sempre servio muito bem; e tres filhos que teve, os dous érão mortos ás lançadas polos mouros, um á entrada de Arzila, o dia que Dom João de Meneses desembarcou, que Diogo Rodríguez avia nome; e outro Francisco Rodríguez, que morreo no ano de dezaseis, que se encontrárão seis almogaveres nosos com nove mouros, e se apartárão depois que Francisco Rodríguez foi morto e Roque Coelho a pé, como já contei no ano de quinhentos e dezaseis; o outro era Antonio Rodríguez, alcaide da saca [1] e veador do conde, muito grande cavaleiro.

E o outro que se riscou foi João Fernândez Torres, por abastado, o qual era rico de casas e terras, e sempre teve dous jinetes na estrebaria e mouros que os curávão. Era homem velho, determinado e ousado, e que o ano d'antes o vi no vale de Jorje Vieira, diante do conde e de outro fidalgo, encontrar um lião, que, estando diante do lião, esperando por André d'Elvas, que viese com a espingarda, João Fernândez, cheio de colera e enfadado de esperar, remeteo, dizendo: «Asi pese a tal se mátão os liões», e, encontrando-o, pasou como um trovão, e logo o conde carregou com lanças de arremeso e o matárão. Foi esta temeridade de João Fernândez Torres atribuida mais ao vinho que a valentia, porque o conde ficou enfadado, posto que o lião foi morto, e dise que já João Fernândez podia escusar de ir fora, polo desmancho que por sua causa aquele dia se pudera fazer.

Outro homem velho foi tãobem riscado, que pôs escandalo, que foi o Jibre Velho.

1. da saca] do saco B N M. *Era o alcaide que superintindia na saída das mercadorias de uma localidade.*

SUPLEMENTO

ARZILA DE 1535 A 1549

O texto de Bernardo Rodrigues acaba, como vimos, no ano de 1535, no princípio, porque só relata dois sucessos dêle: a conquista de Tunes e a visitação de D. Aleixo de Meneses aos lugares de África. Como, porêm, a vila só foi despejada em agosto de 1549, damos a seguir todos os documentos de arquivo que pudemos haver dos anos que ainda foi portuguesa. Foram todos copiados dos originais do Arquivo nacional da Torre do Tombo e da Biblioteca nacional de Lisboa, conforme se diz nos lugares devidos.

Alguns só indirectamente importam a arzila: são os que, escritos de Fez, de Tetuão e de outros lugares, falam de Arzila ou de factos que respeitam á sua defesa e segurança. Estão neste caso as numerosas cartas de Sebastião de Vargas, que lançam luz sôbre o estado político do país. Infelizmente, algumas delas, ainda que sumariadas no índice, não fôram encontradas, no momento da nossa busca, nos respectivos maços do Corpo cronológico do Arquivo nacional. Passavam-se ao tempo sucessos graves no reino de Fez, ou sejam as tentativas dos xerifes de Marrocos e Suz para se fazerem senhores dêle. Nos nossos arquivos abundam os documentos relativos a elas. Podia mesmo fazer-se grande parte da história dos xerifes com êles, desde o seu aparecimento no Suz até que reuniram os reinos de Marrocos e Fez sob a sua nominação. Foi, de facto, com êles que teve de defrontar-se o esforço dos portugueses desde o princípio do século XVI. Esses documentos ajudam, pois, a compreender o abandono que se fez de Arzila e de outras praças.

Para facilitar a composição e a leitura, sem prejuízo da pureza dos textos, regularizamos dêste modo algumas das variedades gráficas dêles, a saber:

1. Os nomes próprios, de pessoa ou de lugar, vão sempre com maiúscula, e os comuns com minúscula, nas condições actuais.

2. As iniciais de documento ou de parágrafo vão sempre com maiúscula, nas mesmas condições.

3. As abreviaturas foram desdobradas.

4. Separaram-se as palavras que o devam ser, quando unidas no texto.

5. *R* foi substituído por *rr* nos nomes comuns; manteve-se nos nomes próprios, ou quando inicial de período.

6. Substituiu-se *u* por *v* sempre que tinha êste valor.

No mais reproduzimos fielmente os originais, sem pontuação, sem marcação de acentos e com todas as outras irregularidades gráficas dos documentos.

Estes documentos vão dispostos por ordem cronológica; quando o não puderam ser, por não estarem datados, demos-lhe a que o assunto tratado parece indicar.

Segunda capitania
de D. João Coutinho, conde do Redondo

(Continuação)

I

9 DE AGOSTO DE 1536

Carta de Mulei Abraem ao conde D. João, capitão de Arzila. — Dá-lhe parte do desastre que el-rei de Fez e êle sofreram dos xerifes nas márgens do rio Guadelabi. — A tribu dos colotos, que formara a dianteira do exército, pôs-se em fuga e com ela o resto das tropas reais. — Assim o manda dizer ao conde porque tanto o rei de Fez como o de Portugal desejam atalhar os progressos dos xerifes.

Manjfico senhor. Porque sej que vosa senhoria tera pajxam de nosa mofina e desbarato detremynej a fazer este coreo pera lhe dar conta tambem por que lhe averão dito majs do que ha pasado e por yso lho quero fazer a saber pojs sam cosas estas que vem por Deus nom lhe podemos majs fazer que louvalo nos hotros fomos ate domde ho xarjfe estava sobre hum rjo que se chama Guajde Laby e achamolo da hotra parte aparelh[ado] com todo seo enxersjto e pousamos cada hum da sua parte do ryo que nom havja majs que ho ryo entre nos hotros e ay nos mando[u] acometer mujtos partidos com mujtos santos de nos hotros que todas as horas vynhão a nos hotros dizendo que fazya todo quanto lhe pedysymos como quer que hera hordenado per Noso Senhor que havja de aconteser o que se fez nunca qujsemos vjr a nenhũa boa concrusão de menejra que sesta feyra vynte e quatro de julho detrymjnamos de pasar da hotra bamda com a nosa... que tjnhamos e dar no xaryfe ho quall asj foy que pasamos dous tjros pyquenos e toda a jente asj el rrej como heu com hos alcajdes todos e nos ajuntamos tanto que hestivemos mujto perto das tendas do reall do xaryfe e trabamos nos huns com hotros asertarão serem djante hos colotos e na primeira afronta loguo nos fugyram e foj de tall maneira a quebra delles e quebrarão toda a jente de tall maneira que nom se acho[u] com el rrej e heu senão mujto poca jente menos de trynta de cavalo que tyvemos que fazer em defendelo ate recolher se a pasar ho ryo e djpois de cortado ho ryo que nos recolhemos ao noso reall cujdando alj

nos tornar a reformar achamos nom aver nenhũa jente que hera toda fogjda e tudo estava ja vazio e com mujto trabalho podemos salvar nosas molheres e filhos e ysto com mujto trabalho e mujtas sehetadas e jente que nos defendiamos e todo ho demajs que levamos com todo ho reall asj como hestava asentado ho dejxamos sem hotra cosa ergermos este desbarato foj por Deus hordenado sem aver peleja nenhũua porque de toda a jente deste rejno nom morerão xx pesoas e syncoenta cavalos que toda ha hotra jente vejo com seos cavalos e camelos el rrej e heu entramos em Fez a ja des dias e todo ho rejno esta asentado e nom hove mudansa nenhuũa da que dantes estava hum filho matarão a el rrej estando junto com hele de hũa espyngarda ysto he ho que senhor pasa ej lhe querydo dar hesta conta pelo que sej que lhe a de pezar por noso deshastre espero em Deus nos aja de ajudar pera restetujr ho pasado se vosa senhoria de mjm ho desse rejno mandar algũa cosa se fara [mi]lhor que dantes as mãos da senhora condessa bejo e .... Deste Fez 9 de agosto de 1536 anos.

عن ادن [= اذن] عبد الله ابراهيم بن على بن راشد
الشريف .... لطف الله تعلى له

«Por ordem de Abde Alah Ibrahim, filho de Alí, filho de Ráxede, xerife .... Deus excelso o favereça!».

Sobrescrito: Ao mujto menyfyco senhor ho senhor conde dom Joam Coytynho. Arzila.

De Moley Abrahem de ... De Fez a ix d agosto. Pera o conde do Redondo. — 1536.

Arquivo nacional da Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 57, n.º 82.

II

15 DE AGOSTO DE 1536

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III. — Remete a carta de Mulei Abrahem sôbre o desastre das tropas reais e outra de Rute. — Rute queria vir falar com êle para lhe propôr pazes da parte de el-rei de Fez. — O capitão diz a el-rei que se deve tomar o partido que mais convier, e não aceitasse compromisso com o xerife sem saber o que oferece el-rei de Fez. — Que se devia sobrestar no que respeitava aos judeus. — Que havia falta de trigo na vila.

Senhor. Porque me pareçeo que estam as cousas despostas pera se moverem algũas cousas de servyço de Deus e de vosa alteza lhe mando

esa carta de Molley Abraem que me agora mãodou sobre este desbarato de el rrey de Fez e asy esoutra que me espreveo Rute judeu que vyve em Fez e as asy as forças doutra que tãobem espreve a seu jrmão para que as vosa alteza todas veja e posa llamçar mão do que mays vyr que compre a seu servyço porque o tempo esta para asy gerra como paz hoferecydo para mujta cousa de seu servyço e de quoallquer que vosa alteza quyger llançar mão esta aberto poder ser agora mays que hem nenhum outro tempo e porque me este judeu espreve que quer vyr fallar comyguo no que me ja allgũas vezes toqou querya que vossa alteza nom llamçase mão de nenhum partydo que se lla cometese por parte do xaryfe sem ver ho que qua pode rresulltar ho que me vem acontecer porque dy poderá vossa alteza aseytar ho que vyr que he mays seu servyço e mays homra de seu rreyno e seu estado porque eu ey que cada hum delles que tyver seguramça de vosa alteza ou seu favor aquabara de destroyr o outro e pera que me vosa alteza lloguo rrespomda mãondo lla ese homem meu a me lloguo trazer rrequado do que a por seu servyço porque mynha jda esta a pyque e dom Manuell tambem aballado e pareçermya bem por agora nom mãodar vosa alteza bollyr com os judeus emcoanto se estes negocyos abrem por elles e depoys fiqua tempo pera tudo ho que mandar esta vylla começa a ser mall provyda de tryguo e dyzenos que nos a de vyr de Lyxboa beziarey as mãos de vosa alteza nam se lleyxar esquecer della porque ate gora nos sostemtamos de nosas llavoyras. Noso Senhor acresente vyda e rreal estado de vosa alteza. D Arzylla a xb djas d agosto de myll b[c] xxxbj. Ho conde dom Yoam.

Sobrescrito: A ell rrey m[eu senhor].

1536. — Do conde do Redondo de xb dias d agosto — 1536.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 57, n.º 84.

III

3 DE DEZEMBRO DE 1536

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III. — Mulei Abraem mandara regressar Rute, que viera para pazes, a Fez, visto que havia tanta demora em ultimá-las da parte dos cristãos. — Diz que Mulei Abraem vai contra Tédula, em poder dos xerifes. — Rute perguntara se havendo el-rei de Fez guerra com os xerifes el-rei de Portugal mandaria a favor de seu amo armada ou gente de Safim e Azamor ou iria contra Taricuco e Tafetana, no Suz, pertencentes aos xerifes. — O capitão respondeu que el-rei não tomara compromisso sôbre isso, mas que nunca deixara de defender os reis seus amigos. — Rute ficara de falar sôbre isto a Mulei Abrahem e logo diria o que passasse.

Senhor. Sobre o negocyo das pazes sobre que veyo Jacob Rutte depoys daquy jdo por hũa carta que lhe Molley Abrahem mãodou em que o mãodava chamar e lhe dezya nella que se fose porque bem ssabya que os crystãos não avyam de querer o que elle quysese nem nos ho que elle querya asy que era esqusado sua estada e porem que elle esperava me espreveo Jacob Rutee de tudo aver fym posto que este negoçyo se danava porque se fallava nelle por outras partes e que amostravão mays gosto em se fazer do que elle emtemdya em mym e que me fazya jsto saber porque dezejava de me servyr e que eu me devya de por em rrezão por que se não fyzese por mãos doutrem a jsto lhe rrespomdy que eu nam sabya quem tyvese mays rrezão de as dezejar que eu por muytas rrazões porem que eu lhe sertefiquava que a vosa allteza não ousase de lhe fallar nyço senão com lha fazerem tamtas avantagens que emtão lhe pudese manyfystar a merçee que eu rreçeberya em se fazerem porque nunqua fallara com vossa alteza nyso que pudese emtemder nelle follguar com ellas nem querellas ssenão com mujta homra dee seu estado e de seu rreyno e com aver que nos fazya nyço merçe e que se outrem sabya outra cousa que o fyzese mujto embora porque eu daquy não querya mays que avellas e nysto crea vossa alteza que nom he querer me fazer tyzouras senão trazer see allgum negoçyo de qujdarem que vosa allteza nyso podya ser servydo e como todos queryamos ser os prymeyros por o servyr otro que em allgũua cousa faryamos sera esta a temção e tamto que soubermos de vosa allteza que o nyso nam servymos nom fallara nymgem seenão no que lhe mãodarem e njsto mee fara vosa allteza merçe se allgũa cousa mãodar ser sem esquamdallo poys não erra as temções a seu servyço e eu fyzese jsto saber por que me pareçeo que o devya a seu servyço e porque não tynha llycensa de vosa allteza para lhe poder

dyzer se o nyso desservya e qujdarão que podyão ser çiumes em que se danara mays no negoçyo Molley Abraem vay a Tedulla com tres ou quatro myll de cavallo e com espymgardeyros que pode aver pollo rreyno e com duzentos que lhe mãodou ell rrey de Belles dyzem que a temção de sua jda aguora he que com os mujtos jmvernos e rrebeyras cheas não pode ser saquoryda do xaryfee e que eses que ahy estão na fortalleza são pouquos e que allguns da vylla querem se dar a ell rrey de Fez que são allguns dos que ahy estavão quamdo se perdeo mas eu qujdo que trara de llaa o rrequado que trouxe da outra vees o que for eu ho farei lloguo saber a vosa allteza e emtemdo que lleva allguns de Xuxuão e Tutuão e asy d Allcasere quamto o que vosa allteza apomta em outra carta sobre os das fustas que se não acolhesem doutra partee avendo ahy pazes o mesmo Rute me fallou nyso e por jso e por não ser tempo de se ahymda apomtarem partyqullydades see não fallou mays nyso e asy pratyquamdo comyguo me dyxe que se ell rrey de Feez temdo pazes com vosa allteza lhe comprysee hyr comtra o xaryfee ou o xaryfee vymdo a elle see vosa allteza pagamdo lhe elle a despeza se farya armada ou fornecellos seus lluguares d Azamor e Çaafym de gemtee e mamdar por mar ou por terra a Tarycuquo ou a Tafetana a jsto lhe rrespomdy eu que por apomtamentos que eu não apomtarya nada a vosa alteza para obrygação porem ho que delle vy que nenhum rrey seu amyguo nunqua ouve myster de vosa allteza ajuda nem de gemte neem de dinheiro que lha não vyse dar nam semdo em partee em que vosa allteza pudese ter obryguação de ho não fazer quamto mays quamdo allgum rrey see metese debayxo de seu emparo e defeza comtanto que lho não meetese em obrygação se não avemdo que vossa allteza lhe fazya nyso merçe e elle rrecebemdo a com as comdyções que elle dezya eu não averyya por mujto vossa alteza follgar de lhe fazer nyso merçee e comtudo fyqua Rutee que da vymda que Molley Abraem vyer me esprevera mays de vaguar asy neste negoçyo como no mays que lhe aqueser e de tudo farey ssaber a vosa allteza tamto que me rrequado vyer. Noso Senhor acresente vyda e rreall estado de vosa alteza. D Arzylla a iij dias de dezembro de j̄ b^c xxxbj. Ho conde dom Yoam.

Sobrescrito: A ell rrey meu [senhor].

Do conde do Redondo de iij de dezembro.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 58, n.º 16.

IV

9 DE AGOSTO DE 1537

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III. — Remete cartas de el-rei de Fez e de Mulei Abrahem sôbre o estado de guerra entre cristãos e mouros e com alguma razão se queixam êles. — Espera ordens sôbre isto.

Senhor. Hojee oyto dias d aguosto depoys de ter espryto a vosa allteza e dado esas cartas que me vyerão dell rrey de Fez e trellados a que a jso rrespomdy a hum homem que as llevasse ho corregydor que a grão preça as mandase a vosa allteza me tornou este rrequado dell rrey de Fez e de Molley Abraem que pera a mynha arte posto que eu vejo que nom pode ser ter paz com ell rrey de Fez e gerra com elle dezeyey de ho atochar porque vejo que he querer se vender ajmda que elle aguora tem allgũa rrezão de se m[e] yr ho perder ho trato das suas fustas porque lhe vyerão dous bargamtys com hũa nao tomada como lhe nysoutra esprevo e hũa fusta de Llarache com jsoutros dozaseys crystãos e porem poys jsto nom a de ser quys lhe rrespomder a sua carta as rrazões que hy avya pera não podermos ter paz senão temdoa todos ou gerra como damte tynhamos estas cartas de Molley Abraem como vossa allteza vera vem mostramdo tamta comtrusão neste negocyo que parese aver hy pouquo que fazer e porem sempre ho desarma com huns byquos em que se não pode aver nada por fyrme nem tambem poder lleyxar de trazer negoçyo nyso vosa allteza me rrespomda o que sobryso a por seu servyço por que emtão tomarey tam serta detrymynação que não amde jsto majs no campo e porque por todallas cartas e rrepostas vosa allteza vera ho que he pasado nom esprevo mays llarguo sobrysto a vosa allteza senão que Noso Senhor acresemte vyda e rreall estado de vosa allteza. D Arzylla a ix djas d agosto era de j̄ b[c] xxxij. O conde dom Yoam.

Sobrescrito: A ell rrey meu [senhor].

1537 — Do conde do Redondo de ix dias d agosto — 1537.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 59, n.º 28.

V

29 DE AGOSTO DE 1537

Carta de Mulei Abraem ao capitão de Arzila. — Deseja muito que se façam pazes entre os dois reinos; pedia para isso o treslado das que se fizeram com seu pai, Mulei Xeque, e logo mandaria pessoa de confiança com Rute para as assentar. — Está já velho, mas não o conde, porque gasta o tempo em servir as damas.

Mujto manyfyquo senhor. Eu rreçeby as cartas de vossa senhoria e nellas vejo a vomtade que tem pera me fazer merçe a quoall lhe mereço eu e quoamto por my fyzer porque crea vossa senhoria que eu não dezejo all senão servyllo e lleyxo jsto porque sey que a dias que vossa senhoria me conheçe quoamto senhor ao conserto que me na sua dyz que meu pay que Deus tem tynha feito e que tambem estava nas pazes eu senhor dyguo que tudo quoamto meu pay que Deus tem tynha feito e asentado que eu ho outorguo e asemto da mesma maneyra que as elle tynha asemtadas e feitas pera que lloguo vejnha jsto a comcrusão lhe peço que me mãode por Rute ho trellado do asemto que meu pay que Deus tem tynha asemtado e emtão mãodaremos hũa pesoa que nos bem pareser com Rute pera que lloguo as asemte com vossa senhoria e não amdaremos em mays dyllações e quoamto senhor a mulla que me vossa senhoria mãoda dezer eu lhe beyio myll vezes as mãos e crea senhor que polla comfyamça que nelle tenho porque sey que me não a de negar coussa me atrevo em mãodar lha pedyr porque não mãodo pedyr a vossa senhoria senão como mãodallo pedyr a mynha casa e asy lhe peço que faça esa comta da mynha porque nyso rreceberey merce e quoamto senhor ao sombreyro por elle se não agaste porque estava zombamdo e quoamto senhor ao que toqua as nosas ydades eu por mym ho dyguo que estou ja velho porem com hos tempo[s] que sosederão não he pera me por qulpa e quoamto he ao de vossa senhoria bem sey que nyso foy sempre mays mãoçebo que eu porque não gasta seu tempo senão em servyr damas não paso mays adyamte porque sey que me emtende vossa senhoria. Beyio lhe as mãos. Desta allmahalla oje xxix djas d agosto de j b^{c}xxxbij.

Trellado da carta que espreveo Molley Abraem ao comde.

No verso: Trelado da carta que Moley Abrahem espreveo ao conde do Redondo que elle mandou ha el rrey que veyo oge terça feira xxx de setembro de 1537 a Lisboa.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 59, n.º 47.

VI

13 DE SETEMBRO DE 1537

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III. — Remete a carta de Mulei Abrahem sôbre pazes. — Pede o contracto assinado por Mulei Xeque para que os mouros não possam sair das condições aí postas. — Se tivera poderes a paz já estaria feita, quando el-rei de Fez ia contra Tédula, que era a melhor ocasião para isso. — Como Mulei Abraem queria deixar de fora das pazes Tetuão e Larache e outras vantagens, o capitão requereu-lhe praso para pedir instruções sôbre isso, mas concedendo-lhe tréguas, emquanto elas não vinham.

Senhor. Hontem que forão omze dias de setembro chegou Mygell Sueyro e hum moço d esporas de vossa allteza com estas cartas suas e m[e] acharão que aquella ora tynha despachado hum homem a vossa allteza com ese rrequado que lla vera que mãodo e crea que se tyvera ho rrequado que agora tenho de vossa allteza que este negoçyo fora já acabado e a mym me parese que como compryra a seu servyço porque emtão amdava ell rrey com quebras e hya de camynho homde ja gora está tam açerqua de Tedulla e com ho poder que lleva e seus hemyguos ho temerão de maneyra que se rretyrarão hum pouquo atras e elles com muyto pouquo se emsobrevesem e se vossa allteza me mãodara do tombo hos asynados da comtradação da paz feita com Molley Xeque asynado por elle eu ho tynha ja atado da maneyra que vossa allteza vera por esa carta de Molley Abraem e a verdade he senhor que dos vasallos que tem tanto amor o servyço de vossa allteza como eu tenho a se de comfyar que oylhe pollo que compre a seu servyço porque em que o outros de seu rreyno ho posão mylhor saber servyr ho menos com a vomtade de ho fazer nom darey avamtagem a nyngem eu autorydades per espryvães seus e asemto dos comtos acho quoamto abasta para me não poderem sahyr do em que estão mas somente nom estarem asynadas por ell rrey de Fez me faz temer poderem lhe por duvyda porque elles são homens que se pegão a muj fraquas rrazões para quebrar sua verdade se aquesta caravella dei llugar que se posão trelladar hyra ho trellado a vossa allteza porque eu ja gora não poso tyrar jsto das mãos pera lho mãodar amostrar pera me qua ajudar dyso e d Allcasere e de Ceypta ajmda aguora mãodo hum homem que s[e] acha dysto allgũa coussa e a tambem a rrequeryr lhe que não fação gerra nem na comsymtão fazer ate vyrem rrequado meu porque Molley Abraem quoamdo me mãodou pergumtar se afyrmarya lloguo a paz e que mãodarya hum homem a capytollar comyguo rrespomdy eu que comsedemdo me como dansees [dantes]?

erão que ho que poderya fazer por elle estar lloguo em treguoa ate mãodar rrequado a vossa allteza porque como elle tyrava Tetuão e Llarache e nom dava jsto com outros mujtos pomtos da vamtagem que era bem que desem a vosa allteza pollas rrezões que tynha allegadas eu não estava seguro do que vossa allteza quererya fazer porem poys a comsedyão como erão que eu tomava sobre mym este tempo emquoamto lhe fyzese saber de estarmos seguros asy que elle mãodou mo comseder e ja gora não sera rrezão fazerem na sem elles sayrem do que tem prometydo. Noso Senhor acresente vyda e rreall estado de vossa allteza. D Arzylla a xiij dias de setembro de j̄ bᶜ xxxbij. Ho conde dom Yoam.

Sobrescrito: A ell rrey meu [senhor].

... Do conde de Redomdo de xiij dias de setembro que veyo aquy a Llixboa a 22 do dito mes.
Ja em rreposta.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 59, n.º 59.

VII

18 DE MARÇO DE 1538

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III.— Queixa-se que D. Duarte, capitão de Tânger, lhe tomou um judeu seu, Abrão Benzemerro, e, não obstante todas as suas instâncias, o não quis pôr em liberdade; pede, pois, a el-rei que o desafronte e lhe mande entregar o dito judeu.

Senhor. Abrão Bemzemerro veyo ter por Castella Allcaser e ho capytão d Alllcaser ho nom quys tomar porque vyo que me trazya hũa carta de mynha sogra e que era coussa que me pertensya e mo mãodou com dez de cavallo ho quoall rrequeryo ao judeu se querya que mo mãodase por fora de Tamgere e elle lhe dyse que não que querya hyr beyiar as mãos a dom Duarte ho quoall dom Duarte lloguo ho premdeo em ferros e eu lhe mãodey pedyr ho judeu por hũa carta mynha e outra da comdesa e elle ho não quys dar e depoys fuj eu em pesoa e fez outro tamto ho quoall lhe rrequery da parte de vossa allteza como vera que me fose emtrege poys vynha pera mjm e nenhũa destas coussas não quys eu beyiarey as mãos de vossa allteza mo mãodar lloguo entregar com toda a emmenda que mays mereçe em mo tomar asy vymdo em meu nome e por hum capytão voso mãodado com gemte ho quoall não fez a nenhum outro judeu de quoãotos d aquy mãodo a Ceypta por hy por Tamgere e de Çeypta a mym porque asy esta em costume com quoallquer carta de

capytão hyr seguro e Pedrallveres lhe deu carta ao Bemzemerro pera dom Duarte em que lhe fazya saber que vynha pera Arzylla e nom lhe valleo nada dysto porque ho rrespeyto porque se este premdya nom no tynhão nos outros eu ho tomara em Tamgere se quysera porque eu llevava gemte pera yso e elle era com alljaravya e sapatos de Cordova homde ho mar cobre quada ves por seu desenfadamento mas os sarguos fartão muyto senhor eu como em todas mynhas obras sempre rrespeyto a sua allteza e a seu servyço nom no quys fazer porque espero ver ho castiguo e enmenda que ha por jsto e beyiarlhey as mãos nom me por em neçesydade de o eu dever de fazer porque eu lhe dyse que se ho tomava por perdydo que era meu se nyso avya jostiça poys mo dava hum capytão a qujo poder elle fora ter e qujo podya ser avemdo hy nyso justyça e se era avemdo que tynha errado a sua jostiça e a seu servyço pera lho emtregar que eu me avya por emtregue delle por o emtregar a vossa allteza quada ves que me mãodase que lho mãodase se não ouvese por bem valler lhe ho couto e elle nom quys porque amda ja nestes pomtos em lhe pergumtar se darya dez myll cruzados por sy e que se vossa allteza por elle mãodase e lhe elle dese de mão se darya symquo e dysto não tenho testemunha porque elle ho pasou so com ho judeu porem eu bem creo que a vosa allteza que lhe fallo verdade e que a falla ho judeu em me comtar isto porque elle ja fez mays por dinheiro que isto beyiarlhey as mãos mãodar me lloguo emtregar este judeu poys vynha a mym e por o que vossa allteza mãodar eu ey que elle ho avera por tam seguro nas mynhas mãos como nas de dom Duarte e peço por merce a vossa allteza que a mays sastysfação de mynha homrra mãode fazer por jostyça porque delle amte quero dinheiro que nenhũa outra sastysfação que posa tomar porque isto a elle de symtyr mays que todallas outras e oylhe quoamto follga com elle que me comfesou mim hora ho que negou a vossa allteza sete anos em ferros e com lhe as torres quahirem na cabeça crea vossa allteza que lhe esprevo esta carta com payxão e por iso beyiarlhey as mãos mãodar me fazer jostyça com brevydade poys lha peço em me mãodar lloguo entregar ho judeu e se dom Duarte comtra elle tem dereito seguro estara em mynha mão. Noso Senhor acresente vyda e rreall estado de vossa allteza. D Arzyla xbiij dias de março de j̄ bᶜ xxx biij. Ho conde dom Yoam.

Sobrescrito: A el rey meu [senhor].

Arquivo nacional, Corpo Cronológico, parte 1.ª, maço 61, n.º 21.

VIII

8 DE MAIO DE 1538

Tratado de paz entre el-rei de Portugal e o de Fez, pelo tempo de onze anos, sendo procuradores de uma e outra parte o conde do Redondo, capitão de Arzila, e Mulei Abraem. Condições dela. — Traslado das duas procurações. — É o documento original.

Aos oito dias do mes de maio do ano do naçimento de Nosso Senhor Jhesu Cristo de mil e quinhentos e trimta e oito anos sendo jumtos ssobre ho Rio Doçe dom Joam Coutinho comde do Redomdo do conssellio d el-rrey de Portugal capitão e governador por ssua alteza da ssua vila d Arzila e Mulei Abrahem apressentaram as procurações asy do dito rrei de Portugal como d el rrei de Fez que tinham e se leram cujo theor he o que se sege de verbo a veibo e ho dito Rio Doçe he nesta vila d Arzila.

Terlado da procuração d el rrei de Portugal

Dom Joam per graça de Deus rrei de Portugal e dos Algarves d aquem e d alem mar em Afriqua senhor de Gine e da comquista navegaçam comercio d Ethiopia Arabia Perssia e da India. A quoamtos esta minha carta de poder e precuraçam virem faço saber que amtre mim e ho poderosso muito nobre e muito omrrado Hamet rrei de Fez se fala em sse asemtar paz d amtre mim e ele e meus rreinos e senhorios e os seus pera se estrevarem e avitarem os danos e males que da gerra se segem polo quoal pola muita comfiamça que tenho de dom Joam Coutinho comde do Redomdo do meu comselho capitam e governador da minha vila d Arzila que em todas as coussas em que ho encarregar me servirá com toda fieldade e assi como for mais meu serviço e me dara de sy toda boa comta e rrecado por esta presemte carta ho hordeno e faço e estetuio no melhor modo e forma que devo e posso por meo soficiente e abastamte precurador geral e espiçial pera ho asemto da dita paz amtre mim e ho dito rrei de Fez e de meus rreinos e senhorios e os seus e lhe dou pera elo todo ho meu comprido poder e mandado espiçial e geral de maneira que a geralidade nam derroge a espiçialidade nem ha espiçialidade a geralidade e pera por mim e em meu nome asemtar e concordar e capitolar ssobre ha dita paz com ho precurador do dito rrey de Fez que pera elo amostrar seu soficiente e abastamte poder e precuração assinada por ele e aselada do seu selo todo aquelo que bem visto lhe for e vir que compre a meu serviço e que possa capitolar e assemtar e comcordar e prometer e jurar em meu nome o que heu farei e comprirei e goardarei todo

ho que for por ele asemtado comcordado capitolado no dito asemto da paz com as condições pactos vimcolos ssob as penas e firmezas que por ele for asemtado comcordado e capitolado como se por mim em pessoa fose feito outro assi que possa jurar em minha alma que comprirei e goardarei rrealmente e com efeito todo ho que assi por ele no que dito he for comcordado asemtado e capitolado sem cautela engano nem desymulaçam algũa e que nam hirei nem virei comtra elo nem contra parte allgũa dello ssob aquellas penas que por ele dito conde meu precurador forem postas e comcordadas e pera todo ho que dito he lhe outorgo e dou todo ho meu comprido poder e com libera e geral administraçam e prometo e seguro por esta presemte carta de ter e manter rrealmente e com efeito todo ho que por ele dito conde meu precurador ssobre ho que toca a dita paz for comcordado asemtado e capitolado prometido segurado jurado e de ho aver por grato firme e valiosso e de nam hir nem vir comtra elo nem comtra parte algũa delo em tempo algum nem per maneira algũa ssob obrigaçam expressa que pera elo faço de todos meus bens patrimoniaes e da coroa avidos e por aver os quoaes todos expressamente pera elo obrigo e por certidam de todo ho sobredito mandei fazer esta carta assinada por myn e aselada do meu selo rredondo das minhas armas. Dada em ha cidade d Evora a xxbiiij dias de julho. Pero Fernandez ha fez anno de Nosso Senhor Jhesu Cristo de mill e quinhentos e trinta e sete anos a quoall carta de poder e precuraçam hera assinada por el rrey nosso senhor e aselada com ho seu sselo rredomdo de ssuas armas.

Terlado da precuracam d el rrei de Fez.

Eu Mulei Hamet rrei de Fez servo de Deus a quoantos esta minha carta de poder e precuraçam virem faço saber que amtre mim e ho muito poderosso dom Joam rrei de Portugal se fala em sse asemtar paz amtre mym e ele e meu rreino e senhorio e seus e meus vassalos e naturaes e seus pera se estrevarem e avitarem os danos e males que da gerra se segem e amtre nos he acordado que pera se entemder na dita paz ele envie pessoa com sseu poder ssoficiente e abastamte como pera tal casso se requere a Mulei Abrahem meu em lugar de jrmão que pera ho dito casso hordeno por meu ssoficiemte e abastamte precurador falar e praticar na dita paz e ambos per vertude de nosos poderes acordarem e asemtarem e capitolarem segumdo que em tal casso se costuma fazer polo quoal e pola muita comfiamça que tenho no dito Mulei Abrahem que todalas coussas em que ho encarregar me servira com toda fieldade e assi como for mais meu serviço e me dara de sy toda a boa conta e rrecado por esta presemte carta ho hordeno e faço e estetuio no milhor modo e forma que devo e posso por meu ssoficiemte e abastamte precurador geral e espicial pera ho asemto da dita paz am-

tre mim e el rrei de Portugal de meu reino e senhorio e seus e lhe dou pera elo todo ho meu comprido poder e mandado geral e espiçial de maneira que ha geralidade nom derroge a espiçialidade nem ha especialidade a geralidade e pera por mim e em meu nome asemtar e comcordar e capitolar ssobre ha dita paz com ho precurador d el rrei de Portugal que pera elo amostrar seu soficiemte e comprido poder e precuraçam assinada por ele asselada do seu selo todo aquelo que bem visto lhe for e vir que compre a meu serviço e que possa capitolar e asemtar e comcordar e prometer e jurar em meu nome que heu ho farei e comprirei e goardarei todo ho que por ele for asemtado e comcordado capitolado no dito asemto da paz com as comdições pactos vimcolos ssob as penas e firmezas que por ele for assemtado comcordado capitolado como se por mim em pessoa fose feito outro assi que possa jurar em minha alma que comprirei e goardarei rrealmente e com efeito todo ho que assi por ele no que dito he for acordado asemtado capytolado sem cautela engano nem desymulaçam algũa e nam hirei nem virey comtra elo nem comtra parte algũa delo ssob aquelas penas que por ele dito Mulei Abrahem meu precurador forem postas e comcordadas e pera todo ho que dito he lhe dou e outorgo todo ho meu comprido poder e com livre e geral administraçam e prometo e seguro por esta presemte carta de ter e manter rrealmente e com efeito todo ho que por ele dito Mulei Abrahem meu procurador ssobre o que toca a dita paz for comcordado e asemtado e capitulado prometido segurado e jurado de ho aver por grato e firme e valiosso e de nam hir nem vir comtra elo nem comtra parte algũa delo em tempo algum nem por maneira algũa ssob obrigaçam expressa que pera elo faço de todos meus bens patrimoniaes e da coroa avidos e por aver os quoaes todos expressamente pera elo obrigo e por certidam de todo ho sobredito mandei fazer esta carta assinada por mim e aselada do meu selo rredondo das minhas armas. Dada em ha cidade de Fez aos xxiiij d outubro de mill e quinhentos e trinta e sete anos o quoall poder de precuraçam do dito rrei de Fez pareçia por ele ser asynado segundo disse Amtonio Barrosso morador nesta dita vila d Arzila arabigo que muito tempo esteve cativo no rreino de Fez que disse que conheçia ho dito synal do dito rrei Hamet ser seu.

Por vertude das quoaes precurações comtrataram e asemtaram ambos jumtamente em nome dos ditos seus rreis rrespeitivamente paz por mar e por terra por tempo de onze anos compridos a saber amtre hos ditos rreis e ho[s] emperadores na forma e com as condições e capitolos segimtes.

Primeiramente que todolos mouros que viverem em todalas aldeas que agora estam povoadas do tempo da gerra no campo d Arzila Tanjere Alcacere e Ceita duramdo ho dito tempo dos omze anos sejam da jurdiçam d el rrey de Fez e de Mulei Abraem e que queremdo povoar mais do

que esta povoado ao presemte ho nom poderam fazer sem liçemça dos capitães dos lugares em cujo termo quiserem fazer a tal povoaçam e os que assi abayxarem ao campo pagaram a el rrei de Portugal de cada arado com que lavrarem hũa dobra de bamda e el rrei de Fez e Mulei Abraem por estes mouros que lhe assi deram de jurdiçam daram em cada hum ano ao dito rrei de Portugal dez cavalos bons ssãos e de rrecebim.

Item. Os mouros de todo ho rreino e senhorio de Fez poderam vir vender e comprar toda ha ssorte de mantimentos e todas as outras mercadorias seguramente dos cristãos e hos cristãos deles como amigos tirando todas as armas e monições e todas as outras coussas semelhantes.

Item. Se alguns navios de rreinos ou senhorios estranhos a saber de mouros turcos ou cristãos que nam sejam vassalos do dito rrei de Portugal nem do emperador vierem a quoallquer dos portos dos ditos rreis com pressa de mouros ou de cristãos dos comprendidos nesta paz nam seram rrecolhidos nem se comprara nada delles em algum dos ditos portos.

Item. Que ssaindo os ditos navios de quoallquer dos ditos portos e tornando a eles com pressa da maneira ssobredita lhe sera tomada e rrestituida a quem for feita senam forem tantos que conheçidamente se nam possam ofender.

Item. Quoallquer pessoa assi de hũa parte como da outra que emtrar no limite alheo com gados sem pidir primeiro liçemça e se comçertar com ho capitam do lugar em cujo termo assi quiser emtrar com ho gado perdera todo ho gado que meter.

Item. Que quoallquer morador de quoallquer dos ditos rreinos e senhorios que comtratar em quoallquer das ditas partes levando coussas fiadas de hũa parte a outra ou fazendo algũa bulrra ou engano e a parte daneficada o for ou mandar requerer ser lhe a feita imteiramente justiça e lhe sera pago o que lhe for devido.

Item. Se algum mercador ou quoallquer outra pessoa que levar mercadorias de quoallquer dos ditos rreinos e senhorios pera ho outro e la cometer algum delito per que mereça pena dar lhe am a pena que por justiça mereçer em ssua pessoa e na fazenda nam se tocara por que nam possa pareçer que por lhe tomarem ho seu e com cobiça do alheo se alevanta falsso testemunho.

Item. Que quoaesquer cristãos ou mouros que entrarem sem licemça demtro dos termos huns dos outros em maior numero que cimquo de cavalo juntamente levando lamças pagara cada hum de pena aquilo que parecer bem do dito comde e ao dito Mulei Abraem e capitães dos ditos lugares a saber ho dito comde e capitães julgaram a pena que hos mouros merecerem e Mulei Abraem aos cristãos não passando a dita pena de cimquoemta cruzados.

As quoaes coussas todas e capitolos e condiçoes acima decraradas os

Fac-símile da fol. 181 r. do manuscrito 1758 da Biblioteca Nacional de Lisboa.
— Pag. 295 e 296 desta edição.

ditos conde e Mulei Abraem per vigor das ditas procurações e em nome de seus rreis prometeram hum ao outro e o outro ao outro de comprir e goardar pelo dito tempo de onze anos jnteiramente como nelas he conteudo ssob pena que ha parte que nom comprir todas as coussas ssobreditas e cada hũa delas pagar de pena a outra parte por cada vez que ho assi nom comprir cimquoemta mill cruzados d ouro e mais todo ho jnteresse e dano que por assi ho nom comprir se caussar e a pena levada ou nam levada todavia este comtrato ficara firme e se comprira como se nele contem polo dito tempo dos omze anos que se começam por dia de sam Joam deste dito ano de mill b[c] xxx biij e por verdade assinaram ho dito comde e Mulei Abraem de seus synaes e ho ouveram por bem que a cada hũa das partes fose dado hum terlado deste comtrato e dous e tres e quoantos lhe comprisse pera ho ter pera sua goarda testemunhas que presemtes estavam ao dito comtrato dom Francisco Coutinho filho do dito comde do Redomdo e dom Manoel Mazcarenhas e dom Ambrossio de Vascooncelos filho do comde de Penela e assi cide Ale Barraxa xerife filho do dito Mulei Abraem e Mulei Mafamede xerife jrmão do dito Mulei Abraem e cide Abedulahe Laroz alcaide d Alcacere as quoaes testemunhas assinaram aqui neste dito comtrato com ho dito comde e Muley Abrahem. E eu Symão d Afonsequa esprivão dos contos d ell rej noso senhor nesta dita vylla esto sobesprivy no dito dia e mes e ano.

عبد الله ابراهيم بن على بن راشد
الشريف ....

«... Abde Alah Ibrahim, filho de Alí, filho de Ráxede, xerife....»

O conde dom Yoam

على ابن ابراهيم بن راشد
صح عل [= على] موفقة خى مولى ابراهم
دام الله عنه وكتب عبد الله محمد بن على
بن راشد لطف الله تعاى بد

«Alí, filho de Ibrahim, filho de Ráxede. Certificou e assinou o irmão de Mulei Ibrahim, Abde Alah Muhâmed, filho de Alí, filho de Ráxede. Deus excelso o favoreça!».

Dom Francisco Coutjnho
Dom Manuel Mazcarenhas
Dom Ambrosyo de Vasconcellos.

وكتب بذلك بموفقة على ما ما عملوا
طيافنا[؟] فى هاذ [= هذا] الصك وكتب
بذلك وصيف مولاى احمد شهد على نصبه
عبد الواحد العروسى والله الموفق والسلام

[Texto árabe bastante obscuro. Certo só aí lemos o nome da testemunha Abde Aluahide Alarucí, alcaide de Alcácer, como se diz no texto português.]

No verso: Capitolação das pazes d el rrey de Fez com el rrey noso senhor.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758 [antigo F-4-14], fol. 179 r.-181 r.

IX

17 DE OUTUBRO DE 1538

Carta do conde D. João Coutinho, que fora capitão de Arzila, a el-rei D. João III. — Dá-lhe parte da sua chegada a Mertola, onde adoeceu de febres terçãs. Logo que esteja restabelecido seguirá para a côrte.

Chegey a este Allgarve a dez dias com fundamento de me hyr loguo dereito a beyiar as mãos a vossa allteza e adoeçy em chegamdo de trasam de que tyve ja quoatro ou symque sazans e vão semdo mays pequenas tamto que me mynha doença der lugar loguo me hyrey a beyiar as mãos a vossa allteza quja vyda e rreal estado Noso Senhor acresemte. De Mertola aos xbij dias d outubro de ĵ b^{c} xxx biij.

Ho conde dom Yoam.

Sobrescrito: A ell rrey meu [senhor].

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 63, n.º 15.

Capitania de Dom Manuel Mazcarenhas

X

4 DE MARÇO DE 1539

Carta de D. Manuel Mazcarenhas, capitão de Arzila, a el-rei D. João III. — Dá-lhe parte que dois mouros de cavalo, criados do alcaide de Larache, e outro de pé, criado de el-rei de Fez, se vieram fazer cristãos. — O alcaide de Larache manda requerer os cavalos por um judeu e um mouro. — O mouro de pé foge com êles para Larache. — O capitão de Arzila queixa-se dêste procedimento ao alcaide. — Recados entre o capitão e Mulei Abrahem sôbre êste assunto e outros semelhantes. — Um mourisco do conde do Redondo, que havia fogido, pediu seguro para voltar e vai ao reino a seu senhor. — Manda um bombardeiro a el-rei com um rol de cousas necessárias ao provimento da vila.

Senhor. Depois de ter escrito a vosa alteza outra que não partio primeiro que esta por não dar o tempo llugar vierão ter tres mouros ha esta villa dous a cavallo e huum a pee e me requererão que hos mamdase fazer cristãos pergumtei lhe se era agravo alguum com que vinhão que escreverja a Mull Abraem por elles que lhe perdoase diserão que não que sua vomtade era ser cristãos erão dous deles os que trouxerão cavallos criados do alcaide de Larache e huum majs moço hera criado d el rrey quamdo vy sua vomtade os mamdej fazer cristãos este d el rrej majs moço veo lloguo seu paj buscar trazia consiguo outro filho pequeno de dez ou doze anos e estamdo haquy heste mouro ja desemganado do filho que hachou cristão veo huum judeu e huum mouro criados do alcaide de Llarache e me derão hũua carta sua em que mamdava pedir os cavallos dizemdo que herão seus o qual judeu trazia huum seguro do alcaide pera o majs moço que ho paj vyera buscar e não porque lho eu vise senão porque elle nam ousarja tornar se sem elle e o dia que d aquy partio ho mouro paj do moço partio lloguo ho judeu despois dele ser partido com outro criado do alcaide com que viera e levou minha rreposta ao alcaide da carta que me trouxe depois de ser partido a duas oras poderja ser me vieram dizer estamdo na igreja como ho mouro majs moço cryado d el rrey de Fez era

fogido e que ya pollo caminho de Llarache com ho judeu e com ho mouro que me trouxera a carta do alcaide e seu paj com ho outro jrmão majs moço yam majs diamte a sua vista mamdej ver se o podiam alcamçar chegarão ate o rrio de Larache e eram ja pasados dise a hum omem meu que se ja fosem pasados chegase a Llarache e disese ao alcaide que não hera bom vizinhar d aquela maneira a quem se vem tornar cristão e mamdallo levar pollos seus e que hos avia por presos na sua mão ate escrever sobre jso ha Mull Abraem e ver seu rrecado rrespomde me que elle darja conta delles quamdo lha pedisem dos seus que ho paj do moço e o moço que hele os mandava a el rrej que lla os tinha os outros dous vão a vosa alteza os cavallos lhe ficão qua e asy outro que haquj tenho que veo estamdo aquy o comde Mull Abraem me escreveo ja duas vezes sobre estes cavallos que lhos mamdase heu lhe rrespomdy a yso que serja neçesarjo tãobem mamdarem de lla alguns que lla são diz Mull Abraem a jsto que hos omens que de la fogem não tem cavallo nenhuum seu senão do senhor com que vivem que lhes dão somente pera os servyrem neles heu lhe escrevj depois que tambem hos que de qua yão deixavão divjdas e alguns suas molheres poderjam ter parte naquillo que de qua levam e que per esta rrezão sera tãobem alheo o que de qua levam os omens que fogem tãobem fogio d aquy huum escravo negro de huum morador e levou lhe hũa azemalla e tornou xe mouro a qual azemalla não he parecida nem eles dão comta dela isto fica asy como diguo a vosa alteza mande me ho que ouver por bem que nisto faça tãobem huum mourisquo que foy do conde ja cristão e lhe fogio a mujtos dias me mamdou haquy pedir seguro pera se tornar mamdei lho e veo se elle se vaj lla a vosa alteza o que delle sey he que he homem de bem e paremte do alcaide d Alcacer e que por se tornar pera Deus e pera vosa alteza leixou casa e fazemda que he rrezão pera lhe vosa alteza fazer merçe huum bombardeiro desta villa vaj lla e leva huum rroll de certas cousas que são necesarjas pera artelharja e asy outras de que o almazem tem falta mamde vosa alteza prover. Nosso Senhor acrecemte vida e rreall estado de vosa alteza. D Arzilla a iiij dias de março de j̄ bᶜ xxxjx.

Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera ell rre[i].

Arquivo nacional, Gaveta 20, maço 5, n.º 26. Publicado, em tradução francesa, pelo sr. Conde de Castries, Les sources inédites de l'Histoire du Maroc, France, I, p. 114-117.

XI

2 DE ABRIL DE 1539

Carta de Sebastião de Vargas, feitor do trigo em Fez, a el-rei D. João III. — Em carta anterior dissera que convinha tolher que nenhumas pessoas passassem de Castela ao reino de Fez e inversamente pelos males que daí procediam. El-rei assim o ordenara já. — Com o pretexto de comprar trigo, muitos cristãos-novos sobem os rios da Mamora, de Larache e Çalé e vão até Mequinez e se passam a terras de infieis com suas fazendas, com medo da santa inquisição. — Pede que se proveja nisto, impedindo-o, e no mesmo se inste com o imperador.

Senhor. Ao que senhor vosa alteza me spreve que lhe pareceo bem o aviso que lhe sprivy dos capitãees não deixarem passar pesoas d Espanha pera este rreino nem de qua pera a Espanha e que logo lho manda sprever pera que asy o cumprão e guardem vosa alteza aja por sem duvyda que he muito seu serviço e çarrarem se de todo pera nenhuum cristão ca vyr como largamente lhe esprivy que o seria muito e muito de Deus Nosso Senhor porque ssão muitos os males e desordens que cristãos ca ffazem affora nosa liberdade perdida e dada aos mouros como em mjnha carta vosa alteza teraa visto peço por mercee a vosa alteza que a torne a mandar ver que guardada deve estar e per mjnhas rrazões que nella lhe dou vera quão leve he de tolher nj[n]guem vyr ca e o muito que njsto se aproveita.

Item. Senhor pollos rrios da Mamora e Larache e Çale vem a trigo e com ssõo delle a este Mjquinez muitos vasalos de vosa alteza a comer carne toda esta coresma e muitos cristaãos novos a se ffazerem judeus e trazerem ffazendas suas e as deixão ca ja com medo da samta jmquisyção e depois se pasarem afforrados e sem ffazenda que ja ca a tem lla ha pasajeyros que os passão e aa mouros cativos e muitos delles tornados cristãos tambem estes rrios cumpre a serviço de Deus e de vosa alteza serem çarrados a vossos vasalos e que de vosos rreinos vyerem so graves penas a todos e aos mareantes dos navios taaes que nelles se executem e sejão castigados avendo no Algarve provysão as justiças que o que disto lhe ffor sprito per seu ffeitor e autos ffeitos per seu sprivão sejão castigados e dos castelhanos pello emperador se podem evytar porque não perde cousa algũa em suas allffamdegas como largamente o sprivy a vosa alteza por amor de Noso Senhor que vosa alteza veja bem mjnha carta e mjnhas rrazões que pera tudo dou e mande prover e com brevydade como ho ouver por seu serviço e de Deus Noso Senhor ca se diz que ha

cincoenta casaees lla prestes pera pasar pera ca de cristaãos novos. De Mjquinez oje ij dias d abryll de j̄ bᶜ xxxix anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 64, n.º 86.

XII

8 DE AGOSTO DE 1539

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III sôbre as dividas ao bacharel Duarte Rodrigues. — Pede lhe seja pago o que se lhe deve, porque o bem merece.

Ho bacharell Duarte Rodriguez que agora serve nesta villa tem hum halvara de vosa alteza pera que ho primeiro pagador que a esta villa veer lhe pague o que lhe for devjdo e porque elle serve esta villa bem e a comtemtamento de todos como o comde mjlhor diso dira a vosa alteza esta emdivjdado de maneira que sem merce de vosa alteza pagara mall o que deve pede a vosa alteza lhe mande ser feito pagamento per Amtonio de Sampayo que hora esta nesta villa e eu pollo que delle sey e como serve ho merece a vosa alteza cuja vida e reall estado Noso Senhor acrecemte. D Arzila oje biij dias d agosto de j̄ bᶜ xxxix.

Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera ell rey.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 65, n.º 31.

XIII

25 DE AGOSTO DE 1539

Carta do capitão de Arzila a el-rei D. João III. — Como já escrevera a el-rei, convinha vigiar os mercadores que iam ao reino de Fez, porque eram muito prejudiciais, principalmente ao trato do trigo. — Remete-lhe uma carta de S. de Vargas, por onde verá quanto cumpre tomar providências sôbre isso. — Antonio de Moura, feitor em Arzila, vai exercer o mesmo cargo a Larache. — Na barra de Larache está uma nau de franceses que vendem armas e cousas defesas aos mouros. O navio de armada que está em Arzila poderá pôr côbro nisso, se for mandado. — Diz ter nomeado Rodrigo de Bairos alcaide das sacas, por ser pessoa própria para isso. Pede por mercê que seja confirmado no dito cargo, e não preste ouvidos aos que lá lhe disserem que daí pode resultar diminuição da renda da alfandega. — Que um castelhano vendera a um mouro uma besta de aço, o qual foi preso e confessou, de que se fez auto e fará justiça. — António de Sampaio, pagador, estava ainda em Arzila e por isso pedia por mercê a el-rei que fôsse pago do que se lhe devia, porque estava individado.

Senhor. Eu escrevy ja a vosa alteza que devia prover sobre alguns mercadores e pesoas que tratão neste rreino pello desservyço que vosa alteza niso rreçebia primcipallmente sobre este contrato do trigo como creo que vosa alteza sera bem emformado e porque eu nos que por aquy pasão faço aquele exame que cumpre e vosa alteza me tem mamdado ey que se não podem neste caso avitar sem vosa alteza niso prover como agora vir que cumpre a seu servjço, e vosa alteza alem das mais enformações pode mamdar ver hũa carta que lla mamdo hao conde de Penella que hagora me escreveo Bastiam de Vargas sobre este mesmo caso e per ella vera quamto seu servyço he fazello e elle tera disto bem enformado vosa alteza que ho vee visto tudo mamde ho que ouver por mais seu servjço.

E quamto ao que me mais escreve d Antonio de Moura escrivam desta feitoria jr servir seu oficio heu lho dise lloguo da parte de vosa alteza e elle se vay a Llarache pera d ahy fazer ho que em seu oficio cumpre a servjço de vosa alteza.

E porque vosa alteza mamde em tudo ho que mais seu servjço for diguo que nesta barra de Llarache fica hũa naao de framceses os quaes eu são emformado que vemdem mujtas armas e cousas defesas aos mouros e asy llacar que he sinal de fazerem mais que ysto ho escrevo a vosa alteza e aquy esta Gramatão Telles com ho navio d armada de que he

capitão que fara o que lhe vosa alteza mamdar sobre yso e eu sey que estão alguum tanto temidos por elle aquy chegar.

E porque pera estas cousas e outras que cumpre a serviço de vosa alteza segundo fuy emformado per Ynaçio Nunez e o sam per muitas pesoas que de Fez vem me pareçeo ser neçesaryo e serviço de vosa alteza aver nesta villa hũa garda e alcaide das sacas das cousas defesas pera se avitarem ordeney Rodrigo de Bairos cavalleiro da casa de vosa alteza e morador nesta vila pera servir este ofiçio por ser pesoa pertemçente pera yso e que ho servira como cumpre a servjço de vosa alteza o que avemdo asy por servjço me fara merçe comfirmallo e mamdar lhe pasar sua carta em forma.

E ajmda que vosa alteza seja disto per algũas pesoas enformado em comtrairo per rrespeito da rremda de sua alfamdega eu tenho bem visto e praticado o que cumpre a serviço de vosa alteza de maneira que ho rremdeiro della aqueixamdo se de hasy o ordenar por servjço de vosa alteza me dise que não no fazemdo acabamdo seu arremdamento de que pagava quinhemtos mil reaes queria dar mais a vossa alteza trezemtos mill que he ver vosa alteza ser seu servjço ho que faço porque eu ey que na mão de huum rrendeiro esta desemular neste caso cousas pera virem ha fim de se vemderem em terra de mouros mujtas armas e cousas defesas como se faz e vosa alteza serja enformado per Ynacio Nunez qu[e] em parte o vio e desta maneira que diguo he caminho de se avitarem quamto a per aquy estas cousas.

E agora fuy sabedor como huum castelhano vemdera ha huum mouro que amdava neste campo hũa besta d aço e mandej prover sobre yso e foy preso e confesou que lha vemdera por tres cruzados de que se fez auto e se fara comprimento de justiça como vosa alteza mamda per suas ordenações diguo jsto por que saiba vosa alteza o que se mais pode evitar avemdo o que diguo por seu serviço no que me fara merçe.

Amtonio de Sampayo esta jmda nesta villa como escrevy a vosa alteza e per que me pode bem pagar o que me he devjdo do tempo que ha que estou nesta villa mamdamdo lho vosa alteza far m a muj gramde merçe avello asy por seu serviço e mandar lhe que me pague o que achar que me he devjdo que pera qua emdevidado estou pera os que menos devo me faz muj gramde merçe. Noso Senhor acrecemte vida e rreall estado a vosa alteza. D Arzila oje xxb d agosto de j̄bᶜxxxjx. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera ell rrey.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 65, n.º 52.

XIV

12 DE OUTUBRO DE 1539

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Diz que o infante D. Henrique enviara criados seus a Fez para comprar cevada para a sua estrebaria; vieram-lhe recomendados para que os ajudasse no seu intento, e êles fizeram a compra sem o ouvir, por preços que êle obteria mais vantajosos. Queixa-se do seu procedimento, porque daí vem muitos inconvenientes no trato com os mouros. — Pede instruções para a compra do trigo da colheita proxima, e lembra que o lacar, com cuja venda se paga o trigo, devia estar sempre á sua disposição, para poder realizar a tempo as suas transacções e cumprir as suas ordens. — Os preços hão de subir, porque havia muitos mercadores, que danaram assim o negócio. Para remediar á grande alta de preços do trigo, lembra o emprêgo dos navios de armada para o seu transporte, tomando o aos estrangeiros pelo preço do custo, ainda que isto talvez provoque reclamações da parte de Castela, ou represálias em navios portugueses; mas aos nacionais deve-se-lhes tomar e castigá-los, por se empregarem no seu trato sem licença.

Senhor. Ho jnffamte dom Amrrique que me spreveo hũa carta que enviava a este rreino João Pereira seu moço da camara e Bastião Amrriquez a ffazerem algũas cousas de seu serviço e pera comprarem hũa copia de cevada pera sua estrebarya e me derão hũa carta do jnffamte em que me encomendava que os ajudase averem a dita cevada João Pereira me deu a carta e eu lhe rrespomdi que el rrey me tynha dito que nenhũa cevada avia de vender ffalando lhe eu em cevada pera vosa alteza e pera a rrainha e que comtudo que me parecia que a não averão de levar que el rrey a não darya que eu o trabalharya de maneira que a ouvesemos pera elles levarão e pera vosa alteza e pera a rraynha que ma tynha mandado encomendar da ora que me deu a carta o João Pereira nunca mays o vy nem me ffalou e ordenarão de negoçear a cevada per via de Roayne per carta que lhe trouxerão de seu jrmão e ssem eu ssaber nada a comprarão de boa prata nosa de rrealles a b^c^xx rreaes a çaffa e com xxb por cento que a prata ca mays vall são bj^c^l rreaes a caffa que say o moyo a ĳ b^c^ reaes a borda d agoa e com ffrete e gastos sayra em Lixboa a iij reaes ffaço saber a vosa alteza que se ffez sem eu nada saber senão depoys de ffeito e que eu tenho por certo que ouvera a cevada a cruzado a çaffa que a iij^c^xx he a mayor careza que nesta terra nunca se vyo e porque ell rrey punha duvyda em a dar porque ha ca della necesydade ffazia eu ffundamento de aver delle a cruzado que hera obrygallo

a madar pollo muito preço que lhe ffora huum cruzado vyerão estes e sem nada eu saber como senhor ja digo a comprarão a bj^{c}l a çaffa que danarão a terra e esta da maneira que o ffaço senhor saber a vosa alteza porque como as cousas taees e esta mesma se ffaz por muitas mãos não pode deixar de se danar o trato e o negoceo e tambem lho ffaço a saber porque se deste preço compre aver se pera sua estrebarya tenho ja palavra de ma darem mas he tão cara que he cousa vergonhossa que casy se vay ygualamdo com o preço do trigo o que vosa alteza disto ha por seu serviço me mande rrespomder e em breve.

Item. Senhor como digo do trigo e da cevada que se não deve aver por muitas mãos asy o digo das mercadoryas que como estão em muitas mãos abaxa e vall menos porque cada huum quer vender e hyr se pera sua casa em spiciall estamdo em rreyno estranho digo senhor isto pollo lacar que mandey pydir pera pagamento do trigo de Benjija pera que com o que nelle se ganhar fficar o dito trigo a bõo preço que se outro vyer que sse aja de vender per outra mão senão polla mjnha que não valera ao preço porque me parece que sse ese vendera ffaço tambem a ssaber a vosa alteza porque não sey se o contrato de Benzemeiro dura ajmda pera que traga ca llacar que a poucos dias que a esta cidade veo huum golpe delle ou ao menos mande entreter quallquer contrato que ouver ate se qua gastar este que peço a vosa alteza o quall lembro que ja ca devera de ser em Ceita e posto nesta cydade de Fez pois vosa alteza quer que o trigo vaa neste levanjlho e não se aguarde pollo jmverno ao que eu dou toda a deligencia que de qua se pode dar pera o trigo hyr aos rrios nelles aja logea que o leve e de Lixboa venha o que peço com que se pague.

Item. De Malega vosa alteza teraa nova eu tenho carta de Ffrancisco de Bayrros seu moço da camara de primeiro deste mes d outubro em que me diz que lhe parece que estava aly de vagar segundo o trigo aly se a de vagar toco isto senhor por que ja lhe sprevy que o trigo se levamtou ca a iij onças mea e me rreceo que suba mays segundo mercadores acodem e vosa alteza me deffende que não compre outro trigo a iij onças senão o de Benjija e eu querya ver se depoys d ell rrey comprir comjgo a copia que me fficou se poderey aver delle mays alguum e se o ouver não creo que mo de pollo preço do contrato pollos muitos mercadores e pollo muito preço que se vay damdo por elle isto senhor ajmda esta lomje mas como d aqui a Lixboa não se pode cada dia ffazer a ssaber estas cousas o ffaço des agora porque se ffor caso que seja o que digo o que me manda vosa alteza que ffaça em tal caso me mande sprever pera que posa estar aprecebydo do que ey de ffazer e não me tomem de sobre salto como ora foy desta cevada que me convydão com ella a este preço e a não ouso tomar e tambem como ffoy do trigo que ora venderão a iij onças mea que tambem mo davão e o não quis tomar pellas rrazões ja aqui ditas e por outras que lhe lla sprevy em biij de outubro.

Item. Muita parte de se isto emendar serião os navios d armada pera tomarem trigo e cevada que mercadores carregarem porem lembro a vosa alteza que o que tomar a estramjeyros que lho a de mandar pagar a como lhe ca custar e que não sey se de lhe ser tomado aos taaes se avera escamdalo em Castella ou ffazerem rrepresaryas em navios portugeses por não hyrem a vosa ffazenda rrequeryr seus pagamentos tudo lembro a vosa alteza quanto aos estramjeiros que em vossos vasalos não somente a mester tomado mas ajmda castigados pois sem licença de vosa alteza vem danar esta terra o de disto tudo ffor servydo me mande rrespomder e ao que per mjnhas cartas todas sprevo que todas pedem rrepostas. De Fez oje xij dias de outubro de i539. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A ell rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 66, n.º 4.

XV

9 DE DEZEMBRO DE 1540

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Diz que lhe mandara cartas por via de Ceuta, em que dava parte de terem chegado a Fez Francisco de Aguiar, de Azamor, e um judeu, de Safim, com cartas dos seus capitães sôbre estarem em guerra com o xerife, e assim fora grande êrro se tivesse cumprido o que lhe ordenara de dizer a el-rei de Fez que as tréguas não durassem mais do que até todo abril. — Também nelas escrevera o negócio dos porqueiros do campo de Tanger, que tanto alvoroço causara entre os mouros. A pedido dêle, el-rei de Fez mandou um cavaleiro ao lugar do acontecimento para que se informasse. — No entretanto, chegara a Fez a nova de que o capitão de Ceuta, D. Afonso de Noronha, correra a Tetuão, havendo pazes entre os dois reinos. — O cavaleiro de el-rei de Fez chegou, em-fim, e confirmou que os negócios dos campos de Ceuta, Alcácer e Tanger estavam muito mal, porque mouros e cristãos não cumpriam as pazes e exerciam represálias uns contra os outros, havendo mortos e cativos de parte a parte. — Vargas queixa-se da falta de energia do govêrno de Fez para coibir os excessos dos mouros: el-rei é bom mas fraco, e os alcaides vizinhos das nossas praças não cumprem as suas ordens, nem impedem os desmandos da sua gente, parecendo que antes querem guerra que paz. — Diz a el-rei de Fez, para se fazer obedecer, que, em vez de recorrer aos alcaides fronteiros, que nisso põem má vontade, mande a seu filho Mulei Mafamede, justiça maior do reino, muito temido nele, que ponha côbro aos desmandos dos seus súbditos

em quebrarem as pazes. — O seu processo de fazer justiça era muito sumário: uma só pena, a de morte. — Aceitou Mulei Mafamede o encargo e mandou logo o alcaide cide Ehiaque em nome de el-rei e seu fizesse saber a todas as cabildas, xeques e alcaides fronteiros que havendo pazes entre os dois reinos lhes mandara que não saissem delas, porque seriam obrigados a reparar os danos feitos e castigados severamente os culpados. — Por sua parte, os capitães das praças castigarão os cristãos culpados de violências sôbre os mouros. Essas desordens provêem de se criarem porcos nos campos dessas praças; e os porqueiros são castelhanos e ladrões. — Vargas escreveu aos capitães dando-lhes parte do a que ia o alcaide cide Ehia, para o receberem como convinha ao serviço de el-rei e á reforma das pazes. — Afirma que foi cousa feliz estar êle em Fez para poder acudir as más novas que corriam na cidade, que de contrário tudo se perdera e as pazes se quebrariam sem remédio, porque el-rei é fraco de vontade, como disse. — Escreveu aos capitães que avisassem el-rei, seu senhor, do estado em que ficaram com os mouros, e que, se êstes não cumprissem como deviam, lh'o mandassem dizer a êle, para que junto de el-rei de Fez obtivesse medidas de repressão. — Pede de novo a el-rei que se não consintam mais porcos nos campos das praças, porque todos os males e danos que os mouros teem feito são por causa dêles. Estes porcos são de cristãos novos e de castelhanos. — Em aditamento, diz que os porqueiros de Tanger matavam um judeu e um mouro ricos para os roubarem, e tal nova dera grande abalo em Fez, mas constara que o capitão prendera já dois porqueiros; sabe-o por judeus e mouros recém-chegados, e não que o dito capitão o avisasse, como devia, para atalhar o mal que dai podia seguir-se. — Havia dias, el-rei mandara-o chamar para lhe apresentar uma carta de queixumes de mouros de Tetuão. Alguns dêsses queixumes.

Senhor. Ha poucos dias que sprevy a vosa alteza per cartas que fforaom ffeitas a bij e a biij do mes pasado e fforão per vya de Çeita e dom Afonso me espreveo que as rreccbera e aas envyava a vosa alteza per Pero Vieira seu criado que has avia de dar a vosa alteza e em ssua mão o quall partyo de Ceita a xbij dias do dito mes e ffoy aver licença de vosa alteza pera comprar em Ceita huum certo officio.

Item. Senhor pellas ditas cartas ffiz a ssaber a vosa alteza como Ffrancisco d Aguiar morador em Zamor veo a esta cydade com cartas d Amtonio Leite pera ell rrey de Ffez depoys de ja qua ser huum judeu de Çaffym com cartas de dom Rodrigo seu capitão tambem pera el rrey de Ffez nas quaees ambos ja lhe ffazião a ssaber como estavão em guerra com o xarife e nellas sprevy a vosa alteza a conffusão que ffora se husara de hũa carta de vosa alteza que a mjnha mão aquelle tempo me vyera em

que me mamdava que disese a el rrey de Ffez que tynha mandado que as tregoas não turassem mays que atee todo abryll.

Item. Per estas mesmas cartas sprevy a vosa alteza os [a]conteçimentos de homens porqueiros cativos e mouros e cristãoos matarão tudo acontecido no campo de Tamjere e asy como a meu rrequerymento el rrey de Ffez mandava huum cavaleiro seu a saber destes acontecimentos e apagar este ffoguo que se aly acemdia e que tambem se avya de ver com todos os outros capitãees pera com elles asemtar os males e ordenar como se outros não ffizessem e tudo fficase em paz e asosegar o quall cavaleiro d el rrey se chama cyde Alexaerrom.

Item. Senhor depoys deste cavaleiro partydo d aqui estamdo nesta mjnha pousada ffuy chamado e entramdo em cassa d el rrey amtes de o ver me vy em affronta de jemtes e povos que davão brados e gritos que dom Afonso de Noronha que correra a Tutuão queremdo-me matar e a volta de povo o quiserão ffazer entrando mays pollas casas homens omrrados e offeçiaees d el rrey aos quaees ssem eu atee aquella ora ter nada ssabydo nem mays do que lhes a elles ouvya dise e tambem com brados e mays queixas que aas suas que não dizyão verdade e mostrey hũa carta que açertey de levar na mão d outra pesoa e dise esta carta ffala mays verdade que todos vos outros com o quall todos amanssaraom que são taom valadys que asy como de nada se levantão como maar asy tambem de nada e com nada se tornão apaziguar e tambem senhor porque elles jerallmente tem por nada quallquer nova ajmda que sseja do turco se ma não ouvem a mym e digo que a tenho per carta d outra maneira nada crrem e como se eu tivese jmteligençias de todo mumdo como me vyrão mostrar a carta que digo diserão iso sera o mays çerto.

Item. Depoys de asosegados e como eu nada sabya quis ssaber o negocio amtes de entrar a el rrey e dise ora contay me que nem vos trouxe esta nova diseram me huum criado de cyti Alhorra e diz que dom Afonso que correo a Tutuão e que levou tres mouros e muito gado rrespomdy não me ey de bulyr d aqui nem hyr a el rrey que me mandou chomar ate vir ese criado de cyte Alhorra ffoy achado e veo estamdo eu ja ssem povo se não com sete ou biij omrrados officiaees e criados d el rrey perguntey o negocio e rrimdo dise atee omde chegou dom Afonso com sua bamdeira que os corredores mays avamte avião de chegar dise o mouro dom Afonso não correo mas cristãos de Ceita vyerão tomar tres mouros de huum currall que esta junto com Negrão ffiquey descamsado de não ser ja o que dizião e comeċey a zombar e a rryr me dos mouros com quem estava assentado e dise lhe tudo isto que este diz ajmda he bulrra que tudo he nada e eu tenho diso esta carta e ffuy me a el rrey e elles fficarão todos assentando que o que dizia o criado de cyte Alhorra hera myntyra que eu sabia tudo o que se ffaz polo mundo.

Item. Entrey a el rrey e perguntou me se tynha algũa nova dise lhe

que não senão a que ouvyra a sua porta dise me então cyte Alhorra me espreveo mas tudo tenho por bulrra ate que vos venha a vos carta do que pasa rrespomdy lhe senhor nunca ffaleçem ladrõees que ffação males e esta nova algũa cousa deve de servyr ao coxe a saber vosso criado Alexaerrom que he lla naqueles campos e elle nos dyra o que lla vay e tambem crreo que se alguo he que dom Afonso me esprevera muy cedo rrespomdeo me que hera muy bem e que elle avya que não hera nada mas que povos não queryão ssempre senão novydades mas nos os rreys dise ele avemos de hyr sostemdo e correjemdo os negocios.

Item. Senhor isto pasado e eu em salvo do tomulto do povo a poucos dias veo o cavaleiro Alexaerrom que ja digo que el rrey tynha envyado ao campo o quall ffalou com el rrey primeiro que eu o vyse mandou me el rrei chomar e dise me ledo vystes ja Alexaerrom dise senhor não dise poys elle vos contara tudo o que lla pasa e ffalaremos depoys disto e do negoçio de Ceita me contou que em entrando elle polas portas de Ceita entrava tambem dom Afonso muito cansado que ffora a rrepique e correra atee Negrão a rrebate que lhe derão que cymquo porqueiros castelhanos a saber iiij que fforão de Tamjere e huum dos de Ceyta que saltarão no curral que diserão e que levavão dous mouros homens e huum moço e que por mays não poderem que deixarão os dous mouros e se embrenharão e levarão o moço e que dom Afonso logo mandara chomar huum bargamtym e o mandara Almurça porque ssegundo o que parecia os porqueiros tynhão comcerto em Castella pera que tamto que tivessem presa que vyese algum barco por elles aqui senhor tive mays pratica com el rrey de lhe dizer o que pasara o dia que a nova vyera e como povo me quisera matar dise me povo ja sabes o que he elle ffala e eu ouço e crreo o que quero etc.

Item. Senhor me vy e ffaley com Alexaerrom e me dise eu ffuy a Tamjere e Alcacere e a Ceita omde dos capitães rrecebi muita omrra e gasalhado e a cada huum delles dey vosas cartas que per mym lhe esprevestes e não vos traguo rreposta porque elles não souberão que eu vynha a Ffez e a causa he porque eu achey os negocios tão tryscados e burelhados que me não atryvy a meter a tesoura nelles ate não dar conta a el rrey ja lha tenho dada os negocios daqueles campos estão muy danados que os mouros tem ffeitos muytos males ate gora e d aqui avamte segundo o que parece cristãoos querem se vymgar que em Tamjere matarão seys mouros agora malamente que hyam com asnjnhos carregados de moos que tyrarão n Almadrava amtre Alcacere e Ceita fforão tres mouros de Tutuão homens omrrados a caçar mell são desapareceydos que nem elles nem os asnos nada parece nem se podem achar os mouros estão diso empolados e hão se de querer vymgar esta azado ffazer se muito mall e as pazes sse quebrarem se rrespomdy ao Alexaerrem que rremedeo que el rrey teu senhor era muito ffraca vara de justiça e he muito bõo homem

e queria que todos taees ffosem e isto não se acha oje no mundo dise me este he o mall de que eu estou doemte que el rrey a d acudyr a iso muito de vagar porque não he nelle anojar njngem e a o de ffazer a saber a estes alcaydes a que os campos são encomendados a saber o d Alcacere Quibyr e o de Xuxuão e a cyte Alhorra e elles e cada huum delles ffaz o que lhe bem vem e o demo sabe se estes se querem todos paz se guerra.

Item. Senhor dise ao mouro deixay me cuydar neste negocio e amanhãa vos rrespomderey e eu senhor tynha ja n alma assentado de ffazer o que ffyz loguo como do mouro me apartey mas o mouro dise me como homem de bem e que tynha visto quão azado estavão os males e avya por certo que as pazes herão quebradas que me rrogava por amor de Deus que não tardase no que ouvese de ffazer e que tomase bõo conselho porque avya muito grande medo a se rromper tudo deixei o ffuy me a el rrey e ffaley lhe.

Item. E dise senhor eu ffaley com Alexaerrom e me deu conta dos males daquelles campos e como estaa azado tudo se esborromdar e se quebrarem as pazes e não por vossa vomtade que bem sey que vossa amjzade com el rrey meu senhor vos a temdes e desejaees de em tudo a mostrar e por vossa bomdade queres julgar que todos os homens sejaom bõos e isto senhor não se pode achar oje no mundo a este negocio segundo o que vejo ha mester acuydyr mays rrijo e mays em breve do que vos senhor aveys de mandar porque sey que aves de mandar esprever aos alcaydes que entemdão njsto e elles estão lla e os campos lhe são encomendados per vosso mandado e os males ffazem sse ssem elles a yso acodyrem he muy comprido rremedeo outro rremedeo saberey eu dar que seja mays em breve tudo rremedeado em paz e asoseguo como eu sey que vos desejaees que tudo estee perguntou me como.

Item. Dise senhor vosso ffilho Moley Maffomede he novamente justiça moor de voso rreyno e ja tenho vysto quanta justiça tem ffeita depoys que ho he e ho medo que nesta cydade lhe ja hão manday Alexaerrom que lhe va a dar conta destes negocios e elle mandara ffazer justiça e vos fficareys ffora do escrrupolo que temdes de não quererdes que se ffaca senão per mão dos alcaydes e vosso ffilho mandalo ha ffazer como justiça moor que he e per cyma de todos agardeceo mo muito pydi lhe que logo aly mandase chomar Alexaerrom que lhe mandase que logo partyse e se ffose a Mjquinez e dese conta de tudo o que vyra e o que pasava a seu ffilho o quall logo aly peramte mym mandou chomar e lhe mandou que ffose a Mjquinez e desse conta de tudo a seu ffilho e que lhe mandava que mandase njso como delle esperava o quall mouro como saymos d el rrey me ffoy bejar a rroupa de ledo de aver que per esta vya os negocios sse ennemdaryaom em breve porque o ffilho d el rrey não ffaz senão a destro e a sestro e ssem proçesos nem contraditas nem autos judiciaees cortar cabeças que não ffaz mays senão os presos diante delle que

ffez este tall cousa ora seja verdade ora não cortem lhe a cabeça e esoutro tall cousa cortem lhe os pees ou as mãos e aconteceo ja mandar que cortassem a cabeça a huum mouro tornaram lhe a dizer senhor não ffoy asy mas ffoy asy e não tem culpa rrespomdeo elle vay ffaça se poys que o ja dise corta lhe a cabeça e he de xbiij anos hão lhe ja mor medo que a Moley Naçar em seu tempo.

Item. Senhor o Alexaerrom partyo logo que nunca quis esperar que eu sprevese o caso a Moley Maffomede e dise que elle lho dyrya de mjnha parte porque na verdade senhor amtre jemte bestiall se achão as vezes pesoas outras que taees não ssão e este mouro com zello de homem de bem e ffolgar das pazes por ver que cumprem a ell rey seu senhor e tambem porque veo contemte dos capitãees que lhes ffizerão omrra e mercees que eu lho esprevy a todos ffoy voando com prazer deu lhe conta de tudo e Moley Maffomede rrespomdeo logo por elle a el rrey e mandou com elle cyde Ehya seu alcayde que oje he e ho hera de Larache dizendo que pydia a sua alteza que ouvese por bem que Alexaerrom partyse logo e que cyde Ehya seu alcayde ffose com elle e huum maharrequim seu que he como porteiro da camara e que vemdo laa os povos e cabyldas e jemtes seu alcayde seryão certos que os que males ffizesem que delle avyão de rreceber o castyguo.

Item. Senhor elle aqui de volta de Mjquenez e com esta rreposta ffolgou el rrey muito e mandou sprever a todas as cabildas e xeques e alcaydes cartas que se apregoem hymdo por todas as ffeiras e praças vezynhos dos lugares todos de vosa alteza em que lhes ffaz a saber que elle tem ffeito pazes com vossa alteza o de que esta muy contemte e ffolgua muito com ellas que lhes manda e encomenda a todos em jerall e asy a cada huum em spiciall que guardem em tudo seu servyço e que os que o contrayro ffizerem sejão certos que o não hão d aver com elle senão com o guazill seu ffilho e que pera iso vay lla seu alcayde cyde Ehya pera dello serem mays certefficados que asy se cumprira e com esta deligençia ffeyta com os povos e asy com os mesmos alcaydes a quem os campos fforão encomendados o dito cyde Ehya e Alexaerrom e o maharrequim com elles se hão de hyr ver com dom Afonso em seu campo e aly asemtarão novamente os negocios todos de modo que seu campo lavre e vyva seguro e que se dom Afonso tyver no certo sabydo mouro que dano tenha ffeito em seu campo que lho nomeara e elles o castygarão e rroubarão toda a ffazemda que lhe ffor achada o de que sey que elles vão desejos porque he rroubar e tambem por castygarem mallffeytores que alem de lhes ser muito encomendado a estes dous mouros elles senhor de seu moto propyo sey que vão ffafforaves ao nosa parte e ao serviço de vosa alteza.

Item. Senhor levão pera que os cristãoos vyvão juntos e que asy ordene pera sua mjlhor segurança.

Item. Que não aja porcos porque os porqueiros ssão castelhanos e ladrões e ja a yso se deitão e que sse castelhanos cativarem alguuns mouros da terra d el rrey que lhos hão de tornar de veneza se lla os levarem.

Item. Que todos os males pasados esqueção e d oje avamte se comecem de novo as pazes e que os capitãees castiguem os cristãoos mallffeitores e que Moley Maffomede ffara jmteira justiça dos mouros e elle asy mo mandou dizer pollo Alexaerrom que o castigo dos males que a ele os deixase que elle me fficava que não pasase como ate ora pasou.

Item. Senhor isto ffeito em Ceita se hyrão Alcacere e d aly a Tamjere e d aly Arzilla per elles sprevy a vossos capitães todos sua yda e o a que hyão e posto que todos e cada huum delles acerqua de vosso servyço não sou dyno de desatar a correa de seus çapatos comtudo per mjnhas cartas lhe lembro sempre vosso servyço e agora largamente nestas vistas e novo asemto que vão ffazer e o como me parece que em tudo e em cada cousa se devão aver e asemtar de modo que tudo ffique em tall paz e asoseguo quall compre a serviço de vosa alteza e bem e segurança de seus lugares e de não averem mays outros taees males como ate ora ssão acontecidos.

Item. Senhor o caso he que estes mouros são ja partydos a ffeitura desta a hussar do que lhes el rrey mandou e asy como o aqui sprevo a vosa alteza o que senhor poso dizer a vosa alteza e verdade he que vosa alteza oje me teve qua que o quis Deus porque certo o negocio ffoy tão bamco rroto que eu estive com cartas ffeitas d avyso pera vossos capitãees se rrecolherem e se porem em salvo e olharem por sy e não por vomtade d el rrey que myntyrya se tall disese mas por sua ffraqueza que he muito ffraco em acuydyr e atalhar a males primeiro que se ffação e eu estava com pensamento de não esperar o ffym de seu rremedeo por ser lomgueyro como ja diguo achey este talho de pera seu ffilho se enmendar espero em Nosso Senhor que se enmende e tudo ffique em paz e asoseguo em spyciall se estes mouros castigão e rroubão dous pares de mouros mallffeitores de que elles levão muito desejo e sera castigo que metera medo aos maos e aos paçifficos dara atrevymento pera com toda segurança pavoarem aos campos e ffazerem suas ffazendas e asy fficão as pazes ffeitas de novo ou novamente e não pareça senhor que me gabo em dizer que m achey qua porque quallquer criado de vosa alteza que qua estivera o ffezera muito mjlhor que eu sou o somenos criado vosso e tão ydyota como de mym conheço que sou mas digo que quis Deus achar se qua huum criado vosso pera njsto vos servyr acertey de ser eu que em tudo e njsto ffiz o que pude e com boa vomtade e amor de voso servyço.

Item. Senhor eu esprevy a vossos capitãees alem d outras cousas que me parecerão voso servyço que do asemto em que cada huum per sy

ffícase com estes mouros em todos os negocios o esprevesem logo a vosa alteza e de tudo lhe desem myuda conta e que avemdo amtre elles algũa pequena defferença a que comprise el rrey de Ffez ou se[u] ffilho aver de prover que com toda brevydade e deligencia mo esprevão pera lhe envyar todas as provissõees necesaryas e compridoyras ao tall negocio os mouros são lla ydos aos campos e eu aqui sobre aviso pera acudyr a todo o que me spreverem e vyr que compre a voso servyço.

Item. Senhor os negocios fficão neste estado que serão pera bem prazendo a Noso Senhor parece me serviço de vosa alteza mandar ffavorecer o negocio com mandar expresamente que em Affryca totall não aja porcos e a rrazão he porque todos os males e danos que mouros tem ffeitos os porcos são diso a causa eu per muitas vezes o tenho esprito a vossos capitãees a todos e a cada huum per sy.

Item. Porcos são alimareas que se crião apartados e de per sy e pera isto asy ser amdão muy lomje metydos em terra de mouros e huum porqueiro soo com sua piara em huum vale e outro muy lomje d outro e soo com seus porcos de modo que ffazião cobiça e davão materya a mouros os cativarem e matarem o que senhor sse não pode ffazer em pastores de vacas nem de ovelhas que comumente paceem juntos e os mays dos homens que em Affryca são perdidos ate oje fforão porqueiros polas causas ja ditas.

Item. Senhor são muy danjnhos nas agoas que as danão pera os outros guados o de que se agravão os mesmos mouros que nos campos lavrão e os cristãos que não crião porcos tambem se agravão das agoas que danão.

Item. Senhor porcos este ano ffizerão muitas perdas em mjlhos que em Affryca se dão muitos e bõos mjlhos zaburros e os comerão todos e sem enmenda de que seus donos rreceberão perda e se agravão muito.

Item. Senhor os mays dos porcos que se crião em Affryca são de cristãoos novos e de castelhanos que de Castella os fforão lla criar e cavaleiros que vyverão sempre em vossos lugares por sua pobreza não os puderão ate ora criar nem crião que ajmda por proveyto dos taees alguo se pudera soffrer mas o proveyto he das pesoas que digo e este he o proveyto dos porcos serem causa dos males ja ditos e d outro muito mayor que he porem as pazes em tanta conffusão que a causa delles chegarão os negocios a este estado que novamente lhe esprevo.

Item. Delles nacce os mesmos porqueiros que são castelhanos e ladrõees que se dão a ffurtar como ora ffizerão em Ceita no curral que ja digo e elles em Tamjere matarão tambem os mouros que digo que se matarão e elles em Arzilla matarão huum judeu e huum mouro que hyão pera Alcacere Quibyr e elles ffarão muitos destes males sse em Affryca ouver porcos e não os avemdo não avera porqueiros ladrõees.

Item. Senhor a terra d Affryca he em sy tão grosa que de criação

de vacas e egoas e ovelhas e muitas lavramças podem ser ricos os cavaleiros que nella naceerão e pelejarão e ssem porquos que lhes dane as agoas nem comão os mjlhos e vosas pazes em paz e asoseguo e isto senhor he o que pasa destes negocios e tambem o que delles me parece. De Ffez oje bj dias de dezembro de i540 anos.

Item. Senhor estando com esta ffeita e pera a çerrar veo nova e verdadeira e certa que ela he que porqueiros em Tamjere matarão huum judeu rrico morador em Xuxuão e ffeytor de Moley Maffomede de Barraxe o que ffez muy grande abalo nestas jemtes porque tambem matarão huum mouro em cuja companhia o judeu hya hera homem que tratava muita ffazenda por Tamjere e pello rroubarem o matarão veo loguo nova que dom João tinha ja presos dous ladrões com que alguum tamto o pouvo rrepousou dom João nada me tem esprito nem nada sey senão de ouvyda e per cartas que vem a judeus e a mouros este senhor he grande esquecimento não me ffazer a ssaber pera logo amezinhar as chagas que estas novas causão em mouros e pera amezinhar não me matarem com gritas que tudo se torna a mym e isto esta asy ate ora que mais não sey que saber que he verdade este judeu ser morto e per porqueiros e serem dous delles presos.

Item. Senhor oje ix dias deste mes me mandou el rrey aqui a esta pousada o seu luely e huum mouro que vyera de Tutuão com hũa carta asynada por xx homens mouros de queixumes e grandes escrramações dizendo me da parte d ell rey que vise a carta e ouvise o mouro e que njso esprevese de modo que os males se enmendassem e o caso senhor he este.

Item. Ja atras digo que em Negrão termo de Ceita em huum curall se tomou huum moço e como dom Afonso ffoi a iso a rrepique e as deligencias que njso ffez e mandou ffazer os porqueiros que tomarão este moço seu preposyto herão pasalo a Castella diz este mouro e asy o diz a carta dos queixumes que estando os porqueiros com o moço junto dAlcacere em huum mato amdava por ahy perto huum ffilho de Pero Alvarez de Carvalho buscamdo huum ffalcão que lhe ffugyra e que o moço se espidyra dos porqueiros e sayo ao estrupo dos cavallos e veo ter com o ffilho de Pero Alvarez e com os que com elle aly herão e chorando ho ffoy aferrar pollo estribo e lhe disera como o levavão cativo aquelles porqueiros os quaes porqueiros diz o mouro que sayrão do mato apos o moço e que o ffilho de Pero Alvarez os vio e os desomrrou de maos homens e os deixara hyr sem outro castigo a isto rrespondy que poys o moço que levavão cativo hera avydo que estava bem e que quanto ao all que dizia que eu tynha por certo que tall não hera porque não digo eu ffilho de Pero Alvarez mas seus homens se taaes porqueiros toparaom e em tall auto os prenderão e levarão presos.

Item. A voltas destes queixumes e nesta carta dizião que o mesmo

moço que escapara contara que conhecera a huum dos porqueiros hũua jaqueta e hũua carapuça de huum dos tres mouros omrrados que atras digo que fforão caçar nele amtre Alcacere e Ceita e que desaparecerão ssem ate oje parecerem mortos nem vyvos e que o porqueiro lhe disera que estes tres mouros estavão em Tarylfa e que a elle tambem o queryão lla levar.

Item. Senhor estes tres mouros são muy aparentados em Tutuão e todos seus paremtes estão muy escandalizados delles desaparecerem e com desejos de se vyngarem tenho por certo que tambem isto ffoy obra de porqueiros a isto rrespomdy que se elles herão mortos nenhuum rremedio podia aver como não avia a muitos cristãos que nestes campos se matarão depoys das pazes e que se herão vivos que de domde quer que estiverem os trarão e que disto ffossem certos.

Item. Cada paso destes he o aqui d el rrey de modo que se vem o mundo abaxo e como se nehuuns males mouros tivessem ffeitos a cristãoos tomey por assemto que spreverya a Pero Alvarez como de ffeito logo lhe esprevy todo o queixume e enfformação que ca se dera a el rrey que me parecia vosso serviço elle se ver com Mahamed Haçim jemte de cyte Alhorra e com elle alguuns destes omrrados de Tutuão se pratycase no negocio e que se por seu ffilho pasara o tal descuydo com boas palavras os satysffizese e com terem ja o moço que lhe levavão os porqueiros e que se asy não pasara como elles dizião lho ffize . . . . . . a verdade do negocio e isto com taees palavras que fficassem em todo bõo asento e amjzade e elles ffora destes queixumes.

Item. Que per derradeiro lhe affyrmase que se os tres mouros de Tutuão que ffalecem fforem vyvos que per sua parte elle trabalhara que os traguão e que de tudo o que com elles pasar me spreva hũa carta per elle asynada e por ho Hacem e mouros com que pratycar pera a mostrar a el rrey de Ffez porque sey que el rrey a de dar muito crredito a sua carta porque certo senhor affyrmo a vossa alteza que Pero Alvarez de Carvalho esta qua avydo por tão symgular homem de cavaleiro e homrrado e sesudo como elle porque certo senhor tall ho he e taees ssão suas obras ajmda que o não conheço o que ouço a mouros e cristãos e suas obras daom delle testemunho e tenho que o que estes mouros dizem do esquecimento do ffilho tenho por myntyra isto he o que he pasado e em poucos dias e tudo por porqueiros o demo porcos que tanto dano ffazem torno a lembrar a vossa alteza que sera seu serviço não os aver e asy que os porqueiros que os guardão que os capitãees peramte sy os ffaçaom embarcar e pasar a Castella porque se na terra fficarem sempre husarão de seu officio de furtar e matar e vay me parecendo que alguuns cristãoos que nestes campos morrerão que porqueiros matarão alguuns delles polos rroubarem.

Item. Senhor Alexaerrom e o alcayde cyde Hehya são ydos como

ja atras sprevi a vossa alteza e sey que se haom de achar lla a morte do judeu que agora se matou de Xixuão e a deligencia de justica dom João nisto a de ffazer e asy a estes queixumes ora novamente de Tutuão o que sera grande bem porque vyrão e serão testemunhas de vista de tudo e do que elles lla fizerem os capitães spreverão a vosa alteza e vymdos qua do que me contarem e os capitães mo spreverem ffarey a saber a vosa alteza. De Ffez oje ix dias de dezembro de i540 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.
Dos acontecimentos dos campos: 1.ª pera ver.

Arquivo nacional, Cartas dos governadores dos lugares de África, maço único, n.º 75.

XVI

9 DE DEZEMBRO DE 1540

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Diz que Mulei Mafamede, filho de el-rei de Fez, tinha licença de seu pai para lhe render certa soma de trigo, posto a carregar na Mamora, devendo o seu pagamento fazer-se depois da entrega. — Maneira como êsse pagamento se havia de fazer. — Pede a el-rei que lhe mande dinheiro para isso. — Escreve ao feitor de el-rei em Larache que logo vá com navios à Mamora para recolher êste trigo.

Senhor. Moley Maffome[de] guazill ffilho d el rrey de Ffez veo a esta cydade eu o ffuy ver en amtre outras praticas me dise que elle tynha liçença d el rrey seu pay pera de Zagar e de sua terra vemder a carregar na Mamora duas myll çaffras de trigo e que muitos mercadores lhe ffalavão nelle como elle crria que eu terya ssabydo que elle as não querya vemder senão a mym e pera vosa alteza e que se espamtava como lhe eu njso não ffalava.

Item. Eu senhor lhe rrespondy que eu tynha ouvydo que o seu alcayde cyde Hehya tynha envyado hũa pesoa a vosa alteza com dous cavalos e que este avia lla de ffalar neste trigo e que a esta causa lhe não ffalava esperamdo o que este seu criado lla ffarya rrespomdeo me que tali comjssão não levara pera njsso ffalar que o trigo estava prestes e o mandarya levar a Mamora cada vez que aly ffossem navios e pera que o rrecebese e que em seu trigo nenhũa duvyda averya.

Item. Senhor porque me pareceo vosso servyço não largar este trigo e deixalo a mercadores tratey de preço rrespondeo me que o preço avia de ser a tres onças e mea de rreaees de prata como el rrey seu pay dava

novamente o seu triguo a vosa alteza mas que me ffarya mays ffavor e isto polo de vosa alteza que não querya paga do seu trigo ssenão depoys do trigo entregue e que então lhe ffizesse sua pagua.

Item. Vy senhor que a este preço lho compravão mercadores e vy senhor que he ssem perygo de lhe dar dinheiro damte mão como seu pay pede e que nenhuum rrisco se corre acceitey o partydo de que me pasou huum alvara de que aqui envyo o terlado a vosa alteza em que diz que nem elle nem seus alcaydes e criados venderão trigo senão a mym e pera vosa alteza e que a paga a de ser asy como ffor entregando o que ffor entregue lhe pagarey.

Item. Me deu outro alvara seu em que da poder ao ffeitor ou a pesoa que estever na Mamora que posa tomar quallquer trigo outro que se vender no dito rrio pera vosa alteza e a paga sera como o seu e que pollo asy ffazer não lhe vyria perjuizo nem dano alguum do quall alvara aqui envyo o terlado a vosa alteza.

Item. Senhor na pagua ey de ter esta maneyra a ssaber que tanto que huum navio ffor carregado que me tragão conhecimento em fforma do ffeitor ou do esprivão que o rreceber da contia do trigo e de como ffica sobre elle em rreceita e nas costas deste conhecimento ffara o sprivão de Molei Maffomede huum conhecimento em que rrecebe e ha por rrecebido o tamto dinheiro ou omças quanto no dito trigo do conhecimento montar do almoxarife ou pesoa em Arzilla ou em Tamjere em cujo poder o dinheiro estiver e hyra huum criado seu de Moley Maffomede a cada huum destes lugares a rreceber seu dinheiro e com hũa carta mjnha pera o dito almoxarife ou rrecebedor em que lhe dyrey que rreceba o dito conhecimento do ffeytor e lhe faça o dito pagamento asy como veraa pello dito conhecimento do ffeitor e asy vossa ffazenda não correra rrisco de se trazer a este rreyno por sua nem os conhecimentos não correrão rrisco de se perderem sendo em mjnha mão e eu qua em Fez e como se ate hora ffez e asy sera vosa alteza mjlhor servydo em tudo e eu ffora de ffadiga de guardar conhecimentos e dar conta e tambem senhor sou ja velho e camsado de amdar ffora de vossa graça quero escusar materya a homens vos espreverem cada dia males de mym porque huum spreve que tenho ca xbiiij cruzados outro spreve quo o não avysey que tomase navios e isto e outras taaes hão se de apresemtar a vosa alteza per pesoa que me quer pouco bem e sem eu ser ouvydo por todas estas rrazõees se ffara como digo e vosa alteza muito mjlhor servydo e vosa ffazenda ssegura e ssem correr rrisco o dinheiro nem os conhecimentos do ffeitor e a mym sera muy grande mercee.

Item. Senhor pera pagamento deste trigo de Moley Maffomede mande vosa alteza logo e com toda brevydade o pagamento em rreaees de prata ou em barras de prata que seja de ley de rreales e digo que a de ser em Tamjere ou em Arzilla porque he muito perto de Mjquinez e he terra

mays segura pera hyrem pollo pagamento que a Ceita e tambem porque os camjnhos pera Ceita não são oje seguros porque todas aquelas serras amdão alevamtadas e os camjnhos se correm com muito rreçeo salvo se vão grandes caffilas e muita jemte e Molei Moffomede logo me dise que seu pagamento que ffosse em Arzilla ou em Tamjere por ser delle perto e seu criado hyr soo a rreceber seu pagamento e que hyra a cada huum destes lugares mays seguro que a Çeita.

Item. Senhor porque Molei Maffomede diz que logo vão navios a Mamora e que tanto que lla fforem começarão a rreceber trigo eu senhor esprevo a Lar[a]che ao ffeitor e officiaees de vosa alteza que se vaa a Mamora quem lla haa d estar e que levem por primcipio huum par de navios pequenos em que comecem a rreceber e que depoys segundo o negocio ffor soçedendo e o trigo acudir asy se vaa provendo de navios que o negocio lhe dyraa o que njso se deva ffazer e tambem aly tem alhorrys em que se pode por e em tamto agasalhar o triguo.

Item. Sey que este trigo que se a de dar logo e que tanto que ffor dado que a de querer sseu pagamento pollo que peço a vosa alteza que logo com toda brevydade mande vyr a cada huum destes lugares ja nomeados a prata pera lhe pagar Arzilla ou a Tamjere.

Item. Senhor ja esprevy a vosa alteza que se ffaça lla conta que tres onças e mea de rreales asy per conto vale j̄cxx reaes e pesadas por peso mourysco como lhe a de ser pesado ssão mays tres por cento que podem ser mays casy xxx reaes e asy tres onças he mea de rrealles pesadas pollo seu peso valem j̄cl reaes nosos.

Item. Senhor que ha dias que não chove e vai o ano arremedando ho ano pasado e nesta terra como não chove logo as jemtes se encolhem e o triguo çesa neste trigo do ffilho d el rrey nenhuum rrisco ha nem nelle se avemtura ffazenda porque se o mandar dar avera sseu pagamento e se o não der não avera dinheiro como rreza sseu contrato.

Item. Senhor no contrato com el rrey de Ffez he pello contrayro que elle quer o dinheiro damte mão como ha dias que o esprevy a vosa alteza por Gonçallo Diaz rreposteiro da rrainha mas se vosa alteza manda aceitar o contrato d el rrey terey esta fforma alem de que vosa alteza me mandar que nenhuum dinheiro le darey se vyr que não chove e que a seca vay avamte porque em tall caso esta por mim sem duvyda que não dara triguo e chovendo tambem esta certo aver trigo então lhe darey dinheiro na fforma e maneira que vosa alteza mo mandar que iso espero rreposta do que digo que lhe esprevy pollo dito Gonçalo Diaz rreposteiro.

Item. Senhor a tudo peço a vosa alteza que com brevydade me mande rresponder em espiciall lhe peço por merçee e com efficaçia que mande prover esta prata pera pagamento do trigo do ffilho d el rrey porque este a de ser necesaryo muy cedo poys o ffeitor o logo vay por em

hordem e de o rreceber. De Ffez oje ix dias de dezembro de 1540 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor. 3.ª pera ler: do trigo do ffilho d el rrey.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 68, n.º 93.

XVII

18 DE JANEIRO DE 1541

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Pede uma tença para um morador antigo de Arzila, pobre e carregado de filhos, Bernardo de Afonso Sequeira, que a bem merece pelos seus serviços.

Senhor. Bernaldo d Afonso Sequeira he huum homem morador nesta villa e aqui serve vosa alteza com armas e cavallo he filho de Fernão d Afonso Sequeira hum dos primcipaes desta villa e cavaleiro fidalguo e que hem esta villa servio vosa alteza bem corenta anos e aqui lhe mataram hos mouros huum filho homem tinha o abito com dez mjl reais de temça de vosa alteza e asy sua molher tinha tres mjl reais de temça por ano do tempo d el rrei dom João e per seus falecimentos não houve Bernaldo d Afonso Sequeira nehũa tença destas pollo não requerer temdo pera iso merecimento polos servjços de seu paj e polo seu e ora lhe faleceo hũa sogra per nome Briatiz Pirez que tinha oito mjl reais de temça de vosa alteza de hũa cavalaria merçeria e porque Bernaldo d Afonso Sequeira he mujto pobre e caregado de filhos pequenos e serve vosa alteza nesta vylla receberej muj grande merçe em lha fazer vosa alteza desta temça e não havemdo llugar pera elle ha faça vosa alteza ha sua molher porque de qualquer maneira terão pera se poderem mjlhor manter porque certefiqo a vosa alteza que vivem de maneira que toda merce que lhe for feita sera grande serviço a Deus. Noso Senhor acrecente vida e reall estado a vosa alteza. D Arzila oje x biij dias de janeiro de 541. Dom Manuel Mazcarenhas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 69, n.º 12.

XVIII

29 DE JANEIRO DE 1541

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Um frade capucho apresentou-lhe uma carta de el-rei em que lhe ordena que sáiam para Fez, por todo o mês seguinte, os judeus que estaram em Arzila. Procedimento insolente do frade. — O capitão pede a el-rei que sôbreesteja na sua ordem, porque com ela sofrerão muito os moradores e êle próprio. Os anos passados tinham sido maus e para se sustentarem êles haviam pedido emprestado aos judeus. — Se el-rei não puder confirmar o privilégio dos judeus, que êles tinham por dois anos, ao menos autorize-os a ficar em Arzila até à próxima colheita, de contrário os moradores terão de vender as próprias camas para pagarem as suas dívidas.

Senhor. Huum frade capucho desta casa de São Francisco me deu hũa carta de vosa alteza em que ha por serviço de Deus e seu que hos judeus que hora nesta villa estam se vão pera Fez e me mamda que hasy lho notefique e que seja sem fiquar nenhuum per todo este mes de fevereiro por me ser apresemta[do] a xxbiij dias deste mes de janeiro eu hos mandej loguo chamar e lho mandej e que se determinassem lloguo por que eu asy o prometia pois mo vosa alteza mandava posto caso que com ho padre que ma deu case o não podia fazer por me querer tomar a mão niso de maneira que darey sempre testemunho dele parecer mais cavaleiro que rreligioso porque quisera no propio dia ver lloguo a execução a poder de força que peramte mim quisera dar a huum dos omrrados hũa bofetada afora outras pallavras de rreguridade leixo as testemunhas que tomou e ho auto que fez em terreiro de como elle dava aquela carta de vosa alteza pera se irem os judeus daquele dia a huum mes que so jsto ajmda que ho não tivera por carguo bastava pera não ser menos do que vosa alteza mamda.

Item. Ajmda que pera demonstração do que me pareçe diguo senhor que nesta villa a tres ou quatro anos que não ha pão e que fazem suas llavouras e que pera elas e o mais que ham mester os moradores desta villa e os judeus lho emprestão ho que não pode menos ser por não haver a quem se peça nem quem no tinha senão helles e certefiquo a vosa alteza que ha muitos que lhe devem muito a quatro anos e cimquo e d ay pera qua porque fiqua pera a paga e da pagua pera o novo e como vosa alteza sebera huum nem outro não vemos a dias e mamdamdo vosa alteza que se vão he de per força que se lhe pague o que lhe devem que em verdade os moradores tem disto mor pesar do que que eles podem ter

por se yrem que com esa comdiçam estão ha mujtos dias por lhe não poderem pagar e vosa alteza pode verdadeiramente crer que não he huum nem tres nem des mas os os majs e majs principaees e estão de maneira que sera necesario vemderem lhe as camas aos que has tiverem por quão alcamçados estão e o cramor disto que todos fazem me moveo a ysto ajmda que heu sam o que niso tenho parte de major divjda e menos tempo pera a poder pagar de maneira que vosa alteza veja a opresão que todos nisto rrecebem e como lhe não podem pagar ajnda que se destruão e que tãobem ho tempo pera eles he breve e eles tem de vosa alteza huum privilegio de dous anos e visto tudo e a necessidade de todos e que a todos fara njsto muj gramde merce aver por seu serviço confirmar lhe os dous anos sem mais comdição e se parecer mujto a vosa alteza que ha mim não me vaj nisto mais que ficar tomado no meyo de mujtos que ho desejão so por este rrespeito que por cima disto todos folgarão e eu muito mais seja ate se rrecolher esta novidade que em boa ora vira que prazera a Noso Senhor que sera como desejamos pera então lhe pagarem e entanto se começaram de mandar e pagos neste tempo seram ydos sem mais se poder rrepicar no caso e certo que vosa alteza fara nisto tamanha merce aos mais moradores desta villa como a causa porque lha pedem he serviço a Deus e eu asy a rreceberej de vosa alteza cuja vida e rreal estado Noso Senhor acrecente. D Arzila oje xxjx dias de janeiro de 1541. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: A ell rrei noso [senhor].

1541. De dom Manuel Mazcarenhas de xxix de janeiro.

Item. Sobre a noteficação que lhe fez o frade dos judeus pera que do dia que lhe fose apresentado se fose[m] pera Fez.

Item. Sobre os moradores que ouvesse por bem de lhe mandar la dar dinheiro pera que recolhesem suas cartas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 70

XIX

13 DE MARÇO DE 1541

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — O alcaide de Alcácer e Rute deram nova que o mouro Bociná, que se levantara na serra e fora vencido por Mulei Abrahem, e se julgava morto, era ainda vivo e revoltado: que estivesse a recado até que el-rei de Fez desse providencias. — Dá conta da perda de algumas atalaias e pede dinheiro para ocorrer às necessidades da vila.

Senhor. Ho tempo e esta barra que não derão lugar a este portador partir mais çedo forão causa do tempo oferecer tamta cousa pera escrever jumta.

Oje sabado xiij dias deste mes de março me mamdou o alcaide d Alquaçere rrecado per huum homem seu de cavalo como huum mouro que se chama Boçinaa que se ja levantou no começo destas pazes ho qual Muley Abraem foy sobre elle e ho destroyo e o avião ha ele por morto agora me mandou dizer ho alcaide como diguo a vosa alteza que ...... he vivo e levamtado em hũa serra destas pera ajudar Muley Mafomede e que heu que estevese hasy a rrecado como estava hate el rrey vir de Fez ou mamdar sobre esta gemte e este mesmo rrecado me deu Jaco Rute que hagora a pouquo della veo veyo de Larache aquy ter comiguo.

Este mesmo dia me tomarão has atallayas que tinha posto da parte da serra huum elche que vinha espiar o campo pera vir furtar alguum guado com hos mouros da serra e comfesou dous outres furtos que tinha feitos e que erão em companhya com elle estes mouros que duguo da serra ja tenho escrito ha vosa alteza a necesidade que ha nesta villa de dinheiro pera atallayas e pera outras cousas que cumpre e como e como se não pode aver de nenhũa parte portanto vosa alteza mande algũa provisão de dinheiro pera estas cousas. Noso Senhor acreçemte vida e rreall estado de vosa alteza. D Arzilla oje xiij dias de março de 1541. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el! rrey noso [senhor].

Dom Manuel Mazcarenhas: dinheiro pera as atalaias. O elche que tomou.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 69, n.º 65.

XX

4 DE JUNHO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Diz que no contrato das pazes que se querem assentar com el-rei de Fez cumpre tomar refens. Este receia perder-se no ânimo dos mouros se os der abertamente. Falou-se de seu irmão, que ficaria em Azamor como folgando, e essa era a melhor maneira de fazer, porque os filhos de el-rei são muito moços ainda para isso. — Oferece-se para negociar essas pazes porque entre el-rei e êle ha bom entendimento.

Senhor. O que a serviço de vosa alteza compre he segurar se d ell rrey de Ffez per arreffens e pera aas aver delle alem delle a iso se prometer como vosa alteza lla tem per seu asynado compre muito vosa alteza o aprazer em tudo e agora muito mays pera que lhas posamos arrymcar mas segundo o que symto elle as não ousara dar de praça mas embuçadas por rreçeo de seus povos que tambem iso se de praça as dese serya causa de seu perjuizo e de o averem por cristãoo e se descobryr esta torrelha que elle quer encobryr do que se contrata secrretamente mas parece me que as dara como em principio per Rute apontarão de envyar seu jrmão a vesytar Azamor e fficar lla ffolgando e não com nome de arreffem e outra lhe não vejo que desta maneira posa envyar porque ffilhos ssão cachopos e não em hydade nem abelidade pera os envyar da maneira que digo comtudo vosa alteza mande sprever lhe o que diso parecer e ouver por seu serviço e se a mym o mandar e ca de mym ffor servydo bem sey que ffarey njso mays que quallquer outra pesoa por mas ter a mym prometydo de rrosto a rrosto e amte elle eu ter credito e estar ja njso em ffruto dos cacizes que ssão vyndos e pazes bem me parece que nada levarão e não me esquece que elle quis que eu ffose seu ffiador que nunca ffarya pazes com o xarife ajude me vosa alteza com o ffavorecer de modo que os negocios não sejão de praça pera que mouros o não envergonhem e lhos ffação dar como nesa outra carta miudamente vay apomtado que a meu ver por agora elle lhas não dara. Muito desejo rreposta das cartas que levou meu ffilho. De Ffez oje iiij dias de junho de i541 anos. Bastião de Bargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

4.ª pera ler: sobre aas arreffees.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 69, n.º 121.

XXI

4 DE JUNHO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Da parte de el-rei de Fez, escreve-lhe que será grande inconveniente que venha embaixador a tratar das cousas do xerife, como se diz: que será melhor tratá-las êle, porque assim não levantará suspeitas entre o povo. — Queixa-se de não ter tido conhecimento desta embaixada senão por el-rei de Fez, que estava na serra combatendo o rebelde Barraxe. — Se el-rei não quiser utilizar os seus serviços, mande pessoa que vá com nome de agente do trigo ou de outra qualquer cousa, mas não de embaixador, porque isso prejudicará muito el-rei de Fez e as cousas que se pretendem obter dêle. — Se, todavia, é serviço de el-rei que a embaixada se faça, o seu parecer é que se sobreesteja nela e se negoceie primeiro a sua ida; e os negócios corram por si, que há três anos serve em Fez [1].

Senhor. Quimta ffeira dous dias deste mes veo Jaco Rute a mym e me disse que aquella hora lhe chegara huum cytery del rrey de Fez a grande presa com esta carta pera vosa alteza e outra pera elle ha quall me mostrou e dizia o segymte.

Item. Tenho sabido que el rrey de Portugall envia a mym huum embaxador com muito aparato o que a mym ffora prazer e contemtamento se de sua vymda sse não sygysem muitos enconvenyentes e danos de meu servyço e seu eu lho esprevo per esta carta que lhe peço que o não mande e que se he partydo que o mande tornar e que os negocios se fação em todo segredo como ate ora se tratarão dyras a Bastião de mjnha parte que lhe rrogo que com toda brevydade lha envye.

Item. Lhe dyras que spreva a el rrey todos estes enconvenyentes que te aqui sprevo e que eu sprevo a el rrey seu senhor que lhe de credito.

Item. Senhor ffuy disto maravylhado ser el rrey sabedor disto xx legoas daquy naquellas serras sem o saber primeiro per mym e bem me lembra que ja o sprevy a vosa alteza que serya vosso serviço de todas suas cousas eu ser logo avisado pera que el rrey as soubesse primeiro per mym e como compria a voso serviço que per outrem.

Item. Senhor diz el rrey que elle atee hora teve levamtamento em seu rregno tudo por deffeito de seu povo que não he tão domado e sudito

1. *Sôbre esta embaixada, veja-se o documento que se segue a êste e a sua nota final.*

como os outros povos e que ajmda tem por assemtar Barraxe o quall a mayor fforça que tem he a vomtade do povo lhe ser ffavoravell porque apregoa guerra com cristãoos e asy o desprazer que o povo tem em seus b...... ãees contra elle seu rrey por ter pazes com cristãos sem olharem a outras calidades do proveito que das pazes he vymdo a este rreyno e a elle seu rrey e o mall que he Barraxe seu vassalo lhe ser tredor e se levamtar contra elle.

Item. Diz que a causa da ponca conffiamça de seus povos e ajmda d alguuns vasalos em que a elle devera ter que não tem elle depoys que sayo de Ffez os ffoy asemtamdo e asosegamdo com toda bramdura e ssem guerra nem outro castiguo alguum ssendo elles muy mereçedores de castigo rriguroso poys se levamtavão e chomavão o xarife.

Item. Senhor diz que a vymda do vosso embaxador seria causa de seus povos serem sabedores do que ate ora não tem ssabydo porque tudo o que he contratado per mym amtre elle e vosa alteza he tydo em tanto segredo que nada sse sabe senão em elle e duas pesoas suas esta guard..... em mym que o negoceo.

Item. Diz que logo se a de saber ao que vem porque qua não ha negocio novo e grande a que elle posa vyr a saber de pazes novas nem de cassamentos que ca os não ha nem a ffazer contratos que a iso não ha de ser envyado senão a negoçios da destroyção do xarife e que isto he dar em sua terra huum pregão pera que se sayba o que se não ssabya posto que em seu rreyno aja algũa sospeita ha ja muitos dias mas como nunca de mym e de mjnha estada puderão allcamçar mays que estar ca a triguo este nome ffez perder a sospeita dos outros negocios.

Item. Senhor diz que alem disto a tomada do cabo de Guer he grande crareza pera o povo saber e mays pola calydade da pesoa que vem que vosa alteza lhe manda pydir de praça o que elle a dias vos pede e tem concedido como polos apomtamentos esta per elle asynado e lhe tem vezes sprito que peça a vosa alteza que escuse a vymda dese seu embaxador porque a seu serviço e vosso sera danosso.

Item. Senhor diz que tudo o que per elle lhe pode sprever que lho mande sprever na fforma que atee ora se ffez e que lhe pede que veja bem ssuas cartas que per meu ffilho lhe spreveo e que nellas vera seu desejo e sua amjzade e como lhe spreveo que como acabase esta jornada de Barraxe que amtes de tornar a Fez de sua almahala lhe spreverya a jemte de pee e de cavalo com que puderya entrar em terra do xarife que vosa alteza lhe mande logo rrespomder a essas cartas e que os negocios se tratem em segredo como ate ora vão que a obra os devulgara mas que então se divulgarão de maneira que elle e vosa alteza sejão servidos ssem elle de seus povos ser desobedecido e isto senhor he o que elle diz na carta que spreveo a Rute e que mo disese e eu o esprevese a vosa alteza.

Item. Senhor o que eu dygo e como quem pouco sabe he que per muitas vezes tenho sprito a vosa alteza que a seu serviço compre Moley Mahamede ser sempre rrey de Ffez e que para o ser a de ser ffavorecido de vosa alteza per todas as vyas que ffor posyvell porque não ssendo asy o xarife entrara nesta terra o que vos serya muy duro e mao vezynho e a toda a Espanha e isto lho sprevy com as rrazõees que por então me a yso acorrerão.

Item. Digo que quando estes povos não quisesem o xarife que... temem de... que pode ser que despusesem Moley Hamet de rrey e ffizesem outro que tão jmmjgo não ffosse do xarife nem tão amjguo de vosa alteza como este he e isto não serya cousa nova que bem sse sabe quantas vezes neste rreyno despuserão rreys e ffizerão outros novos e de barro a saber tall que nenhuum sangue rreall tynha e isto por muy pequenas cousas que huum rrey despuserão e o matarão e ffizerão outro porque tynha dous judeus seus privados per que hera governado.

Item. Senhor se isto asy e se mostra craro que a este rrey compre vosso ffavor parece escusado vosso embaxador pollos danos que elle ja diz que delle lhe podem soced[er] e poys a pendemça de Barraxe esta duvydossa porque esta apregoamdo guerra contra cristãoos porque diz que asy o manda Maffomede e ssendo vassalo d el rrey.

Item. Quanto mays senhor e muito mays odio pode naçer nestes povos contra seu rrey se de praça vyrem tratar de vosa alteza ou seu eixerçito aver de pasar contra o xarife e a matar mouros com ffavor d el rrey de Ffez e com sua ajuda que elles dizem que sy que el rrey que se vaa vymgar do xarife e do mall que lhe ffez mas que tornar a ganhar a terra toda ate Guinee[?] com ajuda de cristãoos que nunca Deus e Maffomede tall comsymta quanto mays dyrão agora sabendo que vosa alteza se quer vymgar do xarife polo dano do cabo de Guer e com ajuda d el rrey de Ffez por quaees todas rrazõees parece danoso a voso servyço e ao bem d el rrey de Ffez a vymda do seu embaxador.

Item. Outro muy grande dano de vosso serviço que de sua vymda estaa certo soceder vosa alteza ja vee que lho sprevo e veraa per esa carta d el rrey que me spreveo que o xarife lhe envya ora pedir pazes e a iso são vyndos cacizes as quaees vosso embaxador lhas ffara dar a el rrey de Ffez ajmda que não queira em spiciall se o xarife ffizer o que lhe elle rrequerer e a rrazão he esta.

Item. O xarife senhor bem sabe que esta aqui huum criado de vosa alteza mas ate oje nunca all alcamçou de mjnha estada senão que hera a triguo e que sou huum homem velho e sem estromdo alguum nem ffausto e que pareço que não sou pera mays que pera comprar triguo que elle sabedor he e bem sey que o pesquisou quanto ffoy posyvell nem o sabera ajmda que veja obras que he como o diabo que nunca pode saber de Noso Senhor Jesuu Cristo quem hera senão depoys que o vyo na crruz.

Item. Senhor vemdo aqui vosso embaxador com aução apertara as pazes e sprevera a caçizes que ffação com el rrey que lhes de e que todos ffação guerra a cristãoos e segundo cacizes ssão parvos e quallquer delles com sua pregação move os mouros envergonharão tanto a el rrey que lhe chomarão cristão se lhas não quiser dar e ajmda el rrey se rreçeara de caçizes e povos se levantarem contra elle e isto podera mays que o que elle pode em seu rreyno e que ho odio que tem ao xarife e comprir lhe a dar lhe pazes e o xarife lhe dara quanto lhe pydir de terras que lhe tem tomadas pe...... desasombado do muito medo que oje tem a vosa alteza.

Item. Pode se dizer poys que rremedeo digo senhor que o rremedeo bem esta visto que ja el rrey o diz e eu asy o digo que os negocios se tratem secretamente e com toda desymulação como ate ora se tratarão que vay em tres anos que os negoçios correm sem mouros nada terem ssabydo e sendo asy el rrey de Ffez se aproveytara do muy grande odio que tem ao xarife ssem caçizes terem rrazão de lhe hyrem a mão nem de lhe dizerem que o pera que se mostra cristãoo em ajudar a vosa alteza e pode lhe dizer que com vosa alteza tem pazes que lla se avenha o xarife convosco que elle não ajuda vosa alteza mas que quer ganhar sua terra que o xarife lhe tem tomada e que com vosa alteza nenhuum contrato tem ffeito e que se vosa alteza mandar pasar contra o xarife he porque vos tomarão hũa villa e desta maneira e com esta cuberta a d ajudar a vosa alteza e elle ganhara sua terra que elle muito deseja e satysffara ao muy grande odio que ao xarife tem e sera delle vymgado e não ho obrygarão a dar pazes ao xarife e sabendo de praça que vosa alteza e elle se contratão contra o xarife sera o que ja digo e de fforça sem el rrey all poder ffazer e a isto ser ou deixar de ser não esta em mays que em vyr vosso embaxador ou a deixar de vyr veja se quall he mays dano este se deixe e se tome o que ffor mays proveyto e serviço de vosa alteza e mande vosa alteza guardar as ordens em tudo a el rrey de Ffez a saber em o ffavorecer poys tanto senhor compre a vosso servyço.

Item. Senhor se pode dizer que diga mays rremedeo outro poys ca estou e o vejo digo senhor que verdadeiramente e ja lho sprevy vezes el rrey de Ffez tem ho odio que vejo ao xarife e que lhe conheço que deseja vymgar se delle e que he amjgo de vosa alteza e que da tomada do cabo de Geer lhe pesou muito asy como lho spreveo e que spera rreposta de vosa alteza de tudo o que lhe spreveo que elle per huum cabo e vosa alteza per outro e quebrar a quem por sua parte quebrar que me parece que vosa alteza o queyra delle asy como lho espreve ssem dar azo a seus povos se levamtarem contra elle ou lhe ffazerem dar pazes em que lhe pes ao xarife com se negocearem os negocios em secreto como ate ora se ffizerão e que quando se devulgarem que seja pola obra que elle de ca ffara sem o poderem rreprender de a ffazer e que a pesoa per quem se

hão de tratar que seja ca vymdo com desymulação e com nome ou de triguo ou cevada ou alguum contrato d especearya de modo que nunca se symta o que se trata como se pode saber da vymda do embaxador.

Item. Senhor se dira Bastião de Vargas lla estays e vedes tudo vede o que dizes a isto senhor digo que quisera que el rrey de Fez esta nova não soubera nem me mandara sprever o que acima em seu nome sprevo e... tera credito pera que eu de mym esprevera o ja dito e mays myudamente porque asy o vejo e asy mo parece verdadeiramente e pola verdade que devo a Deus e a vosa alteza como verdadeiro criado seu que sou e verdadeiro vassalo e portuges ssem outra lembrança algũa de jmterese meu nem de cousa outra que me mova a em tudo deixar de dizer verdade a vosa alteza e hussar do com que nacy e sempre husey que he ffalar ssempre verdade asy como a eu entemdo e que nunca mynty e por isto não ffazer tenho perdido muito e desta perda me contemto.

Item. Senhor digo que eu sprevy a vosa alteza os dias pasados e pedy que me mandase hyr e disto ffoy a causa sete meses que avia que estava ouçioso e ssem rreposta de vosa alteza e ssem o servyr e avya que hera conciencya perder tamto tempo sem servyr vosa alteza depoys me mandou que avia por seu serviço mjnha estada o que a mym ffoy muy grande mercee e asy lho esprevy que iso hera o que buscava servyr a vosa alteza e gastar estes poucos de dias de vyda que me fficão em seu servyço e que poys avia materia em que servyr e vosa alteza mo mandava que eu sperava em Deus como espero que com meu rremjnho quebrado lhe ffaça tanto servyço nesta santa jornada que lhe mereça ffazer me mercee e homrrado nesta terra que Deus Nosso Senhor lhe dara e asy senhor o torno a dizer e bejar as mãos a vosa alteza por esta mercee que he ca se servyr de mym porque com a alma o desejo e spero servyr.

Item. E contudo senhor como quem ama seu servyço digo que se eu pera isto não sou que se busque outro velho e disymulado e não com estromdo nem ffausto e que venha com nome de trigo ou doutra quallquer cousa ssem se symtyr que vem aos negoçios que se tratão porque tambem sera danoso e perjudiciall como embaxador e seja pessoa pera iso que asy a de ser e asy compre a voso serviço que se busquem os homens pera as cousas e não as cousas pera os homens.

Item. Senhor com a conffiamça que de mym e de mjnha verdade tenho lembro a vosa alteza que ha pesoa que vyese por muy avisado que seja eu asy per mjnha vaca e couves e mall sabydo lhe tenho muita aventajem que he a enteligencia dos negocios que ha tres anos que trago amtre as mãos e as praticas d el rrey e de seus officiaees e alcaydes e pesoas de que tenho jmteiro conhecymento o de que vyrya muy novo o que vyese e começarya de novo o que serya trabalho e desabrymento qua a quem com que ouvese de negociar tudo lembro a vosa alteza Nosso

Senhor lhe escolha o que ffor mays seu serviço e a mym deixe acabar em voso servi[ço e is]to he o que desejo. De Ffez oje iiij dias de junho de 1541 anos.

Item. E se vosa alteza todavya ha por seu serviço enviar o embaxador meu pareçer he que vosa alteza o mande sobreestar e spreva a el rrey de Fez as rrazões que o movem a o mandar e segundo o que lhe tornar a rresponder asy ordenara vosa alteza o que ffor seu servyço e entretanto os negocios corrão e mande rresponder a suas cartas que se o bem ffiz a tres anos asy o ffarey huum mes que njsto se pode gastar e nada nele se perdera. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor. 3.ª pera ler.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 69, n.º 122.

XXII

26 DE JULHO DE 1541

Carta de Lourenço Pires de Távora, embaixador enviado ao rei de Fez, a el-rei D. João III. — Conta como foi recebido por el-rei de Fez e as práticas que teve com êle, para cumprimento da sua embaixada. — Falou-lhe das mortes e roubos cometidos pelos mouros vezinhos dos dos lugares de África, em violação das pazes. Asento feito com êle sôbre os cativos cristãos em poder de Barraxe, xerife de Xexuão. — Recomenda Francisco Lionardes e Jacó Rute a el-rei, pois são dignos de mercê, pelos seus bons serviços [1].

Senhor. Porque trabalho por m esquecer tudo o pasado nas duvidas aa minha entrada nesta tera quero começar esta en dar conta a vosalteza de como ja estou neste Tutuão pera onde parti d Arzila a xi de julho en companhia dum filho de Hacem que estava por alcaide de Tutuão ao qual el-rei mandou com des de cavalo pera me trazer e ha entrada deste lugar mandou ho alcaide seu pai e o filho d Almandarim que agora he seu enteado com gente de cavalo que me sairão a receber desta maneira vim logo a casa d el rei onde ho achei com todolos alcaides e homens principais que agora nesta tera tem chamados pera m esperar com elles e mostrar autoridade e grandeza o que eu entendi em ho ver aguardar me severo e asentado com todos os que digo polo qual eu mudei o que trazia asentado com vosa alteza de fazer comitimento de lhe tomar a mão porque areceei por sua seguridade que cuidase que o fazia de sizo e que ma dese e por iso quebrei esta cortezia em hir tambem muito seguro e tirar lhe o

1. *Acêrca desta embaixada, veja-se a nota que damos no fim dêste documento.*

barete de perto com lhe fazer hũa mizura asas grande e elle beijou a sua mão duas ou trez vezes e me mandou asentar a par de si e certo que se outra cortezia lhe fizera que estivera agora bem corido por parte de Portugal perdoe me vosa alteza sair nisto do que de laa trazia determinado porque o al fora ero pola maneira com que m esperava e labeo pera começo d enbaxada de vosa alteza depois de me preguntar como vosa alteza ficava e eu vinha de caminho e mostrar alvoroço com minha vinda a elle lhe pedi liçença pera me vir a pousada descansar e lhe dixe que ordenase dia pera me ouvir o a que vinha dij a tres dias porque não pode ser menos por alguuns enbaraços que elle teve me mandou chamar esperou me com Bengija e o seu secretario e Luale sos e depois d algũas praticas tive com elle a pratica que trouxe por minha estrução que fose a primeira e lha dixe toda sen saltar letra e de maneira que lhes pareceo en estremo bem e a gabarão logo huns aos outros e dizendo lha clauzula e clauzula lha hia tornando em aravia Jaco Rute que he grão official disto e estava prezente porque sen elle não se faz nada nesta tera e tambem hi era Jeronimo de Montoia que eu tenho nestes negoçios pera me não enlearem na aravia e ver o que elles sintem do que lhe digo e no cabo desta primeira pratica lhe falei na rrotura que via nas pazes e na ma guarda do asento delas que lhe pedia ordenase como asi não fose pois amizade de vosa alteza lhe mereçia mandar ter elle milhor tento niso tambem lhe falei nos cativos que tinha Barraxe isto apontei fora da minha estrução porque me pareceo serviço de vosa alteza en cada parte que eu hia apontando a obrigação em que elle era a vosa alteza e o que lhe devia polo que tinha feito por elle e as praticas e palavras que erão pasadas entre ambos a quada cousa me respondia por si que hera mui grande verdade e que asi pasara e que era en conhecimento de tudo e que bem via eu que elle não podia responder aaquilo logo que queria dous dias pera cuidar niso e que lhe dese eu aquilo que lhe dixera por palavra por escrito pera o elle mandar por en aravia e milhor responder a tudo e dixe me que me asinase no escrito pareçe me que fez isto por cuidar que aquilo era soo o que eu queria e que não avia de falar em outra cousa polo qual ficou mui desalivado dos reçeos que tinha do que a que eu viria por que entrelles avia sospeita d eu poder quebrar pazes ou apertar polos arefens e vendo que não apontava nenhũa destas derão se por fora do perigo como homens maos negoçeadores nesta primeira pratica se não achou Bastião de Vargas por inda não ser aqui e de me fazerem crer en Arzila que era partido de Fez escrevi em outra carta a vosa alteza que estava ia en Tutuão mas en tudo al he elle presente e lhe dou conta com a cautela que me pareçe neçesaria e a vosa alteza lenbrou tirando lhe a sospeita dele cuidar outra cousa filo tão meu amigo que come en minha casa e estaa nela senpre a esta primeira pratica que digo rrespondeo el rei de Fez por hum escrito feito polo seu secretario e asinado por elle

e mo mandou com me dizer que vise aquilo e se mais tinha que dizer o fose praticar com elle o trelado deste escrito en algemia com o proprio mando a vosa alteza nele vera o que rrespondeo e porque me parecerão palavras sen concruzão como todalas que ate qui são pasadas neste negoçio com que lhe pareçia que me tinha satisfeito determinei falar lhe mui largamente na concruzão deste caso e querer saber dele a deradeira determinação a sustançia de tudo vera vosa alteza nese escrito que tambem dei a el rei de Fez por nele pedir no cabo da pratica que lhe escrevese o que eu ali pasara com elle pera o ler de vagar e me responder colhi a sustancia de todo o negoçio e pus lha nese papel porque a pratica foi muito mais comprida porque a quada hum d aqueles pontos dei muitas rrezõis neçesarias ao caso e trabalhei por mostrar que não vinha com neçeçidade e quando chegei a pedir lhe arefens pera segurança de tudo con lhe fazer crer que era obrigado a os dar polos ter prometidos e por se não poder fazer obra sem elles ficou morto segundo logo deu a entender porque estava descuidado d eu apontar niso e tambem em me afirmar tanto nos mantimentos o que tudo fiz porque o vi ensistir em exercito grande mas pera se fazer o que vosa alteza puder e lhe parecer bem darei abaxo a rrezão tanben me afirmei que vosa alteza quisera algũa obra este ano por lhes tirar sospeitas de cuidarem que he minha vinda comprimentos e tãobem pera deixar cabo pera com achaque desta vontade de vosa alteza lhe requerer algũa guarnição pera logo se comprir e a vosa alteza pareçer bem a desculpa que dão pera não poder hir contra o xarife este ano estaa crara por quão desbaratados e perdidos ficarão todos desta guera do Baraxe e ser ia tarde a esta pratica que digo estava so Bengija con elle e não me rrespondeo mais pera a concrusão senão que eu dezia bem e ele viria aquilo e cuidaria o que podia fazer até qui he feito no negoçio a que me vosa alteza mandou e o que me pareçe diso he que eles mentirão nos mantimentos en todo posto que se tornem afirmar que farão niso tudo o que puderem e os arefens que en nenhum modo os darão logo e não sei se o farão depois com medo de o tomarem muito mal os seus porque pera amizade com cristãos não podem em nenhum modo ser rreis asolutos e de ser çerto hir contra o xarife me pareçe que o fara polo odio em que estaa com elle e polo alvoroço que mostra quando lhe falão em o destroir e por lhe ser isto necesario pera cobrar o seu e estar seguro em Fez mas pera se vosa alteza afirmar e fazer de todo conta dele não deve ser sem arefens polo que pode aconteçer quando fosem a sua fiuza [mas pareçe que se inclinara a dar 542) como me agora rresponder que não tardara dous dias com lhe falar 174) 175) 116) 20) 18) 2) 11) 5) 342) da maneira que vosa alteza manda porque me pareçe que s escuzarão 93) 13) 542) con dizerem que tambem não tem nenhũa segurança de nos e aqui estaa aberto o caminho pera eu ordenar o negocio como de meu e como queria 23) 194) 23) 20) 23) 144)

190) 2) 91) 235) 25) 100) 20) 23) 18) 211) 14) e folgar muito 91) 74) 10) 229) 14) 5) 190) 156) 20) 18) 100) 91) que sera grande 11) 50) 20) 16) 21) 166) pera os seus 20) 5) 20) 18) 13) 50) e a confiança e concelho de ha vosa alteza 13) 36) 29) 42) 23) 143) 18) 10) 40) e 91) 5) 41) 205) 119) 14) 5) 50) 210) 220) 18) he mui bem acertado por lhe dar causa 91) 146) 43) 169) 7) 91) 7) 75) 74) 25) 2) 420) e rezão pera obrigar mais 5) 50) 211) 118) 229) e a tela senpre 74) 25) 23) 154) mas convem que do que vosa alteza ordena 61) 340) se não posa 240) 13) 169) 18) 211) 14) que ha 91) 214) 21) 211) 14) 342) 17) 235) 216) 218) 5) 41) 74) 7) 234) 173) 61) 210) pera o 175) 116) 76) 2) que 214) 84) 214) 144) 146) 7) 100) 6) 5) 8) 23) 14)] [1] e não cuide vosa alteza que vou de vagar a concruzão disto porque se saise alguum ponto da ordem que se requere danaria tudo por quam sospeitosa esta gente he sen ter conçelho e saber mui pouco e não se aventurarem a nenhũa esperança senão a que mostrar o bem mui craro contudo espero de mandar recado disto antes d oito dias a vosa alteza não dei inda conta deste negocio a Bastião de Vargas porque afora não ser chegado o tempo diso tenho inda sospeitas dele não folgar se aceitar algũa cousa das a que venho e poder se hia antecipar enfim que eu negoceo nesta tera com muitas cautelas por tanto quando vosa alteza quizer que lhe eu dee conta d algum negocio mande me a mim sen lho escrever a elle que o faça porque o farei a seu tempo e com lhe dizer na sua carta que eu o farei me dara o trabalho que agora tenho com lhe dar a entender que m escreveo vosa alteza por cifra e que me não entendo com ella a qual farei que acabo de saber quando comprir dar lhe a conta e a carta en que lhe vosa alteza isto screvia lhe não pude esconder por elle ser prezente quando chegou o mesageiro.

Item. Açima digo que darei a vosa alteza rrezão pera poder fazer esta gera com a gente que lhe pareçer bem sem enpedir ensistirem eles em exercito grande o que se podera fazer dando elles os arefens necesarios mandar vosa alteza a gente que lhe bem pareçer porque são homens que nesta parte se lhes pode fazer crer tudo e por iso não ensesti en lhes dar a entender que me parecia milhor hũa boa guarnição posto que na

(1) [mas pareçe que se inclinara a dar arrefens como me agora rresponder que não tardara dous dias com lhe falar no negocio d Azamor da maneira que vosa alteza manda porque me parece s escusarão dos arrefeens com dizerem que tambem não tem nenhũa segurança de nos e aquy estaa aberto o caminho pera eu ordenar o negocio como de meu e como queria e pareçe me que o devem d aceitar e folguar muyto de cobrar aquela cidade que sera grande desculpa pera os seus caçises e a confiança e conselho de a vosa alteza soltar he muy bom e de a emtreguar a este rrey he muy bem acertado por lhe dar causa de mais pendença com o xarife e rrezam pera obrigar mais a esta guerra e a tela sempre com ele mas convem que do que vosa alteza ordena de Mazagão se não posa sospeitar que ha de soltar Azamor que seria emconviniemte pera o neguocio que sobriso me manda fazer]

pratica segunda falei no modo desta gera largamente e pasei com o seu parecer por não cuidarem outra cousa.

Item. Vizitei a mãi d el rei de parte de vosa alteza mas não lhe dei o recado que pera ela trazia sobre o negocio a que venho porque vi que não era parte pera iso e que desautorizava o negocio fazendo o a Bengija dei hum recado da parte de vosa alteza de boas palavras porque ho acho seu servidor e com elle soo pratica el-rei estes negoçios e sabe mui pouco em tudo mas fia se el-rei muito nele e ten no por amigo.

Item. Dei a el rei as novas que me vosa alteza mandou do cosario mostrou que folgava de o avizar diso e dis me que ja tem provido no resguardo do que convem e falo a porque se areceão muito de turquos elle se hira deste lugar ao que parece antes d oito dias porque não ha nenhuns mantimentos nele e são lhe mortos muitos cavalos estando aqui com muito pouca gente deixa aqui Çitalfora sua molher aaqual não achou nenhum dinheiro do que cuidava e com que esperava restaurar se vai se aos alarves que estão no caminho de Fez dos quais teve sospeita d alevantamentos os dias pasados e querelos ha castigar com hos roubar que esta he a enmenda que se daa nesta tera e nisto se detera alguns dias estou prestes pera hir com elle dando lhe todavia a entender que descio concruzão neste negoçio que tenho praticado pera me logo poder hir e elle lança conta que no canpo d Arzila me acabara de despachar nisto se fara o que o negoçeo der e conpre a serviço de vosa alteza como em sua estrução manda.

Item. Falei como ja dise a el rei no desconcerto que via nas pazes destes lugares de mortes e rroubos que se neles fazião e que fizese tornar os cativos de Baraxe ao asento das pazes dixe que com a obra queria rresponder e que se não iria d aqui nem do canpo sem deixar encomendado o negoceo a pesoas que defendesen estes danos e que ordenariamos ambos com dar algum talho a iso bom e quanto aas perdas recebidas que trouxesem rrois diso de cada lugar e que faria justiça en restetuir isto me pareçe que faltara porque elles paguam mal o comido e tambem mostra rrois de muitos danos que mouros tem recebidos e quanto aos cativos de Baraxe mandou hos vir pera mos entregar mas era com cautela que me obrigase eu a lhe tornar alguns mouros que nestes lugares são cativos depois das pazes não me quis enbaraçar nisto pola dilação que se fara em se ver esta justiça polo qual elle asentou deixar alguns cristãos en arefens dos mouros e os outros soltalos e os que ficão he sen feros e em minha casa e destes cativos de Baraxe faltão alguns que mandarão Argel e são espalhados por partes obrigou se o Baraxe a tornar os de que ouver testemunhas que vierão a seu poder e de seus vasalos.

Item. Bastião de Vargas me dise que escrevese a vosa alteza que seria bom pera arrecadação do dinheiro que elle qua enprestou ver se o

pode aver en cativos porque trigo o que ouver sera pouco e mui caro en negoceos de fazenda não sei se poso falar nem sei se deve vosa alteza algũa cousa a redenção ou tem algũa obrigação deste geito mas sei que esta divida segundo estaa que se cobrara tarde e mal meti me nisto porque mo elle pedio.

Item. Eu escrevi d Arzila em outras cartas a vosa alteza como tinha mandado Francisco Lionardes cavaleiro de vosa casa a esta tera pera por elle negocear minha vinda a ella e elle por servir vosa alteza fez isto de maneira resguardando tudo o que era necesario que esquecerão todalas outras duvidas que punha quem lhe com iso pesava e esperou ate levar o filho do alcaide que digo que foi por mim e porque elle he pesoa que en tudo sabera bem servir vosa alteza e com ser muito bom homem entende esta tera bem e se fia nele Jaco Rute por mão de quem se tudo faz lhe pedi da parte de vosa alteza que quisese qua andar comigo porque ho ei muito mister pera saber cousas antes que se ordenem e pera lançar neles outras como de si muito neçesarias ao caso e não ho tenho presente aos negoceos em que falo a el rei e desta maneira me he tão neçesario que peço a vosa alteza lhe mande que sirva nisto e far me a merce porque com ho obrigar com o serviço de vosa alteza o detenho.

Item. Jaco Rute he homem de que vosa alteza deve fazer muita conta pera os negoceos desta tera e elle faz os que cunprem a serviço de vosa alteza como quem tem seu fundamento niso e não em al posto que qua não fara o que não deve porque he homem de bem parece rrezão fazer lhe ho favor que for posivel e afirmo a vosa alteza que mereçe mostra d agradecimento.

Item. Tardei tanto em despachar este mensaieiro porque esperei por algũa cousa do negoceo pera escrever do que en tudo for neçesario eu fazer me fara merçe mandar me avisar logo.

Noso Senhor vida e rreal estado de vosa alteza guarde e acrecente a seu santo serviço. De Tutuão a xxbj de julho de 1541.

Lourenço Pirez de Tavora.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 70, n.º 33.

Este documento já foi publicado por Alvaro Pires de Távora na Historia de varoens illustres do appellido Tavora *(Paris, 1648), p. 27-31. Publicamo-lo de novo por esta obra ser raríssima e porque, pelo seu valor geral, importa também a Arzila. Não encontrámos mais correspondência dêste embaixador no Arquivo nacional, mas vem toda naquela obra, p. 31-43.*

D. João III, depois da perda de Santa Cruz do cabo de Guer, em 1541, desejou fazer guerra ao xerife e impedir que êle se assenhoreasse do reino de Fez, como já fizera do de Marrocos. Para isso mandou Lourenço Pires de Tavora que propusesse a el-rei de Fez uma acção comum: êle cometeria o xerife por terra e D. João III enviaria um exército que entrasse pelo reino de Marrocos; o rei de Fez daria os mantimentos necessários; haveria refens de parte a parte: Portugal oferecia em penhor Azamor e Safim, que era intenção largar. Estas negociações não tiveram efeito. Veja-se p. 26 da citada obra.

XXIII

26 DE JULHO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Escreve que um enviado do xerife veiu a el-rei de Fez para tratar de pazes entre éles. El-rei de Fez prometeu que as não faria: factos que provam que foi sincero. — O alcaide Adel afirmou que em maio próximo estarão prontos 30:000 de cavalo e a mais gente de pé necessária para cooperar com o exército português que deve atacar o xerife.

Senhor. Envyey os dias pasados a vosa alteza hũa carta que el rrey de Ffez me spreveo a Ffez em que me dizia que a terra do xarife estava como ja mo ffizera a saber e que a elle herão vymdos dous cacizes do xarife que elle os levarya comsygo a Xuxuão e temporyzarya com elles.

Item. Sprevy a vosa alteza que apos estes veo outro grande caciz amtre elles a pydyr pazes e com esta ação de ffazer e conceder tudo o que el rrey de Ffez quisese eu sprevy logo a el rrey tudo o que por entaom me pareceo necesaryo a lhe não dar pazes com todas as mjlhores rrazõees que me ocorerão lembrando lhe que elle quisera que ffose seu ffiador que nunca farya pazes com o xarife o grande caciz veo a elle e el rrey o despachou quando a este Tutuão chegey faley a el rrey e veo a bõo geito poder lhe falar no dito caciz e pazes que lhe veo pydir e rrymdo se me dise avyaa me d esqueçer a fyança em que vos mety eu não ey de fazer pazes com o xarife.

Item. Dise me Jaco Rute que ja qua hera diamte de mym que el rrey soo per sy despachara o caciz e que el rrey lhe disera o caso todo o xarife lhe envyou rrequerer que quebrase as pazes com vosa alteza e fizese pazes com elle e que farya todo o que elle quisese el rrey lhe rrespomdeo que pazes com vosa alteza elle as não avya de quebrar em quanto vosa alteza com elle aas quisese por asy o ter asemtado e que sua ley lhe manda que mays verdade guardão aos cristãos por serem de fora de sua ley que aos mesmos mouros e que a jsto não avia que ffalar.

Item. E quanto a pazes com o xarife que era mouro que lhas não podia negar que as farya com muy boa vomtade com tamto que lhe tornasse Tedula Ezcura e Tafelete e toda artelharya e monjção que lho tomou e satysfizese as perdas que perdeo cousas que não tem rremedeo se poderem satisfazer tornando eu a falar com el rrey e tocamdo nesta materia me dise eu não farey com o xarife paz e creo que seu jrmão a deseja comjgo porque estão muy mall ambos de dous e esta muy necesy-

tado e amda fazendo se forte que faz cava ao castelo de Marrocos tem pouco pão e ese que tem guarda o sem dar delle a sua jemte a quall toda o deixara o dia que nos vyr hyr contra elle e que o sprivese a vosa alteza.

Item. Senhor me dise cousa que eu ajmda não sabya diz o negocio de Moley Aderyz senhor da serra se herrou que hera huum grande pedaço de bõo negoceo o qual me rrecco que se perca com quanto elle levou ao xarife a carta d el rrey e lha deu contudo o xarife he ma homem quiçaa lhe buscara algũa escama pera lhe cortar a cabeça e dise se o negocio por aqui vyera nos o encamjnharamos de modo que aproveytara e se o xarife o não mata e elle quer sera muy danoso ao xarife depoys de eu pasar isto com el rrey soube do negocio por huum cavaleiro que aqui veo de Zamor.

Item. Senhor falamdo eu em Fez com alcayde Adell em cousas do xarife me dise que fazemos vos cristãos e nos mouros que nos por qua e vos por lla ha muy pouco que fazer rrymdo lhe rrespondy quão lomje estays de vos parecer isto bem cristãos matarem mouros com vosso favor rrespomdeo me esta he mjnha voz e ja o dise a el rrey algũas vezes rrespomdi lhe e que dires a vossos cacizes rrespomdeo me como cavaleiro os cacizes ese he seu officio e o dos cavaleiros he o que eu digo vy e contey isto a el rrey certefico a vosa alteza que se alevamtou e começa a correjer a touca tão jmfflamado como se ja se vyra no negocio e dise xeque Bastião os cacizes muito valem e hussão de seu officio e avemolos de ouvyr mas não fazer tudo o que elles dizem que huum officio he o seu outro he o da omrra e cavalarya verdadeiramente senhor que segundo o que nelle vejo e entemdo elle deseja estes negocios como vyver e que me pareçe que por sua parte não ha de quebrar nem tornar atras trigo nem cevada como ja sprevy a vosa alteza muitas vezes não se segue delle que o não tem arreffens a meu ver elle as dara mas embuçadas como ja tambem sprevy e que quanto a elle que de sua pesoa se pode conffyar.

Item. Dise me o alcayde Ladell que mesturarmonos cristãoos e mouros não servya nem poderya ser mas hyr vosa alteza ou seu eixercito a conquistar o xarife que a elles nada toca pois tem pazes com vosa alteza e que hyrem elles ganhar as terras que tem perdydas nada offemde a sua ley mas que ffazem o que devem.

Item. Elle se promete pera em mayo vymdoyro ser prestes e com xxx de cavalo e a jente de pe a este eixercito necesarya como vosa alteza lla vera per sua rreposta que ao embaxador rrespomdeo. De Tutuão oje xxbj dias de julho de i541 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A ell rrey noso senhor. 2.ª pera ler. 1541.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 70, n.º 31.

XXIV

30 DE AGOSTO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas ao capitão de Ceuta. — Dá-lhe conta de vários sucessos em que el-rei de Fez não usou de justiça com os cristãos, como devia. — Citalhorra é sempre muito contrária aos cristãos; o meio de a tornar favorável seria cerrar-lhe o porto de Ceuta, de modo que de lá não possa refazer-se. Não se quebrariam com isso as pazes. — No campo de Arzila os mouros mataram um cristão e roubaram dez bois. O capitão da vila. D. Manuel Mascarenhas, usou de represálias, mas, antes que el-rei de Fez se queixasse do facto, êle, Vargas, queixou-se da sua falta de justiça. — Diz que o xerife aperta mais com o pedido de pazes. — Informa que de Safim lhe chegaram notícias de o xerife ter cercado a cidade. Pede-lhe que as mande a el-rei seu senhor.

Per Ffernão de Tomar hũa escuyta de cavalo de Tamjere rrecebi hũa de vosa senhoria com outra pera el rrey de Ffez e outra pera o embaxador as quaees trouxe a Tamjere Manuell Diaz e d aly não pasou diz que por mall desposto a quall nesta rrespomderey.

Item. Senhor quanto a tomada do bargamtym e aquecimentos dos mouros mortos que de Ceita vynhão e do que matarão n aduana tudo qua ssabyamos que Citalhorra he tão prevenjda que nada lhe ffica ao tymteiro affora a por todas as culpas a vosa senhoria como vymos per suas cartas que el rrey nos mandou mostrar.

Item. Senhor como vy sua carta me ffuy a el rrey e lhe comecei a rrelatar todos os negocios do Contreyras e da nenhũa justiça de sua morte e que como de huum mall se segyão muitos males que d ay naceeo matarem os dous mouros e matarem ho d aduana e que tudo por sua culpa poys não ffez justiça em Tutuão nem em todo este camjnho destes campos o de que tambem ja começavão a soceder males que mouros ja ffazião por verem sua ffryeza.

Respomdeo me a sua gysa que o Contreyras elle nunca soube quem o ffizera aqui ouve muitas trepeças que o seu cavalo não se podia escomder sem se saber omde estava e por elle saber quem fez o dano dise me que os dous mouros estava certo matarem no homem de cavalo de Ceita que lhe acharão o rrasto omde os matarão e que vos não ffazies justiça de cousa tão errara.

Item. Respomdy que mandase lla dous homens em que se ffiase e que vyrjão a justiça que njsto vosa senhoria mandarya ffazer d eu o calar por rreposta.

Item. Quanto ao d aduana dise que isto senhor vos não tocava a vos mas a elle que serya causa de njngem querer vyr a Tutuão e que elle mandava que njsto se ffizese grosa justiça e disto sera o que ffor porque elle ssempre deu muito crredito [a] Alhorra polo muito que lhe peitava quanto mays agora que he sua molher e lhe peita muito que he de maneira que dão x̄ cruzados de rremda pola aduana de Tutuão e os não quer e quer contemtar Alhorra.

Item. Senhor quanto ao que se ffez a Fejoo e xxx cruzados que lhe levarão pollo porem no Castelejo diz que Alhorra mandou chomar o almocadem... e lho entregou que lho levasse em salvo com xxx de cavalo e que os parentes dos dous mortos saltarão com elle e lhe diserão que se o levava que elle averyão que lhe matarão seus parentes e que não ousara de o levar a isto não me ffaltarão rrazões mjlhores que a sua dise que não podia ser que Alhorra pera iso levase xxx cruzados rrespomdi lhe vos senhor sabeys que eu vos dise em Tutuão que Alhorra levara xbj cruzados avya quatro dias por huum soyço que de Ceita se vyera e vollo provey e a iso nada me rrespomdestes como a de deixar de ser isto verdade e mays sprevemdo o dom Afonso o calar me deu por rreposta o caso senhor he que matem cem mouros e matem outros tamtos cristãos nada lhe da nem lembra senão emquanto lho dizem e por iso nem odio nem amjzade lhe ffica na cobyça e avareza são seus derradeiros cuydados.

Item. Senhor lhe ffaley nos xbj catyvos esta muy rroym neste negoçeo e dise me que em primcipio vosa senhoria prometera bij[c] cruzados e que os comprareys com vosso dinheiro e que disto nada ffoy e que os navios se fforão e que elle mandara apos elles e os comprara etc. a ysto rrespomdy que elle por condição de pazes tall não podia ffazer aqui rrespomdeo que sy podya o de que altarquey e com paxão e palavras taees que lho ffiz conhecer e que vos senhor pera isto emprestares iiij[c] cruzados dise que tall não avya ly lhe senhor vosa carta e lhe dise que o que vosa senhoria dizia hera verdade e que elle estava enganado fforão as pratycas de maneira que me azedey muito e quis tornar a enmendar e a dezer lhe que per vosa licença os comprara que doutra maneira o não podia ffazer e ffuy rrodamdo a trazer o negocio amjzade e ao muito proveyto que de certa tem soma senhor ao todo elle esta fforte e cre que a d aver por estes catyvos x̄ cruzados.

Item. Senhor dey conta disto ao embaxador e pydi lhe que ffose a el rrey com voz d outro negocio pera me ajudar neste destes catyvos e que eu alevamtarya a lebre tres dias detive esta escuyta por amor disto el rrey ffoge a lhe ffalar o embaxador com escusas o porque senhor nos pareceo bem rrespomder vos com nos fficar o negocio no tavoleyro pera delle tratarmos como a el rrey chegarmos o que não pode deixar de ser porque ha negocios a que cumprem ajmda que não queira lhe ffalarmos e

contudo me rreceo que elle nenhũa vyrtude ffara polla quall noso conselho he parecer he o cygynte.

Item. Vosa senhoria seraa lembrado que de Ffez lhe sprevy vezes que d Alhorra se não queixase mays a el rrey que nenhuum rremedio tynha e que se ffazia rreo de autor que hera poys em sua mão heram enffrear Alhorra com lhe cerrar ese porto porque ella morrerya de ffome e engaffecerya vosa senhoria nunca o quis ffazer as causas porque elle as sabera que eu não sey mays que vos ver ser martyre e asy o sprevy a el rrey noso senhor muitas vezes.

Item. O caso senhor he que a mym e ao embaxador e a pesoas do conselho que não são pera nomear nos parece bem e ajmda serviço d el rrey noso senhor que vosa senhoria cerre ese porto de todo sem por elle pasar pesoa algũa a Tutuão nem nu em camjsa e que vosa senhoria se proveja de Castela do necesaryo e que coma as correas dos escudos se comprir e isto dous tres quatro b meses porque esta muy averyguado que el rrey de qua e cyte Alhorra della vos pydirão mjserycordia e ffarão tudo o que vos quiserdes e isto de pura necesydade porque oje all não tem senão ese porto.

Item. Senhor alem disto acabarão elles d asentar que Ceita nada a mester de Tutuão porque elles cuydão e o dizem que Ceita que engaffecera e morrera de ffome se Tutuão não ffor a cuja causa ousa Alhorra de vos avexar e desomrrar e quando isto asy ffose o que não he poys Castella estaa tão perto certo senhor que he fforte cousa hũa pesoa como a vossa rreceber tamtas avexações e enjuryas de hũa molher sendo em vosa mão não aas rreceberdes e ella vos servyr e adorar affora de ser menoscabo que cristãos e Ceita sejão suditos de hũa molher e ajmda que ffose homem poys são mouros.

Item. Senhor com se cerrar o porto não se quebrão por iso pazes dom Manuell ffez agora huum jugete que lhe bem abala muito depoys d el rrey pasar por seu campo lhe matarão huum cristão e levarão dez boys mandou polo rrasto ate omde pasarão e daquella terra lhe trouxerão dous mouros e dez boys e deu a entender que fora pera per elles se saber quem ssão os que ffizerão o ffeito como eu o soube sem ver carta de dom Manuell me queixey muy rrijo de modo que não deixey el rrey entrar em jogo de se queixar de dom Manuell ffazer rrepresarya ssem lhe ffazer a saber de modo que el rrey me conffessou que dom Manuell teve rrazão e Barraxe spreveo agora a el rrey que ja tynha presos ffilhos e molheres de quem o fez e que elle ffara delles justiça e que a sua custa dara huum cristão cativo pollo morto e lhe ffara tornar os seus propyos boys e ja ffica em posto pera cada vez que lhe ffizerem algũa rroymdade ffazer rrepresarya do modo desta e os da terra com rreceo de ffazerem nelles rrepresarya damte mão dyrão quem são ou fforem os mallffeitores e isto senhor sey eu rrodear aos negocios que ffiquam desta maneira e

perdoe me esta descortesya que me gabo mas a materya o daa e pera lembrar a vosa senhoria que se se puser em auto de o averem mester que o adorarão e de como ate ora esta rrecebe o que ate ora vemos que tem rrecebydo de paxão e avexaçóees e tudo por servyr el rrey noso senhor e guardar suas pazes que bem o vejo e o entemdo mas os tempos senhor ffazem e desffazem os negocios e os negoceamtes per quem qua se negocearem como ffoy este de dom Manuell que ja ffica autor e pera sempre se por em pee como ora ffez posto que eu lhe sprevy que sempre que outra tall lhe soceder que ffaça como ora ffez mas que logo mo espreva e a el rrey de Ffez queixamdo se muito do que lhe ffizeram que sse diz que pelejou como lião e depoys pydyr perdão he a concrrusão senhor que vos compre muito e a servyço d el rrey noso senhor que cerres o porto e comays e vyvays como puderdes e deixay me qua jugar que tudo ffarão e vos rrogarão sempre e nos catyvos ffarão rrazão ajmda que não queirão o de que ora estaa muy arredado crendo como ja digo que averaa pera elles x̄ cruzados e não crea que njsto posa valer nem vall dizer que os navios sayrão de Targa e acompanhados de mouros de Tutuão que tudo ffaley que nada me esquece o amor do proveito ou cobiça cega este omem de modo que nada se dobra a ffazer se não o que lhe elle rrequere e he de seu naturall e no all não ha lembramça de odio nem amor e nada lhe da dos acontecimentos e isto senhor he o que poso e ouso sprever lhe e aconselhar lhe e lho peço muito por mercee que estou qua e vejo os negocios e modo delles e vejo que isto he o que cumpre.

Item. Senhor cuydey que em pasando os campos destes lugares pudese tornar a Ceita os negocios vão ca de maneira que por agora me não poso arredár delles e me compre ser presemte e porver se amtes que el rrey saya destes colotos me pagara alguum pedaço do que me deve e em tendo lugar pera me hyr crreo que ho ffaça e não per Tutuão mas per Tamjere em alguum destes navyos d armada de sua alteza que neste mar amdão.

Item. Cacizes do xarife ssão tornados novamente a el rrey de Ffez cre se que cada vez o xarife aperte mays nas pazes que pede porque vay vemdo primjcias de cousas que lhe dão rreceos não sey o que sera posto que este lhe tem muito odio contudo são mouros que pera contra cristãos sempre ssão amjgos.

Item. Crreyo que el rrey noso senhor tenha de Caffiym novas que o xarife o çercara o que por ca tenho sabydo he que elle lamçou esta nova de o hyr çercar ou hyr a estorvar as obras que se ffazem em Mazagão e pera isto pydio ajuda as mizquitas e lhe derão iij caffas de trigo as quaees rrecolhe e se diz ou me dise el rrey tudo isto e que se tornara a soseguar por ca crreo que o espreverey a el rrey noso senhor esta nova mas não sey quão cedo sera porque Arzilla amda livre pasagem como

tem Ceita se vosa senhoria tyver azado ffazer lhe a saber esta nova asy como lha sprevo serya seu servyço bejo as mãos de vosa senhoria. Deste campo deste[s] colotos debaxo de huum teliz ou maa tenda morrendo de ffome ssem aver que comer nesta almahala nem sse achar por dinheiro oje terça ffeira xxx dias de agosto de i54i anos. Servidor de vosa senhoria. Bastião de Vargas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 70, n.º 77.

XXV

20 DE OUTUBRO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas ao conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, vèdor da fazenda. — Manda-lhe dizer que certo mouro, cavaleiro e honrado, agravado de seu rei, deixou Fez, com o propósito de ir a Tetuão e fazer guerra aos lugares em poder dos portugueses. Correm perigo os mercadores cristãos desta cidade. — Vargas avisou os capitães dêsses lugares dêste sucesso, para estarem precavidos.

Senhor. He acontecido huum caso novo que ate vermos o ffym delle em que para eu mandey avysar os capitãees todos que olhem por sy e por seus campos que amdão muy largos e muy cobiçosos pera mouros e o nelles entenderem e o casso he este que Mahamede Haçym he cavaleiro e homrrado e amdava agravado d el rrey desapareceo d aqui com todos sseus ffilhos e casa e deixou muita ffazenda de rrayz perdida nesta cidade o que se diz he que vay com ser chamado dos moradores de Tutuão e com ter lla huum ffilho jemrro de çite Alhorra pera lhe darem a vylla na quall naçeo e se criou este ffeito não poder ser senão com ffavor de Barraxe e o alcayde d Alcaçere Quibyr que tambem se mostrão agravados d el rrey e desejosos de guerra com cristãos posto que a este seu desejo me diz el rrey a quem ja njsso ffaley que he myntyra que não desejão guerra mas que se querem mostrar valemtes que bem ssabe que com a paz enrriqueçem e se este mouro que digo tomar Tutuão tenho por certo que a primeira coussa que ffaça com companhyas destoutros dous ou com seu ffavor que seja ffazer todo mall e dano em huum destes lugares e nos campos que tão largo vyvem e sem lembrança de quem ssão mouros el rrey ffoy sabedor desta hyda deste mouro teve o em pouquo como tem todallas outras cousas com conffiamça de sua dita ou conssolação que descamssa muito ssobre ella acudio avysar çite Alhorra depoys delle ser partydo não sey quall primeiro chegara a Tutuão omde correm rrisco todos os mercadores que nelle estão e o pa[dre] Contreyras e seus companheiros que vem com as esmollas os capitaées são ja por mym

avyssados e o serão do que qua mays soceder ffaço ssaber a vosa senhoria porque a el rrey nosso senhor nada disto sprevo porque não sey a vya quão certa sera bejo as mãos de vosa senhoria cuja vyda stado Noso Senhor prospere. De Ffez oje xx dias de outubro de 1541 anos. O de vosa senhoria Bastião de Vargas.

Sobrescrito: Ao muy ilustre senhor o senhor conde de Vymjoso meu senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 70, n.º 110.

XXVI

11 DE NOVEMBRO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Por ser serviço e desejo de el-rei, ficará em Fez, depois de partido o seu embaixador. Há três anos que está neste cargo e vinte e um fora de sua casa e por isso pede que lhe faça mercê, para que as regateiras vejam o seu favor. — Pede que lhe mande seu filho André, para que o ajude. — Insta por que seja despachado, sem demora, o mouro que veiu à côrte.

Senhor. Ho embaxador me deu hũa carta de vosa alteza em que me me diz que ho manda hir deste rreino e que haa por seu serviço e me manda que queira qua fficar pera o avisar de todas as cousas que qua ssocederem e que comprirem a seu serviço e de todo o que el rrey de Fez me disser que lhe espreva e que asy o espreve a el rrey eu senhor ssaom vosso criado posto que ja velho pode vosa alteza ordenar de mym ssempre e emquanto eu viver como ffor seu serviço que iso me sera a mym sempre muita merçee e ffico ledo e comtemte poys he servyr se vosa alteza de mym e asy o ffarey em todo o de seu serviço como mo manda e como eu mays desejo porem senhor lembro a vosa alteza que haa xxj anos que sou ffora de mjnha casa e que o sirvo eu ha tres anos e hora o ffico mais servindo e que he em terra e amtre jemte tall quall he pola quall poso dizer com Ssão Tome domine mite me ubi vis preter mauros omde por ssua pouca verdade meu serviço ffunde pouco e amte vosa alteza se enxergua muito menos rremando eu ssempre com tamto trabalho que cuspo o samgue nas mãos de modo que com menos trabalho menos ametade em casa de quallquer primcepe meu serviço ilustrara muito mays e comtudo ffico ledo e com muito boa vomtade servimdo vosa alteza pois mo manda e ho haa por seu serviço no quall desejo consumir este derradeiro quartell de mjnha vida peço a vosa alteza que avemdo rrespeito a todo o jaa dito se lembre de me ffazer a merçee que lhe mereço de modo que as rregateiras ha enxerguem em mjnha cassa e em meus ffilhos e ffilhas que vos sirvo e ffico mais servindo em Ffez.

Item. Senhor peço a vosa alteza muito por mercee que me mande meu ffilho Amdre de Vargas que sson velho e me compre estar acompanhado delle e tambem pera per elle esprever a vosa alteza cousas que ssoçedem que não serão pera conffiar de camjnheiros.

Item. Senhor peço a vosa alteza que mande despachar ese mouro que lla amda do miryne de Belez e lhe mande ese mouro cativo porque ha muitos dias que lla tem enviado Roque Cerveira a vosa alteza e mouros no que querem toda dilação lhe he nojossa e no que delles queremos ssão muy ao contrayro compre senhor a voso serviço mandalo despachar e logo ou lhe torne a mandar o cristão porque eu não tenho ja rrazão que dar a mouros e a mãy d el rrey que por iso me mata e ja lhe dise que o tinha esprito a vosa alteza de sua parte. De Ffez oje xj dias de novembro de i541 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor. Primeira pera ler.

1542. De Bastiam de Vargas de xi de novembro de Ffez.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 2.

XXVII

17 DE NOVEMBRO DE 1541

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — A requerimento dos moradores de Arzila, o capitão manda um portador a el-rei com uma certidão da grande necessidade em que se acha a vila. Pede por piedade que seja provida.

Senhor. Ha rrequerimento desta villa e polla piadade que nela vay alem de quamanha necesidade tem de mantimentos pollo tempo que ha que nam he provjda e pollos hanos pasados ho padecem como ja muitas vezes escrevj ha vosa alteza mamdo este portador o qual leva certidam pera vosa alteza ser mais na verdade enformado do tempo que ha que nos devem e pedir a vosa alteza que por amor de Noso Senhor nos queira mandar ser feita merce alem de njso fazer grande servjço a Deus porque certefiquo a vosa alteza que ha maior parte da gemte não come ja senão carne e ervas o que não fora se todas ysto poderão haver que polla mjsericordia que hestes me pedem a que não poso acodir não houso de sair deste castello omde vivo como Deus sabe aquy de nenhũa parte se pode aver alqueire de trigo e eu creo que sera notorjo asy a vosa alteza porque não ha verdade que se escomda posto caso que ha Ceita sobre ter rreções jmteiras lhe não devem mes e em Alcacere provisão e em Tamgere que halem de se lhe dever algum tanto mais e mjlhor lhe

acodio o anno llouvores a Deus agora se dise aquy que vinha pera esta villa huum navio de trigo e foy ter a Cales e hay ho tomarão todo sem ficar alqueire de maneira que vosa alteza pode ter por verdadeiro que em nenhuum tempo me podia mais perdoar tamanha empurtunação pois ha pera jso tamanho rrespeito e enformado disto peço a vosa alteza que mande despachar este portador que ha outra nenhũa cousa vay e seja por alguns dias mais ou aquillo que vosa alteza vir que he necesarjo e de qualquer maneira que for em tudo rreceberemos jguall mercee e eu em espiciall polla parte que niso tenho alem de ser prinçypall na necesidade que pois esta tão sabido he escusado dizello a vosa alteza cuja vida e rreal estado Noso Senhor acrecente. Oje xbij dias de novembro de i541. Dom Manuel Mascarenhas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 9.

XXVIII

2 DE DEZEMBRO DE 1541

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Rute tem servido com muito amor e verdade e por isso pede para êle mercê, como o próprio requereu. Sem êle os negócios de el-rei não correriam tão bem em Fez.

Senhor. Muitas vezes tenho sprito a vosa alteza que Jaco Rute serve vosa alteza bem e ffielmente em todo o de seu serviço e parece me vosso servico ffallar lhe nelle mays craro por que vay de qua o embaxador que he testemunha de vista e que vyo seu serviço e verdade em tudo affiyrmo a vosa alteza que esta terra e a jemte he de maneira que o vosso embaxador e Bastião de Vargas e outros dez nada de voso serviço poderão symgrar avamte sem Jaco Rute porque avemos qua mester huum terceiro por mays arabia e eloquencia que todos tivesemos sem terceiro amtre el rrey e nos nada se ffara este terceiro não ho ha na terra que seja terceiro pera mays que pera dizer e ffazer tudo o que el rrey quiser o quall rrey nada quer nem deixa de querer ssomente Jaco Rute lhe ffala em todos os negocios de modo que pola mayor parte el rrey toma em tudo seu parecer isto porque elle tem saber e audacia pera asy ser e a outra porque el rrey e os de seu conselho todos ssão muy modernos nos negocios como pasa de cuzcuz e hyr ao banho e certo senhor que tenho aprendido que ja nesta terra ouve pesoas de negocio e que o ssabião oje senhor os não ha e como asy seja e Jaco Rute com tanto amor e verdade serve vosa alteza vejo que vosa alteza deve ffolgar de o ter neste rreino e que sse o não tivera lhe comprira buscalo ou outro tall o porque vos merece mercee e elle me dise oje que tynha rrequerymento amte vosa alteza a

que lhe não mandava rrespomder amda diso agastado peço a vossa alteza que o mande despachar como vyr que he seu serviço pera que sayba o que de sy a de ffazer e não este pendurado ssem tomar concrussão em seu asemto porque elle não ffaz ffundamento de vyver nesta terra e tem bulla do papa pera seguro hyr por toda a cristamdade ate omde quiser asemtar ssalvo se ffor servymdo se vosa alteza e podendo elle servyllo o quall diz que não pode ser senão tendo seu jrmão em Arzilla pera com elle lla se valer nesta terra e com estas espaldas poder ca valer e vosa alteza njso ter penhor de seu servyço ffaço saber a vosa alteza a que peço que o mande despachar e ao embaxador me remeto que sey que njsto e em tudo lhe a de ffalar verdade porque tudo vyo e notou muy bem. De Ffez oje ij dias de dezembro de 1541 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor. 4.ª

1542. De Bastião de Vargas ij de dizembro. De Ffez.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 73, n.º 26.

XXIX

.... 1541

Carta de el-rei a D. Manuel Mrscarenhas. — Manda-lhe recolher em Arzila os judeus, moradores em Azamor, que fez sair de lá. — Se os capitães dos navios exercerem violência sôbre êles, castigue-os e disso o avise. — Os mesmos navios na viagem de retorno que levem lenha para Azamor.

Dom Manuel etc. Ouve por serviço de Deus e meu de mandar despejar Azamor de todos os judeus pera este cerquo que se espera encomendo vos e mando vos que os rrecolhais nesa vila com todo bõo tratamento como de vos confio e os mandeys agasalhar e sejam de vos tratados como he rrezão em nam receberem ofensa de ninguem nem se lhe afastar nenhũua cousa do seu e quando chegarem saberes deles se rreceberam alguum mao tratamento dos capitãis dos navios e sendo asy o que nam creo que sera castigaloeys com jnteira justiça e farlheys rrestetuir logo todo o seu e os navyos que os levarem se os poderdes caregar de lenha todos neses soverais com toda seguridade farmeheys niso grande serviço e ocupareys niso toda a gente d Arzila ficando a vila e yndo vos a bõo rrecado porque he muyto necesaria em Azamor e fareys cortar toda a que poder ser de tal maneira que posa aproveytar pera rrepairos e mandarlheys que se tornem logo com ela direitos a Azamor e se alguum

desaguisado elles rreceberem no mar alem de o castigardes farmoeys saber.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 55 v.-56 r. Minuta.

Este documento parece ser de 1541. Ele é precedido de outro, dirigido a Antonio Leite, quando ainda capitão de Azamor, sôbre o mesmo assunto. Ora êle deixou esta capitania, em que foi substituido por D. Fernando de Noronha, em abril de 1541 [Anais de D. João III, *p. 340*]. *Nesta outra carta fala-se da armada de Fernão Peres* [*fol. 54 v.*] *que devia fornecer os navios para o transporte dos judeus a Arzila. Numa carta a Fernão Peres, datada de 13 de abril de 1541* [*fol. 57*], *se diz que êle* «deve estar sôbre a barra de Azamor ou na baía de Mazagão», *e no fim lembra que, quanto ao despejo dos judeus de Azamor, já lhe escreveu. Este despejo foi ordenado, como se diz, por motivo do cêrco que se esperava. Ora um documento, também daquela data de 13 de abril* [*fol. 74*], *escrito a D. Fernando de Noronha, diz entre outras cousas:* «...e tambem por que estand vós já em Azamor e cerquado...». *Isto mostra que o dito documento é anterior a abril de 1541.*

XXX

5 DE JANEIRO DE 1542

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Queixa-se de que certos mercadores, entre êles vassalos de el-rei, teem danado o negócio do trigo, porque compram por preços superiores aos dos contractos feitos: êles mereciam castigo. — Pessoa principal, vinda de Argel, chegou a Fez; não se sabe a que vem: do que souber escreverá.

Senhor. Oje ffeita desta soube que mercadores e alguuns deles vassalos de vosa alteza a quem el rrey de Ffez devia dinheiro lhe comprarão trigo a tres cruzados e meo a çaffa que ssão cymquo onças e quarta valemdo a muito menos em Lixboa ffizerão conta que o dinheiro nunca lhe avia el rrey de pagar e que tomando o trigo asy caro poderão perder a terça parte e que o que ouverem pollo trigo iso ganhão de perdido que jaa tynhão e ssem esperamça de lho pagarem ffaley a el rrey que poys vemdia trigo porque mo não mandava dar a mym dise me que se o quisese ao dito preço que olharya njso mais que a dous cruzados como hera o contrato que o não podia ffazer nem eu tall devya de querer isto he o que pasa e como qua se cumprem contratos asynados per elle ffaço ssaber a vosa alteza que he myntira o trigo desta terra e todo o mays della pera se pagar o que devem a vosa alteza avera ordem e maneira se meu ffilho qua vyer ou pesoa outra de conffiamça eu o espreverey a vosa alteza como sera paguo e não per trigo que o não ha estes mercadores e vassalos vossos dinos herão de castigo poys danão a vossos contratos mas elles tem rrezão de arrecadar ssua ffazenda e de a não perderem de todo.

Item. Oje chegou aqui huum cate[?] e pesoa primcipall do Arjell que o çanagua ca mandou partyo do Arjell ha tres meses e ffoy no camjnho rroubado e deteudo vezes de modo que tardou o tempo que digo podemdo vyr em xxb dias e partio amtes do emperador lla ser as vozes de sua vymda ssão muitas cousa de povo o certo não se sabe mas ssaber se a que jemte he de pouco ssegredo e o que o povo diz huuns que vem buscar polvora e outros que vem com rrecados do turco estranhamdo lhe dar trigo a cristãos e ter com elles pazes outros dizem que a de pasar d aqui ao xarife o certo se sabera e o espreverey a vosa alteza e ja tem novas que o emperador he vyvo e em Castella e de que não ssão muy contemtes com rreçeo de tomar o Arjell. De Ffez oje b dias de janeiro de i542 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A ell rrey noso senhor. Derradeira pera ler.

1542. De Bastiam de Varguas de b de janeiro. De Fez.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 54.

XXXI

27 DE FEVEREIRO DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Dá parte a el-rei que passou certidão de ter tomado algum trigo, em ocasião de grande necessidade, ao alcaide Abedalá. Espera que sua alteza não terá dúvida em fazer o seu pagamento, porque foi grande serviço a cedência dêsse trigo em tal tempo.

Senhor. Ho ano pasado esteve esta villa em tamta opresão de fallta de mantjmento que ffoy neçesaryo huum pouco de triguo e çevada que ho alcayde Abedalla tynha nesta vila que mandava vemder tomar lhe algum delle e da çevada pera se rrepartyr pelos moradores desta vila o quall se rrepartyo pelo almoxarife do que haguora huum criado do dito Abedalla pedio çertidão pera lho vosa alteza mandar pagar a quall çertjdão heu lha mandey dar beyjarey as mãos de vosa alteza mandar que se lhe pague porque helle fez nyso servyço a vosa alteza em ho dar ao tempo que ho deu de tanta neçesydade o triguo que se lhe tomou fforam vymte moios e quatro moios de çevada noso senhor acreçente vyda e rreall estado de vosa alteza. D Arzila a xxbij de fevereiro de j bᶜ Rij. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrey noso [senhor].

1542. De dom Manuel Mazcarenhas de xxbij de fevereiro. D Arzila.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 97.

XXXII

27 DE FEVEREIRO DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el rei D. João III. — Pede mercê para dois servidores de el rei, que veem á côrte, um dos quais, mourisco, está bem no caso de ser lingua em Arzila.

Senhor. Com eses mouros d Abidala que a vosa alteza levão huum serviço e ao iffante vai Antonio da Costa filho de Djogo Memdez da Costa aqui morador por o servir asi ser seu serviço pera que fosem senguros sem lhe ser feyto desagisado como pera sua linguoa no que lhe conprir seu pay Diogo Mendez ha muytos anos que serve vosa alteza e ele nyso se criou e por ser pessoa de calidade e de seu serviço cabe bem nele toda merçe que lhe fizer.

Hos dias pasados foy desta vjla pera sua corte huum Francisco Mazcarenhas mourisco naturall do rreyno de Marroquos que se veyo a Fez a Abidala e d ay se veyo aqui tornar cristão he pessoa soficiente pera linguoa nesta vila asi por ser pera yso como por saber muito bem ler e escrever mourisco muita merçe me fara mandalo porque cunpre a seu serviço e ordenar lhe a tença que nesta vila tinha a limguoa porque socedem muitas vezes cousas de maneira que por nom aver quem as lea e porque na lingoa mourisca carecem algũas cousas de serviço de vosa alteza nom se fazerem como cunpre. Deste Arzila ha xxbij de fevereiro de 1542 anos. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor.

1542. De dom Manuel Mazcarenhas de xxbij de fevereiro. D Arzila.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 98

XXXIII

1 DE MARÇO DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Dá novas do campo de Arzila; tudo se está aparelhando para algum mau golpe; por isso pede a el-rei que mande fazer certas obras nos muros de Arzila. — Pede armas para os moradores da vila, porque teem muita necessidade delas. — Larache está-se fazendo forte: isto obriga a estar de atalaia. — Manda dizer que repartiu a gente de cavalo em dois turnos para o efeito de ir fora, de modo que quando sair um fique o outro e não se percam ambos. Disso preveniu os capitães dos outros lugares. — Soube por Sebastião de Vargas novas do xerife, as quais manda a el-rei.

Senhor. Mulej Mafomede esta ha mujtos dias neste campo como vosa alteza tera sabido e com sua estada e rrequerimemto aquerio asy mujtos alarves e aduares d aquy perto e outra gemte desimulada que vay e vem e esta pello campo pello lugar que ho tempo da de sy e com ysto e pello que mais delle sey e estar aquy tão perto trago de longe o olho sobre o ombro e agora avera seis ou sete dias soube mais que vinha Bemgiya a este campo a ver se com ele e d outra parte vinha Abedalla dizem que ha emgordar os seus cavallos de maneira que cada huum com sua ma desculpa e com estar o alcajde d Alcaçere tão perto vezinho se estão hagora esperamdo neste campo omde esta esta gente desta maneira jumta ende Omar almocadem ende Abraem com almahalla de Mulej Mafomede e ele he em Xuxuão dizem que ha por tudo em seu llugar e fazer prestes ha sua gente por estar deshavimdo d el rrey e ficar asy levantado ou aparelhado pera yso foy a causa mandalo el rrey chamar e ele nam querer la jr estamdo asy com esta pedra na mão destas divjsões e com ho rrecado que devo a vosa alteza nesta villa me chegou mais esta carta de Bastião de Varguas que com esta minha mamdo ha vosa alteza em que me confirma o que por qua sabia como vosa alteza per ela havemdo per seu serviço vera e senam quem vosa alteza mamdar que pera yso o não escrevo mais larguo nesta minha e visto tudo me fara vosa alteza muj grande merçe mandar pois aqueceo agora mais esta lembrança em tempo pera iso que seya esta villa rrepairada nas partes que estão deneficadas e de tantos dias como ha que ho escrevo a vosa alteza que so estas duas cousas rrequere esta causa ate gora a mjm ha guarda e vigia desta villa e rrequerer a vosa alteza o que peço e a vosa alteza mandalo fazer primcipalmente huum baluarte que he a força desta vila que esta muito caydo sobre que tamtas vezes escrevj ha vosa alteza e outras mujtas partes do

propio murro da vila alem da cava ter dous hou tres pedaços caydos peço ysto a vosa alteza porque ho tempo consentira fazer se agora prazemdo a Noso Senhor antes que pedaço e pedaço va semdo tanto e em tantas mais partes que custe muito mais a vosa alteza o que agora se pode escusar avemdo asy por seu serviço que em ser lloguo rreceberey muy grande merce.

Tãobem mujtos moradores desta villa asy pello tempo ser pera yso como alguns per suas necesidades leixaram perder e desbaratarem se d armas de maneira que certefiquo a vosa alteza que tem dellas mujta neçesidade e porque d outra maneira ser lhe a grande opresão asy a elles como a mjm que sera em espicial fara vosa alteza muj gramde merçe mandar a esta villa alguns corpos de couraças e algũas hadarguas e capaçetes e asy cravações pera quem nas ouver mester somente e que lhe sejão dadas em seus soldos atras porque hasy faz lhe vosa alteza pagamento e eles o rreceberam e alem diso em merce por as não poderem escusar e vosa alteza sera tãobem milhor servido e nelas se pora ho rrecado que heu comfio e de tudo ser lloguo crea vosa alteza que vera a seu tempo ajmda que tudo prazemdo a Noso Senhor pare com não dar mais de sy que este trabalho que per çima desta rrezão me fica sempre em descanso.

Llarache face forte e espicial mamdado d el rrey que toda pessoa que nele viver tenha d obrigação besta ou espimgarda vosa alteza tome de todas estas cousas o que lhe pareçer e mande me o que mais ouver por seu serviço lenbrando a vosa alteza o em que heu rreceberej merce que pedir lho tantas vezes he empurtunaçam e vosa alteza ma pode levar em conta pois he sobre cousa de que se vosa alteza avia d aver por servjdo.

Eu fiquo d agora por diante com ha gente de cavallo rrepartida que não possam jr fora da vila senão ha seus dias asinados quorenta huum e quorenta outro de maneira que se algũa cousa for me não faleçam de todos mais que estes que se não pode escusar jrem a seus dias fazer suas fazendas e lloguo o fiz saber aos houtros capitães pera estarem a rrecado e em todas has mais cousas que cunpre a serviço de vosa alteza heu fiquo com haquele e guarda que devo e posto caso que como digo fiquem as mais das vezes estes negocios com darem o trabalho deles somente em tudo o que peço me fara vosa alteza muj grande merçe porque muitas mais se aqueçe no mais deseado [?] llugar jazer a lebre.

Duarte Fernandez he criado de vosa alteza e tão desejoso de ho servir que por esta rrezão e por ser pera iso lhe dey esta carta ele a leva ha vosa alteza que pello que delle conheço se podera dele fiar ajmda que fora de muito major rrecado e certo que o em que vosa alteza o quiser encaregar.

Item. Depois de ter esta escrita me cheguou outra carta de Bastião

de Vargas na qual me torna a lembrar o que nesa que mando a vosa alteza me escreveo e mais me diz que hos xaryfes estão mujto deferentes e que antre eles ha muy grande estrelidade e que vall em Çuz dous almudes de trigo que não he ajmda meio alqueire meio metical d ouro aquy se diz que Muley Mafomede se cartea com ho xaryfee e que no caminho se acharão ja mouros do xarifee a Mulej Mafome[de] enviados ysto soube per huuns judeus que dizem que hos virão não sey quão certo sera. Noso Senhor acrecente vida e rreal estado a vosa alteza. D Arzila oje o primeiro dia de março de noite de 1542. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrei n[oso senhor].

De 1542 — De dom Manuel Mazcarenhas do primeiro de março. — D Arzilla.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 99.

XXXIV

18 DE MARÇO DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei. — Pede para seu filho, D. Fernando, uma comenda das de quatro anos e para si se lhe torne a sua moradia. — O contador da vila vem ao reino, sem licença do seu capitão, para pedir mercê. — O almocadem Diogo da Silveira parece querer ir para terra de mouros; para evitar isso, deseja que o empreguem no reino.

Senhor. Ajmda que vosa alteza não tinha feita esta merce a outrem semdo tamanha pella necesidade que meus filhos tem de lhe vosa alteza fazer merçe me hatrevera a pedir lha pera eles pois não tem mais que as que lhe vosa alteza fizer e rrequerello eu por elles a vosa alteza bem mo pode levar em comta pois que halem de filhos não tenho pera lhe dar que ho que per elles fizer e porque huum deles o maior que se chama dom Fernando é ja em ydade pera poder bem servir vosa alteza vosa alteza me fara muj grande merçe em aver por seu serviço que ele posa servir aqui hũa comemda das de quatro anos e que servimdo[o]s posa aver as de dous segundo ordenança o quall tempo ele servira posto caso que me vosa alteza mande jr e esta merçe averej por tamanha que me não hatreverja nunqua servir lla e tãobem a mim me fara vosa alteza muj grande merçe em aver por bem que se me torne minha moradia sem embargo de eu ter tirado meu casamento pois não sam o primeiro que jsto peço e o que ho vosa alteza tem feito mas amtes em mim pella necesidade que diso tenho se enxergara muito mais e sera ter mais pera mylhor me po-

der desendivjdar. O comtador desta villa Djogo Mazcarenhas vaj a vosa alteza serra a pedir lhe merçe sem me pedir carta pera vosa alteza nem dar conta ao que ya creo que foy querer que pedise a vosa alteza sobre cujo serviço o não quis aceitar de mjm a merçe que rreceberej em vosa alteza aver por bem que não seja de sy achado que em ser asy me fara vosa alteza em especiall mais grande merçe posto caso que he o menos do que ele mereçe.

Item. Tãobem nesta villa huum Diogo da Silveira almocadem que pella ma presemça que ha dias que dele tenho de se querer jr pera terra de mouros escrevj ao conde dom João Coutinho que pedise a vosa alteza que la se quisese servjr delle por evitar poder se jr agora o afirmo mujto mais por mujtas rrezões vistas cada dia vosa alteza me fara njsto que diguo merce asy por se não jr como pella perda que sera se se for. Noso Senhor acrecente vida e rreal estado a vosa alteza. D Arzila oje xbiij dias de março de 1542. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrey noso [senhor].

1542 — De dom Manuel Mazcarenhas de xviij de março. — D Arzilla.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 108.

XXXV

20 DE MARÇO DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Manda dizer que, por novas de Fez, trazidas por um judeu honrado, se sabia que el-rei de Fez tinha feito pazes com o xerife.

Senhor. Depois de ter escrito ha vosa alteza estamdo o navio pera partir cheguou a esta villa huum judeu omrrado que desta vila foy de Fez o qual partio della esta sesta feira passada que forão quinze dias deste mes de março e cheguou aqui oje vimte dias do dito mes e me dise que podia crer que erão has pazes feitas el rrey de Fez com ho xarife e que casavão hambos filhos com filhas e que loguo apartavão ha parte tras pera eles e que isto hera asy e que não me certeficase nimgem o contrairo eu como ja diguo não perdia esta presunção no rreino do xarife val o alqueire de trigo a omça e meia não ha mais que escrever a vosa alteza cuja vida e rreal estado Noso Senhor acrecente. D Arzila oje xx dias de março de 542. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito; Pera el rrey noso [senhor].

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 111.

XXXVI

6 DE ABRIL DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Em contrário do que lhe dissera, el-rei de Fez não fizera pazes com o xerife, nem virá a fazer, segundo informações seguras que tem. Desejara, todavia, fazê-las com o rei de Suz e pedia que o seu embaixador passasse por Arzila: dê el-rei ordem para isso. — Pede, por mercê, a el-rei que aceite para seu serviço o moço que lhe manda, porque é bom e leal servidor. — Manda, também, dois cavalos que pede licença para lhe oferecer.

Senhor. Vosa alteza me tem mamdado per suas cartas que mujto particularmemte lhe escreva todas as novas deste rreinno de que for sabedor por o aver asy por seu serviço que he causa de ho fazer as vezes que escrevo a vosa alteza oferecemdo as o tempo posto caso que como desejosso de servir vosa alteza em tudo o faça em algũa parte sem outro nenhuum alvoroço porque este que diguo he o maior que poso ter sempre e como o eu sempre desejei e desejo nam seia oculto a vosa alteza por quão çerto he sem me mais lembrar que servillo ajmda que mujto mais as novas posão mostrar em parte de mjm ter alguum desejo de as saber pola calidade do negocio dellas o que ajmda que fora no servir vosa alteza em mais que hasi o desejo mas não que chegue a podello polo comtrairo do que vosa alteza mais servido for cuidar soomente nem ter maia alvoroço que de toda paz e boa amizade e sostemtalla em tudo do que não semdo servido então o terja no que mais fose de maneira que vosa alteza me pode aver por sem culpa de lhe escrever tamta nova do reynno e rrey pois me não move a yso senão mandar mo vosa alteza e serem tamtas e seu fruito é de tão pouqua verdade mujto mais diguo isto porque as pazes como escrevy ha vosa alteza não sam feitas com ho xarife nem ouve mais que virem samtos do xarife falar nelas os quaes ficam ajmda em Fez ja despachados de se não fazerem segumdo me certificarão pesoas que ho sabiam d aguora e de lla do que não hafirmo poder ter ajmda seu enves como ho mais de quem estas cousas ssão com ho de Çuz me dise Jaco Rute que desejava el rrey de Fez de has fazer mas que estava tão desvjado que não tinha por la rremedio de falar njso que detreminava de mandar pera esta villa quem pera iso ordenase pera d aquy jr em seu navio ou de Llarache eu lhe dise que por aquy o podia fazer o que sera mamdamdo mo vosa alteza avemdo por seu serviço e senão pollo contrairo do que desejase asy he a guerra dos jrmãos vay em mujto gramde crecimento segumdo se diz.

Item. Não ha guora outras novas que escrever ha vosa alteza senão que tudo fiqua em calla Mulej Mafom[e]de esta ajmda omde estava não faz movjmento nenhuum nem ha nova de jr a Fez do que mais ssoceder vosa alteza sera sabedor.

Item. Este portador he hum homem que criey de pequeno que ha mujtos dias que me tem carguo de minha casa per que lhe ssão em tamanha obrigação e de tam llomge que com conhecer que tenho mujto que servir a vosa alteza as merces que me tem feitas e faz me obriguou a pedir mais esta por ele posto caso que todas e tudo e mujto mais desejo pera milhor poder servir vosa alteza e he senhor que rreçeberej tamanha merçe em o vosa alteza aver por seu como ouve a propia de meus filhos que ja rreçeby que por seu ayo me fara merçe de ho tomar o qual se chama Zuil Pinto e alem de me vosa alteza fazer esta merçe que sera grande meus filhos polla neçesidade que d ysso tem a rreçeberão de vosa alteza como eu espero que todos sirvão como devem e são hobrigados e ele tãobem pera por sua pesoa o merecer a vosa alteza alem do carguo que me a mjm mais por iso fiqua.

Item. Por elle mamdo ha vosa alteza dous cavallos que huum deles ouve do jrmão d el rrey de Fez os quaes a dias que hamdo escolhemdo e que me milhor pareçerão dos que pude aver porque a tera quarece ja delles como soya peço a vosa alteza que me faça merçe que me leve em conta este atrevjmento de ho servir pois esta ssabido que em mujto mais o desejo fazer mas de quem tão pouquo pode pera o que deseja rreceba vosa alteza minha vomtade que he tão çerta como devo e devem os tais vasallos e servidores a seu rrey natural primçipallmente aqueles a que vosa alteza fizer tamta merce como ha mjm que nenhũa lhe tenho servida pera o que Nosso Senhor ordene cousa de seu santo sserviço e acrecentamento de rreal estado de vosa alteza em que o posa mostrar per obra como desejo e devo pois ate guora o não sirvo com mais. Nosso Senhor acrecemte vida e rreal estado de vosa alteza. D Arzila oje bj dias d abril de 1542.

Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el rey nosso [senhor].

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 71, n.º 125.

XXXVII

30 DE JULHO DE 1542

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Escreve que el-rei de Fez o mandara chamar e lhe dissera que era muito seu desejo que o conde D. João Coutinho voltasse para capitão de Arzila: que isso era muito necessário à conservação da sua amizade. — Pedia, igualmente, el-rei que fôsse solto certo mouro que haria cêrca de dois anos estava cativo, quando o cristão que fôra dado por êle já estava livre em Portugal. — Pedia, finalmente, que fôsse feita justiça a Rute, seu criado, que fôra demandado em Lisboa, e dada sentença em seu favor. El-rei, mal aconselhado, como o são muitas vezes os reis, mandara anular a sentença e citar Rute, por editos, a comparecer no reino, e embargando o seu dinheiro, que tinha depositado até se dar a sentença, o que não era justo.

Senhor. Oje domjnguo xxx dias deste julho me mandou el rrey chomar aqui a esta mjnha pousada muito çedo pola manhãa e por ser taees horas e tempo muy desacustumado a ffalar comjguo me pos em pensamentos desvayrados que novjdade podia ser a pera que me mandava chamar e não sem muito rreçeo ffuy e o achey com sua mãy soo apartou se huum pouquo della e me chamou pera perto de sy e me disse Bastião de Vargas el rrey voso senhor vos mandou aqui fficar e mo espreveo a mym pera per vos lhe ffazer a saber o que a mym comprir e asy mesmo per vos elle a mym teres cousas vos direy aqui que vos rrogo muito que lhas esprivaees rrespomdi lhe que sy ffarya jmteiramente tudo o que me elle disesse que pera iso me mandara vosa alteza qua rresydyr.

Item. Dise me a primeira seja espreverdess lhe que o conde dom Joam se criou de menino em Arzilla e creçeo e ffoy homem e depoys capitão pelejou ffez nos dano e ffizemos lho e comtudo ha vezinhamça he ja de tanto tempo afföra a de seu pay que ha amtre nos amjzade e lha temos e elle a nos e a nossos alcaydes seus vezinhos e sabem nosos custumes e os sabe rreceber e enmendar quando cumprem o porque eu o desejo muito em Arzilla e ja esto vos dise algũas vezes pollo quall vos rroguo que esprivaees a el rrey vosso senhor que sayba certo que cumpre muito pera conservação de nossa amjzade d amtre mym e elle o conde vyr Arzilla o mays çedo que possa ser e que o rreceberey em muy grande amjzade.

Item. Dise lhe senhor ha y algũa cousa nova que a isto vos obrygue que os capitãees hora ffizesem.

Item. Dise me as paxõees qua e lla são muitas e a tudo se não pode acudir abaste que vos digo que a el rrey vosso senhor e a mym e a nosa amjzade cumpre vyr o conde e certo eu ffolgarey muito e não me dise mays deste ponto da estada dos alcaydes nos campos este jmverno passado lhe naceo apitar na vynda do conde que elle he verdade que muitas vezes e em praticas me ffalou no conde sse avia de vyr çedo pera Arzilla e crreo que eu o esprevy a vosa alteza naquelle tempo que mo elle ffalou o que symto he que Barraxe e o alcayde d Alcaçere Quebyr desejão guerra com cristãos e como per esoutra carta o esprevo a vosa alteza amtre outras rrazões e achaques que dos campos trouxerão ffoy dizerem que o conde não estava em Arzilla a meu ver quer el rrey ver sse com o conde em Arzilla se se escusara do que elles lhe requerem de quebrar as pazes e não somente o rrequerem mas embocão cacizes e pesoas outras a seu preposyto peramte el rrey.

Item. Senhor me dise bem ssabeys que na yda de Roque Cerveira e vymda pera qua de Azuz cativo de dom Alvaro eu nunca vos ffaley porque bem sabia da prissão de dom Alvaro e que não se podem os negocios espedir tão asynha como as pessoas cuydão Molei Bohaçom envyou o cristão a el rrey nosso senhor depoys mjnha mãy peramte mym vos disse que de sua parte espreveses a el rrey que lhe pedia quisese mandar ssoltar o mouro de dom Alvaro e eu vos dise ahy quando vos ella ffalou que de mjnha parte nada espreveses que eu nada diso dizia nem ate oje vos njsso ffaley sou muy avexado de meus alcaydes e de cacizes que me muitas vezes envergonhão com me dizerem que vay em dous anos que o cristão esta em Portugall solto e fforro e que Azuz esta com fferros almoffaçando cavalos ao que não tenho liçita rreposta senão dizer que não he em mjnha mão e desculpo me com Molei Bohaçom que o mandou sprever a el rrey que lhe peço que pello meu queyra mandar dar conmissão a este negocio poys nunca lhe njsto ffaley e ora novamente lho peço e que sse njsto ouver d aver mays dilação que torne vosa alteza a mandar o cristão a Ffez que com elle satysffara a seus vassalos e pessoas que neste negocio lhe ffalão e o muito emportunão e isto senhor quanto a este pomto mas não se pode senhor esprever a vemencia e effiycacia com que mo dise e he verdade que seus vassalos lho ffalão muitas vezes e muitas mays vezes sua mãy a mym e peramte elle o diz vejo que se elle envergonha e não torna rreposta e rrevolve o rrosto pera outra parte quando sua mãy mo ffalla.

Item. Senhor ho outro ponto ffoy que me dise que os rreys todos herão enganados e polas pesoas que mays perto estavão de sua graça e que elle tambem adoeçia as vezes desta doença e de ser enganado dos seus e dise o caso he este que Jaco Rute meu criado ffoy em Lixboa demandado per hũa pessoa eu esprevy a el rrey sobre este caso e que lhe pidia mandasse guardar justiça as partes deu se semtemça por parte de

Jaco Rute segundo o que tenho sabydo per ffalsa enformação de Cristovão Estevez que he pessoa que tem valia amte el rrey e que ffaz pola outra parte que he seu cunhado pasou el rrey huum alvara pera anular a sentemça que se deu por parte de Jaco Rute e lhe embargão seu dinheiro que tinha deposytado ate se dar a ssentemça que se deu e por parte de Jaco Rute e mandou el rrey que Jaco Rute ffosse cytado por editos e quanto a nossas leys isto he ssem justiça que vaa meu vassalo a pagar o que deve se o deve a outro rreino mas que se o deve que o venhão qua demandar e ser lhe a ffeita justiça e asy tambem o meu vassalo sse em Portugall algũa pessoa lhe dever que o vaa lla demandar e ffar lhe ão justiça mas que por editos ho obrygue a vyr qua de rreino estranho a pagar o que qua deve não vejo causa como posa ser e por iso vejo que el rrey vosso senhor pasou este alvara por ser enganado vos rroguo que lhe sprivaees que peço a sua alteza que mande por o alvara que envjo na sua rrolação do rregedor amte letrados sem sospeita e que se he justiça não tera a parte de que se agravar e que se ffoy per ffalssa ennformação o mande enmendar como ffor justiça e vos rroguo muito xeque Bastião que tudo asy como vollo digo o esprivaees a el rrey e que a obra destas coussas me sera rreposta.

Item. Isto senhor he o que de todos estes pontos pomtualmente me dise e por me não hyr sem tocar algũa coussa lhe dise senhor asy passa que os rreys ssão as vezes enganados por seus privados e pessoas que perto delles amdão e que o ssoys vos tambem e rryndo me dise cada dia o sou eu rrespomdi lhe poys senhor se vos vedes enganar como não castygays quem vos engana pera enmenda de outros e rryndo se dise serya muy bom mas não se pode tudo chegar ao cabo e torney a tocar e dise senhor dos capitães d el rrey meu senhor tendes alguum queixume novo ou coussa nova rrespomdeo me com pesadume que não mas que seus allquaydes vyerão dos campos etc. e aqui se callou sem mays me dizer somente que tudo esprevese a vosa alteza asy como mo disera o que senhor asy o sprevo a vosa alteza como dise. De Ffez oje xxx dias de julho de 1542 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

1542 — De Bastiam de Vargas de xxx de julho de Fez. — 3.ª vya.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 72, n.º 77.

XXXVIII

20 DE DEZEMBRO DE 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Manda notícias do reino de Fez, as quais são mais de guerra que de paz. — Os campos estão cheios de aduares e, se os mouros quebrarem as pazes, pode el-rei tentar tomá-los. — O xeque de Tafilete, que estava cativo na cidade de Marrocos, fugira ao xerife e tornara a recuperar Tafilete, onde está por el-rei de Fez. — Convem que haja em Arzila algumas casas de judeus, porque por êles é que se obteem novas do que passa entre os mouros.

Senhor. Depojs de ter escrito ha vosa alteza me chegou hũa carta de Jaco Rute em que m escreve que estando em Allcaçere de caminho pera Fez fallara com ho allcaide d Allcaçere e que lhe dixera afirmadamente que s avião d ajumtar ho propio allcajde d Allcaçere com Bemgiga e Mulley Mafamede e aquillo que Mulley Mafamede determinase yso avia de fazer ell rrey.

Item. Mulley Mafamede ho que qua pregoa que quer gerra com christãos e o allcajde d Allcaçere soltou allguuns mouros que so este ano poderjão ter paz e majs não e por vimtura el rrey comçedera no que elles quiserem por se não llevantarem com ho Açem que esta em Tutuão todos.

Item. Ho tempo esta haparelhado pera vosa allteza mandar fazer aqujllo que lhe milhor vier porque hos campos estão cheios dos seus aduares e elles tem tão mall comprido ho contrato no que por elle são obrigados que não ha ja que fiar delles e por tamto se houverem de quebrar isto ho tempo pera vosa allteza se satisfazer de tudo havemdo ho asy por seu servjço.

Item. Tãobem m escrevejo que huum xeque que el rrey de Fez tinha em Tafellete que ho governava quando ho xarife ho tomou llevou este xeque pera Marroquos e agora lhe fogio ao xarife e se lhe foy pera o jrmão do xarife que esta em Çuz e lhe pedjo gemte e tornou ha tomar ho propio Tafellete e esta agora por el rrey de Fez ha carta destas novas lleva este frade pera que milhor se veija e vai em abraiquo.

Item. Senhor por causa destes avisos que tãoto cumprem ha servjço de vosa allteza me pareçia que devia de comsimtir que nesta villa houvese quatro ou çimquo casas de judeus ao menos estes majs rriquos que haquy tratam com suas fazendas porque çertefiquo ha vosa allteza que sem viverem aqui allguns judeus vivemos ho majs do tempo has escuras por

que não se pode saber cousa d avizo senão por elles de tudo ho que qua soçeder escreverey a vosa allteza a quem Noso Senhor acrecente vida e rreal estado. D Arzilla ha xx de dezembro de 1542. Dom Manuel Mascarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrey.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 73, n.º 35.

XXXIX

.... 1542

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Por falecimento de um clérigo de missa da igreja de Arzila, ele designou para o substituir, como é costume, um outro que o bem merece. Tendo chegado a Tânger, para ir pedir confirmação do benefício a el-rei, foi detido pelo capitão da cidade, para pedir para outro moço a sua alteza êste ofício. Queixa-se dêste procedimento. — No Estreito andam fustas a saltear os lugares dêle; e os mouros, vizinhos da vila e de Tânger, estão desaforados.

Senhor. Huum Manuell d Olliveira clerigo de misa e beneficyado nesta jgreja de São Bertollameu falleceo aqui pollo quall fiqua este beneficyo vago esta em custume os capitãis de vosa allteza apresemtarem quem lhe parese majs servjço de Deus e de vosa allteza pera que ho comfirme avemdo por seu serujço. Huum Gaspar de Taide clerigo de misa e que a mujtos dias que nesta ygreja serve escolhi pera iso asy por ter toda esta vjlla muita devação em sua boa vida e se comfesar a mor parte a elle como por ser tãobem muito neçecarjo na dita igreja. Eu ho mandey com mjnha carta a vosa allteza pera que ho comfirmase avemdo como digo por seu servjço e foy por Tamgere por não aver aquj embarquação dom Joam ho qujs deter e mandar huum moço com nome de clerigo ha pedyr ho beneficyo qua tive por nova que ho comde dera o beneficyo por lho jr pedyr primeiro não cuidamdo como lho pedya não me pareçe rrezão que huum moço enviado desta maneira e de Tanjere venha qua servir ho beneficyo e deytar fora huum omem de tão boa vida como digo a vosa allteza e de que ha igreja tem tanta neceçidade vosa allteza por me fazer merce e olhãodo todos estes rrespeitos aja por bem que este Gaspar d Ataide entre neste beneficyo pojs ho apresemto com tamtas rrezões de que se vosa allteza pode enformar. De qua não ha majs que escrever senão que andão tres ou quatro fustas neste estrejto a salltearem e tãobem estes mouros amdão huum pouquo arroynados porque ha pouquos dias

que llevarão deste cãopo tres ou quatro omens e de Tanjere outros quatro hou cymquo e matarão huum. Dom Manuel Mascarenhas.

Sobrescrito: Pera el rey. 1542.

De dom Manuel Mascarenhas. Da villa d Arzilla.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 73, n.º 29.

XL

30 DE AGOSTO DE 1543

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Dá conta da vitória havida de uns almogaveres que sofreram grandes perdas. Seu filho mostrou nela muita bravura.—Informa que el-rei de Fez estava ainda na capital e não ousara sair, por diferenças com os seus alcaides, nos quais não tinha confiança. — Lembra algumas das necessidades em que está Arzila.

Senhor. Sabado que forão xxb dias deste mes d agosto temdo mandado escutas fora de todallas partes me vierão com rrequado que erão entrados allmogavres neste campo da parte do Farrobo e como tinha tido de mar a mar tomada com as escutas e seguro ate as majs largas atallajas e jumtamente com ysto mandey huum barquo da banda de Tangere descobrjr onde me pareçeo que podia estar gemte e que me fizese huum çerto synall e com isto feyto armej aos allmogavres e mandey lla meu filho com ho adaill e trimta de cavallo com elle pessoas homrradas e de rrequado por llugar que mujto prestes podião tomar llimgoa e asy foy que em as atallajas descobrindo lhe sairão sai lhe meu filho com hos que llevava tomarão logo lingoa e como souberão que não era majs que almogavres syguirão ho alcamso ate duas e meia desta villa onde se chama Allemaçus e eu em suas costas de maneira que matarão quatorze mouros dos primçypaes destas serras e tres ou quatro mujto grandes allmocadens e tomarão dous vivos e dezaseys cavallos erão por todos hos mouros trimta e sete segundo dexerão hos que vivos fiquaram hos majs escaparão por bons cavallos e fiquarem d allem duã rribeira da banda da serra de maneira que allguum tamto devem de fiquar quebrados por serem estes hos primçipaes corredores desta serra e allmocadens deste campo.

Item. Todos estes omens que foram com meu filho ho fizerão mujto bem de suas pesoas em meu filho não fallo porque são mujto parte pera nomear cousa de sua pessoa somente que me fez muito lledo por começar tão bem mostrar de sua pessoa que se pode vosa allteza servjr delle.

Item. Torno senhor a llenbrar a vosa alteza as rreçõis desta vila e muro e cava e vallos e dinheiro pera atallajas de qua não ha majs novas que escrever senão que el rrey de Fez não he ajnda fora de Fez hos alcaydes dizem estes mouros que trouxe que estavão de camjnho pera Fez pera llevarem hũa molher d el rrey hos portos estão ha muitos dias çerrados.

Item. Por estes mouros que tomej vivos soube que el rrey de Fez estivera estes dias pasados mujto rrecurso por certas cousas que soubera dos seus alcajdes lhe terem armado Tução por cuja causa mandou que nenhuum allcajde vivese no bajrro honde tem em Fez seu apouzento senão arredado e seu filho ho cometeo que querja fazer no caso ho que lhe bem pareçe e diz que não qujz el rrey e tornou lhe a pedir que lhe deyxase fazer ho que fose justiça e nestas deferemças dizem que estava parece me que não ouzara de se sair de Fez pois ysto asy amda. Noso Senhor acreçente vida e rreal estado de vosa allteza. D Arzila oje xxx d agosto de 1543. Dom Manuel Mascarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrey.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 74, n.º 12.

XLI

18 DE OUTUBRO DE 1543

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Manda-lhe o filho de Diogo da Silveira, almocadem da vila, para se servir dêle. Tanto os serviços do pai, como já os do filho, merecem que lhe faça mercê.

Senhor. Este portador he filho de huum almocadem desta vjlla homde agora não ha outro e he omem de mujta comfiamça e servjço e ha mujtos annos que serve o qual se chama Diogo da Silveira e tem este filho que ja por sua pessoa mereçe vosa alteza fazer lhe merce e porque heu são testemunha de vista beijarey as maãos a vosa alteza avello por seu por que alem de ho merecer seu pay vera a merçe que lhe vosa alteza faz e que he rrezão que ha mereça por seu servjço e confiamça pois agora nam ha outrem de seu carguo a rrezão que por seu filho dou he que ho dia dos halmogavres do meu filho dom Fernando se encontrou seu pay com huum mouro e vierão ha ho chão domde bradou por elle o qual acodio de maneira soo que encontrou ho mouro e o matou bem e foy sempre na dianteira aguora nesta pelleja destes mouros de Llarache que diguo a vosa alteza que matarão este almocadem se hachou tãobem e temdo os mouros derribado huum cavaleiro desta vjlla que se chama Fernão de Matos amdando peleijamdo o chamou e lhe acodio e matou muito bem

huum dos mouros que ho tinhão no chão e peleijou como devja ate deradeira e por estas rrezões e a de seu pay ser mourisquo e tam necesarjo a esta vjla me fara vosa alteza muj grande merçe avelo por seu pois he tanto pera servjr e mais pera descanso do pay que não tem outro mjlhor penhor. Noso Senhor hacrecente vida e rreal estado a vosa alteza. D Arzila a xbiij dias d outubro 1543. Dom Manuel Mascarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrey noso [senhor].

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 74, n.º 20.

XLII

13 DE MAIO DE 1544

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Está em Arzila, sem ocupação, à espera que el-rei tome uma resolução a seu respeito. — Queixa-se dos frades do mosteiro de S. Francisco da vila, os quais estão dando escandalo. — Dá as notícias vindas de Fez: a côrte anda alvoroçada com os reforços de gente chegados a Ceuta, e bem assim com os turcos que se receia venham a assenhorear-se do reino. — Alcácer Quibir teve êste inverno os muros destruidos e os reparos que neles fazem vão muito lentamente e mal. Por isso os moradores fogem do lugar, com receio de alguma surpreza dos nossos capitães, apesar de o seu alcaide andar no campo com a mais gente que pode; tem guardas de noite até às portas de Arzila. — Barraxe e o alcaide de Tetuão continuam levantados contra o seu soberano. — El-rei de Fez devia ir a Tafilete contra o xerife, mas não foi, porque não é homem para nada; tudo nele são medos, medo, sôbretudo, de que sua alteza lhe mande tomar Larache. — De Fez dizem que ainda não havia novas de Barba Roxa, por via de Argel, mas esperavam-nas por via de Castela, por navios de Cadiz, que entram continuadamente em Larache com mercadorias. — Lembra quanto desserviço é que Fez seja assim provido de tudo por Larache, que tem bom porto, o que não tem Arzila. Convem meditar bem neste perigo. — Deixou dividas em Fez e pede a el-rei que lhe mande pagar o seu ordenado para se desempenhar.

Senhor. Vou semdo cada dia mays velho e pera cada vez prestar menos peço a vosa alteza por amor de Noso Senhor que se ajaa jaa por servydo de mym que haa xxiij anos que sou ffora de mjnha casa e me mande o que de mym haa por seu serviço se quaa haa em que o sirva ou me mande hir que aqui nada ffaço e perquo tempo sem servyr vosa

alteza o que ey por muy grande perda pera mym porque desejo acabar meus dias servymdo vosa alteza.

Item. Ao conde do Vymyoso esprevo huum pomtinho que sera serviço de Deus e de vosa alteza que em calidade sera pomto grande elle lho diraa.

Item. Por descarguo de mjnha conçiemçia lembro a vosa alteza que sera muito serviço de Deus e seu os mosteiros de São Ffrancisco desta villa d Arzilla e asy o de Tanjere serem feitos da ouservamçia pollos muitos desastres que ffrades da crrasta qua ffazem affora rroubos que guardiãees rroubão e vão rricos que os mosteiros ssão abastados d esmolas dos moradores affora has que vosa alteza lhes ffaz e as casas mall servydas e os guardiãees de maos enxempros pera sy de que os suditos tomão mas liçõees de que os moradores destes lugares rreçebem escamdallos e se esffrya nelles a devação.

Item. Senhor de Ffez aas novas que avia herão aas que haa pouquos dias que esprevy a vosa alteza e em mjnha carta lhe envyey demtro huum esprito de Jaco Rute do que no rreino avya ao que hora vyerão são que aas galeotas que em Ffez se començarão haa vaguar no acabar dellas que tem muito rreçeo desta jemte que vosa alteza manda a Çeita e de j homens ffazem v e de xx navyos fazem cento tambem tem muito grande rreçeo dos turquos se apousemtarem em alguum lugar desta Berberya que tem por certo que lhe tomarão o rreino e ja quando ffoy o negoçio de Giballtar estamdo eu em Ffez eu vy e semty em ell rrey ter lhe medo e rreçeo e eu o esprevy a vosa alteza loguo aquelle tempo e tem casy crydo que turcos hão de senhorear este rreyno de Ffez e isto lhes nace da muita ffraqueza do rreino e do povo e jemte delle.

Item. Alcaçere Quebyr deste jmverno fficouy estroydo de muros caydos mostrão que os querem correjer o que ffazem muy ffraquamente e de maa taypa e pior terra o lugar se despavoava a cuja causa o alcayde se pos no campo com sua almahalla por segurar os moradores o quall alcayde tem muy pouqua jemte comsyguo e com muito rreçeo de vosos capitãees darem nelle de noyte o porque tem de cote guardas de noyte atee aas portas desta vylla tenho por çerto que quallquer rrebate que suas guardas lhe derem de noyte que symtyrão cristãos ajmda que sejão x de cavallo que ffugyra ate serra sem ousar entrrar em Alcaçere de cuydar que o vão saquear cristãos.

Item. Barraxe e Haçym o de Tutuão estão como sempre alevamtados contra el rrey o quall ouvera de sayr de Ffez pera hyr a Taffilete no principio desta lua que hora se espede e não sayo o porque affyrmo a vosa alteza que nelle não he sayr de Ffez nem he pera mays que pera cozcuz alem de ser probe e tudo ser amtre elles mjserya e ffraqueza e tambem pode ser que não sayse e se deixe estar com rreçeo que vosa alteza o mande avexar com esta jemte que manda a Ceyta a saber no

cabo do veraom e ao tempo que ja em Çeita ffor escusada e ao espidyr della lhe mande derrybar e saquear Tutuão ou tomar Larache o que tudo com ajuda de Nosso Senhor serya ffaçill de ffazer em espiçiall tomar se Larache como ja per outras cartas o tenho esprito a vosa alteza e quanto serviço de Deus e seu serya.

Item. Senhor me esprevem de Ffez que atee ffeitura das cartas njngem hera vymdo do Arjell per quem se ssoubessem novas de Barba Roxa nem de sua armada e que delle nenhũa nova avia nem se sabya e que por qua por vya de Castella per navios muitos que de Calez entrão em Larache com muitas mercadoryas espravão novas do dito Barba Roxa.

Item. Senhor lembro a vosa alteza que veja se he servyço de Deus e seu estes muitos navios e muitas mercadoryas que diguo que entrão neste rreyno de Ffez per Larache pera que njso mande prover como ffor seu serviço que pera Ffez outro porto não ha em toda esta Berberya tall como o rrio de Larache de seguro a entrada e muito demtro nelle o que não he este porto d Arzylla e se vosa alteza não mandar tomar Larache ou deffemder a entrada dos mercadores nelle o rreyno de Ffez seraa abastado de todas aas mercadoryas a elle necesaryas ssem ter necesydade dos portos e lugares de vosa alteza affora os proveytos que os mercadores rrecebem de entrar por Larache que he quatro legoas d Allcaçere Quebyr omde os carretos ssão de menos custos pera elles e outras mjudezas em que ganhão e rrecebem proveyto que este he o que mercadores buscaom.

Item. Senhor em Ffez estou empenhado e mjnhas cãas e verdade peço a vosa alteza que me mande paguar meu ordenado de que ate oje nenhuum pagamento ouve pera paguar o que devo poys comy e gastey dinheiro alheo e tomado a logro por tall que em mjnha velhyçe não seja avydo por bullrrão poys Deus seja louvado o não ffuy na juvemtude no que vosa alteza me ffara muita merçe. D Arzila oje xiij dias de mayo de i544 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso [senhor].

1544. De Bastião de Vargas de xiij de majo. D Arzila.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 74, n.º 97.

XLIII

2 DE JUNHO DE 1544

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Manda as notícias que Rute lhe escreveu de Fez. El rei não saiu para ir a Tafilete porque é irresoluto e também por causa de casar seu filho primogénito. Ele está desejoso de pedir pazes a sua alteza, mas não o quer fazer sem que os seus alcaides lho requeiram, em especial os da fronteira; e para isso é necessário que os capitães corram até às portas de Alcácer Quibir para os alcaides verem as vantagens dessas pazes. — Acabadas as bodas, o alcaide Bengija irá ajuntar-se com o alcaide de Alcácer com desejo de correrem Arzila ou Tânger. Disto foi avisado já o capitão de Arzila e mandado recado ao de Tânger. — Vargas acha bem que se faça a Alcácer todo o mal que se puder, mas melhor será mandar tomar Larache, como mais de uma vez disse; e depois saquear e derrubar Tetuão, como é voz já entre os mouros e que sua alteza manda fazer uma fortaleza na bôca do rio desta cidade. Muita honra e proveito virá daí ao reino. — Um mouro de Suz, com três filhos, fugido de Marrocos e Fez, chegou a Arzila e deseja ir beijar as mãos a el-rei e pedir-lhe licença que o sirva na vila.

Senhor. Jaco Rute me espreveo hora hũa carta em abrayquo a quall me leo sseu jrmão messe Rute que nesta villa estaa e por ser em abrayquo a não envyo a vosa alteza e diz nella estas palavras que sse seguem.

Item. Os dias passados vos esprevy d aviso o que então avia e que el rrey avya de sayr pera hyr a Tafilette o que não fez a causa que não he nelle sayr de Ffez e de cuzcuz e tambem porque desposou seu ffilho o mayor e guazill que he com a ffilha de Moley Macoude seu primo guazill que ffoy e que elle mandou matar no negocio das pazes eu o tenho jmvocado nellas e elle estaa desejoso de as pydyr a el rrey nosso senhor mas espera que seus alcaydes lho rrequeyrão e pecão por mercee em spiciall eses lla da ffromteira pera os obrygar a não se ffazerem os males que se ffizerão nas pazes pasadas e lho pagarem se se ffizerem e pera isto aver effeito compre duas cousas ha huum que sua alteza mande despachar ese çetery d el rrey que lla amda no rreyno e não com rreposta muito aspera e a outra que mande avexar estes mouros com mandar a seus capitãees que corrão ate aas portas d Alcacere Quibyr huum par de vezes que ajmda que dano lhes não ffação pysar lhe a terra sera pera elles muyta avexação e medo que sera grande o essamor que diso vyra a Fez o quall essamor ffara muito a preposyto do negocio e el rrey vay temdo modos como seus alcaydes lho rrequeyrão.

Item. Diz acabadas aas vodas o alcayde Bemjija sayra ao campo e e do dia que sayr a dez dias se ajuntara com o alcayde Laroçy em todo caso e com muita jemte e correrão Arzilla ou a Tamjere pera ffavor desa terra de baxo que esta muy desffavoreçida e rreçeosa de cristãos e muyto mays pollo nenhuum ffavor que de qua do rrey e rreyno tem.

Item. Senhor quanto a este pomto loguo avisey aqui a dom Manuell e envyey avysar a Tamjere nelles não ha que he guerra mas que ajmda ssão pazes ssegundo seu modo de guarda e em Tanjere pyor se guardão que aqui em Arzilla.

Item. Senhor quanto ao que Jaco Rute espreve pareçe me bem toda avexação e guerra que vosa alteza mandar a seus capitães que ffação a mouros e correrem Alcaçere Quibyr e tenho por çerto que el rrey de Ffez não quer guerra e que o que tem ffeito que lho ffizerão ffazer e o primcipall de quem elle espera que lhe rrequeyra que peça pazes a vosa alteza he deste alcayde Laroçy e apos este de Barraxe ajmda que dão esta muito em seu servyço e por iso diz Jaco Rute que corrão os capitãees Alcaçere Quebyr e pisem a terra e digo senhor que bõo seria e aproveytara ao negoceo como Jaco Rute diz e asy me parece.

Item. Mas digo senhor que pera o negocio madurar mays asynha em vyr a ffouce pera que el rrey de Ffez peça pazes a vosa alteza que avexação a de ser mandar lhe tomar Larache como ja vezes o tenho esprito a vosa alteza ssendo asy el rrey não somente pydyra pazes e se ffarão asy como vosa alteza quiser mas ajmda se ffara voso vasallo e lhe pagara pareas.

Item. E apos tomar Larache lhe mandar saquear e derribar Tutuão o que elles ja mostrão que rreçeão ssegundo a muita jemte que a Ceyta elles vem que ja nella estaa e cada dia acode mays e asemtão que vosa alteza manda ffazer hũa fforteleza na boqua do rrio o que ambas estas duas cousas de Larache e Tutuão ffarão a el rrey de Ffez que de joelhos peça as pazes a vosa alteza e se ffaça seu vasalo como haa pouquo que disse.

Item. Alem disto ser servyço de vosa alteza estas duas obras averem effeyto e homrra e aumentação de seu estado e de seu rreyno e coroa rreall e affora ffama de jmmortall memorya serya muy grande servyço de Deus Nosso Senhor tomar vyllas aos mouros das quaees se ffaz tanto servyço a elle Deus verdadeiro nos males que aos cristaõos delles he ffeito e se ffaz e se vay azando se ffazer muito mays se neste Larache assentão os navyos de mouros como começão e se vay azando avellos como ja por outra carta o esprevo a vosa alteza.

Item. Senhor averaa biij dias que he chegado a esta vylla huum mouro naturall de Çuz e traz tres ffilhos e criados que ssão por todos xj de cavallo eu ffaley com elle e me dise que sayra de sua terra por agravos e se vyera a Marrocos omde loguo apos elle vyera hũa carta de

hũa ffilha do xarife que em Çuz esta cazada e dizia ao pay que se guar dase deste mouro que hera tredor e que não hera vymdo a elle ssenão pera o matar a cuja causa e por que o xarife o não matase como ffaz a muitos se veo a Ffez averaa quatro meses que ffoy depoys de eu ser saydo delle e que achou no rrey e nos a elle chegados pouqua verdade e que nesa causa se vyera e que querya pasar lla ao rreyno a hyr beijar aas mãos a vosa alteza e pydyr lhe que se sirva delle em cada huum destes lugares ffoy meu parecer que o quis dom Manuell de mym que ou nom deixase pasar ate o ffazer a ssaber a vosa alteza e com esta rrazão o detem ordenou lhe pera sua despeza de pesseas e cavalos cada dia dous cruzados dom Manuell esprevera a vosa alteza o mays disto o que poso alcamçar que homem he de rrespeito amtre alcayde e xeque allguuns aduares mostra desejo de mouros correrem ... ver se com elles elle e os seus ffaço saber a vosa alteza. D Arzila oje ij dias de junho de 1544 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A ell rrey noso senhor. — 2.ª pera ler.

1544. — De Bastião de Vargas de ij de junho — Pazes — Larache — Tetuão — O mouro a que dão dous cruzados.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 536.

XLIV

24 DE OUTUBRO DE 1544

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Os alcaides Bengija e o de Alcácer, segundo novas que recebeu, deviam correr a vila; e assim foi, mas com pouca gente, e não fizeram dano. Receia nova corrida. — Diz mais uma vez que a vila morre de fome, e, por mais que peça ao feitor de Andaluzia que a proveja, não o tem conseguido. Há dois meses que a maior parte da gente come carne sem pão. Á vila devem-se cinco ou seis meses, e às atalaias há muito tempo que se não paga e já não querem servir. Pediu algum dinheiro adiantado ao bispo, mas isso é pequeno remédio. — D. Nuno depois de nove meses que esteve em Arzila volta ao reino, por se achar doente.

Senhor. Estes pasados tive nova per huum negro que haquy veo ter fazer se christão que me avião de correr Bemgija e o alcaide d Alcaçere com hos turquos e gemte d el rrey foy ysto a xxbj dias de setembro e loguo ao outro dia me correrão coremta ou cimcoenta de cavallo os mais deles turquos e o alcaide em costas mas louuvado Deus não foy mais que mostrarem se sem mais nada.

Item. Pasaram se dez ou doze dias que não tive depois disto mays nova nenhũa mamdej trimta de cavallo a serra pera me tomarem hũa limgoa trouxerão coremta e tamtas rreses vaquas e fogi lhe huum mouro tornej a mandar la vinte de cavallo e ymdo mea legoa desta villa de noite chovemdo e fazemdo grande escuro toparão com quatro mouros de pee que vinhão caminho da villa tomarão tres e fogi lhe huum derão nova como o alcaide d Alcaçere estava na serra desviado domde estes de cavallo yam tomar a limgoa e que estava esperamdo com toda sua gemte por Bemgija pera me correrem e pareçe me que pelo rrebate do mouro que escapou e pelo tempo ser forte não correrão ate gora creo que serão desharmados mas Bemgija esta fora de Fez e em pouquos dias se hajumtão.

Item. Senhor não sey ja por que pallavras escreva ha vosa alteza ha presam desta villa por que craramente se perde a gente ha fome sem nenhuum rremedio e mamdo estromentos ha Castella ao feitor como são ja certas crianças mortas de fome rrespomdem que bem sabem que cousa são estromentos d Africa parece me que bem abasta morerem os omens as lamçadas por serviço de Deus e de vosa alteza de comsemtir em cavallos nam fallo por quamtos são mortos e os outros andão pera iso e vosa alteza sabe que como pasa este mes mujtas vezes ajmda que queirão prover ho tempo não da llugar por tamto peço a vosa alteza que nam queira que se perqua hũa villa de fome porque ha dous meses que ha mor parte da gemte come carnne sem nenhuum pão e pode crer vosa alteza por verdade que mujtos omens se não vão apanhar palmitos polo campo ou avemturarense a matarem nos por matar huum porquo que não comem disto senhor avia mujto que dizer mas como vejo não rrespomder a nada acabo com pedir a vosa alteza que mamde acodir a esta villa e nam seja por seus servjços por que eles mujto mereçem senam por amor de Deus ou me mamde jr d aquy por não ver perder tamta gemte sem lhe poder valer a eles nem a mjm.

Item. A esta villa se devem cimquo ou seis meses e mais sem averem este anno os omens de suas searas cousa algũa porque os que colherão algũa cousa foy a semente ora veja vosa alteza se teram ajmda mor necesidade do que digo.

Item. As atallayas ha mujto mais tempo que não são paguas nem se podia ja achar huum omem que cavalgase e com hum pouquo de dinheiro que haquy estava do bispo e com heu lho amdar pedimdo em pessoa fiz servir alguuns pera alguum pequeno rremedio que se com eles pode ter pera do campo se trazer algũa cousa vosa alteza mamde por amor de Noso Senhor prover em tudo como he necesario.

Hũa certidão de que me vosa alteza fez merce me não he ajmda pagua e porque pera me desendivjdar não tenho outro rremedeo vosa alteza me fara muj grande merce mandar ma paguar.

Item. Dom Nuno vay em nove meses que aquy esta nesta villa e agora por estar mal desposto se vaj não fallo nele a vosa alteza por ser parte os meus lembro a vosa alteza por que lho não devo de se agora acharem comigo nesta briga mas sempre em tudo forão hos diamteiros e vosa alteza ho pode crer asy por verdade cuja vida e rreal estado Noso Senhor acreçente. D Arzila oje xxiiij dias de outubro de 1544 anos. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrei n[oso senhor].

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 75, n.º 103.

XLV

15 DE NOVEMBRO DE 1544

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Por muitas vezes pediu que se mandasse prover Arzila com tempo e no verão, por que o seu porto é tão mau que durante cinco meses do inverno está fechado à navegação. É tanta a miséria que morrem com fome pessoas e animais. — D. Jorge tem feito muito bem e socorre os necessitados; mas de que serve o dinheiro se não há em que o empregar? D. Jorge tem comportamento exemplar e não sai da vila sem licença do capitão. Em duas corridas de mouros que agora houve, êle mostrou-se cavaleiro valente. — D. Manuel, o capitão, está doente e requer que o mande voltar ao reino. Os moradores pedem que os venha governar o conde D. João Coutinho ou seu filho D. Francisco (segundo se depreende do modo velado de dizer do autor da carta).

Senhor. Per muitas vezes esprevy a vosa alteza depois que nesta villa estou a muita ffome e mjserya que nella avya d aver se vosa alteza a não mandasse prover com tempo e no verão a causa da maldade deste sseu porto e arreçyffe que he mao e pior de navegar cymquo meses do jmverno que nenhuum outro que aja em toda esta Berberya o que Tamjere e Alcaçere e Çeita tem ao contrairo que de bõos portos ssão no jmverno cada xb dias ssocorrydos de navios de Castella e Portugall com todos bastymentos a elles necesaryos do[s] quaees oje ffeita desta careçe Arzilla que triguo nenhuum tem que dos cem moios que de Mertolla ssayrão haa dous meses entrou aquy hũa caravella haa xb dias estamdo aqui Luis da Ffonseca vosso criado a quall se rrepartio set quid jmter tamtos sayo o de cavalo a bj alqueires e meo de trigo e o de pee alqueire e meo e carecida de todos outros mantimentos e he tamta a mjserya ssem poder ser socorryda de outras pesoas pollo não terem que he muy grande piadade vello e ouvyr tanta piadade cavallos com ffome se perderão mui-

tos e outros amdavão ja no campo paçendo de dia e de noyte e alguuns levarão hora os mouros quando correrão polos acharem ffora como digo e a cauza de sua ffraqueza sse rrecolheo a gente a mays perto da villa do que soem e os mouros desto vitoryosos posto que rreçeberão dano e qua tambem ouve alguum como por esoutra carta de como tudo pasou o esprevo a vosa alteza e vay na verdade porque esta custumo sempre ffalar e esprever a vosa alteza dom Jorje tambem careçe de mantimento porque o arreçyffe não daa vao e asy toda pesoa que o poderya ter se o porto se naveguasse em quanto as pesoas o tiverão husarão de hũa nuvjdade em quanto puderão sey que ssecrretamente dom Jorje socorre com dinheiro aas necesydades mas não haa em que o empreguar e pois senhor acaso toquey nelle ffaço saber a vosa alteza que he bõo homem vyve muy modesto e asoseguado e todos os seus tem dez cavalos quatro de sua pesoa e seys de criados de que he acompanhado não ssay desta vylla a pasear ffora dos muros ssenão per licemça do capitão que lha pede ssempre que se quer hyr desenffadar posto que ssão poucas vezes algũa vez que lhe vy toquar o caso e a seu tio diz o bispo meu tio tem sse mostrado homem e cavaleiro nestas duas corrydas de mouros que correrão depois que elle aqui estaa a saber na d Allgoriffe quando matarão dom Ffernando Pereyra e agora nesta em que ffoy derribado como per esoutra carta o esprevo a vosa alteza mjudamente como pasou e como testemunha de vista e que a todo o negocio ffuy pressente e com huum capelhar no braço e hũa espada na mão somente ssem outras armas que outras não levava que hya a ffolgar e ssem lembrança de guerra posto que avia sospeita d averem de correr e nem tynha nem tenho outras armas com estar cada dia sperando que vosa alteza me mande hyr mas asy ssem mays armas posto que me cayssem aas paredes do descustume da guerra com tudo senhor ajmda me fficarão os aliçerçes della e do com que naçy e husey xxx anos de minha mançebya pera nella ajmda saber servyr vosa alteza e o poder bem ffazer como lho tenho pedydo per mjnha carta se Deus Noso Senhor e vosa alteza ffossem servydos de mandar tomar Larache.

Item. Dom Manuell he doemte haa dias e bem ffraquo rrequere a vosa alteza que o mande hyr dise Mouses Domine miter quem mitendus es o mesmo digo e que vosa alteza lhe ffara mercee e aos moradores desta vylla tambem muita mercee que elles o desejão e de vyr quem os criou a todos ou quem elles criarão que hos amão. D Arzila oje xb dias de novembro de i544 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor. — Segunda pera ler. — Não serve.

(Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 75, n.º 101.

XLVI

18 DE NOVEMBRO DE 1544

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Dá conta da peleja que êle e D. Jorge e outros cavaleiros tiveram fora da vila, no vale do Facho, com mouros de cilada. Ao rebate acudio D. Manuel Mascarenhas e gente de socorro, e foram repelidos os mouros, mas com perdas de um e outro lado. O capitão, que andava doente e fraco, foi muito mal ferido.

Senhor. Ssesta fferia que fforão ssete dias deste mes ffora de preposyto e ssem ho custumar pola manhãa cavalgey pera me hyr dessenffadar aqui a praya achey a porta da vylla dom Jorje que tambem hya a ffolgar com licença do capitão que ssem ella nunca say desta vylla e com elle hya dom Pedro Mazcarenhas e Ayres Tavares e outro de cavalo sseu criado levavão todos lamças e adargas e espadas e ssem coyraças convydaram me que ffosse com elles mays avamte do que hera meu preposyto porque hya sem armas algũas com um capelhar vestido e huum sombreyro na cabeça e hũa espada na cimta somente ffomonos senhor ao Ffacho e d aly ffolgando deçemos pera huum valle que se chama do Ffacho chegando abaxo do valle se deu rrebate quando logo tornamos acima do tavoleyro do Ffacho ffazer synall o ffacheyro que hera o rrebate pera Atalaya Ruyva corremos pera contra ella polla carreyra do Almjrante e e em hymdo ffez synall que hera jemte grosa e começou aparecer a diamteira da jemte polla Atalaya Gorda e a este tempo heramos ja com dom Jorje doze ou xv de cavallo rrecolhe homens e gados e lavradores que se vynhão acolhemdo pollas estradas de Bugano e d Atalaya Gorda e com tudo rrecolhydo de diamte de nos se veo dom Jorje e nos todos com elle ao tavoleyro do Ffacho omde jaa estava dom Manuel capitão armando se e dom Jorje apartou se armar se que lhe trouxerão as armas da villa e asy a dom Pedro e a outras pesoas que ssem ellas amdavão em suas lavoyras cheguaão os mouros rrecolheo o capitão a jemte pollas tramqueyras demtro a troto e asy vyemos todos ssem parar senão a derradeira tramqueira que esta junto das ortas e os mouros muy azedos e muy de volta comnosco aly voltou logo o capitão soo e sem pydyr volta e ssem ffalar ffoy derribado de lamças que nelle os mouros puserão e ffoy causa de o derribarem amdar elle doente e muito ffraquo ouve hũa lamçada polla pomta de hũa nalgua que entrou pera cima pera a pomta dos lombos e outra em huum capacete que o ffurou ffoy vysto dos cavaleiros e delles muy bem socorrydo que se meterão amtre elle e os mouros os que se aqui acharão ffoy Djogo Lobo que ora serve de contador e ssem coyraças

que vynha de sua lavoyra e Fernão da Sylva o quall aly ffoy casy derribado e huum cavaleiro que se chama Ffernão Machado encomtrou huum dos mouros que punhão as lamças em Fernão da Sylva e o derrybou hera aqui o alcayde mor e Geronymo de Motoya e Ffrrancisco Pymto valente homem e outros de modo que livrarão o capitão então se deçeo Ffrrancisco Colaço e o ajudou a levamtar e por a cavalo e o levarão pera a vylla fficarão pelejamdo com os mouros que seryão cl de cavalo xxx ou xxxb de cavalo aly a mesma tranqueyra e com elles dom Ffernando ffilho do capitão que tambem ffoy casy perdido e dom Jorge que na boca da tramqueyra de muitas lamças ffoy derribado no chão em hũa ladeyra e deu dous tombos levamtou se não quis tomar huum cavalo que aly lhe davão porque hera amtre os pees dos cavallos dos mouros e dos cristãos e se sayo a pee e com adargua no braço que a não perdeo e ffora da trisca tomou outro cavallo e se pos nelle e tornou se a seu lugar ajudar aos companheiros que ffizerão tres ou quatro voltas pequenas e muito ao perto que se de mays lomje as ffizerão mays dano se ffizera nos ymjgos mas elles amdavão tão azedos que não davão lugar aos cristãos se alomgarem mays e por iso elles os fforçavão a voltarem e aquj senhor ffaleceo muita jemte e cavaleiros porque herão em Alfamdequim em suas lavoyras e quando acudyrão ja a brygua hera acabada e os mouros apartados e se hyão rrecolhendo nestes xxxb de cavalo cristãos herão outros homens valentes cavaleiros moradores da vylla não conhecydos de vosa alteza Symão Vaz valente homem Joam Conde ja muito velho e de muito servyço e bem ssem satisffação delle porque he muito prove e ffoy ferydo elle de hũa seta e o cavalo de hũa ffrecha que avya muitas de que fforão fferydos sete ou oito cavaleiros e muitos cavalos hera aqui huum Djogo Çerejo e huum Bastião Frrenandez de Campo Mayor e Joam Vyeguas mancebo e bõo cavaleiro que hora lla vay a vosa alteza pera que o aja por seu e bem que o elle merece e outros que nem eu os conheço que na villa estou e certo senhor que ffoy trisca bem triscada e bem pelejada de muitas lamçadas de parte a parte que tambem os mouros o ffizerão muy bem e morrerão aly a tranqueyra dous velhos a saber Bras Ffrenandez valente homem e Pedro Lopez muito velho e sprivão dos contos muy dinos de vosa alteza ffazer mercee a seus ffilhos do que elles tynhão de vosa alteza e sayo muito fferydo huum barbeiro e das fferydas veo morrer a vylla e a estes tres levarão os mouros os cavalos e asy o de dom Manuell e o de Ffrancisco Colaço que se deceo a o ajudar a levamtar fficarão tres mouros mortos e huum cativo e os cavallos de todos quatro e huum dos mortos hera turquo e ffrecheyro haa nova que Alcaçere fforão morrer outros quatro e delles hera huum turquo outro e fforão alguuns fferydos do campo nada os mouros levarão nem ffizerão dano alguum outro que tudo se rrecolheo e se salvou Deus seja louvado que asaz de lavradores e jemtes avya no campo e os mouros correrão ffor-

çados porque fforão descubertos per tres momteiros dos quaes se perdeo huum e ffoy cativo e os dous escaparão e a pee que os cavalos se perderão que se os mouros não fforão descubertos e correrão a vespera como tynhão ordenado havera muito dano na jemte desta villa e este negocio senhor pasou asy todo e o esprevo a vosa alteza muito na verdade que não sou parte e sou testemunha de vista e que a tudo ffuy presemte com meu capelhar no braço e mjnha espada na mão amtre ffrechas e spimgardas de que Deus me livrou. D Arzilla oje xbiij dias de novembro de i544 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor. Primeira de novas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 75, n.º 102.

XLVII

3 DE MARÇO DE 1545

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Pedira o cargo de vèdor da fazenda na Índia a sua alteza e não foi atendido. Qeixa-se com veemência de que em tão pouco fôssem tidos os seus serviços e os de seu pai. Seu pai serviu sessenta anos em África e nunca teve mercê; e êle começou a servir de idade de dezanove anos, gastou vinte e cinco em Tânger no serviço de el-rei, recebendo aí muitas lançadas, e há sete que serve em Fez e Arzila à sua custa: continuar a servir assim não é honra mas castigo, e, por isso, pede que o deixe voltar ao reino.

Senhor. De Ffez per mjnha carta que sprevy a vosa alteza lhe envyey pidir por mercee que sse quisese servir de mym na Imdea e que ffosse no carguo de vedor de sua ffazenda por ssaber de mym que o ssaberya nelle servyr e com proveito dela mesma que ssou offiçiall e a entemdo bem esta mercee senhor esperey atee hora que ssey que vosa alteza sse manda servyr no dito carguo per outras pessoas que pera iso o serão e muito e que o saberão bem ffazer o que he synall çerto pera mym que mjnhas coussas e meus serviços ajmda estão amte vosa alteza em pecado mortall o que senhor sera por meus pecados que contra Noso Senhor Deus terey cometydo e não porque o mereça a vosa alteza e elle Deus verdadeiro ssabe ser isto verdade.

Item. Senhor vosa alteza por sua muita vyrtude a todos seus criados e vasalos ffaz mercee e nas mercees nunca ffiqua aquem dos mereçimentos mas ssempre pasa alem ssomente senhor a mym desffaleçem e contra mym dura sua hyra ha xx anos per ffalssas enfformaçõees o porque com rrazão dyrey o que dise Noso Senhor Jeshuu Christo prouterea

qui me tradidit tiby majus pecatum abet e perdoe Deus a quem amte vosa alteza me dana e a meus serviços pera que me não ffaça a merçee que lhe mereço mas quem tall ffaz naom me pode tyrar ser muito offiçiall de ffazenda e ser tresneto de Garçy Perez de Vargas Machuqua que quem ffoy bem se sabe e isto per linha legytyma mascolina e que não desgenerey e maladante sseja eu poys nossa nobreza e ha omrra e merecymentos de meu pay e meus ganhados com a lamça na mão me sseja necesaryo deffender com a limgoa pois amte vosa alteza me querem pessoas anjchelar e oscureçer.

Item. Senhor meu pay morreo com lxxxb anos de sua hydade e com os lxb de servyço todos em Affryqua e o que por elles mereçeo vosa alteza deu tudo a ffilhos alheos e se esqueçeo delle e de seus ffilhos ate oje cousa muy desacustumada amte vosa alteza e quem diso ffoy a causa eu estou bem vymgado e ajmda mall que não pidia eu a Deus tanta vyngança senhor eu de ix anos começey a servir a el rrey que Deus tem e nas festas do princepe dom Affonso e ssou cavaleiro e de muito serviço na guerra e em Tanjere homde gastey xxb anos com muitas lamçadas rreçebydas e com outras tamtas dadas a jmmjgos e nunca desservy vosa alteza mas ssempre o servy e lhe ffiz muito servyço quando de mym lhe ffoy dito o contrayro.

Item. Senhor vay em sete anos que sirvo vosa alteza qua e em Ffez com muito perygo de mjnha pessoa ssem atee oje ffeitura desta ter rreçebydo de vossa ffazenda pera mjnha despesa huum sso vymtem e ssempre gastey e muito e a mjnha custa e de mjnha pobreza e cada dia vou gastando por cujas causas mjnha estada qua he desterro e não servyr se vosa alteza de mym o porque peço a vosa alteza pollo ssamto tempo de coresma em que estamos e polla morte e paxão de Noso Senhor Jeshuu Cristo que çese ja ssua hyra contra mym que ssou hũa estipulla syqua como diz Job e me mande vosa alteza licença pera que me vaa desta terra no que vosa alteza me ffara mercee e esmola e a mjnha molher e ffilhos que tão estroydos estão com mjnha ausencia de xxiiij anos que ha que me não vyrão. D Arzilla oje iij dias de março de 1545 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor.

1545 — De Bastiam de Varguas de Arzilla de tres de março.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 209.

XLVIII

4 DE JUNHO DE 1545

Carta de Jacó Rute a el-rei D. João III. — Manda uma carta de seu senhor, el-rei de Fez, com treslado, sôbre pazes; e pede deferimento de certo negócio que tem na côrte.

Senhor. Como meus desejos são sempre servyr vosa alteza e os servyços que lhe feytos tenho ey que he ho milhor de meu cabedall falej muitas vezes com el rrej de Fez sobre a amjzade de vosa alteza pondo lhe diante quanto lhe compre tella elle me deu hum asjnado seu feyto por sua mão e letra e me mandou que no caso não falase com pessoa algũa somente com dom Francisco Coutynho como vosa alteza vera no propyo asynado ho quall eu entregej ao dito dom Francisco com ho traslado dele pera que ho mandase a vosa alteza e nyso determjnase ho que fose seu servjço e porque ao presente neste negoçyo he neçeçaryo segredo polo de dom Manuell Mascarenhas pareçe a dom Francisco bem que Francisco Lyonardez levase este rrecado a vosa alteza per vya do conde seu pay e ele ho açeytou de boa vontade ao quall Francisco Ljonardez eu pidy por mjm pedyse a vosa alteza merçe e justiça sobre çerto negoçyo. Beyjarej as mãos a vosa alteza ser lembrado do amor que sempre tjve e tenho a seu servjço. Noso Senhor acreçente rreall estado de vosa alteza com muitos anos de vyda. D Arzyla aos quatro dias de junho de 545. Jaco Rute.

Sobrescrito: Pera el rey nosso [senhor].

1545 — De Jacob Rute de iiij de junho. — De Arzila.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 203.

XLIX

5 DE JUNHO DE 1545

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Diz que o xerife vencedor se concertou com seu irmão vencido e ficou único senhor dos dois reinos de Marrocos e Suz; e vendo-se desapresado do irmão foi contra Tédula para a tirar a el-rei de Fez, mas êste acudiu a tempo e impediu-o de conseguir o seu intento. — Afirma também que el-rei mandou a Jacó Rute uma carta de poder sôbre pazes. — Lembra que muitas vezes escreveu quanto cumpria a serviço de sua alteza que o

xerife fôsse senhor do reino de Fez; agora que um só xerife tem todo e poder o perigo é muito maior, e tanto maior que êle tem partido em Fez. — O alcaide dos turcos, que está em Fez, recebeu notícia da sua terra, que é entre a Pérsia e a Turquia, sôbre os sucessos de Adem e Dio. — Está em Arzila Luís Pereira da Camara onde tem mostrado ser muito cavaleiro e pessoa para bem servir sua alteza.

Senhor. Ho xarife vemçedor se concertou com seu jrmão o vemçido e partio com elle dos tesouros que em Marrocos lhe tomou e o arredou de sy e he partido camjnho dos termos de Tremeçem pera o conquistar e se ffazer rrey delle como fficou este xarife desabaffado do jrmão loguo buscou achaques pera quebrar com el rrey de Ffez e mandou seu ffilho Abdalcader com jemte arremeter a Tedulla a ver se a tomarya e não ouve effeito e o mesmo xarife veo nas costas do ffilho com poder e chegou a Ezcura que ssão xb legoas de Tedulla el rrey de Ffez que estava pera sayr pera contra Xuxuão e Tutuão sobresteve com esta nova e mandou alcaydes e jemte sua e não chegarão a Tedulla porque os do xarife herão rrecolhidos com muito dano que ffizerão nos pães e sameados dos vasalos de Ffez.

Item. Ha quatro dias que aqui chegarão cyterys d el rrey de Ffez com cartas a Jaco Rute em que lhe diz que o xarife se ffazia prestes com sua alharqua e artelharya pera vyr sobre Tedulla e que elle tambem saya pera o hyr buscar e deffemder sua terra e mandou lhe huum poder seu pera ffazer tregoas amtre dom Manuell e o alcayde d Alcaçere Quibir porque o quer levar e sua jemte comsyguo a guerra do xarife o terlado do poder d el rrey e rreposta do alcayde a Jaco Rute dom Manuell o envyara a vosa alteza e por mym terladado tudo de verbo a verbo o envyo ao conde do Vymjoso se vosa alteza o quiser ver.

Item. Sou senhor lembrado que de Ffez sprevy muitas vezes a vosa alteza que compria a voso serviço o xarife não entrar neste rreyno porque ssendo rrey delle serya duro adversaryo a seus vezinhos sendo dous os xarifes quanto mays o podera ser agora que he huum soo e senhor de toda a terra e poder que tynhão dous se comete estaa empresa pareçe que não desystyraa della e que a levara avamte por poderoso que he e homem de justiça e limpo do mao pecado e que o muito castigua em ssua terra o que ao contrayro sse husa em Ffez e alem disto he xarife e parente de Maffomede e porque os mouros o adorão em Ffez ha muitos xarifes e os que governão a terra que por todas as rrazões ja ditas lhes serão ffavor a elle ganhar a terra a cujas causas e como quem pouquo sabe mas porque o tenho bem vysto ouso dizer que comprira a voso serviço ser ffavoreçydo el rrey de Fez de vosa alteza.

Item. Senhor Mjre Marjem alcayde dos turcos tem cartas de sua terra que he amtre a Persya e Torquia nas quaees lhe esprivem que o

turco mandou armada e por ella mandou rrestituyr a cydade de Adem a cuja amtes hera e satisffazer de todas as perdas e rroubos que rreceberão os moradores na tomada da dita cydade e porque senhor em Ffez elle me contou o negocio de Dio e asy como pasou que lho espreverão de sua terra e eu vy as cartas por tamto me parece que deve de ter esta nova e diz que o judeo ffoy por capitão da ffrota.

Item. Ruy Pereira da Camara veo aqui de Ceita tem mostrado de sy ser cavaleiro ffoy ffora com jemte tres ou quatro vezes e ffez presas muy boas de gados e mouros cativos e outros mortos e cavallos e egoas tem abelidade e pessoa pera vosa alteza se servyr delle em cousas e não pequenas de seu serviço. D Arzila oje b dias de junho de 1545 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor. — Primeira pera ver.

1545 — De Bastiam de Vargas de 5 de junho. — D Arzilla.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 199.

L

5 DE JUNHO DE 1545

Carta de Sebastião de Vargas ao conde do Vimioso. — Diz, como na carta a el-rei, que o xarife vencedor se concertou com seu irmão vencido e partiu com êle os despojos tomados em Marrocos. — O xerife vencedor agradeceu a el-rei de Fez o bem que tratou seu irmão em Tédula; e afirma-lhe que será seu amigo e terá com êle paz se puser termo a certas irregularidades, que se praticam no seu reino contra toda lei, e se fizer guerra aos cristãos. Não sabe o que o rei de Fez respondeu, só que o xerife foi contra Tédula, mas baldadamente. — Agora el-rei formou grande exército, mas não se sabe se é para ir contra o xerife, se contra os alcaides de Tetuão e Xexuão, que estão levantados contra êle. — Está em Arzila Jacó Rute; os moradores, como estão desejosos de pazes, dizem que é para isso que veiu cá, mas não veiu senão a fazer a sua fazenda. — Como muitas vezes escrevi a el-rei, nosso senhor, será muito serviço dêle que o xerife não seja rei de Fez; mas agora que é único senhor do país receio muito que tome Fez, onde tem partido. — Afinal, Jacó Rute, segundo acabo de saber, vem, de facto, para fazer pazes entre o capitão de Arzila e o alcaide de Alcácer, porque el-rei quer levar êste à guerra do xerife, que se faz prestes para ir contra Tédula. — O alcaide dos turcos recebeu notícia dos sucessos de Adem e Dio, por via de sua terra, que é entre a Pérsia e a Turquia.

Senhor. Das novas deste rreino são que hos xarifes jrmãos são con-

çertados mas não crreo que amjgos nas vomtades o vemçedor partio com o vemçido ametade do thesouro que lhe tomou em Marrocos polo reçeo que se vaa a Ffegygue e que d aly vaa conquistamdo a terra ate tomar Tremeçem e se fazer rrey delle e tambem pollo arredar de sy e estar delle seguro.

Item. O vemçedor spreveo a el rrey de Ffez do concerto que ffezera com seu jrmão por ser mays velho e damdo lhe graças pollas amjzades e boas obras que husara com seu jrmão sendo vençido que lhe acudio com cavalos vestidos e mandou que em Tedulla lhe desem adiaffas e cevada etc. que destas boas obras ssempre ambos serjaom em conhecimento e logo com isto meteo biquo d achaque dizendo que lhe pedia que mandase escusar os excesos que se ffazyão em seu banho e asy mandasse não aver luely que he almoxarife dizendo que em sua ley tall não avya nem Maffomede tall mandara que taees direitos se levassem quaees o luely arrecadadou somente dizimo ezequi que he dizimo do sameado ezequi de corenta huum de todo o que pera sy nacçe como gado e bestas etc. e que lhe rrogava que a isto demtro em xx dias lhe mandase rrespomder e que se lho conçedesse e com ffazer guerra a cristãos ffosse çerto que serya ssempre seu amjgo e que della o encorarya da rreposta d el rrey de Ffez não se sabe somente que Abdacader com b̄ de cavallo correo a Tedulla e crrendo que a tomarya e a não tomou fez estraguo nos pães e sementeyras e seu pay o xarife veo em seu ffavor atee Ezcura que ssão xb legoas de Tedulla.

Item. Sabydo a nova em Ffez estamdo el rrey pera sayr com seu eixerçito contra Tutuão e Xeixuão e vysytar estes lugares çesou e mandou seus alcaydes a socorrer Tedulla os quaees não chegarão mays que ate Abdelabyd e aly acharão novas que a jemte do xarife hera rrecolhyda e saom tornados a Ffez o xarife ffiquava ajmda na Ezcura com seu eixercito el rrey de Ffez tornados seus alcaydes mandou apregoar alharqua pera sayr pera ffora não se sabe se sera pera contra o xarife por estar taom perto de Tedulla se pera qua pera baxo pera omde estava damtes determjnado porque na verdade Tutuão e Xuxuaom estarem contra elle levamtados como estão lhe serão muy danosos e muy proveitosos ao xarife.

Item. Senhor Jaco Rute he aqui chegado e os moradores destes lugares são muy desejosos das pazes que elles mall souberão conservar porque sse vem muy proves e com muita ffome e mjserya ssem os... soldos ssem sementeyras e a cujas causas presumem que Jaco Rute vem a pydyr pazes os dias passados elle me espreveo duas vezes e eu esprevy a el rrey noso senhor dizendo que elle tinha enveado el rrey de Ffez a pedir pazes que sua altesa mandase vyr ese seu çitery que lla amda que ffoy com carta sua e que se vyese com rreposta não aspera que afyrmava o que djzia nada me ffoy rrespomdido e crreo que se espreva a el rrey de

qua que Jaco Rute vem a isto sayba vosa senhoria que tall não he nem tall comjsão traz que vem a ffazer sua ffazenda.

Item. Vosa senhoria sera lembrado que muitas vezes de Ffez sprevy a el rrey noso senhor que a seu serviço compria o xarife não entrar neste rreyno por quão poderoso serya e duro aversaryo a estes lugares e a Espanha toda njsto senhor me torno affirmar e tambem humanamente me affyrmo que o xarife como tyver o jrmão arredado de sy que cometeraa este rreyno e que se o cometer que o tomara ssem muita contradiçaom asy por ser muy poderoso como por ser xarife parente de seu Maffomede e os cazizes e primçipaees de Ffez ssão todos xarifes e seus parentes o que el rrey de Ffez não he mas mao homem do mao pecado que em seu banho se husa o que o xarife não ffaz a cujas causas me affirmo que a mesma cydade de Ffez que he toda ssua fforça d el rrey se lhe rrevelle e chame o xarife como no rreyno começar a entrar o que Deus não mande mas se asy ffor elle sera o que jaa diguo.

Item. Senhor tendo esprito ate aqui vyerão cyterys d el rrey a Jaco Rute com carta de que aqui envyo o terlado a vosa senhoria que quer tregoas amtre dom Manuell e o seu alcayde Laroçee porque o quer levar consyguo a guerra do xarife o quall diz que se ffaz prestes com todo seu poder e artelharya pera vyr tomar Tedulla e tomando a guerrar este rreyno de Ffez seu jrmão he ja camjnho de Tremecem e o tem apartado de sy e fiyqua delle seguro parece que não desystyra desta empresa el rrey de Ffez say ffora e se ffaz prestes pera o hyr lla esperar Jaco Rute envyou o esprito d el rrey ao alcayde e lhe espreveo e elle lhe rrespomde o que vosa senhoria veraa pollo terlado de sua carta que aqui vay.

Item. Senhor me dise Jaco Rute que Mjre Marjem alcayde dos turcos em Ffez lhe disera que tynha cartas de sua terra em que lhe dizião que o turco mandara armada a Ymdea e que mandara rrestytuyr Adem a cuja ffora e pagar os danos que rrecebera ao tempo da moda [?] da cydade este Marjem me contou em Fez o quecimento de Dio asy como pasou que o tinha per cartas de sua terra que he junto da Perrsya e por iso me parece que teraa cartas desta nova que ora diz de Adem. Bejo aas mãos de vosa senhoria cuja vyda estado Noso Senhor prospere amem. D Arzila oje b dias de junho de 1545 anos. Criado de vosa senhoria. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: Ao conde de Vymjoso meu senhor. — Segunda.

1545 — De Bastião de Vargas de cimquo de junho. — D Arzilla.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 195.

LI

10 DE JUNHO DE 1545

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Depois que escreveu a sua alteza a última carta, chegou nova que el-rei de Fez se estava fazendo prestes para sair da capital com um exército de vinte e quatro bandeiras ou capitanias e doze mil bèsteiros e espingardeiros; e, sabendo que o xerife fôra de novo contra Tédula, el-rei mandou e foi em socorro da sua fortaleza. — Com êstes rebates o xerife faz grandes danos e enfraquece el-rei de Fez, porque êle pode refazer-se na Escuza, que é sua e tem muitos mantimentos, e el-rei tem de recuar até Miquinez, por ser Tédula país desprovido dêles. — Relativamente às tréguas com o alcaide de Alcácer, êle ainda não respondeu e parece não as querer, para não acompanhar el-rei à guerra contra o xerife.

Senhor. Depois de ter esprito a vosa alteza esa primeira carta veo nova que estamdo el rrey de Ffez ffazendo sse prestes pera partyr de Ffez com seu eixerçito em que levava xxiiij bamdeiras ou capitayas e xij besteiros e espimgardeiros ssem hyr toda a jemte de Ffez que a deixava pera sse rreffazer de quallquer rreves adverso que na guerra lhe soçedesse lhe veo nova que o xarife de lamça em punho tornara a cometer a ffortaleza de Tedulla a ver se a tomarya por engano e descuydo ou per trayção o que não ouve efeito polla quall nova el rrey mandou seus alcaydes ou parte delles a rrepique a todo amdar a socorrer a fforteleza que ficava çercada e elle em pessoa sayo llogo com a mays jemte tambem a rrepique apos os diamteiros que mandou.

Item. O xarife com muitos destes rrebates pode estroyr el rrey de Fez porque elle se pode arredar atras xij legoas que he a Ezcura terra ssua omde tem todo provjmento de mantimento e el rrey de Ffez não pode estar naquella terra que he deserta e despavoada e lhe compre tornar se atras xxx legoas ao menos que he a Mjquinez e d aly he o mays perto de domde pode acudyr aos rrebates que o xarife lhe dara em Tedulla e ou lha tomara ou el rrey com elles se estroyra e seria muy ffraquo em breves dias.

Item. Ao caso das tregoas o alcayde d Alcacere Quebyr nada rrespondeo ate hora mas per conjeituras se vee que elle as não quer por não hyr a guerra e escusar o muito gasto que lhe cumpre ffazer. D Arzila oje x dias de junho de 1544 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor. 2.ª pera ler.

1545 — De Bastião de Vargas de x de junho. — D Arzila.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 201.

LII

10 DE JUNHO DE 1545

Carta de Sebastião de Vargas ao conde do Vimioso. — Manda ao conde as mesmas noticias que na carta precedente mandara a el-rei.

Senhor. Depois de ter sprito a vosa senhoria as novas da guerra e quebra do xarife com el rrey de Ffez veo hora nova que estamdo el rrey de Ffez ffazemdo se prestes e ja com temdas ffora pera partyr com sseu eixerçito ordenado de xxiiij bamdeiras ou capitanjas e xij besteiros e espimgardeiros lhe veo nova que o xarife deu de rrebate outra vez na fforteleza de Tedulla a ver se a tomarya por descuydo ou trayção como de ffeito lha prometyão os moradores do termo della e não ouve effeito porque o alcayde que se chama Bem Onizar que eu bem conheço estava a bõo rrecado e o ffez logo saber a el rrey o quall ssem ordem e a rrepique mandou logo Benjije e outros de seus alcaydes a socorrer e elle com a mays jemte apos elles e tambem de rrepique.

Item. O xarife com muitos destes rrebates pode estroyr e enffraquecer a el rrey de Ffez amtes de batalha porque elle estaa em sua terra com todas provjssões e perto de Tedulla e el rrey de Ffez não pode aly estar que não tem que comer e se a de tornar atras ao menos xxx legoas que he a Mjquinez pera d aly acudir aos rrebates do xarife o quall pode sempre estar x ou xii legoas de Tedulla.

Item. Senhor ao caso das tregoas o alcayde d Alcacere Quevyr nunca mays rrespondeo ate hora ssegundo o que se mostra elle as não quer por não hyr a guerra do xarife e aos cacizes de Ffez mostra que ffaz guerra a cristãos e tambem por não ffazer o muito gasto que lhe cumpre ffazer Barraxe e Tutuão serão danossos a el rrey de Ffez poys estão ffora de seu servyço o xarife segundo o parecer humano tomara este rreyno o que Deus não mande pello dano que disto vyra a cristãos. Bejo as mãos de vosa senhoria cuja vyda estado Noso Senhor prospere. Oje d Arzila x dias de junho de 1545 anos. Criado de vosa senhoria. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: Ao conde do Vymjoso meu senhor. 3.ª

1545 — De Bastiam de Varguas de x de junho. — D Arsilla.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 197.

LIII

13 DE JUNHO DE 1545

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — As boas novas que lhe trouxe de Fez Jacó Rute fez-lhe aceitar o desejo de D. João de Menezes, capitão de Tánger, que lhe cometera irem entrar ambos; e em 15 de maio último foram tomar uma aldeia principal do alcaide de Alcácer, que se chama Bugiham, onde fizeram grande presa, mas não sem algumas perdas dos cristãos, por culpa do capitão de Tánger. — Alguns dias depois desta entrada fez-se outra, por haver boa nova, mas ela não teve o efeito desejado, por más vontades de alguns cavaleiros que por isso mereciam muito castigo.

Senhor. Quando Jaco Rute aqui chegou deu me tão boa nova pera poder entrar que m asegurou todo o rresquo das pesoas leixamdo deshastres que se não podem escusar mormente em guerra e jumtamente com isto me mandou aquj dom Joam de Meneses capitão de Tamgere rrecado como por via de Tetuam tinha mujto boa nova pera podermos entrar de maneira que pareceo rrezão fazello asy pollo servjço de Deus e de vosa alteza como polla neçesidade dos omens que as vezes lhe vem d iso algum proveito mormente agora que ha tera esta tão perdida que se não pode dizer.

Cheguou aqui dom Joam de Meneses huum domingo que forão xb dias de mayo com a sua gemte e no mesmo dia amtes delle chegar tinha eu mamdado armar com dez omens de pee as guardas do porto d Alfreixe que sempre são hahy comtinuas no caminho de Tamgere a verem quem pasa e tomarem quem podem e trouxeram me ho almocadem de hũa quadrilha que então aly estava o qual he o maior almocadem daquela serra que hos mouros tinham este tem tomados naquelle llugar muytos cristãos os companheiros escaparão por ser a tera aly muito aspera deu me este almocadem a mesma nova que heu tinha e lloguo neste dia par; timos ha tomar hũa aldea que esta atraves d Alcacere a primcipall do alcaide d Alcacere onde se chama Allexarjfe e aldea se chama Bugiham e he de maneira que estão halj tão seguros que quamdo me vim rrecolhemdo d aldea bom pedaço della achej pollo caminho çento e vimte ou cento e trimta bois d arado que vivjam fora por estarem seguros d aly poderem ir cristãos de maneira senhor que dom Joam com ha sua gemte deu n aldea diamte e nam se azou tão bem pera tomar muytas almas e eu lloguo apos elle e todos de mestura tomamos sos sete almas n aldea e matarjamos cimquo ou seis mouros bois e vaquas trouxemos por todos perto de quatrocentas cabeças heguoas trouxemos sete e huum cavalo e

algũas bestas de servjço e asy nos viemos rrecolhemdo sem nos fazerem nenhuum nojo somente tres ou quatro omens escallavrados de pedras que erão ynfinjdade dellas e dous ou tres de zargumchos ferjdos que todos ficão ja louvado Deus bem e isto por aver mujta gente de pee e ser em hũa fralda de hũa serra.

E amtes de chegarmos a hũa rribeira omde tinhamos huum porto de pasar vieram alguns mouros poderjão ser ate trimta de cavallo e com mujtos de pee nas costas ladiamdo apos nos mandou me dom Joam pedir licença pera voltar com elles eu lhe rrespondj que me não pareçia rrezão por que o alcajde avia d acodir a rrebate e milhor yrjamos com a nosa gemte sãa pera podermos milhor pellejar com ele todavja voltou dom Joam chegamdo ao porto da rribeira na qual volta se matarão halguns mouros e dom Jorge da Silva que duas ou tres vezes me tinha pedido licença da parte de dom Joam pera voltar sem lha querer conceder voltou com hos diamteiros e foy ter em huum paul de huum bunhal muito atolladiço omde os mouros de pe se fizeram fortes e aly o derribaram por querer entrar demtro no paul e o mataram e dom Joham de Meneses tãobem foy ao chão e esteve derribado e nesta briga com estes omens se acharão pouquos omens e os que se acharão fizeram mujto de suas pesoas junto a dom Jorge e dom Johão se achou Francisco Collaço crjado de vosa alteza e o derribarão e lhe matarão o cavallo e no mesmo lugar foi derribado outro crjado de vosa alteza que se chama Francisco Gonçalvez e lhe matarão o cavalo e veo ferjdo huum crjado de dom Jorge tãobem foy derribado que se chama Amtonio Mendez alguum omem de Tamgere de que dom Joam dara conta a vosa alteza per outra parte forão houtros omens que pollo fazerem tão bem de suas pesoas não poso escusar de ho escrever a vosa alteza porque hos não poso satisfazer com houtra cousa e tãobem por que vosa alteza saiba quem no serve que foy nestes huum Gaspar de Figueiredo crjado de vosa alteza porque lhe ser huum pouquo parte não hallarguo mais que dizer a vosa alteza que mereceo esse dia fazer lhe vosa alteza mujta merce e asy outro crjado meu que se chama Amtonio Leitão que vimdo na traseira aseteou huum mouro e nesta volta matou outro e em tudo o que se acha da de sy boa conta e asy huum morador desta villa que se chama Pero Vaz outros escuso por não halargar tamto.

Vierão mouros a esta villa depois disto e moçe Rute e acharam menos d aldea trimta e dous mouros com os sete cativos e amtre os mortos morreram dous ou tres omens de preço em espicial huum allmocadem que tinha carguo de toda aquela terra por quem o alcaide ficou mujto anojado a culpa senhor deste aquecimento a mjm me parece que heu a nnão tenho porque per cima de eu mandar dizer a dom Joam que me não pareçia rrezão que voltase e não rrespomdj ysto hũa vez senão duas ou tres por quem me trazia rrecados seus por ele vir na traseira e eu

neste tempo tão mal disposto que certefiquo a vosa alteza que me nam podia ter e a cada paso me deçja de me não poder ter a cavallo que se não viera asy eu me posera em parte que não consentira voltar nimgem.

Depois disto a pouquos dias tive muito boa nova mamdej meu sobrinho fora dom Pedro com oitenta de cavallo o qual trouxe dous mouros e huum delles se quis lloguo fazer cristão e me dise que me querja dar hũa aldea domde ele hera que se chama Maimçara estava o tempo tão disposto pera iso e ela em mujto boa tera aquy nesta serra omde o alcajde nem gente sua não poder acodir a rrebate que me pareceo rrezão polo por obra dej disto a pratiqua a dom Francisco Coutinho meu sobrynho e a outras pesoas que pera as taes cousas a tem sempre de mjm per quem são pareceo a todos bem estamdo detreminado se levamtou deste Fernão da Silva e d outros em que eu fallo a vosa alteza que handam com ele amutunados que não fosem a tal aldea e que yamos como não divjamos e fora de tempo e mais pera lla ficarem todos que pera tornarem e outras murmurações feas que escuso dizer a vosa alteza somente lhe lembro que per todas as vias merece este Fernão da Sillva castiguo e rreguroso pera enxempro d outros.

Partimos d aquy com este mouro e fomos [a]te aldea sem sermos sentidos omde mandej decer Francisco Collaço com obra de cem omens de pee que com de cavallo que se deçerão e outros que bem amdej ordenando nesta villa besteiros e espimgardeiros farjão esta comtya ymdo pollas tramqueiras d alldea demtro e eu lloguo com toda a gemte nas suas costas que hera a tera muito pera iso foy senhor a vos e a grita destes amutunados que eramos sentidos e o bradar sem ver porque que fiz voltar os de pee e leixar sua viagem e asy me vim sem ser feito nojo nenhuum aos mouros o qual estava certo não havemdo esta ounjam que por estrovar a cousa se fez e crea vosa alteza que soube dos mouros que lhe fora feyto mujto nojo se foramos por diamte. Noso Senhor acrecente a vosa alteza a vida e rreal estado. D Arzila a xiij dias de junho de 1545 anos. Dom Manuel Mascarenhas.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 189 r-190 r.

LIV

13 DE JUNHO DE 1545

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Diz que Rute está em Arzila desde 10 de maio com a intenção de assentar pazes, se suceder mal a el-rei de Fez na guerra contra o xerife; e agora, na verdade, seu amo lhe mandou que as fizesse entre êle e o alcaide de Alcácer, mas êste mostra-se pouco disposto a isso, porque el-rei o quererá então levar à guerra do xerife. — Quanto a el-rei de Fez, não há dúvida que êle deseja pazes, porque é perigoso o estado do reino. O xerife mandou só dois alcaides contra Tédula e isso bastou para pôr o reino em confusão. — O xerife ajunta muita gente e diz que há de ir contra el-rei de Fez, que se faz prestes para o combater. — A ocasião é, pois, azada para um golpe de mão: mande sua alteza o que entender por bem. — Os dias passados escreveu a sua alteza que precisara de cem arcabuzeiros, mas nunca chegaram; torna, pois, a pedi-los, por haver necessidade dêles. — Finalmente, acabara de receber nova que el-rei tinha partido de Fez com um grande exército contra o xerife.

Senhor. Jaco Rute chegou aqui a x dias amdados de mayo o qual me quis lloguo em segredo dizer que ele vinha por mamdado d el rrey de Ffez estar alguns dias nesta villa com preposito de se o tempo soçeder mall a el rrey de Fez contra o xarjfe que elle cometese pazes mas hate lhe el rrej não mandar o que avia de fazer ele não fallava em nada.

Lloguo quisera mamdar este rrecado a vosa alteza dar lhe comta do que pasava mas o tempo não deu llugar nem avia aquy navio de maneira que foy forçado esperar outro rrecado lloguo depois de Rute chegar ha pouquos dias chegarão dous mouros crjados d el rrej de Fez os quaes me dise Rute que vinhão a busquar dinheiro e apos estes vierão outros dous que me dise que vinhão ao mesmo rrecado de levarem ho dinheiro que lhe el rrey mamdava pedir agora por derradeiro lhe mandou el rrey a Jaco Rute huum asinado seu em que lhe da poder que faça com o alcajde d Alcacere e comiguo treguoas do qual hasinado eu envio o trellado a vosa alteza e asy de hũa carta do alcayde d Alcacere pera Rute sobre o caso diz Jaco Rute que este vocablo de treguoas que se entemde por tudo pazes e treguoas e elle em pazes me fallou sempre ate gora ho alcajde d Alcacere como com a gerra esta sempre em sua casa e nam faz mais jornada que quando vem corer a estes llugares hee contra as pazes porque o obriga el rrey a ir com ha sua gente acodir ha ho aperto que lhe faz o xarife que lhe he gramde custo e trabalho.

Senhor el rrey de Fez não ha duvjda senão que deseja muito as pazes porque asy mo confesou Rute e tem dellas mujta neçesidade porque esta o rreinno em mujto gramde apresão e elle rreçeoso de ho xarjfe lhe tomar o rreinno e tãobem este anno ha muito pouquos mantimentos na tera e por mujto certo tenho eu que se vosa alteza agora mandara aquy a gemte destes llugares de cavallo de Cejta e Tangere e Alcacere ou ha maior parte della que se fizera tudo a vomtade de vosa alteza e isto não lhe custara mais asym que hasy com mandar provjsão ha villa porque segumdo os mouros estam metjdos por demtro soo com saberem que nesta villa avia cavallos que comesem pera poder ir fora se acoviarão de maneira que não viverão.

Ho xarjfe mamdou dous alcajdes seus ha dias sobre Tedola e soo estes poseram o rreinno em confusão e comeram lhe os pães todos e fizerão lhe outro nojo que se qua comta por mujtas maneiras porque vem as novas polos contrairos Rute diz que hos alcajdes do xarjfe que vieram sobre Tedolla que ja são ydos que hamtes levarão menos alguuns homens que lhe as bombardas matarão de Tedolla e que ha gente d el rrej de Fez que lla foy a socorrer he ja vimda.

Ysto he o que pasa ategora não tem chegado nenhũa comclusão Rute he mujto manhoso e elle e o alcajde d Alcacere mujto rreceosos de não poderem fazerem seu partido a sua vomtade comjguo não duvjdo que per outra via façam saber este neguoçio a vosa alteza e por tamto este d avjso.

O tempo esta mujto aparelhado pera tudo ho que vosa alteza quiser fazer e for mais seu servjço e por tamto vosa alteza me mande com tempo ho que ey de fazer esta villa esta muyto desejosa de pazes por poderem viver porque vaj em huum anno e meo que ha fome he tamanha nesta villa que mjlagrosamente vivem os omens e vosa alteza não lhe manda nenhũa provjsão de nenhũa parte por cuja causa os omens desejão mujto pazes.

O xarjfe senhor esta com a mais da sua gemte jumta e diz que ordena seu poder quanto pode e que pera vir asy com toda sua gemte sobre el rrey de Fez mamdou jr os alcaides que estavam seus sobre Tedolla e el rrey de Fez com esta nova dizem que se faz prestes e bem rreceoso causa pera vosa alteza mamdar o que mais seu servjço for.

Eu escrevj os dias pasados a vosa alteza sobre cem arcabuzeiros e a necesidade que esta vila tem delles porque he vigiada como cumpre e mais por mais gente que se ajumte pera nos correr nam ousara entrar pollas tramqueiras demtro pollo nojo que lhe farão e nos seguros alem do que mais se pode com eles fazer a seu tempo tive rrecado por via de dom Afonso que vosa alteza avia por seu servjço que viesem nunqua mais vy disto comclusão agora os tornno pedir a vosa alteza porque servem mujto e mais farão bom joguo a tudo.

Agora a esta via me veo rrecado que el rrej de Fez tinha ja as suas temdas fora e que vaj com toda a gente que pode agumtar leva vimte alcajdes de bamdeiras que halguns pasão de duas mjl lamças e outros mjl e mais e os outros d aquy pera baixo o capitão dos turquos que se chama Bargam dizem que lhe pedio dez mjl besteiros e espimgardeiros de pee e com dous mjl que ele tem que fazem doze mjl diz que dise a el rrej de Fez que queria jr dyamte delle hũa jornada e asy dizem que vaj de maneira que fica esta tera so e certefimcam me que serra ja fora não ha o presente mais que escrever ha vosa alteza. Noso Senhor acrecente a vosa alteza a vida e rreal estado. D Arzilla oje xiij dias de junho de 1545 annos. Dom Manuel Mazcarenhas.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 192 r.-193 r.

LV

28 DE JUNHO DE 1545

Carta de poder e procuração de el-rei D. João III a D. Manuel Mascarenhas para assentar pazes com el-rei de Fez.

Dom Joham per graça de Deos rrey de Portugal e dos Algarves d aquem e d alem mar em Africa senhor de Guinee e da conquista navegaçam e comercio de Ethiopia Arabia e da India. A quantos esta minha carta de poder e precuraçam virem faço saber que antre mim e o poderoso muito nobre e muito honrrado Hamet rrey de Fez se fala em se asentar treguoa d antre mim e elle e meus rregnos e senhorios dos seus pera se escusarem e avitarem os dapnnos e malles que da guerra se seguem pelo qual pola muita confiança que tenho de Dom Manuel Mazcarenhas fidalguo de minha casa que ora estaa por capitam e guovernador da minha villa d Arzila que em todas as cousas em que o encarregar me serviraa com toda fieldade e asy como for mais meu serviço e me dara de sy toda boa conta e rrecado por esta presente carta o ordenno e faço e estetuyo no milhor modo e forma que devo e posso por meu soficiente e abastamte procurador geral e espeçial pera o asento da dita treguoa antre mim e o dito rrey de Fez e de meus rregnnos e senhorios e os seus e lhe dou pera elo todo o meu comprido poder e mandado espeçial e geral de maneira que a geralidade nam deroge a espeçiallidade nem a espeçialidade a geralidade e pera por mim e em meu nome asentar e concordar e capitular sobre a dita treguoa com o procurador do dito rrey de Fez que pera elo amostrar seu soficiente e abastante poder e procuraçam asignada por ele e aselada do seu selo todo aquelo que bem visto lhe for e vyr que compre a meu serviço e que possa capitular e asentar e concordar e prometer e jurar em meu nome que eu farey e cumprirey

e gardarey todo o que for por ele asentado concordado capitulado no dito asento da treguoa com as condições pactos vimcolos sob as penas e firmezas que por ele for asentado concordado e capitulado como se por mim em pessoa fose feito. Outro sy que posa jurar em minha alma que comprirey e guardarey rrealmente e com effeito todo o que assy por elle no que dito he for concordado asentado e capitulado sem cautela enganno nem disymulaçam algũua e que nam irey nem virey contra ello nem contra parte allgũa dello sob aquelas pennas que por ello dito Dom Manuel meu procurador fforem postas e concordadas e pera todo o que dito he lhe outorguo e dou todo o meu comprido poder e com libera e geral administração e prometo e seguro por esta presemte carta de ter e manter rrealmente e com efeito todo o que por ele dom Manuel meu procurador sobre o que toca a dita treguoa for concordado asentado e capitulado prometido segurado jurado e de o aver por grato firme e vallioso e de nam hir nem vyr contra ello nem contra parte allgũua delo em tempo alguum nem por maneira algũua sob obriguação expresa que pera elo faço de todos meus bens patrimoniaaes e da coroa avidos e por aver os quaaes todos expresamente pera elo obrigo e por çertidam de todo o sobredito mandey fazer esta carta asignada por mim e aselada do meu selo rredondo das minhas cartas. Dada em a çidade d Evora a xxbiij dias de junho. Antonio Ferraz a fez. Anno do nascimento de Noso Senhor Jeshuu Cristo de mil b^c e quarenta e cimquo.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 177 r.

LVI

17 DE JULHO DE 1545

Carta de el-rei D. João III a D. Manuel Mascarenhas. — Soube com pezar do desastre em que foi morto D. Jorge da Silva e desculpa-o como cousa de guerra. — Teve muito prazer em saber que Jacó Rute lhe falara em tréguas, e, dadas as dificuldades de el-rei de Fez, deve aceitá-las, mas com os capítulos das pazes; e, para isso, manda-lhe procuração. — Escreve sôbre isso a Rute e o conde do Redondo a seu filho, D. Francisco Coutinho, para que com êle pratiquem êsse negócio. Não deve descontentar-se por D. Francisco Coutinho ter tratado dêle em segredo, porque assim o exigira el-rei de Fez. — Por novas cartas de Rute e de D. Francisco, el-rei de Fez quer que se lhe concedam de vinte até trinta mil reais de especiaria, lacar e roupas, mas tal se não deve consentir e só em assento de pazes, porque ainda lhe não pagou doze ou treze mil reais do anterior contrato.

Dom Manuel. Eu el rrey vos envio muito saudar. O conde do Redondo me deu vosas cartas e muito me desaprouve do desastre que se

aconteceo na yda daquela aldea onde fostes de que se seguio a morte de dom Jorge da Silva e por certo tenho que em vosa mãao e naquele tempo nam seria poderdes mais fazer e pois nas cousas da guerra nam podem ser sempre os sobcedimentos dela todos bõos prazeraa a Noso Senhor que vos dara outros milhores e de que se segue muito seu serviço nos quaaes confio de vos que sempre me servireis como sempre fareys e como o tendes mostrado nos feitos que sam passados de que eu rreceby muito contentamento e quanto a outra carta por que me fazeis saber o que pasastes com Rute sobre as tregoas em que vos falou ouve muito prazer de me avisardes diso [e porque as rrezões pera as eu dever d aceptar sam aguora muytas asy pela necesidade do tempo como principalmente pera que tendo as eu com el rrey nam ser tam facil aos xerifes serem senhores desa terra o que seria tam perjudiçial aa cristindade como a experiençia o tem mostrado ey por bem que as acepteis e as façais polo mais tempo que poderdes e que sejam conformes as passadas] de que vos mando o treslado posto que laa devam d estar rregistadas nos contos dessa vila e porque em algũuas cousas a experiençia mostrou que fora necesario apontarem se entam em outra maneira mais favoravel ao bem deses lugares posto que dos males que nelas se fizeram fosem muyta causa os capitãaes deles por tam mal olharem pelo que em tal tempo deviam fazer e serem niso tam descuidados como foram deveis de acreçentar mais aquelas cousas que vos parecerem necesarias pera o bem dos ditos lugares ou tirar as que podem fazer dapnno nam deixando porem de as fazer por acreçentar ou demenuyr nas pasadas porque quando se fizerem da maneira de que ja foram e conforme ao trelado que vos envjo delas seria muito meu serviço [e quando Jacob Rute nam entendese que tregoas eram pazes como dizeis que ele entende e el rrey nam quisese senam tregoas e niso insistise e lhe parecese que era isto aguora mais sua honrra ey por bem que asenteis com ele tregoas pelo mais tempo que poderdes porque pois eles tam mal guardão hũua cousa como a outra tanto monta pazes como tregoas e eu por amor d el rrey e por ser neste tempo em que ele se ha por tam apertado de seus imigos folguarey com o que for mais sua honrra e credito nam indo nisso contra meu serviço e porem asentando as tregoas seraa com os capitulos das pazes e nam avera nisso outra deferença senão no nome] e pera ffazerdes este negocio vos mando minha procuraçam e do que fizerdes me avissay com muita deligencia e ey por escusado fazer vos lembrança de quanto importa asentar se bem este negocio porque confio de vos que trabalhareys por se fazer o que for milhor e mais meu serviço. Antonio Ferraz a fez em Evora a ... dias do mes de junho de mil b^c R b.

Continua assim com letra do secretário de estado, Pedro Carneiro: E a Jacob Rute escrevo que fale convosquo e asy dise ao conde que

o escrevese a dom Francisco e todos tres praticareys o negocio e asentareys o que for mais meu serviço e nam vos deveys de descontentar de dom Francisco me dar conta dele sem volo fazer saber porque sendo no segredo em que el rrey de Fez queria que se tratasse e ordenando que vos o nam soubeseys nam podia deixar dom Francisco de o fazer asy e onde tanta rrezam ha de crer he que nam seria outra a causa. Secretario.

E estando pera vos rresponder o que niso avia por bem que fizeseys chegou Francisco Lionardez com hũua carta de dom Francisco Coutinho pera mym e outra de Jacob Rute e huuns apontamentos asinados por ele das condições com que el rrey de Fez queria asentar pazes comigo e huum seu asinado pera Jacob Rute as poder tratar e huum dos ditos apontamentos era fazer comigo contrato de vinte ate trinta myl rreaes cada anno d especiaria lacar e rroupas como vereys polo trelado dos apontamentos que vos envio dos quais me escreve Rute que el rrey de Fez nam quisera que vos foseys sabedor e por esa rrezam e polo segredo que queria que niso se tevese vos nam deu conta diso dom Francisco e vendo eu a necesidade em que el rrey de Fez estaa por causa dos xarifes que contra ele vem e como nam seria rrezam entretempo negar lhe eu aquylo com que ele se pode tanto ajudar e defender de tais imigos e quantos males se seguiriam se os xarifes fosem senhores de seu rreyno no que parece segundo o estado em que estaa que averaa muy pouco que fazer em o eles tomarem e sojugarem me pareçeo que lhe nam devia de negar em tal tempo pazes porque se em outro mas cometera bastava pera lhas nam aceitar cometerem me com elas contrato estando eu por pagar de xij ou xiij mil rreaes do outro que os dias pasados fiz com ele polo que ey por bem que aceites as ditas pazes e porem sera sem contrato porque nam ey por meu serviço fazelo agora e quando as pazes fosem feytas e eu fose pago do meu entam poderia ouvyr falar me em contrato mas emquanto ysto nam he nam se deve de falar senam em pazes somente porque d outra maneira eu as nam farey com ele e asy o podeys dizer a Jacob Rute o qual deve bem de ver quanta necesidade el rrey tem dellas e quanta rrezam he nam ouvyr eu falar em contrato sendo me devido ajnda do outro xij ou xiij mil rreaes os quais tantas vezes ele me dise qua que el rrey de Fez me mandaria logo pagar. E se desta maneira quiser pazes comigo eu serey contente de lhas dar polo tempo que diz em seu apontamento e com as condiçõis das pasadas.

No verso: Despacho que se fez a dom Manuel Mazcarenhas capitão d Arzila sobre as pazes d antre sua alteza e el rrey de Fez. Em Evora a xbij de julho de 1545.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 173 r.-174 v.
Minuta.

O texto entre parênteses quadrados está traçado no original; mantivemo-lo, porém, por ser indispensável ao sentido.

LVII

17 DE JULHO DE 1545

Carta de el-rei D. João III a Jacó Rute, na qual lhe diz que D. Manuel Mascarenhas foi mandado tratar de pazes entre êle e el-rei de Fez.

Jacob Rute. Vy a carta que me escrevestes e os apontamentos que me enviastes das pazes que me dizes que el rrey de Fez quer fazer comigo e porque eu escrevo a dom Manuel Mazcarenhas a maneira em que averey por bem de as fazer a ele me remeto e nam me pareceo inconviniente tratalas ele nem vejo necesidade de tam grande segredo niso como el rrey de Fez quer que se tenha pois he visto que concederlhas eu he o milhor rremedio que suas cousas podem ter nos termos em que elas estam tendo tam perto de sy imigos tam poderosos e desejosos de lhe tomar o seu pola qual cousa me eu movo d entender nelas que por outra algũua rrezam que pera iso tenha e por esta mesma folgarey com tudo o que vos niso aproveitardes e fizerdes e volo terey em serviço.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 175 r. Minuta.

LVII

29 DE JULHO DE 1545

Carta de el-rei D. João III a D. Manuel Mascarenhas. — Em resposta a várias cartas, recomenda-lhe muito que só aceite fazer pazes e não tréguas com el-rei de Fez, porque êle está em grande necessidade delas, por causa do xerife. — Diz-lhe que procure queimar os navios que estão em Larache, se nisso não houver risco para si ou para a sua gente. — Manda prover a vila de mantimentos, conforme êle tinha pedido.

Dom Manuel Mazcarenhas. Eu el rrey vos envio muyto saudar. Vy a carta que me escrevestes pola qual me fazeys saber as novas que tendes do que em Tedula he pasado antre a gente d el rrey de Fez e a do xerife e como el rrey era partido a socorro da dita fortaleza e asy os tres meses de tregoa que vos cometeo Jacob Rute dizendo que da vinda que el rrey viese se falariam nas pazes e ajuda que em tal tempo no qual as cousas d el rrey mostram que ha de ter tam maos socedimentos como ja se vee polo poder grande do xerife e o mao rremedio que el rrey tem pera se defender de jmigo tam poderoso e quanto serviço de Noso Se-

nhor he nam se fazer o xerife senhor do rreyno de Fez seja rrezam que eu em tudo o ajude e favoreça pera que ysto nam posa ser e ja por esta rrezam e por me parecer que era tempo pera lhe fazer amizade polo soster eu vise nas pazes como tereys visto polas cartas que vos tenho sprito sobre iso as quais creo que vos seram ja gora dadas e tardaram tanto porque adoeceo Francisquo Lionardez que vos avia de levar e parecendo que sua disposysam lhe daria lugar a partir foy tanto avante que o nam pode fazer e sera por outro cavaleiro que mo^ra nesa vila pesoa de rrecado todavia porque asentar pazes com ele compre tambem a meu serviço e perdendo se agora esta conjunçam nam poderia vyr outra em que milhor se podesem fazer ey por bem que digaes a Jacob Rute que tendes rreposta minha pera asentardes pazes com el rrey de Fez nas quais eu folguey de vyr por me parecer que niso fazia grande amizade a el rrey como ele bem vee polos termos em que suas cousas estam e porque ja nam tem outro rremedio senam fazelas comigo polo que nam podeys tratar das tregoas que vos agora comete nem tendes comisam minha pera nelas entenderdes nem vos parece rrezam conviniente pera el rrey deixar de fazer pazes comigo tendo delas tanta necesidade e comprindo tanto a segurança e defemsam de seu estado dizer ele que nam era tempo de falar nelas por nam dizerem que pola opresam em que estava cometia logo pazes e que se lhe parece que nam pode tratar delas sem primeiro o fazer saber a el rrey que o tempo que necesario for pera lhe vyr sua rreposta lhe dareys de tregoa posto que pera iso nam tenhais comisam minha mas que vos parece que eu o averey por bem pois se nam pode escusar insistindo quanto em vos for por asentar as ditas pazes vereys o que ele vos rresponde e quando vos pedise de tregoa alguum tempo mais largo do que parecese que compria pera vyr a rreposta conceder lho eys como de vos dizendo lhe sempre que credes que eu o averey por bem visto como o principal intento meu he contudo o que for posivel valer a el rrey de Fez pera nam ser destruydo e porem o que niso fizerdes seja de tal maneira que nam queira ele ganhar este tempo da tregoa pera despois nam fazer as pazes se suas cousas lhe socederem bem porque entam nam seria meu serviço nam as ter feitas com ele asy que pois vedes minha tençam tenho por certo que fareys o negocio como compre a meu serviço lembrando vos que Jacob Rute he manhoso e que cuyda que he homem de negocio pera que em tudo esteys advertido com ele e do que fizerdes neste caso me avisareys com diligencia e parecendo vos que lhe deveis de dar a treguoa mais larga pera com jso a gente d Alcaçere o poder jr ajudar falloeys como de voso como acima digo.

E pois Jacob Rute diz que vos nam segura de Moley Mafamede nestas tregoas que vos pede compre que vos gardeys muy bem dele e de tal maneira que vos nam posa tomar descuydado como conto que fareys e

asy o deveys de fazer de todos e em todo o tempo porquanto pouco se deve de confiar de mouros e de sua verdade.

Com as novas dos cinco navios que estam em Larache me desaprouve muyto polos jnconvinientes que diso se seguem pois agora deve d estar tam soo com a yda d el rrey de Fez pode ser que fose tempo pera por alguum bõo modo que nam seja aventurardes vosa pesoa nem a gente que tendes queimardes lhe no rrio os ditos navios o que seria muyto meu serviço faço vos disto lenbrança pera segundo a disposysam em que estiverem asy obrardes niso com o rresgardo que compre a meu serviço e a vosa segurança e como de vos conto que o fareys.

Da necesidade em que estais de mantimentos me desaprouve muyto e logo mandey que vos provesem com o que agora podese ser e pera adiante se fara com tudo o mais que se poder aver e com tanta brevidade como convem que seja.

No verso: O que se respondeo a dom Manuel Mazcarenhas depois de lhe sua alteza ter sprito sobre as pazes. Em Evora a xxix dias de julho de 1545.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 183 r.-185 r. Minuta.

LIX

7 DE MARÇO

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Os moradores de Arzila estão em grande necessidade de pão, porque ha meses que não recebem grão de trigo. Êle tem-no pedido ao feitor de Andaluzia, como ao de Larache, mas inutilmente. Será, pois, grande mercê mandar prover a vila.

Senhor. Ate guora não escrevy a vosa alteza ha grande neçeçydade em que esta vylla esta ha tamtos dyas por me pareçer que d algũa das partes domde tynha mãodado buscar provyzão me vyese porque tenho escryto ao feytor d Andalluzya duas vezes como nesta vylla não avya triguo avya muitos dyas e ho trabalho em que estavamos e as derradeyras cartas forão ter a mão do escrivão da feytorya e paguou nos com abryr as cartas mynhas e do contador e mandar ho omem sem nenhum rrecado tendo dous navyos carregados de tryguo e do feytor não vy rrecado nenhum e asy tenho escryto ao feytor que esta em Llarache sem de nenhũa parte poder aver rremedyo havemdo seys meses que a esta vylla não veyo mays de hũa so dada de tryguo porque de setembro ate guora que estamos em março não tem vyndo mays que esta que diguo e a muitos dyas que a mor parte da gemte come carne por lhe falleçer ho

pão e a quem na tem sem lhe falltar vay bem e creya vosa alteza que por muito prestes que a provyzão venha pasara ha gemte tamto trabalho que sera muito pera aver pyadade por quantos dyas ha que nos mantemos com esperar que d allgũa parte nos proveryão pollo quall vosa alteza nos fara tamanha merce na brevydade como na propya e asy tambem por quão contemte foy toda esta vylla por servyr vosa alteza com lhe tyrar muitas rreções como se fora acrecentar lhas e asy escreveo vosa alteza que estas seryão tão bem pagas que não falltasem nunca e certefyquo a vosa alteza que por quanto jaa que não chove de terra de mouros se não deyxa tyrar hum so grão de pão e que ate nos vosa allteza como dyguo mandar prover fyquamos nesta apresão que he açaz grande de qua não ha ao presemte mays que escrever. Noso Senhor acrecente vyda e rreall estado de vosa alteza. D Arzjlla ha bij de março. Dom Manuel Mascarenhas.

Sobrescrito: Pera el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Cartas de governadores dos lugares de África, maço único, n.º 111.

Sem data de ano, mas é talvez de 1545, parecendo então a carta anterior, de 29 de julho, ser em parte resposta a esta.

LX

3 DE SETEMBRO

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — Manda nova que dois barcos de Arzila tomaram um bargantim, à vista da vila, com gente, cuja procedência vai averiguar.

Senhor. Por carta de dom Afomço sabera vosa alteza majs eerto novas das fustas mas comtudo lhe faço a saber como ãodam por aqui a oyto dias por amdar d agosto estãodo a hũa jallena deste castello vj vjr hum bargãotim demandar este rrecefy e como omens que conhecerão a terra tornarão se a fazer ao mar pera a banda de Llarache mãodey dous barquos hapos elles huum polla banda da terra e outro ao mar porque era ja sobrenoyte de maneira que tomarão ho bargãotim omde vinha dous omens portugees e huum moço e trazião quatro mouras e dous mouros que parecya trazerem nos de Castella e dejtarrem nos qua furtadamente tenho os todos presos ate saber como vinhão ou se são mouros se cristãos porque tenho sospeita que são todos cristãos não ha outras novas que escrever. Noso Senhor acrecente a vida e rreal estado de vosa alteza. D Arzila a iij de setembro. Dom Manuel Mascarenhas.

Sobrescrito: Pera el rey.

Arquivo nacional, Cartas de governadores dos lugares de África, maço único, n.º 109.

LXI

Carta de D. Manuel Mascarenhas a el-rei D. João III. — A acusação que lhe fizeram de gastar sem conta madeira e pólvora na vila é falsa, como o prova com a certidão que manda. — Informa que um Francisco Soares está em Larache comprando trigo por forma que estraga o negócio de sua alteza.

Senhor. Eu fui certifiquado que ha vosa alteza lhe dixerão que eu desordynariamente mãodara gastar nesta villa madeyra e polvora e como quer que meu fim não he outro senão trabalhar por todallas vias como milhor posa servyr vosa alteza e acreçemtar lhe sua fazenda e não querrer a minha pera outro nenhuum fim senão pera seu servyço quallquer cousa pequena desta callidade me faz muito nojo em especyall quãodo a emformação he tanto pollo comtrarjo do que pasa e pera que diso vosa alteza seja milhor certifiquado mãodey hũa certidão em forma com juramento de todos que vosa alteza a veja porque dipojs que eu nesta villa estou nunqua nella emtrou madeyra de nenhũa sorte nem na havia no allmazem antes a mãodey pedyr por cousas que era muito necesarjo de seu servyço e não vejo nunqua.

Item. Quanto a pollvora muito menos se gasta do que he neçeçarjo e he quãodo muito cumpre a serviço de vosa alteza a certidão destas cousas lleva Francisco d Agiar com esta pera que saiba ho que pasa na verdade dum Francisco Soajres mercador morador em Tavjla tenho escrito a dias a vosa alteza como estava em Llarache comprãodo triguo e danando ho comtrato que vosa alteza tinha feyto em tempo que lla estava ho feytor e outras mas emformaçóes tive tambem delle de que m agora haquabou de certifiquar Francisco d Agiar acerqua duns ferros que lleva de que elle dara llarga emformação a vosa alteza este Francisco Soajres a tres anos ou pasa delles que esta .... de vosa alteza elle me tem mão[dado]... pera vir a esta villa se vosa alteza houver por s[eu serviço]... que eu busque allgũa maneira de ho... pera que delle se faça ho que ouver por [seu serviço]... mãode me provizão pera jso e logo ho porej... ao presemte não ha majs que escrever ... provizão dos porquos mãodey llogo comprar... vosa alteza a quem Noso Senhor acreçemte vida e rreall estado. D Arzilla. Dom Manuel Mazcarenhas.

Sobrescrito: Pera el rey.

Arquivo nacional, Cartas de governadores dos lugares de África, maço único, n.º 16.

LXII

Carta de el-rei D. João III a D. Francisco Coutinho. — Diz-lhe que decidiu assentar pazes com el-rei de Fez para evitar que o xerife lhe tome o reino, donde viriam grandes males à cristandade; e igualmente deseja que elas sejam feitas por D. Manuel Mascarenhas, por ser capitão da vila.

Dom Francisquo etc. Francisquo Lyonardes me deu vossa carta e a de Jacob Rute com os apontamentos das pases que el rrey de Fez quer fazer comiguo e posto que suas obras nam merecesem ouvyr eu falar nellas todavia vendo a necessidade em que estaa e quanta rrezãao he que em tudo trabalhe por se os xarifes seus imyguos não fazerem senhores de seu rregno polos grandes males que se segiria disso aa cristindade ey por serviço de Noso Senhor entender nellas. E porque dom Manuel Mazcarenhas me tinha ja scrito a pratica que pasara com Rute acerqua destas pazes e nam seria rrezãao que o que nelas se fizese e asentase fose por outra mãao senão pola do dito dom Manuel pois nessa villa estaa por meu capitão o que creo que vos parecera bem ey por meu serviço que ele as asente e pratique e vos encomendo muito falar com elle que tudo o que tocar ao efeito das ditas pazes queiraes e dizer a Rute como eu assy o ey por bem e meu serviço.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 178 r. Minuta.

LXIII

Treslado de duas cartas sôbre tréguas com os cristãos: uma de el-rei de Fez a Jacó Rute; outra do alcaide de Alcácer Quibir ao mesmo, em que diz não ter recebido ainda mandado algum sôbre o assunto.

Terlado de hũa carta que el rrey de Ffez spreveo a Jaco Rute aquj Arzilla.

Louvado huum soo Deus. Sseja outorgado pollo poder de Deus e com ssuas fforças este nosso alvara em poder de nosso criado Jaco Rute que Deus encamjnhe pollo quall avemos por bem e lhe mandamos que ffalle entre o alcayde Laroçee e o capitão d Arzilla e nos consymtimos e avemos por bem todo o que amtre elles ffizer de tregoas e çalema o quall esprevo he de letra d el rrey e asynado por elle de sua mão com dia e mes e hera de Mafomede.

Terlado de hũa carta que o alcayde Laroçee spreveo a Jaco Rute em rresposta d outra que elle d aqui d Arzilla lhe espreveo sobre este negocio e lhe envyou o esprito propio d el rrey.

Louvado huum soo Deus. Ao xeque Jaco Rute encamjnhe o Deus. De Abedaalahed Laroçee paz ssobre vos com muito bem e louvado Deus. E depois desto nos chegou vosa carta com o esprito que vos mandou el rrey nosso senhor Deus o enxalçee ssobre o caso das tregoas amtre nos e os cristãos ssaberes que nos não tem chegado mandado alguum d el rrey nem cousa que njsto ffalle nem de que maneira sera a nosa ffalla e a meu parecer não poso ffalar njsto senão o que me elle mandar eu lhe tenho esprito e pedido que me rrespomda a isto a hora que me vyer rrecado vollo ffarey a ssaber prazendo a Deus e neste caso nunca me ffalou salvo em hũa carta me spreveo tenho esprito a Jaco Rute ssobre negocio de tregoas e a mym me pareçya que o negocio elle o querya ffazer de vos a elle e que o calem. Ffeyta de sua letra e asynada de sua mão.

Sobrescrito: Pera vosa senhoria ver e mostrar a el rrey noso senhor.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 211.

LXIV

Assinado de el-rei de Fez a Jacó Rute com poder para assentar pazes com el-rei de Portugal. Treslado.

Louvado seja Deus hum so. Seja outorgado polo poder de Deus e com suas forças este meu em poder do xeque Jaco Rute que Deus encamjnhe polo quall lhe mandamos fale com dom Francisco e eles falaram com el rrej de Purtugall em negoçio de pazes mesturado com contrato e naqujlo que conçertarem mo faram a saber o quall he feyto per letra d el rrej de Fez e asjnado por ele em ano dia mes e era segundo o acustuma.

Sobrescrito: Trelado do asjnado d el rrey de Fez.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 205.

LXV

Carta d el-rei de Fez a D. Manuel Mascarenhas. — Diz-lhe que o capitão de Tânger prendeu um criado e vassalo seu, por mandado do inquisidor, apezar das pazes. Constando-lhe que êle o vai entregar ao capitão de Arzila, pede que o dito criado se seja solto, senão queixar-se há a el-rei D. João. Treslado.

Dom Manuell Mazcarenhas capitão d Arzilla. Eu Moley Hamed serrvo de Deus rrey de Ffez etc. vos envio muitas encomendas e como estaees vos e vosso ffilho. Tenho sabydo que dom Joam capitão de Tamjere prendeo a Mosse Rute meu criado e vassalo per mandado do enquisydor e asy me dizem que vollo mandava presso a entregar Arzilla e como quer que fficastes nesa villa em lugar do conde dom Joam que ffoy a pessoa com quem asentamos as pazes a vos cumpre acudyr ao conservamento dellas mays que alguum capitão outro bem vee que o que ffez dom Joam como he quebrar o que temos assentado como huum vassalo meu que vay sobre nossos seguros não tem que entemder a enquisyção nelle. Meu criado Jaco Rute vay lla a rrequeryr sobre este negocio o que cumpre muito lhe agardecerey que se hay o tem preso mo mande emtregar e soltar que bem ve quão mallamente ffoy preso e eu tenho muita rrazão pera me aqueixar diso e acudyr a iso com queyxume a el rrey dom Joam dos seus capitãees eu mando ao dito Jaco Rute que njso requeyra todo o necesaryo e se comprir pera iso hyr a Portugall que vaa ou mande o meu criado que com elle vay porque eu esprevo a el rrey sobre yso posto que me parece que como esta mjnha vyrdes sera escusado porque sey que acudyres a verdade e ao que cumpre a servyço d el rrey vosso senhor queremos muito de vos que não deys causa a sse perder amjzade que ha hamtre mym e el rrey dom Joam voso senhor que Deus guarde. Envyo vos mjnhas encomendas desta mjnha cidade de Ffez a xx d outubro.

No verso: Terlado da carta d el rrey de Fez pera dom Manuell acerqua da prisão do judeu pera a ver sua alteza.

Arquivo nacional, Gaveta 20, maço 73, n.º 37 (B).

Capitania de D. Francisco Coutinho, conde do Redondo.

LXVI

AGOSTO DE 1547

Instruções que levou Jorge Pimentel quando foi a Beles, de mandado de D. João III, para concluir um acôrdo com el-rei de Fez contra o xerife.

Chegado a Beles praticará a matéria da sua embaixada com el-rei de Beles ou com outra pessoa que el-rei de Fez tiver mandado para isso. Se tiver sido designado el-rei de Beles, dir-lhe há que tem nisso muito contentamento. Depois dirá que soube com muito prazer que el-rei de Fez estava fora do cativeiro do xerife; que sentiu que êsse cativeiro fôsse em tempo que o não pudesse favorecer, como seria seu desejo. Está, todavia, no propósito de fazer por êle tudo o que puder e for tempo, e por isso lhe manda o seu embaixador.

O filho de el-rei de Fez, que reinara durante o cativeiro de seu pai, ao notificar-lhe êsse triste sucesso escrevera-lhe que, querendo êle socorrê-lo, daria em refens os outros filhos de el-rei e os do rei de Beles e dos alcaides fieis, e bem assim pagaria os gastos feitos com o seu socorro. Convem que estas seguranças sejam mantidas. El-rei de Fez tem muito a ganhar com isso, não só porque êsses refens ficarão seguros, se suceder mal a el-rei, mas os alcaides não poderão passar-se ao xerife.

Se Jacó Rute vier a Beles deve falar com êle sôbre o assunto, para por êle saber quais as disposições de el-rei de Fez.

Sendo necessário chamar ao partido de el-rei de Fez os alcaides que se passaram ao xerife, isto é os de Alcacer, Tetuão e Xexuão, êle escrevera para êsse efeito ao filho de el-rei, oferecendo-se para, pelos capitães vizinhos deles, trabalhar nesse sentido, estando disposto a gastar para isso até mil cruzados com cada um dos alcaides. Êste propósito ficou em promessa, porque lhe não veiu resposta a êle, e disso o faz sabedor.

Finalmente, pede-lhe que tome informações minuciosas sôbre a gente

e recursos do xerife, como consta do longo questionário que acompanha estas instruções.

Jorge Pimintell ho que hey por bem que façais nesta hida que vos mando a el rrey de Fez he ho segimte.

Primeiramente hireis a Cepyta he d ahi pello llugar de Bellez fareis llogo saber a el rrey de Fez como vos mando para com elle tratardes hou com a pesoa que pera jso seu poder trouver allgũas cousas que a elle comprem como por sua carta me espreveo que fizese e que pera seguramente poderdes hir a Bellez que he ho llugar que elle pera yso nella me nomehou convem vos mandar hum seguro seu he d ell rrey de Bellez pera ho poderdes fazer porque nenhũa outra cousa esperais he como vollo mandarem semdo tall com que seguramente vos posais hir vos partireis llogo he porque vos não sabeis fallar a llimgoa arabia llevareis em vosa companhia allgum cavaleiro desa cidade que ha bem entemda quall dom Afonso capitão della pera yso lhe bem pareser hao quall dareis hesa carta minha que sobriso lhe esprevo.

Item. Como chegardes a' Bellez vereis a pesoa com que ell rrey de Fez hordena que pratiqueis estas cousas e porque pode ser que ell rrey querera que seja ell rrey de Bellez como se pode emtemder das cartas que ambos me espreverão de que vos mandey dar ho terllado pera mais vosa enformação quer seja ho dito rrey de Bellez quer outra pesoa que ell rrey de Fez pera yso hordene amtes de com ella fallardes sabereis se traz poder do dito rrey de Fez pera niso fallar he paresemdo vos que ho dito poder he tall como em semelhante caso se rrequere se ffor ell rrey de Bellez darlheis ha carta minha que pera elle llevais he lhe mostrareis ha outra minha de crensa que llevais pera ell rrey de Fez he depois de ller ha sua carta lhe dereis como de voso que vos credes que eu rreçeberey muy grande contentamento quando souber que ell rrey de Fez quis que elle fose ho com que vos pratiquaseis suas cousas porque he de crer que querera que se pratiquem conforme haho que lhe compre que he ho que eu pretemdo he acabado de lhe dizerdes jsto lhe direis de minha parte que heu rrecebi muy grande contemtamento quando soube que el rrey de Fez hera fora do poder de seu jmigo he estava em sua lliberdade he em seu rreino ho que posto que ffose com condisõis tão favoraveis hao xarife hera rrezão que seu filho procurase tyrallo de seu poder porque semdo elle llivre hordenaria Deus dar rremedio ha suas cousas do que parese que he servido asy polla temção em que esta segundo vejo polla carta que me espreveo he tambem pollas boas novas que agora soube dos allarves se allevantarem contra o dito xarife he que do que he pasado em suas cousas me desaprouve tanto como hera rrezão he ho que primçipalmente simty foy sabello em tempo he dar me seu filho comta diso tam tarde que lloguo ho não podese ajudar he soquorer conforme ha sua

grande nesesidade he a meu desejo que foy e he mostrar lhe nella quanto contemtamento sempre rreçeberey de asi ho poder fazer he que como suas cousas me llembrem muito asy por serem suas como pollos termos em que estão he meu desejo se ha a conservação he defemsão de seu estado determiney lloguo emtão quando seu filho me espreveo de ho ajudar e soquorer nelas com tudo ho que fose posivell conforme hao tempo he com esta detriminação de se por em hobra como lhe compria hordenava de vos mandar hao dito seu filho por quanto convinha tratar primeiro de muitas cousas sem as quais se não poderia segir ho efeyto que lhe a elle era tão nesesario he llogo então lhe fiz saber esta minha vontade he esperando rreposta destas cartas rreçeby has suas que me agora espreveo em que me dizia a detreminasão em que estava he me pedia ajuda em suas cousas he que pera ho que convinha pratiquar niso mandase hũa pesoa minha ha ese llugar de Bellez homde milhor se poderia fazer que em allgum outro de seu rreino he vemdo eu que ho que me pedia era tão conforme ha detriminasão em que estava follgei de vos mandar partir com mais brevidade pello que lhe peso que pois eu esta vontade tenho he não vos envio senão pollo que a elle somente compre queira que muy particullarmente se vos de conta de todas suas cousas he da determinasão que nellas tem he em que maneira querera que eu lhe de minha ajuda he soquoro he asi ho que elle fara por sua parte pera jsto aver efeyto he que elle consire bem que ho tempo he ho estado em que seus jmigos o tem posto não ho fez ffallar senão muy a preposito do rremedio que lhe compre e que esta llembransa heu lha ffaço como quem deseja dar lho e ver lho senão gastallo tempo he fazer seus jmigos mais poderosos.

Item. Que hos dias pasados quando seu filho me deu conta de suas cousas Jacob Rute me espreveo que querendo ho eu ajudar nellas me daria em arrefems seus jrmãos filhos delle dito rrey he asy hos d el rrey de Bellez e de todos hos allcaides que por elle estavão he se hobrigaria ha me dar hum tamto cadano hate comprir ho gasto que eu niso fizese que me parese que pera ho que m ouver de fazer convem ter mais decllaração destas cousas he de quaisquer outras que comprirem haho bem deste negosio em que lhe a elle tamto vay porque da serteza dellas e de saber como se comprira niso comigo poderes milhor hordenar ho que ouver de fazer e que nos arrefẽes não deve aver duvida porque não somente deve follgar de ho fazer pollo que eu fizer em sua ajuda mas ajmda quando acontesese allgum caso em favor do xarife ho que prazera a Deus que não sera follgariam muito as pesoas cujos filhos he jrmãos elles fosem de os teer em parte domde seguramente podesem estar sem rreceber dano delle he ajmda a elle mesmo rrey vinha muy bem ter eu os filhos dos seus allcaides porque temde os teria elle hos pais mais seguros em seu serviço he que asi mesmo convem decllarar se milhor he saber

eu mais particullarmente ho que se podera contrebuir pera as despezas desta obra.

Item. Vereis ho que se vos rrespomde a todas estas cousas e rrepriquareis como vos pareser mais meu serviço não vos tirando desta sustamçia he conformando vos com ella ho mais que puderdes he ho que vos rrespomderem e rrepriquarem trabalhareis por tomar de tall maneira que mo possais bem e declaradamente esprever como confio que fareis ... e a deffender de seus jnmigos sua pesoa e estado cuja conservação e defensãao eu tanto desejo que movido disso determino de o ajudar e defender contra elles com tudo o que for posivel confforme ao tempo e que pera tratar do que convem pera iso vos envyo e entam lhe direijs tudo o que a el rrey de Feez mando que lhe diguais e ao que vos elle rresponder as ditas cousas rrepricareijs como vos parecer mais meu serviço não saindo desta sustançia e cónfformando vos com ella o mais que poderdes.

Item. Se a Belez viese ter Jacob Rute ey por meu serviço que falleijs com ele todas estas cousas temdo gramde rresguardo a fallardes com o dito Jacob Rute como a pesoa de sua callidade e porem seraa muy necessario o falardes com elle por que possaais tirar das prathicas que com elle tiverdes em que lhe vos mostrareijs que tenho eu delle muy grande conffiança como el rrey de Feez e as pesoas de seu conselho estam nesta matheria e darlheeijs a carta que pera elle levais.

Item. Pellas coussas de Feez estarem nos termos que estãao e por quanto dapnno se vyo que se rreçebeo dos alcaides de Tetuãao e Xexuãao e d Alcaçere se lançarem com o xarife me pareçeo que seria cousa muy proveitossa pera el rrey e de muito descredito pera o xariffe neguocear se com os ditos allcaides que se tornasem pera ell rrey o que se delles podia esperar semdo mouros que sam tam mudaveijs como sabeijs pello que escrevy a Rute que de minha parte o praticase com o filho d el rrey de Fez[1] e que quando isto lhe bem pareçese eu por sua amizade e pelo desejo que tenho de o ajudar faria merçe por isso aos ditos alcaides e escrevy loguo a dom Affonso e a dom Francisco Coutinho que procurasem loguo de per sua via como pesoas que pella vizinhança teriam mais comunicação com elles de lhe nisto fallarem e os persuadirem e que com cada huum despendesem por iso atee mil cruzados e porem ao dito filho d el rrey não dey conta de mais que de o mandar tratar com elles per meus capitãis e que se lhe a elle outra coussa aparecese me avisase com brevidade pareçeo me necessario advertir vos do que passa nesta matheria por que se vos laa nela fallasem soubeseijs o que nisso era pasado e o negocio he tal que fazendo se sera cousa de que se seguiraa grande proveyto a el rrey.

1. *Á margem:* e o tempo não deu ate gora lugar pera se lhe nisso falar.

Item. Procurareijs de saber pello milhor modo que vos for posivell e por onde com mais certeza possais diso ter jnfformaçãao as cousas seguintes.

Primeiramente que gente trazem o xariffe e seus filhos quanta de cavallo e quanta de pee.

Item. Quantos andãao armados que armas trazem e quantos espimgardeiros e besteiros.

Item. Se trazem artilharia ou a pode mandar vijr emquanto tempo e por onde e se tem pasos asperos no caminho.

Item. A gente e allcaides do rreinno de Feez que estão pello xariffe quaaes sãao quantos de cavallo e de pee e de pelleja tem quantos armados besteiros e espingardeiros.

Item. Que guarnições tem postas em Alcaçere Çalee Larache e nos outros luguares que estãao por elle e que allcaides que armas artilharia e monições declaradamente o que estaa em cada lugar.

Item. Que alcaides estãao por el rrey de Ffeez e que luguares do rreino quanta gente tem de pee e de cavallo quantos armados quantos espingardeiros e besteiros quanta artilharia e monições e quanto disto estaa em Feez e Mequineez e quanto nos outros luguares declarando o que esta em cada huum.

Item. Venhão bem declaradas as callidades dos alcaides que estãao pello xarife e os que os filhos trazem consigo e asym dos que ell rrey tem.

Item. Donde se provem o xarife e seus filhos dos mantimentos se lhe vem de fora donde lhos trazem e como e em que tempos e quanto tempo parece que podem ser providos por esta via.

Item. Se os tomãao da terra donde e como e quanto lhe poderão durar.

Item. Se ha nos luguares que estãao por el rrey muito pãao velho quanta cantidade e quanto tempo delle se podera manter Feez.

Item. Quanto tempo parece que os filhos do xarife poderam sostentar a gente que tem se he de callidade que o tempo das sementeiras os co[n stra[n g e m] a se jrem e se lhe poderaa vijr outra gente de novo.

Item. Se a gente do xarife velho e Moley Zidrãao podem ajudar el rrey de Feez onde estãao e quanta gente tem.

Item. Que poder tem el rrey de Belez se poderaa dar allgũa gente e mantimentos e navyos pera quallquer cousa que comprijr a ell rrey de Feez e quanto disto e em que tempo.

Item. Como tiverdes falado estas cousas com el rrey de Belez ou com a pesoa que el rrey de Fez pera iso ordenar e mandar me avisareijs logo e em Belez esperareijs meu rrecado e pera aquelas cousas que seria meu deserviço poderem se saber perdendo se ou tomando se as cartas em que mas escreveseijs levareijs hũua cifra pera por ela mas escreverdes.

Antonio Ferraz a fez em Lixboa a ... dias do mes d agosto de i547.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, vol. III, fol. 369-372.

No fol. 375 acha-se repetida uma parte destas instruções e acrescenta-se:

Se Rute a todas estas preguntas rresponder com a verdade não servirão de pouco suas rrepostas e se a quiser emcobrir em algũuas partes bem se emxergara que a não diz e sera boa congeitura do modo que querem levar neste negotio.

LXVII

AGOSTO DE 1547

Carta de el-rei D. João III a el-rei de Fez. — Diz-lhe que recebeu a sua carta; que folgou muito com as boas novas que nela lhe deu; e que lhe manda Jorge Pimentel, conforme o seu desejo, para tratar de cousas que a ambos importam muito.

Muito nobre e poderoso rrey de Feez. Eu dom Joham per graça de Deus rrey de Portugual e dos Allguarves d aquem e d alem maar em Affrica senhor de Guinee e da conquista naveguação e comercio de Ethiopia Arabia Persia e da India etc. vos faço saber que eu rreceby vosa carta de tantos dias de tal mes e aprouve me muyto de saber por ela como ficaveys em voso rreyno e fora do poder do xarife voso imigo e da detreminaçam em que estais acerqua de vosas cousas e jstimo muyto dardes me delas conta e asy he rrezam que seja por quanto desejo o bõo socedimento delas e porque eu mando a vos Jorge Pimintel fidalguo de minha casa e pessoa de que tenho muita conffiança como me pedieijs o fizese muito vos rroguo que lhe deys jnteiro credito em tudo o que acerqua de nosas cousas de minha parte vos diser e em singullar prazer o rreceberey de vos. Muito nobre e poderosso rrey de Ffez Noso Senhor vos alumie com a sua graça e aja sempre vosa pesoa e rreal estado em sua guarda. Escripta em Lixboa a ... dias do mes de agosto de i547.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, vol. III, fol. 377.

LXVIII

AGOSTO DE 1547

Carta de el-rei D. João III a el-rei de Beles. — Jorge Pimentel vai a el-rei de Fez para tratar de cousas que importam muito aos dous reinos; e, como êle tem parte nessas cousas, o seu embaixador há de praticá-las também com êle.

Nobre e honrrado rrey de Belez. Eu dom Joham per graça de Deus rrey de Portugual e dos Alguarves d aquem e d alem maar em Affriqua senhor de Guinee e da conquista naveguação e commercio de Ethiopia Arabia Persia e da India etc. vos faço saber que eu mando a el rrey de Feez Jorge Pimintel fydallgo de minha casa como ele me mandou pedir pera de minha parte lhe falar algũuas cousas que muito lhe jmportãao pela conta em que vos eu tenho e por quem vos soeijs e pola parte que vos cabe de suas coussas lhe mandey que tudo praticase convosco muyto vos rrogo que lhe deijs jnteiro credito e em singullar prazer o reçeberey de vos. Nobre e honrrado rrey de Belez Noso Senhor vos alumye com a sua graça e aja vossa pesoa e estado em sua guarda. Escripta em Lixboa a ... dias de aguosto de 1547.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, vol. III, fol. 378.

LXIX

AGOSTO DE 1547

Carta de el-rei D. João III a Jacó Rute. — Jorge Pimentel é a pessoa que lhe disse que mandaria a el-rei de Fez; e, como êle tem a sua confiança, o seu embaixador ha de falar-lhe nessas cousas de que vai encarregado.

Jacob Rute eu vos tenho escrito muyto larguo açerqua das coussas d el rrey de Feez em rreposta do que vos sobre elas me escrevestes e por tanto não tenho aguora mais que vos dizer senãao que Jorge Pimintel fidallguo de minha casa que vos esta daraa he a pesoa que vos escrevy que avia de mandar a el rrey pera com elle prathicar e tratar de minha parte todas estas coussas que lhe a elle tamto toquãao e porque eu lhe mando que convosquo falle como com pesoa de que eu conffio que em tudo me serviraa jnteiramente a elle me rremeto e encomendo vos muyto

que ho advirtaijs em tudo de tall maneira que posa eu delle ser bem servido. Antonio Ferraz a fez em Lixboa a ... dias do mes de aguosto de i547.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, vol. III, fol. 380.

LXX

29 DE SETEMBRO DE 1547

Carta do feitor de Andaluzia, Diogo da Costa, a el rei D. João III. — Manda dizer que tivera novas de diversas partes: segundo uns, o xerife pusera se a caminho de Fez, segundo outros, êle soltara el-rei de Fez, com a condição de lhe entregar a própria cidade. — Recebeu, de facto, dez mil cruzados para a compra de trigo e dêsse negócio se está ocupando. — O dinheiro para compra de trigo em Tânger, assim como o destinado a Mazagão, devem seguir para ali proximamente, na caravela da armada do Estreito. — O trigo que se havia emprestado aos regedores de Málaga está sendo restituido. Dêle mandará uma parte a Arzila e outra parte a Ceuta, por haver ali grande necessidade dêle. Das ilhas chegou um navio carregado de trigo para Alcácer e Arzila: será mandado pela caravela da armada.

Senhor. Homtem quarta feira xxbiij dias deste mes de setembro veo a mym hum omem com gramde alvoroço de Calez e me dise que viera hum navio de Çafim e que as pesoas que nele vinhão davão nova certa que ho xarjfe se hia na via de Fez com todo seu poder logo mamdey a Calez e escrevy a hum Francisco Gonçalvez portuges homem de bem ahy morador que ho espiculase mujto por estemso e semdo lhe dada mjnha carta era chegada a propia ora por via de Larache outra mais çerta nova que he a que vosa alteza vera por esa carta que me ele escreveo e todas as pesoas que vem aquy ter dos lugares d Afriqa dizem que não ha la nova do que vay no rreino de Fez por estarem os portos çerados e ha dous dyas que ho navio d armada aquy chegou d Alcaçere e outras pesoas d Arzila e Tamjere e não sabem la nenhũa nova do xarife por a qual rrezão me pareçeo que vosa alteza não podia ter esta que he de calidade pera que eu a escrevese ha vimte dias que ho capitão de Tamjere me escreveo que tinha sabido que ho xarife soltara el rrey de Fez com lhe dar termo de trimta dias pera lhe entregar a propia çidade.

Ja escrevi a vosa alteza como me forão emtreges hos dez mjl cruzados pera a compra do trigo a oito dias deste mes e de emtão pera qua começo de fazer negoçio e comprar ho majs que poso neste rreino ha tres tempos de comprar pão hum de xb dias de junho ate fim d agosto que amda

pelas ciras e vemdem então os homens que am de vender pera suas necesydades e este he o primçipal ho outro he agora depois que chove e vem ho primçipio do ano e ho outro tempo he em dezembro e janeiro agora porque não choveo ajmda todos seçarão com ho pão trabalho por me comçertar com ho duque de Medina e ho marques de Tarifa que tem mujta camtidade de trigo em suas teras de suas rremdas e comprado que ho fazem por gramjeria.

Como comeςey ha vimte dias a comprar este pão não ho tenho ajmda rrecolhido nem sey quamto sera porque se compra por mujtas partes e por aver pouqo tempo não tenho muyta obra feita e porque como digo espera se por agoa pera os omens abrirem mão do trigo que tem pera vemder por que asy o costumãao qua.

Hos noveçemtos mjl reais que vosa alteza mamdou pera ho trigo que se a de comprar em Tamjere e asy ho dinheiro que a de hir pera Mazagão vierão as letras pera mo darem ho primeiro dia deste mes que vem d outubro aquy tenho a caravela d armada pera o levar como vosa alteza mamda.

Framçisco Botelho tinha emprestadas em Malega aos rregedores e povo ho ano pasado mjl e tamtas fanegas de trigo ho qual vou rrecebemdo e segumdo me ele diz serão pouqo menos de duas mil e porque este pão a ho tempo que se deu a estes omens eles fyqarão de darem saqa a outro tamto quamdo ho pagasem asy ho fizerão e tenho escrito a ho capitão d Arzila que mamde hum navio seu que aquy veo por mjl fanegas de trigo deste por me vosa alteza escrever que fose o primeiro lugar que se provese por rrespeito do reçife e ho que mais ouver desta divida pareçe me que ho mamdarey a Çeita porque oje chegou aquy hum omem dela e me dise que estavão em muita falta de mamtimemtos e que ja ho capitão tinha ordenado de mamdar aquy hum omem e que seria aquy amenhã a ver se lhe pode socorer com algum trigo na baia de Calez estaa hum navio que vem das ilhas e traz çemto e dez moios pera Alcaçere e Arzila a caravela d armada ho levara he necesario que vosa alteza se lembre de vir carta do primçipe pera a saqa do trigo que compro porque d outra maneira me pareçe que avera mao rremedio e se podese ser que a provisão viese pera qualquer porto desta Amdaluzia seria mujto serviço de vosa alteza. Escrita aos xxix de setembro de 547. Djogo da Costa.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 79, n.º 90.

LXXI

30 DE SETEMBRO DE 1547

Carta de Luís de Loureiro, capitão de Mazagão, a el rei D. João III. — Lopo Peixoto, chegado de Marrocos, trouxe nova que o xerife se preparara para ir contra Fez, e um mouro confirmou esta nova. — O filho mais velho do xerife ficara em Marrocos. — O caravelão que pedira para estar no porto não viera, nem qualquer outro navio, de modo que se quiser mandar alguma nova não o poderá fazer; também não vieram os quatros sinos para estarem nos baluartes da vila. — Ficara a vila sem mantimento de trigo e cevada, e, se não fôr provida com brevidade, os moradores e os cavalos morrerão de fome. — Por vezes escrevera quanto serviço seria que o xerife não tomasse Fez; talvez se pudesse agora obstar a isso cometendo-o pelo Suz, porque teria de voltar do seu intento contra Fez. — O dinheiro que devia vir de Andaluzia, ou os três mil cruzados emprestados por um mercador para pagar a gente de guerra, não chegaram. Pede que seja provido com brevidade. — Diz-se que o xerife não leva artilharia, nem gente de pé, mas só a de seu serviço.

Senhor. Quamdo Lopo Peixoto aqui chegou de Marroquos sprevy a vosa alteza a nova que me deu do xarife se aperceber pera Fez e depois sprevy a vosa alteza que me disera hum mouro que se dizia que avia d ir e que se não apercebja pera jso e de emtão pera qua nom tive nenhũa nova omtem que forão vimte e nove de setembro me chegou ho propio mouro e me dise que aos vimte e dous deste mes partira ho xarife e que vay direjto ha Mjquinez e que d ahy leva detremjnação de hir a Ffez e que quando lhe parecese que em Fez não poderja fazer nada que vay com preposyto de estorvar os de Fez que nom semeem.

Seu ffilho ho mais velho ffica em Marroquos ficão com elle e nesta Duquela seis mjll de cavalo destes estarão em Çuz trezemtos esta he a nova que tenho pareceo me serviço de vosa alteza mandar lha venta mujta brysa nom sey ho navio em que vay em quamtos dias pasara este maar tãobem sprevo ao feitor d Amdaluzia que mande esta nova ao capitão d Arzilla e sprevo ao capitão que ha mande ha outros capitãaes.

Ho caravellão que pidj a vosa alteza pera estaar neste porto nom he qua nem fica nelle navjo per que lhe mande allgũa nova se ha tever com mais brevjdade se avião de prover as cousas desta calidade nem hos quatro synos pera estarem nestes baluartes nom vierão mande vosa alteza que venhão loguo o dito caravellão e synos.

Nenhuum triguo nem cevada nom fica nesta villa estamos no jmverno

Deus e vosa alteza se lembrem de nos nom faça fundamento de aguardarmos por triguo das ilhas porque se loguo nom prover ja pode ser que se tardar quando vier seremos mortos porque nas fomes pasadas que tivemos com pallmjtos e outras cousas do campo nos sostinhamos aguora nom nos logramos delle por fallta d omeens de cavallo por amoor de Noso Senhor que vosa alteza mande vir o triguo que se qua mandar porque de huum ano a esta parte não nos mandão senão triguo podre e ffedoremto e serja bõo virem duzentos moios de cevada pera heses poucos de cavallos que haa e pera os bois do trabalho e azemallas.

Ja por vezes sprevy a vosa alteza quamto servjço de Deus e seu me parecia estorvar se que ho xarife nom tomase Ffez estaa o negocio jagora em termos que nom sey como se podese fazer com mais brevydade e menos piriguo e despesa que mandar se a Çuz porque se per la cometerem ho xarife parece me que se tornaria.

Ho dinheiro que avia de vir d Amdaluzia pera paguar esta gemte nom veo nem os tres mjll cruzados que hum mercador aquj mandava daar pera se paguar a dita gemte enquamto nom viese dinheiro d Amdaluzia não hos deu cumpre que se proveja com brevjdade porque esta gemte sem lhe pagarem nom podem viver aguoa vem ja pela cava ao lomguo do baluarte com ajuda de Noso Senhor ate vimte d oytubro sera demtro dom Dioguo d Allmejda estaa aquj gastado ele he pesoa pera se vosa alteza delle lembrar e lhe fazer mercee ho xarife diz se que nom leva artilharia nem gemte de pee mais que ha de servjço. Desta sua villa de Mazagão ao derradeiro de setembro de j b^c R bij.

Huum navio chegou aqui oje per que mando ao capitão d Arzilla a nova de como o xarife vay na volta de Fez. Lujs de Loureiro.

Sobrescrito: A el rrei nosso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 79, n.º 91.

LXXII

13 DE OUTUBRO DE 1517

Carta de D. Afonso de Noronha, capitão de Ceuta, a D. Nuno Alvares Pereira, que o fôra antes dêle. — Por Diogo da Costa soubera que o xerife estivera em Mequinez e partira para Fez com muita gente de cavalo e artilharia; e dizia-se que em março êle havia de ir cercar dois lugares de cristãos. — Para ter novas do xerife mandou o adail à aldeia dos Álamos, e êle tomou um rapaz no dito lugar, o qual deu nova que o xerife já entrara em Fez. Não sabe se isto é verdade, mas, se o fôr, seria bom que el-rei o ouvisse sôbre isso. — As necessi-

dades de Ceuta são muitas, mas não falará nelas, porque as cartas que sôbre elas escreveu não tiveram resposta.

Senhor. Ho feytor Dioguo da Costa m escreveo por hum coreo que me agora mandou com hũa carta d ell rrey nosso senhor como escrevera a sua alteza que soubera per hum mercador que vinha de Feez per nova certa como o propio xaryfe estava em Mequynez e que este mercador o vyra partyr para Feez com vimte e quatro mjl de cavalo e quoremta peças grosas d artelharya e que diziam que em março avya de vyr çerquar dous luguares de cristãos com outras mais particularydades de novas que elle laa escreverya pareceo me jsto a mym muy gramde nova e com os portos estarem sarrados per seu mandado em todos estes luguares era cousa muy necesarea e muy jmportante saber se cada dya novas delle e que neste tempo se devya mais de trabalhar por tomar hum mouro que noutro hũa villa e como por terra amda tudo tão guardado que se não podya tomar lymgoa nem menos com bargantjins pela costa mandey o adayl aos Allemos com dez de cavallo nũa taforea e armey hum caravelão e dous barguamtyns que não ha aquy mais que me desfiz delles com mynha jda e tambem não tynha fazemda com que os poder sozter por que os homens de Ceyta são tão proves que se os não ajudarem não podem ter navyos e como lhes ell rrey noso senhor não daa nada hera necesareo dar lho eu do meu hia nos bargamtyns Guaspar Fernandez e Pascoal e no caravelão Joam Coelho pera ficarem no mar que Fernam de Loronha hia com hos dez de cavalo com Dioguo Nabo cheguaram ate as aldeas dos Allemos e fuy eu tão mofino que por hum minyno estar colhemdo figuos dũa figueira perderam vynte mouros e mouras e não tomaram mais que soo aquelle menyno o qual sera de dez ate doze anos e comta novas como de vymte as quais são.

Que ho propio xaryfe veo e Muley Mafamede com ele e que estaa demtro em Feez e que tem toda sua gente de fora nũa vylla que pera yso fez e que mandou chamar Açem e que lhe mandou laa seu filho dizemdo que não podya hyr de velho e de doemte e que lho tornou a mandar e lhe mandou dizer que fose loguo a elle e senão que lhe prometya que elle o vyese ver em pesoa pois era tão velho que não podya laa hyr e que dise ao filho que não tornase laa mais sem seu pay senão que lhe mandarya cortar a cabeça e que diziam os mouros da alldea que a Açem lhe era forçado hyr ao xaryfe ou fugyr pera terra de cristãos.

Tambem diz que mandaram os mouros de Guadalle ao xaryfe pedyr lhe que lhe mandase fazer a torre que lhe derribara porque sem ella não podyam vyver na terra e que ho xaryfe mandara loguo fazer outra torre mais arredada do mar do que aquela estava e que estava ja mea feita e que mandara a cyde Alle Barraxe filho de Muley Abrem que estevese aly com sesemta de cavalo ate que se acabase e que tambem mandara sercar

Targua e que tudo se fazia jumto e que tinha cuydado de tudo Barraxe filho de Muley Abrem e que o mais do tempo estava em Targua bem perdido estava aquele agora ally se me sua alteza rrespomdera ao que lhe mandey pedyr de dom Bernaldino que nunca se d aquy fez guerra por maar sem navios de Castella e duas gualles que me dom Bernaldino dera cada vez que lhas mandara pedir tamto montava como hos navyos de Ceyta e ellas abastavam pera rrevocar as taforeas elle veo agora a Gibaltar com cynquo gualles e foy se pera sua casa sem me mandar ver porque se mostra agravado de mym por me não ajumtar com elle.

Não escrevo a el rrey noso senhor as novas que este mourinho daa por que são de menyno a que se não pode dar credito vosa senhoria lhas digua se lhe pareçerem pera yso e semdo verdade que o xaryfe estaa demtro em Fez he neçesareo sua alteza mandar me hyr a elle e ouvjr me sobre muytas cousas que cumprem muyto a seu servyço e a seu estado e vay me a mym tanto mais em seu servyço que no que me a mym compre que hyrey e tornarey pella posta sem lhe fallar em cousa que me a mym cumpra não escrevo as necesydades que ha em Ceyta asy da guerra como d obras porque nunca vejo rreposta de carta que sobre jso escreva nem sey se se ha sua alteza por servjdo do trabalho que llevo por tomar estas lymgoas e se as cartas que lhe escrevo não foram dadas a vosa senhoria parecera me que as perderam os mesageiros no camjnho e porque tenho por çerto que sua allteza me mandava hyr a elle me nam allargo nesta mais e a acabo beijamdo as mãos de vosa senhoria. De Cejta oje xiij d outubro de i547 anos. Servjdor de vosa senhoria. Dom Afonso.

Sobrescrito: Ao muyto jlustre senhor o senhor dom Nunalvarez. De novas do xarife.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 79, n.º 100.

LXXIII

14 DE OUTUBRO DE 1547

Carta de Francisco Botelho, capitão de Tânger, a el-rei D. João III. — Para ter novas certas do xerife mandou almogaveres a uma aldeia a cinco léguas da cidade, e êles tomaram duas atalaias que perguntadas disseram que o xerife estava em Mequinez e exigia a entrega de Fez. — Por Luís de Loureiro, capitão de Mazagão, e por Diogo da Costa, feitor em Andaluzia, tivera notícias contraditórias do xerife, mas logo que as recebesse certas mandá-las-ia a sua alteza. — Acabara de receber os novecentos mil reais que lhe enviara o feitor de Andaluzia para comprar trigo, e como chegou um navio das ilhas carregado dêle e há algum ainda no celeiro do bispo, comprá-lo há de vagar, e de tudo

informará sua alteza. — De André Rodrigues, mestre das obras, se deram na côrte más informações, mas afirma a sua alteza que são enredos, porque êle serve bem e merece favor.

Senhor. A doze de setembro pasado escrevi a vosa alteza a rreposta que me mandou Jaco Rute de Feez com hũa carta sua em cifras e o mais que ate emtão pasava e por se dizer que o xarife dera de prazo a el rrey de Feez pera lho dar hum mes que começarya do dia que emtrase nele em diamte ordeney mandar la outro mouro pela vija de hum judeu que aquy estaa filho do que escreveo a carta a Rute a saber dele e de seu pay se o emtregava e tomava Mequynez como estava asemtado pera escrever a vosa alteza a certeza diso e por me tardar este rrecado e a ver mays de dous meses que aquy nem Arzilla nam vem cafilas mandey almogavares a hũa aldea que se diz Hangere cimqo leguoas desta çidade tomaram duas atalayas aas quaes pergumtey cada hũa per si novas do que avya e porque estavam os portos tam çerrados ambas diserão que o não comsemtya o xarife velho que era vymdo de Marrocos com Muley Mafamede e estava em Mequynez e que diziam que querya emtrar em Ffeez mas que lho não comsemtyão que lhes pareçia que averya guerra amtreles se lho não desem estas mesmas novas m escreveo dom Framcisquo d Arzilla que soubera d outros mouros que lhe la tomarão.

Tambem tive carta de Luis de Loureiro capitão de Mazaguão feyta a xbj de setembro pasado em que diz que a quatro dele viera ahy ter de Marrocos Lopo Peixoto a falar com ele sobre huns cativos e que lhe dysera que aa sua partida ficava ahy Muley Mafamede que fora ver o xarife que se fazia prestes pera vijr acabar de ganhar este rreyno e que depois dele vyera ahy ter hum mouro que as mays das vezes lhe falava verdade e vinha de Marrocos e lhe disera que todavya se dizia que o xarife vinha nesta jornada e porem que elle não vya fazer nada prestes pera jso por omde lhe pareçia que não vyrya aguora e que o filho segumdo do xarife estava em Mequinez com tres myll de cavallo e Abedela em Çale com myll e que se esperava que vyrya mays gemte a jmvernar com elles e que de Marrocos viera artelharia pera Mequinez e Çale e aguora me escreveo o feitor Dioguo da Costa que soubera de hum mercador que veo de Larache como o xarife estava em Mequinez com muyta gemte e artelharya e que hia sobre ell rrey de Feez por nom cumpryr com ele e que de tudo avisara vosa alteza per hum correo per omde parece que a causa d estarem estes portos tam çerrados ha tamto tempo he synall de aver amtreles algũa deferemça as pascoas dos judeus se acabaram este sabado pasado que forão oyto dias do presemte se por toda esta somana ate domingo aquy não vem cafilas porque se espera ha muyto averey que todas estas novas são çertas e não vymdo traballharey d aver outra linguoa de que sayba o que mays pasar ou vyra o mouro que la tenho mandado asy que de qual-

quer maneyra que as souber escreverey a vosa alteza com a brevjdade que cumpryr.

O feytor me envjou aguora pelo navjo d armada hũa carta de vosa alteza com os novecemtos myll rreais que manda pera se comprarem os trezemtos moyos de triguo que lhe escrevy que se aquy poderyam aver os quaes se comprarão ao milhor preço que eu puder e da maneyra que vosa alteza me manda e porque avera tres ou quatro dias que aquy cheguou hum navjo das ilhas com cemto e quoremta moyos e no çeleyro do bispo avera cynquoemta moyos que com hum e outro se daram as dadas destes meses d outubro e novembro jrey compramdo devaguar pera os meses ao diamte e os preços a que o comprar e o mais que niso fizer escreverey a vosa alteza.

Amdre Rodriguez mestre das hobras me dise que lh escrevera hum filho seu que vosa alteza lhe disera que hia fora comiguo verdade he que o dia dos alcaydes foy ele ahy e o fez muy bem e lhe mataram hum cavallo e nam foy o dia pera entam estar nas obras mas pera fazer estoutras e porque elle sempre tem hum cavallo nas em que amda por serem fora dos muros as mays dellas acode a mym quamdo ha rrepique e acabado torna a elas jsto he o que faz por fazer o que deve e nam pera deixar de servyr vosa alteza em seu ofiçio tambem que nynguem o pode fazer milhor esta he a verdade e o al sam enformações que se dão as vezes a outros fyns vosa alteza o deve de favorecer em suas cartas porque certo elle o mereçe por quam bem serve vosa alteza a que Noso Senhor acreçente a vyda e rreal estado pera o milhor poder servjr.

De Tamgere a xiiij d outubro de R bij. Francisco Botelho.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 79, n.º 101.

LXXIV

16 DE OUTUBRO DE 1547

Carta de D. Francisco Coutinho, capitão de Arzila, a el-rei D. João III. — Informa que Rodrigo Eanes, cavaleiro, serviu sempre bem sua alteza durante o tempo que viveu em Arzila e no Porto de Santa Maria. Ele vai requerer-lhe mercê e merece que lh'a faça.

Senhor. Rodrigeanes d Obedos cavaleiro da cassa de vossa alteza viveo nesta vila oito anos ou nove e tenho enformaçam que todo este tempo servio vossa alteza com bons cavalos e neles ter rrecebido boa parte de perda e assi de sua pessoa bem ataviado e algum que em meu tempo foi desta maneira ho servio d aqui se foi pera ell Porto de Ssanta

Maria a viver omde follga de ho fazer quoando o tempo se ofereçe como vosa alteza sera enformado que ele os dias pasados fez com mandar ssocorrer a Mazagão com jemte a sua custa vai a vosa alteza pidir lhe merce ele lha mereçe e a mim ha fara grande em toda a que lhe fizer. Nosso Senhor vida e rreal estado de vossa alteza prospere e defenda como deseja. Desta sua vila d Arzila oje xbj d outubro de 547. Dom Francisquo.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 79, n.º 107.

LXXV

1547

D. João III manda Estêvão Gago ao rei de Castela para o informar dos negócios de Marrocos e assentar com êle no caminho a seguir. O perigo é grande. A fortuna tem favorecido muito o xerife de Suz que não só desbaratou e prendeu seu irmão, xerife de Marrocos, fazendo-se rei dêle, mas também venceu e prendeu el-rei de Fez. A êste só restara a cidade de Fez e o xerife pretendia tomar-lha. Não duvida que o conseguirá, segundo as disposições que as cousas levam. — Os culpados de se êle fazer assim poderoso são, em grande parte, os vassalos de el-rei de Castela, os quais proveem o xerife de armas, artilharia e munições, como muitas vezes se queixou ao imperador e a êle próprio. Demais, o xerife está senhor de Salé e Larache, os dois milhores portos daquela costa, e êle quere, efectivamente, fazer aí armada com que incomode os lugares maritimos dos cristãos, aquém e além do mar. Larache, principalmente, será outro Argel, mormente se a armada desta cidade se for aí juntar à do xerife. — El-rei de Fez, logo que foi solto, escreveu-lhe fazendo saber o grande aperto em que estava e pedindo-lhe o ajudasse contra o xerife. Assim deseja fazer, e para isso mandou-lhe o seu embaixador. A ocasião parece favorável, porque o xerife, agora em Mequinez, tem falta de mantimentos, e num recontro recente a gente de el-rei teve dêle alguma vitória. Mas o seu poder é muito e não deixa grande esperança no futuro. Pede, pois, a el-rei de Castela que considere a gravidade da situação e diga o que lhe bem parecer. Mais pede que, sendo de recear que no próximo verão o xerife tente alguma empresa por mar, sua alteza ordene que nesse tempo andem as suas galés no Estreito, para impedirem que a armada de Argel se venha meter em Larache. — El-rei confia que Estêvão Gago fará bem em tudo que lhe manda e o avisará do que passar.

Estevão Gago. Eu vos mando ao principe de Castela meu filho pera de minha parte lhe fallardes neste neguoçio do xariffe que he de tamanha

sustancia e tam jmportante a toda a cristindade como sabeis e o que acerqua delle lhe direjs he o seguinte:

Primeiramente lhe darejs a carta minha de crença que pera elle levais e depois de a ler lhe direjs que elle deve de ter muy bem sabido quem este xariffe de Suuz he e domde primeiro elle e seu jrmãao o xariffe que foy de Marrocos começaram aos quaaes a fortuna tanto ajudou e favoreçeo que a huum fez rrey de Marrocos e ao outro rrey de Suuz semdo ambos cavalleiros de hũua so lança e tanto mais se avantejou a fortuna de Suuz que não somente desbaratou e vençeo muitas vezes o rrey de Marroquos seu jrmãao prendendo o e tomando lhe todo seu estaado que he tam grande como elle sabe mas ajmda desbaratou el rrey de Ffeez e o prendeo e lhe tomou a moor parte de seu rreinno e isto em tam poucos annos que não se pode cuidar nem crer e nam contente com tamanhas fortunas e tam grandes vytorias emprende ser rrey de Feez e tomaar todo o rreinno e fazer se paçiffico senhor delle e estaa isto em tais termos e tam cheguado a poder ser que jaa nam fiqua por conquistar delle senão Feez cidade mais principal daquelle rreinno e quãao grande jnconveniente jsto seja e quanto dapnno se posa diso segujr a toda a christindade e principallmente aos rreinnos do emperador seu pay e aos meus he tam notorio como elle vee e como muitas vezes lhe tenho mandado dizer e ao emperador quando com este rreçeo de se delle hijr fazendo tam poderoso lhes mandey pedijr que deffendesem a seus vasallos o levarem lhe armas e cousas deffesas cuja abastança he nelles tamanha que donde eram gemte sem nenhũas armas sam aguora todos muito bem armados e tam cheos de artilharia polvora e artilheiros que pera nenhũua guerra he mais necessaria e da polvora tem quanta queerem [?] não podendo fazer della huum soo quintal se os cristãos lhe não levarão o enxoffre que nam ha em suas terras e que ajnda faz este rreçeo maior e poder se com rrezãao temer dele tudo isto ter yaa por seus os luguares de Çalee e Larache que sam os milhores portos de maar daquela costa e tam jmportamtes como elle teraa sabydo principallmente Larache que pello sitijo e disposição do luguar e pelo rrio e bahia que tem e outras gramdes callidades avemdo nelle gualles e navyos de rremmo que sera muy facill de fazer e em que muy bem podem estar e ajnda guallioẽs e outros navios tam grosos nam somente podera hijr fazendo nelle outro Argel mas sabendo se que elle tem Larache o mesmo poder d armada que ha em Argel se viraa loguo pera elle maiormente sendo delle senhor este xarife que tanto folga com as coussas do maar e tam jnclinado he a ellas o que pera a naveguação de todo o Estreito he cousa tam perjudicial e que tam pouqua segurança daa aos luguares de porto de maar deses rreinnos e á communicaçam e contrataçam delles como se vee na quall cousa e na jmportancia dela nunqua tanto se pode dizer que mais

não seja e que d el rrey de Fez depois dele sair de cativo rreceby cartas suas nas quaaes me faz saber o aperto em que estava e quanta parte de seu rreinno tinham jaa seus jnmiguos e me pedia que o ajudase e socorrese e que pello estado em que elle estaa e por asym mo pedijr determino eu de o fazer com tudo o que poder ser confforme ao tempo rrecebendo grande descontentamento de me avisar disso tam tarde que loguo o não podese fazer e tenho mandado a elle hũua pesoa minha pera prathicar com elle todas estas coussas e as mais que podem ser necessarias pera o que eu ouver de fazer e que posto que agora per cartas de meus capitãis tenha novas que as cousas d el rrey de Fez mostraram em algũa maneira hirem pera bem e o xarife estar em Mequinez com algũua falta de mantimentos e os d el rrey de Fez favorecidos com huum rrecontro que ouveram com os do xarife no qual alcansaram a vitoria e os alarves que he gente muy principal daquele rreyno seguirem a parte d el rrey todavia a fortuna do xarife e o que tem tomado em tam poucos dias do dito rreyno e terem lhe obedecido os principais alcaides dele e seu muy grande poder nam deixa descansar em nenhũua boa esperança nem seria rrezam per ela deixar de entender no rremedio que tam grande coussa pode ter e em que tanto vay a cristindade e particularmente tanto toca a ele e a mym pello qual me pareceo que lhe devia de daar conta della e mandar somente a isso pesoa minha pera mais larguamente o fazer e avisar tambem do mesmo casso ao emperador meu jrmãao e lhe peço muito por merçe que toda esta matheria queira ver e mandar ter nella tamanha consideraçaão como se rrequere sendo o jmiguo tam poderoso e o caso de tam grande sustancia e porque pera o verão que vem se deve muyto rrecear qne o xarife queira entender nas cousas do Estreito o que seria de muy grande perjuizo pera a navegação dele que tanto vay me pareçe que pera atalhar a jsto ele deve de ordenar que pera este tempo andem no dito Estreito das gales deses rreynos as que bem parecer pera deffenderem não se vijr meter em Larache algũua armada d Argell e tirar ao xarife esta communicação com elle porque tendo a e descuidando se de guardar esta naveguação seria loguo presente o periguo que tanto com rrezãao se deve d arreçear e que de quaisquer outras novas que deste neguocio me vierem e de tudo o mais que soceder o avissarey com a brevidade que se rrequerer e que lhe peço muito que tambem me avise do que lhe pareçe e que se nelle mais deve de fazer pera se tudo considerar como a jmportançia do neguocio rrequere que he tam grande que tudo demanda.

Item. Vereijs o que vos rresponde e confforme a isso asy lhe rrespondereijs e se vos mandar que pratiqueijs este neguocyo com allgũua pesoa ou pesoas do conselho falloeijs e com quem o ouverdes de prathicar sera de tall maneira que se veja bem de cam grande jmportançia he tomando da sustancia do que vos mando que sobre elle diguais ao prin-

cipe o que vos parecer necesario pera jso como confio de vos que o sabereijs bem fazer.

Item. Avisarmeijs loguo do que passardes com o principe e com as mais pesoas com que vos ele mandar que pratiqueijs este neguoçio e como laa se toma e o que nelle o principe mandar prover e de tudo o mais que vos parecer que me deveijs escrever e esperareijs meu rrecado. Antonio Ferraz a fez em Lixboa a ... dias de ... de 1547.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, vol. v, fol. 116-117.

LXXVI

3 DE FEVEREIRO DE 1548

Carta de Jerónimo Dias Sanches, escrita de Tetuão, a D. Maria de Eça, mulher do capitão de Ceuta, D. Afonso de Noronha. — As novas que tem do reino de Fez são que el-rei saíra de Fez com um grande exército e estabelecera o arraial a tres léguas da cidade, do lado de Mequinez. O xerife estava com o seu fora desta cidade e esperava el-rei para o combater. Sabendo isto, el-rei voltou a Fez e não quís travar batalha. — El rei escrevera aos dois alcaides de Xexuão e Tetuão que não tomassem o partido do xerife e êle seria contente.

Muy illustre y muy magnifica señora. Depues que a vuestra señoria escrivi no avido cosa que de nuevo avisar a vuestra señoria sino agora y portanto escrivo a vuesta señoria para que sepa lo que ay en este rreyno a quinze del pasado hecho el rrey de Fez su almahala fuera y a los veinte y cinco salio con nueve mill de cavallo y con mais de quarenta mill onbres ballesteros y escopeteros el qual rrey esta con su jente tres leguas de Fez hazia la vanda de Miquinez dizen que va a çercar a Miquinez y que lo an de tomar e morir sobre ello todos los que de Fez vienen dizen esta fuerte el rrey de Fez y que esta proveydo ansi de jente como de bastimentos el dicho rrey de Fez a escrito en secreto a Muli Mahame Barrax rrogando le que no se menee de su tierra que se este quedo en Xexuan y que no quiere outra ayuda y otros ofrecimjentos que le promete el dicho rrey de Fez y ansi al alcaide Haçen esto supe del secreto destos los quales estan a entranbas vandas ansi al de Fez como al de Miquinez y por este rrespeto van y vienen cafilas de Fez a Tituan sin nyngun dano hazelles en Fez ni por su tierra.

Item. A prostero del pasado se bolvio una cafila que yva deste Tituan pera Fez la qual bolvio de quinze leguas de aqui de mjedo no los rrobase jente del xarife el qual dizen a hechado su almahala fuera de Miquinez y que le viene jente de Tedula y Marruecos ysto es verdade

que el alqaid Haçen me lo dixo quel xarife sale a campo con la almahala que digo y ansi es publico.

Item A los dos deste hebrero vino por nueva que el rrey de Fez que estava con su almahala tres leguas de Fez pera yr a Miquinez que se a buelto a Fez des que supo que el xarife estava fuera y lebava jente de Marruecos y de los rreynos.

Item. En esta ora allego un judio de Alcaçar Quibir el qual se dize Ysaque Arrovas con tres cativos que le di comjsion para que me truxese que son los conestavan a Cepta y dize que el xarife esta en el canpo de Alcapara ques entre Xazen y Miquinez junto al rrio de Orga y que la jente de Alcaçar y alarves de su tierra se quedavan aparejando pera yr a donde esta el xarife y esto es sin duda porque el judio me lo çertifico y dixo mas el judio que el desbarato que los capitanes de Arzilla y Tamjere avjan hecho que lo escrivio el hijo del alqaid Alaroz a su padre y al xarife y como faltavan noventa anjmas con la rrespuesta desta escrivio el alqaid Alaroz que esta con el xarife a su hijo que luego se vinjese con toda la jente de su tierra al canpo de Alqujpara y ansi se lo escrivio el xarife que luego fuese vuestra señoria tenga esto por çierto y que el xarife a de estar prospero con gran poder de gente que le viene cada dia y que el rrey de Fez se a de meter en Fez y los alarves que con el dicho rrey de Fez estan se an de bolver con el dicho xarife Barrax y Haçen se estan quietos que no se bullen y a lo que siento ellos querrian el xarife no parese en el mundo el canpo esta muy rrico en este rreyno de yrva que le ayuda para hazer tan presto la guerra al xarife aqui se a dicho entre moros que viene Arzilla el conde de Redondo y don Juan de Meneses con mucha jente de cavallo y de pie no le pesa a este alqaid Haçen porque es para en favor d el rrey de Fez no ay de nuevo que avisar a vuestra señoria mas desto que es verdad de ser salido el xarife en canpo y que todas las jentes levan ayuda e todo lo que mas oviere y .... quidado de avisar como sienpre tengo e beso las manos de vuestra señoria. Fecha en Tituan oy viernes tres de febrero de 1548.

Item. El embaxador de su alteza d el rrey noso señor dizen que es ydo a Belez en una caravela de armada avise me dello vuestra señoria.

Besa las manos de vuestra señoria Hieronimo Diez Sanchez.

Sobrescrito: A la muy illustrisima señora doña Maria d Eça capitoa y governadora de la cibdad de Cepta.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 80, n.º 26.

Tendo sido D. Afonso de Noronha chamado ao reino, el-rei encarregou sua mulher, D. Maria de Eça, de o substituir no govêrno da capitania de Ceuta. Cf. Sousa, História Genealógica da real casa portuguesa, x, p. 204.

LXXVII

10 DE FEVEREIRO DE 1548

Carta de Jorge Pimentel a el-rei D. João III. — Diz que está em Ceuta à espera da resposta à carta que, por via Beles, escreveu a el-rei de Fez. Vai mandar nova carta, porque pode ter sido roubada a outra ou a resposta de el-rei. — As novas que tem do xerife e de el-rei de Fez são contraditórias: umas dizem que o xerife está encerrado em Mequinez, com falta de mantimentos e com receio dos seus moradores; outras que anda já no campo e espera mais reforços de Marrocos. — De el-rei de Fez afirma-se que à frente de grande exército vai contra Mequinez. A ocasião é favoravel, emquanto não veem socorros ao xerife; depois dêles chegarem não poderá lutar e terá de recolher-se a Fez. — Em Fez há muitos mantimentos e os seus moradores estão dispostos a morrer por seu rei; se assim é todo o poder do xerife se quebrará contra o seu esforço. — O Algarve de cá anda todo revolto e a terra pouco segura. Os alcaides de Tetuão e Xexuão estão na espectativa e por isso o xerife lhes escreveu que estivessem nas suas terras, e ao filho do alcaide de Alcácer que se fôsse para êle com a sua gente, por ter já seu pai junto de si.

Senhor. Eu tenho escryto a vosa alteza como fiz saber a ell rrey de Feez de minha vimda e que o rrequado que lhe mandey fora de Belez por huum judeu seu servidor que o pedio por allvytre e ate oje que ha mais de huum mes que partio não tenho rreposta e porque me parece segundo qua tudo amda rrevollto que se poderya salltear a minha carta hou a rreposta lhe torno a escrever em huum bargantim no quall mamdo Gonçalo Arnaeez criado de vosa alteza que comiguo a d ir por linguoa pello quall escrevo tudo aquillo que he serviço de vosa alteza em Bellez esperara a rreposta se a ja não achar e como ma trouxer yrey no mesmo bargamtim porque a caravella que vosa alteza mandava que me levase estando neste porto lhe chegou outro rrequado de vosa alteza em que manda que vaa a outra parte.

As novas d el rey de Feez e do xarife contam se nesta tera por tamtas maneiras que nam sey de quaaes lamçe mão huns escrevem que o xarife esta emçarado em Miquinez com muyta falta de mamtymentos e com rreçeo da jente da çidade se levamtar contrelle e outros que anda ja no campo com ho socoro que lhe veo de Tedulla e que s[illegible] ho que espera de Marrocos traz oyto mill de cavallo a çerteza disto não se pode saber senão por Belez porque como estes alcaides nosos vezinhos tenhão

ajnda vooz pelo xarife tem maneira como todas as novas venhão em seu favor como la for avysarey na verdade vosa alteza.

D ell rrey de Feez se afirma que vay na vollta de Miquinez com nove mill de cavallo e coremta mill de pee besteiros e espimguardeiros e a ysto pareçe que esta em rrezão dar se credyto porque não deve elle ser tam emguanado que não veja que a não usar da oportunidade que lhe ho tempo mostra he fazer seu ymiguo mais poderoso e que se ho não lamçar fora de Miquinez amtes que lhe venha ho socoro que espera de Marocos que lhe a de ser forçado tornar se a rrecolher a Feez e que fazemdo asy que os alarves que he a milhor gente que tem como sam homeens pouquo constantes e que não podem viver sem ho campo que se hão de tornar ao xaryfe pois a de ser senhor delle pelas quaaes rrezões eu crerey que ell rrey de Feez amdara nno campo e desejoso de se por a tombo de dado amtes que a seu ymiguo venhão todallas ajudas que espera e asy tambem que o xaryfe não leyxara huum lugar forte e com muita artelharya por se por em avemtura temdo tam perto ho socoro.

Em Feez a muytos mantymentos e vall muito barato e todos hos da çidade estam postos em morrerem por seu rrey se tiverem esta comstançia bem se poderão defender do xarife ajmda que venha tam poderoso como dizem que a de vir este verão.

Ho Allgarve amda levamtado e a jente dele em cabilldas rroubamdo a tera Muley Mafamede e Açem estam de palanque vemdo touros dizem que o xarife por symtir neles allgũa mudança que lhes escreveo que estivesem em suas teras e ao filho do allquaide d Allcaçare porque se lhe não podia rrevelar por ter seu pay comsiguo mandou lhe que se fose parele com toda sua jente ho rreyno todo deseja ho seu rrey mas ysto monta pouquo pois a obra vay tam desviada do desejo. Noso Senhor a vyda e rreall estado de vosa allteza acreçente como deseja. De Çepta a dez dias de fevereiro de 548 annos. Alembro a vosa alteza que a merçe que me fez de me dizer que me mandarya a esta tera meu despacho que lhe não esqueça pois tenho tamta rrezão pera o vosa alteza aver por bem. Jorge Pimentell.

Sobrescrito: A ell rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª maço 80, n.º 31.

LXXVIII

14 DE FEVEREIRO DE 1548

Carta do mesmo a el-rei D. João III. — Depois de ter escrito a carta que precede, recebeu o seguro de el-rei de Fez para ir a Beles. — As novas que tem de Fez são que o filho do xerife velho vinha em socorro

de el-rei e que a intenção dêste era ir apresentar batalha ao xerife, que estava em Mequinez, e se êle não quisesse pelejar recolher-se-ia a Fez. — O xerife estava ajuntando a sua gente. Tinha mantimentos em abundância e no verão será senhor do campo, se el-rei lhe não fôr dar batalha, porque todos os alarves e gente do campo se passarão para o partido do xerife. — De Beles mandará a Fez um cavaleiro de Ceuta, que leva por língua, para saber o que se lá passa, e avisará sua alteza do que houver.

Senhor. Depois de ter escrrito a vossa allteza cheguou ho seguro d ell rrey de Feez fiquo aparelhamdo huum caravelam e huum bargamtim pera minha embarcação e sera minha partyda ate xbij dias deste mes ell rrey de Feez me escreve gramdes comtentamemtos de minha vimda e que a Belez mandara por mijm pera se com elle tratar este neguoçio e porque vosa alteza manda em meu rregymemto que nelle ho faça por ser ho luguar que ele nomeou a vosa alteza e eu asy lho ter escryto quamdo mandey pedir ho seguro não ey de pasar a Feez senão mandando mo vosa alteza e por tamto mande me avysar do que a por seu serviço que neste casso faça.

Has novas que de Belez vem allguum tamto comformão com as que me vyerão de Tetuão diz huum judeu que me trouxe este rrequado que o dya que o ell rrey espedyo de Feez emtrarão mill camellos de Muley Zidam filho do xarife velho e que ele vinha atras com duas mill lamças em seu favor e que ysto foy ao primeiro dia deste mes e que a gemte de cavallo que ell rrey de Feez tinha poderya ser ate seis mill a quall estava duas leguoas da çidade com seu filho e ell rrey de Belez e que por este mes ser ho seu maharam no quall elles tem por grande pequado fazerem guerra que estaram quietos mas que como entrar março que a ell rrey de Feez de dar vysta a Miquinez apresentar se a seus ymiguos e que se lhe sayrem que pelejara com eles e que quamdo ho xaryfee não quyser fazer nenhũa cousa de sy senão depois que tiver jumtas suas ajudas que não pode all fazer senão rrecolher sse ha Feez e este pareçe que he seu fumdamemto por que rrecolhe os mais mantymentos que pode e come dos de fora.

Ho xarife esta em Miquinez ajumtando sua gente a quall lhe começa ja a vir por as poucas aguas que estamo nestas partes ouve tem mantymentos em abastança e como emtrar ho veram tera tudo pois a de ser senhor do campo porque diz este judeu e asym mouros que com ele vem que se ell rrey de Feez não da batalha ao xarife que todolos alarves e gemte do campo se a de tornar ao mesmo xarife e ysto pareçe que esta em rrezão pois sam mouros que não tem mais conta com huum senhor que com outro de Belez ey de mandar Gonçalo Arraez huum cavaleiro desta çidade que comigo vay por lyngoa a Feez por ele saberey meuda-

mente ho que la pasa e avysarey vosa alteza do que la pasar. Nosso Senhor a vyda e saude de vosa alteza acreçemte por muytos annos. De Cepta a xiiij dias de fevereiro de 548. Jorge Pimentell.

Sobescito: A ell rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Gaveta 20, maço 5, n.º 25.

LXXIX

10 DE ABRIL DE 1548

Carta do guardião do convento da Conceição, de Arzila, a el-rei D. João III. — Diz-lhe que o amor do dinheiro e dos bens terrenos é mal que lavra na sua ordem com grande escândalo dos fieis e pecado de Deus. Cita muitos casos que o mostram. Pede, pois, a el-rei que mande eleger provincial virtuoso, porque se êle o fôr todos os religiosos o serão; e nomeia vários que o cargo poderão exercer com virtude e zêlo das cousas da religião.

Senhor. Vosa alteza sabera como emtre nos pasão algũas cousas muito mal feitas e muy periguosas pera as conciemcias a hũa delas he que semdo nos tão estreitamente por nosa regra prohibida a pecunja e propiedade asi a tratamos como que niso nenhum mal fizesemos porque do grande ate o pequeno do provincial ate novjcio a trata e traz consiguo sem diso se fazer escrupulo porque podemdo a ter os religiosos em mão de simdico com boa conciemcia pera suas necesidades semdo dela os perlados sabedores os mesmos que algũas esmolas tem querem ser os simdicos e guardadores delas sem njnguem lhes hir a mão nem nisto querer oulhar pelo qual alem deste periguo se siguir que he serem propietairos se seguem outros mujtos os quais se poderião evitar renunciando nos de todo este previlegio de podermos ter esmolas em particular ficando que somente as posamos ter em comum ou ya que o tal prevjlegio e graça não queiramos renunciar que se faça o que o papa Alexandre determjna nas suas constituições e não pasemos o pe alem da mão pois não nos podemos alargar majs do que o papa concede pois esta certo que no demajs fica a rregra em seu riguor obrigando nos como damtes nos obriguava tambem amda emtre nos hũa corução muy grande acerqua do pedir das esmolas porque em algũas casas se arendão aos mesmos frades que as pedem e chamam lhes questas o qual alem de ser muy feo he ysto aparelho de males porque os frades que as tais questas pedem todo ho ano ou a maior parte dele amdão por fora e vão e vem quando querem e ajnda que em breve tempo posão acabar de pedir não ho fazem pera terem majs tempo pera folgarem e por este respeito ay alguns frades que

neste negocio amdão muy syleiros tambem ha outro costume muj pernicioso que os pregadores que por todo ho ano estão em hũa casa comendo e bebendo escusamdo'o]s a casa dos trabalhos e coro e não vão a ele senão quando querem quando vem ho tempo da coresma cada hum vaj a preguar por omde lhe vem bem e a esmola guardam na pera si e ho mesmo fazem os que todo ho ano pregão em algum povo comem e bebem do da casa e o que lhes dão guardam no muj bem e o que peor he que ao que pregua pela coresma na casa da casa lhe hão de dar o que podera aver pregando per por fora e se he guardião ho tal emtregua se bem a sua vontade e de todos estes males são causa os prelados por que como quer que não proveião aos religiosos em suas necesidades nem os curem em suas emfirmidades trabalha cada hum buscar hum real pera quando lhe for necesario e ca verdade senhor mal podem as casas semdo pobres como são dar ho necesario aos religiosos e repairarem se semdo dos prelados tão roydas como o são porque os provjnciaes cada vez que a casa vem querem que se fação com eles gastos muj desordenados e que lhes fação muito bom alforje e lhes dem dinheiro pera o camjnho e trazem os provjnciaes hum muj bom costume que de cada visitação que fazem em cada casa lhes hão de dar ao menos mjl reais pera hũa tunjca e nisto não ay que apelar nem agravar por que ya ho tem eles asi posto em costume e cada ano ou em cada capitolo lamcão pelas casas hum pititorio ora dizendo que hão de mandar a Roma ora que o geral mandou pidir dinheiro de modo que ajuntão boa cantidade de dinheiro e este costume se pos de poucos tempos a esta parte com outro tal como este que querem os provjnciaes ser erdeiros de tudo o que ouver na provjncia por que ate hum abito bom que fica por falecimento de hum religioso lho hão de mandar omde quer que esta sem o guardião o poder dar a hum fradinho pobre tambem os custodios por sua parte gastão mujto dos conventos e de cada vez que tomão conta do livro do convemto lhes hão de dar pera hũa tunjca e se com os provjnciaes e custodios se fazem tantos gastos os guardiães não se descuydão em guardarem a mjlhor parte pera si e pera poderem peitar porque sabem que com yso todas suas faltas se disimularão porque certifico a vosa alteza que o que majs alembra a hum provjucial he como a de ser rrico e pera o mjlhor poderem ser alem de averem tudo o que podem aver as mãos fazem guardiães de sua mão e seus amjgnos pera que mjlhor partão com eles e os tais de sua voti são os majs virtuosos e pera majs e todos os defeitos dos tais são virtudes e as virtudes dos outros homens são vicios tambem os capitolos que fazemos amtes que a eles vamos ya vão feitos e não ha mujtos anos que em hum dixe hum padre ao que era provjncial semdo ele difinidor que pois ele trazia feito o capitolo dela donde partira que dele podera mandar dizer a cada hum o que avia de fazer sem dar trabalho aos homens e que emfim que ho não fizera difinidor senão pera pujar na renda e em nosos capi-

tolos não se trata outra cousa senão como os provjnciaes hão fazer guardiães de sua mão e difinidores sem se ordenarem as cousas que convem pera o bem da provjncia e seguridade das conciencias e não emganem a vosa alteza dizemdo que fazem e ordenão porque tudo não he pera majs que pera o emganarem pois nenhũa cousa se manda comprir do que ali se ordena e ajnda os que ho avjão de mandar eles são os que primeiro ho quebrantão querem comprir com vosa alteza e não com Deus fazendo o que devem na Golegãa ordenou o padre Otavjano huns estatutos muj bons e porem loguo forão sepultados sem majs serem vistos e se depois se fizerão outros nos outros capitolos cujdo que o mesmo se fez deles que dos outros diguo ysto porque la em Purtugal nem ca parecerão que os eu vyse nem mos mandasem tambem senhor nos nosos capitolos ay hũa maneira de votar ma diguo ma pera emtre nos que votão diamte duas testemunhas e hum escrivão e porem loguo o provjncial e todos sabem por quem votou cada hum pelo qual nosas eleições não podem ser conformes a vontade de Deus que he os mjlhores e majs autos serem eleitos porque como quer que os provjnciaes querem fazer toda a sua vontade primeiro a decrarão a todos per si ou per outrem pois como quer que saibão os frades que o provjncial a de saber por quem cada hum vota os majs lhe fazem a vontade oũ pela que dele esperão ou por temor e porem senhor ja poderia ser que se nos votasemos como fazem os padres de São Jeronjmo que votão por escritos que cada hum votase segundo Deus e asi averia outros eleitos que não ha e asi o provjncial que tivesemos não seria o que o provjncial que acaba nos quer dar pois como homem que se afeiçoa pode erar parecendo lhe ser pera provjncial o que não he pera yso destas cousas senhor ha mujtos dias que quysera dar conta a vosa alteza pera que por sua contemplação se remedyasem pois nos nyso nos descuydamos vendo eu quão desejoso he vosa alteza de ver emtre nos virtude e não ho fiz emtanto por la amdey por me parecer que nestes tempos pouco se podia fazer e porque temja o que se podia de mjm sospeitar querendo vosa alteza que loguo se emendasem porque em hũa congregação que tivemos na Golegam propus as mesmas cousas ou a mor parte delas pelo qual alguns se jndinarão contra mjm e determjney de o guardar pera o tempo que fose a capitolo pasando de camjnho dar disto conta a vosa alteza sem os padres da provjncya saberem e tambem por me parecer que com a eleição de novo provjncial semdo virtuoso se poderia ysto tudo muj bem emendar e como quer que tenho nova que vem a estas partes o provjncial não me quis abalar [illegible] e porque ya pode ser que ca não mandem denunciar capitolo e ho [illegible] rão fazer amtes determjney esta escrever pera lhe pedir que por amor de Noso Senhor se alembre desta pobre provjncia ordenando lhe hum bom prelado porque com hum bom prelado tudo vosa alteza podera muj bem acabar o que não sera não ho semdo pois he necesario que o que o ver

de mandar com palavras persuada com obras e exemplo e saiba vosa alteza hũa cousa que ha muitos religiosos entre nos deseiosos de virtude e homens de bem e se virem que os prelados são virtuosos que o serão eles e os que o não quiserem ser por vontade seloam semdo constrangidos o qual muj bem podera fazer se for virtuoso e pois vosa alteza não conhece a todos os da provjncia eu lhe direy os que são pera poderem ser provjnciaes e com cada hum deles podera vosa alteza acabar qualquer cousa damdo lhe o favor necesario os homens que emtre nos temos que são pera provjnciaes são frey Dioguo de Texeda e frey Manuel Tourinho e frey Francisco do Porto e frey Vasco de Covjlham porque todos e cada hum deles he virtuoso e zelozo das cousas da religião e se algũa emformação tem em contrairo d alguns saiba vosa alteza ser falsa porque asi me Noso Senhor salve e senão he asi seia mjnha alma pera sempre condenada nos jnfernos como estes são os mjlhores homens que na provjncia temos e pera majs e que todos os demajs pera serem provjnciaes não valem nada e ysto tenho asi pera mjm e asi ho tem os que querem seguir a verdade e se nisto ou em qualquer outra cousa do que nesta diguo a vosa alteza mjnha emtenção he mjntjr lhe a mesma verdade que he Cristo me falte na ora da morte nem me moveo a ysto lhe escrever paixão nenhũa senão os deseios que tenho de vivermos como frades e de servyr se Deus na nosa pobre provjncia e pois os deseios de vosa alteza sempre forão estes por amor de Noso Senhor que vosa alteza proveja de remedio e não consimta que va o mal majs por diamte. Seu real estado o Senhor Deus prospere com acrecentamento de vida e saude da rraynha e primcipe. Desta sua casa da Conceição d Arzila aos dez d abril de 1548 anos. Orador de vosa real alteza o guardião d Arzila frey Amtonio de Majolo.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 80, n.º 69.

LXXX

22 DE ABRIL DE 1548

Carta de D. Maria de Eça, que estava por capitão de Ceuta, em lugar de seu marido, D. Afonso de Noronha, a el-rei D. João III. — Diz-lhe que mandou a Jorge Pimentel, que estava em Beles, as cartas de el-rei, e dêle recebeu um maço de outras do rei de Fez para sua alteza. — As novas do xerife são que os mouros receiam que êle tome o reino de Fez, porque tem muita gente. — Jorge Pimentel pediu que lhe mandasse o caravelão armado, em que fôra a Beles, para voltar a Ceuta,

logo que receba licença de el-rei de Beles. Toda a terra andava muito revolta e corria risco quem estava nela.

Senhor. Sesta feira vimte dias deste mes cheguou o carvo que mandey a Belez com as cartas de vosa alteza a Jorge Pimentel era ja vimdo a rreposta por que esperava d el rrey de Feez mandou me hum maço de cartas para vosa alteza espreve me que era a rreposta do que asentara e que compria a çervico de vosa alteza serem lhe loguo dadas fez este mesageiro as vimte leguoas pera serem la em menos tempo.

Item. As novas do xarjfe sam averem os mouros medo de ser senhor do rreino de Feez pola mujta gemte que espera e ja tem em sua companhia a dom Nunalvares mando todalas que m esprevera de Belez pera as dar a vosa alteza.

Item. Jorge Pimentel me mandou pedir que lhe mandase o caravelão armado em que fora para se vir e que ja não esperava senão liçemça d el rrej de Belez porque sem ela não podia ser amda toda a tera muito rrevolta e corre mujto rrisco quem nela esta e asy o caravelão mas não se pode leixar d aventurar para segurança de Jorge Pimentel espero em Noso Senhor que todos venham a salvamento como forem vimdos o farey saber a vosa alteza. Desta sua cidade de Çeita oje xxij dias do mes d abril de 1548. Beyyo as reays mãos a vosa alteza. Dona Maria d Eça.

Sobrescrito: A el rei nos[o].

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 80, n.º 80.

LXXXI

28 DE ABRIL DE 1548

Trechos de uma carta de Francisco Botelho, capitão de Tânger, a el-rei D. João III. — Agradece-lhe os louvores que lhe deu da vitória que êle e D. Francisco, capitão de Arzila, tiveram dos mouros no campo de Alexarife. — Soube de boa fonte que em Larache estavam navios de Tetuão, Salé e do próprio Larache, prestes a sair. Previne-o disso, porque no Estreito havia apenas um navio da armada; e os navios que demandam o pôrto devem vir precavidos.

Senhor. Hũa carta me deram de vosa alteza feita a xbj de fevereiro pasado em que me diz que rrecebeo muy gramde contemtamento com a vitoria que prouve a Noso Senhor dar a dom Francisco e a mym na emtrada que ambos fizemos no campo d Alexarife ele sabe quanto folguey de niso o serviremos e a vosa alteza eu dey de sua parte os agradecimentos aos fidalguos e cavaleiros que se ahy acharam como me mandou

e todos beijamos as mãos a vosa alteza pella homrra e merce que nos niso fez prazera a Deus que com seu favor e de vosa alteza nos dara sempre e cada vez milhores.......................................

Dom Francisco m escreveo e eu o soube tambem per mouros que em Larache estavão ja quatro navyos de Tetuão e dous de Çalle e dous d ahy pera sayrem com o prymeiro tempo em que entrão algũas galeotas lembro jsto a vosa alteza porque neste Estreyto nom amda mays que hũ soo navyo d armada e tambem pera que os que ouverem de trazer a estes luguares o que for necesaryo a estas obras [sobreditas] e o mays venha a bom rrecado........................ Francisco Botelho.

Sobrescrito: A el rei noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 80, n.º 91.

LXXXII

4 DE MAIO DE 1548

Carta escrita de Arzila a el-rei D. João III. — As novas do reino de Fez que teve de mouros do campo de Alcácer são que o alcaide desta cidade andava fora, por lhe dizerem que o filho do xerife velho vinha ao socorro de el-rei de Fez. O alcaide quisera correr a vila, mas demoreu-o disso uma carta do xerife novo mandando que se fôsse juntar a êle. — Depois disto, chegaram à vila uns alarves, vindos do campo de Mequinez, e disseram que o xerife estava desejoso de deixar aquela cidade, porque el-rei de Fez estava cada dia recebendo reforços etc. — Pede a el-rei que D. Afonso de Noronha, capitão de Ceuta, lhe mande cal, porque lhe faz muita falta, mas que venha a recado, pois em Larache há várias fustas que começam a sair.

Senhor. A muitos dias que ho alca[i]de d Alcaçere vezinha mal comigo e teve me la hum homem oito meses e quoando mo despaçhou veo sem carta sua e d ahi a quoatro ou çinquo dias mandou me aqui hum mouro e trazia hũa carta feita por mão de cristão e sem synal seu todos estes misterios me deram em que cuidar algũas pessoas me diziam que se queria ffazer santo ao xeriffe com lhe dizer que nom esprevia a cristãos nem via cousa sua todavia pareçe me manha de querer deixar a terra so e hir se mandei Fframcisco Pimto com vimte e çimquo de cavalo ao campo d Alcaçere e tomou me dous mouros de cavalo e por eles ssoube que ho alcaide hera hido ffora e que hia e vinha cada quoatro dias e que andava desasesegado de lhe dizerem que Mulei Zidam filho do xeriffe velho vinha a Fez em ssocorro d el rrei destas novas tinha eu algũas per via da serra nam as esprevi a vosa alteza porque nam jmportavam e tambem porque

vosa alteza as devia de ter mais çertas por essoutros capitães e por Jorge Pimentel tamto que ho alcaide ssoube dos mouros que heu tomara e que tinha nova de ele ser ffora ajumtou a mais jemte que pode pera me correr e eu ffuy avisado por hum mouro e avisei logo Tamjere vindo caminho com mill e quinhentos de cavalo veo lhe hũa carta do xerife que se ffose pera ele que Mulei Zidam estava ja em Ffez e isto ho ffez deixar de nos correr e logo como se partio me mandou dous mouros com quoatro carregas dizendo me que porque lhe despaçhara de pressa ho outro que me mandara me mandava agora dous e se lhos mandase assy bem despachados que dobraria com mais destes ssoube eu que vinhão ssomente a saber novas de Portugal se detreminava vossa alteza de ffazer merçe a el rrei de Ffez d algum favor porque se assi fose queria se ho alcaide com çedo sanear com el rrei de Ffez.

Item. Oje sesta ffeira iiij de maio amanheçeram aqui tres alarves com hũa moça furtada de jumto de Miquinez e me diseram que sem duvida o xeriffe desejava de poder deixar a terra sem rrisco de sua pessoa e que os synaes que pera isso viam heram estes paçeerem lhe os pães porque se esperara de hos lograr na terra nam hos destroira e que os cavalos que tomava mandava pera Marroquos e que Mulei Zidam estava ja demtro em Ffez com mill e setecemtos de cavalo e que depois de sua vinda lhe vinha cada dia jemte e que se hia muita do xerife pera ele e que ho alcaide de Jazem e hum jrmão da molher do alcaide d Allcaçere estava ja em Ffez e esta mesma sesta feira me veo hũa cafila de Benameçuar e me deu esta mesma nova pareçe me rrezão fazelo saber a vosa alteza per via de Tamjere porque por aqui nom podia ser estas novas são as que tenho per estas vias vosa alteza as deve de ter la mais çertas e se isto assi he nom divia vosa alteza de querer que este rreino ffosse rren[d]ido por ningem senão por ele porque esta em termo de mamter neçesydade de lhe vosa alteza ssocorrer como camanho primcipe he senam como quem eles sam leve me vosa alteza em conta dizer lhe meu pareçer sem sua liçemça porque ho que mo ffaz ffazer he a obrigaçam que pera isso tenho.

Item. Mande vosa alteza a Dom Affomsso que nos proveja com cal porque temos ho muro no chão e estamos sem ela e com as coussas de monição ssobre que lhe ja tenho esprito e venhão a rrecado porque em Larache estam ja seis ffustas e começão a sair. Noso Senhor vyda e rreal estado de vosa alteza prospere e defenda como deseja. Desta sua vila d Arzila oje iiij de maio de 548. Alvaro.

Sobrescrito: A el rrey nosso.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 80, n.º 103.

O teor desta carta parece querer dizer que era do capitão da vila, mas êste era então D. Francisco Coutinho. Não soubemos o apelido do signatário da carta.

LXXXIII

6 DE JUNHO DE 1548

Regimento de Lourenço Pires de Távora quando foi ao imperador Carlos V por embaixador de el-rei D. João III, para residir na sua côrte. — Levava instruções especiais sôbre o negócio do xerife: devia mostrar-lhe quanto importava aos reinos de ambos atalhar o grande poder dêle. Já disso dera conta ao príncipe de Boémia, seu filho, que governava a Espanha, por Estêvão Gago, e oferecera a el-rei de Fez todo o auxílio que estivesse em si dar-lhe. — Também pedira ao príncipe, e pedia agora a êle, que no verão as suas galés andassem no Estreito, para impedirem que o xerife comunicasse com Argel ou fizesse armada nos seus portos. — Ao passar por Valhadolid, onde então estava o príncipe de Boémia, devia ir visitá-lo da sua parte e informá-lo desta matéria que ia tratar com o imperador.

O que vos Lourenço Pirez de Tavora do meu conselho que hora envio ao emperador meu irmam por meu embaxador, para em sua corte rezidirdes, fareis neste caminho e lhe direis, he o seguinte.

Primeiramente hireis na posta pera com mais brevidade poderdes chegar, e hireis decer a casa de dom Julianes da Costa meu embaxador, o qual hei por bem que espere por vos ate vossa chegada, e elle fará saber ao emperador de vossa vinda e do tempo em que manda que vades a elle.

Levais carta minha de creença para o emperador meu irmam, por que lhe faço saber como vos mando por meu embaxador para residirdes em sua corte, esta lhe dareis a primeira vez que e falardes sem por entam nem por virtude della lhe dizerdes mais que o que a mesma carta diz por aquellas palavras que vos milhor parecerem, e ao que vos elle entam perguntar lhe respondereis, e a reposta remeto á vossa discriçam, e no fim da practica que entam tiverdes, que deverá de ser breve, lhe direis que vos lhe levais outras cartas minhas, e lhe aveis de falar em algũas cousas que deixais para quando elle or servido de vos ouvir, e que vos fará merce ser o mais cedo que poder......................

Se no dia em que lhe falardes em todas estas cousas acima ditas, vos parecer que o tempo vos dá lugar para lhe falardes nesta materia do xarife em que hei por meu serviço lhe faleis na maneira que adiante vos direi, faloeis, quando nam será ao outro dia, porque como sabeis, a materia he tal, e de tamanha importancia, que convem tratar se muito della, e quando o fizerdes lhe fareis larga informaçam donde primeiro este xarife procedeo, e de como foi continuando sua grande fortuna ate o pôr

no estado e poder que agora tem que entre os mouros se pode julgar por hum dos muito poderosos rreys delles, e assi porque vos tendes disto tanta experiencia como tambem pella informaçam que aqui vos mandei dar, me parece escusado tratar vos disto mais largamente, senam do que neste negocio puntualmente direis ao emperador, e deixo de vos lembrar quanto lhe deveis de exagerar este caso, porque elle he tamanho que ainda com se dizer sem se querer persuadir grande tençam sempre parecerá o que he, e o que nisso lhe direis he que por elle ser este, e importar tanto a elle e a mim pello que nisto vai a seus rreynos e aos meus, e tambem por assi ser rezam, eu mandei ia dar delle conta ao principe seu filho, e aqui lhe direis tudo o que vistes que neste caso lhe mandei dizer por Estevam Gago e que eu de minha parte fiz no mesmo caso ate gora tudo o que conforme ao tempo podia nelle fazer, mandando pessoa minha a el rrey de Fez, favorecendo o com minhas cartas, offerecendo lhe minha ajuda de gente se o tempo desse lugar para isso, e agora por derradeiro de dinheiro pois para o mais o mesmo tempo era passado cuia culpa era toda do mesmo rey de Fez por me avizar de suas cousas tam tarde que ia nam era possivel podelo eu ajudar com mais, como tudo vistes pellos papeis e instruçoens que vos mandei mostrar, de que ate gora nam tenho outra reposta senam a que vistes pellas cartas de Jorge Pimentel que lhe vos direis, e que por agora nam tenho mais que lhe dizer que por lhe diante a grandeza deste negocio e a importancia delle, e quanto he rezam que se nelle cuide, e entretanto que nam pode ser outra cousa a que me parece agora muito necessaria he mandar elle prover com tempo no que ia mandei apontar ao principe que era mandar neste veram andar no estreito algũas galés das suas para tolher e impidir a comunicaçam do dito xarife com Argel e de lhe poder vir delle algũa armada ou elle a fazer nos lugares de Salé e Larache em que para isso ha tam grande disposiçam e aqui lhe direis as calidades de cada hum dos ditos lugares e quanto dano podem receber delles os lugares do estreito tendo o dito xarife armada nelles.

Neste caso vereis o que vos responde, e segundo o que vos disser assi lhe replicareis porque, eu o fio de vos que será de tal maneira que me aia nisso por bem servido, e avizar me eis do que com elle nisso passardes...........................

Sou informado que o vosso caminho dereito he por Valladolid, onde agora está o principe meu filho, e porque nam seria rezam passardes sem o verdes, e lhe beijardes a mam hei por bem que o veiais, e o visiteis da minha parte dando lhe primeiro a carta minha que para elle levais, e lhe direis como eu vos mando por meu embaxador ao emperador meu irmam para em sua corte residirdes, e o servirdes nella, que elle veia se manda de vos algũa cousa em que la o possais servir, e porque eu folgaria que lhe falasseis no negocio do xarife, e lhe desseis bem a entender pella ex-

periencia que delle tendes de camanha importancia he, hei por bem que o façais, tomando por achaque disso dardes lhe da minha parte conta do que mais he socedido no dito negocio, depois de lhe eu mandar falar nelle por Estevam Gago, que he o que vistes pellas cartas que vos mandei mostrar de Jorge Pimentel, e pellas que eu lhe escrevi em reposta destas suas, e do que com elle passardes me avisareis d ahi, e deixareis a carta a Estevam Gago para elle ma enviar pello primeiro que vier .....

Escrita em Emxobregas a seis dias de junho de 1548. Rey.

Alvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, pp. 45, 46-47, 49.

Já nos referimos a esta obra (p. 333, fim). Dela extraímos os documentos relativos à embaixada de Lourenço Pires de Távora à Alemanha, na parte que diz respeito a Arzila. Conservámos a pontuação do texto impresso, a-pesar-de não ser original, mas do editor. Fizemos as modificações graficas adoptadas para os outros documentos aqui inseridos (u = v; R = rr, etc.).

LXXXIV

7 DE AGOSTO DE 1548

Trecho de uma carta de Francisco Botelho, capitão de Tânger, a el-rei D. João III. — As novas que tem do xerife são que êle já está entre Jazem e Alcácer Quibir, e tem desejo de correr os lugares de sua alteza.

Senhor. ....

Novas do xarife não tenho outras senam as que dom Francisco ja escreverya a vosa alteza e me aquy mandou de se vyr cheguamdo a nos e que lhe afirmaram que nos correria e por huns mouros que aquy vieram destas alldeas soube que estava ja amtre Jazem e Alcacer Quibir. De Tangere 7 d agosto de 1548. Francisco Botelho.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 81, n.º 19.

LXXXV

1548

Carta credencial de Estêvão Gago ao príncipe de Boémia para tratar com êle das cousas do xerife.

Serenissimo e muito excelente principe filho. Eu mando Estevam Guagouo d Andrade fidalgo de minha cassa a falar comvosquo algũuas cousas que toquam a este neguocio do xariffe de Suuz que tamto jmporta como vos ele de minha parte diraa. Muyto vos peço que o ouçais e

açerqa disso lhe deys jnteira fee e crença ho que rreceberey de vos em singular prazer. Serenissimo e muito excelente principe filho Nosso Senhor aia sempre vossa pessoa e rreal estado em sua sancta guarda. Escripta em Lixboa a ... dias do mes de ... de M. D. XL VIIJ.

Arquivo nacional, Colecção especial de S Vicente, vol. v, fol. 120.

LXXXVI

15 DE MAIO DE 1549

As novas do xerife, rei de Fez, são estas: que a 19 de março de 1549 chegou a Fez o alcaide de Tetuão, que o xerife recebeu muito bem, e logo lhe perguntou pelos lugares de sua alteza; — que a 18 do mesmo mês entrou na cidade o filho mais velho do xerife, e que entre êle e seu irmão há grandes diferenças sôbre a repartição dos reinos de seu pai, porque ambos querem o de Marrocos; — que o xerife a-pesar-da idade está muito rijo e está fazendo pagar caro aos moradores de Fez a sua pouca vontade em defenderem o seu rei; — que o xerife fizera uma grande fala aos seus alcaides, mostrando-lhes quanto importava fazer guerra aos cristãos e pedindo-lhes que fôssem juntos sôbre os lugares dêles e lhes comessem os pães: vieram a esta fala sete alcaides, que se fizeram acompanhar de muita gente de cavalo e de pé; — que o xerife despedira a gente de Marrocos e Suz, depois de tomado Fez, e estava bem provido de artilharia, muita dela feita por um renegado francês; — que havia de fazer guerra aos lugares de cristãos durante o inverno, para que lhes não viesse socorro, e para isso contava com muita gente do reino de Fez; — que quer fazer uma fortaleza em Fez o novo e ter aí guarnição numerosa; — que manda fazer uma ponte sôbre o rio de Cebú, para que êle não estorve a guerra que vai fazer aos cristãos; — que o xerife velho, que estava em Tafilete, mandara ao xerife de Fez dois sobrinhos a visitar seu tio, mas êle deteve-os até ganhar Fez e depois respondeu-lhes que seu pai havia de ter pequena guarnição em Tafilete ou então deixasse o país; — que el-rei de Beles mandara seu filho com presentes ao xerife de Fez para poder tirar seus irmãos pequenos de cativeiro em Fez, mas o xerife não os quis dar, e por isso o filho de el-rei partiu descontente do xerife; — que el-rei de Dogodu mandara visitar o xerife por seu filho; — que o xerife enviou el-rei, que foi de Fez, para Marrocos com suas mulheres e parentes, e distribuiu os bens pelos alcaides de Marrocos e de Suz: a mãe de el-rei morreu no caminho e as filhas tomou para si e para dois filhos; — que o xerife pensa muito em tomar Alcácer Ceguer...

Per cartas escritas em Fez a xxij de Março se hemtende das cousas do xarife o seguinte.

Item. Que aos xix do mesmo chegou a Fez o alcaide Acem que he o de Tutuão ao qual o xarife fez muita honrra e hũa das primeiras cousas que lhe perguntou foy pellas fronterias de sua alteza.

Que aos xviij do mesmo entrou na dita cidade Molei Mahamed ell Harram filho mais velho do xarife com trezentos de cavallo antre o qual e Molei Adelcader seu jrmãao ha grandes deferenças sobre a repartição que o xarife seu pay quer fazer antre elles dos rreinos porque o mais velho quer Marrocos e o Molei d Alcader o quer tambem e diz que ell Arrão he jrmãao maior e que dispois dos dias do pay a de ser rrey de Fez e que portanto lhe am de dar a Marrocos pois elle o guanhou e entrou nelle primejro que ningem quando desbaratarão o tio.

Que o xarife he tam rrijo de condição que nenhuum de seus filhos queria estar a junto delle polo não sofrer e que por esta medida trata a todos e que se os de Fez o consentiram entrar e não ajudarão a seu rrey como devjão elles o começão a paguar porque os trata muy mall e lhes poẽe grandes jmpocisões.

Que os xxiij do mesmo mandou o xarife chamar todos os seus alcaides aos quaes fez hũa grande falla em sua ley como alfaquy que he jnvocandoos o que devjão a sua lei e o muito que guanhavão em fazer gerra aos cristãos e que pois elle a não tinha com mouros que a queria ter com os cristãos e que porque elle estava asentando as cousas do rreino que viesem elles as fronterias de sua alteza e lhe comesem os pãees e lhe fizesem todolos mais danos que podesem.

Vierão a isto sete alcaides a saber Barrayxe Alaroz alcaide d Alcacere Alaroz alcaide de Jazem cid Nacer alcaide de Larache cide Arramy que he de Marroquos e Homorião alcaide dos turquos e o alcaide d Acem trouxerão todos sete tres mil e quinhemtas lamças e de pee todolos barbaros de todas aquelas serras que estão cerqua das fronteiras de sua alteza avia de vir com estes alcaides huum filho do xarife e por estal mal desposto não veo.

Item. Que o xarife despedira a gente de Marroquos e Suz depois de tomado Fez e tinha destes dous rreinos consiguo duas mil lanças tem trezentos turquos e outros tantos elches tem trinta tiros de fus[i]leira ha nelas vinte peças groças ha hũa que tem da escor[v]a ha boca vinte e sete palmos e que em tera de cristãos não se pode fazer milhor polvora faz muita e pera a fazer tem grande aparelho de todo manda trazer tiros de Marroquos e asy manda fazer artelharia e que em Fez ha hum rreneguado frances grande oficial que he o que fez este tiro grande com outros muitos que tem feito e faz com outros oficiais que tem.

Item. Que poria cerquo aquelas frontarjas no jnverno por que não se navege o mar e lhe tarde o socorro e que toda a gerra que poder ha de fazer as ditas frontarias.

Tem daquele Alguarve que he o rreino de Fez quinze mil de cavalo

e dentro da cidade de Fez tirara escupeteiros e besteiros cimquoemta mil e ainda dizem que tirara secenta mil e da mais da gente do dito rreino levara mais de cimquoenta mil homens outros sem a gente dos outros seus rreinos.

Item. Que quer fazer hũa fortaleza em Fez o novo muy forte e por nela sem pesas de tiros e quer desfaser muitas casas grandes e ortas pera fazer muitas casas e tãobem quer desfazer a judaria pera por nela e em Fez o novo dez mil de cavalo pera os ter junto de sy.

Manda fazer hũa ponte no rrio de Zebu em que dizem que guastara cimquoenta mil onças e isto pera que este rrio não lhe estrove o caminho das frontarjas de sua alteza tem tamanhos pensamentos que cuida que o turquo lhe ha de vir fazer obidiencia afirma se que se o deixão arreiguar tres anos naquele rreino que fara mujto mal e sera mao de ho tirar d aly.

Item. Que sua alteza mande rraparar as forças que tem naquelas fronteiras e mande com toda brevidade fazer as que forem necesarjas porque em outra cousa não cuida o xarife se não em fazer guera aquelas frontarias.

Item. Que sendo o xarife de setenta e seis annos esta tão fresco e se ca anda tãobem que esta pera viver dez annos e manda alimpar e rreparar todas as armas que tem e fazer mujtas adarguas selas ginetes estribeiras freos escopetas bestas e outro moinho que aguora novamente fez pera fazer mais polvora da que faz e asy quer fazer mujtas carretas pera artelharja muito chapadas de ferro todas as monicões que pode faz e tudo pode fazer pois tomou Fez que numqua o cuidou honde tem todos os adereços pera tudo.

Todos os que mandão em Fez e tem carreguo são dos do xarife e o que guoverna o rreino he Moley Audelcader seu filho todos ho amão porque he o milhor de todos e todos vão a ele pera os neguocios e a todos fala bem e despacha milhor.

Que estãodo este xarife sobre Fez fez pazes com seu jrmão o de Tafilete que foy xarife de Marroquos e que de noventa mil casas tirava as dez e das outras lhe dava corrента mil e que aguora lhe mandara o de Tafilete dous filhos mais piquenos que estavão desposados com duas filhas deste xarife e por eles lhe mandou dizer que era contente deteve aos sobrinhos com palavras e não rrespondeo ao jrmão ate que guanhou a Fez e como a teve guanhado lhes rrespondeo que seu pay não avia de ter majs de dozentas lanças com tal condição que avia de dirribar a Tafilete polo pee e se não que deixasse a terra porque Fez não podia viver sem os datiles de Tafilete rresponderão os sobrinhos que eles erão mandados e que ho escrevesse a seu pay e asy ho escreveo e que dizem que deixa Tafilete e se vay com seus filhos a terra de Zara sete e cimquo dias de caminho majs adiante.

Item. Que el rrey de Belez mandou a seu filho com desasete cristãos e panos e lenços de Tunes esteve em Fez doze dias despachou e escreveo lhe que o viese ver e lhe trouxese por escrito quantos de cavalo tem e que armas e que gente e que lhe mandava que não guarramase suas terras nem a mouro pidise nada segundo a tenção d el rrey de Belez parece que não mandou este presente ao xarife senão por tirar quatro filhos que deixou em Fez pequeninos os quajs não lhe quis dar foi se descontente este filho d el rrey de Belez e que hia dizendo que diria a seu pay o que lhes seus criados e amiguos diserão que não viese a Fez nem vise ao xarife e asy se tem por certo que o fara e dizem que hum seu filho do xarife lhe tem pedido Belez pera fazer navios pera fazer guerra.

El rrey de Dogodu mandou hum seu filho com trinta de cavalo a visitar o xarife e lhe trouxe sete cavalos de presente esta ajnda em Fez e não no tem mandado tornar e ha vinte dias que veo.

A quatorze deste mes saio de Fez Moley Mahamed que foy que sohia ser deles porque lho mandou o xarife por força levou seus filhos e mulheres e jrmãs e parentes os que quiserão hir com ele mandou o o xarife a Marroquos pera que nele este e que nenhum moley que parente fose d el rrey fiquasse em Fez foron se todos não levarão consiguo mais que o movel de suas casas todalas casas e erdades que valião hum tesouro todo o que deixarão estes parentes d el rrey deu o xarife a seus alcaides de Suz e Marrocos e a outras pesoas destes rreinos a mãy deste mal afortunado rrey que de Fez era moreo no caminho antes de cheguar a Marrocos tomou o xarife a el rrey tres filhas grandes que tinha e pera sy tomou a majs moça e a majs fermosa e as outras duas deu a Muley Audalad e a Muley Adurramão seus filhos deixou este rrey em sua casa que não pode tirar nem levar segundo dizem em joias e cousas de casa majs de oitenta mil cruzados e levou consigo cento e vinte camelos e cinquoenta mulas carreguadas de joias e rroupas que dizem valiam muito estes mouros forão parte pera que este rrey se perdese por não querer peleiar como devião quando em Fez entrarão aguora o achão menos e o chorão bem porque a justiça que faz o xarife não he senão como a que fazia Nero e tudo ho do rreyno aplicou pera sy e asy tem mandado que todas as mercadarias que entrarem por qualquer porto que não se abrão até virem a Fez.

Item. Que o xarife tem muito na memoria Alcacere e que o tomara loguo porque lho tem pintado a arte de que este com seu mar rrio e serra e torre do Seynal e acha que se em cima da torre do Seynal se faz hũa fortaleza pera por tiros que com ela se defendera e o não podera tomar diz o xarife que no rrio tera mujtos navios com que podera fazer guera no Estreito tomando Alcacere.

Item. Que o xarife faz mujtos adereços de guerra asy como fazer

polvora artelharja picõis enxadas barras de ferro cordas de canhamo pelotas de ferro coado e de pedra as quajs faz o artileiro frances.

Item. Que era vindo hum camelo dos que handão corenta leguoas no dia no qual veo hum mouro com cartas de cide Murça que he justiça maior de seus rreinos e não se faz majs do que ele manda e diz o qual he saido de Marrocos e traz do tesouro sete carretas d ourro traz cem moços d esporas vestidos de grãa e dez mouros pera os deguolar tanto que entrar em Fez e traz majs dous camelos carreguados ...... dizem que he o majs cruel que ha no mundo.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 338 r.-340 v.

Título dêste documento: Sumario das novas da carta de Fez de que se deu o trelado a Lopo Furtado em Lixboa a xb de mayo de 1549.

A margem: abril e mayo de 1549.

LXXXVII

30 DE MAIO DE 1549

Carta de D. Afonso de Noronha, que fôra capitão de Ceuta, a el-rei D. João III. — As novas certas de Fez são que o xerife êste ano não virá contra os lugares de sua alteza, mas manda muita gente para Tetuão, Xexuão e Alcácer Quibir com que os seus alcaides lhes farão guerra. — Diz-se que o rei de Argel mandou grande presente ao xerife. — Diz-se também que Gurgute Arrais há de vir ao Estreito com quarenta navios. Por isso pede que as obras de Ceuta se apressem. — Conforme o desejo de sua alteza, escreveu a D. Antão de Noronha, seu sobrinho e capitão de Ceuta, que visse se podia ir queimar os pães do campo de Tetuão, sem perigo de sua pessoa, e êle próprio poderá destruir toda a costa até Beles, se fôr seu serviço. — Também poderá, na sua volta do Seinal (Alcácer Ceguer) a Ceuta, tomar Targa. — No Seinal a gente não quer ficar sem paga adiantada. Foi mal pagarem-lhe duas juntas, porque gastaram tudo e agora é preciso vir-lhes em ajuda, o que está fazendo sem prejuízo da fazenda de sua alteza.

Senhor. Eu escrevy a dom Amtão que trabalhase por mamdar tomar hũa lymgoa porque farya nyso muyto serviço a vosa alteza ele o fez tam bem que mandou tomar cymquo demtro no campo de Tituam como elle escrevera a vosa alteza e allem das novas que escreve a vosa alteza me mandou mynha molher quaa dous mouros que são de demtro de Tituam e hum delles avya muyto poucos dias que vyera de Ffeez as novas que me comtaram parecem çertas porque em tudo conformam com as que comtou ho cativo que ja escrevy a vosa alteza e hũa das cousas por-

que me a mym pareçe çerto que o xaryfe este ano detremyna não fazer mais que aseseguar Feez he por ther mandado Moley Mafamede Harrão a Suz e Moley Allcaldre ha Marrocos que asy dizem estes mouros que rrepartio os rreynos porque sem allgum delles não ha ele d ouzar a sayr de Feez e dizem estes mouros que põe muyta mais gemte de cavallo em Tituão e em Xixuão e em Allcacere Quybir e deve ser jsto querer contemtar os mouros com mandar fazer muita guerra a estes lugares pera com jso se escusar da promesa que lhes tinha prometida de vir logo cerquar estes lugares e com tudo he este xarife tão manhoso que não se deve vosa alteza descujdar de mandar ther estes luguares em muyto bom rrecado e mandar avysar aos capitães que amdem a rrecado porque avemdo goarnycão nova nestas frontaryas destes lugares hão de trabalhar de fazerem todo o mal que puderem que prazera a Noso Senhor que se lhe ffara a elles tambem me contaram estes mouros que d Argel mandaram agora hum grão presente ao xarife e que lhe vinham muytos navyos e asy ha gora nova em Castella que Gurgute Arraez haa de vyr qua ao Estreyto com quoremta navyos não se devya vosa alteza d esqueçer das obras da Ceyta porque jmda que da bamda de terra fyrme estee forte das bamdas do maar e d Almyna estaą muy fraca como sempre esteve e jmda digo a vosa alteza que da banda da terra fyrme se não pode chamar forte emquanto agoa não emtrar na cava porque se pode agora emtrar nella a cavallo e a pee por ambalas partes e o muro de sobre a porta estaa muy bayxo e ymda acabado este lamço que pareçe espunavell haa grão valle que esta muy fraco como la dira a vosa alteza aguora que ha caal em Ceyta não ha dinheiro beijarey as mãos a vosa alteza mandar prover com elle porque avemdo dinheyro e caal com essa pouca gemte que ha em Ceyta me pareçe que se acabarya este hano haquele lamço da terra fyrme que serya muy gramde bem.

Eu escrevy a dom Amtão o que me vosa alteza mandou que lhe escrevese e lhe mandey meu parecer de como se poderyam queymar os pães de Tituão sem perygo e ele o fara asy e com a ajuda de Noso Senhor se queymaram sem nenhum perygo e se amtes dos pães serem colhydos vosa alteza ouver por seu serviço que eu torne a Çeyta ate Bellez lhe mandarey destruyr toda a costa e com lhe fazer jsto dous anos serlha forçado despovoar se e não ouzaram mays de queymar nem tallar pão que himdo dom Nunalvarez hum dya a Benabaya me comtaram em Çeyta que fez que lhe querya mandar queymar os pãis e que se lhe vinham os mouros meter em cativo a pedir que ho nam fizese.

Quamto ao que me vosa alteza diz que por agora lhe parece seu servyço por as rrezõis que lhe dou não emtemder no negocyo de Tituam com a gemte que aquy estaa asy he mas fazemdo a boa fora muito seu servjço e com trezemtos homens que se d aquy podiam tirar quamdo me vosa alteza mandar tornar a Ceyta podia tomar Targa com a jemte

que mais se tyrarya de Ceyta e com as caravellas d armada que vosa alteza aqui traz no Estreyto ou com as galles que eu sey que pera jsto folgaram muito de se ajumtar comygo.

He tão aspera a vida deste Seynal que com o espedir da gemte que se d aquy despidio não haa que posa ther os que ficão e he necesareo pagar lhes hũa paga damte mão que foy muy grão mall pagarem lhe duas jumtas porque gastaram tudo laa e ficam sem ter que comer e por jso lhes tenho socorrido ate gora com algum mantimento como sprevy a vosa alteza e vou lho tyramdo pouco a pouco pera lho tirar de todo como tiverem dinheiro e nam ouver obra em que trabalhem que parece com ajuda de Noso Senhor que nam avera d aquy a xb dias.

Beijo as mãos de vosa alteza pela merçe que me fez de mandar pagar as atalayas e homens do campo de Ceyta do credito dos xx cruzados a provysão não veo e he neçesareo que se mande loguo pela muita necesidade que diso ha. Deste forte do Seynall a xxx de maio de 1549 anos. Beiyo as rreays mãos a vossa alteza. Dom Afonso.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 82, n.º 106.

LXXXVIII

29 DE JUNHO DE 1549

Carta de el-rei D. João III a D. Afonso de Noronha, que fôra capitão de Ceuta, nesta data encarregado de dirigir as obras do forte do Seinal em Alcácer Ceguer. — Diz-lhe que mandou Luís de Loureiro ao Porto de Santa Maria para daí prover os lugares de além de gente, mantimentos e munições; para isto se fazer ordena que as caravelas da armada que estavam em Alcácer vão juntar-se a Luís de Loureiro. — Manda igualmente que os carpinteiros que estavam em Alcácer, e já não eram necessários ali, vão também reunir-se a Luís de Loureiro, que os levará a Arzila, onde havia necessidade dêles, para obras que aí iam fazer-se.

Dom Afonso sobrinho amiguo. Eu el rrey vos emvio muito saudar como aquele que amo. Polas novas que tenho do xarife aver de vir [sobre] a vila d Arzila e a cidade de Tanger mando Luis de Loureiro ao Porto de Santa Maria pera d ahy ir per si mesmo [com grande diligencia] prover cada huum dos ditos luguares [de gente] mantimentos e munições e quaesquer outras cousas que pera provimento deles for necesario porque eu [ey por meu serviço] que as caravelas d armada que [estam nese porto do Seinal] tirando a de Cepta que [ey] por bem que [ahy nele] fique

pera o que comprir a meu serviço se aiuntem com o dito Lujs de Loureiro no dito Porto de Santa Maria pera com elas [prover] os ditos luguares mandarejs de minha parte aos cappitães delas que loguo com muita diligencia se vão ao dito porto e fação o que lhe o dito Luis de Loureiro de minha parte mandar e asy lhe mandarejs loguo dous bragantyns a saber o de Gaspar Fernandez e outro bem esquipados e paguos do que vos parecer que se lhe deve dar por seu trabalho porque lhe serão muito necesarios pera algũas cousas de meu serviço.

E porque vos me escrevestes que poderião ja mandar vir os carpenteiros da rribeira que laa estão os mandarejs asy mesmo ao dito Lujs de Loureiro com muita brevidade porque pera algũas obras que lhe mando fazer em Arzila tera deles muita necesidade. Dioguo da Silva a fez em Lixboa aos xxix dias de junho de 1549.

O que vai entre parêntesis quadrado é de punho diferente que emenda na entrelinha ou à margem.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 17 r.

LXXXIX

29 DE JUNHO DE 1549

Regimento que levou Luis de Loureiro quando foi a Andaluzia fazer gente de guerra para defesa dos lugares de África, a saber: que fôsse direito ao Porto de Santa Maria e aí e na sua comarca fizesse 2:800 soldados, arcabuzeiros e piqueiros, e dêles mandasse 400 arcabuzeiros para Tânger e 500 para Arzila, e os restantes para Ceuta, ainda que muitos dêstes se destinassem verdadeiramente a Alcácer, mas convinha guardar segrêdo disso; — que iam com êle alguns criados seus que poderiam servir de capitães, se lhe parecesse bem, e não bastando êles para isso podia tomar capitães e oficiais estrangeiros; — que cada capitania de gente não tivesse mais de 250 soldados; — que comprasse mantimentos para 6:560 homens, durante dois meses, assim repartidos: 4:000 soldados em Alcácer e mais 1:350 homens das obras, 400 soldados e 100 homens das obras em Tânger, 500 soldados e 200 servidores e oficiais em Arzila; — que esta gente recebesse o biscouto, farinha ou trigo que é de ordenança e tudo o mais que se lhe desse êle mandasse os preços aos oficiais, para lhe ser descontado nos soldos; — que a gente que se fizesse em Castela fôsse para Tânger e Arzila em navio fretado para isso, mas a que fôsse para Ceuta e Alcácer seguisse nas galés de Castela; — que a gente destinada a Alcácer levasse mantimentos para um mês só; — que comprasse logo piques e arcabuzes e os desse à gente em desconto de seus soldos; — que adquirisse a pólvora necessária para prover Alcácer e alguma para Tânger e Arzila; —

que logo que tivesse ordenado tudo e a gente se começasse a fazer fôsse a Ceuta e praticasse com D. Afonso de Noronha tudo o que lhe escreveu sôbre esta matéria de Alcácer e do forte do Seinal; — que feito isso voltasse ao Porto de Santa Maria para terminar o recrutamento da gente e seu provimento e mais cousas necessárias para se fazer o dito forte; — que logo que chegasse aí avisasse os capitães dos lugares de África como era mandado para as socorrer e prover do necessário; — que durante o tempo que estivesse em Andaluzia mandasse que houvesse em Alcácer, Tânger e Arzila um bergantim para por êle receber novas dêles e do xerife; — que como o forte do Seinal estivesse defensável, ou quando lhe parecesse milhor, pedisse ao capitão das galés de Castela que lhe enviasse uma para nela ir a Tânger a saber as suas necessidades; — que quando fôsse a Ceuta ou aos outros lugares de além deixasse pessoa capaz no seu cargo; — que os capitães dos navios da armada fizessem o que êle lhes ordenasse; — finalmente, que de tudo o que fizesse ou dissesse respeito ao para que ia devia avisar a Lisboa a D. Afonso de Portugal, vèdor da fazenda, e ao Algarve à pessoa que disso entendesse.

O que vos Luys de Loureiro meu adayl mor e do meu conselho fareys em Andaluzia onde vos mando pera d ahy partirdes os meus lugares d Africa pelas novas que tenho do xarife he o seguinte.

Primeiramente hyrvoseys na mor diligencia que poderdes direito ao Porto de Santa Maria e ahy e nos lugares de sua comarca e por derrador dele fareys logo dous mil e oitocemtos soldados a saber mil e oitocemtos arcabuzeiros e mil piqueiros dos quais enviareis logo quatrocemtos arcabuzeiros a Tangere providos de mantimentos e monições por tempo de dous meses e quinhemtos arcabuzeiros Arzila providos asy mesmo de mantimentos e monição por dous meses.

E os mil e novecemtos fareis em nome de Çeita posto que ajão de hir Alcacere e porque desta maneira se guardara milhor o segredo da obra que nele mamdo fazer como convosquo, pratiquey.

E desta soma de dous mil e oitoçemtos soldados abatereis os que o feitor Felipe Fialho tiver mamdado Alcacere Tamger e Arzila.

Item. Eu mando convosquo alguns omens meus criados destes mamdareis com os caregos e capitanias os que vos parecer poderdes escusar pera ho provimento dos lugares.

Item. Ey por bem que posais tomar capitãis e oficiais estramgeiros aqueles que forem necesarios.

Item. Quada capitanja sera de duzentos e cimquoenta soldados e não de mais e os oficiaes serão simgelos e entrarão no comto dos homens tiramdo os capitães.

Item. Asy como fordes fazemdo a dita gemte asy me avisareis da que achais e do tempo em que vos parecer que a podreis acabar de fazer.

Item. Provereis dos mantimentos necesarios pera seis mil e quinhentos e sesemta homens por tempo de dous meses segundo ordenamça e o que vay apontado no rrol que vos vay tiramdo carne por ser quaresma a saber Alcaçere quatro mil soldados e mil e tresemtos e cimquoenta homens das obras.

Tamgere quatrocemtos soldados e cem homens das obras.

Arzila quinhentos soldados e duzentos servidores e oficiais.

Item. A esta gemte toda se dara o biscouto e farinha ou trigo segundo ordenamça e das outras cousas que se lhe ouverem de dar mandareis aos oficiais a que pertemcer os preços e custos pera se lhe darem em desconto de seus soldos.

Item. Pera gente que em Castela ouverdes de fazer fareis logo prestes embarquação em que aja de hir e isto se não entendera senam pera a gente que ouver d ir a Tangere e Arzila porque pera a outra se fara fondamento de jr nas gales de Castela.

Item. Fares fundamento de toda a gente que for Alcacere jr logo provida de mantimentos pera hum soo mes e ficara provimento pera outro mes pera ho mamdardes se for neçesario aos cimquoenta homens que se ordenão pera Alcaçere.

Item. Comprareis logo piques e arcabuzes ou os dareis a gemte em descomto de seu soldo damdo lhe hum mes adiantado mais qual vos parecer milhor.

Item. Porque sera milhor aver se toda a polvora d Amdaluzia podemdo ser com a brevidade que compre provereis de toda a soma que vay no dito rrol pera Alcacere e de duzentos e cimquoenta quintais mais a saber cento a Tamgere e cemto e cimquoenta Arzila porque são enformado que tem agora menos polvora e não se achamdo em Amdaluzia me avisareis com diljgençia.

Item. Como tiverdes dada hordem a se comecar a fazer a gente e se prover dos mantimentos e cousas necesarias ireis logo a Ceita e falareis a dom Afomso ao qual mamdo que comvosquo pratique tudo o que em minha carta lhe escrevo sobre esta materja d Alcacere e do forte que no Seinal mando fazer que he comforme ao que comvosquo pratiquey e porque eu ho fiz tão largamente como sereis lembrado e ele ho a de comonicar convosquo me pareceo escusado falar vos aquy niso e em tudo me rremeto ao que escrevo ao dito dom Afomso do qual tambem sabereis ho que ey por meu serviço que se faça no caso que Noso Senhor defenda que o dito Seinal seia primeiro tomado pola gente do xarife.

Item. Como vos e dom Affonso pratiquardes todo este negocio vos tornareis ao Porto de Santa Marja acabar de dar hordem no fazer da

gente e no provimento della e provereis logo de todos os moniçōes de guerra e cousas neçesarias a se fazer o forte conforme ao dito rrol e com diligemcia m avisareis do que achardes e dos preços das cousas pera a mamdar prover domde milhor e com mais brevidade posa ser.

Item. Como agora cheguardes avisareis logo de vosa chegada a cada hum dos capitães dos meus lugares e como eu vos mando para os logo proverdes do necesarjo e ao diamte socorerdes a cada hum conforme a necesidade que tiver o que asy vos mamdo que façaes com a diligemcia que o caso rrequerer.

Item. Ordenareis emquanto estiverdes em Amdaluzia que aja em Alcacere Tangere e Arzila hum bargantim continuo pera por ele se saber novas da necesedade que tem e das cousas do xarife.

Item Como o forte que se ha de fazer no Seinal estiver defensavel ou quamdo vos parecer tempo pedireis ao capitão das gales de Castela que vos mamde dar hũa e jreis nela Arzila e Tamgere pera saberdes a maneira de questão e se devem prover.

Item. Quamdo fordes a Ceita ou a cada hum dos outros lugares ey por bem que deixeis em voso lugar hũa pesoa qual vos parecer mais meu serviço.

Item. Ey por bem que os capitães dos navjos do Estreito d armada fação o que lhe vos por meu serviço mamdardes e por este capitolo mando a cada hum deles que em tudo cumprão o que lhe vos de minha parte rrequererdes e mamdardes.

Item. De tudo o que fizerdes e de quaisquer outras cousas que soçederem que toquem ao fazer da gente e provimento dela e cousas necesarias ao fazer do forte avisareis a Lixboa a dom Afonso e ao Alguarve a foam que mamdo pera prover dela com as cousas necesarjas a esta obra.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 362.

Este documento é certamente do fim de junho, talvez de 29, porque no documento anterior faz-se referência a êle.

XC

30 DE JUNHO DE 1549

Carta de el-rei D. João III a Luís Coutinho, capitão das caravelas da armada que andava na costa do Algarve. — Ordena-lhe que mande a Luís de Loureiro ao Porto de Santa Maria as caravelas do seu comando, menos duas e a em que andava, para com elas êle fazer o que cumpria ao seu serviço.

Luis Coutinho etc. Pelas novas que tenho do xarife aver de vyr sobre a vila d Arzila e sobre a cidade de Tanjere mando Luys de Loureiro

adayl mor de meus rreynos ao Porto de Santa Maria pera d ahy hir per si mesmo com grande diligencia prover cada huum dos ditos lugares de gente mantimentos e munições e quaesquer outras cousas que pera provimento deles forem necesarias e porque eu ey por meu serviço que as caravelas d armada que trazeys convosco tirando duas delas e a em que vos andaes que sam tres se ajuntem com o dito Luis de Loureiro no dito Porto de Santa Maria pera com elas servir os ditos lugares na maneira que leva por meu rregimento vos mando que com muyta diligencia lhe mandeys logo as ditas caravelas fiquando vos com tres somente como digo a saber duas e a em que andais e aos capitães delas mandareys de minha parte que se vão ao dito porto e façam o que lhe o dito Luis de Loureiro mandar. Ao derradeiro do mes de junho de 1549.

Sobrescrito: Pera Luis Coutinho capitão das caravelas d armada que andão na costa do Algarve.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 13 r. Minuta.

XCI

30 DE JUNHO DE 1549

Carta de el-rei D. João III ao conde do Redondo, capitão de Arzila. — Diz-lhe que Luis de Loureiro lhe deve dar conta de certo negócio que muito importava ao seu serviço: pode crer inteiramente nele. [Tratava-se do despejo de Arzila].

Conde amigo. Eu el rrey etc. como aquele que amo. Depois de Luis de Loureiro ser de qua partido se ofereceo huum certo negocio de que me pareceo meu serviço mandar vos dar conta por ele ao qual mando que vola dee tanto que chegar a esa vila encomendo vos que lhe deys credito no que vos acerqua diso diser e averey por meu serviço cumprirdes todavia inteiramente o que por outra carta minha que vos ele dara vos mando que façaes acerqua de vosa embarquaçam e da condesa vosa molher e casa.

Pelo documento seguinte se vê que êste é do fim de junho de 1549.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 255. Minuta.

XCII

30 DE JUNHO DE 1549

Carta de el-rei D. João III aos fidalgos, cavaleiros e moradores de Arzila. — Faz-lhes saber que resolveu despejar a vila; agradece-lhes os serviços prestados até êsse momento e promete recompensa-los conforme os merecimentos de cada um. Dar-lhe hão grande satisfação continuando a serví-lo em Tânger; mas aqueles que quiserem antes vir para o reino podê-lo hão fazer e mandará um navio que os traga ao Algarve.

Fidalguos cavaleiros e moradores da vila d Arzilla etc. Por allgũuas causas de muito serviço de Noso Senhor e meu asentey de mandar alevantar esa villa e posto que eu o synta tanto como he rrezão são elas de tamta obriguação que não poso deixar de compryr com o que niso devo e podereis ser muy certos que dos serviços que me tendes feytos terey sempre muita lenbrança pera folgar de vos fazer merce conforme aos merecimentos dos serviços de cada huum e porque em todo tempo queria que tiveseys ocasyam de me servir e eu de vos fazer merce rreceberia muito contentamento que aqueles que nam tiveseys impedimento a me hyr servyr á cidade de Tangere onde o podereys bem fazer polo tempo que servyr me foseys na dita cidade e quando alguuns de vos o não quiseseys antes vir pera o rreyno tambem o podereys fazer e eu mando que se vos de a embarcação necesaria pera pasardes ao Allguarve e porque ao conde do Redondo escrevo que de minha parte vos fale em muito mais largamente a ele me remeto. Em Lixboa aos xxx dias de junho de 1549.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 6 r.-6 v. Minuta.

XCIII

30 DE JUNHO DE 1549

Lista dos fronteiros de Arzila ao tempo do seu despejo.

Fronteiros que servem comendas:
Dom Vasco Mazcarenhas.
Dom Luis de Meneses.
Dom Alvaro de Crasto.
Dom Alvaro da Costa.
Lopo Vaaz de Syqueira.

Lionarte Perez.
Dioguo Vaaz da Veiga.
Antonio de Saa.
Vicente d Almada.
Domingos de Mendanha.
Fernão de Lima.
Fernão de Mizquita.

Fronteiros:
Vasco da Sylveira.
Dom Felipe de Sousa.
Jeronimo Corte Real.
Dom Vasco d Almeida.
Luis de Guzmão.

Esta lista está metida dentro do documento seguinte.
Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 11 r.

XCIV

30 DE JUNHO DE 1549

Carta de el-rei D. João III a António de Sá, fronteiro em Arzila. — Diz-lhe que manda Luis de Loureiro a Arzila para fazer o despejo da vila, que é muito seu serviço; encomenda-lhe que em tudo faça como Luis de Loureiro lhe requerer. Ele leva por seu regimento que se embarque o ultimo, com os fronteiros e soldados, e assim espera dêle que fará; e pede-lhe que o queira ir servir em Tânger.

Antonio de Saa etc. Por algũuas causas de muyto serviço de Noso Senhor e meu asentey de mandar alevantar esa vila e porque eu mando ao conde do Redondo capitam e governador dela que logo se venha e que nam entenda no fazer desta obra pelo que toca a ele e por esta mesma rrezam o ey asy por meu servico envio Luis de Loureiro do meu conselho e adail mor de meus rreynos pera na dita obra me servir e a fazer na maneira que leva por meu rregimento e posto que eu tenha por muy certo que em toda cousa de meu serviço folgareys muyto de vos achar e me servir nelas quanto mais nesta que he da importancia que vedes vos emcomendo muyto e mando que no dito negocio e em todas as cousas que o dito Luis de Loureiro vos requerer de minha parte me sirvais e o ajudeys a me servir como eu de vos confio e porque ele leva por meu rregimento que se embarque por deradeiro com os fronteiros e soldados que nesa vila estam folgarey de o fazerdes asy ao dito tempo e

muyto vos encomendo que me queiraes hyr servir a cidade de Tangere onde pelo tempo que he me podereys muito servir avendo por muy certo que de asy o fazerdes volo agradecerey e terey em serviço. Em Lixboa ao derradeiro de junho de 1549.

As dos outros fronteiros como esta.

Biblioteca nacional e Lisboa, manuscrito 1758, fol. 10 r.-10 v. e 12 r. Minuta.

XCV

Carta de el-rei D. João III a D. Pedro de Meneses, capitão de Tânger. — Diz-lhe que resolveu despejar a vila de Arzila e mandar para Tânger os fronteiros e moradores dela; encomenda-lhe, pois, que os receba como bem poder ser e assente em rações os seus moradores, como se faz com os moradores da cidade. — Quanto aos clérigos da igreja da vila, manda que vão para a sé de Tânger, e os frades do mosteiro da Conceição para o mosteiro da mesma ordem na dita cidade. — Os cavalos que os moradores de Arzila não poderem embarcar consigo ou levar a Tânger, avaliem-se e passem-se por seus a essa cidade, para aí serem vendidos pelo preço da avaliação. — Os soldos da gente considerem-se vencidos e se não lhe merecerem confiança que Luís de Loureiro o informe sôbre isso.

Dom Pedro de Meneses etc. Por algũuas causas de muyto serviço de Noso Senhor e meu asentey de mandar alevantar a vila d Arzila e por me parecer bem mandar logo vyr o conde do Redondo capitão e governador dela enviey Luis de Loureiro do meu conselho e adail mor de meus rreynos pela muita confiança que dele tenho pera fazer a dita obra e me servir nela e porque eu queria que neste tempo esa cidade estivese bem provida de gente que a defenda ouve por meu serviço mandar a ela os fronteiros que estam em Arzila e asy os moradores da dita vila que nam tiverem alguum impidimento a me hyr servir nela pelo que vos encomendo muito e mando que aos ditos fronteiros e moradores e molheres e filhos dos ditos moradores mandeys agasalhar nesa cidade como bem poder ser e ey por bem que mandeys asentar em rreçõis os ditos moradores segundo as calidades de cada huum e na maneira em que se faz com os moradores desa cidade e nas cousas que lhe tocarem e forem justas e onestas folgarey de lhe fazerdes todo bom tratamento e asy vos encomendo muito que o façais aos clerigos da igreja da dita vila que ey por bem e mando que se vam pera a see desa cidade e asy aos frades que tambem quero que se vão pera o moesteiro dela que he de sua ordem porque por serem clerigos e rreligiosos he rrezam que sejam bem tratados e agasalhados e favorecidos no que eu rreceberey de vos muito con-

tentamento e volo agradecerey muito e porque eu mando a Luys de Loureiro em seu rregimento que os cavalos que os moradores d Arzila nam poderem embarcar consigo ou pasar a Tangere se avaliem e se pasem por meus a dita cidade em tal caso ey por bem que vos os deys aos moradores da dita cidade polo preço da avaliaçam de que vos mandara certidam o dito Luis de Loureiro como leva por seu rregimento em seus soldos tende os vencidos e quando nam fiardes sobre os ditos soldos como mais largamente mando ao dito Luis de Loureiro que no tal tempo volo escreva de minha parte encomendo vos e mando vos que asy o façais porque o ey asy por muyto meu serviço. Em Lixboa aos xxx dias de junho de 1549.

Sobrescrito: Pera dom Pedro de Meneses capitão de Tangere.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 15 r.-16 r. Minuta.

XCVI

30 DE JUNIO DE 1549

Carta de el-rei D. João III a Estêvão Gago, seu embaixador em Castela. — Manda Luis de Loureiro a Andaluzia para prover de gente e mantimentos os lugares de Africa; deve, pois, pedir a el-rei de Boémia que lhe passe nova provisão para recrutar 5:000 homens para defesa dos ditos lugares e comprar 6:000 cafizes de trigo para seu abastecimento.

Estevão Gago etc. Pelas novas que tenho do Xerife e polo que se diz de aver de vyr sobre alguuns de meus lugares compre a segurança deles e a meu serviço telos asy providos de gente mantimentos e muniçõis como se requere polo que torno outra vez a mandar Luis de Loureiro adayl mor de meus rreynos a Andaluzia pera d ahy prover com muyta diligencia os ditos lugares e porque as provisõis que el rrey e a rainha de Bohemia os dias pasados mandara pasar pera se poder fazer em Andaluzia gentes e tirar mantimentos são compridas no socorro e provimentos que entam se fizeram aos ditos lugares convem novas provisõis pera se agora fazer a gente e tirar os mantimentos com que os mando prover tanto que esta vos for dada dareys a el rrey e a rrainha as cartas que por vos mando e lhe dareys conta do que acima digo e pedirlheseys de minha parte que por me fazerem muy singular prazer queiram mandar pasar suas provisõis pera se em Andaluzia poder fazer cinco myl homens que sam necesarios pera defensa dos ditos lugares e conceder sacas de seys mil cafizes de trigo pera provimento deles que nom menos

e ainda com o que destes rreynos lhe ha de hyr se nam poderam bem prover e que isto compre ser feito com tanta diligencia como o tempo rrequere polo que lhes peço muito que com ela mesma queiram mandar que se faça como o deles espero e as provisõis mandareys logo em diligencia ao meu feitor em Andaluzia e a mym enviares os trelados delas. Em Lixboa ao derradeiro dia do mes de junho de 1549.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 23 r.-24 r. Minuta.

XCVII

2 DE AGOSTO DE 1549

Carta de el-rei D. João III a Luís de Loureiro. — Mandara-lhe que sobrestivesse no despejo de Arzila, com receio da armada de Orgut Arrais; como, porêm, êsses receios parecem infundados, ordena-lhe que cumpra a ordem que primeiro lhe dera,

Luys de Loureiro amigo. Por hũua carta que vos escrevy a xxbj do mes pasado vos mandava que sendo certas as novas que me escrevestes dos bij navyos que sairam d Almarça apos o caravelam de Cepta e as mais que se deziam d armada de Orgut Arraiz sobrestiveseys na obra d Arzila que vos tenho mandado fazer e porem que se das ditas novas nam tiveseys certeza e os ditos navios fosem ydos do Estreito que todavia a fizeseys como vos tinha mandado e porque depois destas cartas ate agora as ditas novas nam dobraram mais antes parece que as que se diziam d armada de Orgut Arraiz nam sam certas e que os bij navios sam idos do Estreito pois nam foram mais vistos nele ey por bem e vos mando que nam avendo novas nem d armada de Orgut Arraiz nem dos ditos bij navios que impidam entenderdes na dita obra que com muyta diligencia a vades fazer estando prestes das cousas necesarias pera yso porque polo tempo ser tam breve como vedes compre muyto a meu serviço apresardes vos niso quando poderdes. Em Lixboa aos ij dias do mes de agosto de 1549.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 1. Minuta.

XCVIII

AGOSTO DE 1549

Carta de el-rei D. João III a D. Pedro Mascarenhas, encarregado de inquirir do estado das obras militares mandadas fazer em Tânger e no Seinal. — Se tiver novas certas que Orgut Arrais entrou no Estreito,

e Luís de Loureiro não houver ainda partido ao negócio de Arzila com os navios da armada, que em tal caso se ajunte com esta e faça o que já lhe escreveu que devia fazer, e lhe envie Miguel de Arruda com todos os papeis, apontamentos e informações sôbre as obras de Tánger e Seinal, e bem assim o seu parecer e o de D. João Mascarenhas, seu sobrinho, para com brevidade se poder determinar; se, porém, as novas da vinda de Orgut Arrais não forem verdadeiras e Luís de Loureiro tiver partido ao despejo de Arzila, então manda que êle e D. João venham logo ao reino, para conferenciar com êle.

Dom Pedro amiguo eu el rrey vos envjo muito saudar. Vy a carta que me escrevestes feita no Seinal a bj deste mes pela qual me fazeis saber como rrecebestes as que vos escrevy a xxbj e a xxbiij do pasado sobre as novas de Orgut Arraiz e o que açerqua desta materia pasastes com dom Bernaldino e assi o que vistes em Cepta e no Seinal conforme a voso rregimento. E porque poderia aconteçer dobrarem as novas do dito Orgut Arraiz e esperardes rreposta minha desta vossa carta e o que averia por meu serviço que em tal caso fizeseys posto que pelas que tendes rrecebidas esteys advertido do que fareys me pareçeo neçesario avisar vos disso pelo que ey por bem meu serviço que tendo vos novas çertas do dicto Orgut Arraiz ser entrado no Estreito e nam sendo partido Luis de Loureiro ao neguocio de Arzila com os navios d armada que são os que hão de ser comvosquo nesta jornada que em tal caso vos e dom Johão vos nam venhaes e vos ajunteys com a dicta armada com o dicto dom Bernaldino e façaes niso o que vos tenho escripto e porem isto se entenderaa sendo Orgut Arraiz entrado no Estreito como diguo porque como vos escrevy não ey por meu serviço hirdelo com a dicta armada buscar fora delle pelos jnconvenientes que se disso podem seguyr ha guarda e defensão dos meus luguares e enviarmeis loguo Miguel d Arruda com todos os papeis apontamentos e enformações do que tendes praticado e visto de Tangere e do Seinal e vosso parecer e o de dom Johão nisso muito particular por que não passe o tempo de me rresolver nestes luguares em que tanto compre a meu serviço tomar determinação com muita brevidade e sendo caso que as novas de Orgut Arraiz nam sejam çertas ou tendo se algũua nova dele aver d entrar o Estreyto ey por bem sendo jaa Luis de Loureiro partido ao neguocio d Arzila com a armada que vos e dom Joham venhaes loguo embora por terra ou por mar por honde vos pareçer que com mais brevidade podereys vyr a mim porque como Luis de Loureiro seja partido e tenha levado consiguo a dicta armada na qual vos ouvereys d yr e se aja d espalhar por diversas partes na neguoceação do a que foy me parece que não he d alguum efeito vossa estada laa e pelo que tendes passado con dom Bernaldino acerqua de vos averdes d ajuntar ambos contra o dito Orgut Arraiz me pareçe bem

antes de vos partirdes terdes com ele os comprimentos que vos pareçerem neçesarios pera ele tomar bem vossa vimda como he de crer que a tomara sendo as rrezões tam claras e comprindo ela tanto a meu serviço e poderlheys dizer que quando fose necesario ajuntar se a minha armada com as gualees pera rresistir ao dicto Orgut Arraiz e jrdes vos nela de quaa se poderia milhor fazer e ajnda a tempo conveniente ....

....

com o que me escrevajs do altar d Almarça rreceby contentamento e ao mais de vossa carta nam ha neçesidade de rreposta. Antonio Ferraz a fez em Lixboa a ... dias do mes de aguosto de 1549.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 238. Minuta.

XCIX

30 DE NOVEMBRO DE 1549

Carta do embaixador Lourenço Pires de Távora a el-rei D. João III. — Falou ao imperador no negócio de el-rei de Beles e despejo de Arzila, assim como na ajuda que sua alteza prometera a el-rei, se o imperador, de sua parte, se obrigasse a igual compromisso. Dúvidas do imperador e do duque de Alba e razão da demora na resposta, para tomar informação certa de Castela. — Toma a liberdade de pôr também certas dúvidas sôbre essa matéria. Aprecia, pois, as capitulações feitas com el-rei de Beles e acha-as inconsistentes e de propósitos difíceis de realizar, mesmo com o socorro e ajuda de portugueses e castelhanos. — Sôbre o negócio do Seinal, diz que foi um êrro ter-se dispendido tanto dinheiro no forte que se mandou fazer ali, para, afinal, se ter de deixar. Deu parte ao imperador de notícia tão desagradável, do melhor modo que pôde, mostrando-lhe que não havia nisso grande prejuízo, porque Ceuta de um lado e Tânger do outro bastavam à guarda do Estreito.

Posto que no negocio e concerto d el rrey de Velles em que me vossa alteza mandou falasse ao emperador, inda que eu nam tenha reposta me pareceo necessario despachar este correo para por elle escrever o que disso se poderia presentir, e assi dar conta a vosa alteza da que dei ao emperador e principe, da ultima determinaçam no Seinal e Alcacere, da maneira que por hũa carta do ultimo de outubro vossa alteza quiz que eu fizesse para com isso se nam perder tempo no que ouver por seu serviço e para começar no que me mandou primeiro, eu disse ao emperador pello milhor modo que o cazo deu lugar as rezoens por onde vosa alteza se movia a entregar Arzila a el rrey de Velles com os quinhentos soldados e artelharia, e sesenta de cavalo, e os principios por onde se veyo a estes

meyos, e os effeitos que desta negoceaçam seguiriam encarecendo os quanto pude com a simulaçam, e assi lhe disse que vossa alteza mandaria no principio do veram ate duas mil lanças a Tangere, para com este favor el rrey de Velles experimentar milhor seus amigos e fazer muito dano ao xarife, e porque me pareceo serviço de vossa alteza nam o obrigar da maneira que me escrevia e vi que no assento disto, tratei que isto se entendia pondo se de Castella outras mil lanças em Arzila tomando cuidado el rrey de Boemia do socorro do dito lugar cercando se, das quais cousas el rrey de Velles mostrava ter certa esperança, e que d outra maneira vossa alteza faria o que lhe mais cumprisse e lhe mandava dar conta disto para nisso mandar fazer o que visse ser necessario a Castella, e assi lhe disse logo o que me vossa alteza nestoutra derradeira escreveo pello qual folgo de ter dito que nisto nam pedia de sua parte nenhũa ajuda, posto que a tivesse por mui certa quando lhe cumprisse, somente lhe mandava pôr diante o que passava para elle escolher o que milhor lhe estivesse. Da pessoa deste mouro e calidades tratei tambem, e de quanta importancia seria ser elle bem tratado e favorecido dos christãos, em tudo pratiquei com o emperador, em tudo moveo as duvidas que geralmente na guerra tem quem a entende, e me perguntou que modo de guerra se faria com aquella gente de cavallo e quam longe aviam de entrar os de Tangere, e porque modo de terra, e o custo que fariam, avendo por grande a determinaçam de vossa alteza e por concluzam me disse que elle neste cazo nam podia tomar resoluçam sem cuidar nelle, e o praticaria no seu conselho e me responderia; tardou nisto muitos dias, parte pellas ocupaçoens que tem, e parte creo que por esperar de Castella recado certo dos pareceres em tudo isto, porque assi o entendi a 25 do prezente que lhe falei no do Seinal, e nesta materia de el rrey de Velles, a qual me tornou a dizer que tinha visto o que nella lhe tinham escrito de Castella, e por ocupaçoens nam tinha acabado de me responder, mas que o faria brevemente antes que partise, e assi se desculpou desta dilaçam, e de me nam ouvir mais cedo com dizer que para mim buscava sempre tempos em que tivesse muito vagar de me falar largamente, e que com os outros nam tinha esta conta, e com palavras a isto bastantes da mesma maneira que dito tenho. Dei naquelle tempo logo conta ao duque de Alva por mandado do emperador, o qual tambem fez muitas perguntas, e moveo muitas duvidas todas importantes no cazo; a todas satisfiz como me pareceo comprir, ao em que por final vossa alteza se quizer determinar.

O acima dito he passado no que se novamente moveo por respeito d el rrey de Velles, no qual negocio estou ainda tam suspenso e incerto no para que, ou porque se ordenou, que das causas serem mui claras para nam vir nestes concertos com Moley Boacum me parece aver nelles grandes respeitos e muito importantes a honra que eu como tenho escrito

noutra nam posso entender, nem querem que os entenda, e por isso me parece impertinente dar muitos inconvenientes certos no assento que se tomou com este mouro, comtudo porque na perda das palavras se aventura pouco parece rezam e cuido eu que sou obrigado por mil vias a dizer o que entendo no que se tratou por mim: a tençam me salve e vossa alteza por ella me julgue.

Diz Moley Boacum em suas capitulaçoens que se quer meter em Arzila com seus vassalos e amigos e parentes, os vassalos o deixaram quando era seu rrey, os amigos nam os ha em adversidades, nem elle os achou nas bonanças, os parentes sam poucos e do genero dos vassalos e amigos.

Quer soo, soldados sesenta de cavalo, artelharia suficiente e defensa daquella villa, artelheiros e servidores que o governem, se Arzila se avia de soster quasi igual despeza, e creo que menos faziam os cavaleiros que naquelle lugar estavam experimentados em perigos com bom capitam e com quem se criaram, milhor deveriam saber guardar os muros de suas casas, que soldados sem nenhũa experiencia de que se nam pode ter nenhũa confiança nem em suas mãos, nem em suas conciencias, como sofrerá esta gente os enoios da tardança do socorro, e como se cuida que lhes ha de socorrer Castella vendo que de pura obrigaçam, vossa alteza ha de valer aos seus naturais e a sua artelharia, porque ainda que a prometesse o conselho de Valhadolid (o que nam será) nem he de crer que fariam isto com o fervor que cumpre, pois elles nam podem nada e sabem que vossa alteza forçado de mil rezoens avia de socorrer.

Quer estar o dito rrey de Velles em Arzila. Se tiver consigo poucos mouros que fará? se tiver cento que nam espero que possam ser mais, como se averam com os christãos de odio das iniuras que receberem das porfias e descortesias quando mais nam aia, nam faltará quem entregue a villa aos inimigos, avendo concordia, o que he impossivel, como nam averá entre elles quem queira ganhar o paraiso de Mafamede, e muita merce do xarife com dar ordem como se lhe venda este lugar, em tudo se poderá ter muita vigilancia como crerei e visto da gente que ha de estar naquella villa, e que seia, de que funde este trabalho.

Quer este rrey cego de sua paixam cuidar ou dar a entender que com este favor de vossa alteza será parte para revolver o rreino de Fez e fazer muito dano no xarife, e que achará quem naquelle rreino siga sua opiniam e o venha buscar, quem nam conhecer mouros e os nam tiver tratados e praticados, poderseá enganar nas rezoens que alguns delles podem ter para se dezeiarem livres do jugo do xarife, mas como faram isto diversas pessoas e as que por ventura poderam menos quando hum só rrey e que podia tudo nam pode nem teve ordem de se valer, em sua destruiçam, nam tendo outro remedio, por meyo de christãos, sera causa Moley Boacum para os escandalizados comporem suas cousas muito a seu contento

com o xarife, e nam se pode crer de mouros, e tam sugeitos a seus santos, outro nenhum: sim tambem creo que d aqui nacera a concordia entre o xarife e el rrey de Velles, digo isto porque quasi advinho as pessoas em que em Fez este rrey pode ter suas esperanças, conheço as, e tratei as, conheço e tratei a Moley Boacum.

Assi que provados os antecedentes, ou este mouro por nam achar o favor e aiuda que daquella terra espera, e vossa alteza estando nos mesmos inconvenientes e despezas por onde se movia deixar Arzila de por força se averá de soltar outra vez, e parecerá que foram duas, ou se se quizer soster, em tal defensa se perderá hũa sendo ia solta outra, e desta maneira se rodeou muito por atalhar ao escrupulo com que se mandava levantar, se se sostever el rrey de Velles o faz porque este he o mundo, se a tomarem os portuguezes a perderam, mostra se nesta nova determinaçam parecer que ha falencia no que se tem dito, e estava muito crido nos inconvenientes que avia por todas as partes para se este lugar nam soster aventurou se ter se tudo o que se mais disser, por desta calidade, de qualquer sucesso como nam for o que este mouro queria, fica Castella desobrigada delle e vossa alteza com obrigaçam de soster em sua vida.

Diz vossa alteza na sua carta de 22 de setembro que para mais favor das cousas deste mouro lhe offereceo duas mil lanças postas em Tangere, isto he tambem gram segredo para mim, porque nam veio que nojo se possa fazer ao xarife de Tangere com que o forcem a deixar Fez. esta gente ate os muros de Alcacere no campo nam tem em que empecer, na terra que he perto nam pode, para entrar mais longe ha de ser de por força sentida, perderseá muito em qualquer dano que lhe fizerem, custará tanto a experiencia que com tamanha despeza se quer fazer e fundirá tam pouco que se vossa alteza tem a tençam a esta guerra de Africa, e está em tempo para o poder cometer pello tam groço, o bom seria tratar se della como deve, e fazer os principios muito junto do fim e desta maneira será o gasto menos, e a empreza tam honrada e proveitosa como se espera, tudo o al he de pouco effeito, e praza a Deos nam pareça mais suprimento que deliberada determinaçam, para nam ser o hum, e poder ser o outro ha muitas rezoens das quais vossa alteza escolherá as mais necessarias e Nosso Senhor lhe abrirá em tudo as carreiras de seu serviço, e quanto ao d el rrey de Velles basta me o dito, e o que de tudo se pode entender vossa alteza em qualquer determinaçam que tomar na concluzam do assento deste rrey pode fazer conta de com sua fazenda soster e levar avante tudo, porque ao que entendo no que tenho praticado nisto de Castella nam ajudaram nada.

Resta tratar no que he passado no negocio de Alcacere Ceguer, e pois nelle nam ha ia remedio, e manda vossa alteza effectuar a determinaçam que me escreve, muito he para espantar, e para doer força de tam perto,

vista de preposito tantas vezes, nam serem entendidos os inconvenientes que naquelle sitio ha, senam depois de feita hũa pequena forsa e inexpugnavel a mouros, que era o que cumpria naquelle lugar, e como eu escrevo no começo destes negocios para a qual bastava esse abrigo que tem de porto e agoa de hũa cisterna, tudo isto fora facil a fazer com a despeza que digo, ganha se nisso nam deixar iuntamente dous lugares e ficar este tam perto de Castella quando nam ouvera outras rezoens que inda creo que apareceram depois de alevantado naquella fronteira, só este lugar nam tenho visto, e por isso digo o que sospeito, ou por ser esta obra que digo feita ou por se nam ter começada se forrava tambem o que sobre isso se tem dito ao emperador e dado a entender ao mundo por vender a todos o soster deste lugar pella mor importancia que em Castella avia, e assi o ter feito claro nam tam somente por rezoens mas ainda por debuxos, e se escuzara a historia que se fez da posse que se tomou do Seinal ganhado como que fora cada palmo a custa de mil vidas, todas estas cousas estiveram bem por fazer, ou hũa pequena fortaleza feita; fiz o que me vossa alteza mandou, que foi para minha condiçam o mais duro trance em que me vi; dei conta ao emperador pellas milhores palavras e mais apartadas de contradiçam que pude, disse lhe a dificuldade da entrada do rrio, o remedio para atupir o fundo o mar avesso do porto que avia de ficar em principal, e do pouco remedio para defender o outro de mais longe a falta de agoa no sitio do Seinal, e que tiradas estas cousas nam avia para que soster Alcacere, pois pella vizinhança a elle Septa e Tangere ficavam fazendo a guarda de qualquer barco de ladroens que se ali acolhesem, e assi ficavam na mais principal e propria defensa do estreito, isto lhe mostrei figurando lhos na meza, e dizendo a distancia de hum para o outro, e assi computando o mesmo que lhe eu tinha de Alcacere dito, e mostrando que me corria do engano em que atequi estivera, e do que disso tinha praticado com palavras deste jaez a exemplo de outras couzas, recebeo o emperador este negocio de modo que creo que ficou satisfeito do que para a necessidade desta nova mudança lhe disse, e eu tambem o fiquei de ter passado desta maneira este termo, depois de tratado neste negocio e dos enleyos delle, me respondeo o emperador que elle confiava vossa alteza fazia todas suas cousas com tanta consideraçam que a despeza feita desnecessariamente seria das causas que eu lhe dizia, e que assi para agora o fazer ao contrario pois tinha rezoens, elle nam tinha que dizer nam tendo outra informaçam e sendo necessarias para julgar ou dar parecer muitas e muito verdadeiras, e que ao parecer de vossa alteza se remetia.

Ao principe dei conta de todas estas materias por esta mesma maneira, mostrou folgar ter se este respeito com elle rezumio se que tudo o que vossa alteza ordenasse nam podia deixar de parecer a elle muito bem.

Pera me mais satisfazer he necessario, nam tam somente dizer o que se souber mas inda o que suspeitar, ficou me por escrever que a cauza da tardança na reposta do que se pratica de el rrey de Velles me parece ser por nesse tempo vossa alteza começar a por em efeito o capitulado com o dito rrey para depois de vossa alteza posto nesta obrigaçam e elles fora da deste mouro responderem que visto o que entam deram nam estam em tempo de se ocuparem nesse negocio, bem podera ser de outra maneira, mas isto he o que agora imaginei destas dilaçoens, o emperador estando tam perto da partida como tenho escrito se declarou estando para cerrar esta que nam partiria senam depois do Natal pello qual em nenhũa couza desta calidade pode aver certesa.

Alvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, p. 51-55.

A data desta carta, dirigida de Bruxelas a el-rei pelo seu embaixador, Lourenço Pires de Távora, é indicada à margem do texto impresso, p. 51. O texto não é sempre claro, nem correcto.

C

1549

Carta de el-rei D. João III a Luís de Loureiro. — Louva o seu procedimento com D. Pedro Mascarenhas no negócio de Arzila e ordena-lhe que, com toda a brevidade, o vá cumprir, como tinha em seu regimento. — Como el-rei de Beles lhe pediu a vila de Arzila, porque a quer soster com a sua família e amigos, manda-lhe que, por agora, só se embarquem as mulheres, crianças e mais moradores, e êle, os soldados e os fronteiros esperem nela nova ordem. Deve guardar segredo sôbre o pedido de el-rei de Beles. — Escreve a D. Pedro Mascarenhas que, no caso de estas negociações com el-rei não chegarem a bom termo, lho faça saber a êle, para, conforme as suas instruções, levantar logo de todo Arzila.

Luys de Loureiro amiguo. Vy a carta que me escrevestes feita a xj deste mes em que me dais conta do que pasastes com dom Pedro Mazcarenhas sobre nam deverdes de partir pera Arzila e as causas e rezõis que lhe destes pera o nam deverdes de fazer e como por derradeiro por todos asentardes ser asy meu serviço nam partistes e esperaveys outro meu rrecado eu o ouve por muyto bem feyto e vos agradeço muyto fazerdelo asy e niso e em tal tempo hirdes a Arzila a dar ordem a o pasar dos cavalos pera Tangere me ey por bem servido de vos e porque todavia ey por bem que o dito dom Pedro com os navios d armada que ahy estam e com hũua nao que lhe de qua mando e com outros mais navios

armados que lhe enviarey sendo necesarios se ajunte com dom Bernaldino e estê ambos em Jibaltar esperando as novas que de Orgut Arraiz vierem e averia por muyto meu serviço aver qua e com os mais navios que vos ficam de que avera abastança segue o rrol que deles me enviastes e com alguum ou alguuns d armada que escrevo a dom Pedro que vos deixe pera hir convosquo yrdes fazer a obra d Arzila antes de se gastar mais tempo vos encomendo muyto e mando que com toda brevidade vos partais e a vades fazer e porque el rrey de Belez me mandou dizer por via de dom Pedro que lhe alargase a dita vila d Arzila que a queria soster com sua familia e amigos da qual cousa posto que pareça feia pola maneira de que a comete se podem seguir efeituando se grandes meus serviços a primeira cousa que fareys em Arzila sera despejardela logo das molheres e meninos e depois dos moradores e asy das munições conforme a voso rregimento e no embarquardes vos por deradeiro com os soldados e fronteiros como no dito rregimento he conteudo sobrestareys e com eles estareys na dita vila ate verdes outro meu rrecado o qual vos mandarey do que façaes tanto que me vier rreposta d el rrey de Belez do que agora lhe mando dizer polo dito dom Pedro e saber particularmente os fundamentos que nisto tem e como podera soster Arzila e parece que enquanto vos ocupais nas primeiras embarcaçõis.......... meu rrecado ao tempo em que podera ser a deradeira embarcaçam e nisto d el rrey de Belez tereys segredo porque nam he bem que se saiba ante tempo. E ao conde do Redondo dareys esta carta minha que he de credito pera vos e darlheys conta deste negocio d el rrev de Belez e o dito conde e a condesa sua molher se embarcarão ao tempo que lhe mando que o faça pola carta que pera ele levastes.

E porque eu escrevo a Dom Pedro que sendo caso que lhe pareça que esta neguoceação d el rrey de Belez não avera efeito se venha e vos avise diso com muyta delligencia pera acabardes d alevantar a dita villa de tudo como vos for dado este rrecado ey por bem e vos mando que alevanteys a dita villa de tudo conforme a voso rregimento.

Eu escrevo a Luis Coutinho que com os navyos da sua armada vos vaa buscar e seja em vosa companhia nesta obra d Arzila e portanto ficarão a dom Pedro todos os navyos d armada que estão convosquo e levareys em vosa companhia allguum delles.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 251 r.-252 v. Minuta.

CI

1549

Carta de el-rei D. João III a Luís de Loureiro. — Noutra carta disera-lhe que mandara a Luís Coutinho que com os navios da armada se juntasse a êle, para cumprimento do negócio de Arzila, mas, pensando melhor, escreveu a D. Pedro Mascarenhas que dos navios da sua armada deixasse alguns a êle e a Luís Coutinho que se reunisse a D. Pedro.

Luys de Loureiro amigo etc. Em outra carta vos digo como escrevo a Luis Coutinho que com os navios de sua armada se ajunte convosquo e vaa em vosa companhia ao negocio a que vos mando a Arzila. Depois de ter a carta asinada me pareceo mais meu serviço screver a dom Pedro Mazcarenhas que dos navios d armada que ahy estam e que ouveram de yr convosquo vos deixe alguuns e a Luys Coutinho mando que com os de sua armada se vaa pera dom Pedro e se ajunte com ele pera o efeito que ha de fazer pareceo me bem avisar vos do que nisto per deradeiro asentey pera vos governardes conforme a iso.

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 1758, fol. 213 r. Minuta.

CII

1549

Carta do capitão João de Loaisa a el-rei D. João III. — Diz-lhe que o despejo de Arzila será muito danoso a Portugal e Castela, pelas razões que dá a seguir: toda a costa até ao cabo das Aguias, situado entre Tânger e o cabo de Espartel, será ocupada pelos mouros, que se moverão livremente nela; — a navegação do Estreito ficará livre para o Algarve, e obrigará os cristãos a ter aí guarnição; — igualmente obrigará a ter naquelas paragens uma dúzia de navios; — finalmente, a falta de porto em Arzila não é razão conveniente, porque, há perto de dois anos, êle traçou e deu a planta de um porto debaixo do baluarte de S. Francisco.

Muy alto e muy poderoso señor. Diz el capitan Johan de Loaisa que estos quapitullos da a vuestra alteza los quoalles aprova quon Johão Quoelho alquayde mayor de Çeyta e quon Amtonio Quarvalho bombardeyro que estava em Arçyllia e quon Pero Pallo turquo que sohya ser y

quon Joham Amtam que sobya ser i y estos son ombres que sabem toda la costa y am amdado quosarios en ella quomo yo en el tiempo que amduve em las galeras de Jom Alvaro de Basam y som gramdes marineros y deram la verdat a vuestra alteza dello que yo decraro por estos mys apomtamemtos quomo yo soy ombre de gerra: y so obligado a mi rey y señor quomo vuesa alteza lo es para desquargo de my quonçiemçia digo lo que siemto que es lo que se sige.

Digo que sy vuestra alteza es servido de despejar Arzylla que viene mucho danho dello a Portugal y a Castilla en esta manera.

Primeramemte a de ser poblado el rio de Tagadarte que esta a dos legoas da bamda de Tamjere e hum quastillo que esta apegado quon el quabo d Espartel jumto quon huna almadrava adomde se pesquam muchos atunes al tiempo: y esto esta apegado quon el quabo y esto a de ser poblado luego de moros y el cabo d Espartel sera suyo ahum que pese a llos cristianos y siempre los moros temdran navios de remos en esta almadrava: y ahum que los cristianos temgam toda la puysamça que se pueda tener de navios de remos no podran perder os moros mais dos quasquos digo os navios que ay tiveren: y hum quastilho que se llama dellas agillas digo que tambien a de ser poblado y este esta en el estrecho a saber emtre Tamjere y el cabo d Espartel.

Item. El almadrava de Barbate y de Conill y de Samte Petre y barquos de pesquar y toda la hotra navegaçiom menuda no se podra navegar que los moros no sean señores de todo y el quabo de Plata y la ylha de Tarifa a de ser agora suya en la quoal otros tiempos amdavan a esquondidas syemdo Arzylla de cristãos y quon tener la goarida çerqua que es quabo d Espartel e todo lo de mas ser suyo y es nesesario tener armada gruesa de galleras porque siempre am de tener a llos moros delamte quon el remo en la mano y esto a se de emtemder quon poqua costa que ellos ... y vuestra alteza a menester mas costa dos veses que quostava Arzylla quoamdo ... e Tamjer a de ter gram quemta quonsigo en la navegaçion de lla mar porque todo le a de depender del quabo d Espartel y asim mesmo a de ser poblado de moros y esta poblaçion a de ser por tener aquojyda para suos navios de remo ahum que pese a los que estuvieren em Tamjere y esto a ser de emtemder que ordinariamemte am de tener çerquada a Tamjere y es gramde favor para ellos tener ellos esta aquojyda para suos navios y mas emboquamdo en el estreyto quon vemto sul o quon poniemte os quoais tempos som danosos y quontrarios pera a quosta d Arzilla y es bueno para los moros tener la aquojyda em Tamjer el viejo y asim tambien pueden los moros quon levamte sallir de Tamjer el viejo y emtrar en el quabo d Espartel y esta navegaçiom es em popa.

Item. A navegação para o Algarve partimdo os moros de Arzilla o de Larache e navegar muyto a seu salvo e seu plazer porque tienen las

quostas seguras e de nesesidat vuestra alteza a de ter goarniçiom en los Algarves asy quon galleras por la mar quomo por jente por la tierra: y olhe vuestra alteza que del quabo d Espartel a Larache ay des legoas y sy os moros se viren apresados de los cristianos que salheren del Algarve pueden tomar el quabo d Espartel quon poniemte ho a Larache quon levamte.

Item. Se vuestra alteza mamda despejar a Arzilla a mester hũa duzia de galles pera asegurar todo esto y por esto mar ser grueso am de ser a saber la mitat de galysabras y seran quomo las que yso dom Alvaro de Basam em Bisquaya que san xaretadas y falquadas em sima de llos remos y la otra metade quomo las que trahe dom Bernaldino.

Item. Por falta de porto nam se pode despejar Arzilla porque a perto de dous anos que yo lle traçe puerto y llo debuxe debayxo do baluarte de Sam Françisquo en hunos bayxos que aly quebra o mar y emtra hũa quanal de agoa muy funda y las penhas que ally estam sam amtigamemte aly deytadas puedem se de aly tirar am se de fazer dous quoraças hũa a bamda de levamte y otra de poemte y hum muro a lla parte de abayxo do mar quon tres qubos quon toda a quonta que hem hobra ho meu debuyxo se vera escryto por letra portuguesa... ....

Sy vuestra alteza fuese servido azer algunas galeras podra se tener quemta quon Joham Quoelho alquayde mayor de Çeyta porque es ombre para eso y esto digollo polla boqua de dom Alvaro de Basam porque se llo ouvj nomiar muytas veses yo que lo quonosquo que se que hes muy bom marinhero pera governar galles y sabe a quonta que quon forçados y de boa voya s a de tener y hos aparelhos que a de tener para arrisar bien huna gallera y el dara quemta de todo a vuestra alteza.

Sobrescrito: Para elrey nuestro señor. Com siertos quaputulos de avisos e su...

Arquivo nacional, Cartas missivas sem data, maço 1.º, n.º 73.

CIII

1549

Carta de el-rei D. João III a Estêvão Gago, seu embaixador em Castela. — Sôbre o negócio de Arzila, el-rei de Beles mandou-lhe dizer de Málaga que ia visitar el-rei de Boémia e pedia que no entretanto ordenasse que Arzila fôsse entregue a um alcaide seu primo; todavia, como êste negócio depende da resposta que há de dar o imperador a êste respeito, respondeu-lhe que o não faria por agora, até vir a dita resposta. Sucedeu, porém, que quando esta sua carta lhe chegou às mãos já êle tinha partido para Charerte, donde escreveu nova carta em que insistia pela entrega da vila. Manda ao embaixador que lhe

mostre as primeiras cartas que sôbre a matéria lhe escreveu e lhe diga que nada se poderá fazer sobre Arzila emquanto não vier resposta do imperador. — Diz-lhe também que el-rei tenciona depois de ver el-rei de Boémia e o imperador vir vê-lo, mas se êle o quiser fazer sem ir ao imperador, deve o embaixador fazer todo o possível por dissuadi-lo disso.

Estevão Gago etc. Bem creo que tereys sabido o que tenho asentado com el rrey de Belez acerqua d Arzila e como pera o efeito desta materia o emperador meu irmão lhe ha de dar socorro quando comprir e mil lanças postas em Arzila no principio do verão que vem e porque ele estando em Malega me mandou dizer que queria hyr a el rrey de Bohemia e que entretanto mandase entregar Arzila a huum alcaide seu primo de que ele se confiava o qual mandava meter nela e asy o faria a seus filhos tanto que fosem livres como quer que o efeito deste negocio proceda principalmente do que o emperador niso ha de fazer de que se nam sabe ajnda agora certeza lhe escrevy que no que tocava Arzila e a yda de seu primo a ela me parecia que devia de sobrestar ate hyr rrecado do emperador com o qual eu me determinaria logo e mandaria por em obra o que a mym tocase e comprir em tudo o que com ele por minha parte estava asentado. Esta minha rreposta quando chegou era ele ja partido pera Chaverte e mandou me hũa carta em que me pedia que mandase rreceber em Arzila entretanto outro seu alcaide que se chama Xaeram ate virem seu primo e seus filhos e porque ajnda agora me parece necesario antes de nesta materia se fazer algũua cousa vyr primeiro rrecado do emperador lhe rrespondo com as cartas primeiras as quais vos mando com esta que lhe agora escrevo darlheys logo hũuas e as outras e dirlheys de minha parte que ate nam vyr rrecado do emperador me parece que se nam deve bolir connada e que como lhe vier me avise porque logo mandarey de minha parte comprir jnteiramente tudo o que com ele estaa asentado e do que vos rresponder me avisareys.

Item. Porque o dito rrey me escreve que falando a el rrey de Bohemia e vindo do emperador se comprir yr a ele me vira ver e falar se pela ventura souberdes que ele nam vay ao emperador e que quer logo vyr a mym procurareys quanto em vos for polo milhor modo que poderdes de o tirar diso dizendo lhe que em nenhũua cousa vos parece que deve bolir consigo ate lhe nam vyr rrecado do emperador.

No verso: Pera Estevão Gago sobre o negocio de Belez. 1549.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, v, *fol. 368-369. Minuta.*

CIV

Apontamentos de el-rei de Beles sôbre o negócio de Arzila, mandados a el-rei D. João III. — Segundo concerto feito com D. Pedro Mascarenhas, el-rei devia pedir socorro e ajuda ao príncipe de Boémia; êste, porém, mandou-o ao imperador e por isso não pôde ir a Arzila, mas enviou pessoa capaz a isso. — Mandou pedir a el-rei de Portugal 60:000 cruzados emprestados, dando para penhor seus filhos e, sendo preciso, seus sobrinhos e, logo que chegue a Mlilha, os filhos dos xeques seus partidários. — Fará concerto jurado de pazes por toda a sua vida e abrirá todos os seus portos ao comércio dos portugueses. — Se el-rei quiser algum lugar de África ou fazer fortaleza ao longo do mar êle dará lugar para isso. — Pagará páreas a el-rei e dobrá-las há se tomar o reino de Marrocos, e para isso mandará refens. — Pede a el-rei que interceda por êle junto do príncipe de Boémia e do imperador, e lhe valha na sua aflição, porque deseja muito que não entrem turcos no reino de Fez, donde será difícil deitá-los fora.

Diz el rrey de Beles que mande vosa alteza ver o comcerto que fez com dom Pedro Mascarenhas como se avya de ver com os prymcepes de Boemya pera lhe tambem pydyr ayuda e por esa rezão foy la e d ay o mandaram ao emperador por omde ele nam tem culpa em nam yr Arzyla e pera yr la mandou seu sobrynho Muley Mafamede e seu alcayde Xacarom ate sua vymda a qual dezeymdo ele de vyr nam pode ser mays breve.

Dyz mays que ele mandou pydyr a vosa alteza cecemta myll cruzados emprestados e que lhe deyxarya seus fylhos em arefes e que se nam abastar que fyquem seus sobrynhos e que chegamdo a Milylha mandara os mays fylhos de xeques que vosa alteza quyger e que ele nam a de dar sua fazemda sem ter o seu seguro e que ysto que pede e pera fazer muytos servysos a vosa alteza e asym com os dous myll de cavalo que pedya pera Tamgere porque lhe parece que em dous mezes acabarya seu neguocyo sem eles peryguarem que so o seu favor farya obedecerem todos os da tera.

Dyz mays que fara com vosa alteza comcerto yurado de pazes em toda sua vyda e abryra todos seus portos pera que posam vyr vemder tryguo cevada carnes e todos mantymentos e mercadoryas e cavalos ao reyno de vosa alteza e que pera ysto dara toda a segurydade que for neceçaryo.

Dyz mays que se vosa alteza quyger mandar povoar algum lugar d

Afriqua ou mandar fazer fortaleza ao lomguo do mar que ele se obryguara a dar lugar a yso com toda a mays ayuda que for neceçaryo.

Asym dyz que paguara paryas a vosa alteza como lhe bem parecerem de tryguo e cevada cav[a]los e lhos dobrara tomando o reyno de Marocos e pera yso mandara arefes de que vosa alteza seya comtemte porque lhe yura por toda sua ley que tamto dezeya cobrar ysto pera o syrvyr como por suas nececydades.

Dyz que vosa alteza lhe farya merce em mandar preguntar ao emperador e prymcepe como ele dyxe sempre que nam avya de fazer nem aceytar nada sem vysta de vosa alteza e seu mandado e ayuda.

Que asym pede a vosa alteza por amor de Deus que cuyde nisto e veya se pode remedear sua perdysam por omde nam emtrem turcos no reyno de Fez porque nam sabe se dezeyaram eles de o servyr como ele dezeya e que seram maos de deytar fora porque a tera e muyto pera yso e tem todo o neceçaryo que eles dezeyam a muytos anos.

No verso: Apontamentos d el rrey de Belez.

Arquivo nacional, Gaveta 20, maço 6, n.º 39.

CV

1549

Provisão passada pelo príncipe de Boémia ao provedor e pagador das armadas de Málaga para que seja autorizado Luís de Loureiro a recrutar até 4:000 soldados, como requereu el-rei de Portugal, para defesa dos lugares de África, em perigo por o xerife se ter assenhoreado do reino de Fez, e bem assim comprar os mantimentos e munições a êles necessários.

El rrey. Francisco Verdugo proveedor de nuestras armadas en Malaga y Diego de Cacalla pagador dellas el serenisimo rey de Portugal nos ha escrito que entendido que el xerife a tomado a Fez y que platica de yr sobre los lugares que tiene en Hafrica ha acordado de proveer aquellos de mas gemte y de artelleria y municiones y las otras cosas necesarias para su defemsa y seguridad pidiemdo nos diesemos licencia para que en estos reynos se hiziese cierto numero de gemte para ello y se proviesen de los bastenimientos necesarios y las municiones que fuesen menester y que ordenasemos que las galeras d España estuviesen lo mas cerqua de las dichas fronteras que ser pudiese asi para dalles callor como para pasar la dicha gemte como este hecha y ayudalles y acomodalles en las otras cosas que se ofrecieren para el socorro y sostenimjento delos dichos lugares pues asi mesmo conviene al bien destos rreynos y por la voluntad

que tenemos de conplazer en todo al dicho serenisimo rey como el deudo y amor que entre nos otros ay lo rrequiere y lo que conviene a todos que los dichos lugares se sostengan y provean de lo que para su seguridad fuere menester avemos dado nuestras cartas para que en estos reynos puedan hazer hasta quatro mill ynfantes que diz que para ello sera necesario y prover los bastenimientos y municiones y otras cosas que huviere menester Luys de Loureiro y las otras personas que en nombre del dicho serenisimo rey entendieren en ello a vos otros os encargamos y mandamos que por vuestra parte en lo que fuerdes rrequeridos por parte del dicho Luys de Loureiro y las otras personas que en ello entendieren de parte del dicho serenisimo rey ayudeis y favorezcais el efecto y cumplimiento de lo suso dicho y la provision y socorro de los dichos lugares todo lo que pudierdes como cosa que nos deseamos por lo que toca al dicho serenisimo rrey y que tamto que viene al bien destos reynos que en ello nos hareis plazer y serviço. De Valladolljde a primero de março 1549 años Maximiliano la princesa por mamdado de su magestad sus altezas en su nombre. Francisco de Ledesma.

Treslado de la provision para Francisco Verdugo.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 82, n.º 68.

CVI

26 DE JANEIRO DE 1550

Carta do infante D. Luis, irmão de el-rei D. João III a Lourenço Pires de Távora, embaixador na côrte de Carlos V. — Deseja esclarecer o seu espírito sôbre as cousas de África, porque, segundo viu nas suas cartas, algumas dúvidas existiam nele. O pensamento de el-rei, tanto que o xerife se fez senhor de Fez, foi fazer fortes os lugares que tem em África, e, como o mais em perigo parecia ser Alcacer, resolveu, por isso, deixá-lo, e, para o melhor poder fazer e segurar o seu rio, mandou construir o forte do Seinal, ao mesmo tempo que fortificara Tânger e Arzila. Depois de começadas as ditas obras, viu-se que a sua despeza era superior aos recursos do reino, e, por isso, tomou-se a resolução de deixar os lugares que pareceram menos defensáveis, e assim foi condenada a praça de Arzila. Sabendo el-rei de Beles do propósito de el-rei, nosso senhor, quis, por meio de D. Pedro Mascarenhas, obter dêle que lhe cedesse a vila de Arzila, porque via já descontentamento contra o xerife e queria guardá-la para dela o atacar. Pareceu a el-rei conveniente ajudá-lo nesta empresa e assim o comunicou ao imperador, como sabia, para que o socorresse também. Procurara-se dêste modo incomodar o xerife, mudando as despezas nas obras em despezas de socorro a el-rei de Beles; e, por isso, se deixaram

as obras do Seinal e se cuidou, sobretudo, das de Tânger, para poder resistir com as 2:000 lanças de socorro prometido contra o xerife. Não havia, pois, mistérios nestas mudanças e a sua desconfiança era sem razão.

Lourenço Pirez de Tavora amigo, el rrey meu senhor vos despacha este correyo em deligencia ao que vereis por suas cartas, e quanto a materia dellas nam tenho mais que vos dizer, e porque tenho por couza muito importante ter se das obras de el rrey meu senhor o conceito que dellas se deve ter, e que se entenda a consideraçam com que se fazem quis tomar este trabalho de vos escrever da minha mam algũas declarações das couzas de Africa que nam sofriam mam alhea, e pus me em fazelo assi porque segundo vi por vossas cartas offereceo se vos tantas contrariedades no discurso do que sua alteza tem ordenado que quazi parece vos correis de fallar nisso como em couzas variadas, e incertas, e a brevidade com que sua alteza despacha nam dá lugar a vos escrever sobre estas couzas como eu quizera: levareis em conta fazelo assi a trancos, e suprireis com o entendimento da sustancia o que falta nas palavras porque o tempo com ser breve as limita, e quem he breve nam pode deixar de ser escuro, e pera que hum pouco vos enclineis a que se podem fazer obras differentes que naçam do mesmo conselho, vos lembro que diz Sancto Augustinho por Deos, *Opera mutas, sed non mutas consilium,* e desta maneira o fez el rrey meu senhor neste negocio de Africa, cujo conselho, e determinaçam foi, tanto que o xarife se fez rrey de Fez rezistir lhe, e offendelo segundo a disposiçam em que este rreyno, e sua fazenda estam, e dessem lugar, e para este fim teve por principio necessario segurar suas fronteiras fazendo fortes os lugares que tem na costa de Africa, e porque o mais perigo de todos parecia ser Alcacere pello sitio delle ser indisposto para se fortificar sua alteza ordenou de o mandar deixar, e para o poder melhor fazer, e segurar aquelle rrio de que avia grandes informaçoens lhe pareceo que convinha mandar fazer o Seinal, e ajudou a isso o lembrar se que tem naquella parte a gente que era necessaria para o fazer, segurava por aquelle veram nam vir o xarife sobre alguns dos outros lugares em cuio socorro se nam podia escuzar grande despeza, mandou o sua alteza fazer assi tomou se o Seinal, fez se aquelle forte como pareceo aos ministros que ao tal tempo se nelle acharam, mandou sua alteza no mesmo tempo fortificar Arzilla, e Tangere assi como brevemente para aquelle veram se podiam reparar, e de se porem as mãos nestas obras, e ver o que nellas se gastava, e o mais que convinha que se gastasse para ficarem com as forças de sustançia entre os imigos como se deve estar, naceo ver se claramente que era muito mayor a soma da despeza do que o rreyno podia lançar de si ao prezente sem receber mayor dano do que podia receber sem deixar destes lugares

os que nam pudesse ter tam fortes como se devem ter contra enemigo poderozo e socorrer em todo tempo que os quizerem cercar, e porque em Arzilla se acharam estas calidades se deu contra ella sentença seguindo o necessario, e deixando a vontade que avia de a soster por outras boas calidades que ella tem, e que he magoa cuidar, e porque neste tempo se moveram muitas duvidas acerqua de Tangere, e teve contra si grandes opiniões, e assi começaram a dizer que o Seinal nam tinha agoa que cuidavam nem o porto de levante era para se fiar delle porque com industria lho poderiam tirar mandou sua alteza saber a verdade de tudo a D. Pedro Mazcarenhas, e D. Joam seu sobrinho que pella experiencia que tem de couzas desta calidade e doutras sam essas sufficientes para tudo o que se lhe encarregar, foram com elles Miguel da Arruda, Dioguo Teles, e outros mestres experimentados no mar, e nas couzas delle, viram tudo, e com D. Antonio, e D. Bernardino nas partes em que cada hum delles se achou approvaram Tangere como couza importantissima para a terra, e para o mar, e a menos traça que trouxeram de fortificaçam que nella se podia fazer para ao perpetuo eram mais de quinhentas braças de comprido afora cubos nas que se aviam de fazer cavas, e muralhas de novo do Seinal, affirmaram que o porto da banda do norte, nam era couza que porto se pudesse chamar posto que nelle bateis em algum tempo pudessem dezembarcar, e que o rio de Alcacere de que tanta conta se fazia parecia que lançando nelle a madeira que sahia das cazas e muralha do lugar que se aviam de derribar se taparia de maneira que gales nem outros navios grossos de remos em tempo algum nelle pudessem entrar.

Tendo sua alteza este avizo de D. Pedro teve tambem o recado de el rrey de Velles sobre Arzilla que vos sua alteza escreveo, e vendo o sua alteza e os avizos que tinha de quam mal os mouros comessavam a tomar o jugo do xarife, e como os alarves de parte de levante, e os senhores de Debedu, e aquellas partes se offereciam a el rrey de Velles, e que so dos imigos se pode crer o que lhe o elles cumpre, assentou que poderia ser de muito effeito ajudar el rrey de Velles no cazo, e com as condições que vos tem escrito porque tomando o emperador o cargo dos socorros de Arzilla, de favorecer el rrey de Velles com as mil lanças para sua guarda, sua alteza achava que fazia boa fazenda em converter o que necessariamente avia de gastar em pedra e cal, na fortificaçam de Tangere em duas mil lanças que com a industria, e modo que o tempo devia dar se poderiam ter nelle alguns annos, e parecia que com ellas, e com as mil do emperador se as puzesse em Arzilla os alcaydes de Larache e Alcacere, Tutuam, e Baraxa se levantariam contra o xarife, e se ajuntariam com el rrey de Velles, e seriam bastantes com o favor dos da outra parte a destruir o xarife, ou ao menos para o lançar de Fez para o que tambem se tinha muita esperança d aiudar nisto Molei Zidam filho do xarife velho

a que este tomou o rreino de Marrocos e outros muitos de sua valia segundo o que depois sucedeo no rreino de Fez e cada dia sucede entre o xarife e os proprios alcaides, eu me afirmo quanto se pode afirmar o que está por vir, que fora assi, esta determinaçam nam foi de fazer guerras novas em tempo que se deixa Arzila por se nam poder soster, mas era com a despeza que se ha de fazer em obras para segurar o que fica convertido em outra sustancia tentar se alem de segurar Tangere se podia fazer tanto mais como seria cortar as raizes ao imperio do xarife, o que agora com exercitos se pode malfazer pella disposiçam do tempo e a gente posta em Tangere como se praticava ha de ser a custa de todos porque todos aviamos de ter nella nossa parte e as despezas das fortifiçoens ham de ser todas a custa de sua alteza, assi que sem mudar o fim nem contradizer a possibilidade quando sua alteza ficasse com só Tangere e Septa (em que se nam fala) mas antes segundo o muito fundamento e principio desta materia de Africa sua alteza tratava nesta maneira de Tangere, e isto concorda as escrituras nam se segue que por falar em duas mil lanças em Tangere com as circunstancias com que se nisto falla se possa e deva soster Arzila e Tangere com as que tinham que eram menos por quanto montam nas obras e soldados e socorros que ham mister e mais he hũa despeza sem esperança que alegre, e estoutra trazia algũa ou muita consigo, a meu iuizo desta determinaçam das lanças de Tangere sendo o negocio d el rrey de Velles, e a informaçam de rrio, portos, e agoas do Seinal naceo falar sua alteza nelle como o fez por as cartas que vos escreveo, porque como o rrio era a importancia e motivo do Seinal achando se outro modo de o gastar e segurar que nunca veio sem consideraçam senam agora que falar tanto nelle e verenno tantas vezes, e homens tam praticos, o fez olhar com outros olhos, e escuzado parecia gastar na mesma pedra e cal que estava tambem ordenada como vistes pellos debuxos que vos mandei o que se viria muito mais em pedras vivas em Tangere para o effeito que acima disse, assi que as cousas foram atadas, e dependeram hũas das outras e se se mudaram os antecedentes, necessario era que os consequentes se mudassem, e porem o fim e fundamento nunca se mudou que foi fazer dentro nos lemites da possibilidade o que parecesse o que mais podesse segurar e aproveitar, e o mesmo se fará agora segundo o emperador responder, e nam cuideis que nisto ouve outros misterios nem cousa que deixasse de se comonicar senam se parecesse que nam faltava nas cartas que se vos escreveram, e porque segundo minha lembrança nisto que vos escrevo e com tam pouco tempo de eu cuidar, por quam acidentalmente parte este correo vam algũas cousas que alumiam esta materia e a fazem mais clara tomei este trabalho de volas escrever pello que vi, e vossas cartas em que enxerguei algũa desconfiança e pareceo me bem empregado este meu trabalho por vola curar, e porque nas praticas que se offerecem possais milhor explicar a

ordem deste processo para tirar as duvidas que recrecerem na materia porque escrevo esta carta na força dos despachos da India em que ha pouco tempo e pouca fantesia para examinar o que nella vos escrevo o fio de vos assi mal ordenado para vos aproveitardes de algũa cousa se nesta carta for para della lançar mam, e porque me a mim nam dane em algum tempo ainda que seia daqui a quinhentos anos ver se por ella que fallo em materia de tanta sustancia tam descompostamente vos rogo que depois de tomardes em vossa lembrança o que vos della parecer para isso ma torneis a mandar para romper. Ao emperador beijai as mãos por mim, e o visitai da minha parte e lhe dai essa carta que para elle vos mando, ao principe fazei o mesmo, e ao de Saboya dai minhas recommendaçoens, a boa companhia que la fizestes a Luiz Daranda e o favor e socorro que me escreveo que acha em vos vos agradeço muito e eu vos responderei a isto pello primeiro que for, a dom Luiz de Zuñiga o comendador mor dizei de minha parte que as agoas que correm dos seus olhos em Flandes trazem o mar oceano a Portugal e que me parece que ham de tornar as fontes donde sairam, *ut iterum fluant*. Porque a fortuna quer que as Belhanis seiam choradas eternamente, dizei a dom Luiz que pella brevidade com que este correo parte lhe nam escrevi.

Álvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, p. 55-58.

CVII

13 DE FEVEREIRO DE 1550

Carta de Lourenço Pires de Távora ao infante D. Luis. — Agradece-lhe a honra que lhe deu, escrevendo-lhe de sua mão. — No que disse a respeito de Alcácer e Arzila não houve senão o desejo de bem servir el-rei; e não acredita que os propósitos de el rei de Beles sôbre Arzila e Tânger sejam proveitosos para Portugal, porque se o xerife for vencido será substituido por outro mouro que será necessário combater, como êste.

Senhor. Por Manoel Lene recebi hũa carta de vossa alteza escrita por sua mam que cada palavra della montava mil cartas, se culpa minha ou falta de entendimento mereceo tam grandes merces como me poderei arrepender, ou como nam errarei assinte para aver emmendas tam honrosas; per duas causas veio que se vossa alteza moveo a me escrever daquella maneira, hũa para me mostrar que nas obras d el rrey nosso senhor nam ouve mudança de conselho, a outra para me tirar algũa desconfiança que em mim enxergou, prover vossa alteza ao desconcerto destas duas cousas he de tanta estima para mim que na merce disso satis-

farei bem a qualquer opiniam que por estes erros se de mim tiver, e posto que para tam grandes e desacostumadas merces nam pode aver iguais merecimentos, satisfaço me do que por isto devo com nam mas poder fazer tam grandes senam vossa alteza e porque aos tais principes somente com alma se pode merecer, pello que da minha conheço e dos seus dezeios afirmo que me deve todas as que me fizer. Ao que escrevi d Alcacere e de Arzila me moveo cuidar que sou obrigado a dizer o que entender nos casos que por mi se tratam, e que no contrario sirvo mal por muitas maneiras, entendi o assi, e assi entendo, e na tençam com que escrevo o que me parece está a desculpa quando errar: as causas que me vossa alteza escreve por onde el rrey nosso senhor se moveo a de todo desemparar Alcacere nam tenho que contrariar, queixo me de saber a verdade em cousa nam praticada depois de tanto custo por tantas maneiras, e tirado isto afirmo que foi dita ser aquelle rio de calidade que podesse escusar tanta despeza a respeito somente de o guardar, quererá Deos que ficará bem visto, e assi se deve esperar das pessoas que ultimamente o viram Das outras esperanças em Arzila e Tangere de el rrey de Velles, nam me posso persuadir, porventura pello nam entender, e pellas rezões que tenho escritas porque nunca poderei crer que mouros deste tempo e da nossa Africa em companhia de christãos procurem dano a outros mouros posto que muito imigos, se se tem agora outra experiencia a ella me remeto, posto que para isso o verei e será com duvida, bom era converter se a despeza de pedra e cal custosa e enfadonha, nestoutra que sua alteza tinha determinado. Se se lançar o xarife (Deos o sabe) mouro avia de ser o sucessor, e em seu proveito somente avia de redundar o trabalho daquella fronteira, e tornando a ficar os lugares nos mesmos inconvenientes da guerra, porque se o xarife he senhor de tudo pacifico e por isso he de arrecear, mal o poderá lançar do rreino el rrey de Velles, e se está em odio com os seus fica na mesma força, e porventura menos do que terá quem o tirar de Fez, e por esta rezam me parecem os perigos iguais, e os inconvenientes sempre huns, e por derradeiro sempre será necessario a fortificaçam de Tangere, a qual ser de tanto custo como os officiaes dizem, porventura será falta sua da pratica nestas cousas, e he de crer pois se em fazer só em cestões se gastou em Alcacere tanto dinheiro, custando a cidade de Genova que he a mayor praça que ha no mundo fortificada e mais forte e contra sua natureza e sitio somente quatrocentos mil cruzados, nam se pode crer que ser isto tanto ao contrario nas forças de sua alteza que será outra cousa senam culpa dos engenheiros, e em lugar que tem tam perto o socorro como Tangere, e barbaros por amigos se podem forrar muitas cousas; nam se espante vossa alteza ouzar tratar desta maneira onde me conhecem porque da theorica disto tenho ia algũa parte e muito estudo. Na pratica nam pode nunca ter ninguem o que para poder falar afouto cumpre, sobre todas

estas rezões as que me vossa alteza dá da tençam d el rrey nosso senhor em todas estas cousas passadas, sam de tanta consideraçam que fora muita dita telas eu sabidas antes para milhor aproveitar com ellas nas praticas que qua tive, mas ainda lhe acharei tempo, e afora a merce que me fez para minha honra isso me alumiou muito com o que me desta carta fica, e bem creo que se com estas rezões que nella vi servir bem el rrey nosso senhor se averá vossa alteza por satisfeito de enfadamento que esta ocupaçam de me escrever lhe daria. De minhas desconfianças nam ha ia que tratar, porque tal cura tira a dor, e a lembrança, nam posso ia adoecer senam do remedio ser tal que pode fazer mui grande alteraçam, e quanto a Africa nam devo falar mais se nam for para errar..........

A carta que me vossa alteza escreveo vai com esta porque mo mandou, e ate chegar a esta determinaçam tinha meu filho por assás bem herdado com morgado de tanta honra e merce e quem tudo isto tira a herdeiros tambem os não quererá para outra cousa senam para com elles juntamente empregar a honra e a vida com fazenda que tever em serviço de a quem tanto deve..

Nosso Senhor vida e real estado de vossa alteza guarde e acrecemte em seu serviço, de Brucelas 13 de fevereiro de 1550.

Alvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, p. 59-61.

CVIII

6 DE JUNHO DE 1550

Carta de el-rei D. João III a Lourenço Pires de Távora. — Por sua carta soube que el-rei de Beles tinha ido ver o imperador e fôra bem recebido dêle; defende-se de ter querido enganar aquele rei. — Manda-lhe que diga ao dito rei de Beles que, visto a resposta do imperador ao seu pedido de socorro, fica sem efeito o acôrdo feito com D. Pedro Mascarenhas e vai ordenar o despejo da vila de Arzila; mas, se de Tânger fôr possível servi-lo contra o xerife, pode contar com isso.

Lourenço Pirez de Tavora amigo, eu el rrey vos envio muito saudar, por hũa carta vossa escrita de Brucelas a dous do mez passado soube da chegada d el rrey de Velles a essa corte do emperador meu irmam, e o gazalhado e bom tratamento que delle recebeo, e o que passou com o dito rrey nas praticas que com elle teve, e assi o que vos passastes com o duque de Alva nas que tivestes com elle acerca desta materia das quais pella dita vossa carta me dais particular conta, e quanto ao que lá se escreveo que eu mandaria apontar meyos a el rrey de Velles que elle nam devesse de aceitar, nam foi tal, nem seria rezam cuidar se de quem nam dezeia senam meyos donde procedam destruiçam do xarife, e resti-

tituiçam d el rrey de Velles que por como se ouve em todo o sucesso de seus trabalhos e dos d el rrey de Fez de que elle era vassallo he rezam que se lhe dezeie assi, que quem esta opiniam tem delle nam lhe podia offerecer senam o que lhe parecesse que lhe viria milhor para seu remedio, e nam entretenimentos sem algum remedio, e vindo ao caso, eu neste negocio, nem em algum outro queria nunca culpar o emperador meu irmam mayormente se parecer que com o culpar a elle desculpo a mim se nisto posso ter culpa, e neste caso nem elle nem eu a temos, e portanto guardando este meu proposito que vos seguireis neste caso, e hey por bem que digais de minha parte a el rrey de Velles parecendo vos que o tempo e os termos em que lá estiver o negocio sofre esta reposta, que elle será lembrado do que com elle mandei tratar acerca de Arzila por dom Pedro Mascarenhas, a qual cousa eu me nam movi senam por mo elle mandar cometer, aprezentando me os meyos para isso, e pello dezeio que sempre tive e tenho de em seus trabalhos lhe poder dar algum remedio, o que tanto dezeio que quiz somente por isso fazer hũa tamanha despeza como foi soster Arzila como ategora esteve, tendo assentado de a mandar alevantar, e que vendo agora como ia deste veram se nam deve fazer conta para algum effeito e sabendo como me vos escreveis que elle tem sabido como o emperador meu irmam nam pode por agora entender nesta negoceaçam, nem ajudar para ella com o que elle esperava delle, por outros grandes negocios em que está posto, e que tanto convem ao bem da christandade e á segurança e conservaçam de seus estados, e lhe parece de pouco effeito e como nam sendo elle nisso segundo estava praticado a meu ver he de nenhum, e assi como a meu serviço convem antes acabar de deixar Arzila que tella como a nam devo de ter, assentei por todas estas rezões de a mandar logo alevantar de todo, que lhe faço a saber pello que acerca disso entre elle e mim he passado e que se a elle lhe parecer que de Tangere se poderá fazer algum effeito em proveito de suas cousas eu como quem lhe nellas dezeia todo bem e descanço folgarei de entender nisso na maneira que dever de ser e de o ajudar a favorecer em tudo, e que ia pode mui bem ser que seia isto muita parte para lhe sucederem suas cousas como elle dezeia, e dirlheeis que eu ordeno de ter de tal modo a cidade de Tangere que sinta o xarife que lhe nam faltam os imigos que elle pella ventura cuidará que tem menos com se Arzila alevantar, e que entretanto mostraram os tempos e as cousas mais conveniencia, e dará Nosso Senhor mas do emperador meu irmam mais sossego com que elle e eu possamos na destruiçam do xarife fazer o que dezeiamos e elle merece e que lhe rogo muito que se nam desconsole e crea que sempre em mim achará no que lhe cumprir e for rezam amigo verdadeiro.

Alvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, p. 61-62.

CIX

29 DE JUNHO DE 1550

Carta de el-rei D. João III a Lourenço Pires de Távora. — Diz-lhe que, se ainda fôr tempo, não refira ao imperador, nem a el-rei de Beles, o oferecimento que fizera no fim da sua última carta, a propósito de Tânger; mas, se já tiver falado nisso, que não peça resposta e se mostre indiferente a essa matéria, porque assim lhe parece mais seu serviço, depois que viu a sua carta.

Lourenço Pirez amigo, eu el rrey vos envio muito saudar: por [Manoel] Leite que daqui partio aos nove deste mez vos escrevy o que de minha parte dissesseis a el rrey de Velles sobre suas couzas, e assi ao emperador meu irmam, e ao principe de Castella meu filho e como verieis pella dita carta entre as couzas que da minha parte lhe avieis de dizer era que se a elle lhe parecesse que de Tangere se poderia fazer algum effeito em proveito de suas couzas, eu como quem lhe nellas dezeiava todo bem e descanço folgaria de entender nisso maneira que devesse de ser, e de o ajudar e favorecer em tudo, agora vendo a determinaçam que me escreveis por hũa carta vossa feita ao derradeiro de mayo que o emperador com elle tornou pareceo me meu serviço avizar vos que se cazo for que esta vos seia dada antes de falardes ao emperador e ao dito rrey que lhes nam toqueis couza algũa nesta parte de Tangere, nem ao principe meu filho, e somente lhes direis o mais que se contem na dita minha carta, e se porventura lho tiverdes ia dito nam curareis de pedir reposta acerqua deste ponto, antes trabalhareis quanto for em vos nam tratarem delle, mostrando vos nisso tam frio, que se possam descuidar de vos fallarem na materia. Muito vos encomendo que nella goardeis este modo porque por muitas rezões o ei agora assy por mais meu serviço, e avizarmeeis do que nisso se passar............................

Alvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, p. 65.

CX

1550

Trecho de uma carta do secretário de Estado, Pedro de Alcáçova Carneiro, a Lourenço Pires de Távora. — Diz-lhe que o negócio de Arzila está decidido: vista a resposta do imperador, el-rei a manda acabar de despejar. — Louva muito a carta do embaixador sôbre a matéria.

....

Nos negocios de Arzilla nam ha que falar. Sua alteza a manda acabar de levantar, visto a reposta do emperador, e cedo tera vossa merce recado disto para o dizer a el rrey de Velles, porque parece comprimento devido mas a obra nam esperará: sempre me pareceo que se avia assi de responder de lá a esta materia, certo que esses homens pretendem sizo em suas couzas. A vossa carta pareceo ca muito bem: finalmente senhor as vossas obras e tudo o maes he havido por como sam todas vossas couzas, medo ey que o fazerdelas todas tam bem, ainda que vos agora nam de trabalho que volo de pella vida adiante, porque raramente vensem muitas vidas hum homem tal como vossa merce. Perdoe a lizonjaria clara.

Alvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, p. 55.

CXI

1550

Trecho de uma carta de Lourenço Pires de Távora a el-rei D. João III. — Deu a el-rei de Beles o recado de sua alteza sobre o despejo de Arzila: foi com pezar que deixou a vila, mas o sustê-la tanto tempo mostrou-lhe o desejo que tinha de o servir. — El-rei confessou dever muito a sua alteza e ficara obrigado dos seus bons desejos. — Quanto ao oferecimento de Tânger, para dessa cidade favorecer el-rei, sendo necessário, não lhe falou nisso, com receio de que êle aceitasse e obrigasse a grandes despezas e cuidados.

....

Falley depois disto a el rrey de Belles, e lhe dei o recado de vossa alteza e lhe particularizei muito sentimento pello deixar de Arzilla e entam lhe tornei a declarar quanto mais era rezam terem gram merce a vossa

alteza o tempo que a sostivera com tanta despeza movido somente a compaixam delle e dezeioso de sua restetuiçam e por essa rezam sobrestivera todo este tempo em sua determinacam, e no que maes compria e que nam avia agora que mais esperar pois elle rrey nam estava em tempo nem os negocios do emperador nam sofriam para se effectuar a tençam com que se ategora sostivera tornou a espertar com isto e com outras rezões que me pareceram necessarias e confessou dever muito a vossa alteza e delle esperar a mor parte de sua restetuiçam, e que eu o consolara muito e me ficava muito obrigado por isso e que elle escreveria a vossa alteza. Nam tem mouros outras rezões nem sabem outros cumprimentos.

E quanto ao offerecimento para se valler de Tangere lhe nam falley, porque para comprimento o dito bastava, e receei lançar elle mam delle, hachar quem que lho aconselhasse para se dezapressarem delle e vossa alteza ficar com muito mor custo em Tangere e novas obrigaçoens e cuidados de nenhum effeito e quando nam pareçer o que digo assi e aparecerem outros proveitos sempre avera tempo e pouco trabalho para o persuadirem a isso.

Álvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appelido Tavora*, p. 63-64.

Este documento e o CX *são, como se vê do seu conteúdo, anteriores ao* CIX: *assim êle parece ser de 31 de maio, como se diz no* CIX. *Inserimo-los aqui por não conhecermos a data do mês; foi dêste modo que fizemos nos anos anteriores. Álvaro Pires de Tavora deu-lhes outra disposição, como mostra a sua paginação.*

CXII

[Antes de 20 DE MARÇO DE] 1551

Alvará de D. João III a favor de D. Francisco Coutinho, conde do Redondo: havendo respeito aos muitos serviços que êle fez na capitania de Arzila e na guerra dos mouros e à perda que recebeu com o despejo da vila, faz-lhe mercê de 300:000 reais de tença, em cada ano, ficando a dita tença, por seu falecimento, ao filho legítimo mais velho, e, se nessa data não tiver filho legitimo, mas tiver filha, que ela a herde e logre, em sua vida sómente.

Eu el rrey faço saber a quantos este meu alvara virem que eu tenho feyto merçe a dom Francisco Coutinho conde do Redondo do meu conselho de trezentos mill reais de temça em cada huum anno pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo tiver e ysto emquanto o eu nam melhorar na ordem de Noso Senhor Jesuu Christo por comenda ou comendas della de maneira que aja na dita hordem os ditos iij[c] reais mais

alem do que ora tem nella e avemdo eu rrespeito aos muytos e continuados serviços que elle dito comde me fez na capitania da villa d Arzila nas partes d Africa asy na governança dela como na guerra que fez aos mouros e asy a perda que rrecebeo no alevantamento della que eu por muytas rrezões de serviço de Deus e meu mandey alevantar polas quais e polas callidades de sua pesoa e por muito folgar de lhe fazer merçe tenho por bem e me praz de lha fazer por seu falesimento dos ditos trezentos mill reais para o seu filho mais velho lidimo que fycar ao tempo de seu falesimento os quaes trezentos mill reais o dito seu filho avera em cada huum anno pagos pola dita maneira com a mesma obriguação de os alargar tanto que for provido na dita hordem dos ditos iij^{c} reais per comenda ou comendas della que os valha forros pera ella e sendo caso que ao tempo do falesimento do dito conde nam fiqe delle filho varão lidimo lidjmo e fiqe filha ey por bem e me praz de lhe fazer merçe dos ditos trezentos mill reais de tença em cada huum anno em sua vida somente e por guarda do dito comde e minha lembrança lhe mandey dar este alvara por mym asynado o qual quero que valha e tenha força e vigor como carta feyta em meu nome asinada por mym e aselada do meu selo pendente e pasada por minha chancelaria sem embargo da ordenação do 2.º livro titulo xxi que diz que as cousas cujo efeyto ouver de durar mays de huum anno pasem por cartas e pasado por alvaras não valhão e posto que este nam seja pasado per la chancelaria sem embargo de ordenação em contrario.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, VIII, *fol.* 78. *Minuta.*

Este documento é anterior ao que se segue, como se vê do seu contexto.

CXIII

20 DE MARÇO DE 1551

Carta do secretário de Estado a D. Francisco Coutinho, confirmando a mercê dos 300:000 reais, os quais ficarão, por seu falecimento, a uma sua filha, que nomear, se não tiver filho, e que comece desde logo a vencer toda a tença. Igualmente, sua alteza lhe faz mercê da capitania de Arzila, se a tornar a tomar, a qual, sendo já falecido, pertencerá ao filho herdeiro de sua casa. Se quiser fazer conhecer estas mercês aos seus parentes só o poderá fazer aos que nomeia e em segredo.

Senhor. El rrey noso senhor ha por bem de fazer merçe a vossa senhoria dos trezentos mil rreais (de que lhe no outro despacho tem feito

merce pera ele e pera huum filho) pera hũua sua filha qual vosa senhoria nomear ao tempo de seu faleçimento e isto não tendo vosa senhoria filho e asy lhe faz merçe que os cem mil rreais destes trezentos mil que avia de vencer d aquy a dous annos os começe logo a vencer como os duzentos mil rreais.

Item. Lhe faz merçe que tornando sua alteza a tomar Arzila sua alteza faz merçe dela a vosa senhoria, sendo vivo em sua vida e sendo faleçido faz merçe dela ao erdeiro de sua casa macho que ao tal tempo for vivo e ysto tambem em sua vida. Das mais cousas que vossa senhoria lhe pedio se escusa sua alteza e me mandou que de sua parte lhe disese que em nenhũua maneira avia de fazer mais neste seu despacho. E que querendo vosa senhoria dar conta a alguuns de seus parentes das merçes que lhe tinha feitas e agora fazia que vosa senhoria o poderia fazer a estes somente e a cada huum deles em segredo, a saber, a dom Afonso seu cunhado ao conde do Vimioso ao capitam dos ginetes a dom Pedro de Mazcarenhas e a dom Pedro d Almeyda. Beijo as mãos a vosa senhoria. Almeirym a xx de março de 1551.

Arquivo nacional, Colecção especial de S. Vicente, v, *fol. 88.*

CXIV

Resposta de D. Francisco Coutinho, conde do Redondo, a uma consulta, segundo cremos, de el-rei D. Sebastião. — [Parece tratar-se de novas conquistas em África.] — Na verdade, êle sempre cuidou que o despejo de Arzila não significara renúncia de acção portuguesa naquele país, mas simplesmente o desejo de restringir as despesas, até melhor ocasião. — Disse-se que o seu porto era mau, mas isso não é exacto, pois não há melhor na cristandade. — O êrro de então pode emendar-se facilmente, se sua alteza quiser; prova-o o que se tem passado nos nossos dias com o reino de Fez: o xerife desapossou sem grande custo o seu rei; — el-rei de Beles lho tomou a êle sem dificuldade; — a êle lho tornou a tomar o xerife com pouco trabalho; os turcos, vindos de muito longe, conseguiram saqueá-lo; — e, finalmente, um dos filhos do xerife tomou-o ao irmão e é hoje senhor dêle, mas muito malquisto. É, pois, ocasião própria para tentar alguma cousa contra o dito reino, não só porque a empresa não será custosa, mas porque o reino está exausto da muita gente que morreu da peste e das guerras passadas.

Como sempre me desvelo no serviço de vosa alteza trazendo a memoria algũas cousas paçadas e algũas prezentes me lembrou hũa carta

que el rrey que Deus tem voso avo me escreveo coando me mandou vir da vila d Arzila e dizia me nela que mandava levantar aquela vila por algũes justos rrispeitos que comprião a serviço de Noso Senhor e seu porque não era rrezão deixar ser em tanto criçimento o poder do xerife cuidando eu neste ponto então e agora me parece que erão pera que forrando a despesa que naquela vila se fazia algũes annos se ajuntase o com que não era muito se podesse ganhar aquele rreino e por certo que não era muito pareceo me isto então como inda agora mo parece porque que queria dizer que pelos imigos não crecerem tanto lhe dava mais vilas que as que tinhão se não forão por lhas tirar todas juntas como deve ser e tãobem me fazia crer isto a pouca necesidade que avia pera lhe deixar hũa vila tão importante a nos e tão temida dos mouros e tão pouco custosa a vosa alteza e de tão bom porto de bara que cuido que o não ha milhor na cristandade e tenho ouvido a pesoas que o bem sabem que não ha outro tal ate Costantinopla falo nisto porque me diserão que esta fora hũa das cousas que se apontarão a vosa alteza por pesoas que o não devião saber que tinha esta vila muyto rroim bara não quero falar nisto mas perdoe niso senhor aos que tal aconselharão a vosa alteza e inda me afirmaria que o conselho do gasto de Mazaguão não foi menos perjudicial e por certo que se me vosa alteza perguntase que lhe disese que lhe devia perder a saudade porque não he boa desculpa deixar de fazer o que cumpre a seu serviço pelo cabedal que tem metido tamto contra seu serviço e fique d aqui a vosa alteza não perguntar pelas cousas que importão tanto senão a quem as bem posa saber e despois de bem informado vosa alteza as ajunte com[o] quiser e for servido.

E corendo por este negoçio em diante me parece que Noso Senhor não se ouve por servido destas obras que acima diguo e ter nelo mostrado por sinais muy craros que não diguo porque todos os vymos e os vemos cada ora e tãobem nos mostra outros tão claros em que isto pode ter emmenda e Noso Senhor ser bem servido se vosa alteza quiser e são estes que aponto mostrou nos tão facilmente ser o rreino de Fez pode guanhar porque ha pouco que vimos que o xarife o tomou ao rrey que o tinha com pouca despeza el rrey de Beles ao xarife com muy pouqua e o xarife a elle lho tornou a ganhar com pouco trabalho e os turcos o vierão saquiar de muy lonje com muy pouca jente e despois hum dos filhos do xarife o tomo[u] ao irmão e lhe cortou a cabesa como fez a muytos e por esta obra e por outras que elle faz e muy malquisto em seu rreino isto he o tempo de la faz por nos.

Não deixe vosa alteza de cuidar nisto inda que o tempo este tanto contra nos digo isto por como vosa alteza estaa individado e seu rreino empenhado mas da me ouzadia a cometer isto neste tempo e ver o pouco custo que pera isto se ha mister e tãombem lembra me o como o tempo he per nos em parte porque são mortos de peste naquele rreino mais de

trezentas mil almas alem das que são gastadas nas guerras pasadas que fuy rrecontando..................

Biblioteca nacional de Lisboa, manuscrito 308 (Alcobaça), fol. 133, intitulado Varias notas e documentos para a historia d el rrey D. Sebastião.

Titulo do documento: Do conde do Redondo sobre algũas cousas de Africa.

Este documento deve ser posterior a 1557, ano em que morreu D. III e em que se deram os últimos sucessos nele narrados, e anterior a 1561, em que D. Francisco Coutinho foi nomeado vice-rei da India. Para aqueles sucessos pode ver-se Auguste Cour, L'Établissement des dynasties des Chérifs au Maroc, *p. 84, 114-118, 129-130.*

APÊNDICE AO SUPLEMENTO

Os documentos do Corpo cronológico do Arquivo nacional que, segundo dissemos na p. 279, não foram encontrados, no momento da nossa busca, nos maços respectivos, apareceram depois de pesquisas a que mandou proceder a direcção do Arquivo. Damo-los a seguir. Levam a numeração que lhes pertencia no «Suplemento», mas acrescida de uma letra minúscula que indica o lugar do documento na série.

X *a*

2 DE ABRIL DE 1539

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Sôbre o negócio do trigo com Mulei Abrahem, diz-lhe que já entraram vinte navios no rio da Mamora e esperaram-se outros tantos para receberem e carregarem aquele cereal, segundo aviso de Bartolomeu Drago. — Mulei Abrahem estava doente. Adiantou-lhe algum dinheiro, ainda que fora do seu regimento, mas foi para serviço de sua alteza, e agora viu por sua carta que fizera bem. — Agradece-lhe ter mandado que, como lhe pedira, o trigo de Mulei Abrahem seja pago à medida que fôr recebido. — As 12:000 safas que faltavam do contrato de Mulei Abrahem serão entregues logo que el-rei de Fez saia da cidade. Mulei Abrahem pediu-lhe algum alacar ao preço fixado no dito contrato, embora seja fora do praso devido. — Lembrou a Mulei Abrahem, como sua alteza lhe mandou, que, fornecidas as 30:000 safas de trigo do contrato, deve dar outras tantas, prometendo êle fazer assim, para servir sua alteza. — Aprova a ordem que el-rei deu a Bartolomeu Drago, seu feitor do trigo em Larache, que requisite os navios portugueses que estiverem nos rios da Mamora e da Larache e entender necessários para carregar o trigo comprado, visto que sua alteza paga um cruzado por cada tonelada de navio que se fabrica nos seus reinos.

Senhor. Oje ij dias d abryll reçeby neste Mjquinez duas cartas de vosa alteza em reposta das que lhe sprevy que fforaõ ffeitas a xxj dias de

ffevereiro as quaees me enviou dom Afonso de Noronha seu capitão de Ceyta dizendo me que huum criado de vosa alteza lhas dera que mas enviase e mas mandou por huum morador de Ceita atalaya de cavalo per nome ...... as quaees respomderey nesta e do que compiir reposta.

Item. Senhor quanto a reposta que vosa alteza me manda respomder aos navios que lhe esprevy que compria seu servyço se enviarem pera receber e carregar ja senhor per outra vya lhe tenho sprito e o ffaço a myude por asy me parecer seu serviço que ja tenho aviso de Bertolameu Drago que são entrados na Mamora xx navios e que tem nova que vem mais outros tamtos os quaees com ajuda de Deus devem ser no rrio muy prestes e asy compre a vosso serviço em toda sua ffazenda e muito mays nesta aver sempre diligencia no receber do trigo e no carreguar delle porque não aja achaques e tambem porque não aja necesydades que a Moley Abrahem lhe ffaça ffazer outra cousa do trigo como até ora ffez logo senhor com as cartas de vosa alteza lhe ffaley e me dise que se affirmava que d oje em xb xx dias todas as xij çaffas se carregasem e que compridas as xxx çaffas o que mays remaneçeese se ffarya como vosa alteza ffose servydo e com quanto esta doente e ffraco me dise rymdo se mays prezo as vezes dez cruzados que outra vez mjll por isso estay rico nesta terra e não prove que isto he o que compre a serviço d el rrey e crede que o que qua tiverdes que esta seguro como em Ceita respomdy lhe eu não estou tão prove como vos parece que sempre me aveis de achar com b^c dobras de mjnha ffazenda porque senhor depoys que ca sou e estando elle de todo pera morrer por atalhar a mercadores e acudyr a suas necesydades lhe emprestey ij^c iij^c dobras per vezes de modo que me deve oje biij^c dobras que quis trazer mynhas somente a este ffim crendo que me avião de ser necessaryas e que avião de comprir muito a voso serviço como de ffeito valerão duas mjll de proveyto e bem do negocio e porque vy que vosa alteza em meu regymento me não dava comyssão pera o poder ffazer de sua ffazenda e aventurey esta pouquidade mjnha que bem a pude aventurar se elle morrera pois mjnha pessoa tambem estava aventurada por vosso servyço e pois vosa alteza agora asy ho a por seu servyço e me da a comjssão que per esta sua carta me manda pera poder avemturar algũa parte de sua ffazenda aquella que bem me parecer bejo as mãos a vosa alteza por lhe parecer bem o que njsto lhe sprevy e asy o mandar e tambem pollo conffyar de mym e seu vosa alteza que eu o ffarey como compre a seu serviço e de maneira que todo o trigo deste reino seja seu como ja per outras cartas muitas lho tenho sprito.

Senhor. Quanto ao que vosa alteza me manda que tenha aviso que creçendo a doença de Moley Abrahem e parecendo me que correra risco o trigo que por seu estiver recebido e posto em serra avise Bertolameu Drago do que njsto me parecer por agora sera escusado pois vem navios

e outros são vymdos nos quaees com ajuda de Deus se carregarão estas xij çaffas de trigo e quando ouvese depoes deste pera se entregar em mjnha lembrança. Senhor he sempre o que comprir a vosso serviço e agora muito mais pois vosa alteza mo manda.

Item. Senhor quanto ao que vosa alteza me manda por lho eu asy sprever que ha por bem e seu serviço que sem embargo das condiçõees do contrato que asy como se o trigo ffor entregando vaa pagando bejo as mãos a vosa alteza pollo muito seu servyço que he ffazer se asy e pola mercee que me njsto cabe e asy por aver por bem de ter pagos os bj cruzados que se lhe devião e que se não tenhão outros mays senão receber e pagar e eu o dise a Molei Abrahem da parte de vosa alteza que por ffolgar de lhe ffazer mercee e em tudo comprazer me mandava asy respomdeo me que bejava as mãos de vosa alteza por esa mercee e que agora lhe parecia que vosa alteza não mandava contratar com elle como com mercador mas como com seu servidor que elle he e certo senhor que eu asy ho sprevy a vosa alteza ffolgo muito de lho ter esprito nesas cartas e em outras muitas que depois lhe sprevy e cada vez que mays terra vou descobrymdo mays vosso serviço mo parece asy e como mo ora manda.

Item. Quanto as outras xij çaffas elle se affirma que saymdo el rrey de cydade de Fez pera Alquiparra e Marjuma que lhe parece que em todo caso sayra que avera trigo e que então me dará razão de sy quanto a estas e que pera então ffique a ver o que se podera ffazer a lembrança he mjnha pera njsto tomar concrusão e do que ffor avysarey a vosa alteza e asy tambem avysarey se as mercadoryas d especcarya fforem necesaryas que se envyem porque por partyr este depresa não tomey com elle concrusão quem por elle lla ha de hyr a casa da Jmdea a recebelas e estar ao peso porque asy he no contrato que pesoa sua e por elle a de hyr receber as especearyas tomada tambem avysarey disso e o ffarey saber a vossa alteza.

O que elle des agora pede a vosa alteza he que lhe mande ffazer mercee de alacar asy como se contem no contrato e no preço nelle decrarado e eu lhe respomdy que ate este São João que ora emboora vyra corre o contrato de Bemzemerro que d ay por diante vosa alteza lhe ffara merce e lho mandara dar com tudo se he posyvell vosa alteza lhe mandar alguum lacar agora amtes do São João ser lhe a mercee e a vosa alteza sera seu servico porque elle o deseja muito e a mym ffara vosa alteza mercee porque he ffazer lhe njsto a vomtade como a doente que elle he.

Item. Senhor eu lhe lembrey e de parte de vosa alteza que estas xxx çaffas acabadas de entregar são do 1.º ano e que do 2.º se devem respomdeo me o que ja acima senhor digo que como servydor de vosa alteza o serve e contrata e não como mercador que se como mercador

ouvera de ser que muito se lhe deve do muito trigo que perdeo o ano pasado e não a sua myngoa mas de lho não receberem e que pois que não pede a paga de sua perda não se lhe peça o mays que não pode ffazer com guerras e com negocios outros que socederão que pois ca estou e o vejo pollo olho o trigo que ha e ouver que todo sera de vosa alteza pollo servyr e muito mays como lhe acudyr a xx ou R.ta [corenta] dobras ou b^c quando as ouver mester.

Item. Senhor lhe dise a diligencia e presteza com que vosa alteza me mandou respomder por aver amtre mjm e elle xxb dias de termo e que contudo herão pasados biij dias alem delle respomdeo me que bejaria as mãos de vosa alteza por esta mercee e que asy compre a vosso serviço nestes negocios aver deligencia porque se esta ouvera o ano pasado elle não perdera o trigo que perdeo nem vosa alteza não perdera o muito que perdeo em lhe não ser recebido e levado pera seu serviço e ao que vosa alteza me manda que lhe spreva per todas vias que puder asy o ffaço e tenho ffeito pera vosa alteza que sempre me mande respomder ao que comprir reposta e ffor seu serviço pera que sayba como nelle vou obrando e que enmende do que não entemder se o mall entendo e isto quanto a 1.ª carta.

Item. Quanto a 2.ª que he reposta d outra mjnha ffeita a xxb de ffevereiro a quall he de comjssão que vosa alteza me daa que entregando se trigo posa dar ymdo o derradeiro que me bem parecer e segundo os negocios que fforem socedemdo e o que se não puder scusar por evytar mercadores não comprarem ja atras njsto toco e bejo as mãos a vosa alteza por esta mercee e comjssão e conffiamça que de mym conffya spero em Deus que mo deixe ffazer como a seu serviço compre e como ja em todas mjnhas cartas lho tenho sprito e pois meus sesenta anos se aventurão por vosso serviço com elles se aventurem b^c dobras ou mjll a perda e ao ganho mas eu spero em Deus que seja ganho e não perda pera sua ffazenda e asy sendo o sera pera mym.

Item. Senhor quanto as licenças mande vosa alteza ver mjnhas cartas que se bem me lembra eu não estranho vosa alteza dar licenças como nesta me diz que lhe sprevy e que as não tem dadas senão alguuns seus officiaees e as não dara mays se eu isto senhor sprevy e a carta o diz desdigo me que não he esa mjnha tenção que as licenças que vosa alteza tem dado danem a seu contrato senão o que se tyra sem sua licença e que ffazendo se como ora vosa alteza me manda e em todas mjnhas cartas lla vera que todo o trigo deste rreyno sera seu e das pesoas a quem der licença e que sem sua licença njngem o tyrara e sendo asy sera servydo de muito trigo e podera ffazer mercees de licenças a quem quiser que estas taees não podem danar pois tudo desta maneira he e sera de vosa alteza.

Item. E quanto ao que vosa alteza tem sprito a Bertolameu Drago

que tome quaeesquer navios que fforem carregar aos ditos rios pera seus vasalos que os tome he asy muito vosso serviço e já com Molei Abrahem tenho assentado que os navios portugeses se ffazem com dinheiro de vosa alteza porque a todos seus vasalos manda dar huum cruzado por tonellada pera ajuda de se ffazerem que não aja por escamdalo vosso ffeitor os tomar os taees quando os aly ouver nestes rios da Mamora e Larache pera vosso serviço e se carregarem de trigo pera vosa alteza dise me que ffosse muito emboora mas comtudo senhor ajmda compre mays que sprevello vosa alteza a seu ffeitor que a mester poder de vosa alteza pera lhes mostrar aos muitos dos taees navios o quall seja gerall pera os tomar e não querendo que os apene nos navios e ffazenda e se cumprão e executem as penas que lhes puser porque crea vosa alteza que o seu ffeitor he aly de seus vasalos desobedeçido no que lhes requere pera vosso serviço e se rym delle se quer tomar os navios pera os carregar de trigo e alem de se não ffazer vosso serviço he mao enxempro o vosso ffeitor ser tão mall olhado de seus vasalos em spiciall no que lhe requere da parte de vosa alteza e pera voso serviço e se dous fforem castigados outros serão obedientes e bem ensynados e vosa alteza servydo. De Mjquinez oje ij dias d abryll de jb^c^xxxix anos.

Moley Abrahem vay amdando com suas camaras e ffraco e despegydo e contudo mjlhor do que ja esteve que ffoy de todo a morte e eu com vara no borzegyll sem segurança porem de poder acolher me. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 64, n.º 85.

XIII *a*

11 DE SETEMBRO DE 1539

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Conta-lhe como Mulei Mafamede, filho de el-rei de Fez, vitorioso, de volta de Teza, foi recebido festivamente por seu pai, e as honras que foram prestadas ao principe. — Tendo um amel do xerife vindo garramar em terras de el-rei de Fez foi desbaratado e feito cativo, e Mulei Mafamede mandou que o alcaide Latar fôsse, de Mequinez onde estava, ao encontro dos que o traziam preso e os ajudassem a recolher a presa. — Esperava-se em Fez el rei de Beles e quando chegar tratará com êle do resgate dos cativos feitos. — El-rei de Fez estava muito contente com a vitória de Beles; êle a deve às pazes com os capitães dos nossos lugares, que o deixavam desapressado. — Alguns homens de pé, vassalos

de el-rei de Fez, tomaram, perto de Azamor, uma cáfila de camelos e seis judeus; o capitão da cidade queixou-se a el-rei, mas êle esquivou-se, por o sucesso se ter dado no território do xerife.

Senhor. Molei Maffomede ffilho d el rrey veo per suas jornadas de Teza omde deixou a mays de sua jemte a esta cydade e como chegou a Çebu que he perto desta cydade ahy parou e ahy fforão todos os primcipaees desta corte e da cydade pera elle e os turcos que aqui haa quimta ffeira que fforaom xxbiij dias deste mes sayo el rrey ao campo polla manhãa e esperou ffora desta cydade alem do rio em huum teso Molei Maffomede rodeou a cidade toda por não vyr por demtro della que hera o propio seu camjnho e veo sayr perto d el rrey em outro teso el rrey tynha consygo perto de cl[ta] de cavallo não muito ataviados os porteiros que levava diamte sy que seryão oyto ou dez herão dos mays luzidos e toda esta jemte com lamças aas costas de boas astes d Espanha e muy compridas e de boons ffaryns ssayo apos el rrey o povo a ver hera muyto de modo que posso affyrmar que hera muyto.

Item. Como Moley Maffomede pareçeo a vista d el rrey começaram se adiantar os que d aqui sayrão da cidade e se fforão o dia damtes pera elle e assy como vynhão entravão por meo das alas da jemte d el rrey e huum jogo de mancall se decyão e hyão beijar lhe o joelho e aos merynes e alcaydes bejava os na ffaçee e pera isto se abaxava muito e aos outros segundo cada huum quem era lhe punha a mão na cabeça e a beijava e e o ffilho esteve quedo ate que estas pesoas todas de que ffoy visytado se espidyrão delle e lhe pareceo que pudião ser chegados a el rrey porque de domde elle estava quedo a el rrey averya como da porta de Santa Catarina [a] Alcamtara cada huum em seu teso que se vyão bem aas batalhas.

Item. Amtes que abalase veo o ffilho d el rrey de Belez e o primo soos com cada huum seu paje a el rrey e se deçerão e ffizerão a mesma cortesya e el rrey a elles a que acima digo do[s] myrynes e parentes e sem se ffalarem cousa algũa el rrey a elles nem elles a el rrey tornarão a cavalgar e hyr se por meo das alas asy soos como entrarão sem pesoa algũa lhes ffalar nem os agasalhar nem acompanhar e levaraom a via da cidade sem mays pararem e este ffilho d el rrey de Belez he o que qua amdou os dias pasados nesta corte e el rrey o mandou hyr como vyo a desordem de seu pay o quall em todo seu modo se mostrou não vyr em sua liberdade e tambem no pouco ou nenhuum gasalhado que lhe el rrey ffez e nem por iso se deixou logo de dizer per pesoas de sustamçia seja o que ffor que seu jemrro a de ser.

Item. Abalou o ffilho de domde estava em quatro batalhas a diamteira hera do ffilho do alcayde Bemjija em que averya ij[c] de cavallo besteiros espimgardeiros todos e trazia cymquo bamdeiras quadradas bramcas

e pretas e apos esta veo a dos turcos em que averya ij^c^l spimgarderos com tres bandeiras cada hũa de dous rabos compridos.

E apos esta a do ffilho d el rrey em que averya bj^c^ de cavallo e com cymco bamdeiras hũa branca sua e as outras d alcaydes que fforão em sua companhya e nestas batalhas avia anaffys e atambores que tudo vynha soamdo e por huum recosto abaxo e as bamdeiras temdidas ao vemto affyrmo a vosa alteza que parecerão bem e mjlhor de lomje que depois que os vy mays perto e amtre as batalhas vynhão alguuns poucos escaramuçando.

Item. Amtes de chegarem as batalhas chegou a el rrey o alcayde Adell que ffora em companhia do ffilho e depois de ffeita sua cortesya e a cavallo se pos perto d el rrey e ffalou com elle poucas praticas que pareceo que devera aver mays com elle por ser dos primcipalles allcaydes que o ffilho levou.

Item. Apos este veo o alcayde Bemelche que trazia sua batalha per ser toda de besteiros d el rrey e a cavalo todos que seryão iij^c^ besteiros e com duas bamdeiras ffez sua cortesya e tornou se por a cavallo e chegou se a hũa parte que pareceo por ser quem he que lhe ffosse ffeita mays ffesta ou ffavor e por vyr da mesma guerra omde ffoy e domde vynha.

Item. Começarão a chegar as batalhas asy como vynha per ordem as primcipaees se decião a ffazer sua cortesya e se punhão a cavalo e se arredavão a ffora com sua batalha asy como vynhão e se punhão a hũa parte.

Item. Chegou o ffilho Molei Maffomede com sua batalha çarrada e com muitos çyterys diamte a sombra das bamdeiras e elle ao pe dellas e com sua lamça as costas sem outras armas algũas nem sua jemte somente com lanças todos e perto d el rrey se deçeo a pee dada a lamça a huum paje e ffoy beijar o joelho a seu pay e elle se abaxou e o beijou na boca tornou a sobyr em seu cavallo e abalou el rrey d aly pera a cidade poderya aver em toda a jemte que veo e a que estava e com outra que se ajuntou d outras partes dous myll de cavallo mays cemto ou menos que ao lomje parecião bem e ao perto depois que os vy posto que estes são da ffroll e dos mjlhores asy velho como sou prouvese a Deus que ffosse eu hum de iij^c^ de cavallo que em campo com elles nos topasemos e não de necessydade que esta he efficaz remedio do medo mas de ...... e com bamdeiras despregadas.

Item. Em todos estes pasos nem despois na cydade nunca atravessou el rrey comjgo pratica algũa do jaez do negocio porque vymdo seu ffilho de vytorya e vitoryoso de que elle estava muy contemte e eu criado de vosa alteza e per elle qua emvyado e que sabe que não sou mercador e que naçi em Affryca e o mjlhor de meus dias gastey na guerra parecia que o ffarya nunca me ffallou nem tocou cousa algũa e a todos estes pasos esteve sempre junto com elle.

Item. Veo asy amdamdo e com grande calma e muito poo sem por el rrey na cabeça sombreyro e se affyrma que nunca lho vyrão nem o vyrão ssem touca nem em casa pesoas de ffora isto de muito morabat e caçiz tardou muito em entrar na cidade porque a jemte de povo hera muita e mesturava se com a jemte de cavalo ouve vagar ao entrar e ffoy decer em sua casa e d ay se ffoy o ffilho pera a sua e cada huum a repousar somente o alcayde Bemjija que fficou com el rrey em negocio de conselho que elle he agora o todo e que mays vall neste reyno e apos elle seu tio Mamçor Bemjija o Torto se chama d alcunha.

Item. A porta de Molei Maffomede ha sempre mays cavallos e mays jemte em sua casa que em cassa d el rrey esta assentado guazyr com Mjquinez e todo seu estado e terras.

Item. El rrey estava assentado partyr logo pera Mjquinez torna se a dyllatar a yda por xx dias mas que todavia hyra ate lla o jmverno.

Item. Oje xxj dias deste mes veo nova que huum amell do xaryffe com ij^cl de cavallo veo garramar huuns alarves os quaees desejavão vyr se pera este reino e se ffizerão contra elle e o tomarão a elle e a muitos dos seus e matarão muitos delles e tomarão casy todos os cavalos e vem com a presa per camjnho pera esta cidade e oje mesmo dia Molei Maffomede espreveo ao alcayde Latar a Mjquinez omde esta que cavalge com sua jente e vaa ao camjnho a ffavorecer os que trazem a presa não lhe sobrevenha contraste de jemte do xariffe e de Tedulla que pode vyr a rrepique.

Item. Se spera por el rrey de Belez que em todo caso vira el rrey mo tem dito como ja o sprevy a vosa alteza que os cativos que ssão xj ou xij se tornarão todos os capitãees a que fforão tomados lhe sprevem e sprevêrão ja sobre elles elle lhe mandou respomder que ele tem diso muita lembramça e que aqui estou eu que lho lembro muitas vezes diseram me casy como mexeryco que el rrey os avya de envyar todos juntos a vosa alteza isto tudo se a de ffazer com a vymda d el rrey de Belez.

Item. El rrey não pode encobryr o contemtamento que tem da vitorya de Belez e muito mays por ser tão caciz porque ffoy sem mortes de jemtes e porque com esta vitorya assentarão os de Xuxuão e daquellas serras que estavão muy empolados em suas vontades porem senhor e com verdade de todas estas vitoryas polla mayor parte a primcipall causa he as pazes de vosa alteza que se estas não fforão elle se vyra bem atribulado com xariffe de hũa parte e Belez da outra e Xuxuão e suas serras d outra parte e elle no meo de seu reyno çercado de todas partes e dos capitãees de vosa alteza se em guerra estyverão com elle e se remdera de necessydade ao xaryffe a vosa alteza o deve agardecer e servyr.

Item. Senhor homens de pe deste rreino fforão a ffurtar e perto de Zamor tomarão hũa caffila de camelos cargados d anjll e tam[ar]as e seys judeus o capitão espreveo a el rrey e a mym que lhe ffallasse que por

ser perto d Azamor a mandase tornar respomdeo que Zamor tynha termo que o xaryffe lhe dera per [a]cordo quando com elle se fez a paz e que a caffilla se tomou ffora daquelle rregno e termo que logo no termo do xaryffe hera tomada e a mandou repartyr logo de que ffoy a mayor causa o Abidalla por serem njso tres ou quatro criados seus e quis atribuyr o ffeito a ser per seu ardill e lhe esqueceo a muita mercee que lhe vosa alteza ffez como se este ffeito ffora tomar Marrocos. De Ffez hoje xxj dias de setembro de i539 annos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor.

De novas. — De Bastião de Vargas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 65, n.º 78

CXIII*b*

7 DE OUTUBRO DE 1539

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Diz-lhe que el-rei de Fez não quer pazes com o xerife e até lhe pediu que ficasse por fiador da sua boa fé. — Esperava-se para breve em Fez el-rei de Beles, apesar do que em contrário se afirmara. — Mulei Mafamede, irmão de Mulei Abrahem, recém-falecido, e os principais de Xexuão chegaram a Fez e o alcaide Latar foi feito alcaide de Salé e seu filho Xulla alcaide de Mequinez. — O filho de el-rei, Mulei Mafamede, senhor de Mequinez, estava para partir para esta cidade, e, querendo seu pai acompanhá-lo, o filho mostrou-se agravado do seu propósito.

Senhor. A poucos dias que estamdo em pratica com el rrey ffalando lhe em meus negocios deste trigo e soo com elle em casa de sua may me dise ffora do preposito em que lhe ffalava xeque Bastião hay haa cousas a que se não pode dar outra ffiamça senão a rrazão que ellas dão de sy mesmas e como isto hera muito ffora do preposyto em que ffalavamos ffiquey salteado sem desçernyr o que podia ser o que me dizia e dise lhe senhor não entemdo o porque isto me diz que as palavras bem as entendo dise me bem vejo que as não entemdes ou o porque o digo e dise so duvyda pode ser que se diga a el rrey em Portugall os de seu conselho que ffiança ou segurança dara el rrey de Ffez que não ffara pazes com o xaryffe depois de quebrar a paz com o xaryffe e fficar com elle em guerra vosa alteza respomde lhe quem iso diser dyra bem que não vay muy lomje dos termos da razão que tudo iso pode ser dise então sorrymdo se fficay vos por meu ffiador que tall não ffarey em mjnha vida respomdi lhe senhor se ffor ffiar que vos vyra aqui muyta prata e muyta merca-

dorya pera pagamento de muito trigo se mo mandardes dar ffalo ey mas ese caso senhor outra ffiamça a mester e não a mjnha respomdeo me com huum grande sospiro xeque Bastião não deve nem pode entrar em joyzo de pesoas de sustamçia que eu posa nem deva ffazer pazes com o xaryffe e esteve huum pouco calado e tornou a levamtar os olhos pera mym e sorrymdo se tornou a dizer fficay por meu ffiador o preposyto domde lhe isto naçeeo não o sey dizer a vosa alteza posto que elle tynha cartas de Rute não sey se nellas lhe veo cousa que isto lhe ffizesse dizer.

Item. Qua senhor não ha novidade algũa que seja pera espriver somente que el rrey de Belez se espera cada dia huum seu ayo muy velho levou a el rrey o primeiro dia deste mes e levou huum anell d el rrey pera sua vynda ser segura e com quanto algũas pesoas o duvydão elle aver de vyr e ffalamdo eu a el rrey a tres dias nos cativos que se cativarão de de Belez depois das pazes me dise o senhor de Belez que lhe não chamou rrey vyra muy cedo e dar se a concrusão a iso dise lhe senhor dizem qua por ffora que não ha de vyr isto de mym a elle e em casa de sua mãy que he o lugar omde lhe sempre fallo por estar soo e despejado então me dise sy a de vyr que ja lhe mandey o meu anell respondi lhe senhor bem sey que ja o anell he hydo e o levou o velho que o criou mas elle não a de vyr começou se de ryr como sabes vos que não vyra digo senhor he razão que venha muito corrydo pois com tão poucas fforças quis mostrar se desleall e contra vosso serviço respondeo certo asy he alem de eu ffazer com elle comprimentos depois que Mulei Abrahem morreo com quem elle mostrava que tynha rrequesta e jnmjzade mas elle vyra que dos primçepes e dos grandes he perdoar.

Item. Molei Maffomede jrmão de Molei Abrahem e o sobrinho e primos e todos os primcipaees de Xuxuão são chegados aqui estão de calu que nada se diz delles nem ha outra mudança de muitos que se esperão e somente que o alcayde Latar partyo oje terca ffeira ffeitura desta pera Çale a tomar pose da cydade e da ffortaleza de que o ffizerão alcayde e de Xulla seu ffilho mayor e se vem a Mjquinez a ser alcayde com Molei Maffomede ffilho d el-rrey e hũa terra porque elle debatia que a não querya deixar que se chama Huled yça deixou a e lla em alarves perto de Çale lha satysffizerão dise me que lhe fficava remda pera poder ter b^c de cavallo de sua cevadeira e d allarves seus mjll de cavallo.

Item. O ffilho d el rrey esta pera se partyr pera Mjquinez que he seu e ja mostra que he ffilho e não pay porque ja amda em rrequerymento e casy agravado porque lho não concede el rrey que não va a Mjquinez como estava ordenado e que o deixe hyr a elle soo o porque ha opinyões huuns dizem que porque lhe el rrei não coma a terra e palhas e cevadas que diz que os lavradores não terão palhas pera seus boys no jmverno quando lavrarem outros dizem que porque não dem a el rrey as adiaffas e presentes e serviços que lhos dem a elle outros dizem e digo eu que he

ffilho que ja não quer pay. De Ffez oje terça ffera bij dias de outubro de i539 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey noso senhor. — De Bastião de Vargas.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 66, n.º 3

XIV *a*

9 DE FEVEREIRO DE 1540

Carta de Sebastião de Vargas a el-rei D. João III. — Francisco Botelho, mandado a Fez para tratar certos negócios, foi sempre acompanhado dêle nas suas visitas a el-rei. — Fingindo êle ter de ir a Mequinez para seus negócios, el-rei pediu-lhe que se informasse do modo como seu filho, Mulei Mafamede, governava e lh'o dissesse na volta. — El-rei respondeu, finalmente, à matéria a que viera Francisco Botelho, e essa resposta manda-a juntamente, tresladada do árabe por êle e assinada por el-rei, que assim quís dar-lhe uma prova de confiança. — El-rei desejou também pedir certo favor a sua alteza e isso escreveu na mesma resposta referida.

Senhor. Ffrrancisco Botelho chegou a esta cydade a xiiij dias de dezembro levey o logo a el rrei e lhe dey a carta de vosa alteza de credito levamdo a jmstrução de vosa alteza na mão como me mandou a quall elle quis ver e mandar terladar e lha dey por mo vosa alteza asy mandar e asy lhe dey a carta que vosa alteza me spreveo de repostas de cartas suas pera que lhe disese per palavra pera que tudo vyse em aravia o que tudo recebeo com muito contemtamento e prazer e tudo mandou terladar em aravia e neste terladar ouve vagar posto que eu lhe dese presa pera o despacho e reposta ser mays em breve mas todas suas obras dos mouros saom naturallmente vagarosas de modo senhor que nesta obra se delatou casy todo o mes de dezembro.

Item. Depois de terladados estes papes me mandou chomar e com muito prazer me dise aqui tenho ja estas cartas terladadas e me tornou a maom a jmstrução e a mjnha carta das repostas das suas e com muito prazer tomou na mão a carta que vosa alteza lhe spreveo de credito e me dise que a lese temdo a nas mãos aberta e com tamta veneraçaom como se ffora o seu allcorão que o poem nos olhos quando o tomão na mão e eu lhe dise senhor ja a ly e elle me respomdeo com muito prazer como pode ser que cerrada e aselada ma destes e eu abry e nunca mais me sayo da maõ respondy lhe senhor eu tenho o terlado della ffoy nelle o riso e o prazer de maneira que dise contra sua may muy grande saber

negocear he o dos cristãoos todos quanto mais o dos muito avisados e lhe decrarou o negocio e pratica em que estavamos.

Item. Senhor porque aqui vem a preposyto certeffico a vosa alteza que eu o vy e Ffrancisco Botelho o vio posto que não entemdia a pratica mas vio o geito seu que de prazer estamdo asemtado no chão parecia que estava no aar levamtado taom enlevado estava de contemtamento de huum pomto que soube que vosa alteza spreveo a Abydalla em que dizia em reposta do conhecimento que spreveo a vosa alteza que tinha das mercees recebydas que não ffora mays que a boa vomtade e recolhymento como se devya mas que lhe devia o lugar ou sombra da boa arvore a que o mandara e disto estava de maneira que per carta o não poso expricar e dise pera sua mãy tendo diamte de sy muitos jaezes e cousas da gyneta pera mandar repartyr por seus mahazenys que he tudo isto que aqui estaa e quantos averes ha no mundo que nada valem em respeito de amjzades e de boas amjzades e de palavras de tamta amjzade como he esta que el rrey spreveo Abydalla ffolgua muito com boas palavras e com ellas se ffavorece muito mande o vosa alteza ffartar bem dellas em suas cartas.

Item. Senhor rrecebidos delle meus papes lhe pidy muy apertadamente que me dese hũa audiemçia pera lhe ffalar dise me que sy e em mandar se acabou de gastar o mes de dezembro e o primeiro dia de janeiro ma deu sendo presemte as pesoas que elle quis que fforaom o seu sacretario Cid Hamet Anum e o seu luely Cyde Brahem que o alcayde Bemjija hera ausemte e ffora da cydade e ffoy em acabamdo de comer e ffoy a pratica ate soll posto omde ouve muitas repryeas e trepricas de mym ao secretario que elle hera o com que mays debatya e me contraryava como homem que estava ja jmstruto nos apomtamentos e os tinha praticado com el rrey e o que me avião de respomder e el rrey ouvymdo sempre e as vezes atravesamdo sempre a terceiro e a nos concertar e o que d aqui resultou dyrey meudamente per outra carta que sprevo a vosa alteza que vay adiamte desta porque asy como socederão os negocios e praticas asy as vou apomtando somente a ly per derradeiro fficou asentado que muy em breve serya respomdido e despachado Ffrancisco Botelho porque lhe dise que a elle compria e vosa alteza asy mo mandava que com toda brevydade lhe pedise reposta e lha enviase pera elle.

Item. Senhor a isto me respomdeo mays que o alcayde Bemjija esperava damdo me a entemder que pera esta reposta o esperava que ja o mandara chamar e que com sua vymda logo serya respomdydo eu lhe respomdy que a mym me compria cheguar a Mequinez por acabar alguuns ffyns de negocios que ajmda lla tynha e por me vyr de todo que ajmda lla tinha meu ffilho e pobre ffato que lhe pidia por mercee que quando vyese achase o despacho ffeito que mjnha tardada seryão somente biij dias ouve diso prazer e que ffosse ver seu ffilho e a tornada lhe dese dele novas

e de como se avya em sua governança que elle conffiava de mym que muy no certo lhe dirya meu parecer de tudo o que me parecese e esta hyda senhor ffoy achaque que eu tomey porque tynha asemtado com o alcayde Latar e me avia de vir com elle e me tynha ja sprito duas vezes que Ffrancisco Botelho se não ffosse sem primeiro ffalar com elle o que ffuy ffazer com a desymulação que ja digo e com Francisco Botelho que a tudo ffoy presente e do que disto resultou darey conta a vosa alteza per outra carta que sera a derradeira pera ler que asy o dira logo nella e pera se levar o ffyo dos negocios na mão asy se hão de ler estas cartas como nellas vay apomtado a ssaber a primeira pera ler segunda pera ler e 3.ª e 4.ª etc.

Item. Senhor como vym de Mjquinez e vy el rrey e lhe dey boas novas de seu ffilho posto que ao contrayro mo parecese mety na fforja lembramça do despacho e certo senhor affyrmo a vosa alteza que he muy grande trabalho endereytar hũa vara torta se ja he muy seca digo por negocear com jemte que nenhuum modo de negocio tem e ffazer verdadeiros a quem o não husa nem tem de custume sendo porem as palavras muy boas e as obras tamto pollo contrayro affora os grandes seus vagares que biij meses lhes parecem biij dias de modo senhor que a fforça de braços e as vezes de muita paxão mjnha e de hyr estar muitos dias em casa do sacretairo a quem me el rrei remetia acabarão de respomder.

Item. A primeira rreposta pera vosa alteza ver he esa sua carta que com esta vay apegada e com ella o terlado em nossa limgoajem que el rrey asy o quer que de qua tudo va terladado porque lhe parece que vay asy muy no certo as palavras de suas cartas pois são terladadas peramte seu secretario polla quall vosa alteza veraa o que nella lhe respomde largamente e no all se remete a mym e que vosa alteza me de credito o que eu reffusey quanto em mym ffoy porque quisera que sua reposta a reposta de vosa alteza a seus apomtamentos ffora a Rute em aravia e a mym derão o terlado em nossa limgoajem pera o envyar a vosa alteza o que não pude acabar.

Item. Senhor o caso he que el rrey respomdeo e o sacretario me mostrou a reposta em aravia asy pera capitulos como aqui vay de mjnha letra e lha pedy como ja digo pera a envyar asy a vosa alteza dise me que el rrey querya que eu a terladase de mjnha mão letra por letra asy como estava na sua d aravia e que elle a verya e cotejarya com a sua daravia e que asynarya em baxo porque não querya outra senão a mjnha porque esta avya por sua.

Item. A ysto senhor respomdy escusando me que eu hera parte neste negocio e que como se avia de dar ffee a mjnha letra da reposta que el rrey respomdia a vosa alteza que hera necesarya hyr per su letra e so seu synall e que d outra maneira eu a não aceytarya e com esta duvyda e debate ffomos a el rrey.

Item. El rrey nos ouvio ambos e rymdo como que asy o tynha ja

mandado me dise que elle o querya e avia asy por bem que polla comffiamca que via que vosa alteza em mym tinha e pollo que de mym tinha conhecido tambem o conffiava de mym e que não querya que estes negocios amdassem em mãos de mays pesoas que na mjnha que pois lla sua reposta jmdo em aravya se avia de ler per algũa pesoa que isto avia por bem que se escusase e que ffose per mjnha letra asy como vay e que asynarya em baxo tomou então sua reposta d aravia na mão e huum mouro velho modejer que sabe ler e sprever nosa letra de quem elle muito conffia tom[ou] esa reposta mjnha que aqui vay a vosa alteza de mjnha letra e ambos contejaraom e as lerañ e acharão que esta estava terladada de verbo a verbo da sua d aravia sem mays nem menos hũa palavra nem hũa letra fficou el rrey muy contemte em spiciall de mym de não mudar sustamçia nem sentemça nem soo hũa letra do que na sua d aravia se contynha e aprovou e ouve por boa como em baxo vose alteza vera per hũa regra e mea d aravia que ao pee da reposta e apomtamentos vay com seu synall o quall elle aly perante mym mandou ao sacretario que sprevese e asynase na quall regra e mea diz o segymte

Em nome de Deus somos contemte per todas as cousas e da reposta dellas com letra de Bastião contemtamento nosso comprido ffeito a xxbiij de nosso rremedão e no synall d el rrey e nesas riscas que nelle vosa alteza veraa diz Hamet ffilho de Mahamet ffilho do Xeque.

Item. Senhor amtes de se asynar esa reposta sua me dise el rrey se me ffalara Benjija em hũa amjzade e emprestemo que elle querya pidyr a vosa alteza eu lhe respondy senhor sy ffalou e elle vos dyrya o que lhe respomdy respondeo me el rrey sy dise mas quero que vos mo digaaes a mym o que lhe disestes dise senhor a iso eu não tenho que vos dizer porque he cousa nova que vos de novo ffalays somente que o esprivaees a el rrey per outra carta e a mandeis a Jaco Rute que lho ffale e sua alteza vos mandara respomder o que a jso quiser e ouver por bem respomdeo me que elle querya que eu o sprevese a vosa alteza eu lhe respomdy escusando me que serya mjlhor elle esprever e da maneira que ja dizia dise me eu quero que vos o esprivaees a el rrey e que não lhe sprivaees mays que o que vos eu diser e seja hay ao pee desa mjnha reposta que por mym a de hyr asynada vy que me não podya escusar e por não mostrar pesadume tomey hũa pena de cana que estava diamte delle e dise que me manda que spreva dise me esas propias palavras que vão spritas em duas regras mjnhas e ao pee dellas as regras d aravia e seu synall como ja antes digo e vosa alteza veraa.

E isto senhor he o que he pasado asy em soma e literallmente pera enflormação do que pasa nestes negocios depois de vosa alteza ver este terlado de sua carta e asy sua reposta per apomtamentos que aqui vay de mjnha letra per elle asynada vera mjnha carta em que largamente lhe sprevo a exposyçaom de tudo com meu parecer de cada cousa o quall

será como de quem nada sabe mas sera muy leall e asy como mo parece e o entemdo e no que mall o entemder não seraa a culpa mjnha mas de natura que mo não deu mjlhor. De Ffez oje ix dias de ffevereiro de 1540 anos. Bastião de Vargas.

Sobrescrito: A el rrey nosso senhor: — primeira pera ler.

1540. De Bastião de Varguas: de ix de fevereiro: de Fez.
Recebida a ij d abril em Lixboa per Francisquo Botelho.

Arquivo nacional, Corpo cronológico, parte 1.ª, maço 67, n.º 10.

ÍNDICE ANALÍTICO DE MATÉRIAS

INDICE ANALITICO DE MATÉRIAS

Este índice não é exaustivo: contêm apenas a matéria principal do texto. Assim, os nomes dos homens do campo e atalaias não são registados nele, a não ser que tenham praticado algum feito digno de nota. Dos nomes registados nem sempre se dão todas as citações, para abreviar. Os nomes próprios de lugares são sempre seguidos de designação especial: lugar, aldeia, cidade, região; todavia, os nomes de pessoas só a teem quando se indica o cargo. Uns e outros nomes vão escritos com letra maiúscula. Os nomes comuns explicados nas notas estão escritos com letra minúscula.

Os algarismos árabes indicam as páginas dos tomos; o algarismo romano II indica o segundo tomo. O primeiro tomo só leva a numeração das páginas. Os nomes comuns, além da numeração de página, teem também a da nota respectiva, entre parêntese.

A

B

D

E

F

G

H

I

J

M

N

O

P

Q

S

U

V

X